

DOCE
Disão

TRILOGIA OS MONTENEGRO II



JAS SILVA



DOCE
Disão
TRILOGIA OS MONTENEGRO II



JAS SILVA

DOCE PRISÃO

Trilogia *Os Montenegro*

Vol. II

JAS SILVA

Capa: Dri K. K.

Revisão: Evelyn Santana

Diagramação Digital: DL Design Literário

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios sem o consentimento escrito da autora.

Todos os direitos reservados.

Copyright © 2016 Jas Silva.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Epílogo](#)

[PERDOE MEU CORAÇÃO](#)

[Contato](#)

Prólogo

MARCOS

Apertei o volante do *Alfa Romeo* com mais força que o necessário, dividido entre a raiva e a euforia de finalmente ter descoberto o paradeiro da Rachel. Foram dois meses com ela desaparecida, mais precisamente sessenta e seis dias...

E agora, depois de todo esse tempo, eu sabia exatamente todos os porquês da história. E devia isso, unicamente, ao profissionalismo do Ricardo, meu chefe de segurança, que não só me entregou um dossiê completo a respeito da minha ratinha fujona, como também um bom número de fotos que deixavam claro que ela não estava levando a vida que supus.

A casa que alugava atualmente, além de precária, era de um aluguel baixíssimo e ficava em uma das regiões mais carentes de Florianópolis. E diferente do que acontecia quando estava sob meus cuidados, Rachel agora fazia uso de transporte público para se locomover entre o centro de oncologia e o emprego miserável de garçonete que havia arranjado. Imaginei então que os cem mil que recebeu para desaparecer da minha vida não ajudaram como deveriam, já que, de acordo com a administração do hospital, o valor que ela ainda devia pelo tratamento do seu pai era exorbitante.

Diante das circunstâncias, tudo levava a crer que Rachel gastara cada mísero centavo daquela ninharia tentando diminuir a sua dívida. Não que isso a redimisse aos meus olhos. Até porque, meu lado orgulhoso, comum aos Montenegro, ainda não conseguia engolir o fato de que ela, a mulher a quem dei meu tempo e dinheiro, preferiu aceitar suborno de um filho da puta a abaixar a cabeça e vir me pedir ajuda.

Ainda assim, não podia deixar de imaginar o quão difícil deveria estar sendo para a Rachel

lidar com toda essa merda sozinha. Se eu, que nem ao menos conhecia seu pai, estava encontrando dificuldade em aceitar o diagnóstico dado pelo oncologista essa manhã, imagine ela então.

Foi durante a breve conversa que tive com o Dr. Otto que descobri que, apesar dos tratamentos feitos a fim de controlar o desenvolvimento da doença, a equipe médica não estava mais obtendo resultados satisfatórios com a quimioterapia feita. Tanto que há pouco menos de um ano, em um exame de rotina, eles acabaram descobrindo que o câncer havia se espalhado para dois outros órgãos. Um operável e o outro não.

Recordei os últimos meses que Rachel e eu passamos juntos, da maneira irritadiça e sensível em que andava, sempre cansada e no limite. *Merda!* Ela errara de tantas maneiras, que não podia nem ao menos dizer se estava mais irritado pela história do suborno ou pelo fato de ela não ter confiado seus problemas a mim.

Sabendo que só me deixaria mais furioso, eu empurrei para longe o pensamento sombrio. Nesse momento, a última coisa que precisava era de mais estímulo para a raiva que sentia. Principalmente quando estava prestes a confrontar o motivo de todas as minhas noites insones.

Em vez de remoer o assunto, eu segui à direita e acelerei pela Via Expressa. A cabeça agora centrada na conversa que havia tido com Mariana na noite anterior.

Não vou negar, foi necessário muito controle da minha parte ao escutá-la dizer o motivo pelo qual ela e Guilherme iriam antecipar o casamento. E mesmo com a felicidade óbvia do casal, e claro, da minha sobrinha, eu não pude deixar de achar que esse era o pior momento para trazer um novo Montenegro ao mundo.

A confusão que envolveu o nome de nossa família ainda era recente, nós não havíamos nos recuperado totalmente ainda, e saber que em breve a nova gravidez da minha irmã caçula estaria estampando todos os jornais locais só me fez mais preocupado.

Com toda a minha vida resumida a um caos, eu confesso, a tal novidade me fez repensar algumas de minhas antigas e convictas decisões. Aos 39 anos, não era como se eu não planejasse ter meus próprios herdeiros. Eu os queria. O que me impedia de tê-los agora era um motivo egoísta, para não dizer estúpido: eu ainda não me achava preparado para abrir mão da Rachel em prol de uma vida exemplar ao lado da mulher correta para mim.

Só que eu, acima de qualquer outra pessoa, conhecia minhas responsabilidades. E sabia que formar uma família seria necessário. Como presidente da Montenegro, eu não só carregava o peso de um império nas costas, como também a obrigação de responder as expectativas depositadas sobre o patriarca de uma das mais influentes e respeitadas famílias do país.

Talvez fosse a certeza do fim, o motivo pelo qual meu corpo se incendiava de desejo a cada vez que as cenas tórridas protagonizadas por mim e por Rachel dominavam meus pensamentos. Porque lá no fundo, no íntimo do meu ser, eu sabia que o momento de arrancá-la da minha vida estava se aproximando. O que ninguém desconfiava era que, antes que esse dia chegasse e eu precisasse lhe dizer adeus definitivamente, eu estava disposto a fazer uma concessão. A passar por cima do meu orgulho e aceitá-la de volta em minha cama com o maior prazer.

E quando essa loucura terminasse... seria por decisão minha. Não dela.

Com o semblante fechado, reduzi a velocidade ao entrar no centro da cidade e consultei o GPS, buscando por informações sobre o precário local em que Rachel trabalhava atualmente. Segundo as informações encontradas no relatório do Ricardo, esse emprego em que estava era informal, sem documentação, e ela só havia aceitado por estar desesperada.

Levei apenas alguns minutos para encontrar o lugar, com a ajuda das coordenadas, e, assim como calculei, a lanchonete estava a ponto de encerrar o expediente. O que significava que muito em breve eu a veria sair por aquela porta... Esperei, já sem muita paciência, e xinguei ao ver os primeiros pingos de chuva caírem sobre o vidro escuro do meu carro. Pelo visto o temporal que peguei ao sair de Joinville decidira me acompanhar até aqui.

Meia hora depois, faltando apenas dez minutos para as seis da tarde, a porta da lanchonete se abriu e uma figura miúda usando um vestido vinho com avental branco saiu. Eu a reconheci pelo longo rabo de cavalo loiro que balançava conforme ela tentava se decidir se enfrentava ou não a chuva.

Mesmo a uma distância considerável foi possível ver o quanto Rachel havia perdido peso. Minha preocupação talvez fosse gerada pelo tempo que passamos separados ou então pela aparência simples que ela exibia e a fazia parecer exatamente o que ela era.

Uma garota no auge de sua juventude.

Notando que ela havia decidido por encarar a chuva, eu saí rapidamente do carro e caminhei em sua direção, abrindo a jaqueta de couro que tinha por cima da camisa social de linho. De costas para mim, Rachel parecia não ter nada que pudesse cobri-la enquanto a chuva fazia com que o vestido vinho grudasse em sua pele, acentuando suas curvas.

Porra! A lembrança do seu corpo se contorcendo e vibrando enquanto eu investia nela com uma força animal me afligiu momentaneamente. Fazendo-me desejar o prazer quente e úmido que me dominava quando estávamos juntos e que nenhuma outra mulher até hoje fora capaz de me

proporcionar.

Não era como se não estivesse tentando apagar as marcas que ela havia deixado em meu corpo, pensei cheio de amargura ao recordar as inúteis tentativas de repetir com Pierla o desejo violento que só Rachel me fazia sentir.

Como se notasse a minha aproximação, a ratinha fujona apressou seus passos pela estreita calçada. Não havia um centímetro de seu corpo que não estivesse molhado, assim como não havia no meu. Afastei os fios úmidos e grossos da testa e caminhei com ferocidade até ela. Eu não tinha passado três horas na estrada para deixá-la escapar assim, quando já quase podia sentir seu cheiro e gosto...

Ao seu sinal, um coletivo parou no ponto disposto a pegá-la, mas, antes que pudesse dar outro passo para longe de mim, eu a alcancei, agarrando o braço fino e a puxando para trás.

Rachel estremeceu ao meu toque e grunhiu baixo um doloroso *não* do fundo de sua garganta. Eu a observei se virar e me olhar amedrontada enquanto sacudia a cabeça em total descrença.

— Ma-marcos?

Meu nome saiu arrastado de seus lábios carnudos.

— Ah, ratinha... Você pensou mesmo que conseguiria escapar de mim?

Capítulo 1

RACHEL

Como ele havia me encontrado?

Aterrorizada, eu o encarei fixamente, lutando com a raiva que surgiu no instante em que suas mãos me tocaram. Lembranças da última vez em que estivemos juntos vieram à tona, me desestabilizando outra vez. Todas aquelas palavras odiosas, todas aquelas acusações...

“Você vai pagar por cada maldito centavo que me roubou, Rachel! Juro por Deus que vai!”

Esta fora a frase que escutei sair de sua boca antes de me virar e deixá-lo falando sozinho no meio de seu escritório. Dois meses haviam se passado, desde aquele dia, e ainda era difícil acreditar que o havia despistado por tanto tempo. Fora o terror em que vivi desde então, morrendo de medo de ser encontrada, de ser presa pelo crime que Marcos injustamente me acusava.

O aperto em meu braço se intensificou, trazendo-me de volta à realidade. A sensação que seu toque causou fez-me perceber que uma parte de mim ainda era vulnerável a ele, e eu me odiei por isso. O contraste de suas mãos enormes e morenas apertando minha pele pálida sempre foi impactante, mas agora o efeito era devastador. Irritada comigo mesma, eu permiti que a fúria que sentia se misturasse ao sentimento que passei os últimos dois anos abrigando dentro de mim, na esperança de que, assim, conseguiria manter-me firme na presença do homem à minha frente.

— Como você... me encontrou? — perguntei apreensiva, as palavras saindo em um murmúrio angustiante.

A dor de estar com ele assim, tão perto, era esmagadora e fazia com que toda a mágoa aflorasse. Fazendo-me reviver a decepção que tive. Eu implorei para que Marcos acreditasse em mim, na época, jurei estar dizendo a verdade, mas ele me julgou sem dó nem piedade. Virou as costas para mim e me humilhou da pior maneira que um homem poderia fazer com uma mulher.

Agora eu sabia que havia sido tolice minha acreditar que lá no fundo, por trás de toda sua frieza e severidade, Marcos pudesse ter um coração. E pior, que esse coração pudesse vir a ser meu em algum momento. A verdade estava longe de ser essa, porque o homem que agora me encarava com tanta raiva nunca me enxergou como nada além do que sua indispensável assistente e amante.

Eu deveria ter percebido isso antes de dar a ele dois malditos anos da minha vida!

— Descobrir como a encontrei é tudo o que te preocupa? — questionou de maneira rude. — Será que não percebe que a vontade que tenho nesse exato momento é de te esganar, Rachel!?

Assustada pela maneira nervosa com que ele estava agindo, eu tentei dar um passo atrás para me esquivar do aperto de seus dedos, mas em vez de me libertar, Marcos me arrastou até o *Alfa Romeo* parado no estacionamento e me empurrou para dentro do carro esportivo, batendo com força a porta do automóvel. Olhei para o lado enquanto ele dava a volta e quase pensei em fugir, correr para longe e pegar o primeiro ônibus que aparecesse, mas concluí que seria inútil. O homem sabia onde eu trabalhava, provavelmente havia colocado seus seguranças atrás de mim... e, a julgar pela determinação que via em seus olhos, eu duvidava que fosse me deixar escapar dele novamente.

Sentado ao meu lado, Marcos inspirou o ar profundamente, buscando por uma calma que ele não possuía. Molhada e com frio, eu passei o braço ao redor do meu corpo trêmulo e apertei meus lábios um no outro, querendo parar o bater de dentes. Para a minha surpresa, ele retirou a jaqueta de couro que vestia e a empurrou na minha direção.

— Vista! — exigiu.

Incomodada com a maneira como o vestido molhado se agarrava às minhas curvas, eu vesti a jaqueta sem discutir, tomando fôlego ao me ver envolvida pela peça de couro que ainda mantinha o calor do corpo do Marcos. E se isso não fosse tortura o bastante, o cheiro sensual e masculino de sua colônia me atingiu de uma só vez. O aroma era poderoso, inebriante... o mesmo que ficava em minha pele a cada noite em que ele me usava e depois saía, deixando-me outra vez sozinha naquele apartamento de luxo. O cheiro me fez mais consciente da sua presença, e sem nenhum pudor eu me encontrei o observando.

Tudo nesse homem exalava poder. Ele era alto, moreno, com um porte físico invejável. Poucas eram as pessoas que não o temiam. Marcos era tão influente e respeitado, que possuía a liberdade de ser direto. Sua sinceridade era tanta que ele chegava a ser cruel, e isso assustava as pessoas que viviam ao seu redor. De alguma forma, ficou claro para mim que sua brutalidade estava mais aflorada agora, mais crua. A barba sempre por fazer exibia fios mais grossos, e ele parecia intimidante com todo aquele cabelo negro jogado para trás de maneira desordenada.

Como se ele tivesse passado a mão pelos fios uma infinidade de vezes...

Desde a época em que era apenas sua estagiária eu já me sentia afetada pelo magnetismo que exalava tão seguramente dele. Lembro-me até hoje de todas as vezes em que Mariana reclamou do irmão mais velho, o retratou como um monstro. E foi com esse pensamento que entrei em seu escritório pela primeira vez, esperando encontrar um homem frio e intransigente. O que ele era, sem dúvida alguma, mas, infelizmente, ao entrar por aquelas portas, também encontrei um homem de

sangue quente, explosivo. Capaz de fazer minhas pernas bambearem com um simples olhar.

Marcos, é claro, não se lembrou de mim, nem ao menos vacilou ao escutar meu nome. E além da decepção de não ter sido reconhecida como uma das melhores amigas da sua irmã mais nova, eu também me vi obrigada a lutar contra a atração que sentia pelo meu novo chefe. O homem assinava meu salário no final de cada mês e era esse salário que me permitia continuar a pagar o tratamento do meu paizinho.

Meu cargo em sua empresa não o impediu de tentar se aproximar de mim, de me seduzir com palavras e gestos charmosos. Eu tinha apenas 22 anos quando tudo começou, estava abalada com a doença do meu pai. Tão desesperada por conforto e carinho que me rendi ao seu apelo. Marcos, por sua vez, em um ato brutal de honestidade, fez questão de admitir seu desejo e de ser bem direto ao explicar suas intenções comigo, nunca permitindo que eu me esquecesse de que o que tínhamos era apenas... fogo. Uma chama poderosa, mas que poderia facilmente ser apagada.

Ao me envolver com ele, minha vida, que sempre fora tão difícil, se transformou drasticamente. Marcos exigiu que eu abandonasse a maneira como me vestia e portava, me presenteou com roupas de estilistas famosos e com joias das quais eu não tinha sequer a noção do valor. O homem me arrancou do quatinho humilde que eu alugava e me colocou em uma luxuosa gaiola de ouro.

Voltei a realidade, quando o silêncio pesado no carro foi deixado para trás e Marcos finalmente mostrou a que veio.

— Você agiu como uma ordinariazinha ao aceitar suborno daquele filho da puta! — Marcos socou o volante em um gesto agressivo. — Traiu a porra da minha confiança, e tudo por quê? Por uma mixaria que não pagou nem metade do que você deve àquele hospital!

Abri a boca, em choque, nervosa demais por perceber que Marcos sabia de tudo. Absolutamente tudo.

Sei que fui estúpida ao confiar na palavra do Henrique, mas a única coisa passando pela minha cabeça, quando ele me ofereceu dinheiro para desaparecer da vida do Marcos, foi no meu pai, que era toda a família que eu tinha.

— Será que você pensou mesmo que eu não viria atrás de você, Rachel? — Marcos me lançou um olhar duro, que teria me quebrado inteira se eu já não estivesse em pedaços. — Será que me considera tão idiota, a ponto de pensar que eu deixaria a mulher que me enganou sair impune?

Com medo do caminho que a conversa estava tomando, e sem conseguir raciocinar direito, eu

afastei meu olhar do dele e tentei abrir a porta do carro, mas a porta estava bloqueada. Forcei uma e outra vez, até que, exausta, eu me virei para ele e implorei:

— Me deixe sair, por favor. Nós não temos mais nada a falar um com o outro, Henrique foi o único culpado... você sabe disso.

— Eu poderia te denunciar por cumplicidade, por encobrir um criminoso. Já pensou nisso?

— Eu não fiz nada! — gritei revoltada. — Não roubei seu dinheiro... eu só... — *Eu só queria manter meu pai vivo*, pensei em silêncio, enquanto lutava contra a vontade de chorar.

Marcos odiava lágrimas e qualquer outro tipo de descontrole emocional. No tempo em que ficamos juntos, eu tive que aprender a controlar meus sentimentos, a esconder a saudade que sentia dele e a fingir que não sofria quando ele me tratava de maneira ríspida na frente dos outros funcionários da Montenegro. Foram tantas as vezes em que ele alertou sobre o meu papel em sua vida, que agora eu me perguntava por que não acreditei no que me dizia. Por que alimentei tantas esperanças.

— De onde acha que veio a merda do dinheiro que recebeu, Rachel? — retrucou em um tom de voz baixo, porém não menos ameaçador.

O homem ao meu lado até poderia pertencer a uma das famílias mais tradicionais e influentes de Santa Catarina, e com certeza ter sangue azul puríssimo correndo em suas veias, mas, por fora, ele era, com todo o sentido da expressão, um verdadeiro bárbaro.

Seus olhos eram implacáveis e negros, assim como seu cabelo, que já exibia orgulhosamente alguns poucos fios grisalhos. O comprimento deles, quase na altura do ombro, lhe dava um aspecto selvagem e primitivo. E no passado eu amei esse antagonismo. Amei o fato de que ele era um homem sofisticado e bem-nascido, preso em um corpo que parecia pertencer a um *Deus Grego*.

— Tudo o que fiz foi pelo meu pai... — murmurei, voltando a encará-lo.

— Poupe-me dos detalhes! — fui cortada. — No instante em que aquele desgraçado te ofereceu dinheiro, sua obrigação era a de ter vindo me procurar!

— Você estava irredutível, Marcos, tinha acabado de me demitir e jurou me colocar atrás das grades, eu...

Não consegui concluir, as palavras ficaram presas como um nó gigantesco na minha garganta. O ódio que passei a nutrir por ele, junto com o medo de perder meu paizinho, vinham me deixando emocionalmente esgotada. Arrasada por dentro.

— Você poderia ter me pedido ajuda, porra!

— Pedido sua ajuda para quê? Para que viesse esfregar isso na minha cara sempre que surgisse a oportunidade? — questionei. — Além do quê, eu estava cansada, Marcos. Cansada da gente e da maneira horrível como me fazia sentir. Você usou meus sentimentos para dominar cada parte da minha vida!

Olhando-me como se uma verdadeira tempestade se formasse dentro dele, Marcos me encurralou contra o banco e a porta do seu *Alfa Romeo*. Tornando impossível controlar a tremedeira que tomou conta do meu corpo. Não foi só o medo que atravessou a minha pele, causando arrepios, foi também um inexplicável desejo. O ódio, ao que parecia, não era o suficiente para sanar a saudade que sentia e a vontade de tocar a pele morena... roçar meu dedo em sua barba grossa e permitir que ele me beijasse.

— Dominar? — Ele estava perto demais, e eu praticamente não conseguia respirar. — O que eu fiz foi te dar o que muitas mulheres matariam para ter, Rachel! Não ouse vir agora com essa merda para cima de mim, porque durante todo o tempo em que estive comigo, você usou e abusou da minha generosidade.

Meu coração batia descompassado, completamente fora do ritmo. A orquestra dentro do meu peito já não sabia mais como tocar a sinfonia. Fechei os olhos, tentando recobrar a razão.

— Eu nunca pedi por nada daquilo.

— Não pediu, mas também não se recusou a receber. Se não fosse por mim, você teria continuado naquele lixo que chamava de casa! — retrucou com descaso, virando-se ao ver que a porta da frente da lanchonete era aberta.

Ótimo, pensei comigo, a última coisa de que precisava agora era perder meu emprego.

O homem calvo e visivelmente acima do peso, mais conhecido como meu atual chefe, olhou na direção do *Alfa Romeo* com curiosidade. A chuva o impediu de se aproximar, e eu temi que ele pudesse, de alguma forma, me ver ali dentro.

— Aquele é o homem para quem você trabalha? — Marcos perguntou, o analisando de longe. — Foi para acabar nesse inferninho que você escapou de mim? — Eu o vi pegar a chave presencial e se preparar para sair do carro.

— Marcos, eu preciso desse emprego... — Além de não me dar ouvidos, ele se afastou e acionou a trava de segurança para que eu não pudesse ir atrás dele.

Em pânico, eu senti uma vontade absurda de gritar e mandá-lo à merda, mas meus pés e cabeça doíam tanto que acabei desistindo. O alívio que sentia desde o dia em que li a respeito da prisão do

Henrique havia se dissipado em um piscar de olhos... Fora mesmo muita ingenuidade minha imaginar que depois de encontrar o culpado pelo desfalque da Montenegro Marcos me deixaria em paz.

Homens como ele, infelizmente, não sabiam o momento de parar.

A raiva acendendo dentro do meu peito fez-me sentir amarga. Insossa. Observei o homem mais baixo gesticular agitado e apontar para o carro, Marcos permanecendo imóvel, dizendo apenas o necessário.

Quando voltou, eu esperei que ele me desse alguma explicação, mas Marcos se recusou a responder qualquer uma das minhas questões, deixando-me além da frustração. O motor poderoso do *Alfa Romeo* ganhou vida, e antes que o Sr. Arrogante pudesse me levar sabe-se lá para onde, eu me voltei para ele, desesperada:

— Eu preciso ver o meu pai!

Sem me olhar, ele apenas sacudiu a cabeça.

— O que você precisa é se desfazer desse uniforme imundo e molhado. E, depois, se houver tempo, eu te levarei ao hospital.

— Não, Marcos, eu preciso *realmente* ver ele. Meu pai está sozinho, eu sou a única família que ele tem... por favor.

— Eu não sei por que você ainda insiste em discutir comigo!

— Isso é sério? Você não sabe por que raios eu insisto em discutir?

Não aguentei ficar calada, Marcos estava me tratando como se tivesse o direito de decidir por mim. De me enfiar dentro dessa merda de carro e me levar para onde ele bem queria. Droga, a última coisa de que eu precisava era lidar com ele agora!

— Eu não fugi apenas porque você me assustou, sabe? Eu fugi porque já não aguentava mais estar ao seu lado! Você é o homem mais intransigente que eu conheço!

Marcos permaneceu calado, não dando a mínima para os meus gritos. Quis bater nele, chorar de raiva e pedir que me deixasse sair daquele carro, mas para o meu total espanto, ele contornou a estrada, entrando na rua estreita que o levaria até a casa em que eu vivia atualmente.

Meu Deus, ele sabia tudo, concluí horrorizada.

Eu poderia ter me sentido envergonhada quando o desgraçado estacionou o carro em frente ao que, agora, eu chamava de casa. Mas não perdi meu tempo com essa besteira, então apenas o observei encarar a vizinhança como se não acreditasse no que via. Inconformada, eu passei pela

calçada simplória e marchei para dentro da casa com ele logo atrás de mim.

Não pedi para que se sentisse em casa ao entrarmos, porque, convenhamos, seria uma afronta. E como não desejava vê-lo se sentindo confortável no único lugar em que eu me sentia segura atualmente, ignorei as boas maneiras e o deixei sozinho na sala, sem sequer oferecer uma bebida. Até porque eu duvidava que Marcos aceitaria beber um simples copo de água ou... leite, que era tudo o que tinha na geladeira nesse momento.

Fingindo não ver a inspeção minuciosa que ele continuou a fazer no cômodo úmido e apertado, eu fui diretamente ao quarto, disposta a me secar e vestir a primeira roupa que encontrasse. Quando escapei do Sr. Arrogante, dois meses atrás, eu não havia tido a coragem de trazer comigo nada que fora dado por ele. Eu poderia não ter onde cair morta, mas era orgulhosa demais para não me lembrar de todas as vezes em que ele deixou claro que, se algum dia eu o deixasse, perderia tudo, até mesmo a calcinha que estivesse usando no corpo.

Encostei a porta do quarto em que dormia, tentando manter a calma. Não havia espelho ao redor ou qualquer outra decoração. Apenas uma pequena cama de solteiro e um armário velho que o dono da casa deixara para trás. Desfiz-me rapidamente da jaqueta de couro, do vestido e das sapatilhas encharcadas, ficando apenas de calcinha e sutiã enquanto corria atrás de *lingeries* secas. Rezando para que Marcos fosse esperto o suficiente para se limitar a ficar na sala nesse meio tempo.

Eu conhecia o homem, sabia que se ele quisesse continuar com nossa discussão porta nenhuma o impediria de chegar até mim. Em sua cabeça, e em seu mundo, quem decidia o que acontecia ou não... era ele.

O pensamento fez minha pele inteira se arrepiar, a sensação desconfortável sendo agravada por causa do aquecedor quebrado. Fazia tão frio aqui dentro, como fazia lá fora. Com pressa, eu passei o tecido branco da minha calcinha pelas pernas, ficando estática ao escutar o ranger da porta.

Virei-me assustada e subi o tecido pelo meu quadril com pressa. A visão do Marcos tomando todo o batente da porta e me encarando cheio de fome fez com que meu estômago retorcesse de nervoso. Seus olhos cintilavam perigosamente, percorrendo cada centímetro da minha pele. Eu estava praticamente nua, tudo o que me cobria era a merda de uma calcinha branca e sem qualquer atrativo. Prendi a respiração, não querendo que ele se desse conta do meu nervosismo, mas todo indício de controle que eu possuía foi abandonado quando eu o assisti passar a ponta da língua sobre os lábios como se eu fosse sua próxima refeição...

— Saia do meu quarto — consegui pedir, mas Marcos ignorou meu apelo e se aproximou de mim com sua determinação implacável. — Você não pode... — gaguejei ao mesmo tempo em que recuava, até que, sem perceber, bati as costas contra a parede.

— Eu não posso o que, Rachel? — Arregalei meus olhos quando ele empurrou o tórax duro contra os meus seios. Prendendo-me na parede sem muito esforço. — Me aproximar de você? Tocar no que é meu?

Marcos se comportava como um animal dominante faria. Ignorando e passando por cima de tudo e todos. Como se suas decisões e ordem devessem sempre ser atendidas. Havia certo conflito cravado em seus olhos agora, uma indecisão. Era como se a raiva que sentia por mim estivesse sendo consumida pelo desejo insano dentro dele.

— Eu não sou... sua. — *Não mais, pelo menos.*

Por mais arrebatador que fosse o nosso sexo ou essa loucura que nos dominava quando ficávamos juntos, eu não iria fraquejar. Nada faria com que o vazio dentro de mim desaparecesse, e o que Marcos fez comigo, a maneira como me tratou... não tinha perdão.

— Isso, ratinha, sou eu quem decido.

A voz grave sussurrada tão próxima ao meu ouvido me alertou do que estava por vir. O apelido odioso que ele sempre usava quando queria me subjugar trouxe lágrimas mais uma vez aos meus olhos, e eu acabei por tentar afastá-lo, mas foi inútil. Marcos sorriu ao ver meus esforços e ainda teve o disparate de roçar os dedos em minha pele nua, deixando um rastro quente por todo o meu seio acariciado.

A delicadeza durou pouco, e eu precisei morder o lábio para não gemer quando sua enorme mão apertou meu seio, esmagando o mamilo duro com a pressão. O polegar fez pequenos círculos ao redor do bico intumescido, enquanto seu braço rodeava minha cintura, mantendo-me imóvel. Ergui meu olhar, me recusando a ver a crueza com que seus dedos me exploravam, e, para a minha surpresa, eu o encontrei olhando-me intensamente.

Marcos sabia quais eram as minhas fraquezas, o maldito teve dois anos para descobrir uma a uma, e agora parecia não sentir um pingo de remorso em usá-las contra mim.

— Não me toque! — exigi ao recobrar um pouco da razão e o empurrei, desta vez com mais força. — Eu não vou permitir que brinque comigo de novo! Já nem faço questão de que me leve ao hospital, quero apenas que saia da minha casa e me deixe em paz!

MARCOS

Não era só o desejo que ameaçava explodir dentro do meu peito, era a raiva também. Um duelava com o outro para decidir quem seria o vencedor no final. E quer saber? Eu queria que os dois vencessem. Queria arrastar Rachel para a fodida cama de solteiro e tomá-la inteira, fazê-la sentir na pele a decepção que me causou ao aceitar aquele dinheiro. Eu a comeria sem dó, bruta e selvagemmente. Porque era assim que eu me sentia agora.

As pequenas mãos com unhas curtas e sem nenhum esmalte continuaram a tentar me empurrar. Mas Rachel era pequena demais para conseguir me tirar do lugar. Com apenas o meu quadril forçando seu abdome, eu a tinha presa contra a parede ao meu bel prazer. Enquanto ela lutava e implorava para que eu a deixasse em paz, meu olhar recaiu mais uma vez sobre a pele cremosa. Merda! Eu precisava encontrar algum meio de tê-la sob meu controle. Principalmente agora que parecia claro que o desejo e a fome ainda existiam.

Nós dois tínhamos fogo, e até que essas chamas se apagassem, ela permaneceria ao meu lado.

— Saia, por favor... — a boca carnuda implorou, e eu não resisti. Tive que tocar aqueles lábios rosados, esfregar meu dedo neles.

Todos os pensamentos que inundaram a minha mente envolviam Rachel ajoelhada, com a porra da boca em volta do meu pau. Eu desejava a sua rendição, a sua entrega. Queria sentir suas unhas rasgando a pele da minha coxa enquanto ela engolia cada polegada de mim. Imaginei meus dentes mordendo seus mamilos rosados... os seios redondos marcados pelas minhas carícias. Depois da boceta apertada, a comissão de frente generosa da Rachel era, sem dúvida alguma, a parte mais gostosa do seu corpo.

A mulher poderia ser pequena, com seu 1.60 m de altura. Mas seus seios eram excepcionais, muito acima da média, e o melhor: naturais. Rachel era curvilínea, tinha aquele famoso corpo ampolheta, com a cintura bem marcada e o quadril largo, que praticamente implorava por mãos dominantes.

— Eu não vou sair, ratinha.

— Pare de me chamar assim! — deu outro grito, me surpreendendo pela resistência. Não sei se Rachel estava consciente disso, mas a coitada parecia à beira de um colapso nervoso. As olheiras profundas, a pele pálida e a atual magreza eram sinais de que ela não vinha dormindo direito e muito menos se alimentando. — Tudo o que te peço é para que saia da minha vida! Procure outra amante, procure alguém que não vá cometer o erro de se apaixonar por você, Marcos, porque eu já não tenho mais forças para ser sua, eu...

Calei as merdas que saíam da boca da Rachel com um beijo esfomeado. Cheio de raiva, mas também de saudade. Eu ainda senti seu protesto, os socos que deu em meu peito quando eu a dominei, mas ela não seria capaz de lutar por muito tempo. Nunca era.

Furioso por me dar conta do quanto havia sentido falta dessa mulher, eu a beijei punitivamente. Mordi o lábio cheio, devorei sua maldita boca. Quis tomar para mim tudo o que Rachel se negou a me dar nesses últimos dois meses, tudo de uma vez... tudo o que era meu. Ela arfou e apertou os dedos contra a blusa de linho que eu vestia, ainda sem se render. Depois de vários segundos, eu pude senti-la começar a buscar por ar, querendo recuperar o fôlego...

— Eu te odeio! — falou nervosa, o peito subindo e descendo com a respiração irregular. — Te odeio mais do que tudo nesse mundo, Marcos!

Sua admissão não deveria ter me abalado tanto... mas o fez.

— Não me importo que me odeie, Rachel. Você sabe muito bem o que desejo de você e, para isso, não preciso e nem faço questão que me ame... basta me manter satisfeito sob os lençóis — falei severamente e a soltei. Observando o momento em que ela arregalou em choque aqueles lindos olhos azuis para mim.

— Você é um desgraçado! Um filho da puta arrogante que não tem coração!

Exigiu muito do meu autocontrole quando ela começou a me bater, completamente alterada. Seus gritos me tiraram do sério, e sem paciência para seu comportamento infantil, eu simplesmente me virei e saí porta afora. A casa, se é que esse buraco poderia ser chamado de casa, era medíocre. Cheirava a mofo e as paredes eram úmidas. Não sei como Rachel ainda não havia adoecido vivendo em um lugar como este.

Bom, eu não sosseitaria até levá-la de volta para o meu apartamento. Adquirido anos atrás com o único intuito de dar à ingrata um lugar decente para viver. Eu a deixei fazer parte da minha vida e lhe proporcionei todo luxo e conforto que sabia que ela nunca teria acesso, se não fosse por mim. Em troca, tudo o que quis da Rachel foi sua entrega, as horas incontáveis que passávamos sobre a cama e, claro, seu profissionalismo para distinguir o momento de agir como minha assistente e o momento de agir como minha amante. Sem nunca se esquecer de que o fato de dormirmos juntos não lhe dava privilegio algum dentro da minha empresa ou até mesmo em minha vida pessoal.

Não era Rachel quem me acompanhava às festas e jantares da alta sociedade quando necessário, eu não era tolo a esse ponto. Para cobrir este papel, havia a Pierla.

Nascida em uma família tradicional e influente de Santa Catarina, Pierla havia estudado e

morado a vida inteira no exterior, só voltando ao Brasil há cerca de um ano. Era com ela que eu aparecia em frente às câmeras, e o seu nome era tão ligado ao meu nos tabloides sensacionalistas, que havia até mesmo apostas entre os repórteres especulando se a madura e sofisticada socialite chegaria a se tornar a Sra. Montenegro.

Não vou negar, Pierla atendia mesmo a todos os requisitos que eu desejava encontrar em uma esposa no futuro. A experiência fora do país a tornou dura, direta e ciente dos seus deveres como parte integrante da alta sociedade. Ela era uma mulher desprovida de todo aquele sentimentalismo bobo que Rachel possuía.

— Porra, ratinha! Por que você tem que dificultar tanto? — esbravejei, cortando o silêncio dentro do meu carro.

Relembrando, irritado, todo o esforço que fiz para manter os sentimentos da Rachel sob controle. Eu não me orgulhava disso, mas, porra, foi preciso um pouco de crueldade para impedir que ela alimentasse esperanças a respeito do nosso futuro. Quando as matérias apontando uma possível relação entre mim e Pierla começaram a surgir, eu não fiz nada para sanar as suas desconfianças. Muito pelo contrário, eu a deixei acreditar, pensando que assim ela enxergaria definitivamente qual era o seu papel na minha vida.

Vinte longos minutos depois, estacionei meu carro em frente às três estruturas modernas do hospital particular onde o Sr. Vidal se encontrava internado. Havia um propósito para estar na cidade hoje que ia além da visita a Rachel. E foi com uma decisão tomada que eu me dirigi à administração do hospital, não lamentando nem por um segundo o que estava prestes a fazer.

Capítulo 2

RACHEL

Levantei-me na manhã seguinte com o coração apertado pela culpa. Eu não deveria ter permitido que Marcos e toda a sua intensidade se impusessem em minha vida a ponto de me impedir de visitar meu pai. Eu havia prometido não deixá-lo sozinho de novo, já bastava o tempo em que passamos separados por causa do seu tratamento.

A princípio, com o salário que a Montenegro me proporcionava, eu achei que conseguiria manter meu pai em um hospital de qualidade. Nesse tempo, eu me obriguei a gastar o mínimo possível comigo mesma e a pagar toda e qualquer nova tentativa que os médicos sugeriam para o caso dele. Só que não adiantou, os custos foram se tornando cada vez mais altos, eu não tinha como pagar as cirurgias que ele precisava fazer e a dívida que tinha com eles agora não se achava nem perto de ser quitada.

Dominada pela incerteza e a raiva, eu tomei um banho rápido e me aprontei para o trabalho. Tentando com todas as minhas forças não pensar no Marcos ou em tudo o que aconteceu no dia anterior.

Por favor, Deus, faça com que ele tenha desistido de me atormentar e voltado para Joinville... por favor.

A parte covarde dentro de mim torceu para que isso acontecesse. Percebi ontem que aquele homem, de alguma forma louca, ainda possuía o controle do meu corpo. E isso me aterrorizava. As palavras frias ditas por ele pareciam zombar de mim, como um aviso cruel de que ele até poderia me desejar, mas que jamais passaria disso. Eu tentei não pensar na sensação que foi ter sua boca sobre os meus lábios, mas não conseguia. Havia sido um beijo libertador... quase catártico.

A dura realidade era que eu sabia que essa sensação dificilmente durava.

Amar o Marcos era como estar em uma montanha russa desgovernada. Você nunca seria capaz de adivinhar quando seria a próxima curva ou decida. E, no caso dele, eu já havia descido muito, muito fundo.

Como fazia todas as manhãs, eu peguei o coletivo que me levaria até a lanchonete, já planejando me desculpar com o José pelo incidente de ontem. Entrei no estabelecimento, apressando

meu passo ao ver várias das mesas ocupadas, o dia seria cheio, pelo visto, pensei, indo até o balcão pegar minha comanda. Esse foi o momento que meu patrão apareceu e eu percebi que havia algo de errado.

— Sinto muito, Srta. Vidal, mas não posso permitir que continue trabalhando aqui. — Olhei para o José sem entender nada, ele nunca havia me chamado de senhorita antes. — Eu deveria ter desconfiado que alguém como, você procurando por emprego nesse fim de mundo, me causaria problemas.

Com a certeza de que isso tinha algo a ver com o Marcos, eu o segui quando ele se afastou em direção ao pequeno escritório que ficava no fundo da lanchonete.

— Por favor, José, eu não sei o que aquele homem falou para você, mas eu preciso desse trabalho...

— O Sr. Montenegro não quer vê-la pisando aqui novamente. A senhorita deveria estar agradecida por ter alguém como ele se preocupando com você. Nós conversamos ontem, e ele garantiu que a partir de agora irá cuidar de tudo.

Cuidar de tudo? O que Marcos estava querendo fazer não era cuidar de tudo, era controlar a minha vida, e isso eu não iria permitir!

— Não preciso que o Sr. Montenegro cuide de nada, José. Tudo o que quero é continuar a ter o meu emprego...

Eu não me importaria de implorar se fosse necessário.

— A última coisa que quero é ter problemas com aquele homem, garota. Saia da minha lanchonete e volte para os braços do seu amante.

Boquiaberta com a insinuação que José fizera, eu peguei minhas coisas e saí daquele inferno. Não era como se eu gostasse de passar o dia inteiro de pé servindo a homens repugnantes e fedendo a gordura. Mas também... não era como se eu tivesse tido muita escolha até agora.

Preocupada com que minha demissão iria causar ao meu já precário orçamento, eu acenei para o coletivo que passava pelo centro e me sentei em uma das poltronas vazias, tentando encontrar alguma solução. O número do celular do Marcos ainda estava gravado em meu telefone, eu poderia recorrer a ele, já que o idiota era o culpado por isso, mas algo me dizia que era exatamente essa reação que ele esperava que eu tomasse.

A maneira como aquela mente funcionava chegava a era maquiavélica. O homem era implacável nos negócios, e agora, tudo levava a crer que ele seria do mesmo modo comigo. Nervosa,

eu fechei meus olhos e apoiei a cabeça na poltrona dura do ônibus pelo restante da viagem. Tentando me convencer de que as coisas iriam melhorar.

Elas tinham que melhorar.

MARCOS

De frente à vista a que tinha acesso do andar em meu hotel, eu escutei, desatento, às atualizações que Isadora me passava por telefone. Ela e toda a equipe da diretoria havia participado de uma importante reunião essa manhã, e eu precisava saber em que ponto estavam os últimos relatórios acerca da expansão da Montenegro.

Minha irmã não estava ciente do pequeno imprevisto que vim resolver aqui em Florianópolis, mas apenas pelo seu tom de voz eu poderia jurar que ela desconfiava que o *imprevisto* em questão se tratava de uma loira miúda, com longos cabelos e capaz de me levar da fúria ao êxtase em questão de segundos.

— Quando você estará de volta, Marcos?

Verifiquei a hora em meu relógio antes de responder, lembrando-me dos outros compromissos que tinha para hoje.

— Devo levar um ou dois dias, Isadora. — A verdade era que eu não fazia ideia. Tudo iria depender até que ponto Rachel dificultaria meus planos.

— Você a encontrou, não foi?

Isadora não se deu ao trabalho de disfarçar a reprovação em sua voz. Ela nunca aprovou Rachel como minha assistente, sempre foi extremamente dura com a coitada. E mesmo antes que suas desconfianças a respeito do meu envolvimento com uma de nossas funcionárias viessem à tona, as duas já possuíam suas diferenças.

— Pensei ter deixado claro que meus assuntos pessoais não são da sua conta, Isadora.

— O engraçado, Marcos, é que seus assuntos não são da minha conta. Mas o meu noivado com o Henrique foi da sua. Onde está a igualdade nesse caso?

— Não há igualdade aqui, Isa. Eu sou seu irmão mais velho e tutor financeiro. E até que você e Mariana estejam aptas a cumprirem as exigências do testamento de nosso pai, eu acredito que tenho

tudo a ver com as decisões que tomam. Aceite isso.

— Eu não me lembro de ter visto você subornando aquele fazendeiro para que ele ficasse longe da Mariana!

— Você não é estúpida, Isadora. Sabe muito bem a diferença entre aquele fazendeiro e o seu ex-noivo. E mesmo que te doa escutar, eu quero que saiba que estou muito satisfeito com a relação da Mariana com o Guilherme. Eu nunca a vi tão feliz...

— Se cada vez que Mariana ficar feliz ela engravidar, não irá restar herança alguma para nossos filhos. — Balancei a cabeça cansado, essa não era a primeira vez que eu pensava que o ressentimento entre essas duas nunca teria fim.

— Eles irão casar em dois meses, Isadora, isso é o que importa. Agora me responda, há algo mais que eu precise saber a respeito da reunião de hoje?

— Não.

— Ótimo. Qualquer novidade que surgir a respeito das transações com o Sr. Conrado, basta me telefonar.

— Sim, claro. Oliver marcou uma conferência com ele esta tarde, eu estarei presente e logo em seguida te envio o relatório, Marcos.

Encerrei a ligação e dei alguns passos até o mezanino que ficava em frente à imensa vidraça do quarto, depositando meu celular no móvel. Distraído, eu voltei minhas mãos para dentro do bolso e olhei para a vista incrível da cidade. Repassando vagamente a conversa que havia tido na noite anterior com o Sr. Peixoto, o administrador geral do hospital.

No relatório que Ricardo me entregou, eu até tive acesso a alguns detalhes do estado de saúde do Arthur. Algumas dúvidas haviam sido tiradas na conversa preliminar que tive com o médico responsável pelo caso. Porém, foi com o Sr. Peixoto que eu consegui ter informações detalhadas não só a respeito da saúde, como também financeiras do paciente.

Resumindo a história, depois de todas as internações dos últimos anos e do atual estado clínico que ele apresentava, o Sr. Vidal não possuía a menor condição de receber alta médica. Ele era um paciente que precisava de constante monitoramento. O que, de acordo com o Sr. Peixoto, não era possível para alguém nas condições financeiras da Srta. Vidal. Decidido a resolver a situação, eu conferi novamente o *Rolex* dourado em meu pulso e segui em direção a porta da suíte.

Estava na hora de usar meu dinheiro para fazer o mundo girar a meu favor novamente.

RACHEL

Passei pela enfermaria que ficava no mesmo andar que o quarto do meu pai e entrei na última porta do corredor, com a esperança boba que dessa vez eu o encontraria mais disposto. O Dr. Otto, ou Alexandre, como pediu que o chamasse, nunca me deixou desistir. E eu me apeguei a cada palavra de conforto e carinho que recebi dele nessas últimas semanas. Alexandre era o meu suporte, o anjo que me impedia de desmoronar em meio ao desastre que minha vida se encontrava.

Segurei a respiração ao ver meu paizinho sobre a cama. Um pouco abatido por causa dos efeitos da medicação que tomava e que exigiam tanto dele. Um sorriso fraco surgiu em seu rosto quando eu me aproximei, e isso era tudo o que eu precisava. Um sorriso e a certeza que ele sabia que eu estaria sempre ao seu lado, assim com ele esteve do meu desde que minha mãe nos abandonou.

— Ah, paizinho. — Estava aliviada por encontrá-lo acordado. — Me desculpe por não ter aparecido ontem, eu precisei trabalhar até tarde, sabe? — Senti-me culpada por mentir, mas Alexandre já havia me aconselhado a não dizer coisas que poderiam vir a perturbá-lo.

Com certa dificuldade, meu pai perguntou se estava tudo bem comigo, e eu assenti, forçando um sorriso em meu rosto.

— Está tudo ótimo, não quero que o senhor se preocupe com nada. — Ele tossiu sem fôlego.

Acabava comigo ver que meu pai parecia mais fraco a cada dia que passava, a doença o consumia e eu já não sabia o que fazer. Não querendo ficar longe dele, eu beijei sua testa enrugada e fiquei ali, do seu lado. Com medo do dia em que o perderia de vez.

— Filha... um homem esteve aqui hoje... — a voz cansada murmurou, deixando-me em alerta.

— Um homem?

— Sim, ele disse que... ele disse que iria nos ajudar, Rachel.

Encarei o rosto marcado do meu pai, não sabendo o que dizer.

— Talvez tenha sido algum enfermeiro novo, paizinho...

— Não, não... ele não era... filha.

Eu imaginava que não fosse mesmo...

A enfermeira que entrou no quarto interrompeu a conversa e sugeriu que eu não desgastasse muito o meu pai, já que ele teria que passar por alguns exames essa tarde. Afastei-me enquanto ela

trocava a medicação intravenosa e me sentei em uma das poltronas sem tirar os olhos dele um segundo que fosse.

Perdi a noção do tempo ao observá-lo, pensei em tanta coisa e ao mesmo tempo em nada. Agora eu estava desempregada, com a dívida do hospital aumentando a cada dia e... completamente sozinha. Sabendo que não poderia ficar por mais tempo, eu dei um beijo de despedida no meu pai e prometi voltar à noite. A fachada confiante que forcei para ele desabou no instante em que cheguei ao corredor. Não havia mais motivos para esconder a tristeza que sentia desde essa manhã. Era desgastante sorrir para o meu pai e, no minuto seguinte, imaginar que poderia perdê-lo assim que me afastasse. De cabeça baixa, eu não notei o porquê das enfermeiras estarem todas alvoroçadas, pelo menos não até que fosse tarde demais.

Do outro lado do corredor, sob o alvo de todas as mulheres nesse andar, estavam o Dr. Otto e o Marcos. Meu coração ameaçou parar de bater só para, segundos depois, acelerar violentamente. Meus instintos gritavam para que eu corresse para bem longe, mas em vez de escutá-los, eu me vi caminhando em direção aos dois homens, armada para um confronto.

— O que você pensa que está fazendo aqui? — perguntei alterada, atraindo a atenção de todos.

— Este não é o momento, Rachel — o desgraçado respondeu com uma calma fingida e passou o braço ao redor da minha cintura em um gesto possessivo. — Além disso, o Dr. Otto estava aqui me atualizando a respeito do estado clínico do seu pai e, claro, tecendo incansáveis elogios a você, querida.

Era por isso então que seu queixo estava cerrado e os olhos cheios de desconfiança.

Percebendo o tom de provocação no comentário do Marcos, Alexandre fez questão de se explicar:

— Desculpe-me se o ofendi de alguma forma, Sr. Montenegro, mas confesso que não fazia ideia de que o senhor e a Rachel, bem, que vocês estavam juntos.

— E nós não estamos, Alex. — Neguei, deixando Marcos puto da vida. — A relação que o Sr. Montenegro e eu temos é estritamente profissional. Então não se preocupe em pedir desculpas, porque você não o ofendeu de maneira alguma, não é, Marcos? — O desafiei.

— A Srta. Vidal tem razão, Dr. Otto, fique tranquilo. — Ele sorriu de maneira maliciosa. — Tudo o que tivemos foram apenas... alguns momentos de diversão quando ela ainda era a minha funcionária. Realmente, nada que tivesse alguma importância.

Sério, eu não podia acreditar que ele teve a coragem de insinuar uma merda como esta. De

fazer com que o único amigo que tinha no momento me olhasse como se não me conhecesse. Alterada, eu tentei me desvencilhar dele, mas Marcos apertou os dedos com ainda mais força ao redor da minha cintura. Obrigando-me a ficar quieta.

Alexandre pareceu notar a tensão entre nós dois e, mesmo a contragosto, pediu licença com a desculpa de que precisava seguir com as visitas a seus pacientes. Não tive a oportunidade de ir atrás dele ou de me desculpar pelo comportamento *a la homem das cavernas* do Marcos, porque o Sr. Arrogante, disfarçadamente, me arrastou até o final do corredor e acionou o botão para que o elevador parasse em nosso andar.

— Você não tinha o direito de aparecer aqui, Marcos, e muito menos de visitar meu pai sem a minha autorização!

— Há quanto tempo aquele doutorzinho vem tocando no que é meu? — Marcos indagou, empurrando-me para dentro do elevador.

— Meu Deus, Marcos... eu não sou a porra de um objeto para *ser* sua! — consegui dizer. — Você nem ao menos tem o direito de me fazer esse tipo de acusação.

— À porra que não tenho direito sobre você, Rachel. Eu ainda te desejo, então cale a boca e me escute — ele exigiu, segurando meu rosto e apertando-me de tal maneira que comecei a sentir dificuldade para respirar. — Não me importa quantas vezes terei que repetir isso até que essa sua cabecinha consiga entender, mas o fato é que: você é minha! Quanto antes aceitar essa merda, melhor.

— E quanto ao que eu quero?

— Mas você me quer, Rachel. Não tente negar isso! — Fechei os olhos ao sentir o toque suave de seus dedos em meu rosto. — Seu corpo me deseja tanto quanto eu a desejo. Ou será que sua boceta não sente a minha falta? — *Ah, meu Deus!* — Porque eu sinto, carinho... sinto falta de cada fodido minuto que compartilhamos juntos. — Eu o encarei confusa, o calor dos seus olhos incendiando minha alma.

Não tinha jeito. Marcos era a chama aqui, não eu.

Tomando o que desejava, sua boca caiu sobre a minha em um beijo exigente. Deixando-me apavorada e excitada, tudo ao mesmo tempo. Sem saber direito o que fazia, eu me segurei em seu terno e fiquei na ponta dos pés. Facilitando nosso encaixe. Gemi quando seu quadril empurrou o meu e eu fui capaz de sentir a rigidez sob a sua calça.

Marcos sorriu satisfeito, ainda com a boca colada à minha, e continuou seu ataque. Só me liberando quando o som de alerta do elevador ressoou e as portas se abriram. Permaneci congelada,

encolhida como um bichinho assustado enquanto ele se recompunha. O rosto aristocrático não deixava transparecer nada, quem quer que o olhasse agora, não diria que o homem estava a um passo de me tomar aqui mesmo nesse elevador.

— Venha comigo, Rachel! — disse quando percebeu que eu não me movia.

Envolvi meus braços ao redor do meu corpo e segui atrás dele pela cafeteria, não entendendo o que o idiota arrogante pretendia com mais essa conversa. Nós não tínhamos nada a falar um com o outro, a menos que... ele estivesse falando sério sobre me denunciar por ter aceitado suborno.

O medo me impediu de continuar, eu sabia que todos sentados ao nosso redor podiam ver o terror em meus olhos. Marcos não teve paciência, ele mais uma vez me conduziu e me levou até uma das mesas desocupadas.

— Sente-se e escolha algo para comer, Rachel. Não crie dificuldade para si mesma.

Ele nem ao menos me olhou, parecia mais preocupado em avaliar o cardápio em sua mão. Decidida a não chamar atenção desnecessária, eu me sentei de frente para ele e cruzei os braços. Fome era a última coisa que eu sentia no momento, aliás, que eu sentia em qualquer momento.

— Será que podemos pular direto para a parte em que você me explica o que está acontecendo?

A garçonete da cafeteria se aproximou de nossa mesa, ficando visivelmente impressionada com o homem. Reprimi a vontade de revirar os olhos para ela e observei enquanto Marcos pedia um café forte e sem açúcar, para ele, e um café com creme, para mim.

— Marcos? Qual é o motivo dessa conversa? — insisti, fazendo-o erguer o olhar para mim pela primeira vez desde que nos sentamos.

Como se me avaliasse, ele falou:

— Estive com o Sr. Peixoto na noite passada, Rachel. — Tive um pressentimento ruim com suas palavras. — E, lamentavelmente, descobri que a permanência do seu pai aqui será por pouco tempo, assim que a equipe administrativa encontrar uma vaga para ele em algum leito de hospital público, a transferência será feita.

No fundo eu já imaginava que isso iria acontecer, eu mal conseguia pagar pela internação do meu pai, que dirá pelo tratamento que ele fazia. *Eu só imaginei que teria mais tempo.*

— Por que é você quem está me dizendo isso? — Minha voz saiu fraca. — Você não tem nada a ver com esse assunto, a não ser que... — Não! Ele não seria cruel a esse ponto, ou seria? — Me

diga que você não tem nada a ver com a decisão do Sr. Peixoto, Marcos! Eu juro que...

Eu estava alterada, nervosa. Prestes a ter um surto aqui na frente de todos os pacientes e enfermeiros.

— Eu juro que não vou te perdoar se você fez isso de propósito, está me escutando?

— Eu sou capaz de muitas coisas, Rachel, mas nunca empurraria um homem que já está à beira do precipício.

Boquiaberta, eu o encarei com ódio. O Dr. Alexandre sempre me pedia para ter esperança, mas nunca mentiu para mim a respeito da situação do meu paizinho. Eu sabia que o estava perdendo, mas, mesmo assim... as palavras que saíram da boca do Marcos tiveram um efeito devastador dentro de mim.

— Como você consegue ser tão cruel? — falei abalada. — É a vida do meu pai que estamos discutindo aqui, a única pessoa que eu tenho nesse mundo, Marcos! E você fala como se... como se o fato de ele estar morrendo não tivesse nenhuma importância.

Demorei a entender o que Marcos estava fazendo, até que ele retirou um envelope de dentro do terno e o colocou na mesa. Ele olhou para mim e eu olhei para o papel. Confusa.

— Abra! — Fiz o que ele pediu e meu queixo caiu em descrença ao ver que dentro do envelope havia um cheque com um valor exorbitante.

— O que... significa isso?

— Você realmente não sabe?

O cheque sobre a mesa conseguiria não só quitar a dívida que eu tinha com o hospital, como também garantir que meu pai tivesse seus últimos meses de vida com todo o conforto e cuidado que merecia. Fitei o papel, tentando entender que jogo era esse que Marcos estava fazendo comigo. *O que ele pretendia?*

Do outro lado da mesa, ele continuou a me encarar. Desta vez, com uma expressão indecifrável no rosto. Meus instintos diziam para que eu não confiasse nele de novo, e era isso que eu iria fazer.

— Não posso aceitar seu dinheiro. — Permitir que ele pagasse a minha dívida me faria perder todo o respeito que tinha por mim mesma. — Eu não teria como pagar esse valor de volta nem se trabalhasse a vida inteira para você, Marcos. Então esqueça.

— Não é o seu trabalho que quero em troca Rachel.

— *O quê?* — perguntei em choque.

— Nós dois temos assuntos inacabados, e eu estou mais do que disposto a saldar suas dívidas e a cuidar do seu pai. Desde, é claro, que você volte para a minha cama.

A minha cama... o idiota arrogante não era sequer capaz de dizer que me queria de volta *em sua vida*. Se a proposta já não fosse ultrajante o suficiente, ele ainda precisava me humilhar dessa maneira. Enojada, eu coloquei lentamente a xícara de café sobre a mesa, lutando contra a vontade de jogar o líquido quente na sua cara, e me levantei, fazendo com que ele imitasse meu gesto de maneira ameaçadora

— Acho melhor que volte a se sentar, porque essa conversa ainda não terminou — disse entre dentes, como um aviso.

— Acho que terminou, sim! Você disse tudo o que tinha para dizer, e eu já o escutei por toda uma vida! — Engoli a decepção que sentia, não conseguindo aceitar que esse homem era o mesmo a quem entreguei meu corpo e coração. — Agora, me faça um enorme favor, Sr. Montenegro, e vá para o inferno. Você e essa sua maldita arrogância!

Não fazia a menor ideia de como me mantive de pé, já que minhas pernas tremiam mais a cada passo que eu dava para longe do Marcos. Havia um buraco dentro do meu peito, uma dor que parecia não ter fim. Se ele ao menos soubesse como foi difícil recusar a sua proposta...

Merda! Meu paizinho precisava daquele dinheiro, ele merecia o meu sacrifício, mas... eu não sei se suportaria passar por aquele inferno de novo. Só de pensar em ter que aguentar calada todo aquele estardalhaço que a mídia fazia a respeito dele e da Srta. Vilela, meu coração ficava pequenininho.

Eu suportei tempo demais aquela situação. Mantive comigo a esperança de que Marcos se importava comigo, de que o que tínhamos estava acima de tudo, até mesmo do casinho que ele tinha com aquela mulher. Cheguei até a pensar que entre a gente houvesse confiança, mas depois da facilidade com que o homem se virou contra mim e me acusou injustamente, eu me dei conta de que nunca estive nem perto de arranhar sua fachada impenetrável.

Só voltei a respirar quando coloquei meus pés na rua, dando graças a Deus por não encontrar nenhum rastro dele ou de qualquer um dos seus seguranças. Sentindo-me esgotada, eu encarei meu reflexo por alguns instantes através do vidro de um carro estacionado em frente ao hospital. Eu estava uma verdadeira bagunça, longe de ser a mulher que Marcos exigiu que eu fosse. Acho até mesmo que eu parecia mais uma garota assustada do que uma mulher, nesse momento.

Não havia brilho nos meus olhos azuis, não havia maquiagem nem saltos e roupas de grife. Meu cabelo cacheado estava solto, caindo pelas minhas costas, completamente desalinhados por causa da maneira como Marcos os havia puxado dentro daquele elevador.

Sabendo que não iria aguentar ir para casa agora, eu caminhei sem rumo, assistindo e escutando as pessoas passarem por mim pelas calçadas como um borrão. Em algum momento, eu senti as lágrimas que tanto segurei começarem a cair pelo meu rosto, a vontade que sentia era a de me encolher em algum cantinho e chorar até que a mágoa e a raiva desaparecessem. Eu estava por um fio, mas sabia que não poderia me deixar abalar.

Não quando eu precisava manter-me forte pelo meu paizinho.

Capítulo 3

RACHEL

Consciente do olhar do José me seguindo por toda a lanchonete, eu aproveitei que estava em meu horário de almoço e saí do seu radar. Indo para o banco que ficava em frente ao estabelecimento, e ao lado do ponto onde o ônibus costumavam passar. Foi só depois de muita insistência que consegui convencê-lo a me deixar pelo menos concluir o mês. Meu salário não chegava nem a um terço do que eu recebia como assistente executiva do Marcos, na Montenegro, mas era com ele que eu sobreviveria até arranjar outro emprego.

Meu único alívio era que agora eu não precisava mais fugir ou me esconder. Marcos já havia me encontrado, dito tudo o que precisava, e eu poderia seguir com minha vida, fingindo que ele nunca existiu. A expectativa de um novo recomeço era tamanha, que eu já podia me imaginar trabalhando dentro de um escritório novamente, fazendo aquilo para o que fui preparada e usando meu cérebro para algo além de servir mesas.

Voltando ao José... o homem até chegou a protestar. Afirmou que meu *amigo* não gostaria de me ver trabalhando com ele de novo e que não queria arranjar problemas. Com muito custo, eu consegui convencê-lo de que não havia a menor chance de meu amigo descobrir, que o Sr. Montenegro havia saído da cidade e, mais ainda. Saído da minha vida. Desde então, a maneira como o infeliz olhava para mim me causava arrepios. Será que por acaso ele pensava que eu era... aquele tipo de mulher? A possibilidade me causou repulsa, fazendo-me questionar o que exatamente eu tinha feito com a minha vida.

Talvez eu estivesse sendo crítica demais comigo mesma, me cobrando uma maturidade que não possuía, pelo menos não quando se tratava dos meus sentimentos. Meu maior erro foi ter enxergado Marcos como meu salvador, meu porto seguro. Alguém que cuidaria de mim no final do dia, que me protegeria das incertezas e rasteiras da vida. Eu era uma garota de apenas 22 anos quando começamos a nos envolver, ainda acreditava em finais felizes. Então, sim, eu entreguei o controle da minha vida a ele e o deixei me moldar, me possuir... ditar suas regras.

Eu entreguei ao Marcos cada pedacinho de mim. Como eu poderia ter previsto que iria sair tão devastada e vazia no final?

Os carros passando pela rua à minha frente foram uma distração bem-vinda enquanto eu

mastigava o meu sanduíche. Tentando empurrar o máximo de comida que conseguisse para dentro do meu estômago. Algumas pessoas, principalmente os homens, me encaravam fixamente. Não entendia como eu ainda conseguia causar algum interesse no sexo oposto, porque eu sabia o que eles enxergavam agora ao olhar para mim. Meu cabelo cacheado estava domado em um coque e havia duas pequenas manchas escuras ao redor dos meus olhos. Desde a visita do Marcos na semana passada, eu já não sabia o que era dormir. Meu sono quase sempre era interrompido pelas lembranças luxuriosas de nós dois...

Perdi a fome ao pensar sobre isso e em um primeiro momento dei graças a Deus quando meu celular tocou. O alívio não durou muito, porque logo em seguida eu lembrei que as únicas pessoas que tinham o meu número era o meu chefe e a equipe médica do hospital. Com o aparelho na mão, eu olhei para o visor e sem nem mesmo anteder, já sabia que algo havia acontecido com meu paizinho. Alexandre e eu éramos próximos, mas até então ele nunca havia me telefonado.

— O que aconteceu, Alexandre? — perguntei nervosa, o corpo todo em alerta.

— Não fique nervosa, Rachel, mas eu preciso que venha ao hospital...

— Meu pai, ele... ele...

— Seu pai teve algumas complicações nas últimas horas, querida, ele está vivo, mas eu preciso de você aqui o quanto antes.

Por quê? Não pude deixar de me perguntar, será que ele estava morrendo?

— Rachel, está me escutando?

— S-sim, eu, eu só estou com medo, Alex.

— Onde você está? Eu posso ir te pegar, se não estiver em condições de vir até aqui sozinha.

— Eu... estou bem. Vou apenas falar com meu patrão e em meia-hora chego aí. Só, por favor, não deixe que nada aconteça com ele.

Os minutos que levei até o hospital foram os mais longos da minha vida. As lembranças, por mais que tentasse afastá-las, me esmagaram completamente. Papai e eu superamos juntos a ausência da minha mãe, nós aprendemos a contar apenas um com o outro. Eu cresci o escutando dizer que algum dia ele seria capaz de nos dar uma vida melhor, no fundo meu pai se sentia culpado por eu ter tido que correr atrás de bolsas estudantis e bicos temporários para ajudar nas despesas da casa quando ainda era adolescente. O que o Sr. Vidal pareceu nunca entender era que nós éramos um time, e eu sempre o ajudaria.

Cheguei ao hospital minutos depois e deixei para o taxista as únicas notas que havia dentro da minha carteira. Esse era o meu último dinheiro vivo, eu só receberia meu próximo salário em duas semanas e não queria nem imaginar como faria para conseguir passar os próximos dias...

Sério, como pude chegar tão fundo?

Como pensar nisso não iria resolver o problema, eu empurrei o assunto para o fundo da minha mente. Nervosa, percorri os corredores do setor de emergência em busca de informação, mas ninguém parecia saber onde raios haviam enfiado meu paizinho. Quando já estava prestes a surtar, eu esbarrei em uma das assistentes do Dr. Otto, que me levou até onde ele estava.

Conforme me aproximava, notei que Alexandre conversava com outro médico. Sua postura era rígida, diferente da que ele costumava apresentar. Os braços estavam cruzados em frente ao corpo, e o semblante em seu rosto exalava preocupação. Ao notar minha presença, Alex se desculpou com o amigo e pediu que eu o acompanhasse até a sua sala, explicando-me no caminho o que havia ocorrido. Escutá-lo falar sobre o estado de meu pai drenou toda e qualquer força que eu possuía.

— Seu pai precisa passar por uma cirurgia, Rachel, e a administração do hospital está receosa em liberá-la. Os custos são altos e, em decorrer da sua situação... — Desviei meus olhos, envergonhada. — Eu te aconselharia a procurar por um advogado, o único problema é que mesmo que você entre na justiça e consiga uma ordem judicial que obrigue o hospital a realizar o procedimento, todo o processo levaria um tempo que... seu pai não tem. — Acho que se não estivesse sentada, esse seria o momento em que eu desabaria com toda certeza. — As complicações que surgiram nessa madrugada pegaram a todos de surpresa, querida, e não vou mentir. Os tratamentos já não surtem mais efeito, nós não estamos conseguindo controlar o avanço da doença...

— Mas por que agora? Eu não entendo, ele parecia bem ontem...

— Pacientes com câncer no pulmão tendem a ter problemas respiratórios em algum momento do tratamento, Rachel. E nessa madrugada ele apresentou febre alta e hemoptise, que é uma tosse com a presença de sangue. A situação piorou no decorrer das horas e tivemos que entubá-lo...

— Ah, meu Deus! — Tapei a boca, que ficou boquiaberta com o choque.

Sentindo meu desespero, Alexandre deu a volta em sua mesa e se sentou ao meu lado, em uma das poltronas. Puxando-me para os seus braços e me oferecendo conforto. Naquele instante, eu não me preocupei com o quão antiprofissional o seu gesto poderia parecer para as pessoas de fora. Alex era meu amigo, eu sentia um enorme carinho por ele e precisava disso. Precisava de alguém para me segurar enquanto desabava.

— Nós... — ele pareceu receoso em continuar. — Nós estudamos o caso essa manhã, e toda minha equipe chegou à conclusão de que a cirurgia é o único meio que temos para garantir que seu pai tenha um restante de vida sem fortes dores ou complicações significativas. A outra possibilidade seria a de aumentarmos as doses dos medicamentos, eliminar toda a dor e incômodo que ele estivesse sentindo. Talvez até mesmo colocá-lo em sedação absoluta, porém...

— Não! — praticamente gritei. — Eu ainda não estou pronta para perder o meu pai, Alexandre. Ainda não. — Os braços ao meu redor envolveram-me com mais afinco, e eu deixei que as lágrimas caíssem, molhando o jaleco branco enquanto tremia inteira. — O que faço agora? Eu não tenho como pagar por essa cirurgia...

— Juro para você, querida, que se houvesse qualquer coisa que pudesse fazer para te ajudar, eu faria.

Alexandre não precisava dizer nada disso, ele já havia feito muito por nós dois. Acho, inclusive, que era por causa dele que a administração adiou por tanto tempo a decisão de transferir meu pai para algum hospital público. Eu o admirava por escolher a nossa batalha e lutar pela gente, principalmente porque em nenhum momento ele se gabou do bem que nos fez. Havia tanta compaixão dentro daqueles olhos que, às vezes, eu tinha a estranha sensação de que Alexandre desejava salvar bem mais do que o meu pai. Eu desconfiava que, de alguma maneira, ele pensava que eu também precisava ser salva.

— Eu sinto muito, Rachel, sinto de verdade. — A voz carinhosa soou como um bálsamo em meio a notícia ruim.

Acho que se houvessem anjos nesse mundo, Alexandre seria um deles. Seria o meu anjo.

A paz que senti estando em seus braços fez-me lembrar de um certo garoto que conheci há alguns anos. De todo o carinho e atenção que esse garoto me deu no único verão em que ficamos juntos. Por muito tempo eu pensei que, se não fosse pela Mariana, Guilherme e eu teríamos sido felizes. Que ele teria cuidado de mim. Mas conforme o tempo passou, eu percebi que a intrusa naquela história era eu, e não a minha amiga.

Hoje eu já não me sentia ressentida pela maneira como Guilherme e eu nos separamos. Eu o adorava, assim como adorava a Mari. Além disso, qualquer um podia ver que os dois se amavam. Confusa com o caminho dos meus pensamentos, eu funguei na camisa do Alexandre ao perceber o quanto desejava ter o mesmo para mim. O mesmo apoio incondicional e, principalmente, o mesmo amor.

Sentindo-me uma boba por pensar sobre isso enquanto meu pai sofria em uma cama de hospital, eu ergui meu rosto, afastando-me dos braços do Alexandre, e limpei os últimos resquícios de minhas lágrimas. O olhar preocupado que encontrei em Alex me inquietou a ponto de fazer-me sentir culpada. A última coisa que precisava agora era desse tipo de complicação na minha vida. Era doloroso admitir, mas eu sabia que não estava livre. Não inteiramente.

A imagem assustadora do Marcos surgiu em minha mente como um lembrete... e tudo se encaixou. Ele era o único que poderia me ajudar. Odiei que essa fosse a única esperança à qual poderia me agarrar nesse momento, mas, para salvar o meu pai, eu engoliria meu orgulho. Só me restava saber se ele ainda estaria disposto *a me ajudar*...

Depois do dia em que rechacei a ele e ao seu dinheiro, eu não o tinha visto novamente. Marcos não era um homem de aceitar insultos e ser mandado à merda em meio a uma cafeteria lotada deve tê-lo deixado furioso. Merda! E se eu tivesse arruinado a única chance de conseguir ajuda para o meu pai?

Ódio ferveu dentro de mim. Era isso que Marcos queria desde o princípio, me ver rastejando de volta. Implorando por sua ajuda. Eu podia até mesmo imaginar seu sorriso arrogante.

— Em quanto tempo você acha que meu pai poderá ser operado se eu conseguir esse dinheiro, Alexandre? — perguntei de repente, querendo garantias.

— Em no máximo 48 horas. Mas, Rachel, eu sei o quanto você se preocupa com seu pai, mas não tome nenhuma atitude precipitada, por favor. Eu te conheço há poucas semanas, mas eu me importo o suficiente com você para me preocupar.

— Meu pai é tudo que eu tenho — afirmei. — Eu não posso cruzar os braços e permitir que algo aconteça com ele... não quando sei que tenho outra alternativa.

Não expliquei a ele qual era a minha outra alternativa, não queria que Alexandre pensasse menos de mim pelo que eu teria que fazer para conseguir esse dinheiro.

— Você sabe que pode contar comigo, não é? — disse, como se soubesse que eu estava prestes a cometer um erro. *Um enorme e irrevogável erro.*

— Eu sei, Alexandre.

Infelizmente, o apoio que ele oferecia não era capaz de saldar a minha dívida com o hospital, muito menos pagar pela cirurgia. O único que poderia fazer isso por mim, era o homem de quem desejava continuar fugindo.

MARCOS

— *Titio!*

Um pequeno pedacinho de gente, mais conhecido como minha sobrinha, abriu a porta do meu escritório e correu em direção aos meus braços, interrompendo a conversa que estava tendo, até então, com a Isadora.

— O que está fazendo aqui, pequena?

— Eu vim te ver, ué. *Tava* com saudade. — Ela pulou em meu colo, fazendo com que Isadora reagisse mal-humorada. Nós dois estivemos nessa sala durante toda a manhã, presos em uma reunião sobre o planejamento estratégico desse semestre.

— Onde está sua mãe, garota? — Isa perguntou de maneira rígida, nem um pouco afetada pela sobrinha. — Será que ela não te ensinou que é errado entrar nos lugares sem autorização?

— Eu fugi da minha mamãe, titia. — Sofia sorriu para ela ao dizer, ignorando completamente o humor intratável da minha irmã.

A verdade era que Sofia, com toda sua inocência, não era capaz de entender que a tia a desprezava. Mariana escolheu esse momento para entrar no escritório e pedir desculpas pela intromissão da filha.

— Sofia soltou a minha mão assim que saiu do elevador, eu não consegui correr atrás dela, me desculpem.

A intromissão das duas não estava exatamente me incomodando, eu sabia que Mariana havia tirado a manhã para ir à sua primeira ultrassonografia e já imaginava que ela traria Sofia para a Montenegro em seguida.

Com minha irmã ocupada com os preparativos do casamento, previsto para acontecer em dois meses, ela e a filha viviam correndo de um lado ao outro, entre a cidade e o haras. Assim que a notícia se espalhou, chegando a jornais e em nosso círculo social, Mariana fez questão de esclarecer que não queria alvoroço em sua cerimônia, que apenas amigos mais íntimos da família seriam convidados e que o casamento seria realizado no haras. Que, para a minha surpresa, muito em breve, se tornaria o lar dela e o de minha sobrinha.

— Não tem problema, Mariana, Sofia nunca atrapalha.

— Viu, mamãe? Meu titio sabe que eu sou boazinha.

Sofia encostou a cabeça em meu ombro e continuou a olhar a tia com um sorriso enorme no rosto.

— Sim, seu tio fala isso porque ele não fica com você 24 horas por dia, Soff — Mariana murmurou parecendo exausta.

— Como foi a consulta? — perguntei, ciente da expressão desgostosa no rosto da Isadora, que desde a entrada da irmã parecia não ter movido um músculo.

— Ah, titio! — Sofia se adiantou. — A gente conheceu o *bolinho* da mamãe. Ele é desse tamanho, olha... — Ela juntou os dedinhos e estendeu a mão para que eu pudesse ver.

— *Bolinho*? — questionei confuso.

— Ela acha que o bebê se parece com um bolinho — Mariana respondeu.

— Mas o médico da minha mamãe disse que ele vai crescer, titio, e não vai ser mais um *bolinho*.

— Inacreditável... — Isadora começou a falar, mas eu a encarei com um aviso estampado em meu semblante, não dando margem para que ela se achesse a dizer algo inadequado ou amargo na frente da sobrinha.

Percebendo o clima tenso, Mariana pediu desculpas mais uma vez e disse que voltaria assim que minha reunião terminasse, saindo tranquila do escritório com Sofia ao seu lado.

— Não entendo como pode dar tanta liberdade a essa garota. Ela é...

— Sua sobrinha, filha da sua irmã.

— Meia-irmã.

— Isso realmente faz diferença, Isadora? Que ela seja só sua meia-irmã?

Ignorando a pergunta, Isadora se moveu desconfortável na poltrona e voltou a assumir sua expressão profissional. Em poucos segundos, ela trouxe à tona novamente as alterações que havia feito para o plano de marketing que iria ser implementado na Europa dentro de alguns meses. Já há algum tempo que ela vinha trabalhando nesse projeto, sua mente, ao que parece, havia voltado cheia de ideias depois de sua viagem, e eu tinha que concordar que elas eram todas excelentes.

Sua proposta girava em torno de uma abordagem mais agressiva no mercado europeu, isso nos daria espaço para competir com todas as marcas de vinho já consagradas na região. Nós tínhamos um mercado seguro e estável na América Latina, e o trabalho que fazíamos junto à mídia, atualmente, era

apenas de reforço de imagem na mente dos consumidores. O que suscitava um bom retorno já que, de acordo com as planilhas de crescimento, as vendas haviam triplicado nos últimos cinco anos.

Isadora continuou a explicar as decisões que tomou em conjunto com o Oliver, o diretor financeiro da Montenegro, até porque, investir em uma publicidade *agressiva* geraria um aumento nos custos da empresa, e era ele o único responsável por aprovar as decisões envolvendo o caixa da Montenegro. Ela ainda me contou a respeito de alguns contatos que fez durante sua viagem, salientando a necessidade que tínhamos de oferecer um evento de lançamento em cada país para qual fôssemos exportar.

Dei meu aval para que organizasse o que achasse necessário, eu confiava no tino dela para os negócios. Isadora tinha a mente aguçada, era esperta e sabia se virar no mundo corporativo melhor do que qualquer outra mulher que conheci em minha vida. Outro ponto em que ela e Mariana eram diferentes.

Minha irmã caçula também era esperta, mas quase sempre se rendia às emoções. Confesso que isso até agora jogou bastante a seu favor, ela tomava boas decisões e sua equipe parecia gostar dela. O que não acontecia com a Isadora.

— Marcos? — Isa chamou, fazendo-me dar conta da minha distração.

— Sim?

— Eu perguntei se você irá ao jantar beneficente que a esposa do governador está organizando. Nós recebemos os convites há duas semanas e você ainda não confirmou. Sei a quantas anda o seu humor. — Ela não mediu as palavras. — Mas seria uma desfeita terrível não comparecer ao evento, além disso, depois de todos os escândalos envolvendo nossa família, nós temos a obrigação de mostrar que estamos bem.

— E nós estamos bem, Isadora? — Inclinei-me para frente e a questioneei. Seu estado emocional era um fato que ainda me preocupava, principalmente porque ela vinha usando o trabalho como válvula de escape, e isso não era bom.

— Eu estou — respondeu séria. — Tanto que não quero que as pessoas continuem especulando a nosso respeito.

— Isso é algo que nunca vai parar, Isa, você sabe disso, não sabe? Foi assim com nossos avós, foi assim com nossos pais, será assim com a gente e com os nossos filhos. O que nós temos que impedir que aconteça é que a Montenegro continue sendo ligada aos nossos assuntos pessoais.

— Não é para mim que você tem que dizer isso, Marcos — falou na defensiva.

— Nesse momento, eu me sinto na obrigação de dizer isso a você, *sim*. Já tive a mesma conversa com a Mariana e agora terei com você. Eu permiti que se envolvesse com o Henrique, errei no meu julgamento e acabei abrindo uma brecha dentro da nossa empresa. Mas isso não voltará a acontecer. — Ela me olhou confusa. — Quero que tome bastante cuidado com o tipo de relação que tem alimentado com o Oliver, Isadora, porque se eu descobrir que algo mais está acontecendo, ele estará fora, entendeu? — Minha irmã ficou lívida, se é que era possível ela ficar mais pálida do que já era normalmente.

— Isso é um absurdo!

— Se você pensar um pouco verá que não é tão absurdo assim. Agora, quanto à festa, não quero que se preocupe, porque pedi que confirmassem a minha presença essa manhã.

— Quem será sua acompanhante? — perguntou preocupada.

— Isso faz alguma diferença? O que importa é que eu estarei lá, assim como você.

— Importa se você estiver pensando em ir acompanhado daquela mulherzinha... — Ela estava se referindo a Rachel, com toda a certeza.

— Acho que nós terminamos por aqui, Isadora. — Fui sucinto ao dispensá-la.

Nossa reunião havia terminado de qualquer maneira, e o que não faltavam eram planilhas para analisar sobre a minha mesa. Infelizmente, ficar sozinho não facilitou o trabalho. Eu não vinha conseguindo me concentrar muito bem nos últimos dias, Rachel ocupava grande parte dos meus pensamentos, como uma pedra bem no meio do caminho.

A imagem da minha ratinha usando aquele vestido encharcado foi empurrada para longe com a entrada abrupta de uma das secretárias da recepção.

— Sinto muito interrompê-lo, Sr. Montenegro, mas a Srta. Vidal está na linha um querendo falar com o senhor. Essa é a terceira vez que ela liga... — a secretária explicou receosa, temendo ser chamada a atenção por não ter transferido a ligação mais cedo.

Rachel telefonando só poderia significar duas coisas: ou ela finalmente se cansou da vida miserável que levava longe dos meus *cuidados*... ou alguma coisa havia acontecido a seu pai.

— Eu transfiro a ligação?

Sacudi a cabeça, determinado a ser o único a ter o controle da situação.

— Diga que eu ainda estou em reunião, Marlene, e que retorno mais tarde.

— Senhor... ela parece desesperada.

— Reunião, Marlene. Para ela eu ainda estou em reunião — falei, e pela primeira vez em dias senti a tensão abandonar o meu corpo.

Esperei estar sozinho para pegar meu celular e discar o número direto do Sr. Peixoto. Antes de tomar qualquer decisão a respeito desse telefonema, eu precisava descobrir qual era a motivação da minha ratinha...

RACHEL

Inclinei-me para frente e tapei meus olhos com as duas mãos. Já eram quase 22h da noite, cansaço era tudo o que meu corpo sentia, e a cada minuto que passava a esperança de que Marcos pudesse me ligar de volta diminuía. Pelo visto, o Sr. Arrogante não iria me perdoar por tê-lo mandado para o inferno. Merda! Eu estava há horas sentada dentro desse hospital, esperando e rezando para que algum milagre acontecesse.

Alexandre falou que estar aqui todo esse tempo não era necessário, que o mais aconselhável seria ir para casa, descansar e voltar no dia seguinte. Mas eu não queria me afastar do meu paizinho, sentada aqui, nesse corredor frio e silencioso, eu me sentia próxima dele.

Exausta demais para sequer levantar a cabeça, eu permaneci imóvel ao escutar passos de alguém se aproximando do banco em que estava.

— Não acredito que ainda esteja aqui, Rachel. — Ergui meu olhar, só para encontrar Alexandre com uma expressão séria em seu rosto. — Você pelo menos comeu alguma coisa depois que nós almoçamos? — perguntou, sentando-se ao meu lado.

O cheiro do seu sabonete tomou conta do lugar, Alex parecia fresco, como se tivesse acabado de sair do banho. O cabelo negro estava jogado para trás e o pequeno cavanhaque que ele exibia essa manhã já não estava mais em seu rosto. Eu nunca ousei perguntar, mas acho que Alexandre não deveria ter mais do que 30 anos. O que era uma surpresa, porque ele comandava o setor de oncologia há bastante tempo. Porém, foi só há algumas semanas, quando assumiu diretamente o caso do meu pai, que eu fui realmente conhecê-lo. Antes, o Dr. Otto era apenas mais um dos tantos médicos e enfermeiros da equipe que tratavam do meu pai.

— Eu... não acho que consiga comer qualquer coisa agora, Alex. — Eu só havia cedido ao

almoço que ele ofereceu essa manhã porque não queria deixá-lo preocupado.

— Rachel, me escute — Alexandre chamou minha atenção e passou o braço pelo meu ombro. Não havia mais ninguém no corredor e acho que isso o tranquilizou. — Eu imagino o quão difícil deve estar sendo passar por tudo isso, mas se você se recusar a comer, vai acabar ficando doente e isso não irá ajudar em nada a situação do seu pai.

— Você... não entende, eu não sei mais o que fazer — deixei escapar, sentindo-me derrotada. A minha única esperança era o homem que, ao que parece, havia me ignorando de propósito por todo o dia.

— Você pode achar que não, mas eu entendo, querida, vejo o seu sofrimento e não suporto a ideia de que não posso te ajudar.

— Você já fez muito — respondi baixinho.

— Mas gostaria de poder fazer mais. — Alexandre afastou a franja do meu rosto, encarando-me de uma maneira intensa enquanto o polegar roçava a minha bochecha.

Seu gesto só tornava tudo mais complicado.

— Alexandre, eu...

Eu ia dizer que estava grata pela sua amizade e que, em meio a todos esses acontecimentos, ele era a melhor coisa que poderia ter me acontecido. O meu anjo da guarda. Mas não tive essa oportunidade, porque enquanto Alexandre se inclinava em minha direção, prestes a fazer uma bobagem, o som irritadiço de alguém limpando a garganta nos interrompeu. Chamando nossa atenção para o homem impecavelmente vestido no outro lado do corredor.

— Marcos... — balbuciei em um misto de nervosismo e choque.

Claro que ele tinha que aparecer agora e, provavelmente, pensar o pior sobre mim. Bastava olhar para dentro daqueles olhos, tão escuros quanto o carvão, para saber que Marcos me julgava. O maxilar forte, coberto por barba, estava cerrado. Não havia um pinga de amistosidade no homem.

Sem entender o motivo pelo qual eu parecia tão assustada, Alexandre se virou para encará-lo, e eu, por algum motivo, comecei a me sentir culpada. No fundo eu sabia que qualquer pessoa que visse a cena chegaria a conclusões precipitadas.

— Se despeça do Dr. Otto, Rachel. — Marcos exigiu, e Alex não gostou nem um pouco do tom rude com que ele falou comigo. — Agora!

— Não há necessidade de falar com ela dessa maneira, Sr. Montenegro — Alexandre

intercedeu, se levantando antes de mim e ficando frente a frente com o Marcos. E diferente da última vez em que os vi juntos, seu tom de voz já não era mais tão amigável. — Além disso, nós estávamos apenas conversando.

— Percebo agora que eu deveria ter deixado claro na última vez que nos encontramos, Dr. Otto, mas espero que entenda agora que Rachel é minha responsabilidade... em todos os sentidos.

— Marcos, pare — pedi quase em súplica. Ele estava errado de agir como se fosse a droga do meu dono.

— E ela está grata pelo apoio nada profissional que você tem lhe dado, mas eu peço, encarecidamente, que se afaste e mantenha suas mãos para você na próxima vez que pensar em tocar no que me pertence.

Alexandre olhou para mim incrédulo, esperando que eu negasse o absurdo que Marcos havia insinuado, mas percebi rápido demais que não poderia fazer isso. Não se quisesse a ajuda do idiota agindo como um homem das cavernas. *Juro, para ele ser um verdadeiro Neandertal, só faltava agarrar meu cabelo e sair me arrastando por esse maldito corredor!*

Não querendo irritar ainda mais o Marcos, eu sussurrei baixinho um pedido de desculpas ao Alexandre, movendo apenas os meus lábios para que ele pudesse lê-los. Arrependida por ter permitido que a situação chegasse a esse ponto, eu encarei os dois homens à minha frente. Ambos irritados, mas por motivos diferentes. Alexandre desejava apenas me proteger, enquanto Marcos, bem, eu tinha uma boa ideia do que ele gostaria de fazer comigo nesse momento.

— Eu não tenho tempo a perder, Rachel, levante-se logo! — grunhiu, deixando-me envergonhada na presença do Alexandre. Não havia sutileza em seu comportamento e, essa noite, Marcos parecia mais do que disposto em exibir o controle que tinha sobre mim.

Fiz o que me pediu sem protestar e me levantei, segurando com força a minha bolsa contra o peito. Esse era o único escudo que eu tinha para usar... Alexandre ainda me olhava confuso, e quando tive coragem suficiente para encará-lo de volta, eu percebi que ele parecia prestes a interferir e me impedir de seguir com o Marcos.

— Não faça nada, Alex, por favor.

MARCOS

Exigiu muito do meu autocontrole para evitar arrastar Rachel por todo o hospital até o meu

carro. Em vez de cometer essa loucura, eu a deixei caminhar com suas próprias pernas vacilantes enquanto eu, completamente fora de mim, engolia o fato de que ela esteve muito perto de permitir que aquele doutorzinho de merda a beijasse. Merda!

Meu sangue fervia ao ponto de não saber o que desejava fazer primeiro. Esganá-la até que se rendesse às minhas vontades... ou tomar aquele corpo de que eu tanto sentia falta. Era a velha batalha que eu travava com a minha mente. Eu queimava por essa mulher, mas também explodia.

E no momento eu estava mais perto de uma explosão do que de me deixar queimar. Ela veria isso.

— Que porra foi aquela, Rachel? — exigi saber, assim que pegamos a avenida em direção ao meu hotel. — Como você permitiu que aquele médico filho da puta tocasse no que é meu? Você é minha, caralho! Minha!

Rachel não se moveu ou me olhou. Seus braços estavam cruzados firmemente em frente ao corpo magro, fazendo com que os seios cheios empinassem sobre o decote do uniforme que ela, teimosamente, havia voltado a usar. Porra, acho que meu pau parecia não entender a gravidade da situação, porque ele estava duro. Dolorido contra a calça que o apertava. Soquei a merda do volante, querendo descontar em algo a raiva que sentia por desejar tanto essa infeliz.

Eu deveria odiar a Rachel por ter aceitado aquele dinheiro, deveria deixar que lidasse sozinha com a merda que era a sua vida. Mas não, em vez de usar o bom senso e mantê-la afastada, eu havia dirigido por malditas três horas com o único intuito de socorrê-la. O Sr. Peixoto havia me atualizado sobre o quadro do seu pai, a piora em seu estado de saúde, e a cirurgia de emergência que precisava ser feita...

Era apenas por causa do pai que ela havia telefonado com tanta insistência, eu esperava que fosse esse o motivo, mesmo assim, não pude deixar de sentir o golpe em meu orgulho.

— Se era para os braços dele que você queria correr, por que então me telefonou, Rachel? — insisti em pressioná-la, tentando arrancar dela alguma reação. Mas nada, Rachel permaneceu calada, fechada dentro de si mesma. O olhar vidrado nas luzes conforme eu dirigia pelas ruas em alta velocidade.

Irritado com seu silêncio, assim que chegamos à garagem do hotel, eu segurei seu queixo e a forcei a olhar em minha direção. Seus olhos azuis pareciam desesperados, Rachel estava claramente na borda, mas não foi isso que me incomodou. O que me incomodou foi a percepção de que eu havia passado dos limites com ela.

Os lábios cheios tremiam e minha ratinha lutava contra as lágrimas que se formavam, e porra! Eu odiava vê-la assim!

— Ratinha... eu sinto muito. — Tentei acariciar seu rosto, que agora estava vermelho, mas ela recuou, enojada. Raiva borbulhou dentro de mim ao lembrar que o carinho daquele médico infeliz ela não havia rejeitado!

— Você sente prazer em me ver sofrer? — Rachel perguntou de repente. — É isso, não é? Porque eu não consigo ver outra explicação para as suas atitudes, Marcos. Você não só acabou de me humilhar na frente do Alexandre, como também me fez passar a droga de um dia inteiro esperando pelo seu telefonema, tem ideia do desespero em que me deixou? Meu pai piorou, vai precisar passar por uma cirurgia de emergência... e o hospital se recusa a operá-lo...

— E você precisa de mim. Não, espera, do meu dinheiro. Foi por isso que me ligou, não foi? Porque não tinha outra escolha?

— Você é a última pessoa que pode me julgar, Marcos! Eu já perdi as contas de todo o sacrifício que o vi fazer pela sua família, então...

— Não traga a minha família para essa discussão, porra! — Isso a fez engolir em seco e balançar a cabeça, como se desistisse.

Em mais um ato ridículo de rebeldia, Rachel abriu a porta do meu *Alfa Romeo* e correu para a garagem, obrigando-me a ir atrás dela. Porra, quando essa merda iria parar?

— Aonde você pensa que vai? — perguntei a poucos metros de distância dela.

— Eu desisto! Esqueça as ligações, eu me recuso a passar por isso tudo de novo! Eu cometi um erro ao pensar que conseguiria. — A porra que ela cometeu um erro, pensei enquanto a puxava para mim.

— Não tem erro nenhum aqui, Rachel! — murmurei suave, apesar do meu nervosismo, e com um movimento ágil eu arranquei aquela maldita bolsa que ela segurava como um escudo. Era ingenuidade dela achar que um pedaço de pano velho iria protegê-la de mim.

Rachel entenderia em breve que eu havia chegado ao meu limite hoje e que não deixaria nada, absolutamente nada, ficar entre nós dois.

— Por que está fazendo isso tudo comigo?

Eu poderia tê-la respondido, dizer que era por vingança. Que mulher nenhuma havia me deixado antes, e que isso não iria acontecer agora. Poderia até mesmo dizer que eu era louco pelo

corpo gostoso que tinha sob esse trapo que ela vestia, que não via a hora de estar dentro dela novamente. Mas Rachel nunca precisou de explicações, não era assim que as coisas funcionavam entre a gente.

Sem que minha ratinha assustada tivesse tempo de reagir, eu reivindiquei sua boca e calei seu protesto com um beijo impaciente. Ela ainda tentou virar o rosto, mas sua resistência me fez segurá-la com mais força. Porra, meu corpo inteiro doía de saudade!

Empurrei sobre ela o tormento que carregava dentro de mim desde o seu desaparecimento, beijando-a com voracidade e sem a menor delicadeza. Um beijo que incendiou a nós dois. Eu queria essa mulher, não, eu precisava dessa mulher! Era isso ou acabaria perdendo a cabeça.

Minha necessidade por ela era tamanha que eu já não conseguia controlar meus anseios. Eu a queria nua, suada e faminta... totalmente aberta para mim.

— Aonde nós estamos indo? — Rachel perguntou assustada quando eu, de repente, interrompi nosso beijo e agarrei seu braço, a arrastando até o elevador privativo.

— Minha suíte... é lá que eu irei foder você.

Capítulo 4

RACHEL

Ele queria me foder?

— Você não pode estar falando sério — murmurei, sem forças para impedir que ele continuasse a me arrastar. Ultimamente eu vinha me sentindo como uma boneca de cordas, sendo manuseada sem o menor cuidado ou carinho. — Marcos, isso não vai acontecer. Eu estou falando sério, então... me solte!

— Não até que tenhamos resolvido essa merda. — Ele nem ao menos me dirigiu o olhar, o idiota arrogante se limitou a apertar o botão da cobertura e a endireitar a gravata de seda azul que havia saído do lugar durante o nosso... pequeno interlúdio.

— E você acha que vai conseguir resolver *essa merda* me fodendo? Se foi por esse motivo que me arrastou até esse maldito hotel, Marcos, você perdeu não só o juízo, como também o seu precioso tempo!

— Nós veremos, Rachel.

Meu Senhor, como podia existir alguém tão teimoso? Eu só queria saber quem convenceu esse homem de que ele deveria ter o que quisesse e na hora em que quisesse. Não era saudável pensar dessa maneira, Marcos precisava aprender a levar em consideração a vontade das outras pessoas.

— Você é um porco arrogante! — disse entre dentes, fazendo-o rir ironicamente.

— Um porco arrogante que irá pagar a sua dívida no hospital e garantir que seu pai tenha toda a assistência necessária pelo tempo que for preciso — falou, ainda com um sorriso no rosto aristocrático. — Tente mostrar um pouco de gratidão, em vez de me ofender ratinha, você é a única aqui com poder de me fazer generoso.

Marcos passou o cartão para abrir a porta de sua suíte e fez uma reverência estúpida para que eu passasse por ele. Permaneci congelada em meu lugar, o olhando cheia de raiva.

— Entre, Rachel! — O sorriso desapareceu em seu rosto ao ver que eu não entraria por bem. Ótimo, pensei, ele precisava mesmo entender que não era porque seus beijos mexiam com cada célula do meu corpo estúpido que eu iria ceder e me jogar na cova do lobo assim... tão facilmente.

Antes que sua mão envolvesse o meu braço, como previ que faria, eu me forcei a entrar na suíte, ficando impressionada com a suntuosidade do quarto. O lugar tinha o tamanho da casa em que eu morava. Havia uma sala de estar interligada ao que parecia ser um escritório. As portas duplas de madeira elegante estavam abertas, deixando à mostra a enorme cama *King Size* com dossel. Prendi a respiração ao imaginar Marcos estendido sobre os lençóis negros, as coxas firmes cobertas por pelos negros, o abdome talhado pelas horas de natação que ele praticava todas as manhãs... imaginei até mesmo o membro rijo, apontado para cima... A voz pedindo que eu o cavalgasse, que eu o engolissem inteiro.

Tapei a boca, abafando um pequeno gemido! Eu não deveria ter permitido que ele me arrastasse até essa suíte, só de estar aqui, presa nesse quarto, a minha mente já estava sucumbindo às lembranças e ao desejo. Eu tinha medo de ser incapaz de dizer *não* ao maldito.

Virei-me, disposta a sair, mas Marcos estava bem atrás de mim, observando-me fixamente.

— Nem pense! — disse em um tom rouco.

Eu o assisti, estarrecida, afrouxar o nó de sua gravata ao mesmo tempo em que vinha em minha direção. Seus olhos tornando-se ainda mais escuros enquanto ele se preparava para dar o bote.

Dei um passo atrás, ofegante e tremendo, sentindo-me intimidada pela ameaça que provinha dele. Marcos não parou, ele continuou avançando e avançando...

— Isso não vai acontecer.

Eu senti a intensidade com que ele me estudava e arregalei os olhos ao vê-lo desabotoar com maestria a sua camisa de linho azul. Minha língua pinicou com a visão do tórax nu, e eu me vi desorientada com o magnetismo sexual que emanava dele inteirinho. O homem tinha o corpo de um deus.

— Marcos, por favor... vamos conversar antes, por favor. — Eu não só implorei, como também segurei a camisa aberta em seus ombros antes que ele a retirasse por completo.

A saudade que sentia não era maior do que a raiva que nutria por ele. E com toda a confusão acontecendo ao meu redor agora, a última coisa que desejava era fazer um sexo vazio. Tirando proveito da nossa aproximação, Marcos ignorou meus suplícios e me puxou em direção ao corpo rígido. O olhar duro perigosamente fixado em mim.

— Eu preciso de você, Rachel. Não ouse me rejeitar.

Dessa vez eu não recuei quando ele tocou meu rosto, acariciando com intenso cuidado a pele

macia. Fechei os olhos ao escutar o gemido gutural escapando de sua garganta. Marcos parecia tão satisfeito com minha súbita rendição ao seu toque, que resolveu pressionar um pouco mais, forçando a ponta do polegar sobre meus lábios com o intuito de me fazer sugá-lo.

Foi a sordidez do seu gesto que me fez voltar a encará-lo. E, maldição, eu não estava nem um pouco preparada para o que encontrei. O homem encarava cheio de tesão a minha boca, o dedo indo e vindo pelos lábios. Massageando a pele sensível. Sua respiração parecia falha, acho que, no final, nós dois éramos vítimas do próprio desejo.

Mesmo afetada, o desejo do meu corpo não conseguiu vencer minha razão, que repetia todos os motivos pelos quais eu não deveria continuar.

Ele não confia em você... Ele tem outra... Ele está prestes a comprar a sua liberdade... E o mais doloroso... Ele não te ama.

Com tudo claro de novo, eu me recompus e afastei o seu dedo.

— Nós precisamos conversar — insisti.

— Depois — respondeu áspero, irritado porque repeli sua carícia.

— Pare de pensar em sexo e converse comigo, pelo amor de Deus, Marcos! Me levar para a cama e me foder como um animal não irá resolver os nossos problemas. Muito pelo contrário.

— Não há problema algum a ser resolvido, então vamos pular essa parte da conversa.

— Como não há? E quanto ao meu pai? Ele está...

— Seu pai está tendo toda a assistência que o dinheiro pode proporcionar nesse exato momento. Eu não estaria aqui tentando te seduzir se já não tivesse cuidado desse assunto!

— Quer dizer então... quê?

— Quer dizer então, sua tola, que o seu pai irá passar por essa cirurgia e continuará tendo acompanhamento dos melhores médicos do estado pelo tempo que for necessário. — Marcos foi me empurrando em direção à cama conforme falava. — Os custos com a saúde dele já não são mais um problema com o qual você deva se preocupar.

— Porque você vai custear tudo?

— Exatamente. Não era isso que você esperava conseguir ao encher a porra do saco das minhas secretárias? — Meu corpo cedeu ao chegar à beirada da cama e eu caí sentada. — Considere-se uma garota de sorte, Rachel, porque eu poderia ter tornado tudo isso bem mais difícil

para você. — Suas mãos afastaram delicadamente a minha franja do meu rosto.

— Você já está tornando... — sussurrei.

— Acho que você me conhece bem o suficiente para saber que, se eu quisesse, você estaria implorando nesse exato momento pela minha ajuda. — Ele estava certo, pensei desgostosa.

— Eu devo me sentir então uma sortuda por não ter que implorar? — Não consegui controlar meus impulsos, Marcos era a solução dos meus problemas, mas tudo ainda parecia como um pesadelo para mim. — Você está prestes a tomar o meu direito de escolha, Marcos. Isso não é a droga de sorte... isso é um inferno!

— Negue e grite o quanto quiser, ratinha. Talvez em algum momento você consiga se convencer do que está dizendo. — Levantei-me, querendo sair da cama, mas fui impedida. — Porque eu já não acredito mais em nada que sai da sua boca!

— Claro que não acredita, o poderoso e arrogante Marcos Montenegro não sabe o que é ser rejeitado, não é mesmo?

— Rachel, me escute bem. — Eu com certeza o fiz perder as estribeiras. — Não pense que porque eu te quero de volta você vai poder fazer hora com a minha cara. Eu não sou idiota, então não teste minha paciência e muito menos extrapole os limites.

— Você não quer uma mulher, Marcos. Você quer um corpo vazio. Uma otária para dizer *sim* a todas as suas vontades e assistir você tomar decisões descabidas sem soltar um pio. Só que essa mulher não sou eu, entenda isso de uma vez por todas!

— Você está enganada quanto ao que eu quero, Rachel. Mas isso já não importa, porque a tenho novamente. Quem precisa entender isso, de uma vez por todas, é você, *carinho*, não eu. — Marcos repetiu a frase de impacto e me liberou, deixando-me sem reação.

Essa era uma guerra que eu não tinha a menor possibilidade de vencer, pensei exasperada ao mesmo tempo em que deixava meu corpo cair mais uma vez sobre a cama. Meu coração bateu tão forte, tão amargurado, que uma onda de enjoo tomou conta de mim.

— Agora que estamos esclarecidos e eu já perdi o maldito tesão, seria bom se você tomasse um banho e tirasse esse uniforme nojento do corpo pela última vez.

Não demonstrei o alívio que senti ao saber que não precisaria transar com ele... agora. A ideia de ter que me entregar ao Marcos, quando a raiva ainda estava tão aflorada, me preocupava. Eu temia que quando as carícias comesçassem e o seu corpo invadisse o meu toda a minha resistência fosse por

água abaixo. *Sexo com Marcos era algo... de outro mundo, me devastava completamente.*

Lá no fundo, eu sabia que não havia força suficiente em mim nesse momento para lidar com algo assim, tão intenso.

Levantei-me com calma, disposta a tomar o *tal* banho, e passei por ele, que ainda me encarava daquele jeito ameaçador. Odiei que cada pelinho do meu corpo tivesse se arrepiado sob o seu escrutínio, por isso não olhei para trás enquanto, praticamente, corria até o banheiro. Fazendo questão de virar a chave ao passar pela porta.

Minutos depois, recém saída do banho, eu fugi do espelho, não querendo ficar cara a cara com o cansaço que encontraria estampado em meu rosto. Presa a um torpor, eu penteei meu longo cabelo, desembaraçando os cachos molhados, enquanto escutava os murmúrios do Marcos do lado de fora. Sua voz parecia calma, imperturbável, e eu logo imaginei que ele poderia estar falando com alguma de suas irmãs ao telefone. Ou então, talvez fosse ela. A bela e sofisticada ruiva com quem ele sempre era fotografado. Entorpecida, eu reprimi a raiva que sentia e me encolhi como uma covarde em um cantinho do banheiro.

Os ladrilhos brilhantes do piso não foram uma boa distração, mas eu não me dei por vencida e continuei a fitá-los até esvaziar toda a minha mente. Tornando-a vazia de todos os problemas. *Cada um deles.*

MARCOS

Encerrei a ligação com Pierla, já arrependido por ter atendido ao seu telefonema. A meu pedido, ela já havia recebido todas as informações a respeito do jantar beneficente de sábado através de uma das minhas secretárias. Tudo para poupar tempo e me livrar de ligações como essas, em que eu me via obrigado a escutar suas trivialidades. O evento em questão era em prol de um dos tantos projetos em que a primeira-dama e a minha irmã, Isadora, se envolviam. A companhia da Pierla ao meu lado se dava apenas por aparência, já que ela sabia perfeitamente quais eram os meus termos. O problema é que minha sinceridade não a impedia de tentar me seduzir enquanto sorríamos e representávamos nossos papéis em frente às câmeras. *Agora veja, que raio tenho eu a ver com a porra da cor do vestido que a mulher iria usar?*

Com o sangue ainda fervendo, por conta unicamente da Rachel, eu passei os dedos pelo meu cabelo em um gesto nervoso, que só o deixou mais bagunçado. O serviço de quarto que havia solicitado assim que ela sumiu da minha vista chegaria em breve e até agora nada de ela sair daquele

maldito banheiro.

Eu só esperava que sua teimosia essa noite não se estendesse ao ponto de ela se recusar a jantar. Não vou negar, eu estava preocupada com ela e sabia que tinha todos os motivos para estar. Rachel era como alguém à beira de um colapso, que insistia em ignorar a situação. Incomodou-me tocar nela e sentir a magreza incomum ou então olhar para aqueles lindos olhos azuis e ver o cansaço neles.

Aagitado, eu deixei o quarto, querendo dar a ela um pouco de privacidade, e me servi de uma pequena dose de *Bourbon* que havia no bar da suíte. Minutos se passaram, o seu jantar havia chegado, e ela continuava dentro daquele banheiro. Quando a paciência finalmente se esgotou, eu me aproximei para verifica-la e encontrei a porta trancada.

Ela só poderia estar de brincadeira comigo!

— Rachel, abra essa maldita porta agora! — Esperei por uma resposta que não veio e isso me deixou em alerta. — Rachel!? Abra. A. Porta!

— Não. — Eu finalmente escutei o som abafado de sua voz.

— Você quer me deixar louco, porra? — Dei um murro forte e forcei a maçaneta. — Abra agora!

— Só me dê um tempo, Marcos. Não vê que eu quero ficar sozinha? Que droga!

Dei um passo atrás, pensando no que fazer, prestes a perder a porra da minha mente. Não saber o que acontecia por trás dessa porta me deixava louco. Pensando o pior. Tudo bem que essas discussões, essas brigas bobas e sem sentido eram comuns entre a gente. Rachel sempre me desafiava, me empurrava na borda, mas agora a situação havia se invertido e era ela quem estava em seu limite.

— Ok, ratinha. — Voltei a me aproximar, era hora de tentar outra abordagem. — O seu jantar acabou de chegar, e eu realmente quero que você coma alguma coisa, entende? Então... se eu prometer sair do quarto, sei lá, desaparecer por algumas horas, você se compromete a sair daí de dentro? — Rachel demorou a responder, mas quando o fez, eu podia jurar que ela estava tão próxima da porta quanto eu estava.

— Eu... saio.

— Ótimo! — disse aliviado, sentindo como se pudesse voltar a respirar. — Então, abra essa porta, só para que eu tenha certeza de que você está bem.

— Não foi esse o combinado.

— Rachel... só me deixe ver você, porra. Eu vou sair, te prometo.

Os segundos se arrastaram, e quando ela destrancou a porta, meu coração deu um estardalhaço maldito. Eu tive que me esforçar para não gritar algum desaforo, e mais ainda para não segurá-la e tomar aquela boca atrevida até fazê-la entender que lutar comigo era inútil. Sua figura pequena, perdida dentro do roupão do hotel, chamou a minha atenção. *Será que Rachel estava nua?*

— Você já me viu, agora saia — sussurrou tentando aparentar algum controle, e pude perceber através da vermelhidão de seus olhos que ela esteve chorando.

Consciente da minha promessa, eu assenti, a contragosto, e não disse mais nada. Minha intenção era mesmo lhe dar um tempo para assimilar tudo o que havia sido dito essa noite, só antes de sair fiz questão de pegar a chave do banheiro e a chave que separava o quarto do restante da suíte e as guardei em meu bolso. Eu iria deixá-la sozinha, mas não havia a menor possibilidade que Rachel voltasse a se trancar em outro maldito cômodo longe da minha vista.

Capítulo 5

MARCOS

Tentei dar a Rachel o *tal* espaço de que ela precisava, e acabei passando parte da noite em um elegante e discreto restaurante próximo ao hotel. Aproveitei o momento de solidão e respondi a alguns e-mails que havia recebido do Oliver e do pessoal da contabilidade essa tarde. Não era como se eu tivesse tempo para estar aqui, correndo atrás da Rachel e tentando colocar algum sentido naquela cabecinha. Pelo menos não enquanto a Montenegro e a minha família sofriam por conta da turbulência dos últimos meses. O casamento que não aconteceu, a prisão do Henrique, o escândalo envolvendo o nome do meu pai e da Mariana, enfim, tudo ainda era muito recente e, infelizmente, a reputação da empresa que meus ancestrais construíram acabava sendo afetada de uma maneira ou de outra.

O que me preocupava não era a possibilidade de um declínio de vendas, até porque acontecia o contrário. O aumento nos números era significativo e com certeza gerados pela curiosidade da grande maioria dos consumidores. O que me preocupava mesmo era a imagem negativa que a Montenegro poderia fixar no mercado. Nossa vinícola era conhecida por ser uma empresa familiar séria e responsável, mas estar constantemente ligada a escândalos de cunho pessoal não era a melhor forma de continuar mantendo essa reputação.

De volta ao hotel, fui surpreendido pela penumbra em que encontrei tudo. A suíte estava silenciosa e não havia sequer uma luz acesa, o que acionou rapidamente um sinal de alerta em minha mente desconfiada. *E se Rachel tivesse escapado?*

Antes mesmo que pudesse usar a lógica para descartar o pensamento, eu abri com impaciência a porta dupla que separava o quarto do restante do cômodo, perdendo o fôlego ao me deparar com uma pequena loira miúda dormindo sobre a minha cama, como se tudo em sua vida miserável estivesse bem. Pela terceira, ou quarta vez essa noite, eu me perguntei se estava fazendo certo em obrigá-la a ficar comigo.

Cheguei até mesmo a pensar em minhas irmãs, no quão furioso eu ficaria se alguém chegasse perto de fazer o mesmo com qualquer uma delas. *Porra!* Não era como se eu me orgulhasse do que estava fazendo, isso era um tiro em meu orgulho, para falar a verdade, só que Rachel não havia me deixado outra escolha, havia?

Observando-a dormir, eu passei a mão pelo meu cabelo com impaciência, um gesto que parecia cada vez mais comum. Controlar meus impulsos não era uma coisa simples de se fazer, eu não era um homem acostumado a reprimir qualquer tipo de desejo. O que eu queria, eu tomava. Mas, desta vez, não me sentia no direito de esgueirar-me para debaixo daquele lençol e perturbar seu sono. Não com ela parecendo tão frágil.

RACHEL

Acordei em uma cama estranha na manhã seguinte e levei algum tempo para me dar conta de que não estava em meu quarto, e sim na suíte presidencial de um hotel de luxo qualquer. A porcaria era tão séria que me senti oprimida com a opulência ao meu redor. Os móveis eram sofisticados e cheios de detalhes, e os quadros com valores substancialmente altos. O banheiro era enorme, com piso de mármore escuro combinando com os pés banhados a ouro da banheira confortável. Havia tantos produtos importados sobre a pia que foi difícil até mesmo escolher qual pasta de dentes usar. O mais engraçado era que nenhum desses luxos foi capaz de me proporcionar uma boa noite de sono.

Não lembro em que momento Marcos acabou voltando para o quarto, ou como ele acabou se deitando ao meu lado. Tudo o que sabia era que depois que ele saiu, na noite passada, eu meio que me distraí com a comida que o serviço de quarto trouxe. Para a minha surpresa, o Sr. Arrogante havia pensado em tudo e pediu cada um dos meus pratos prediletos. Torta de morango, batatas fritas, rolinhos primavera. Todos à minha disposição. E, meu Senhor, eu comi tanto que, após terminar, o cansaço bateu de imediato fazendo-me apagar e só acordar há poucos minutos... com o outro lado da cama bagunçado e vazio.

Vestindo uma das camisas do Marcos, eu deslizei a porta dupla da suíte e logo percebi que estava novamente sozinha. Olhei ao redor, curiosa, um pouco cega por ainda estar sem minhas lentes de contato, e mal conseguindo enxergar a bandeja com frutas frescas e suco sobre a mesinha de centro da sala. Meu estômago roncou com a ideia de um bom café da manhã, mas antes que pudesse me dar esse pequeno prazer, corri até o banheiro para lavar meu rosto e escovar os dentes.

Prendi meus cachos em um coque desmazelado, tentando domá-los. Foram tão raras as vezes em que Marcos me viu assim, como eu realmente era, que uma pequena parte dentro de mim temeu ser rejeitada.

— *Deixe de ser boba, mulher!* — resmunguei, dando um fim à maldita insegurança, e voltei a procurar pelas lentes de contato que havia tirado na noite anterior. Bom, isso já era um começo,

pensei enquanto enxergava muito da garota que eu costumava ser.

Uma *nerdzinha* ignorada por todas as garotas ricas do colégio. A única da turma que precisava fazer bicos malucos após as aulas e a única que não podia se vangloriar de passar as férias em lugares exóticos e extravagantes. Eu não tinha o dinheiro a meu favor como todos os outros tinham, e posso até mesmo dizer que naquela época eu não era capaz sequer de enxergar alguma beleza em mim.

Meu cabelo era uma *coisa*, extremamente rebelde e cheio, com uma cor que me lembrava palha. Meus óculos eram tão sem graça quanto poderiam ter sido, fazendo-me sentir como um patinho feio desajeitado. Foi tão ruim me sentir fora de lugar, que, por vezes, quase tomei a decisão de abandonar aquele colégio esnobe e aceitar o fato de que eu não me encaixava. Por sorte, uma boa parte do meu *desajuste social* naquela época deixou de existir depois que conheci Mariana, a irmã mais nova do Marcos.

A vida dela não era um mar de rosas também e nós logo nos tornamos melhores amigas. Era por isso que eu me sentia culpada por ter me afastado quando ela mais precisou de mim. Nós éramos duas crianças. Eu pensando estar apaixonada pelo seu melhor amigo, e ela, odiando o fato de que havia outra garota na vida do Guilherme. Por muito tempo eu me perguntei se as coisas teriam terminado diferentes se eu não tivesse agido feito uma criança e cortado nossa amizade após o fora descomunal que levei do Gui naquele verão, logo depois de quase entregar a ele a minha virgindade.

Levei um bom tempo para perdoar a Mariana e me perdoar por termos sido tão bobas. Nossa amizade foi retomada quando ela voltou ao país há alguns meses e eu não poderia estar mais feliz que ela e o Guilherme finalmente iriam se casar. Pelo menos era isso que cada jornal dizia.

Após desfrutar de um farto café da manhã, eu comecei a me inquietar e a andar de um lado para o outro dentro da suíte. Aparentemente, o desgraçado do Marcos não só saíra sem dizer para *onde*, como também teve o disparate de carregar com ele a minha bolsa. Que, por sinal, tinha todos os meus documentos e telefone celular dentro.

Foi assim, arisca e irritada, que ele me encontrou quando apareceu cerca de duas horas depois.

— Onde você esteve? — perguntei, alterada, e recebi como resposta um olhar intimidante. A verdade era que eu nunca tive permissão de cobrar qualquer coisa do Marcos, muito menos o direito

de pedir explicações.

— No hospital — Ele voltou sua atenção para o celular. Como se o fato de ter me deixado presa nesse quarto não significasse absolutamente nada!

— Não acredito que você não me levou! — Eu o segui enquanto ele continuava a digitar no aparelho. — Era direito meu estar lá, eu poderia ter ido ver o meu pai... Marcos, você está me escutando?

Sem paciência, ele levantou o olhar rapidamente.

— Seu pai ainda não pode receber visitas, e não, eu não acho que você tinha o direito de estar lá. Tudo o que precisava ser resolvido entre mim e o Sr. Peixoto foi resolvido. O que significa que, a partir de hoje, eu sou o único responsável pelo seu pai. — Eu deveria estar aliviada, talvez até mesmo grata, mas não conseguia. Não quando a sensação era de estar entrando em uma maldita armadilha.

Só que isso não era uma armadilha... era apenas a vida me dando uma rasteira e me empurrando para os braços do Marcos. Alguém lá em cima tinha um cruel senso de humor quando se tratava das tais *linhas tortas*.

Em silêncio, eu o assisti se afastar com a testa franzida, talvez irritado por eu não ter me ajoelhado e beijado seus pés pelo que ele tinha acabado de fazer pelo meu pai. Até abri a boca para lhe dar uma resposta à altura, mas a pequena vibração vinda da mesinha onde ele havia deixado seu celular chamou a minha atenção.

Humm...

Esperei até que a porta do banheiro fosse fechada e me aproximei devagarzinho, deixando minha curiosidade falar mais alto. Marcos não tinha costume de trocar mensagens ou e-mails, a menos que fosse por questões profissionais. Tudo dele era resolvido com ligações rápidas e ríspidas, ou então curtas mensagens que se restringiam a: "*Chegarei às 21h. Me espere na cama*" ou então "*Não me espere essa noite*".

Com o dedo indicador, eu destravei a tela do seu *iPhone* e vi que ele tinha duas mensagens não lidas. Uma da Mariana e outra da Pierla.

Meu coração saltou dentro do peito no mesmo instante, porque uma coisa era ver a *relação* deles estampada em jornais e revistas, outra muita diferente era ter a chance de espionar a interação entre os dois. Mil questões passaram pela minha cabeça enquanto eu lutava contra a vontade de ler a mensagem dela, dúvidas e inseguranças sobre o que aquela mulher poderia significar para ele. No

fim, eu me mostrei uma covarde e, em vez de clicar sobre o nome *Pierla*, eu cliquei no da Mariana, ficando em choque com o que encontrei.

"Sofia está te convidando para jantar essa noite." — Mariana M.

"Estou fora da cidade, sinto muito, avise a ela para cuidar bem de você e do seu bebê enquanto isso."

Bebê? Minha amiga estava grávida?

"Algum problema? Eu não sabia que você precisaria viajar." — Mariana M.

"Nada importante, apenas um pequeno contratempo. Estarei de volta assim que possível."

"Ok, então, conversamos melhor quando voltar, o convite do jantar ainda está de pé. Sofia quer que você conheça o novo quarto dela, você sabe..."

Era isso que meu pai e eu éramos para ele? Um pequeno contratempo?

Um som abrupto atrás de mim me fez pular assustada e, com isso, quase derrubar o celular no chão. Droga, acho que eu tinha sido pega em flagrante!

Marcos e eu nos encaramos por tensos segundos, minha cabeça ainda girando com a palavra *bebê* e com o descaso com que ele tinha se referido a mim. Tudo bem que Mariana não fazia ideia de que eu era o contratempo dele, mas, enfim, isso não tornava suas palavras menos dolorosas.

— Ele vibrou e...

— E você achou que tinha permissão para atender?

— Não! — defendi-me. — Era uma mensagem e... eu acabei lendo. Só isso. — Marcos não falou nada, apenas pegou o celular da minha mão e deu uma olhada no que estive xeretando.

— De todas as coisas interessantes que você poderia olhar em meu celular, a conversa com a minha irmã foi o que mais te interessou? — Eu não sabia se ele estava sendo sarcástico ou brincalhão. Apenas dei de ombros enquanto o observava digitar algo em resposta.

Mas em resposta a quem? À sua irmã ou a *Pierla*?

— A Mariana... ela está esperando um bebê? — atrevi-me a pergunta, não cabendo em mim de tanta curiosidade.

— Não que seja da sua conta, mas, sim, ela está.

— Você até pode achar que não é da minha conta, mas Mariana é minha melhor amiga...

— É mesmo, Rachel? Então você deveria ter pensado nisso antes de ter fugido e a deixado para lidar com as consequências do erro que *você* cometeu. Por sua causa, eu tive uma irmã abandonada na igreja e a outra tendo a vida exposta em cada maldito jornal desse país! — *Uau*, o homem agora também estava me culpando pelo sofrimento das irmãs dele? — Tudo porque você aceitou aquela miséria de dinheiro e não olhou para trás. Nem sequer pensou em como as pessoas que se importavam com *você* poderiam estar preocupadas... Você simplesmente desapareceu, porra! — Marcos reagiu nervoso, enquanto tudo o que eu podia fazer era olhar para ele perplexa.

Até esse momento, eu não o tinha visto demonstrar um pingo sequer de preocupação pelo meu desaparecimento, e, agora, ele parecia tão... na defensiva.

— Marcos...

— Esqueça, Rachel! Esse assunto acaba aqui.

Engoli em seco, descartando a ideia de que *ele* poderia ser a pessoa que se importava comigo e me concentrei em assimilar tudo o que Marcos havia acabado de jogar na minha cara. Era verdade que eu havia fugido sem olhar para trás, e que realmente tentei ficar alheia a tudo o que aconteceu com ele e sua família nesse meio tempo, mas, veja, eu trabalhava em uma lanchonete, e o que as pessoas mais esqueciam nas mesas eram jornais.

Por isso eu sabia a respeito do escândalo que se deu quando Isadora foi abandonada na igreja e sabia a respeito da ilegitimidade da Mariana. Era impossível não ver a foto da minha melhor amiga estampada em capas de periódicos a cada esquina que passava. *Eu só não imaginei que levaria a culpa por tudo isso também.*

MARCOS

— Você está perfeita! — murmurei, a voz saindo mais rouca do que pretendia. Rachel estava no meu campo de visão usando um dos tantos vestidos que eu havia comprado para ela essa tarde, mesmo sob seus irritantes protestos.

A ideia de tê-la andando ao meu lado com suas vestes simples, jeans e camisetas largas, não me agradava nem um pouco. Sempre gastei um bom dinheiro presenteando Rachel, e um dos meus

caprichos favoritos era vê-la caminhando ao redor do meu escritório com uma daquelas saias justas que lhe apertavam inteirinha. Saber então que as *lingeries* por baixo de todas aquelas roupas formais tinham sido minha escolha mantinha-me na borda.

— Será que agora nós podemos ir até o hospital? — perguntou ainda nervosa, porque eu a tinha obrigado a se vestir conforme o meu gosto.

Sinceramente, estava ficando difícil entender essa mulher, eu a tinha mimado de várias maneiras diferentes essa tarde e, mesmo assim, ela continuava agindo com toda essa frieza e ingratidão. O que era uma merda, porque eu não tinha a menor paciência para esse tipo de birra.

— Talvez, quem sabe se você for boazinha — provoquei e deixei que meus olhos percorressem seus pés, do alto dos saltos *foda-me* até suas deliciosas pernas coladas dentro do elegante vestido.

— Você é um...

— Não se atreva a me chamar de porco arrogante de novo, Rachel — estalei nervoso e a puxei pela mão, trazendo seu corpo até a poltrona em que eu estava sentado.

Rachel caiu sobre o meu pau quando ela se sentou desajeitada em meu colo, e eu acompanhei fascinado o momento em que sua garganta fez aquele rápido movimento. Quando ela obviamente engoliu em seco, arregalando aqueles profundos olhos azuis para mim.

Aproveitei o momento para admirá-la mais de perto, a boca em formato de coração estava coberta por um *gloss* suave, deixando-a mais suculenta. O cabelo escorrido e alinhado, deixando-a com uma imagem impecável. Do jeito que eu apreciava.

Pensei na *lingerie* bordô que havia escolhido e que Rachel deveria estar usando agora. A pele alva, quase pálida, faria um contraste delicioso sob a renda. O pensamento foi o suficiente para fazer com que meu pau latejasse contra a bunda redonda sentada em cima dele. Quando dei por mim, meus dedos já estavam apertando uma de suas coxas através da discreta fenda do vestido. Fazendo Rachel se contorcer em meu colo e abrir a boca em choque ao sentir a reação que isso causava em mim.

— Marcos.

— Nós só sairemos daqui depois que você me beijar — eu a alertei. e minha visão ficou turva de excitação ao vê-la tomar fôlego, seus seios subindo e descendo conforme ela tentava se acalmar.

— Só um... beijo?

— Quantos você quiser me dar, carinho. — Eu a senti se mexer desconfortável mais uma vez. Porra, se ela continuasse a rebolar em meu colo desse jeito, eu acabaria perdendo o meu maldito

controle.

Rachel percebeu o que estava fazendo comigo e mordeu o lábio ao escutar o gemido rouco que deixei escapar, acomodando suas pequenas mãos em meus ombros. Nós dois parecíamos respirar na mesma frequência, e eu observei como um predador a sua aproximação receosa. Ainda em dúvida, ela entreabriu os lábios cheios devagar, fechou os olhos e... me beijou.

Esse não era o primeiro beijo que dávamos desde que a reencontrei, mas, desta vez, a maneira suave com que me beijou tornou tudo diferente. Foi exatamente por esse motivo que pedi que ela tomasse a iniciativa. Rachel não estava lutando comigo ou tentando me afastar, pelo contrário, ela me deixando alucinado com a forma doce e apaixonada com que sua boca beijava a minha.

Seus lábios eram quentes e macios, e, porra, a sensação era indescritível. Ofegante, Rachel aprofundou nosso beijo e roçou com delicadeza os dedos em minha barba. Seu pequeno gesto me fez avançar sobre ela e agarrar o cabelo loiro, mantendo seu rosto colado no meu. Dando a ela o poder de fazer comigo o que bem entendesse.

Não fui o único a se perder quando o desejo ganhou força. As garras da minha ratinha também se emaranharam em meio aos fios grossos do meu cabelo, bagunçando o que eu havia arrumado há poucos minutos. Quando nos demos conta, Rachel estava praticamente derretida em meu colo. Arfando baixinho entre um beijo ardente e outro. Meu peito parecia querer explodir a qualquer momento, e levando em conta a provocação da bunda inquieta dela, eu poderia apostar que meu pau se sentia da mesma forma.

Dois meses, porra! Foram dois malditos meses em que fiquei sem essa mulher, e agora, tudo no que conseguia pensar, era em estar dentro dela. Completamente enterrado na delícia que era a sua boceta.

Ainda transtornado com o efeito que o inocente beijo causou em mim, eu respirei com dificuldade quando Rachel se afastou para recuperar o fôlego por alguns segundos. Seus olhos permaneceram fechados enquanto nos acalmávamos, nossas testas grudadas uma à outra ao passo que sua respiração fazia cócegas em minha boca. Era ridículo, mas eu queria muito descobrir o que aquela cabecinha teimosa estava pensando nesse momento. Entender por que, de repente, eu senti tanto medo do que ela poderia estar guardando para si mesma.

Não estando pronto para que o momento terminasse, eu puxei de volta o seu queixo com a intenção de começar tudo de novo...

— Não! — soltou, pegando-me de surpresa. — Eu... eu quero ver o meu pai agora, Marcos, por favor.

ISADORA

Passavam das 21h quando minhas vistas começaram a ficar embaralhadas em frente ao computador. Olhei ao redor da sala vazia, admitindo pela primeira vez que todo esse trabalho extra que eu vinha tomando nas últimas semanas era apenas porque eu não queria voltar para uma mansão igualmente solitária.

Marcos estava por lá, claro, mas na maioria das vezes sua cabeça estava tão longe que era como se eu estivesse sozinha. Ele ainda era o meu irmão, nós ainda confiávamos um no outro. Mas eu já não sentia como se fosse a sua pessoa predileta nesse mundo. Agora eu o dividia não só com a Mariana, como também com aquela pirralha chata e grudenta.

Eu até tentava evitar qualquer interação com aquelas duas, mas parecia que minha sobrinha, além de não ter limites, também adorava forçar a sua presença nos momentos mais inoportunos. O pior de tudo era aquele olhar sinistro que aquela garotinha me dava sempre que me via. Na primeira vez que ela correu para mim e disse que eu parecia uma princesa, eu revirei meus olhos e afastei suas mãos grudentas das minhas pernas. Na segunda vez, eu estava prestes a enviá-la para a sua mãe, mas Marcos interveio no último minuto e a tirou de perto de mim.

Depois disso, Sofia não voltou a se aproximar, mas permaneceu com aquele olhar que me tirava do sério.

Tensa, eu acariciei minha nuca, tentando dissipar a sensação esquisita em meu estômago. O pensamento de que aquele grosseirão estúpido estaria no estacionamento à minha espera fazia isso comigo. Havia se tornado um hábito encontrá-lo fora do seu carro, esperando por mim todas as vezes em que eu saía tarde do escritório. Meu irmão ainda achava necessário termos segurança 24 horas por dia, *apenas por precaução*, dizia ele. Henrique não era um assunto sobre o qual discutíamos, ele evitava sequer tocar no nome do infeliz na nossa frente, mas acho que toda essa atitude *precavida* tinha algo a ver com as tentativas que meu ex-noivo e seus advogados de defesa estavam fazendo para conseguir a liberdade provisória antes do julgamento.

Cansada demais para ler qualquer outra linha do contrato na tela, eu peguei minha bolsa, uma edição exclusiva da *Fendi* que havia comprado em minha temporada em Paris, e saí do meu escritório. Ciente de que era a última pessoa a deixar a empresa. *Isso vinha se tornando tão comum, ultimamente.*

Desci pelo elevador privativo, me esforçando a pensar em qualquer coisa que não naquele

homem. Redirecionei toda a minha energia para o fato de que Marcos havia deixado, outra vez, vários de seus compromissos sobre minha responsabilidade. Ele não chegou a admitir que esses seus recentes *desaparecimentos* eram por causa daquela mulherzinha interesseira. Mas eu não era idiota e podia apostar que ele a tinha encontrado. Os casos sem importância do meu irmão, normalmente, não me afetavam. Marcos era esperto o suficiente para se cuidar sozinho, mas dessa vez havia algo de diferente...

Mesmo quando não sabia a respeito do casinho ridículo entre meu irmão e a Rachel, eu já achava estranho o fato que ele contratara alguém tão inexperiente quanto ela para ser a sua assistente executiva. Por um bom tempo, a escolha dele não fez sentido para mim. Ela era humilde e *lutadora* demais para o meu gosto, e lamento dizer, mas eu nunca fui de confiar em pessoas desprovidas de dinheiro.

Para o meu desgosto, tudo veio à tona quando meu irmão, após ser duramente pressionado por mim, admitiu ter tido um caso com aquela coisinha. Se eu já não suportava a infeliz antes, depois que descobri sobre o envolvimento dos dois e sobre a história do Henrique, eu passei a odiá-la.

Marcos, por mais que tentasse, também não parecia aceitar essa situação muito bem. Eu podia ver em seus olhos que ele era incapaz de perdoar a coitada pela traição que cometeu ao escapar com uma parcela do nosso dinheiro. Por menor que ela fosse.

E era por causa desse lado irascível do meu irmão que eu não conseguia entender por que raios ele estava atrás dela de novo! O que ele pretendia com isso tudo?

Distraída, eu comecei a vasculhar minha bolsa atrás das chaves do meu carro. As portas do elevador se abriram no térreo e eu dei alguns passos curtos até bater contra uma parede sólida de músculos.

— Que merda! — gritei, sendo lançada para trás. Em um mundo povoado por mais de sete bilhões de pessoas era claro que eu tinha que viver esbarrando na mais idiota delas.

Por causa do impacto, eu segurei com força a minha bolsa ao mesmo tempo em que tinha meus braços agarrados por ele. Que foi ágil em não me deixar cair. Seu olhar ficou preso no meu por alguns instantes, e eu logo dei um passo atrás, reafirmando-me sobre minhas próprias pernas. Minha aversão ao idiota era tanta, que, para me irritar, ele não precisava sequer abrir a boca. Bastava respirar o mesmo ar que o meu.

Disposta a ignorar sua presença, assim como fiz em todas as outras noites, eu continuei a andar como se nosso *pequeno esbarrão* não significasse nada.

— Você precisa de um pouco de diversão gatinha, seguir você está ficando cansativo, para não dizer chato — o grosseirão murmurou atrás de mim, fazendo-me parar antes mesmo de chegar ao carro.

— Então não me siga! — Virei-me para ele. — Acho impossível que você seja o único homem nessa cidade capaz de fazer a minha segurança.

— Lamento informar, mas em se tratando de trabalhos difíceis... não há ninguém melhor do que eu.

— Trabalhos difíceis? — perguntei ao mesmo tempo em que me amaldiçoava por perder tempo com a conversa fiada de alguém que era pago para seguir ordens.

— Não é como se você fosse fácil, gatinha.

— Como você se atreve, seu... seu...

— Idiota? — O homem riu ao ver que estava conseguindo me deixar nervosa. — Uma noite comigo, querida, e eu garanto que você vai aprender maneiras bem mais... interessantes de se xingar um homem.

— O quê? — Ele realmente tinha... *hum...* sugerido... uma noite com ele?

Percebendo o caminho para onde estavam indo meus pensamentos, Ric, ou Ricardo, como eu havia descoberto ser o seu verdadeiro nome, sacudiu a cabeça, achando graça da minha confusão.

— Uma noite, mas não nesse sentido, gatinha. Eu posso ser bom em lidar com situações difíceis, mas ainda não perdi minha cabeça. — Ele tirou uma das mãos do bolso e a passou pelo cabelo quase inexistente, naquele segundo eu fui pega desprevenida pela visão de uma grossa aliança dourada em seu dedo esquerdo.

O grosseirão era... ele era casado?

Capítulo 6

RACHEL

A mão do Marcos se manteve em minhas costas conforme ele me guiava em direção à entrada

do restaurante onde havia feito reserva. No estado em que meu humor se encontrava, eu não estava exatamente contente por ser obrigada a estar em um lugar como este. Pelo menos, não depois da visita que fiz ao meu pai. Vê-lo entubado e ainda mais abatido, preso àquele leito na unidade de emergência, causou um nó monstruoso em minha garganta.

Marcos, por sua vez, não me permitiu ficar a sós com meu pai, e sua presença indesejada esteve ao redor durante o tempo que durou a visita. Não sei se sua intenção era se impor a mim ou ao Dr. Otto, a questão era que ele fez com que ficássemos tensos. Alexandre então nem se fala, só a maneira como me olhou, assim que cheguei ao hospital, já fez-me sentir humilhada. Ele, que sempre me viu vestida de maneira simples, pareceu incomodado ao ver a *versão Rachel* que Marcos tanto apreciava: maquiagem impecável, o cabelo escovado e liso. Saltos altos que poderiam cobrir pelo menos três salários meus naquela lanchonete.

No único momento em que Marcos nos permitiu ficar a sós, eu tentei explicar ao Alexandre o que estava acontecendo. Não queria ser vista com outros olhos, ou que ele pensasse algo sujo sobre mim. De maneira educada, porém seca, ele me chamou de Srta. Vidal e afirmou não precisar de explicações. Exigi saber o porquê do seu tratamento frio e fiquei mortificada ao descobrir que, por interferência do digníssimo Sr. Montenegro, Alex quase havia sido afastado do caso meu pai.

— *Você não se parece em nada com a garota doce que me encantou, Rachel. O que esse homem fez com você?* — Alexandre havia perguntado, pegando-me de surpresa. Ao se dar conta de que ultrapassava o limite de nossa amizade, ele se desculpou, dizendo entender que eu pertencia a outro homem. Infelizmente, a conversa foi interrompida quando Marcos se reaproximou, exigindo que eu me apressasse.

— Pare de pensar nele Rachel, ou juro que não respondo por mim. — Sua voz soou carregada de falsa civilidade, e com o braço entrelaçado ao meu, Marcos me guiou atrás do pomposo *maître*, que nos acompanhou até nossa mesa.

— O seu controle não se estende aos meus pensamentos... não importa o quão presa a você eu esteja. — disse entre dentes, dando a ele o meu melhor sorriso.

— Então você admite que era nele em quem estava pensando? — O homem rosnou em resposta, ignorando por um segundo a presença do funcionário que estendia a ele a cartela de vinhos.

Permaneci calada, recusando-me a ter essa conversa na frente de outra pessoa. Marcos notou que eu estava incomodada e, sem nem ao menos conferir as opções da noite, pediu um dos melhores vinhos da casa. Que por sinal era um *Montenegro Pinot Noir*.

— Então, Rachel? — insistiu quando o funcionário se afastou de nossa mesa.

— Sim, eu estava pensando nele — respondi seca. — E também no fato que você tentou afastá-lo do caso do meu pai sem a minha autorização! — Marcos arqueou a sobrancelha, talvez surpreso por eu saber a respeito da merda que ele vinha tentando fazer ao meu redor.

— Então ele te contou.

— Por que não deveria contar?

— Pensei que seu amigo fosse um pouco mais esperto, Rachel. Mas vejo que ter sido repreendido por mim e pelo Sr. Peixoto foi pouco...

— Olha — falei alarmada, com medo de que ele prejudicasse o Alexandre. — Sei que você imagina que porque está pagando a minha dívida tudo tem que sair como deseja, mas me escute bem, Marcos, quando se trata da saúde do meu pai, eu sou a única que pode tomar decisões. — Ele me observou inexpressivo. — Agora, por favor, vamos parar de falar sobre isso e tentar passar por esse jantar, tudo bem? Quanto antes essa palhaçada terminar, melhor.

Sorrindo com ironia, Marcos falou:

— Pensei que esse fosse um dos seus desejos... ser levada a um jantar em um luxuoso restaurante, ser vista comigo — ele provocou, e todo o sangue evaporou do meu rosto conforme a humilhação das suas inúmeras negativas aos meus pedidos voltava à minha mente. Tudo o que eu havia ansiado no passado era um... encontro normal. Algo que os casais que se gostavam faziam.

— Isso ficou para trás.

Assim como o meu amor, desejei poder dizer.

Assentindo devagar, deixando óbvio que não acreditava em mim, Marcos desviou seu olhar do meu quando o garçom apareceu com nossa garrafa de vinho. Depois da primeira taça, me pareceu que a noite iria terminar sem mais contratempos ou discussões. E teria sido assim, se o sofisticado casal que entrou no restaurante minutos depois da gente não tivesse se aproximado de nossa mesa com o intuito de cumprimentar o Marcos.

Eu os conhecia, é claro, eles eram nada menos do que os pais da Pierla Villela. Por isso, não me surpreendi nem um pouco quando o olhar interrogativo da senhora recaiu sobre mim com arrogância.

— Marcos, meu querido, que coincidência maravilhosa — ela despejou educada, e seu marido concordou, não sem antes me lançar o mesmo olhar que sua esposa me dera. Fora esse primeiro

contato, os três pareceram contentes em ignorar minha presença. E, pela segunda vez nessa noite, eu me senti como um adorno adorável, mas desnecessário.

A conversa prosseguiu, enquanto eu me sentia cada vez mais fora de lugar. O motivo pelo qual ainda não tinha me levantado e dado as costas ao três era porque isso levaria a outra discussão com o Marcos. O que, sinceramente, eu não aguentava mais.

— Foi um prazer encontrá-lo, Marcos, acho que nos veremos no jantar beneficente nesse sábado, sim? Minha filha mencionou que vocês irão juntos... — a já não tão controlada mulher falou e desceu seu olhar, avaliando minha reação. Percebendo que sua intenção era a de me irritar, eu sorri debochada e levantei minha taça como se estivesse brindando pelo esforço feito a fim de empurrar sua preciosa filha nos braços do *todo-poderoso*.

Marcos pegou o meu gesto e cerrou o maxilar, quase fazendo-me engasgar com a bebida. O casal não demorou a se despedir, sendo acompanhado pelo *maître* até a mesa em que jantariam, que, notavelmente, era próxima à nossa, deixando-me sob o escrutínio indisfarçável daquela senhora pelo restante da noite. *Como Marcos não enxergava o brilho ganancioso naqueles olhos frios?*

— Como você se atreve? — murmurou de maneira rude.

— Como me atrevo a quê?

— Você foi desagradável, Rachel, além disso, chamou atenção para si mesma, quando sabe que não deve fazer...

— Me responda uma coisa — sussurrei baixinho, após terminar minha segunda ou terceira taça, eu já nem sabia mais. O vinho estava descendo bem e eu precisava de uma folga do constante mau humor do Marcos e de todas as outras preocupações. — Como você consegue ser tão estúpido, homem?

Uma chama perigosa cintilou em seus olhos e, em vez de temer a explosão que viria a seguir, eu me contorci desconfortável sobre a cadeira, apertando um pouco mais uma coxa na outra. Senti-me queimar de repente, calor subindo pelas minhas pernas e fazendo-me corar em todos os lugares visíveis. E o pior, o mais vergonhoso e mortificante era que Marcos percorreu cada centímetro de pele vermelha que o meu decote exibiu, voltando a me encarar assim que terminou sua inspeção.

Nosso prontificado garçom retornou à mesa, interrompendo a intensa troca de olhares e a tensão sexual que ameaçava explodir sobre nossas cabeças, e ofereceu para encher minha taça de novo.

— Eu adoraria.

— Minha acompanhante está satisfeita de vinho por essa noite, muito obrigado — Marcos interferiu ao me ver estender a taça vazia.

— Eu não estou não!

— Creio que esteja, sim! — rosnou e voltou sua atenção ao garçom, pedindo para que nos deixasse a sós.

— É assim que vai ser agora? Será que eu não vou poder escolher nem quantas malditas taças de vinho posso beber? — As palavras foram se amontoando uma atrás da outra, até que *bum*, escaparam. Sacudindo a cabeça em desaprovação ao meu comportamento, Marcos se inclinou um pouco mais perto.

— Você não quer discutir sobre o seu futuro agora, posso te assegurar disso.

— E seu eu quiser? — Inclinei-me de volta, sabendo que, a essa hora, a arrogante senhora ruiva deveria estar assistindo a tudo da primeira fila. Furiosa por me ver próxima do futuro *fundo monetário* de sua filha.

— Não me provoque, Rachel, e olhe bem à sua volta — Marcos disse, recompondo-se. — A última coisa que desejo é ter Pierla me deixando louco com perguntas a seu respeito. — Abri e fechei minha boca, sem a menor ideia do que dizer após seu comentário. Como ele podia trazer aquela *esnobe odiosa* para a nossa conversa?

— Ela... não sabe sobre... nós?

— Quer dizer sobre *você*? Não, ela não faz ideia que eu tenho ou tinha uma amante fixa.

— Eu vejo...

— Isso te incomoda?

— De maneira alguma — respondi, ignorando o aperto em meu peito.

— E se fosse o contrário? E se as pessoas soubessem qual é o seu papel em minha vida? Isso te incomodaria?

— Por que está me perguntando isso?

— Responda, Rachel.

— Sim, me incomodaria — menti. — Eu não quero estar ligada a nada que tenha a ver com você quando tudo isso terminar.

Marcos me fitou, mas seu semblante era indecifrável.

— O Henrique sabia sobre nós dois.

— Eu não sei como ele descobriu.

— E você foi a única a contar para a Mariana.

— Eu fiz em um momento de desespero. Eu precisava que ela entendesse por que eu estava tão magoada.

— Existe outra pessoa para quem você tenha contado a nosso respeito? Assim, em outro ato de desespero?

— Se isso tudo é para saber se eu contei ao Alexandre...

— Não é isso que quero saber. — Ele elevou o tom de voz ao escutar o nome do Alexandre e eu me dispus a continuar brincando com o guardanapo sobre a mesa. — Você poderia ter vendido o nosso caso para os jornais, não sabe? Aposto que teria conseguido um bom dinheiro divulgando o caso sórdido de um dos homens mais bem-sucedidos de Santa Catarina — Marcos falou com desdém, ele protegia a unha e ferro sua família e sobrenome, mas lá no fundo odiava as responsabilidades que vinham com sua posição.

— Eu nunca teria feito isso.

— Nem mesmo se seu pai estivesse morrendo? Você teve a sorte de eu estar aqui para te oferecer apoio, Rachel, mas e seu eu não estivesse? Será que eu correria o risco de ter meu nome estampado em todos os jornais, apenas para que seu pai tivesse a chance de sobreviver?

Eu não sabia como tínhamos voltado a esse assunto.

— Essa possibilidade nunca passou pela minha cabeça. — Desta vez foi ele quem assentiu, com o semblante rígido e cheio de desconfiança. Senti-me tão mal naquele momento que, por um instante, cheguei a pensar que o vinho iria voltar.

— Vou te dizer como as coisas serão daqui para frente, Rachel. — Respirei fundo, porque o *daqui para frente* era o que mais temia. — Seu pai irá passar por essa cirurgia, terá a melhor assistência médica do país, e eu te darei uma semana para estar de volta em seu apartamento. Uma semana — frisou para que eu entendesse. — As coisas irão continuar como antes...

— Uma semana é muito pouco, Marcos. E como assim as coisas irão continuar como antes? Eu vou voltar a trabalhar para você? — perguntei, não querendo criar expectativas. Mas a verdade é que eu gostava do meu antigo trabalho.

— Seu pai terá enfermeiras e uma acompanhante capacitada ao redor dele 24h por dia. Não

será necessário a sua presença diariamente ao lado dele, assim como não foi por todo esse tempo em que esteve comigo. — Isso me fez querer saltar sobre ele! Eu posso não ter tido condições de estar com meu pai nesses últimos dois anos, minhas visitas foram esporádicas. Às vezes uma ou duas vezes durante o mês. Mas cada centavo, cada privação que tive foi para conseguir mantê-lo internado. — Quanto a trabalhar para mim, essa seria a última coisa que permitiria. Eu não confio em você.

Esse foi o último golpe que eu esperava receber essa noite.

— Eu tenho uma carreira, Marcos, não posso simplesmente parar de trabalhar.

— Não vejo por que não.

— Eu não sou o tipo que vai sentar e passar o dia à sua espera, isso é ridículo! Não estudei por todos esses anos para terminar sendo uma fodida amante!

— Querida, você será exatamente o que eu quiser que seja. Mas se esse assunto te incomoda tanto, eu posso pensar em fazer alguma concessão, desde que seja, é claro, sob os meus termos. — Algo profundo e primitivo acendeu em seus olhos. — Agora pare de se fazer de mártir, Rachel, porque você sempre *apreciou* estar comigo. Basta manter dentro sua cabecinha tola a razão de estarmos juntos, que nós dois não teremos problemas.

Juro que desejei ter uma taça de vinho cheia para jogar na cara dele. O futuro que Marcos estava me propondo, ou melhor, me empurrando, não parecia nem um pouco otimista. Afastei o prato quase intocado e o encarei com raiva. Ao que parece, seus olhos eram tão negros quanto seu maldito coração.

— Você está errado, sabe? — Soei amarga. — Nós teremos problemas, *sim*. Grandes e monstruosos problemas, Marcos. Você só está indo para transformar nossas vidas em um verdadeiro inferno.

MARCOS

Era madrugada quando a agitação da Rachel teve início. Nós dois dividíamos a única cama da suíte, e mesmo estando escondida embaixo de todos aqueles lençóis com os quais se cobriu, eu consegui notar sua agonia. Meu sono não era dos melhores também, o jantar havia sido conturbado, e a teimosia da minha ratinha havia chegado em seu limite.

Inclinando meu corpo sobre o dela, percebi que Rachel estava atormentada em seu sono. O choro se tornou nítido com a proximidade e eu me preocupei. As lágrimas não eram conscientes, ela parecia presa em um fodido pesadelo e eu mais do que depressa quis arrancá-la do que quer que a estivesse perturbando.

— Ei, acorde — pedi, dando-me conta dos tremores que envolviam seu corpo enquanto ela soluçava aos prantos. — Rachel!?

— O meu pai... — gemeu ao acordar assustada. Suas mãos procurando involuntariamente por mim em meio à escuridão, puxando-me mais para perto.

— Foi um pesadelo, carinho, nada mais do que isso — tentei acalmá-la.

— Não, não foi! — disse agitada, ainda tremendo. — Eu vi o meu pai, ele não estava... ele não estava bem, Marcos. Eu vi isso.

— Rachel, se acalme. — Eu a segurei firme, impedindo-a de se mover. — Nada disso é real. Seu pai está bem, eu prometo a você.

— Como pode ter tanta certeza?

— Qualquer coisa que acontecer a ele, a administração do hospital tem ordens expressas para entrar em contato comigo, Rachel. Não importa a hora ou o dia. Entendeu?

— Eu não posso perdê-lo, Marcos. — Minha ratinha assustada soluçou contra o meu peito, deixando transparecer sua vulnerabilidade. — Se algo acontecer, se o meu pai me deixar...

Porra, um maldito nó se formou em minha garganta apenas por escutá-la. Eu ainda estava sem reação, porque, acredite se quiser, eu não sabia nada sobre consolar mulheres. Principalmente, *esta mulher*.

Sem pensar direito nos limites de nossa relação, eu a envolvi em meus braços com mais força que o necessário. Rachel se encolheu, recebendo meus carinhos em silêncio enquanto eu me esforçava para dar a ela um pouco de segurança.

— Pare de pensar nisso, apenas pare, tudo bem? Você não vai ficar sozinha porque o seu pai vai passar por essa cirurgia, eu garanto a você.

Quando sua mão tocou o meu tórax por baixo dos lençóis, eu tornei-me ainda mais ciente de sua pequena camisola e das pernas nuas entrelaçadas às minhas. Assim como tive certeza de que Rachel também ficou ciente do fato de eu estar usando apenas uma boxer.

— Você não tem... como me garantir algo assim.

— Talvez não, carinho — murmurei, afundando meus dedos em sua cabeleira loira. — Mas não foi você quem uma vez me disse que, se a gente pedir muito por um milagre, ele acontece? Então, é isso que estou fazendo agora.

— Você está fazendo isso porque sabe que se algo acontecer com meu pai... você me perde.
— As palavras saíram arrastadas de sua boca.

— Não volte a repetir isso, porra! — grunhi em seu ouvido.

Rachel não poderia estar mais errada, eu não estava rezando pelo pai dela apenas porque a queria presa a mim, eu estava rezando porque a ideia de vê-la sozinha nesse mundo me perturbava. Eu não estaria ao seu lado para sempre, então... desejava apenas que ela tivesse um porto seguro quando nossa relação chegasse ao fim.

— Por que não? — ela se alterou de repente e começou a empurrar meu peito para que me afastasse. — Essa deve ser a verdade, não deve? Eu sei muito bem quais são suas prioridades nessa vida, Marcos, meu pai e eu definitivamente não fazemos parte dessa lista.

Minha ratinha agressiva se debateu quando a segurei com força.

— Fique quieta e me escute — exigi a centímetros de distância de sua boca, mantendo seus dois pulsos presos à cama. — Eu não vou te soltar, está entendendo? Não porque sou um maldito controlador, mas porque acho que devemos ter uma trégua essa noite. Então pare de birra e aceite o fato de que eu me preocupo com você, *sim*, mesmo que seja da minha maneira...

— A sua maneira me faz sofrer! — ela gritou com a voz embargada, o coração batendo com tanta força que eu era capaz de sentir as batidas contra o meu peito. — É por isso que... eu... não quero voltar para você. Porque você me machuca, e eu te odeio por isso!

Essa não era a primeira vez que Rachel dizia essa merda para mim, e pelo andar da carruagem, duvidava muito que fosse a última. Respirei fundo, ignorando o surto, e me concentrei em afugentar a imagem de suas curvas sendo esmagadas pelo meu peso. Minha perna se encontrava entre suas coxas, e, porra, Rachel estava quente como o inferno lá embaixo.

— Me odeie se isso te faz sentir melhor, tudo bem? — sussurrei em seu ouvido, lutando contra a vontade de lambe a pele delicada de seu pescoço. — Se me xingar irá fazer você ter uma noite tranquila, porra, me xingue! Mas depois de tudo isso, Rachel, depois de despejar toda a sua merda em mim. Você ainda terá que dormir nos meus braços, entendeu? — Rachel parou de respirar por um segundo e, de repente, não estava mais se debatendo ou tentando me afastar.

Eu podia ler seus pensamentos, e, desta vez, eles estavam em completa sintonia com os meus.

— Deixe-me cuidar de você essa noite, carinho.

— Você nunca cuidou de mim. — Ela soluçou, e eu sacudi a cabeça, recusando-me a escutar a verdade.

— Esqueça isso!

Não suportando o tormento de estar perto dela, eu permiti que seu cheiro me dominasse. Ele sempre me atraiu e agora não era diferente. Havia alguma coisa nessa mulher que despertava meu lado primitivo. Eu queria mordê-la, cravar meus dentes em sua carne e espalhar meus fluídos em cada centímetro do seu corpo. Deixá-la lambuzada com meu gozo.

Marcá-la como minha novamente.

— Você acha que já não tentei, Marcos? Todos os malditos dias em que acordo eu rezo para que seja o último em que irei pensar em você, mas eu não consigo! Eu não sei como fazer isso.

— Porra, carinho! — xinguei, descontrolado, pressionando meu corpo sobre o dela de tal maneira que Rachel arregalou aqueles olhos azuis para mim, ofegando como se soubesse o que estava prestes a acontecer.

Seu peito subia e descia em apreensão, os mamilos pontudos roçando de leve o meu tórax. Meus dedos percorreram seu corpo, apertando o quadril arredondado e a cintura fina. E, por fim, quando não consegui mais me controlar, eu apertei seu rosto com as palmas das mãos e esfreguei meu nariz no seu, obrigando-a a olhar para mim.

— Você é tão linda... — sussurrei, também ofegante.

Eu não precisava de iluminação para preencher minha mente com imagens do contorno de sua boca, das pequenas sardas espalhadas pelo seu corpo ou do quão *sexy* ela parecia quando estava excitada. Eu tinha cada uma dessas lembranças guardadas dentro de mim e, porra, havia recorrido a elas todas as noites desde o seu desaparecimento.

— Eu senti sua falta, Marcos, e isso não diminui. Só aumenta e dói. Dói mais do que posso suportar. — Rachel soou vulnerável, deixando-me ver pela primeira vez a extensão da dor que causei nela. A culpa se misturou com o desejo insano e, quando dei por mim, já estava pressionando minha boca contra a dela, em um beijo lascivo e exigente.

Capítulo 7

MARCOS

O som do gemido que Rachel deixou escapar assim que capturei sua boca foi incrivelmente doce. Ela parecia tão indefesa em meus braços, que o muro dentro de mim rachou. De repente, tudo o que eu queria era mantê-la presa a mim pelo restante da noite. Protegê-la de tudo o que poderia lhe fazer mal. O que era a merda de uma ironia, porque se tinha alguém capaz de quebrar essa garota, esse alguém era eu.

Não foi surpresa alguma ver nossas bocas se envolvendo de maneira instintiva, natural. Rachel podia negar e fingir que não, mas seu corpo reconhecia que tinha um dono. Seu corpo inteiro despertava ao menor dos meus toques, e se isso não era um bom motivo para ficarmos juntos, eu não sabia o que era.

Prendendo-a com meu quadril, eu aprofundei nosso beijo e chupei sua pequena língua atrevida, fazendo-a se contorcer. Minhas mãos impacientes afundaram em sua nuca e cabelo, puxando-os quase que agressivamente, enquanto eu me perdia em sua boca com a mesma vontade que sentia de estar dentro dela. Meu pau latejou, e eu fiz questão de esfregar a rigidez contra ela, aumentando o desespero da minha ratinha que parecia entregue ao beijo. A boca molhada me deu uma prévia de como encontraria sua boceta. Com certeza aquela fenda apertada estaria encharcada e pronta para me receber.

Descendo minha mão pelo seu corpo, eu apertei o mamilo intumescido, fazendo-a arquear as costas e empurrá-los para mim. Hipnotizado com a sombra que o abajur refletia sobre seus seios, eu os beijei devagarzinho, sugando a pele rosada. Os pelinhos ao redor daquela maravilha se eriçaram e Rachel choramingou quando meus dentes raspavam a região sensível.

Ela era linda, mas deitada em uma cama, aberta para mim... ficava perfeita. Uma pequena e deliciosa Afrodite.

— Eu preciso ter você, carinho — murmurei, com pressa. — Deixe-me entrar.

— Marcos... — Ela agarrou meu cabelo e eu afundei meu rosto na linha tênue entre seus seios pesados. Afogando-me entre eles.

— Deixe-me ter sua boceta, eu preciso... — Arrastei minha boca pelo seu abdômen liso, lambendo a pele alva até chegar ao pequeno ponto que era o seu umbigo. Havia uma pinta solitária acima dele, que lambi com o maior prazer.

Nunca imaginei que diria isso, mas eu sentia falta de cada pedacinho dessa mulher. Meu tormento era tamanho que eu não sabia por onde começar. Se a beijava inteira ou se apenas a beijava. Temi não ter tempo de saboreá-la como gostaria, receando o momento em que Rachel voltaria a me afastar. Então, com impaciência, eu refiz o caminho dos meus beijos e procurei por sua boca novamente. Chupando aqueles lábios com toda a suavidade que poderia.

Afastei a franja do seu rosto e encostei minha testa na dela, respirando com dificuldade. Meus músculos ficando cada vez mais rígidos, tudo porque Rachel estava agindo como uma *gatinha no cio*, gemendo e cravando as unhas nas minhas costas.

— Porra! Você tem noção do quanto eu te desejo? — rosnei entre um beijo e outro. — Eu quero tomar você, Rachel. Quero rasgar essa sua boceta e esquecer os últimos dois meses, mas você precisa saber que, se começarmos... nada na porra desse mundo será capaz de me fazer recuar, ouviu bem?

RACHEL

Não sabia se as palavras saídas da boca do Marcos significavam um aviso ou uma ameaça. O homem parecia estar à espera de uma resposta, algum sinal de que eu não o mandaria parar depois que começássemos. Mas como poderia dar isso a ele se tudo dentro de mim estava uma completa bagunça? O pesadelo com meu pai me tinha em carne viva. Eu acordei desesperada e morrendo de medo de que tudo aquilo fosse verdade.

— Me diga, carinho. — Marcos puxou meu lábio, prendendo-o entre os dentes e o soltou em seguida. — Eu preciso ter certeza de que você está aqui comigo agora. Que está ciente do que vai acontecer nessa cama...

Ignorei os alertas dentro da minha cabeça e parei de pensar nos riscos que seria me entregar ao homem que eu odiava. Então, em vez de pedir que parasse e me deixasse em paz, eu entrelacei meus dedos em seu cabelo bagunçado e o puxei de volta para a minha boca. Marcos não se fez de rogado e retomou o controle ao receber minha rendição. Seus ombros largos caindo sobre mim, deixando-me sem fôlego.

O contraste entre nossos corpos sempre me chamou a atenção. O que ele tinha de alto e atlético, eu tinha de baixa e curvilínea. Eu não era nada parecida com o tipo de mulher com que ele normalmente saía, e vinha daí a minha surpresa. Porque Marcos nunca escondeu o fascínio que sentia pelo meu corpo. Ele adorava apertar minha carne, morder minhas curvas e deixar as marcas de seus dedos na pele pálida.

— Sua boca é tão doce... — murmurou com a voz levemente rouca. — Tão gostosa.

Choraminguei quando, com uma de suas mãos, ele agarrou meu cabelo, e, com a outra, me puxou pelo bumbum. A essa altura, eu tinha certeza de que Marcos podia sentir a bagunça molhada que eu havia me tornado lá embaixo. Seu joelho, posicionado no meio de minhas pernas, por vezes, esbarrava na minha boceta, e a cada vez que isso acontecia, era como se eu estivesse à beira de uma explosão.

— Nunca mais me negue o que é meu! — disse em tom autoritário, que arrepiou-me inteira. Acho que mesmo em meio à penumbra, eu fui capaz de enxergar o brilho perigoso dentro de seus olhos. Isso era definitivamente um aviso.

Com uma velocidade alarmante, Marcos se livrou da minha camisola e da calcinha fio dental que eu usava, jogando-os em um canto qualquer do quarto. Umidade escorreu entre minhas coxas, e ele percebeu, porque sua atitude se tornou imediatamente mais bruta. Agindo como um selvagem, ele agarrou meu quadril, as mãos fortes batendo na carne nua, e escancarou minhas pernas com o impulso.

Não pude ver quando seu pau saltou para fora da boxer, mas podia senti-lo massageando-o próximo à minha boceta. Acho que se apenas inclinasse meu quadril em sua direção, a cabeça do seu membro bateria diretamente em meu clitóris. Como se adivinhasse meu desejo, Marcos se posicionou, forçando sua rigidez na fenda escorregadia. Mordi os lábios, temendo a dorzinha que sempre sentia na primeira vez em que me penetrava, e o arranhei fora a fora quando, em um único golpe, ele afundou o pau grosso e comprido em meu corpo.

— Ohh, Marcos! — choraminguei, caindo em um rio de emoções confusas e dolorosas. Meu coração parecia não mais me pertencer. Ele havia voltado para o seu dono, e o reconhecimento disso me devastou. O pior foi que senti-lo enterrado dentro de mim não aplacou a saudade nem por um instante, só a tornou maior.

Lamentei minha fraqueza e molhei nossos beijos com minhas lágrimas. Marcos notou a mudança em meu comportamento e me surpreendeu ao beijar todo o meu rosto com ternura. Enxugando meu choro e aplacando meu temor com estocadas lentas e apaixonadas.

— Você é minha! Só minha! — rosnou em meio à escuridão, e pela primeira vez eu senti que suas palavras não eram para mim. E sim para acalmar a fera possessiva dentro dele.

Dominada pelas mãos que me tocavam e pelos beijos que ameaçavam me sufocar, eu fechei os olhos e o deixei me consumir. Contorcendo-me inteira ao senti-lo empurrar seu membro com mais força em minha boceta. Era como se Marcos quisesse me rasgar, me dividir ao meio. A agonia se tornou tão intensa que as lágrimas que liberei passaram a ser de puro prazer.

— Eu quase enlouqueci sem você... — ele admitiu com raiva, perdendo o controle.

Seus golpes tornaram-se mais violentos, porém essa não parecia ser uma foda sem sentido. Parecia mais que isso. Algo muito mais forte e intenso. Eu o senti se mover e apertar-me com loucura. Como se não pudesse ter o suficiente de mim. Nós dois estávamos suados, agarrados um ao outro e gemendo com sofreguidão. Os ruídos roucos que saíam de sua boca deixaram-me tonta. Meu Senhor! Acho que não havia força mais poderosa do que a que esse homem exalava quando fazíamos amor.

Revirei os olhos ao sentir seus impulsos, seu membro grosso inchando dentro de mim. Alargando-me para recebê-lo mais fundo. Marcos meteu várias vezes, indo e vindo, não me dando tempo nem para tomar fôlego. Ele o fazia com tanta força que minhas costas batiam contra o colchão macio, empurrando-me direto para o abismo.

— Goze para mim, carinho, goze... faça isso enquanto grita o meu nome...

A primeira onda de prazer me atingiu, e por um ou dois segundos tudo ao meu redor saiu de foco.

— Marcos... por favor... Oh, Deus! — gemi, sucumbindo ao prazer. O homem me prendeu à cama e me assistiu gozar. Ele parecia faminto, o pau inchado no meio de minhas pernas, ansioso para me golpear novamente.

Quando o fez, eu gritei seu nome e implorei para que fosse devagar. Minhas forças haviam sido drenadas junto com o orgasmo. Marcos, por sua vez, se tornou mais impetuoso. Arrancando o inferno fora de mim enquanto o mundo ao meu redor desmoronava. Fechei os olhos quando ele, com toda sua brutalidade, cravou os dentes no meu ombro em meio ao seu próprio orgasmo. Sua liberação veio tão abundante que o esperma quente escorreu por minhas pernas... *Oh, meu Deus, não!*

Quis gritar a ele o erro que tínhamos acabado de cometer, mas minha consciência foi tomada quando, ainda enterrado dentro de mim, Marcos beijou meu ombro, dolorido pela mordida, e jogou seu corpo musculoso sobre o meu.

MARCOS

Quando Rachel despertou na manhã seguinte, eu já havia tomado meu café e me vestido. A cirurgia do seu pai estava prevista para acontecer dentro de uma hora, e esse era o tempo que ela tinha para se arrumar e comer algo antes de irmos para o hospital. A ideia de ela ficar presa naquele lugar o dia inteiro, contando as horas e os minutos até o fim do procedimento, não me agradava, mas isso era exatamente o que ela faria.

— Como se sente essa manhã, Rachel? — perguntei ao vê-la se sentar na cama.

Sua imagem sonolenta e despretensiosa fez meu pau reagir. Seu cabelo estava terrivelmente bagunçado, de uma maneira sexy, mas estava. Rachel piscou uma e outra vez, tentando assimilar o quarto ao seu redor e, quando puxou um punhado de fios para o alto, os prendendo em um coque, eu congelei com a visão das marcas de mordida em seu ombro.

Sentindo a força do meu olhar em sua pele, ela massageou a região, provavelmente dolorida, e se pôs de pé.

— Eu... estou bem — murmurou incerta e me olhou fixamente. Como se tentasse compreender o que tínhamos feito nessa madrugada.

A imagem do seu pequeno corpo se contorcendo enquanto eu a tomava me fez ainda mais duro, e eu me movi desconfortável no quarto. A sorte era que, sem as lentes, eu duvidava muito que ela pudesse enxergar a reação que os pensamentos estavam me causando.

— Sobre o que aconteceu essa madrugada... — comecei a falar, mas logo fui cortado.

— Você sentiu algo diferente? — Rachel pareceu se encher de coragem para perguntar, porque sua voz saiu trêmula. Amedrontada.

— O quê?

— Havia algo diferente, Marcos, só... me diz se você sentiu algo, por favor...

Algo diferente? Havia saudade e a porra de uma necessidade que eu não consegui controlar. Meu corpo e mente haviam sido consumidos pelo desejo. Isso foi o que houve.

Tudo bem, talvez eu não quisesse admitir, mas eu havia ficado confuso com as emoções que apareceram quando Rachel se aninhou em meu colo e adormeceu. O mais estranho, era que eu não a afastei, como normalmente fazia. Gestos ternos assim não aconteciam entre a gente, não havia o

"dormir de conchinha nem o enxugar suas lágrimas" em nossa relação. Não era assim que funcionávamos.

Mas na noite passada funcionou.

— Rachel, eu não tenho ideia do que você está falando — menti, porque no fundo eu achava que sabia. — Ontem foi apenas...

Como se tivesse acabado de ser atingida, Rachel ofegou e me encarou decepcionada.

— Foi apenas sexo, não é? — Ela elevou o tom de voz, surpresa. Como se eu já não tivesse explicado a nossa situação a ela um milhão de vezes antes. — Eu não consigo te entender, Marcos. Se isso sempre vai ser sobre sexo, por que não me deixa em paz? — Eu a vi morder o lábio vermelho com força.

— Esse não é melhor momento para essa discussão, carinho.

— Nunca é!

— Rachel, você tem apenas uma hora para se aprontar e comer algo antes de irmos para o hospital — eu a lembrei, ficando cada vez mais cansado dessas discussões. Não que eu esperasse acordar e encontrar todos os nossos problemas resolvidos. Seria estupidez minha acreditar que um pouco de sexo resolveria tudo. Esse era, aliás, um dos motivos pelo qual eu não consegui pregar o olho pelo restante da madrugada.

Eu a observei dormir e escutei o som abafado de sua respiração. O cheiro afrodisíaco de sua pele mantendo-me refém enquanto minha mente era atormentada por pensamentos sobre nós dois.

— Você não me ama, nem ao menos suporta a ideia que eu... — ela insistiu no assunto, fazendo-me perder os últimos resquícios de paciência e a interrompesse.

— Que porra, Rachel, isso não tem nada a ver com amor! Quantas vezes terei que dizer isso a você? — O impacto das minhas palavras a deixaram arrasada, e ela recuou quando tentei tocá-la. — Nossa relação é e sempre será sobre sexo. Não crie esperanças, ratinha, porque a última coisa que desejo é vê-la machucada.

Porra, eu sabia que estava indo para foder com tudo.

— Se não deseja me ver machucada, então desista de mim, Marcos. — Ela me surpreendeu pela teimosia. — Você pode ter a mulher que quiser, qualquer uma. Eu não vou aguentar... por favor...

Eu a encarei, completamente frustrado.

— Vá se arrumar, Rachel. Agora!

— Desista de mim! — ela gritou. — Eu estou te pedindo, Marcos, deixe-me ficar aqui com o meu pai... deixe-me encontrar alguém que me ame...

— Se esse seu showzinho tiver algo a ver com a porra daquele médico, Rachel... — falei, me contendo.

— E se tiver? O Alexandre é um bom homem, ele não parece ter pavor de se envolver e não vai surtar se eu me apaixonar por ele! — Essa merda era séria? Ela tinha realmente acabado de me dizer isso?

Rindo, eu me afastei e sacudi cabeça sem acreditar.

— Eu vou fingir que não escutei a porra que você acabou de dizer, carinho. É isso que eu vou fazer!

RACHEL

Segurando os lençóis com força contra o meu corpo, eu dei um pequeno pulo ao ouvir a porta da suíte se fechando. Era isso, eu estava sozinha. Presa em um quarto que não desejava estar. Presa a um homem que me esforçava para odiar. Ainda de pé eu olhei estarecida para o quarto, perguntando-me como enfrentaria o dia de hoje depois do que aconteceu nessa madrugada. Minha pele ainda queimava pelo seu toque e, agora, mais do que nunca, eu podia sentir a falta dele dentro de mim.

— Merda! — esbravejei com o terrível pensamento de que nós não tínhamos usado camisinha. Não que isso fosse incomum... era só que eu tinha certeza de que andei pulando algumas pílulas ao longo dos últimos dois meses.

Marcos sempre foi bastante rigoroso em se tratando da minha proteção, além do anticoncepcional, nós quase sempre usávamos camisinha. As únicas vezes em que esquecíamos, era quando o desejo falava mais alto e a gente não conseguia se conter. No restante do tempo, ele era todo atento e preocupado, e se isso ainda não fosse o suficiente, o Sr. Arrogante também controlava minhas consultas e exames. Claro que isso me irritava, mas o que eu poderia esperar se nem mesmo a minha médica ele me permitiu escolher?

Respirando com dificuldade, eu corri até o banheiro e tentei me acalmar. Fazia mais de dois anos que eu tomava a pílula regularmente, não seriam a falta de três ou quatro comprimidinhos que

me fariam... *Droga, até pensar na maldita palavra me assustava.*

— Vai ficar tudo bem, Rachel, vai ficar... — repeti enquanto me enfiava propositalmente debaixo da água fria. Exalei o ar com toda força que consegui e envolvi meus braços ao meu redor, rezando para que o água gelada me anestesiase por dentro.

Depois de me vestir, eu li a mensagem curta do Marcos, pedindo para que eu o encontrasse no saguão do hotel. Com o nervosismo que estava sentindo, eu acabei pulando o café da manhã, incapaz de pensar na possibilidade de enfiar algo garganta a dentro. Meu estômago se encontrava agitado o suficiente para que eu o forçasse. Enquanto assistia os números diminuir no painel digital do elevador, a minha ficha caiu. Tremi ao imaginar o que teria que enfrentar hoje. A lembrança do sonho deixando-me preocupada, alastrando o medo que sentia por cada pequena parte do meu corpo.

Presa aos meus devaneios, eu demorei a notar a presença do Marcos no final do elegante saguão. Como sempre, ele estava espetacular em seu terno feito sob medida. Os ombros largos e o porte atlético não passavam despercebidos por baixo da roupa de alta costura, e eu juro, parecia que todas as mulheres ao redor tinham sido seduzidas pelo magnetismo que emanava dele. Eu as entendia tão bem...

Sem notar minha aproximação, Marcos continuou a falar com o homem à sua frente, que, a julgar pelo uniforme, deveria se tratar de algum de seus motoristas. Só que diferente dos outros, esse eu ainda não conhecia. Os dois se calaram quando cheguei perto o suficiente para ser *notada*, e eu tentei ignorar o repentino desconforto. Minutos depois, Marcos e eu nos encontrávamos no banco de trás do imponente Chrysler preto, comigo sentada o mais distante possível dele.

Eu acho que tinha finalmente aprendido a lição.

MARCOS

Amaldiçoei quando meu celular tocou pela terceira vez em menos de uma hora. O mundo inteiro hoje parecia estar precisando de mim, merda! A primeira ligação havia sido do Oliver, lembrando-me da reunião com o conselho administrativo da Montenegro essa tarde. Encerrei o telefonema sem dar a ele a certeza se iria comparecer. A segunda ligação foi a da Isadora, que havia

decidido colocar as garras para fora, chamando atenção para a minha “*irresponsabilidade*”, tendo ainda o atrevimento de comparar meu atual comportamento ao de nosso pai quando ele perdeu a cabeça pela mãe da Mariana.

E como se essas duas ligações já não fossem dor de cabeça o bastante, eu agora estava prestes a atender ao telefonema da minha irmã caçula.

— Como você pôde encontrar a Rachel e esconder isso de mim, Marcos? — Mariana gritou e eu cerrei o maxilar, prestes a explodir, sabendo que isso só podia ser coisa da Isadora. Ela era a única que sabia, ou melhor, desconfiava do motivo pelo qual eu estava fora da cidade. Olhando de relance para a Rachel, sentada em uma das poltronas no final do corredor, eu tentei me acalmar.

Esse não era o lugar para perder a cabeça, além disso, eu não queria deixar minha ratinha mais nervosa do que já estava comigo. Nós estávamos esperando por notícias a respeito do seu pai já há algumas horas, e cada vez que a porta do centro cirúrgico era aberta, Rachel se desesperava um pouco mais. Mesmo apreensiva, ela mal, mal, trocou algumas palavras comigo. Sequer permitiu que eu a tocasse nesse meio tempo. Ou seja? Nós estávamos de volta à estaca zero.

— Mariana, essa não é uma conversa para se ter pelo telefone.

— Você deveria ter me contado. Me diga, como minha amiga está? Você pediu desculpas a ela?

— Assim que eu retornar, nós...

— Não a faça sofrer, Marcos, se você ainda não pediu desculpas, então peça. A Rachel não merece... — Deixei de escutar seu conselho, quando duas enfermeiras saíram do centro cirúrgico.

— Escute, Mariana, nós vamos discutir esse assunto quando eu estiver de volta a Joinville. Agora sinto muito, mas preciso desligar — falei e engoli em seco ao ver o olhar perdido que Rachel deu às duas mulheres.

Ciente de que minha presença a estava deixando nervosa, eu me apoiei contra a parede e enfiei minhas mãos no bolso, a observando de longe. Seu cabelo longo estava preso em um rabo de cavalo e ela não usava nada de maquiagem, expondo claramente o cansaço em seu rosto.

De repente, nossos olhos se encontraram à distância... e permaneceram assim. Rachel só quebrou a troca quando a porta do centro cirúrgico voltou a se abrir e o Dr. Otto apareceu. Preparei-me para o pior, não vou negar, mas quando ele atravessou o corredor, indo em sua direção, algo na expressão dela mudou. Rachel o escutou, primeiro em silêncio, e depois deu a ele um sorriso lindo que iluminou todo o seu rosto. *Eu queria matar aquele doutor de merda por receber algo que deveria ser só meu!*

Para ferrar de vez comigo, a infeliz se jogou em seus braços.

— Obrigada, Alex, eu... eu não tenho palavras para agradecer. — Fúria me dominou ao presenciar a cena patética, eu queria gritar e pedir que ele tirasse as mãos de cima dela, mas me controlei. — Eu não sei o que teria feito sem você, obrigada.

Ingrata, filha da puta!

Rachel fungou e se agarrou ao outro homem, fazendo-me enxergar sangue. Escutei seu choro e senti todo o seu alívio, mas nada disso diminuiu meu ódio.

Com ela em seus braços, o Dr. Otto olhou diretamente para mim sobre seus ombros magros. Havia um quê de desafio na maneira como ele me encarou. *Eu posso acabar com você em um estalar de dedos, seu desgraçado*, pensei enquanto caminhava até eles. *Você pode tê-la em seus braços agora, mas fui eu quem estive dentro dela nessa madrugada...*

Sorri com a lembrança, sacudindo a cabeça em reprimenda para o idiota, que se afastou dela e se recompôs, dando-se conta da cena que havia protagonizado no meio do corredor do hospital. Como se lembrasse da minha existência, Rachel se virou e olhou para mim. Encontrando-me impassível. Eu não tinha nem palavras para dizer o quão furioso estava com ela nesse momento.

— Quando... eu posso vê-lo, Alex? — Ela desviou seu olhar do meu, insegura.

— Seu pai irá para o quarto em algumas horas, Rachel, por enquanto ele terá que ficar em observação, mas posso garantir que o pior já passou.

Rachel sorriu para ele outra vez, e o Dr. Otto, após tranquilizá-la, decidiu se retirar, acenando com a cabeça ao passar por mim e desaparecendo pelo mesmo corredor de onde havia surgido. O silêncio que ficou se tornou desconfortável, eu estava ferido porque... merda, porque ela nem ao menos se deu ao trabalho de me agradecer. Afinal, havia sido o meu maldito dinheiro a salvar a vida de seu pai.

— Estou voltando para Joinville essa tarde — falei, decidindo de última hora.

Minha irmã estava certa, afinal de contas. Eu não podia deixar que uma mulher como a Rachel me controlasse tanto a ponto de interferir no que era importante para mim. Até porque, não era como se eu fosse voltar e deixá-la sozinha aqui. Hélio, o novo motorista, havia sido contratado especificamente para a Rachel. Ele manteria um olho no que me pertencia durante os próximos sete dias, tempo esse que eu gastaria para colocar minha cabeça no lugar.

— Você vai me deixar agora? — perguntou perplexa.

— A Montenegro precisa de mim.

Capítulo 8

MARCOS

— Não há com o que se preocupar, Sr. Montenegro. Estive essa manhã com o juiz que está trabalhando no caso e ele fez questão de reafirmar o respeito que sente pelo senhor e pela sua família. Não acredito que tenhamos motivos para nos preocupar — Vinícius, meu advogado pessoal, afirmou. Ele e o Ricardo estavam em minha sala, atualizando-me a respeito das tentativas que o advogado de defesa do Henrique vinha fazendo para liberá-lo.

Assenti ao seu comentário, esperando mesmo que não houvesse motivos pelos quais me preocupar. Henrique era um problema que pensei já ter exterminado, e com a maldita correria envolvendo a minha vida, eu não sabia se teria a paciência necessária para lidar com a possibilidade de vê-lo solto novamente.

No dia anterior, após deixar Rachel sob os cuidados do Hélio, eu e o Sr. Peixoto tivemos uma rápida conversa a respeito do Sr. Vidal e da sua filha. Exigi que qualquer novidade no caso do paciente fosse repassada imediatamente para mim, e ele, é claro, prometeu fazer o melhor pelo Sr. Vidal. Com dinheiro e um pouco de pressão era fácil, não é mesmo?

Após resolver o assunto e ficar tranquilo com as garantias do Sr. Peixoto, eu voltei a Joinville a tempo de participar da reunião com o conselho administrativo. Há semanas que esperava por essa oportunidade, e com a aposentadoria do Sr. Alberto as vias de acontecer vez, eu tinha a certeza de que esse era o momento adequado para que toda a equipe tomasse conhecimento da nomeação da Mariana para o cargo de diretora de produção. O que me ressentia nessa história era o fato de que estive muito perto de adiar esse compromisso por causa da Rachel. *E agir assim teria sido uma estupidez!*

Sorte que recuperei a razão antes que fosse tarde demais, e acredito que se não o tivesse feito, a maneira indiferente como Rachel me tratou teria aberto meus olhos. Ela fora fria comigo mesmo após receber a notícia que seu pai tinha passado pela cirurgia sem qualquer complicação. Eu havia investido meu dinheiro para salvar a vida do homem que ela tanto amava e nem a porra de um maldito obrigada eu recebi!

De volta ao assunto *Mariana e sua nomeação*, posso dizer que fora uma surpresa para o

conselho descobrir que ela seria a próxima diretora a integrar a equipe. Dois ou três conselheiros mais antigos, amigos de meu pai, por sinal, ainda tentaram me persuadir do contrário. Eles contavam com o apoio da Isadora, que fez questão de salientar o *despreparo* da irmã perante todos os presentes.

Não precisei defender minha decisão, porque Mariana era obstinada o bastante para fazer isso sozinha. Ela se defendeu em meio ao alvoroço que se tornou a sala de reuniões, deixando-me orgulhoso pela postura profissional que apresentou. Em nenhum momento minha irmã caçula deixou que a rixa existente entre ela e a Isadora interferisse em seu discurso.

A notícia de sua gravidez fora deixada de lado em um primeiro momento. Eu não queria que os conselheiros tivessem ainda mais dúvidas a respeito da sua nomeação. A verdade era que Mariana estava prestes a assumir o lugar que era dela por direito e, assim como Isadora, ela iria adquirir a experiência necessária entre erros e acertos, ao longo do tempo.

Por esse e por todos os outros assuntos pendentes sobre a minha mesa, era que eu sabia que havia tomado a decisão certa em voltar antes do planejado. Eu tinha prioridades reais que iam além de passar meu tempo discutindo com uma mulher teimosa. Além disso, minha família e a Montenegro sempre viriam em primeiro lugar, isso era indiscutível.

— Mantenha-me atualizado de qualquer alteração no caso, Vinícius — pedi ao advogado, que, rigidamente, saiu da sala e me deixou a sós com o Ricardo.

Encarei o homem sentado em minha frente, à espera que eu desse início ao outro assunto que tínhamos para tratar. Era inegável que Ricardo era leal, não importava a merda que eu jogasse sobre seus ombros. Tanto que, agora ele era o encarregado da segurança da Isadora. Um fardo esse, que ele aceitou como um favor pessoal a mim. Como meu chefe de segurança, e com sua empresa de segurança privada à minha disposição, eu tinha seus melhores homens cuidando do meu patrimônio e de meus interesses pessoais, tanto que fora Ricardo, pessoalmente, que fizera a triagem do Hélio, o motorista da Rachel.

Agora, como o bastardo conseguia dar conta de tudo isso, eu não fazia a menor ideia. Os outros dois sócios de sua empresa eram menos participantes que o próprio Ricardo, que parecia gostar mesmo era de estar à frente do negócio. Assumir desafios e qualquer trabalho um pouco mais complexo ou perigoso. Sua empresa não era facilmente rastreada, eles ofereciam um serviço de qualidade, porém para uma pequena parte da população. Clientes que em sua maioria eram poderosos, tão ou mais exigentes do que eu, e que valorizavam a descrição de um trabalho bem feito.

— Como minha irmã tem se comportado? — fui direto ao ponto.

Ricardo me atualizou sobre a rotina da Isadora, revelando o horário em que ela saía da Montenegro todas as noites. Quase sempre por volta das 21h, horas depois do expediente de qualquer pessoa normal ter se encerrado. Ele ainda frisou o fato de que a única pessoa com quem ela vinha sendo vista nos últimos dias era o Oliver. O que eu já imaginava.

— E a interação entre eles? — Ricardo me encarou inexpressivo.

— Eles parecem íntimos, Marcos, mas não encontrei nada de suspeito até o momento. Sua irmã tem uma rotina bastante... previsível.

— Está achando monótono o seu trabalho? — perguntei com um pouco de humor.

— Não vou mentir e dizer que eu não gostaria de estar enfiado em algum trabalho mais agitado... Mas estar na cola da sua irmã não é difícil e tem me dado a oportunidade de passar mais tempo com a minha...

O som de gritos alterados vindo do corredor interrompeu nossa conversa, nos fazendo correr para fora da minha sala, a fim de conferir o que acontecia. Ricardo foi o primeiro a chegar à cena, tomando uma decisão que nenhum outro funcionário fora capaz de tomar ao ver minhas irmãs se atracando como loucas. Com o maxilar cerrado, ele afastou Isadora pelos braços e murmurou algo em seu ouvido que a fez se calar, horrorizada.

Da Isadora eu olhei para a Mariana, com a lembrança viva da última vez que as duas inconsequentes haviam se atracado, e daquela vez não fora em um corredor qualquer da Montenegro, e sim na igreja do padre Homero.

— Para a minha sala, agora! — ordenei e encarei a plateia que olhava a tudo com curiosidade e divertimento. Um olhar meu e todos eles se afastaram, cada um com o focinho entre as pernas. *Cambada de covardes!*, pensei enquanto seguia minhas irmãs para dentro do meu escritório.

A porta se fechou, ambas se entreolharam e eu comecei o meu discurso:

— Qual é o maldito problema com vocês duas?

Mariana e Isadora pareciam crianças, porra! Nenhuma delas respondeu a minha pergunta, e enquanto uma parecia à beira de um ataque de nervos, a outra parecia não ter juízo algum.

— Vocês acabaram de me envergonhar profundamente... onde estavam com a cabeça? — Elas permaneceram caladas. — Vamos começar com você, Mariana. Será que esqueceu que está grávida?

Minha irmã caçula me olhou cheia de culpa e se sentou na cadeira em frente à mesa com uma postura derrotada.

— E você, Isadora? Não acha que é sua obrigação dar o exemplo? Você é meu braço direito aqui dentro, pelo amor de Deus! Será que perdeu a cabeça?

— Quem parece ter perdido a cabeça aqui dentro é você, Marcos. Não sou eu que estou negligenciando o nosso patrimônio para poder ir atrás de uma mulherzinha vigarista — retrucou com uma frieza surpreendente. — Eu não sei o que está planejando, mas se acha que irei sentar e assistir você arrastar aquela sonsa novamente para as nossas vidas, está muito enganado!

Era incrível como, até nervosa, Isadora conseguia manter sua superioridade.

— Como pode permitir que Isadora ofenda a Rachel, Marcos? Vocês dois...

— Já chega, as duas! Porra! — esbravejei e bati as mãos contra a mesa. O som as deixando assustadas. — Rachel é assunto meu e espero que entendam isso de uma vez por todas!

— Se ela é assunto seu, por que então não a defende? — Mariana insistiu e Isadora lhe deu um pequeno sorriso cínico.

— Mariana...

— Eu até entendo os seus motivos sabe, Marcos? — Isa me cortou. — Mas se tudo o que deseja é recuperar seu orgulho, faça isso de uma maneira que não envergonhe o nome de nossa família. Quer ensinar àquela mulherzinha uma lição? Ensine. A leve para a cama e a abandone, se isso te fará sentir melhor. Só me faça o favor de não esquecer quem você é e quais são as suas responsabilidades, ok?

Com isso, minha controlada e fria irmã se retirou da sala, deixando-me sob a mira do olhar incrédulo da Mariana.

— É por isso que passou dois meses inteiros caçando ela como um louco? Apenas para poder ensiná-la uma lição? — perguntou séria, enquanto eu passava a mão pelo meu cabelo, reclinando-me contra a poltrona e fechando os olhos. Eu estava ficando velho demais para essa merda toda, essa era a verdade. — Porque se for, Marcos, você pode esquecer que eu existo. Eu nunca serei capaz de te perdoar se você machucar a Rachel apenas porque ficou com seu *orgulhozinho* ferido, está entendendo?

— Estou cansado, Mariana. Então não me venha com ameaças, não hoje, pelo menos.

Mariana bufou, mas permaneceu em sua cadeira.

— Como Rachel está? — finalmente perguntou, o que me fez querer ser sincero com ela.

— Esgotada. Rachel não tem se alimentado e muito menos dormido direito. Ela está

diferente... e sei que ainda não conversamos sobre isso, mas o pai dela não está bem, Mariana. O câncer dele não responde aos tratamentos e ontem o Sr. Vidal precisou passar por uma cirurgia de emergência...

— Foi por isso que você viajou de última hora, para estar ao lado dela? — Percebi na maneira como me encarou de volta, que Mariana estava romantizando minha atitude. *Mas não era assim... eu viajei porque...*

Merda, o que havia com essas mulheres e todas essas expectativas que elas criavam?

— Falei sério ao dizer que estou cansado, Mariana.

Ela franziu o cenho ao perceber que o assunto estava encerrado e, assim como Isadora fizera, ela se levantou e saiu da minha sala furiosa. Ao que parece eu estava me tornando um expert em irritar as mulheres da minha vida. *Excelente, porra!*

RACHEL

Eu parecia uma idiota sentada em um dos bancos na área externa do hospital, olhando fixamente para a tela escura do meu celular. Sem saber se fazia a maldita pesquisa ou não. Era meio-dia, meu pai dormia tranquilo em seu quarto e eu aproveitei seu descanso para poder vir atrás de um pouco de ar livre.

Passei os últimos três dias praticamente grudada ao meu paizinho. Nem dormir no hotel eu dormia, ia lá apenas para tomar banho e trocar de roupa. Alexandre não escondia mais a sua preocupação com a minha atual *apatia*, e por isso ele insistia para que eu passasse menos tempo dentro do hospital, garantindo que a recuperação do meu pai estava dentro do esperado e que eu poderia relaxar um pouco.

O que ele não entendia era que ficar ao lado do meu pai era o que de melhor acontecia no meu dia. Eu não teria o que fazer se saísse dali e me recusava a ficar naquele quarto de hotel com todas as lembranças que havia do Marcos e da noite que passamos juntos. Eu o odiava e a última coisa que queria era pensar nele... *ou desejá-lo*. Até porque, desde que voltou para Joinville, o homem parecia ter esquecido a minha existência. Nós não tínhamos tido qualquer contato desde aquela manhã na sala de espera, os recados que recebia vinham todos através do Hélió e eram sempre diretos e objetivos: Faça isso! Faça aquilo! Coma! Durma! *Urgh!*

Com os dedos tremendo, eu tomei coragem e destravei a tela do meu celular, digitando Marcos

Montenegro no site de pesquisa. As palavras da Sra. Vilella ainda me perturbavam, e se ela estivesse mesmo certa a respeito do jantar entre a sua filha e o Sr. Arrogante, hoje haveria centenas de fotografias dos dois espalhadas pelos jornais e sites de fofoca.

Eu era uma boba por querer ver essas fotos? Era! Mas precisava fazer isso, essa foi única forma que encontrei para me punir por ter sido tão estúpida e cedido à tentação. Eu queria esfregar na minha própria cara o tipo de homem que Marcos era. Queria alimentar minha raiva até que ela expulsasse qualquer sentimento tolo que eu ainda pudesse sentir por ele.

Cliquei na primeira foto que apareceu e fui direcionada ao site *Novo Tabloide*. Rolei meu dedo pela tela, jogando sal na ferida. A primeira fotografia que me chamou atenção foi uma em que Pierla Vilella exibia um longo vestido azul de alta costura. Segundo a legenda, ele era um *Dior* exclusivo. A mulher era absolutamente linda, concordei ressentida. Cabelos ruivos na altura dos ombros. Olhos verdes, porém indecifráveis. Ela era elegante e sofisticada, perfeita para um homem como o Marcos. *Algo que eu nunca iria ser*. E se as insinuações a respeito dos dois fossem mesmo verdadeiras... em algum futuro, talvez não tão distante, ela seria a única mulher em sua vida.

Pierla daria ao Marcos os herdeiros que ele precisava, perpetuaria o nome Montenegro, unindo duas famílias aristocratas e respeitáveis. Seria um acordo que beneficiaria a ambas as partes. Sentindo o ciúme me dominar, eu sorri amarga, e observei a austeridade do Marcos posando ao seu lado para a foto. Seus olhos negros estavam cerrados, o cabelo sempre tão selvagem estava agora jogado para trás. Sua imagem era masculina e intimidante, o traje impecável escondendo toda a selvageria que eu sabia existir dentro dele. Olhei a mão que tendia sobre a cintura de sua acompanhante e imaginei se ele a teria tocado na noite anterior, se eles teriam feito algo mais do que sorrir e posar para os jornalistas.

— Rachel, está tudo bem?

Assustei-me ao escutar a voz do Alex.

— Si-sim. Tudo ótimo — menti, mas não acho que consegui ser convincente, porque Alexandre balançou a cabeça e se sentou ao meu lado. Ele segurava um copo de café que eu desejei poder ter também. A verdade é que eu ainda não havia comido nada. Eu simplesmente deixei meu pai descansando e vim para a parte de trás do hospital, onde tinha uma pequena praça arborizada.

— É incrível, sabe, mas eu consigo ler você completamente — ele falou olhando para as árvores à nossa frente.

— E o que você está lendo em mim agora? — perguntei baixinho.

— Nesse momento, tudo o que enxergo em você é raiva... e medo.

Não disse ao Alexandre que ele estava certo, apenas soltei um longo e pesado suspiro. Ficando surpresa quando ele estendeu o café em minha direção.

— Imaginei que iria te encontrar aqui e peguei para você no caminho.

— Obrigada — agradei, balançada pelo seu gesto.

Tomei alguns goles da bebida quente e cremosa, rindo timidamente ao me dar conta de que Alexandre já sabia a minha preferência. O silêncio confortável que se instalou entre a gente foi cortado quando ele falou:

— Então, o Sr. Montenegro foi embora? — Eu o encarei enquanto lambia dos meus lábios o resquício da bebida marrom.

— Ele tinha coisas mais importantes com o que lidar, eu acho.

— Mais importante do que você? — perguntou surpreso.

— Quase tudo na vida dele é mais importante do que eu, Alex. Eu sou só um... contratempo na sua vida perfeita e organizada.

— Um contratempo o qual ele protege muito bem, a julgar pelo homem de guarda atrás da gente. — Olhei para trás e encontrei Hélio parado nos observando. *Claro que ele estaria ali.*

— Acho que ele não confia muito em mim... — Dei de ombros.

— Por quê?

— É uma longa história e...

— E eu tenho todo o tempo do mundo essa noite — ele me cortou antes que eu pudesse me esquivar do convite. — Nós poderíamos jantar em algum lugar aqui perto e você poderia me contar por que o Sr. Montenegro não confia em você.

— Não acho que essa seja uma conversa que nós dois deveríamos ter.

— Eu não me importo, apenas jante comigo. Você não precisa me contar tudo a respeito da sua vida. Conte apenas o que se sentir confortável em dividir comigo, tudo o que desejo é proporcionar a você um bom momento, fazê-la sorrir.

— Não sei se é uma boa ideia, Alexandre... — comecei a falar e peguei o movimento que ele fez com a cabeça, olhando para a tela do meu celular.

Fiz o mesmo e, sem querer, me encontrei lendo de novo a legenda da foto que havia partido meu coração.

"Marcos Montenegro esteve na noite passada acompanhado de Pierla Vilella, o casal da alta sociedade tem se mostrado cada vez mais íntimo, nos fazendo acreditar que os boatos sobre uma futura união possam ser mesmo verdadeiros..."

Era isso, eu já havia lido o suficiente. Sabia o que o restante daquelas linhas dizia e não queria mais sofrer por causa delas. Por uma noite apenas eu desejava poder esquecer a existência do Marcos.

— Tudo bem, eu aceito jantar com você — disse, fazendo-o abrir um sorriso afetuoso.

Não imaginei que quando o momento de me despedir do meu pai chegasse, seria tão difícil. Meu peito doía por ter que deixá-lo agora, quando ele ainda se recuperava de uma cirurgia tão delicada. *Todo esse inferno que minha vida tinha se tornado era culpa do Marcos...*

— Estarei de volta assim que puder, paizinho, eu prometo ao senhor — falei baixinho, próximo ao seu ouvido. A palidez do seu rosto me dizia que cirurgia nenhuma iria trazê-lo de volta para mim. A doença do meu pai era irreversível.

— Filha...

— Eu preciso trabalhar, sabe? — menti, porque essa era a desculpa que Marcos pediu que eu desse a todos. — Mas o senhor ficará em boas mãos, não é, Lucia? — Olhei para a senhora do outro lado do quarto. Lucia era um amor de pessoa, super carinhosa e competente. E fora uma das acompanhantes contratadas pelo Marcos para estar ao lado do meu pai 24 horas por dia. Porque, sim, havia duas delas.

— Claro que sim, eu ficarei de olho no senhor em todos os momentos, e sua filha logo, logo, estará aqui de novo.

Não querendo chorar na frente do meu paizinho, eu terminei de me despedir dele com o coração na mão e saí do quarto, indo até o corredor onde Alexandre me esperava.

— Eu não posso acreditar que ele vai te obrigar a voltar, Rachel. Tem apenas uma semana que seu pai foi operado...

Em momentos como esse, em que a raiva do Alexandre ficava tão exacerbada, eu temia ter cometido um erro ao contar a ele sobre minha *relação* com o Marcos. No dia em que jantamos juntos, tudo me levou a esse caminho, eu precisava desabafar e ele parecia ser a pessoa ideal para me ouvir. Alex não julgou, ele se mostrou apenas como um amigo. Permitindo-me colocar tudo para fora.

— Esqueça isso, Alex — pedi, sentindo uma estranha agitação no meu estômago. — Marcos fez a parte dele, gora é a minha vez. Além disso, eu vou tentar visitar o meu pai sempre que puder...

— Você nem ao menos sabe se ele vai permitir, Rachel!

— Marcos não pode me impedir, pelo menos não quando se trata do meu pai.

— Me prometa algo? — Assenti devagar. — Atenda minhas ligações para que eu não fique preocupado com você, tudo bem?

— Nem sempre será possível. — Sacudi minha cabeça.

— Me mande uma mensagem quando não for, eu só não quero que você pense que está sozinha, Rachel. Porque quando isso tudo terminar, quando você estiver livre desse homem... — Alexandre estendeu a mão, acariciando meu rosto, e eu comecei a me desesperar. Se possível, ele andava ainda mais carinhoso comigo desde que descobriu o real motivo pelo qual eu estava com o Marcos.

— Alex, isso não... — Perdi o prumo com sua aproximação, seu rosto ficando à altura do meu. A boca a centímetros de distância da minha. Eu deveria tê-lo parado, deveria mesmo. Mas tudo o que conseguia pensar era no quanto um beijo entre nós dois afetaria o orgulho do poderoso Marcos Montenegro...

A boca do Alexandre praticamente tocou a minha, mas foi por apenas um segundo, já que a voz severa do Hélió, às nossas costas, fez com que nós dois nos afastássemos em sobressalto.

— Senhorita Vidal? — Eu não fazia a menor ideia da presença do Hélió nesse andar, e, para ser bem sincera, a maneira como me olhava agora não era nem um pouco agradável também. *Quem ele pensava que era para me julgar?* Com extrema frieza, Hélió comunicou: — O temporal está aumentando e tenho ordens estritas para levá-la antes que anoiteça.

Claro que ele tinha.

— Me dê cinco minutos, Hélió — pedi, com a esperança de que fosse conseguir ao menos me desculpar com o Alexandre pelo quase beijo.

— Sinto muito, senhorita, mas não tenho permissão para deixá-la sozinha — o homem respondeu, fuzilando o Dr. Otto com o olhar.

Como não tinha outra escolha, eu me despedi do Alexandre na frente do Hélió mesmo, sem me importar se o cão de guarda do Marcos iria ranger os dentes ao me ver abraçada com outro homem que não o seu chefe. Murmurei um pedido de desculpas ao Alex e afundei meu rosto em seus ombros, sabendo que iria sentir uma falta absurda dele.

— Odeio o que esse homem está fazendo com você.

Eu também odeio, murmurei em pensamento. Depois de nos afastar, eu dei as costas ao Alexandre e passei pelo Hélió, que ainda me encarava de maneira contrariada. No caminho até o carro, ele seguiu ao meu lado como uma sombra. Acho que temendo que eu acabasse fugindo. Hélió só recuou, ficando um passo atrás de mim, quando seu telefone tocou. Profissional, ele atendeu à ligação e deu respostas curtas e diretas à pessoa na linha.

— Sim, eu estou com ela. Sim, claro... Os dois estavam juntos...

Revirei os olhos, sem acreditar que o idiota do Marcos estava mesmo fazendo um interrogatório a meu respeito. Querendo dar a ele uma lição, eu entrei na frente do motorista e o fiz parar. Foda-se se eu estava prestes a agir como uma louca, aquele homem era o único a causar esse descontrole em mim!

— Diga a ele que eu o odeio, Hélió!

— Senhorita...

— Diga a ele agora, inferno! Fale que eu mandei dizer que eu o odeio! E que da próxima vez que ele quiser um relatório sobre o que eu faço, é para ele parar de agir como um covarde e me telefonar!

Ignorando o meu surto, Hélió respondeu ao Marcos no outro lado da linha.

— Sim, senhor, é ela quem está gritando. Sim, não se preocupe. Não... eu entendo, é claro.

A ligação foi encerrada, mas eu ainda podia sentir a vibração em meu corpo. Hélió não me deu um segundo do seu tempo e fez o seu trabalho no automático. A porta do *Chrysler* foi aberta, ele esperou que eu entrasse e, quando o fiz, ele a fechou com um pouco mais de força. Demonstrando sutilmente sua irritação.

Não percebi que tremia da cabeça aos pés até que me vi sentada no luxuoso banco de couro marrom, cercada pelo que havia de mais caro em se tratando de segurança e conforto. Tentei me acalmar, respirar fundo, mas minha mente girava e girava, batendo sempre no mesmo ponto: eu não queria voltar. Não queria ficar à mercê do Marcos novamente.

Não importava mais se uma parte dentro de mim sentia falta dele, ou se o desgraçado ainda me queria em sua cama. Isso nunca, nunca, seria o bastante.

A viagem de volta a Joinville foi silenciosa e tensa. Hélio permaneceu quieto e não voltou a trocar uma palavra comigo. As quase três horas passadas na estrada me deram tempo mais do que suficiente para refletir sobre minha vida e adormecer. Eu só voltei a acordar quando estávamos chegando à quadra do meu antigo prédio. Um calafrio percorreu meu corpo ao ver a estrutura antiga e bem conservada do lugar. O apartamento em que passei os últimos dois anos ficava em uma das partes mais valorizadas da cidade, e apesar de pequeno, esse era um lugar que eu nunca teria condições de manter sozinha.

Admitindo minha derrota, eu saí resignada do carro e peguei as chaves que o motorista me entregou. Uma sensação estranha de saudade surgiu ao rever o meu chaveiro, o mesmo que deixei para trás quando fugi. Os pequenos berloques de prata que balançavam e faziam barulho haviam sido um presente do Marcos antes mesmo de ele me trazer para esse apartamento. Naquela época, eu nem imaginava qual a finalidade que o magnífico chaveiro teria....

Chegando ao meu andar, eu caminhei pelo corredor bem decorado, parei em frente à porta e passei a chave no trinco de bronze. O apartamento por dentro estava escuro, mas com um cheirinho gostoso de limpeza. O nó em minha garganta se intensificou assim que acendi as lâmpadas, revelando com isso os móveis sofisticados do lugar que um dia considerei como minha casa. Por muito tempo eu pensei que esse apartamento também fosse o refúgio do Marcos. O nosso segredo. *Nosso ninho de amor.*

Por mais dolorosos que fossem, não foram esses pensamentos que me fizeram trepidar no meio da sala, e sim o enorme buquê de rosas vermelhas que encontrei sobre a mesa de vidro. Enorme mesmo. O maior que havia visto em toda a minha vida. Tremi inteirinha ao me aproximar da mesa, meu coração batia forte, acelerado. A boca estava seca e eu me vi abraçada pelo nervosismo. Com os dedos gelados, eu destaquei e li o pequeno cartão, deixando escapar uma lágrima solitária pelo meu rosto ao reconhecer a assinatura masculina.

Seja bem-vinda de volta,

Ass: Marcos Montenegro.

Capítulo 9

RACHEL

Paralisada, eu observei cada detalhe novo ao redor do meu quarto, tentando entender por que esse tinha sido o único cômodo do apartamento a ser redecorado. Nada aqui parecia como o quarto que eu havia deixado para trás. A cama fora trocada e agora a cabeceira era estofada em tecido de cor bege. As cortinas, antes alegres e despretensiosas, foram substituídas por enormes fitas de tecido vinho. Os abajures sobre o criado mudo combinavam com todos os novos móveis. Tudo muito frio e sério para o meu gosto. Os dois únicos objetos que permaneceram em seu lugar foram as fotografias que, na pressa de escapar, eu acabei deixando para trás.

Sem entender o motivo de toda essa *mudança*, eu forcei meus pés a caminharem até o centro do quarto e me sentei na borda da cama. Meu olhar perdido percorreu o cômodo outra vez, analisando cada novo objeto até que minha atenção voltou às fotos que fiz questão de segurar. Em uma delas, estava meu pai e uma pequena garotinha agarrada em seu pescoço. Toquei as sardas da menina loirinha, encarei bem aqueles olhos azuis e o sorriso da criança que acreditava no pai quando ele dizia que tudo ficaria bem. Respirei fundo e peguei o outro porta-retratos. Nele, havia a imagem de uma mulher que eu já não conhecia. Ela fora tirada durante a minha formatura na faculdade, o momento em que pensei que finalmente estava indo para conquistar cada um dos meus sonhos.

Foi esse o dia em que Marcos me ofereceu o cargo definitivo como sua assistente executiva, depois de meses sendo sua estagiária. E foi depois desse mesmo dia, que as coisas começaram a acontecer entre nós dois.

— Eu sempre gostei dessa foto.

Virei-me ao som de sua voz, tornando-me consciente do robe que cobria o meu corpo. Ele fora uma das poucas roupas que encontrei perdidas no *closet*, agora praticamente vazio. Por baixo da seda, havia uma das calcinhas que o Sr. Arrogante fizera questão de me comprar quando estive em Florianópolis. *Droga!* Não era como se eu quisesse ser pega assim, quase nua, eu só não imaginei que ele estaria aqui para me azucrinar justo em meu primeiro dia. Minha semana havia sido infernal, a viagem cansativa e tudo o que eu precisava após o banho relaxante que tomei era cair na cama e apagar.

— Isso é mentira — retruquei na defensiva e me levantei para colocar os porta-retratos sobre o

criado mudo. — Se você tivesse gostado dessa foto, ou até mesmo do que ela representa, não teria feito tudo o que fez para que essa garota... — Apontei para a imagem, onde uma versão minha, bem mais jovem e alegre, sorria orgulhosa por ter conseguido se formar como uma das melhores alunas da turma. — ... se transformasse na mulher amarga que ela é hoje!

— Já pensou que *tudo* o que fiz foi para o seu próprio bem? Você alguma maldita vez pensou nisso, Rachel? — Permaneci em silêncio e ele continuou:

— Eu te coloquei em um cargo que qualquer profissional com anos de experiência lutaria para estar. Te dei conhecimento e a tornei alguém capaz de enfrentar o mundo corporativo... Aonde mais você acha que teria chegado sem a minha ajuda?

— Aonde eu teria chegado? — eu o questionei, irritada. — Ralei duro a minha vida inteira, Marcos. Me esforcei para ser a melhor em tudo o que me propus a fazer. Fui a melhor aluna, tive as melhores notas! Passei por cima de cada mal-di-ta dificuldade que a vida empurrou para cima de mim. Então, eu lamento dizer, mas se um idiota arrogante não tivesse decidido me tornar o seu próximo brinquedinho, eu teria chegado a um lugar muito melhor do que o que estou agora. Isso eu posso te garantir!

Não querendo mais escutá-lo, eu marchei para fora do quarto, ou pelo menos tentei, já que fui bloqueada antes de chegar à porta.

— O que você está vestindo por baixo desse robe? — ele perguntou, a voz grossa de repente.

— Você não pode estar falando sério...

— Você gostou das flores? — A pergunta veio para me distrair enquanto ele soltava o nó do roupão.

— Odiei... Eu não suporto rosas!

Assim que a mentira saiu da minha boca, meu estômago retorceu em culpa. Os lábios do Marcos formaram um linha dura e ele lançou um olhar que me fez nervosa. Algo em sua expressão denunciou que minhas palavras conseguiram atingi-lo. A mão que até então afastava o meu robe, deixando à mostra a calcinha preta que eu usava, traçou a linha da minha cintura vagarosamente. Marcos parecia perdido ao admirar meu corpo, o vinco no meio de suas sobrancelhas se tornando mais severo.

— Não foi para *isso* que apareci aqui hoje — anunciou, fazendo pouco caso, e se afastou sem dizer qualquer outra palavra. Acabei seguindo-o para fora do quarto, assistindo atenta ao momento em que ele foi em direção à mesa de jantar, que ficava entre a sala e a bem equipada cozinha, e

retirou alguns documentos de dentro de um envelope.

— Onde estão as coisas do meu quarto? — perguntei, querendo entender o que havia acontecido. Os frascos caros de perfumes não estavam nem perto de serem encontrados, as joias desapareceram das caixas no closet, assim como boa parte das roupas e sapatos.

— No lixo.

— Por quê?

— Porque sim, agora venha aqui e assine essa papelada. — Ele me entregou as folhas de maneira displicente.

— Do que se trata... — Calei-me ao me dar conta do que significava os papéis em minhas mãos. — Isso quer dizer que...? — Eu o encarei, confusa.

— Mariana precisa de uma assistente.

— Mas você disse que não me queria trabalhando na Montenegro.

— E não quero! Mas essa não é uma decisão baseada no que você ou eu desejamos. Eu estou te contratando porque Mariana está prestes a assumir o cargo de diretoria e precisa de alguém experiente ao lado dela.

— Mas... por que eu?

Eu era excelente ao fazer meu trabalho, não restava dúvida. Mas não era a única. Assistentes com experiência e bem capacitadas existiam aos montes por aí.

— Mesmo que tenha me decepcionado no final, Rachel, você foi a melhor assistente que tive em um longo tempo, e... minha irmã merece o melhor.

— Claro. — Tentei não demonstrar o quanto me feria que ele estivesse me oferecendo esse emprego apenas por causa de sua irmã. *Por mais que eu amasse a Mariana.*

— Agora assine-os — exigiu, mas em vez de seguir suas ordens como uma cadelinha submissa, eu arrastei a cadeira e li parágrafo por parágrafo do documento. Ficando mais e mais confusa a cada linha. Marcos estava me oferecendo um contrato de um ano, meu salário não era tão alto quanto o que eu tinha sendo sua assistente, mas já era alguma coisa. Além disso, eu seria o braço direito da Mariana dentro da Montenegro.

— Pensei que você não confiasse em mim... — murmurei com sarcasmo.

— E não confio. Mas como disse anteriormente, isso não se trata do que eu penso a seu

respeito, e sim do que é melhor para a minha irmã. Mariana tem muita coisa com o que lidar agora e vai precisar de sua ajuda.

Pensei na minha amiga, em tudo que ela deveria estar passando com essa nova gravidez e com a descoberta de que não era filha da Lorena, a mãe do Marcos e da Isadora. Fora a prisão do Henrique... Senhor, eu não era a única aqui sofrendo e com a vida virada do avesso.

— Espero que saiba aproveitar essa chance que estou te dando, Rachel. — Marcos forçou meu queixo, obrigando-me a encará-lo. — A partir de agora Hélió estará à sua inteira disposição, ele já foi informado que precisará se manter discreto... Não posso de maneira alguma ter o meu nome ligado ao seu, entendeu?

— Hélió não é apenas um motorista, é?

— Não, ele não é. Por isso pense bem antes de dizer e fazer qualquer coisa na presença dele. O que você fez essa manhã foi inadmissível, Rachel. — O homem afastou meu cabelo dos ombros, traçando a linha da minha nuca. Suas carícias não pareciam carinhos, e sim uma maneira de reafirmar seu controle sobre mim. — Eu deveria ter quebrado nosso acordo assim que Hélió me avisou sobre a tentativa daquele infeliz de te beijar... deveria mostrar a você que eu não sou um homem disposto a dividir o que me pertence. — Contorci-me na cadeira quando seu toque se tornou mais firme. — Mas o que aconteceu essa manhã já não importa — declarou orgulhoso. — Você está aqui comigo, sob os meus cuidados. E é aqui que permanecerá.

Até que me canse de você... ele não disse, mas tenho certeza de que pensou.

— E quanto às suas irmãs, elas...

— Minhas irmãs já foram avisadas, Rachel. Para elas, você está aqui porque eu fui benevolente e te dei outra chance de trabalhar para mim. Fui claro? — Assenti devagar, preocupada com os possíveis problemas que Isadora poderia me causar. — Excelente! Agora que estamos entendidos, eu quero que pegue esses cartões e os use. Espero vê-la fazendo um bom uso deles, pois não vou admitir que volte a se vestir como uma mendiga.

— Não quero mais viver do seu dinheiro, você pode manter o apartamento e os custos que ele gera, mas o resto? Pode deixar que eu me viro sozinha — falei com todo orgulho que consegui reunir. Eu não me importava de me vestir como uma mendiga, se no final da noite conseguisse deitar a cabeça no travesseiro e dormir em paz.

— Você vai precisar de roupas novas...

— Sim, mas só porque você jogou as minhas fora!

— Mesmo que não tivesse jogado, Rachel! Olhe bem para o seu corpo e me diga se alguma delas te serviria nesse momento. — Eu não queria olhar, não queria ver o estrago que esse tempo longe dele fizera comigo. — Não torne cada etapa uma batalha, porque você sabe que não tem como ganhar!

O toque constante dele em meus ombros e pescoço irradiava vibrações por todo o meu corpo. Os dedos longos delineavam minha pele de maneira intimidante, tornando difícil decifrar se o que me consumia era a raiva por tê-lo me acariciando ou a raiva por não conseguir ficar indiferente.

— Será que você também trata a Pierla dessa maneira? — atrevi-me a perguntar, levando-o a me encarar firmemente. No passado eu teria que ser louca para trazer o nome dessa mulher em uma de nossas discussões, mas agora? Agora eu não dava a mínima, eu queria era empurrá-lo até a borda. Vê-lo furioso. — Você a enche de joias e roupas caras, assim como faz comigo? A trata como uma prostituta de luxo sem se importar com os sentimentos dela, Marcos? Ou será que o seu bibelô da alta sociedade é especial demais para receber esse tipo tratamento?

— O que deu em você, porra? — *Aí estava a fera*, pensei amargurada.

— Ela estava linda, sabe?... Ao seu lado, naquele jantar. Vocês dois realmente formam um belo par. — Minha garganta doía só por dizer essas palavras. — Eu só espero que quando vocês se casarem ela seja a única em sua vida, Marcos, porque mulher nenhuma merece saber que não é o bastante. — Levantei-me, não querendo que ele visse as lágrimas que se acumulavam ao redor dos meus olhos.

Infelizmente, Marcos não era um homem que sabia o momento de parar e, em vez de me deixar em paz, ele agarrou o meu braço, impedindo-me de afastar.

— Ratinha. — Sua voz soou controlada, quase hesitante. — Pierla não é...

— Eu não me importo com o que *ela* seja!

— Você se importa, sim.

Tentei esconder a perturbação óbvia que sentia, mas as carícias que ele ainda fazia embaralhavam a minha mente. Seu dedo subiu lentamente, roçando com carinho a minha bochecha. Tornando difícil, para mim, respirar.

— Não me importo, não! — resmunguei baixinho ao vê-lo se inclinar na minha direção. O empurrei, querendo detê-lo, mas o ar entre nós dois ficou pesado, denso. Exalando sexualidade.

— Minta o quanto quiser, carinho.

Marcos me deu um sorriso de canto de boca, aquele letal, que chamecou até mesmo o dedo

mindinho do meu pé. A mão firme emaranhou de uma só vez um punhado do meu cabelo, em um puxão forte e sensual. E quando a boca dura caiu sobre a minha, tomando-me em um beijo exigente, eu não tive outra reação que não a de arfar e buscar por fôlego. Havia tanta tensão entre nós dois, que bastava um simples toque para que nos queimássemos. Nós éramos a pólvora um do outro.

Os ombros largos e rígidos me imprensaram contra a mesa, acurralando meu corpo miúdo, que fora levantado sem a menor dificuldade.

—Não — sussurrei atordoadada, ao sentir o volume de sua carne inchada entre minhas pernas.

— Eu tive uma semana miserável sem você.... — Marcos me calou com outro beijo, as mãos agora envolvendo-me apertado pela cintura. Controlando o vai e vem do meu quadril sobre o pênis enrijecido. Revirei meus olhos, consumida pela sensação, o jeans grosso acariciava meu clitóris por cima da calcinha encharcada enquanto eu lutava contra a vontade de me esfregar nele até alcançar o nirvana.

— Marcos...

— Você é tão linda. — Seus dedos afundaram em meu quadril no instante em que ele recuou, devorando-me com o olhar. Completamente enfeitiçado. — Linda e toda minha!

O olhar faminto recaiu sobre os meus seios e parou no tecido negro que cobria minha boceta. Marcos envolveu o dedo no elástico fino que cobria a lateral do meu quadril, puxando e soltando a fitinha repetidas vezes. O som de nossas respirações foi abafado pelo estalo que o tecido fazia em minha pele ao ser soltado. Não vou negar, isso parecia tortura, um meio de me punir, mesmo assim, o meu centro úmido pulsou a cada estalo. A ardência que a brincadeira sádica provocou na pele branca fez-me derreter em seus braços.

Marcos sentiu os tremores das coxas em volta do seu quadril estreito, tornando-se consciente do efeito que suas carícias causavam em meu corpo. Minha fraqueza o excitou, deixando-o mais áspero, e foi com impaciência que o homem empurrou seu pênis contra a minha vulva, a barreira de nossas roupas fazendo-me choramingar em sua boca.

— Pare, por favor... — eu supliquei, temendo o que viria a seguir. Não dava mais para continuar desse jeito, eu não podia permitir que isso voltasse a acontecer, não enquanto ele também estivesse com aquela mulher.

Não acho que Marcos tenha escutado meu pedido, pois senti a invasão lenta dos seus dedos em minha calcinha. Tentei puxá-los para fora, mas minha agitação só serviu para que ele se agarrasse à minha boceta ferozmente. Os dedos espalmados entre os lábios encharcados e o clitóris sensível.

Marcos apertou meu núcleo com possessividade, como se me desafiasse a afastá-lo. Respirei fundo, reunindo força para acabar com essa loucura, e continuei:

— Enquanto Pierla estiver com você, aparecendo ao seu lado em todos esses jornais e revistas... isso aqui... — referi-me ao sexo entre nós dois. — Não vai acontecer.

— A porra que não vai! — ele rugiu transtornado, cerceando-me por todos os lados.

— Eu estou abrindo mão de muita coisa, Marcos, mas não vou abrir mão disso. — Seu polegar apertou meu clitóris, mas já não havia espaço para que eu pudesse escapar, então tudo o que fiz foi reprimir os gemidos que teimavam em escapar da minha garganta.

— Você não se importou no passado, por que essa merda agora?

— Meu orgulho está esmagado e minha vida virada de cabeça para baixo, Marcos. Então, se for para voltar para a sua cama e viver... nesse inferno, eu espero não ter que lidar com aquela mulher de novo.

Bem lentamente, Marcos afastou a mão de dentro da minha calcinha e me encarou contrariado por ter que abandonar o calor encontrado ali, entre as minhas coxas. Amaldiçoei ao sentir meu cheiro impregnado em seus dedos, e o idiota arrogante fez questão de passá-los em minha boca e rosto, como se esfregasse na minha cara a farsa que eu era.

— Assim que você se cansar de mim... Você poderá voltar para ela. Casar, torná-la sua amante, não me interessa! — sussurrei contra o seu polegar, odiando-o por me humilhar dessa maneira. — Só que, até isso acontecer, até você me arrancar da sua vida de uma vez por todas, eu não vou aceitar ser a outra, está me ouvindo? Não vou!

— Pare de falar besteiras... — Seu olhar encontrou o meu, e eu me perguntei se ele conseguia enxergar o desespero dentro de mim. Toda a raiva e dor que eu sentia. *E tudo por causa dele!*

— Termine tudo com aquela mulher, ou todo o dinheiro que investiu para me ter de volta na sua cama não terá valido de nada!

Surpreso com meu ultimato, Marcos deu um passo atrás, sem arrancar os olhos negros dos meus. Cheguei a pensar que ele iria jogar a merda habitual sobre mim, as exigências, as velhas ameaças... Mas não foi nada disso que o homem fez.

Sem dizer uma só palavra, o idiota arrogante me arrancou de cima da mesa, fechou meu robe com severidade e se aproveitou da confusão em que eu estava para dar um último beijo em minha boca. Saindo do apartamento logo em seguida, sem qualquer explicação.

Dois dias haviam se passado desde que Marcos se virou e saiu porta afora. Nesse meio tempo, eu recebi apenas mensagens dele, todas me lembrando das questões que precisavam ser resolvidas antes que voltasse a trabalhar na Montenegro. Ir ao banco e atualizar meu guarda-roupa foram um dos compromissos que ele acrescentou na minha extensa *lista de tarefas*. Em nenhuma dessas mensagens o nome da Pierla fora citado, e eu não sabia se sentia ou não alívio. A questão era que eu não acreditava que Marcos se importava comigo o suficiente para levar em consideração o meu pedido. Ele não fez isso no passado, quando estávamos realmente juntos. Por que faria agora, quando nossa relação não passava de um acordo?

Virei-me na cama, ainda sob os lençóis, e resmunguei baixinho ao escutar o toque ininterrupto do meu celular sobre o criado-mudo. Recusei-me a levantar depressa e, ainda ajoelhada no colchão, peguei o aparelho e voltei a me jogar na cama. Fiquei surpresa ao ver o nome da Mari na tela e confesso que quase não atendi sua ligação. Não por não querer falar com ela, porque eu queria, e muito. Eu só não me sentia preparada para ter que mentir, ou pior, ter que responder a todas as perguntas que sabia que minha amiga faria. Marcos não queria que nenhuma de suas irmãs soubesse o real motivo pelo qual eu estava de volta, na mente delas, o meu retorno se dava unicamente por conta do trabalho. Nada mais, nada menos.

— Mari? — atendi receosa.

— Que alívio, Rachel. Eu estive tão preocupada com você...

— Deixa eu falar também, mamãe — Sofia a interrompeu, trazendo um sorriso em meu rosto. — Sou eu, a Sofia... você lembra de mim?

— Oi, Sofia, claro que lembro.

— Minha mamãe disse que *tá* morrendo de saudades de você.

— Eu também estou com saudades dela, ou melhor, de vocês duas.

— Nós temos um *bolinho*, agora, *Rach*. Ele é tão pequenininho...

— Já chega, Sofia, vá tomar seu café da manhã e me deixe conversar com a Rachel. — Escutei ao fundo Mariana e ela conversando e tentei com muito custo não sentir inveja da minha amiga. Será que era errado eu desejar o mesmo para mim? Uma família, um homem que me amasse...

— Me desculpe, Rachel, ela tomou o celular da minha mão. — Mariana deu uma pausa, como

se tomasse fôlego. — Bem, Marcos contou sobre a proposta de emprego que te fez, minha intenção era ter telefonado ontem, mas o teimoso me garantiu que você estaria ocupada.

— Sim, eu tive que resolver alguns assuntos pendentes.

Comparecer à consulta que o Sr. Arrogante havia marcado sem sequer pedir minha autorização fora uma dessas pendências. *Bom, pelo menos agora eu estava de volta ao meu anticoncepcional.*

— E hoje? Eu pensei que poderíamos almoçar, o que você acha?

— Acho que... seria bom — respondi, olhando para o lado de fora da janela do quarto. A cortina balançava levemente com o vento que entrava.

— Perfeito, não marque nada para o restante da tarde, porque nós temos muito o que colocar em dia.

Mariana não fazia ideia, pensei comigo mesma.

Depois de tudo acertado, o restaurante e o horário, ela encerrou a ligação, dizendo estar atrasada para levar Sofia para a escola. Marcamos de nos encontrar no mesmo lugar em que almoçávamos antigamente, longe da vista de todos os executivos de alto escalão da Montenegro. Meia-hora mais tarde, após fazer meu café e me servir, eu apoiei minha xícara sobre a mesa e comecei a ler os portais de notícias que sempre acessava quando ainda trabalhava para o Marcos. Era meu dever, naquela época, filtrar tudo o que saía sobre ele e sua família.

Não encontrando nada de interessante nos principais jornais do estado, eu acessei *aquele* que era conhecido por sempre ter alguma baixaria envolvendo a nata da alta sociedade. Na página principal, eles se autoneameavam como um jornal informativo e de entretenimento, mas o que eles faziam não poderia ser tratado como jornalismo. Até porque, a grande maioria dessas *matérias informativas* não passava de especulações maldosas.

Vasculhei as chamadas do site com pouco interesse, até que a fotografia do Marcos e da Pierla, juntos, ganharam a minha atenção. Os dois pareciam estar saindo de um restaurante, um muito elegante por sinal, mas, desta vez, não posavam para as câmeras como normalmente faziam.

"Relacionamento entre Marcos Montenegro e Pierla Vilella chega ao fim."

Era o título embaixo da foto.

"Segundo um dos garçons que serviu o casal, a Srta. Vilella não aceitou bem a tentativa de Marcos Montenegro de dar um fim 'ao não assumido' relacionamento. Não querendo revelar seu nome, o funcionário afirmou ainda que ela o chamou de insensível e cruel."

— *É muito comum, em minha profissão, assistir a término de relacionamentos, mas eu confesso que fiquei com pena da senhorita dessa vez, essa não era a primeira vez que jantavam em nosso restaurante e todos aqui achavam que eles formavam um belo casal. Espero que eles voltem a se entender no futuro...*"

Ah, meu Deus! Ele tinha... ele tinha realmente feito isso?

Capítulo 10

MARCOS

Afastei o jornal da minha frente e me inclinei de volta à poltrona de couro enquanto questionava minha própria decisão, ainda sem acreditar que eu havia feito essa merda. Apesar de todos os escândalos envolvendo minha família nos últimos tempos, a verdade era que eu nunca estive diretamente relacionado a qualquer um deles. Eu *nunca* fui o foco. Aprendi a me preservar cedo e minha aversão a esse tipo de matéria só aumentou com a tomada da presidência da Montenegro.

E agora, por causa de uma certa coisinha teimosa, eu não só era o assunto do momento como também estava sendo retratado como o vilão da história. O homem cruel que quebrou o *não tão pobre* coração de uma mulher apaixonada. Porque era esse tipo de merda que os jornalistas estavam disseminando.

Nervoso, eu passei a mão pelo cabelo, deixando-o bagunçado, e encarei o aparelho telefônico sobre a mesa do escritório. Incerto se ligava ou não para a Rachel. A dúvida que sentia fora interrompida pelo furacão chamado Isadora, que entrou em minha sala trazendo com ela uma verdadeira tempestade.

Isadora era minha irmã e eu a amava, mas, pelo amor de Deus, ela precisava dar um tempo.

— É assim que você está *cuidando* dos nossos assuntos? — ela apontou para o jornal. — Você já viu o que estão dizendo a seu respeito na internet?

— Isadora, não são nem 10h da manhã, então, por favor, não comece.

— Eles estão dizendo que foi crueldade sua ter levado Pierla a um restaurante para terminar o que quer que estivesse acontecendo entre vocês dois. Você a humilhou publicamente!

Essa era a porra da questão, eu não terminei nada, porque não havia nada para ser terminado. Eu apenas deixei claro que não poderíamos continuar nos vendo. Que ela não seria mais a minha acompanhante nos eventos e jantares para os quais eu a convidava. E que as ligações e mensagens despretensiosas que eu recebia dela também teriam que parar. Mas Pierla não aceitou isso bem e se fez de ofendida, como se, de repente, eu tivesse prometido a porra do mundo a ela e a abandonado em seguida.

— Pierla está se fazendo de vítima.

— Com toda a razão, você a manteve sob o seu olhar por meses, Marcos. Meu Deus, eu tenho certeza de que a mãe dela deveria estar até fazendo os preparativos para o casamento... — ela ralhou cheia de sarcasmo.

— Eu nunca disse que me casaria com ela.

— Não disse, mas permitiu que todos pensassem.

— Qual é o sentido dessa conversa, Isadora? Eu escutei mais do que o suficiente da Pierla, na noite passada.

— Você está fazendo isso por causa daquela... outra — Isa constatou de repente e me olhou com a expressão ressentida. — Eu não posso acreditar nisso, Marcos, simplesmente não posso. Rachel não é mulher para você, meu irmão. Até entendo que não queira nada com a Pierla, qualquer um consegue ver que ela está desesperada atrás de um marido, mas entre ela e aquela outra mulherzinha? Eu não preciso nem dizer qual é a escolha mais óbvia, não é?

— Isa...

— Eu só tenho você, Marcos. Nessa confusão toda que se tornaram nossas vidas, só me restou você. — Seu controle estava a um passo de desmoronar, e isso não era comum. — E eu não quero vê-lo cometer os mesmos erros que o nosso pai, ele perdeu o juízo, Marcos. Ele quase deu as costas a essa empresa, ele teria nos abandonado... — Isadora engoliu em seco, como se as palavras a queimassem. — Só, por favor, não faça isso também. Não me deixe sozinha para lidar com tudo...

Como eu poderia deixa-la sozinha? Eu teria que ser a merda de um covarde para dar as costas para minha família por causa de uma mulher.

— Eu não estou perdendo o meu juízo, Isa, apenas confie em mim.

Isadora se deu conta do quão estranho estava agindo e se recompôs. Ela nunca foi de expressar seus sentimentos dessa maneira. E, porra, depois de todos esses anos reprimindo tudo, ela praticamente abriu seu coração aqui, bem na minha frente. Com a cabeça erguida, minha irmã se aproximou da mesa e me encarou, agora sem qualquer vestígio de sentimentalismo em seu rosto.

— Esse aqui... — Apontou para a fotografia. — Não é você. Meu irmão *nunca* agiria dessa forma. Pense nisso da próxima vez que quiser agradar aquela mulher, Marcos. Pense muito bem.

E com isso o furacão saiu da minha sala...

ISADORA

Tentei sair da sala do Marcos com meu orgulho intacto, mas sabia que nada no mundo traria de volta as palavras que disse a ele. Eu não deveria dar motivo para que meu irmão pensasse que eu realmente me importava com o que nosso pai fizera com a gente, eu nunca fui de chorar pelo leite derramado, de remoer meus ressentimentos. Mamãe me ensinou desde muito nova a esconder a dor que eu sentia, para ela, o maior artifício que uma mulher tinha a seu favor era a arte de dissimular... *Você pode estar despedaçada, filha, mas nunca deixe que as pessoas ao seu redor saibam.*

Juro que se eu apenas fechasse os olhos poderia enxergá-la de novo. Reviver cada momento que passamos juntas. Eu não era nenhuma garotinha frágil, mas em momentos como esses, em que me sentia fora de mim, eu gostaria de ter minha mãe por perto. Tenho certeza de que ela conseguiria manter nossa vida no controle.

Mamãe nunca permitiria que Marcos se envolvesse com uma mulher abaixo do nosso nível social, ela saberia melhor do que eu como convencê-lo a abandonar aquela coisinha irritante que eu tanto odiava. Rachel não era ninguém, não tinha onde cair morta, meu Deus! Por causa dela, eu vinha sendo incomodada por essa constante sensação de impotência. Eu sabia que estava perdendo meu irmão, perdendo a única pessoa em quem eu confiava. Será que já não bastava ter que dividi-lo com a Mariana e aquela pirralha? Será que agora eu também teria que engolir uma mulherzinha interesseira?

Eu cresci tendo meu irmão ao meu lado, eu não conhecia outro porto seguro que não ele. E mesmo que nós não fôssemos o tipo de desabafos e abraços, ele sempre esteve ali para mim. *Sempre.* Agora, eu simplesmente não fazia ideia de qual era o meu papel nessa história. Eu já não me sentia parte de nada. O único setor da minha vida no qual eu ainda tinha algum controle era no meu trabalho. E eu passava cada segundo do meu dia envolvida com ele.

Enquanto passava pelo corredor praticamente vazio, eu comecei a me sentir sufocar. O nó se estalando em minha garganta, o suor escorrendo frio pela minha testa. Fiz um pequeno desvio e me dirigi à área de fumantes. Uma pequena sacada localizada no andar da diretoria. Um dos poucos lugares que a essa hora do dia estaria vazio e que me proporcionaria a privacidade de que eu precisava para conseguir recuperar meu controle.

Assim que me vi sozinha, eu fechei meus olhos e inspirei o ar natural, tentando inutilmente me acalmar, mas nem todo ar puro do mundo parecia ser o bastante nesse momento. Havia algo preso dentro de mim, algo que me atrapalhava a respirar. Eu queria gritar, fazer com que tudo voltasse a ser

como antes.

Mas eu não fiz, não fiz porque temia perder o controle caso começasse a despejar tudo para fora.

— Respire — a voz grave atrás de mim ordenou, e eu voltei a fechar meus olhos. Dessa vez consternada. Isso só poderia ser um pesadelo, não é? — Apenas respire, gatinha.

Fiz o que ele pediu, mas não porque *ele* pediu. Eu fiz porque precisava de ar dentro dos meus pulmões. Só assim conseguiria pôr minha mente em ordem.

— Há quanto tempo você tem tido esses ataques de pânico? — o grosseirão perguntou baixinho, quase ao pé do meu ouvido.

— Eu não... eu não tenho ataques de pânico!

Eu me recusava a encarar a verdade e admitir que estava tendo problemas. Essa fobia e essa dor no peito, angustiante, haviam começado depois que Henrique me deixou. No começo, eu não dei a menor importância, mas agora... era como se piorasse mais a cada episódio.

De maneira surpreendente, eu consegui me acalmar. O ar foi voltando aos meus pulmões ao mesmo tempo em que eu me tornava consciente da mão do Ricardo afagando minhas costas.

— Isso me pareceu um dos bons.

— Você não tem ideia do que está falando. — Eu me afastei do seu toque, odiando a vibração do meu corpo. — Você não tem ideia de nada! Você é um... idiota, um *grosseirão* idiota! — Juro que não sabia de onde estava saindo tanta raiva, mas eu estava cansada de ele estar sempre invadindo o meu espaço pessoal. — Essa é a última vez que eu repito isso: não-me-toque. Não olhe para mim e muito menos fale comigo!

— Eu não tenho a menor ideia do que endureceu o seu coração, mas, porra, o que você está fazendo com a sua vida é um desperdício. Você tem o mundo aos seus pés e tudo o que vejo é uma mulher amargurada e fria... Por que em vez de reclamar e ficar apontando esse seu dedinho irritante na cara dos outros, você não para só por um minuto para agradecer por tudo o que a vida tem lhe proporcionado?

— Você não me conhece, não sabe nada sobre mim! — respondi com indiferença enquanto o encarava possessa. Merda, eu não sabia o que havia nesse homem, mas ele me tirava do sério de cem maneiras diferentes.

— Graças a Deus por isso, então, porque do pouco que sei a seu respeito, eu já não gosto.

Fiquei de boca aberta com o seu atrevimento, mas antes que pudesse fazer exatamente o que ele previu, reclamar e levantar meu dedo irritante, eu fui deixada sozinha para lamber minhas próprias feridas.

RACHEL

Parei no *hall* de entrada do meu apartamento e olhei-me no espelho enquanto prendia as mechas loiras em um rabo de cavalo alto. Os óculos e as chaves estavam sobre o aparador de madeira, e eu os peguei assim que dei a última conferida no meu jeans surradinho preferido e na blusa simples que vestia. Marcos teria uma síncope se me encontrasse vestida assim na rua... Eu poderia até mesmo imaginar a carranca que se formaria naquele rosto de semblante sempre ríspido.

Enquanto descia até a recepção, eu voltei a pensar em todas as matérias que li essa manhã a respeito do término do Marcos com a Pierla. Só para chegar à conclusão de que não tinha estômago suficiente para ver todas aquelas fotos e lamentações da mídia. Eu deveria estar aliviada, certo? Mas não conseguia, havia uma certa apreensão percorrendo meu corpo e isso me deixava irrequieta. Agitada.

Cheguei à calçada em frente ao prédio e cerrei os lábios em desgosto ao ver que Hélio se encontrava à minha espera.

— Para onde estamos indo, Srta. Vidal?

— Ao *Fiorino*. — Passei para ele as coordenadas do restaurante e entrei no carro.

No caminho, odiando o silêncio, eu pedi ao Hélio para ligar em alguma estação de rádio qualquer. Era um absurdo não poder dirigir sozinha, ter que ir e vir sempre acompanhada de um motorista que, por sinal, parecia sempre atento a cada movimento que eu fazia. Surpreendi-me por escutar a voz grave da cantora Ana Carolina ressoando pelo alto-falante do carro, eu tinha um fraco por MPB e músicas melodramáticas. Intensas. E a que ouvia agora era uma de minhas preferidas.

Se tá tão difícil agora.

Se um minuto a mais demora.

Nem olhando assim mais perto.

Consigo ver por que tá tudo tão incerto.

Será que foi alguma coisa que eu falei?

Ou algo que fiz que te roubou de mim?

*Sempre que eu encontro uma saída.
Você muda de sonho e mexe na minha vida.¹*

De uma maneira que não conseguia entender, a letra da música mexeu comigo. Provocando dentro de mim uma saudade de algo que eu não conhecia, de um amor que nunca foi real. Abalada, eu apertei meu celular entre os dedos, detestando esse sentimento de espera... de aflição. Eu sabia por que o bendito aparelho estava na minha mão, sabia e não me conformava com tamanha estupidez.

Velhos hábitos, pelo visto, não mudavam. E eu estava recuperando cada um deles, ao que parecia.

Como se adivinhando, meu celular começou a tocar, e Hélió cruzou seu olhar com o meu por um pequeno segundo. *Claro que o idiota iria me dedurar.*

— Aonde você está indo?

— Olá para você também. — Desviei meu olhar do motorista, que voltou a dirigir concentrado, e olhei para fora da janela.

— Vamos lá, Rachel. Aonde?

— Que barulho é esse? — perguntei ao escutar crianças gritando ao redor dele.

— Sofia sempre me pede para trazê-la a esse restaurante, aquele em que aparentemente só há crianças... — Marcos falou conformado, sem demonstrar um pinga de irritação.

— Bom, eu estou indo almoçar com a Mariana. Ela me convidou essa manhã.

— Você leu os jornais?

— Sim, eu li.

E também vi que o Sr. Arrogante estava sendo pintado como o cruel e insensível que abandonou a *coitadinha* da Pierla. Como se a mulher não fosse mais experiente do que Mariana e eu juntas. Ela deveria ter por volta de seus 30 anos, pelo amor de Deus. Não era nenhuma menininha virgem iludida.

— Aquela merda não era para ter saído nos jornais, Rachel. Meu nome nunca foi alvo desse tipo de reportagem, isso é mídia ruim, porra! — Por que ele estava me dizendo isso?

— Eu não te obriguei a nada, Marcos, apenas...

— Você não me obrigou?

— Não, e você sabe muito bem! — falei exaltada, e mais uma vez Hélio me conferiu no branco de trás do *Chrysler*. Eu odiava esse carro, assim como odiava o apartamento em que vivia e o homem que era dono de tudo isso. — Não tenho culpa se agora está arrependido, a culpa não é minha!

— Rachel... — Marcos respirou fundo do outro lado da linha, acalmando-se talvez. — Eu preciso desligar. Mantenha-se na vista do Hélio.

O idiota arrogante não esperou pela minha resposta e desligou na minha cara. *Urgh!*

Entrei no restaurante à procura da Mariana, sentindo-me apreensiva pelo que viria a seguir. Havia tanto a ser explicado que eu temia não conseguir reestabelecer minha amizade com ela. Temia, inclusive, que Mari agisse como o irmão e me julgasse pelas decisões erradas que tomei. Felizmente, bastou olhar em sua direção e ver o sorriso amistoso em seu rosto para que todo o medo fosse exterminado. *Droga, eu estava morrendo de saudades dela!*

— Deus, Rachel, o que aconteceu com você? — Mariana perguntou em meio a um abraço apertado, ao qual nenhuma das duas parecia disposta a dar fim. — Você está tão abatida...

Sorri sem graça, incomodada que todos que me conheciam dissessem a mesma coisa: você está magra demais, está abatida, com aparência cansada.

— Eu vou ficar bem — menti, e Mariana, é claro, percebeu.

— Tem ideia de como fiquei preocupada com você? — Nós duas nos sentamos, e o *maître* fez nossos pedidos. — Não foi só eu, sabe? O meu irmão, ele... eu pensei que ele fosse enlouquecer de preocupação, Rachel. — Dei outro sorriso sem graça, porque o que Mariana presenciou na minha ausência não foi um homem *louco de preocupação*, e sim um homem furioso por ter sido abandonado. — Mas vamos deixar isso tudo para trás, ok? Você está de volta agora, e eu fiquei sabendo que vamos trabalhar juntas muito em breve! Deus, eu não poderia estar mais feliz.

Mariana irradiava felicidade mesmo e, se possível, parecia ainda mais bonita. O cabelo longo e escuro caía em cascatas pelos ombros. Seus olhos exibiam um brilho especial, que eu tinha certeza que era por causa da gravidez. Era bom saber que ela e o irmão vinham se entendendo também. Marcos podia ser um idiota na maior parte do tempo, mas ele sempre se importou com as irmãs.

— Eu também estou feliz. — Mais uma vez, meu sorriso não a convenceu, e Mariana comprimiu os lábios, apreensiva.

— Meu irmão também me contou a respeito do seu pai, Rachel. Por que nunca me disse nada? Eu poderia tê-la ajudado, poderia ter pedido dinheiro ao Marcos...

— Tudo aconteceu tão rápido, o Henrique apareceu com a solução que eu precisava, no momento em que eu precisava. Depois que seu irmão me acusou e fez todas aquelas ameaçadas horríveis, eu... tive medo. Meu pai depende de mim, Mariana, eu sou a única pessoa que ele tem na vida, e se algo tivesse acontecido comigo...

Mariana conhecia melhor do que ninguém a intolerância e teimosia do irmão. Fora ele o único a obrigá-la a ficar por quase cinco anos fora do país, longe de tudo que minha amiga amava. Isso porque eles eram da mesma família. *Imagina então o que ele teria feito comigo, caso eu tivesse ficado?*

— Como seu pai está, Rachel?

— Acho que essa cirurgia foi o último recurso para tentar diminuir a dor dele, Mari — admiti pesarosa. — Os tratamentos não surtem efeito, e mesmo que a equipe médica não diga com todas as letras, eu sei que meu paizinho já não tem muito tempo de vida. Eu posso sentir, sabe?

— Amiga, você não sabe o quanto eu lamento. Perdi meus pais muito cedo, e a dor é insuportável. — Enxuguei a pequena lágrima que escorreu pelo meu rosto. — Sei que você teve seus motivos para ir embora, sei de tudo isso e não te julgo. Só quero que entenda que você não está sozinha, Rachel. Eu sempre estarei aqui, então nem pense em desaparecer de novo, ouviu? — Mariana segurou a minha mão por cima da mesa.

— Eu não vou desaparecer. — *Eu não posso desaparecer*, pensei magoada. — Tudo o que eu quero é trabalhar com o que gosto e cuidar do meu pai. Não me importa se tenho que viajar toda semana para vê-lo, eu só quero ficar com ele...

— Eu sei, Rachel, eu sei.

Limpei meu rosto, sabendo que chorar atrairia muita atenção para a nossa mesa. Não que as pessoas se importassem com quem eu era ou com o que eu fazia... mas o mesmo não acontecia com a minha amiga.

— Vamos mudar de assunto antes que comece a chorar aqui, Mariana. — Esforcei-me para soar um pouco mais animada. — Agora me conte que história é essa de casamento. Eu ainda não acredito que perdi todas essas novidades.

— Você ainda não perdeu nada. Inclusive, Guilherme e eu queremos que você seja a nossa madrinha.

— Madrinha?

— Sim, do casamento e do nosso bebê. Você aceita? — Ela tocou a barriga, discretamente, em um gesto que só as mulheres grávidas faziam.

— Claro que aceito! Será uma honra. — Mariana sorriu alegre. — Você está com quantas semanas? — perguntei curiosa, porque sua barriga ainda não mostrava nenhum sinal de gravidez.

— Quase seis, nós ainda temos um bom tempo pela frente — brincou.

— Não posso nem imaginar como o Guilherme deve estar contente, não é? Ele sempre te amou tanto, Mari. Eu fico tão emocionada por saber que tudo deu certo entre vocês dois.

— Eu também fico. Aconteceu tanta coisa depois que você partiu, Rachel. Coisas bem ruins. Meus erros quase o afastaram de mim, sabe? Mas no final o nosso amor falou mais alto... — Ela deu de ombros e, desta vez, foi a única a segurar o choro.

Fisicamente minha amiga não havia mudado muito, seu rosto estava um pouco mais arredondado, mas apenas um olhar treinado notaria a mudança. Com seis semanas não se dava para notar uma gestação, os sintomas nessa fase muitas vezes passavam despercebidos. Mariana só desconfiou porque, assim como aconteceu na gravidez da Sofia, ela pegou aversão ao cheiro do café.

— Sei que é difícil com o seu pai no hospital e toda essa incerteza, mas você também merece ser feliz, Rachel. Tenho certeza de que agora que está de volta, você e meu irmão vão conseguir se acertar...

Mariana pelo visto não havia acreditado no irmão quando ele a comunicou de que eu estava de volta à cidade apenas para reassumir meu cargo na Montenegro.

— Não há nada para ser acertado entre mim e o seu irmão, Mariana. — Eu a cortei antes que essa conversa fosse longe demais. — Eu voltei porque preciso desse emprego, caso contrário, eu nem sequer chegaria perto do Marcos de novo.

— Você não sente mais nada por ele?

Neguei, a deixando desconfortável.

— O que aconteceu foi um erro — sussurrei.

— Marcos não pediu desculpas, pediu?

— Mariana, eu não quero falar...

— Falar sobre isso? Eu imaginei que não iria mesmo. Marcos te machucou, Rachel, e pelo

visto não foi capaz sequer de se desculpar. Vocês estarem ou não juntos não altera em nada a nossa amizade, por isso não vou insistir nesse assunto, ok? — Ela era incrível, pensei agradecida. — Além do mais, eu compreendo os seus motivos para querer ficar longe dele. Meu irmão não é uma pessoa fácil de se amar.

Não, ele definitivamente não era.

MARCOS

Quando Rachel finalmente deu o ar da graça em seu apartamento, eu já estava mais do que impaciente. Sentado em seu sofá, com os braços apoiados sobre o joelho, eu me virei para encará-la assim que a porta da frente foi aberta. Seu olhar congelou no meu e ela prendeu a respiração com angústia. Eu a observei inteira, cada parte do seu corpo, querendo me certificar de que estava tudo *ok*. A pequena provocadora havia escapado do Hélio após o almoço e desaparecido sem deixar rastros.

— Onde você esteve por toda a maldita tarde, Rachel? — rosnei ao ver que ela ainda não tinha se recuperado do choque de me encontrar em seu apartamento.

— Por aí. — Deu de ombros e deixou um pequeno pacote que havia trazido em cima do aparador. — Eu precisava respirar, Marcos, e de preferência sem a sombra do seu motorista atrás de mim.

— Você faz essas merdas, para me irritar, não faz? — Segui atrás dela, que foi em direção à cozinha.

— *Como se minha vida girasse em torno de você, seu idiota!* — Rachel murmurou, sem intenção de me deixar escutar.

— Mas a sua vida gira, ratinha. — Eu a encurralei contra a bancada da cozinha. Fazendo-a estremecer sob o controle das minhas mãos. O copo de água que Rachel segurava foi colocado de volta na bancada enquanto seu pequeno corpo enrijecia. — Você mora no *meu* apartamento, anda no *meu* carro e muito em breve estará trabalhando novamente na *minha* empresa. Fora que seu corpo é meu, Rachel. Cada delicioso pedaço dele é *meu* — sussurrei a última parte em seu ouvido, minha boca roçando sua pele.

As pernas da minha ratinha fraquejaram enquanto ela segurava com força a quina da bancada. Empurrei-a com meu quadril, apertando meu pau em sua bunda redonda comprimida dentro do jeans

surrado.

— Você é louco! — ela conseguiu murmurar, ofegante.

— Eu sou... — Escorreguei minha boca pelo seu pescoço até chegar aos seus ombros, onde inspirei o cheiro afrodisíaco. Tudo nela era meu, inclusive seu cheiro. — Eu realmente sou. — Rachel se contorceu ao sentir a mordida em sua carne, o movimento fazendo sua bunda deliciosa esfregar na braguilha da minha calça.

Ainda com ela de costas para mim, eu desabotoei seu jeans, que caiu por entre as suas pernas. E quase a recriminiei pela *lingerie* que estava usando, só não o fiz porque fiquei vidrado em seu corpo. Na cintura fina que se alargava para receber o quadril curvilíneo, na pele branca de sua bunda e, principalmente, nas coxas macias que estremeciam a olhos vistos. No final das contas, pouco importava o que a cobria, porque eu a queria nua.

— Marcos... eu acho que nós... não devemos... *Ah, meu Deus!* — ela gemeu assim que meus dedos deslizaram em suas dobras por dentro da calcinha. — Por favor, nós temos que conversar.

— Nós não conversamos, ratinha, só discutimos, e eu estou ficando cansado disso.

— Mas... e quanto a Pierla? — Afundei dois dedos dentro da sua boceta, que de tão lambuzada tornou a porra do meu trabalho muito mais fácil.

— Você quer trazer o *assunto Pierla* quando eu tenho dois dedos meus enfiados dentro de você? Realmente, Rachel? — Ela se inclinou sem forças sobre a bancada de mármore.

— Por favor. — Com uma mão enterrada no meio de suas pernas, eu usei a outra para puxá-la de volta, agarrando seu cabelo e fazendo-a se curvar de maneira que minha boca ficasse à altura do seu ouvido.

— Não há mais Pierla, carinho, não há mais nenhuma outra mulher. Entende? — Rachel respirou com dificuldade, conforme eu fazia minha mágica em seu interior. — Só há você.

Seu gozo veio para mim em instantes, a boceta ensopada sugou meus dedos, prendendo-os enquanto ela se contorcia e gritava de prazer. Eu a assisti ofegar e amolecer em meus braços, as pernas bambeando de tão fracas. Mas eu não a deixei cair. Eu enlacei sua cintura, a segurando com força até que minha ratinha estivesse consciente de mim.

Virei-a devagar, sendo apresentado pelo olhar desnortado no seu rosto. Mesmo que tenha sido por poucos instantes, Rachel me fitou como se eu fosse o único homem no mundo. *Merda, eu sentia falta desse seu olhar, sentia muita falta!* Mais abalado do que gostaria de admitir, eu entrelacei

meus dedos em seu cabelo e a beijei profundamente, ficando puto da vida por ainda sentir sua resistência.

— Você pediu que eu deixasse a Pierla, e eu o fiz. Agora pare de lutar comigo. — Minhas palavras foram seguidas de outro longo beijo, e, desta vez, eu não consegui reprimir a onda de luxúria. Eu mordi aqueles lábios de maneira possessiva, faminta. Eu queria tudo dela, cada entrega e solução.

Com minha língua afundada em sua boca quente, eu tive que impedi-la de me afastar. Rachel travava uma luta entre sua mente e seu desejo, e eu estava adorando vê-la perder. Sucumbindo ao que nos tornávamos quando estávamos juntos.

Afastando-me apenas o suficiente para poder sussurrar, eu ordenei:

— Tire sua calcinha. — Eu a virei, inclinando-a contra a bancada de novo. — Deixe-me vê-la nua.

— Não! — Rachel se recusou.

— Não?

— Eu... não quero... tirar minha calcinha. — A maneira nervosa e agitada com que falou me fez rir.

— Você gosta do difícil, não é? Gosta que eu perca a cabeça, só pode ser isso— murmurei, prendendo o lóbulo de sua orelha entre meus dentes.

Sentindo-a estremecer, eu deslizei minha boca pelas suas costas, arrancando de uma vez só a blusa que ela vestia. Continuei descendo, lambendo a pele avermelhada. Rachel não gemeu ou ofegou, ela não queria me dar esse prazer. Quando eu finalmente me ajoelhei atrás dela, meu rosto ficando frente a frente com a bunda em formato de coração, minhas mãos foram cada uma para um lado do seu quadril e eu trouxe sua calcinha para baixo. Perdendo a porra do controle ao ver a evidência molhada no pequeno tecido branco. Seu cheiro invadiu minhas narinas, e eu retribuí a tortura mordendo a pele branca, afundando meu nariz e boca na linha tênue que dividia o seu bumbum.

Rachel enrijeceu na primeira lambida em seu cuzinho, e mesmo que não pudesse vê-la, era fácil imaginar a força com que seus dentes brancos deveriam estar mordendo seus lábios. Essa era uma área proibida para mim, eu nunca tive permissão de invadi-la, nem com meu pau nem com meus dedos. Mas agora, enquanto sugava o pequeno e apertado buraco, eu podia ver que ela não era indiferente ao carinho.

Os gemidos que Rachel não conseguiu controlar ressoaram pela cozinha, deixando-me com ainda mais tesão. Meu pau não havia chegado sequer perto da sua boceta e se encontrava à beira do gozo. Levantei-me rapidamente e encapei a ereção com o plástico transparente da camisinha. Sendo recompensado ao ser abraçado pela boceta mais gostosa que tive o prazer de foder. Rachel gritou o meu nome ao ser invadida, seu cabelo caindo para frente enquanto ela gemia e choramingava. Estar enterrado até o fundo dentro dela ainda não era o bastante, meu lado animal queria mais. Queria muito mais, porra!

— Você é uma pequena mentirosa, luta tão bravamente para me afastar enquanto essa sua boceta anseia pelo meu pau. Não é?

— Por favor.... — ela gemeu ao ser golpeada uma, duas, três vezes... As investidas eram rápidas e profundas.

— Por favor o que, Rachel? Você quer que eu pare? É isso? — provoqueei-a, fingindo estar prestes a deixá-la.

— Nã-não! — a pequena atrevida gemeu desesperada.

— Eu sabia, porra! — Enterrei meu pau até o talo, deslizando dentro e fora do seu calor enquanto mantinha um punhado do seu cabelo entre meus dedos. Seu corpo ardeu, molhado de suor, e eu chupei cada gotícula que escorreu de sua nuca. Os gemidos e soluços que escutei tornaram difícil a intenção de prolongar o ato, Rachel queria vir, eu sentia isso pela forma como sua boceta me apertava. Mas eu não dei o alívio a ela, ao contrário, prolonguei e adiei ao máximo sua liberação. Eu a queria implorando.

— Eu sou um filho da puta ganancioso quando se trata de você, carinho, é melhor que entenda isso de uma vez por todas. — Ela convulsionou ao receber um tapa na bunda, e a pele suada, exalando seu cheiro, fodeu com a minha cabeça. Eu queria mordê-la e foi o que fiz.

— Marcos... ah! — Ter meus dentes em sua carne foi o bastante para fazê-la gozar. Os espasmos vieram um atrás do outro, seu corpo desmoronou em meus braços, sem forças para se manter de pé. Continuei o vai e vem, os dentes ainda cravados em seu ombro e o braço mantendo-a presa a mim. A visão que tinha dos seus seios movendo-se conforme eu a golpeava foi o inferno na Terra. Meu orgasmo veio violento, eu inchei dentro dela e dilatei ainda mais a boceta apertadinha.

Os tremores, tanto os meus quanto os delas, pareceram durar uma eternidade, nossos corpos demoraram a se recuperar do efeito devastador do orgasmo. Por isso eu a mantive apertada contra o meu peito, ciente de que, se a soltasse, ela desmoronaria no chão.

— Rachel — murmurei seu nome ao pé do seu ouvido. — Deixe-me limpá-la.

— Não... — a teimosa resmungou baixinho e afastou as mechas do cabelo loiro do seu ombro, deixando à mostra a marca da mordida. *Droga!*

— Eu vou ter que colocar um pouco de gelo em seu ombro para não ficar a marca, carinho, você consegue se manter de pé se eu soltá-la? — Beijeí carinhosamente a área vermelha de sua pele.

— Basta ir embora, Marcos... eu não preciso que você cuide mim. Eu posso fazer isso sozinha.

— Carinho, não seja teimosa. Eu sempre cuidei de você após transarmos e você nunca se incomodou.

Rachel se virou, sem a minha ajuda, e recostou contra a bancada. Os braços magros tapavam os seios, enquanto o restante do seu corpo exibia-se completamente nu. Sua boceta brilhava sem nenhum pelo ao redor, as coxas tremiam, vermelhas por conta das estocadas... *Porra, eu havia acabado de sair de dentro dela e já a queria de novo.*

— Você conseguiu o que queria, Marcos, porque não pode simplesmente me deixar em paz agora? Volte para aquela mansão, vá cuidar dos seus negócios, da sua família! Deixe que de mim eu mesma cuide!

Sacudi a cabeça, cansado dessa sua teimosia.

— Ninguém cuida melhor de você do que eu. — Acaricieí seu rosto ao dizer essas palavras, e os olhos azuis à minha frente me fitaram cheios de raiva. Rachel afastou minha mão, rejeitando meu toque. *Outra vez.*

— Marcos, eu preciso tomar um banho e tirar o seu cheiro da minha pele — disse apática, enquanto recolhia a blusa e calcinha do chão. — Então, por favor, vá embora e tranque a maldita porta quando sair!

Eu a observei se afastar em silêncio. Surpreso demais para ter qualquer reação à sua ousadia de me expulsar do apartamento que *eu* mantinha para ela. Rachel não se virou para olhar para mim em nenhum momento, ela apenas pegou as roupas com todo o orgulho que reuniu e saiu da cozinha como se fugisse do próprio diabo.

Que porra era essa que tinha acabado de acontecer aqui?

RACHEL

Corri para o banheiro e joguei minhas roupas em um canto qualquer. Eu tinha feito isso de novo, eu deixei que ele me tocasse e respondi ao seu toque... *Mas como eu poderia não fazer?* Envergonhada, tranquei a porta atrás de mim e me aproximei do espelho. Quando meus olhos encontraram o meu reflexo eu soltei o ar que vinha prendendo por todo esse tempo. Eu estava uma verdadeira bagunça. Não só fisicamente.

Eu não posso permitir que você me quebre de novo, Marcos, eu não posso!, pensei enquanto tentava me convencer de que eu poderia dar ao Sr. Arrogante o maldito sexo que ele tanto queria e nem por isso colocar o meu coração em risco. Essa era a única maneira de conseguir me proteger até que pudesse estar livre desse inferno.

Capítulo 11

RACHEL

Dois meses depois...

Acordei sentindo a reviravolta em meu estômago, *mais uma vez*. Essa era o quê? A terceira ou quarta vez nessa semana em que meu sono era interrompido pelo mal-estar? Só que hoje, além de enjoada, eu também estava desconfortável com o homem deitado ao meu lado na cama. Levantei-me com todo o cuidado, sabendo que qualquer movimento brusco o acordaria. Marcos não era como eu, seu sono não era pesado. Fora que ele parecia ter controle de tudo o que acontecia ao seu redor... até mesmo quando dormia.

Essa não foi uma lição que aprendi nos dois anos que passamos juntos, porque naquela época nós não dividíamos a cama para nada além de sexo. Mas por algum motivo, desde o dia em que eu corri para longe dele e o deixei perplexo em minha cozinha após transarmos, Marcos vinha se comportando de uma maneira estranha. O homem ainda era estúpido e alimentava a errônea ideia de que eu lhe pertencia. Só que em meio a todo o sexo e discussões que tínhamos, ele também vinha me entregando uma pequena parte dele que eu nunca tive a chance de ter ou conhecer.

Não eram todos os dias, mas uma vez ou outra, Marcos passava a noite inteira comigo. Nós jantávamos *juntos* e dormíamos *juntos*. Ao mesmo tempo em que essa novidade mexia comigo, também me assustava. Tudo bem que na maior parte das vezes, ele saía do apartamento antes mesmo que eu acordasse, mas em algumas outras, como essa manhã, ele se permitia ficar e acordar comigo.

Era engraçado que até dormindo ele parecia tenso, rígido. Era como se o homem nunca relaxasse. Suas responsabilidades pesavam sobre os seus ombros. Tanto que, às vésperas do casamento da Mariana, Marcos andava mais nervoso e intransigente do que o habitual. Não que ele fosse admitir, mas para mim estava claro como a água limpa do oceano que a chegada desse casamento o estava deixando agitado. Talvez o fato de sua irmã caçula estar prestes a se casar estivesse mexendo com sua cabeça.

Em meio a uma dessas crises de raiva, eu até tentei conversar com ele. Fazê-lo se abrir comigo, mas o Sr. Arrogante, dono do mundo, irascível até o último fio de cabelo, se recusava a me dar abertura para qualquer assunto que envolvesse a sua *preciosa* família. Nesses momentos em que

ele agia como um idiota, eu agradecia por tê-lo sempre me lembrando do motivo pelo qual eu tinha, não um muro, mas um edifício inteiro erguido entre nós dois.

Por causa dessa distância que impus entre ele e o meu coração, entregar meu corpo se tornava cada dia mais difícil. Tanto que eu não entendia a capacidade que algumas mulheres tinham para fazerem isso, de separar o sexo do amor, da emoção. Eu poderia discutir, ser fria e distante na maior parte do tempo, mas quando Marcos me tocava, quando ele me tomava como dele, eu me tornava uma bagunça. Não foram poucas as vezes em que perdi o controle das minhas emoções ou que me vi obrigada a fugir dele após gozarmos. Quase sempre que fazia isso, era para o banheiro que eu corria. Lá era o único lugar em que eu me permitia chorar. Longe da sua vista.

Se Marcos percebeu a minha mudança, ele não me deixou saber. O homem continuava fechado, inabalável. O único momento em que eu o via perder o controle era quando fazíamos amor ou quando discutíamos. O que vinha se tornando cada vez mais comum. Eram nessas ocasiões, quando brigávamos, que o Marcos fazia questão de passar a noite comigo. A princípio, eu achei que essa fosse a maneira dele de me punir, empurrando sua presença mesmo quando eu não suportava sequer olhar em sua direção. Mas depois de um tempo, eu percebi que não era a raiva que o motivava a ficar, e sim o medo de que eu pudesse desaparecer de novo. Quebrar o nosso acordo.

Sentindo-me piorar, eu saí da cama e corri para o banheiro. Desta vez, sem tempo até para trancar a porta atrás de mim. Tudo o que havia comido nas últimas 24 horas foi jogado para fora do meu estômago. Eu me encontrava fraca e mal-humorada estando ali naquela posição, curvada sobre o vaso sanitário. De tão concentrada eu demorei a me dar conta da aproximação do Marcos, que ficou ali, parado, no batente da porta observando a minha desgraça. Quando liberei tudo o que tinha dentro de mim, fiquei de pé e afastei meu cabelo do rosto.

— Me deixe sozinha, Marcos! — pedi baixinho, antes de começar a lavar meu rosto e escovar os dentes. A visão que tive de mim mesma era deplorável. Minha pele estava mais branca que a de um fantasma, meus lábios sem cor e meus olhos azuis pareciam sem vida de tão fundos.

— Você não está bem — concluiu, me dirigindo um olhar preocupado.

— Que gênio que você é! — retuquei segundos antes de fazer um longo gargarejo, cuspidando todo o líquido do enxaguante bucal na pia.

Marcos observou meu ritual matinal compenetrado, como se pensasse mil coisas ao mesmo tempo. Tentei com muito custo não me deixar afetar com a visão do seu corpo, tudo bem que meu estômago estava uma merda, mas eu teria que ser louca para não me abalar com a imagem dele vestindo apenas uma boxer atrás de mim. Suas coxas musculosas exibiam pelos escuros e o mesmo

acontecia na parte inferior do seu abdômen. As marcas dos arranhões que deixei nele na noite passada pareciam em carne viva. Vermelhos e inflamados.

— Você gosta do que vê, Rachel? Gosta de saber que foi capaz de marcar minha pele? — a voz dele soou grave e sedutora.

— Não estou com paciência para você hoje, Marcos.

Nem hoje e nem nunca, pensei inconformada. Eu andava cansada dos nossos confrontos. Cansada da batalha que era trabalhar na Montenegro e estar tão próxima a ele novamente. Nada mais era como antes, nós não tínhamos mais aquela cumplicidade. Marcos não confiava em mim e eu não confiava nele. Para piorar o que já era insuportável, a víbora da sua irmã vinha tornando a minha vida um inferno.

Duas semanas depois que voltei a Joinville, eu havia começado a trabalhar como assistente da Mariana, que agora comandava todo o setor de produção da Montenegro. Desde então, Isadora fazia o possível para me tirar do sério. No fundo, o que ela desejava era fazer com que Marcos me colocasse na rua, o que eu não duvidava que fosse acontecer caso nós duas continuássemos a nos estranhar pelos corredores da diretoria.

Meu peito se encheu de raiva ao relembrar a discussão do dia anterior. A verdade era que eu havia chegado ao meu limite depois de escutar da boca daquela víbora que eu não passava de um brinquedo temporário nas mãos do Marcos, que quando ele encontrasse uma mulher à sua altura, me deixaria sem nada. Com o orgulho ferido, eu a mandei ir para aquele lugar na frente de todas as secretárias do andar da diretoria. Isadora ficou vermelha, roxa e azul de tanto ódio. E foi aí que a confusão começou.

Mariana não estava lá dessa vez para intervir ou entrar na briga ao meu lado, o que realmente agradei, porque a mulher estava gravidíssima. O único problema era que, com a ausência da minha melhor amiga, já que ela andava ocupada com os últimos preparativos do casamento, eu me tornei o único alvo das tiranias da sua irmã mais velha.

Com a confusão que Isadora e eu armamos, o Marcos ficou furioso. Principalmente comigo. Chegando ao ponto de chamar minha atenção na frente de todos que haviam me assistido ser provocada. Ele, claro, defendeu a irmã e fez questão de me lembrar da minha posição dentro da sua querida empresa. Não preciso nem dizer que, no final do dia, eu saí da minha sala sentindo-me pior do que uma prostituta barata. Desejando apenas poder chegar em casa sem qualquer outro contratempo e esquecer a existência daqueles dois.

Essa era a minha intenção, tanto que a primeira coisa que fiz ao entrar em meu apartamento foi me jogar na cama. Eu teria feito isso pelo restante da noite, se não fosse a presença do Marcos, que decidiu aparecer apenas para despejar sua raiva em cima de mim. O idiota arrogante reforçou o fato de que sua irmã sempre viria antes de mim e me aconselhou a não voltar a ofendê-la, não importasse o que a víbora fizesse.

— Sua irmã não vai gostar de saber que você passou a noite com a mulher que a ofendeu... — insinuei, querendo provocá-lo.

— Nós não voltaremos a essa discussão.

— Claro que não, você não aceita a verdade. Sua irmã é um caso sem conserto, Marcos. Isadora é manipuladora, e se você continuar a agir como se ela fosse um bibelô indefeso...

— Minha irmã tem problemas, Rachel, o que você espera que eu faça? Que dê as costas a ela por sua causa?

— Eu não espero nada de você, Marcos. Absolutamente nada. — Soei tão firme quanto poderia e voltei ao quarto. Colocar tudo para fora, ao que parece, não havia melhorado o meu mal-estar. Eu ainda me sentia enjoada. Ou talvez fosse apenas a decepção engasgada na garganta que estava me deixando doente.

Será que era muito esperar que Marcos ficasse ao meu lado? A louca da irmã dele disse para quem quisesse escutar que eu não valia nada e mesmo assim o idiota saiu em sua defesa.

— Se você continuar passando mal, não acho que seja uma boa ideia comparecer à cerimônia amanhã.

Estava demorando...

— Isso te faria muito feliz, não é? — Marcos não disse nada. — Eu sei que a ideia de que eu vá ter um laço permanente com a sua família o incomoda, mas não há nada que você possa fazer. Eu não só serei a madrinha de casamento da sua irmã, como também serei do seu futuro sobrinho. E, para que saiba, mesmo que eu esteja morrendo, eu irei a esse casamento!

Nem que fosse apenas para irritá-lo, pensei comigo mesma.

— Faça como bem entender, Rachel. Eu disse a você todos os motivos pelos quais eu não quero que você assuma esse tipo de responsabilidade com a minha família, mas você é teimosa!

Furiosa, eu me aproximei dele e apontei meu dedo em seu peito nu.

— Eu. Te. Odeio!

— Isso é o que você vive me dizendo — debochou, o rosto mais sério do que o de costume enquanto eu o encarava de volta. Senti um forte desejo de bater nele com toda a força que meus braços magros poderiam ter, mas eu sabia que estaria cruzando uma linha sem volta, se o fizesse. Em vez disso, eu o assisti dar um passo em minha direção, ao mesmo tempo em que uma nova onda de enjoo tomava conta do meu corpo.

Isso não era possível, o que estava acontecendo comigo?, questionei-me ao sentir minhas vistas ficarem turvas.

— Porra, Rachel! — Marcos segurou meu corpo e eu me agarrei aos seus braços com uma mão enquanto, com a outra, tapava minha boca novamente.

— Eu preciso... — Ele sabia do que eu precisava e me ajudou a chegar até o banheiro sem que eu precisasse dizer outra palavra. Eu me curvei sobre o vaso, agora sem nada para colocar para fora, e fui surpreendida quando Marcos me ajudou, afastando meu cabelo para trás.

Sem conseguir controlar o desespero que surgiu dentro de mim, eu comecei a soluçar ao mesmo tempo em que meu corpo estremecia por conta da força que meu estômago fez para rejeitar o que havia me feito mal. Senhor, eu odiava ficar doente, pensei segundos depois, ao ser conduzida até a borda da banheira. Marcos a encheu com água morna, sem tirar os olhos de mim em momento algum. As sobrancelhas grossas e escuras encontravam-se cerradas e o seu rosto nebuloso.

Torci-me ao meio ao ser atingida pela cólica no baixo-ventre, meu desconforto físico o fazendo vir em meu socorro.

— Levante os braços para mim, carinho. — Eu o fiz sem reclamar, porque o homem podia ser tudo, mas ele realmente parecia preocupado comigo. — Se eu te pedir para ficar em casa hoje e descansar, você me dará ouvidos? — perguntou relutante, sabendo dos meus planos de passar o dia e a noite com a Mariana.

A cerimônia estava prevista para acontecer amanhã no haras da família do Guilherme. Aquele lugar estava uma bagunça por conta dos preparativos, e meu dever como madrinha era estar ao lado da Mariana.

— A sua irmã precisa de mim, Marcos. Além disso eu estou bem... foi só...

— Você está bem, porra? Eu acabei de vê-la vomitar duas vezes, isso não me parece nada bem! — Seu tom de voz saiu alterado, mas vendo que sua reação me deixou apavorada, ele amenizou o timbre. Uma pena que tarde demais, porque eu me deixei levar pela mágoa que sentia.

— Como se você se importasse comigo! — O bom humor me fez ter vontade de machucá-lo. —

Eu posso ter odiado o que sua irmã me jogou na cara ontem, mas no fundo ela estava certa, sabe? — Respirei profundamente antes de continuar. — E, Marcos? Eu tenho contado os dias para que você se canse de brincar comigo e me deixe ser livre. Eu sonho com o dia em que eu nunca mais vou precisar olhar para você, ou estar com você. Eu...

— Cale a porra da boca, Rachel! — ele rosnou e eu ri, ri em meio aos soluços. Nem o fato de ele estar ajoelhado à minha frente, tentando *cuidar de mim*, me acalmou. Talvez eu estivesse louca de vez, só poderia ser isso.

Ainda sentada, lutando comigo mesma, eu o deixei deslizar minha calcinha para baixo. Adorando ver a expressão de raiva em seu rosto sempre tão controlado e confiante. O Sr. Montenegro odiava ser rejeitado. O ego inflado dele não era acostumado a isso.

— Eu não vou ser sua para sempre — sussurrei me tornando alvo do seu olhar duro, aquele que ele me lançava quando estava em seu limite.

— Eu nunca disse que seria.

A resposta rápida me fez engolir em seco. Marcos estava certo em me aconselhar a não entrar em batalhas que eu não poderia ganhar, a cada desaforo que eu cuspia, recebia um muitíssimo pior. Mas desistir disso, desistir de lutar... seria assumir a minha derrota. E eu não estava pronta para perder ainda. E foi por esse motivo que eu coloquei em meu rosto um dos meus melhores sorrisos. Empurrando para debaixo do tapete o mal-estar filho da puta que eu sentia. E, principalmente, a dor que o idiota me causava. Eu sorri tão contra vontade que minhas bochechas protestaram. Mas eu mantive meu sorriso. Mantive porque, se não o fizesse, eu acabaria deixando que ele visse o rio de lágrimas que se amontoaram em meus olhos.

Saí da banheira minutos mais tarde, nutrindo a esperança de que Marcos já não estivesse mais no apartamento. Infelizmente ele estava, e muitíssimo bem-vestido, por sinal. O cheiro amadeirado e sensual da sua colônia cobriu cada pedaço do cômodo. De uns tempos para cá, o meu *closet* fora invadido por várias de suas camisas e objetos pessoais. Itens que ele usava para o caso de alguma emergência.

— Tome seu café da manhã que eu mesmo a levarei no haras — fui avisada assim que ele terminou de conferir cada pedaço do meu corpo, como se buscando por algum sinal de que eu não estava sentindo-me melhor.

O que graças a Deus já não acontecia, porque após o banho que Marcos preparou, o meu sono letárgico havia desaparecido, assim como o enjoo. Meu rosto até mesmo exibía um pouco mais de

cor.

— Não se incomode, o Hélió pode me levar. — Eu me encolhi dentro da toalha felpuda, adorando a sensação reconfortante.

— Eu tenho que ir ver minha irmã, Rachel. O dia de amanhã será corrido e não terei tempo para conversar com ela antes da cerimônia, então terei que fazer isso hoje. Agora se apresse, porque eu não tenho o dia todo.

— Como o senhor quiser. — Fiz uma pequena reverência e me dirigi ao *closet*.

Sem o menor sinal de fome, eu levei meu tempo preparando a mala para o fim de semana que passaria com a Mari. Nada exagerado, já que, após a festa, Guilherme e ela seriam levados ao aeroporto, onde pegariam um voo para a França. O casal planejava passar os próximos 15 dias viajando pela Europa.

Com o cabelo enrolado no alto da cabeça, eu me enfiei dentro de um vestido soltinho e calcei um par de botas marrons confortáveis e apropriadas para passar o dia inteiro correndo para lá e para cá pelo haras. Quando terminei e voltei ao quarto, Marcos se encontrava longe de ser visto e eu me permiti pensar sobre o dia de amanhã.

Desta vez eu não estaria presente como uma funcionária da Montenegro ou assistente do presidente da empresa. Eu estaria presente como a amiga e madrinha da noiva. Marcos não poderia impor suas exigências ou vontades nem se dar ao direito de escolher o que eu iria vestir ou como iria me comportar. Desta vez, o idiota arrogante não poderia controlar merda nenhuma!

MARCOS

O telefone da Rachel começou a tocar antes de chegarmos à estrada de chão que nos levaria até o haras. Observei seu rosto, bem mais corado do que quando a encontrei passando mal, mas, ainda assim, pálido. E notei sua relutância em atender a ligação. Levou quase um minuto até que minha ratinha teimosa atendesse, e apenas um segundo para que o nome do desgraçado no outro lado da linha fosse dito. Dr. Otto, ou Alexandre, como ela tinha a audácia de chamá-lo, vinha me tirando do sério nos últimos dois meses. As ligações nos horários mais inoportunos do dia, os sorrisos que ele causava nela... Porra, eu tive que me segurar para não arrancar o celular da mão dela agora mesmo e jogá-lo na estrada.

— O meu pai está bem? — Rachel perguntou apreensiva. — Não, eu não posso falar agora.

Sim, eu estou bem. Eu ainda não tive como conversar sobre isso... Eu sei, eu sei.

Ao encerrar a ligação, Rachel olhou para fora da janela um pouco perdida. Nós já estávamos na estrada de chão, a poeira subindo conforme acelerava a SUV pelo caminho. A inquietude que se apossou do seu corpo me incomodou, eu não gostava de ficar alheio ao que acontecia naquela sua cabecinha teimosa.

— Será que esse médico não te dá folga nem no sábado? — perguntei, odiando o silêncio que se instalou no carro após a ligação do infeliz.

Se dependesse da minha vontade, eu já teria afastado a Rachel do Dr. Otto há muito tempo. Essa *amizade* que ela tanto prezava não passava de uma desculpa desse médico para ficar sob a pele dela. O único meio de fazer isso, de afastá-los, seria proibindo as visitas semanais que ela fazia ao pai. E veja, isso estava fora de questão. Se havia um sentimento que eu respeitava na Rachel, era esse amor e devoção que ela nutria pelo homem que a colocou no mundo.

— Ele ligou para me atualizar sobre o estado de saúde do meu pai, Marcos.

— Não foi o que me pareceu.

— Quando você vai entender que eu e ele somos apenas amigos?

— Amigo uma ova, porra! O homem quer o que é meu, ratinha. Eu só espero que você tenha se dado ao trabalho de explicar a ele que isso nunca irá acontecer.

— Ele está na cidade — ela despejou, quase que com medo de me contar.

À beira de um ataque de nervos, eu reduzi a velocidade do carro e o joguei para o acostamento.

— Você está me dizendo isso por quê? — Virei-me para encará-la, encontrando seus olhos azuis incrivelmente arregalados.

— Eu pensei em convidar ele para o casamento...

— Esqueça.

— Marcos!

— Se esse homem chegar perto de você enquanto ele estiver na cidade, eu juro por Deus, Rachel, que faço com que se arrependam.

— É assim que você consegue tudo, afinal, não é? Com ameaças e chantagens. — Rachel cruzou os braços em volta do seu corpo, contrariada.

— O que esse infeliz está fazendo aqui, afinal?

— Alex tem uma conferência essa tarde...

Assenti devagar, começando a achar que esse doutorzinho intrometido estava se aproximando demais da Rachel. Como se a tensão constante entre mim e ela já não fosse problema suficiente para nós dois. Vinha sendo um martírio conviver com a mudança de humor dessa mulher. Ela podia ir de escaldante para uma pedra de gelo em questão de segundos. Eu nem sabia mais o que vinha se passando com ela. Rachel parecia ter aprendido a maneira exata de como se manter distante, e o único momento em que eu conseguia quebrar sua resistência era quando estávamos emaranhados sobre os lençóis.

E eu, que achei que com o passar das semanas o desejo que sentia seria exterminado de dentro de mim, errei feio. Não importavam as lutas e as discussões nem mesmo todo o sexo que fazíamos, nada fora capaz de diminuir a vontade que sentia dela. Muito pelo contrário, a obsessão parecia maior. O desejo me punha louco, e meus instintos de posse gritavam a cada vez que meus olhos recaíam sobre ela. Nada arrancava da minha mente a ideia de que aquela coisinha irritante e arredia tinha um dono. *E que esse dono era eu.*

MARIANA

Fui capaz de sentir a tensão entre meu irmão e a Rachel no instante em que os dois pisaram no casarão do haras. Os funcionários que trabalhavam junto à cerimonialista andavam de um lado para o outro, levantando tendas, testando a iluminação e o som. Guilherme estava lá fora em algum lugar, os ajudando enquanto Fátima e eu cuidávamos dos últimos preparativos aqui dentro. O *buffet* escolhido seria inteiramente regional e, após a cerimônia, todos os convidados se reuniriam para um almoço ao ar livre e música ao vivo. O padre Homero, mesmo após o escândalo que minha irmã e eu protagonizamos em sua igreja, fez questão de realizar o meu casamento. Ele nos conhecia desde que éramos pequenas e sabia de nossas diferenças.

Olhando tudo a meu redor, uma onda inexplicável de felicidade tomou conta de mim. Eu não me importava que estivesse colocando a mão na massa, de estar tendo um dia agitado em vez de sentar minha bunda e relaxar como era o esperado. Esse era o meu casamento, com o homem que eu amava, e faria o impossível para que tudo saísse perfeito.

Emocionada, eu passei a mão em minha barriga, ainda plana, e sacudi a cabeça. Encarando os dois teimosos à minha frente. Se eles ao menos se permitissem viver o tipo de sentimento que

Guilherme e eu nutríamos um pelo outro... tudo seria mais simples. Rachel jurava de pé junto que não existia mais nada entre ela e o Marcos, só que minha intuição dizia o contrário. Trabalhar todos os dias ao seu lado me fez presenciar em primeira mão o quanto minha amiga estava fragilizada. Os olhares perdidos e a aparência sempre cansada eram sinais de que por trás do sorriso que ela forçava, havia uma infinidade de questões a puxando para baixo.

Rachel não era mais a mesma, uma parte dela foi quebrada depois dos erros que Marcos cometeu. E era por isso que eu torcia para que meu irmão não voltasse a meter os pés pelas mãos e machucasse minha amiga mais do que ela aguentaria. Eu o amava, e em algum momento até cheguei a torcer pelos dois, mas agora tudo o que restava eram dúvidas quanto à possibilidade dele de fazê-la feliz.

— Titiooo! — Sofia gritou ao aparecer na sala e se jogou em seus braços. — Você tá aqui!

— Estou sim, pequena. Eu vim visitar você e a sua mãe antes da cerimônia de amanhã.

— Amanhã a gente vai casar, titio. — Ela o apertou pelo pescoço, não cabendo em si de tanta felicidade. Todo mundo que passava pela porta principal a ouvia repetir sobre o casamento dela com o nosso *cabói*.

— Dê um tempo ao seu tio, Sofia, você está suja... — avisei, mas nenhum dos dois me deu ouvidos.

Virei-me para a minha amiga então, que tinha um olhar ferido em seu rosto e que fez meu próprio coração doer. Rachel encarava a cena do Marcos com a Sofia no colo como se isso a machucasse profundamente.

— Rachel... — chamei seu nome baixinho, fazendo-a engolir em seco e olhar para mim. *Deus, tinha algo muito errado com ela!*

— Eu... eu posso ir ao banheiro? — balbuciou, o rosto ficando branco.

— Claro que sim, fique à vontade — respondi e olhei para o Marcos, que parecia empenhado em ignorar minha amiga.

— Aconteceu alguma coisa? — Cruzei os braços em frente ao meu corpo, o desafiando.

— Não que eu saiba — Marcos respondeu, indolente, e liberou minha filha, que voltou a correr para longe. Eu não fazia ideia do que Fátima dera a ela essa manhã, mas podia apostar que havia sido algo com muito açúcar, porque a menina não parava quieta nem por um segundo.

— Impossível que seja nada, Rachel estava pálida, Marcos. Você deve ter dito alguma

bobagem que a machucou.

— Esqueça a Rachel, Mariana, ela deveria ser uma das suas últimas preocupações nesse momento.

Como ele podia ser tão estúpido, às vezes? Sério?

— E pensar que eu cheguei a torcer para que os dois se acertassem — admiti consternada. — Agora eu vejo que foi ingenuidade minha, você é incapaz de se permitir amar alguém como ela.

— Meus motivos para não me envolver com a Rachel vão além das diferenças sociais, Mariana.

— Você a perseguiu como um louco, pelo amor de Deus! Eu pensei que você sentisse algo...

— Você pensou errado — Marcos retrucou, quase como um rosnado, e olhou além de mim, fazendo-me virar e dar de cara com uma Rachel embaraçada no final do corredor. Será que ela tinha escutado a nossa conversa?

A troca de olhares entre os dois foi tão fria que até me arrepiei. Percebendo a tensão, eu arrastei minha amiga para o quarto em que ela passaria a noite e pedi que meu irmão me esperasse por mais alguns minutos. Eu não tinha ideia do que tínhamos para conversar, mas para ele ter se locomovido até aqui, deveria ser algo muito importante.

— Eu sinto muito, Rachel, Marcos não pensa antes de dizer bobagens.

— Você não tem por que se desculpar por ele, Mari, eu não sou boba e sei tudo o que seu irmão pensa a meu respeito.

— Por que vocês vieram juntos? Está na cara que estar ao lado dele te machuca.

— Eu... ele insistiu. Marcos ficou sabendo que eu viria aqui e me ofereceu uma carona. Foi só isso.

— E por que você está tão aterrorizada? — Rachel se afastou sem me responder dessa vez, e eu pude notar um certo desespero dentro dela. — Tem certeza de que está tudo bem com você?

— Tenho sim, agora eu... acho melhor você ir ver o que o Marcos quer enquanto eu desfaço minha mala. Ele chegou a comentar que não tinha o dia todo... — ela tentou brincar e deu de ombros, mas não me convenceu nem um pouco.

MARCOS

Porra! Rachel sabia quais eram os termos do nosso relacionamento, nada do que ela escutou era novidade, então por que raios aquela expressão decepcionada em seu rosto? Ou pior ainda, por que maldito motivo eu me sentia como um filho da puta? Sofia voltou para conversar comigo enquanto sua mãe acompanhava Rachel até o quarto em que ela ficaria, mas nem toda a doçura da minha sobrinha me fez sentir confortável.

— A Rach vai dormir no meu quartinho comigo, titio.

— Vai?

— Sim, os outros quartos estão... arrumando.

— Reformando, Sofia — Mariana a corrigiu ao se aproximar. — Uma parte da casa está em reforma, Guilherme garantiu que até o fim da nossa lua de mel tudo estará pronto — ela explicou. — Agora, Soff, por que você não vai lá dentro ajudar a Rachel a desfazer as malas?

Não foi preciso dizer duas vezes, e minha agitada sobrinha saiu correndo sala a fora.

— O que vocês deram a ela, essa manhã?

— O que a Fátima deu a ela, você quer dizer? — Mariana brincou. — Tem certeza de que você vai conseguir ficar com a Soff por todos esses dias? Ela normalmente não é tão agitada, mas pode ser um pouco difícil...

— Sofia não irá dar trabalho nenhum. Viaje tranquila, Mariana.

— Isadora sabe que ela ficará com você?

— Ainda não, mas Isa não tem por que interferir.

— A Rachel, ela pode revezar caso você fique muito ocupado. Ela era a minha primeira opção, Marcos, mas você sugeriu...

— Sofia fica comigo. Rachel não tem parentesco algum com a menina, Mariana. Enlouqueceu? — Bufando de raiva, minha irmã se sentou e pousou a mão na barriga, que, por sinal, ainda não apresentava sinais evidentes de gravidez. Mesmo assim, a notícia sobre a sua gestação se espalhara pelos jornais, pegando a todos de surpresa. O conselho administrativo da Montenegro não ficou contente ao descobrir que a nova diretora estava grávida, mas eu preferi não dar ouvidos ao burburinho que percorria os corredores da empresa. Até porque, em todos esses anos desde que assumi a presidência, eles nunca barraram qualquer decisão minha. Por mais absurda que pudesse parecer.

— Me diga, então, a que devo o prazer da sua visita? — Mariana mudou de assunto, parecendo cansada.

— O advogado responsável pela herança de nosso pai se reuniu comigo essa semana. Assim que estiver casada, basta marcar um encontro com ele para assinar a documentação, que tudo que é seu de direito passará para o seu nome.

— Simples assim?

— Hu-hum. — Mariana iria herdar um terço das ações da Montenegro, além da mesma proporção em dinheiro que nosso pai havia nos deixado. Fora as propriedades e outros bens que seriam passados para o nome dela assim que se tornasse esposa do Guilherme.

— Toda a herança está detalhada nos documentos, dê uma olhada, se quiser peça aconselhamento a algum advogado em que confie, enfim...

— Eu confio em você — respondeu sem pensar duas vezes, e isso me atingiu em cheio. No passado, eu tornei a vida da minha irmã um inferno, a afastei de tudo o que amava. Privei-a de viver o seu maior sonho... e ainda assim ela confiava em mim.

— Eu aprecio isso, Mariana, de verdade. E tudo o que posso desejar a você e ao Guilherme é que sejam felizes.

— Nós seremos, Marcos, eu tenho certeza.

— E como anda esse garotão? — perguntei, referindo-me ao bebê.

De tão ansiosa que estava para descobrir o sexo do filho, Mariana não esperou pelos próximos ultrassons e resolveu fazer um exame de sangue de sexagem fetal, que fora indicado pelo seu médico por não apresentar riscos para nenhum dos dois.

— Bem, ele é bem mais calminho do que a Sofia nessa época. Quase não senti enjoos ou mal-estar.

Era impossível não ficar contente ao ver a vida da minha irmã entrando nos eixos. Escutá-la falar tão animada sobre a sua gravidez, de certa forma, me deixou emocionado. Mariana era a mais jovem de nós três, e por incrível que pareça, a única com coragem suficiente para dar esse passo na vida. A maneira como ela encarava os desafios e acreditava no amor era realmente louvável.

Capítulo 12

RACHEL

Assim que Mariana saiu do quarto, eu me sentei na cama, um pouco zonza, e me xinguei mentalmente. *Senhor, como posso ter demorado tanto tempo para chegar ao motivo do meu mal-estar?* A princípio eu ignorei minha indisposição, achando que pudesse se tratar de alguma virose. Depois de uma semana sem qualquer indício de melhora, eu coloquei a culpa na constante pressão em que vivia. Tanto na Montenegro, com a Isadora, quanto com o Marcos. Fora o estresse com o estado de saúde do meu pai e a saudade que sentia dele.

Até o momento em que vi Sofia correr para os braços do Marcos, ainda não havia passado pela minha cabeça que talvez eu pudesse estar grávida. Mas vê-los juntos foi como um clarão. E a pontada de dor que surgiu, junto com a desconfiança, me deixou desnorteada. Eu não era dada a pressentimentos, mas naquele instante eu meio que soube. A possibilidade me deixou apavorada e, de repente, todo o mau humor, a sonolência e a vontade de machucar o Marcos fizeram sentido para mim. *Eu estava arruinada.*

— *Rach*, por que você está chorando? — A voz preocupada da Sofia fez-me erguer o rosto e olhar aquele pequeno anjinho que se aproximava. Esse foi o momento em que eu desmoronei. — Você *tá* dodói? Eu *sempe* choro quando fico dodói, mas depois eu fico boa. Minha mamãe diz que eu sou forte e saro rápido — Sofia falou com toda sua inocência e apoiou as duas mãozinhas na minha coxa. — Você também vai sarar.

Será que eu iria? Duvidei ao sentir os últimos resquícios de esperança desaparecerem. Porque era fato que, se essa gravidez fosse confirmada, eu nunca teria paz novamente. Em um gesto automático, eu protegi meu abdômen com as mãos, assustada demais para responder qualquer coisa que fosse a Sofia. Meu coração batia tão acelerado que eu não conseguia alinhar nenhum tipo de pensamento coerente dentro da minha cabeça. Talvez eu estivesse errada, não é? Talvez não houvesse motivos pelo que me preocupar. Tinha que ser assim, porque a ideia de carregar um filho daquele homem me aterrorizava.

Curvei-me sobre os joelhos em completo desespero e tapei meus olhos, não prevendo a reação da Sofia ao meu estranho comportamento.

— Eu vou chamar minha mamãe, fica aqui, *tá*?

— Sofia, não! — Levantei-me, indo atrás dela, mas a danadinha saiu correndo. Eu não queria que ninguém me visse assim, isso acarretaria perguntas que eu não tinha como responder. Não ainda, pelo menos.

Infelizmente, por obra do destino, assim que saí do quarto eu me deparei com o Marcos e com a Mariana no corredor. O sorriso que minha amiga exibia em seu rosto desapareceu ao me ver, e eu congelei.

— A Rach está dodói, mamãe. Ela não para de chorar, faz alguma coisa. — Sofia segurou a barra do vestido da mãe ao dizer.

Sacudi a cabeça, dando um passo atrás, assim que o olhar do Marcos encontrou o meu.

— O que você tem? — Mariana perguntou preocupada, mas seu irmão a impediu de continuar. Segurando-me pelo braço, ele tomou o controle da situação e me arrastou de volta para o quarto. Trancando a porta atrás da gente.

— Que porra está acontecendo, Rachel? — Marcos rosnou, ignorando as consequências da sua atitude. Será que ele não se tocou que agir como um idiota só levantaria mais suspeitas? A casa da sua irmã não era lugar para discutirmos.

— Nada. — Tentei me recompor, afastando-me dele assim que a oportunidade surgiu, mas seus braços logo me puxaram de volta.

— Não minta para mim, ratinha, tem alguma coisa acontecendo e eu quero saber o que é. Agora! — Seus dedos acariciaram meu rosto conforme ele *amansava* a voz.

— Eu não estou mentindo, eu... só... preciso ficar sozinha.

— Por quê?

Marcos cerrou os olhos, reagindo como se eu estivesse querendo algo absurdo.

— Porque eu preciso, Marcos — desabafei. — Me dê um pouco de espaço, deixe-me respirar, por favor. As coisas que você faz me sufocam.

— É por isso que estava chorando?

— Não-não.

— Essa merda toda é por causa daquele médico, então?

— Não!

— Você estava chorando por causa dele? É isso? — Eu neguei com a cabeça, esperando que ele acreditasse em mim. Porque não existia nada entre mim e o Alex, nossa ligação era próxima porque ele era o único que sabia pelo que eu estava passando.

— Pare! Eu não estava chorando por causa de ninguém! — Apenas por mim e pelo meu futuro. *Era por isso que eu estava chorando.*

— Não tente me fazer de idiota, está entendendo? Não ouse fazer hora com a minha cara — Marcos murmurou, inclinando seu rosto na minha direção.

A maneira séria como olhou para mim deixou-me sem fôlego. Não era fácil dizer não a um homem como o Marcos, ele tinha a sua própria maneira de me fazer ceder e não sentia a menor culpa por usar minha fraqueza para conseguir o que desejava. O tom de voz cheio de luxúria, o olhar hipnótico, severo e ao mesmo sedutor. Marcos era como um felino, poderoso, lascivo... e, principalmente, esperto.

Entende agora o calvário que era negar meu corpo a ele?

— Essa sua teimosia me deixa louco — rosnou em um murmúrio abafado, inclinando-se sobre mim. — A sua boca, então... fode com a porra do meu controle!

No segundo em que seus lábios tocaram os meus, eu me senti afogar em sua intensidade. Entreguei-me ao beijo, mais por carência do que por outro motivo. Eu estava tão assustada que não queria afastá-lo, eu não podia afastá-lo. Depois eu lidaria com a culpa e a raiva, cataria os pedaços do meu coração que Marcos quebrava a cada palavra cruel que saía de sua boca. *Sua boba, pare com isso já!* Ignorei a voz da minha consciência, apreciando o choque que percorria o meu corpo durante todo o beijo. Eu estava agindo como aquelas garotinhas carentes de atenção. Tomando o pouco que me davam. Sugando tudo o que me era permitido ter.

— Pare de pensar tanto, carinho — Marcos sussurrou em minha boca, notando que eu estava prestes a me fechar para ele. — Eu estou aqui. — As palavras se perderam em meio a outro beijo exigente.

Com medo, eu entreabri meus olhos e analisei o que Marcos havia acabado de dizer. Ele realmente estava aqui agora, mas até quando? E quando nossas vidas virassem uma bagunça, ele ainda estaria aqui? Ou ele... nos deixaria?

— Me diga o que está acontecendo, não me deixe de fora. — O pedido soou sincero, enquanto ele roçava a testa na minha e exalava um suspiro frustrado.

— Não... está acontecendo... nada.

— Você realmente acha que depois de todo esse tempo ao seu lado eu não sei quando está mentindo, Rachel? — indagou desconfiado, afastando-se bruscamente.

— Você é o culpado! Eu não precisaria mentir se fosse deixada em paz. Isso tudo é sua culpa! Você ferrou com a minha vida... você...

No instante em que as palavras saíram da minha boca, eu me arrependi de tê-las dito. Se houvesse mesmo uma pequena vida dentro de mim, eu não a rejeitaria dessa forma, não deixaria que o ódio que sentia pelo Marcos me envenenasse a esse ponto. — Marcos, por favor, vá embora — implorei, querendo ficar sozinha.

— Eu só saio daqui depois de ter certeza que você está bem...

A batida na porta, seguida pelos sussurros da Sofia, foi o que nos interrompeu. Marcos me encarou fixamente antes de se dirigir até a porta e eu recuei, cruzando os braços em volta do meu corpo de maneira defensiva. Confuso ao ver a sobrinha segurando um copo cheio de *glitter*, ele permitiu que ela entrasse sem fazer qualquer questionamento.

— Minha mamãe quer que você beba tudo. — Sofia estendeu o copo com as duas mãozinhas.

— O que é isso?

— É chá. Minha barriguinta *sempre* para de doer quando eu tomo.

Meu Deus, ela me viu tocar a barriga mais cedo e concluiu que eu estava com dor?

— Você é um anjinho, Sofia, sabia disso? — Minha voz saiu embargada, e dei a ela um pequeno sorriso. Tocada pelo seu cuidado, eu peguei o copo de sua mão e tomei um gole, sentindo o cheiro de camomila e erva-cidreira. Sofia me observou beber com aqueles olhinhos verdes cheios de expectativa.

— Melhorou?

Sério, como resistir a essa menina?

— Está começando a melhorar, Soff — garanti, para que não ficasse preocupada.

— Eu tenho que ir. — Marcos quebrou o momento, fazendo a sobrinha correr e agarrar suas pernas.

— E quem vai cuidar da *Rach*, titio? — Nós dois nos entreolhamos confusos, e ele se adiantou:

— Eu tenho trabalho a fazer, Sofia. — Marcos, daquele tamanho, se abaixou para ficar na altura dela. — Mas quero que cuide da Rachel para mim, tudo bem? — A pequena balançou a

cabeça, animada com o pedido do tio. — E se ela voltar a chorar, quero que me avise... — Ele a fez prometer sem desviar seu olhar do meu.

Odiando seu escrutínio, eu virei meu rosto e esperei que se despedisse da Sofia. Por um misero segundo, cheguei a pensar que ele também me abraçaria e se despediria de mim, mas logo percebi que era tolice minha esperar que Marcos fizesse algo assim na frente da sobrinha ou de qualquer outro familiar.

— Mantenha seu celular por perto...

Foi tudo o que Sr. Arrogante disse antes de sair do quarto.

Era final de tarde quando as nuvens escuras começaram a tomar conta do céu alaranjado que cobria o haras. O clima quente e acolhedor trazendo-me a lembrança das tardes que passei com Mariana e Guilherme ao redor dessas terras. Esse lugar sempre foi o porto seguro da minha amiga, e pelo tempo em que estive na vida do Gui, também foi o meu. Cansada de toda a correria do dia, eu me sentei em um dos degraus na lateral do casarão, a fim de descansar e observar os últimos preparativos da festa serem organizados. Depois da saída do Marcos, eu não havia parado um só minuto. Eu ajudei a cerimonialista a dividir os convidados por mesa, auxiliei na decoração das tendas e assisti de perto ao ensaio da banda que tocaria durante a cerimônia.

Admirada com tudo o que via, eu envolvi minhas pernas até o peito e sorri ao ver Sofia atravessando o gramado em direção à cantora com quem ela havia feito *amizade*. Olhei ao redor, aliviada por notar que Mariana não estava nem perto de ser encontrada. Eu provavelmente estava agindo como uma covarde, mas a verdade era que eu temia que, assim que ficássemos a sós, a minha amiga viesse com o inferno de um interrogatório para cima de mim.

— É impressão minha ou você está evitando a minha futura esposa? — A voz descontraída do Guilherme surgiu às minhas costas e ele se jogou ao meu lado, exibindo um sorriso de todo o tamanho. Eu nunca soube como explicar o efeito que esse homem me causava, mas havia algo nele que fazia meu coração aquecer.

— Talvez eu esteja... não brigue comigo. — Sorri para ele um pouco mais animada.

— Mari está preocupada com você, Rachel, apenas isso.

Guilherme e eu fomos pegos pelas risadas que Sofia soltou, sentada no palco improvisado do

outro lado do gramado. Meu amigo sacudiu a cabeça, achando graça das palhaças da pequena e meu carinho por ele apenas aumentou. *Ele era tão perfeito.*

— Eu estou feliz por você, Gui — admiti. — Você sempre amou tanto a Mariana...

— Ela é a mulher da minha vida — falou com a convicção que só um homem apaixonado teria.

— Você é um cara de sorte, sabia? Está prestes a formar uma família linda, Gui. — Os três juntos eram uma coisa linda de se ver, e eu, que adorava finais felizes, tive que me controlar durante todo o dia para não chorar de emoção.

— O homem que se apaixonar por você também terá sorte. — O comentário me fez rir um pouco, porque nunca, em todos os meus 24 anos, alguém havia se apaixonado por mim. Pelo menos não de maneira tão escancarada e sincera. Essa não era *eu* sendo exagerada ou dramática, essa era *eu* constatando a verdade. — E, Rachel? Eu não dou a mínima que o Marcos esteja prestes a se tornar meu cunhado, Sofia tem verdadeira adoração por ele e Mariana já o perdoou, mas eu ainda não esqueci o sofrimento que ele causou à minha morena. E o que me mata agora é saber que ele pode estar mexendo com sua cabeça também, te machucando. As coisas podem não ter dado certo entre nós dois, minha linda, mas eu sempre tive um carinho enorme por você...

Engoli as lágrimas e suprimi a vontade de dizer a alguém o desespero que sentia dentro de mim nesse momento. Guilherme me escutaria com certeza, ele não me julgaria pelas minhas escolhas, mas eu não o queria envolvido nessa confusão. Em menos de 24 horas ele se tornaria o cunhado do Marcos, eles seriam da mesma família e eu não gostaria de atrapalhar a relação já instável dos dois homens. Não mesmo.

— Você é incrível, Guilherme, realmente incrível! — Eu o abracei, sem a menor vontade de continuar a falar sobre esse assunto.

— Eu não faço a menor ideia do que está acontecendo entre vocês dois, Rachel, mas quero que saiba que, se algum dia você precisar de alguém para dar uma lição no bastardo...

— Não diga isso, vocês dois estão prestes a se tornarem uma família.

— Marcos não é uma pessoa que eu particularmente admire, Rachel. Até aprecio o esforço que ele está fazendo para se relacionar com a Mariana, mas é só isso, no fundo ele continua a ser o mesmo filho da puta controlador e arrogante de sempre. Por isso tome cuidado.

— Esqueça isso, por favor. Não há nada acontecendo entre mim e Marcos, tudo bem? Nada! — falei com um sorriso forçado e me afastei antes que ele pudesse enxergar a mentira estampada no meu rosto.

Amanhã Guilherme se casaria com a minha melhor amiga, pelo amor de Deus, era nisso que ele deveria estar focado.

Passei o restante da noite entretida com o delicioso jantar que Fátima preparou para todos nós. O clima foi alegre quando nos reunimos em uma enorme mesa na varanda, e nem Mariana nem Guilherme voltaram a tocar no nome do Marcos. O que me fez abaixar a guarda na presença dos dois e curtir o restinho do dia na presença deles. Após o jantar, Fátima e o Sr. Fonseca se despediram, assim como o Guilherme, que se mostrou contrariado por ter que passar a noite longe de sua noiva.

Deixei que ele e Mariana se despedissem de maneira apaixonada na varanda da frente e levei Sofia para o quarto, ajudando-a trocar de roupa e escovar os dentinhos. Quando terminamos, cada uma em seus respectivos pijamas, Mari nos surpreendeu ao aparecer com um pote de sorvete *Diletto* e três colheres, oferecendo a nós duas uma noite típica de garotas. Com o passar das horas, nós três rimos e conversamos, minha amiga me fez esquecer tudo o que me perturbava e por um segundo eu suspeitei que essa era a intenção dela desde o princípio.

Ali, deitada ao lado das duas, eu dei-me conta de que ela havia sido a única a cuidar de mim essa noite, e não o contrário. Com a cabeça no travesseiro, eu sorri agradecida e continuei a acariciar o cabelo ondulado da Sofia, que estava deitada entre nós duas.

— Eu posso te abraçar agora, tia *Rach*? — Sofia perguntou baixinho, surpreendendo-me por ainda estar acordada. Sussurrei um *sim* de volta e deixei que ela se aconchegasse ao meu lado. Com o coração dolorido, eu a apertei nos braços e finalmente fechei os olhos. O sono não foi tranquilo quanto imaginei, e eu me vi assombrada por choros de bebês durante toda a noite.

MARCOS

— Em que hotel? — perguntei ao Ricardo na manhã seguinte.

— No *Bistrol*.

— E quanto à conferência?

— Aconteceu ontem.

Então Rachel não havia mentido, pensei, achando que essa informação me acalmaria, mas ela teve o efeito contrário. Distraído, fiz um último pedido ao Ricardo, que nada tinha a ver com aquele doutorzinho, e encerrei a ligação ao mesmo tempo em que me afastava da mesa do meu escritório e saía do cômodo. Conferi meu *Rolex* no pulso e notei que Isadora estava a um passo de estar atrasada. Pelo tanto que conhecia a respeito da minha irmã, eu temia que ela estivesse nos atrasando de propósito.

Conforme Mariana insistiu, os convidados se restringiram a nossos amigos mais próximos. Os jornalistas não foram convidados e, de acordo com Isadora, o nosso assessor soltou apenas uma pequena nota informando sobre o casamento. Impaciente, eu conferi meu relógio uma segunda vez e passei pela Vera, prestes a pedir que fosse verificar minha irmã.

— Eu estou pronta. — Isadora se aproximou antes que eu desse a ordem à governanta, e seu rosto habitualmente apático parecia trincado de tão rígido.

— Nós estamos atrasados. — Foi o que me dispus a dizer.

A raiva pelo vexame que minha irmã e a Rachel protagonizaram na Montenegro havia me tirado do sério. Oliver ainda brincou, dizendo que os hormônios da gravidez da Mariana estavam deixando as outras duas mulheres um pouco descontroladas também. Claro que eu não engoli essa merda, para mim as três estavam era enlouquecendo e me pondo louco no caminho.

— Fique tranquilo, meu irmão, *esse tipo* de casamento costuma atrasar horas.

— Não comece, Isadora — alertei enquanto a acompanhava até o carro e abria a porta do meu *Alfa* para que pudesse entrar. Dando a volta, eu me sentei ao seu lado e liguei o motor, acelerando pela estrada de blocos até estar fora da mansão. Havia dois ou três seguranças em torno do portão bronze protegendo a propriedade, e muito em breve Ricardo se juntaria a nós na viagem até o haras.

Sentada no banco de couro, Isadora me pareceu mais silenciosa do que o de costume. Algo me dizia que seu silêncio não era motivado pela discussão que havíamos tido no dia anterior, e sim tudo a ver com o fato de que ela estava prestes a assistir ao casamento da irmã depois do fiasco que fora o seu.

— Você está bem? — perguntei preocupado, após me lembrar do quão boa ela era para mascarar seus sentimentos e fingir que não se importava.

— Por que eu não estaria? — retrucou impassível e voltou sua atenção para a estrada, ignorando-me pelo restante do caminho.

Capítulo 13

RACHEL

Assim que Mariana se virou e me deixou contemplá-la dos pés à cabeça, eu me vi tendo que segurar as lágrimas, de tão emocionada que fiquei. Minha amiga exibia um sorriso do tamanho do mundo em seu rosto, um sorriso que foi capaz de fazer-me sentir tão feliz quanto ela. Não tinha como negar, Mari estava incrível. O cabelo negro caía em cachos largos pelas costas, presos com a ajuda de uma tiara de flores no topo de sua cabeça.

— Obrigada por estar aqui comigo hoje. — Mari abraçou-me apertado e sussurrou o agradecimento. Quando se afastou, eu pude dar um segundo olhar em seu vestido, que, por sinal, havia sido amor à primeira vista para a minha amiga. De renda fina, quase transparente, o vestido cobria inteiramente o forro *nude*. Pequenas flores brancas haviam sido bordadas em todo o comprimento da renda e, conforme Mariana caminhava, o tecido leve se movimentava fluidamente.

— Ah, menina, você está tão linda. — Fátima também suspirou ao vê-la. O Sr. Fonseca, pai do Gui, e a Sofia entraram logo atrás e lhe deram o mesmo olhar admirado.

— A gente parece duas princesas, não é, mamãe? — Sofia soltou, encantada com ela mesma. A pequena parecia uma fada do campo com todo aquele cabelo solto e a tiara idêntica à da Mari em sua cabeça, o bolo da cereja eram as botas *cowgirl* que ela exibia com orgulho.

— Deixe-me endireitar sua tiara, Soff — pedi, já que o arranjo pendia mais para um lado.

— Eu tô tão *bunita* — murmurou, mostrando a banguelinha, e correu para frente do espelho para poder se admirar. — A Fáfá disse que quando eu crescer eu vou ser tão linda como a minha mamãe, tia *Rach*.

— Você já é linda, anjinho — garanti, surpresa pela sua vaidade.

Uma pequena troca de olhares entre o Sr. Fonseca e a Mariana fez-me desconfiar de que ele desejava conversar com ela a sós. Deixando os três para trás, eu pedi licença junto a Fátima, e fui terminar de me arrumar no quarto da Sofia. Faltava menos de uma hora agora para a cerimônia começar, confirmei ao verificar meu celular. Chegando ao quarto, eu repassei meu batom cor de boca, deixando meus lábios com um aspecto cremoso e saudável. Ao terminar, pincelei pó bronzeador na pele para disfarçar minha recente palidez e me concentrei em passar o maldito delineador, para que não houvesse erro no traço.

Com a ajuda da equipe que preparou a Mariana, meu longo e liso cabelo agora estava solto em ondas marcadas jogadas sobre meu ombro. Deixando à mostra o profundo decote que meu vestido exibia na parte de trás e que era sustentado por duas alças fininhas que se cruzavam. Confesso que raramente usava peças assim. Com um tecido fluido, a cor do vestido intercalava entre o coral e o laranja, mas em um tom bem claro, quase opaco. E se a parte de trás era reveladora o suficiente para causar um infarto no Marcos, a da frente era quase, quase, discreta.

O bojo em formato triângulo realçava meus seios e deixava as sardas em meu colo à mostra. O toque final eram as sandálias trançadas até meu tornozelo, douradas e sensuais na medida exata. Depois de uma última verificada no espelho, eu respirei fundo e saí do quarto. Através da janela da sala, era possível escutar o movimento vindo do lado de fora, uma boa parte dos convidados, ao que parecia, já haviam chegado, e conforme pensava nisso, o friozinho na barriga que esteve comigo durante toda a manhã se intensificou,

Passei pelo corredor do casarão e fui até a varanda da frente dar uma rápida espiada. Guilherme foi a primeira pessoa que avistei e ele rapidamente me arrastou em direção ao seu padrinho, que, pelo que me disseram, se tratava de um velho amigo dos tempos da faculdade. Fiquei sem graça ao constatar que só havia homens em torno do círculo em que o Gui me enfiou, e o desconforto aumentou quando Renato, o padrinho, beijou minha mão em um gesto animado e me elogiou na cara dura.

De alguma forma, Renato tomou para si a tarefa de fazer todos rirem, ele era engraçado e se mostrou inofensivo. Alto e loiro, talvez ele tivesse me chamado a atenção se eu fosse alguma garota normal. Mas eu não era. Minha reação aos homens ultimamente era estranha, nada neles me atraía, e eu quase sempre me pegava procurando pela tal intensidade que encontrava no comportamento do Marcos. Sim, era verdade que eu não suportava o jeito arrogante e controlador do homem, e que gostaria que ele fosse diferente em muitos aspectos, mas isso não me impedia de procurá-lo em cada espécime masculina que conhecia. *Terrível, eu sei.*

— Guilherme deveria ter me avisado a seu respeito, moça bonita. — Renato se aproximou quando, de repente, ficamos a sós. Todos à nossa volta desapareceram em um piscar de olhos, e eu me perguntei se tinha caído em alguma armadilha.

— Avisado? Por quê?

— Porque você é perigosa. — Sacudi minha, deixando surgir um sorriso nos lábios. — Está vendo? Esses sorrisos aí são potentes. Eu corro o risco de me apaixonar — ele brincou e pôs a mão no coração. Um gesto dramático que continha um certo charme e que me fez rir. Muito.

— Meu Deus, você é uma daqueles galanteadores convencidos, não é? — Renato se rendeu, jogando as mãos para o alto e riu junto comigo.

Gostando da sua companhia, eu o escutei falar um pouco sobre sua irmã gêmea, uma tal de Sara, e sobre o rancho de que eles cuidavam no interior do estado. Ficamos assim, conversando, até que a cerimonialista nos interrompeu, alegando que a cerimônia estava prestes a começar.

— Acho melhor nós... — As palavras sumiram assim que meus olhos recaíram na varanda do casarão. Será que ele tinha estado lá esse tempo todo? — Nós temos que ir para os nossos lugares, Renato — consegui dizer, abalada.

Antes de me afastar, eu não resisti e dei uma última olhada na varanda. A sombra de uma mulher elegante se aproximou por trás dele, os olhos verdes da víbora fitando-me com severidade e censura. A mão fina e bem cuidada daquela cobra pousou no ombro do Marcos enquanto ela sussurrava alguma maldade em seu ouvido, que o fez se retrair e franzir o cenho. Isadora era como aqueles diabinhos que ficavam à espreita, murmurando coisas diabólicas. Deus sabe que eu não era de alimentar ódio pelas pessoas, tanto que nunca consegui manter por muito tempo sentimentos ruins dentro de mim, mas, droga, essa mulher tornava fácil odiá-la!

Não percebendo minha tensão, Renato envolveu seu braço ao meu redor e me acompanhou até o arco no final do tapete vermelho. Meu nervosismo durou até o momento em que Sofia surgiu caminhando em direção ao altar. Foi lindo ver Guilherme à sua espera, emocionado, ele esperou que ela desse o último passinho e beijou sua testa, deixando-a vermelha. De mãos dadas, os dois tomaram seus lugares e assistiram à noiva entrar. Na hora dos votos, cada mulher presente ficou encandecida quando o homem apaixonado se desviou dos votos originais e surpreendeu a todos.

— Eu prometo amá-la por toda a minha vida, honrar a confiança que está depositando em mim e fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que nossa família seja feliz. Eu prometo amar a sua filha como se fosse minha. Prometo dar o meu nome a ela e cuidar de vocês duas até o meu último suspiro. Prometo a você a minha lealdade, morena... — Ele respirou por um momento, assim como o restante dos convidados. — Prometo porque eu te amo tanto quanto é possível um homem apaixonado amar a sua mulher.

Meu Senhor, se eu apenas piscasse as lágrimas rolariam pelo meu rosto. E se não estivesse errada, eu poderia apostar que não era a única a me sentir assim. Esse era o tipo de declaração que cada mulher merecia escutar em sua vida, Guilherme era um homem raro, com um coração enorme e que faria a minha amiga imensamente feliz. Eu estava tão contente por vê-los juntos. Soltando a respiração, que até então tinha estado presa, eu me esforcei para continuar a ignorar o homem

majestosamente vestido na primeira fila.

Ele sempre era apontado por sua elegância, e com sua altura e postura era impossível que passasse despercebido. As mulheres viravam as cabeças para admirá-lo, seu tamanho impunha respeito e quando se vestia assim, a rigor, ele era capaz de corromper até mesmo uma freira. E o que mais impressionava era que nem mesmo sob os trajes de alta costura a selvageria do homem era domada. Sua crueza e brutalidade eram vistas e sentidas independente do luxo que cobria seus músculos.

Um arrepio seguido de formigamento fez com que minha resistência fosse para o *beléléu*. Era como se Marcos exigisse minha atenção, clamasse para que eu me virasse e olhasse para ele. E eu tentei, juro que tentei, mas com um segundo de fraqueza eu me peguei procurando por aqueles olhos escuros, cravados em mim desde o início da cerimônia. Pisquei aturdida, ao constatar que ele também encarava o homem ao meu lado como se quisesse estrangular o pobre coitado.

— Nossa, até eu me emocionei com esses votos! — Renato admitiu, arrancando-me do feitiço em que eu estava.

MARCOS

Que porra era essa que Rachel estava fazendo?

Questionei-me ao observar o padrinho babaca arrastá-la da mesa e levá-la para o meio do amontoado de pessoas dançando. Em frente ao palco onde a banda foi colocada, havia uma pista de dança onde alguns convidados arriscavam passos. Espumante e vinho eram servidos pelos garçons, assim como o serviço completo de *buffet*. Isadora e eu fomos colocados na mesa oposta à que a Rachel tinha estado até poucos segundos, e Carmen e Filipo, meus padrinhos, nos faziam companhia.

Eu já havia dado as felicitações aos noivos e conversado com alguns dos principais convidados. Até mesmo dediquei um pouco do meu tempo ao Sr. Fonseca, pai do Guilherme. O único motivo que agora me prendia a essa festa era a minha pequena e teimosa ratinha.

Rachel estava deslumbrante, o que só me fazia mais irritado. Porque justo hoje, que eu não poderia estar ao seu lado demarcando território, ela me aparecia com esse maldito e sexy vestido. Respirei fundo diversas vezes, esforçando-me a manter a calma.

Presenciar os sorrisos que a mulher que me pertencia dirigia ao padrinho do casamento me fez enxergar sangue. Cerrei o maxilar, contrariado ao constatar que Rachel já não conseguia mais ser

aquela pessoa ao meu lado, eu perdi o seu lado brincalhão, os seus sorrisos e os carinhos que ela me fazia tão despreziosamente... A verdade era que ela não sabia mais como abaixar a guarda ao meu redor e isso acabava comigo.

Maldição! — resmunguei baixo ao vê-la sendo conduzida ao som da música. Minha agitação era tamanha que Isadora já havia me censurado com o olhar. Não dei importância aos seus alertas e, sem a menor paciência, eu me levantei disposto a arrastar Rachel dos braços daquele infeliz.

RACHEL

Quando Renato me virou, concluindo o passo de dança de maneira bem-humorada, eu me peguei rindo como não fazia há muito, muito, tempo. Aceitar dançar com ele fora a única maneira que encontrei para não me lamuriar com a verdade incontestável: Marcos nunca teria coragem para me convidar para uma dança. Não na frente de todos os seus convidados e não na frente de suas irmãs.

Eu sempre seria o seu segredinho sujo, a assistente que foi idiota o bastante para se envolver com o chefe...

— Não, eu não quero ver você séria. Desfaça essa carinha e continue a sorrir... — Renato brincou, movendo-se ao som da música sertaneja. O ritmo ficou animado por um bom tempo, tocando baladas mais conhecidas. Eu só me dei por vencida, desistindo de tentar acompanhar a animação do meu parceiro, quando as batidas mudaram e a cantora começou a tocar uma canção extremamente romântica.

— Eu estou cansada, Renato, acho que vou me sentar um pouco.

— Só mais essa, por favor — ele insistiu, oferecendo-me um sorriso encantador.

— Não, eu...

— Essa dança é minha. — Um arrepio percorreu minha espinha ao escutar a voz grave do Marcos.

MARCOS

Rachel se virou e me encarou confusa, seus lindos olhos azuis tornando-se arregalados. Insegurança e uma pontada de alívio passaram por eles quando estendi a mão para ela. Os dedos

trêmulos agarraram-se aos meus e, com um só movimento, eu a puxei, unindo nossos corpos.

— Eu não vou admitir que use um *Zé Ninguém* para me provocar ciúmes, Rachel. — Ela enrijeceu.

— Renato e eu só estávamos dançando, nem passou pela minha cabeça que você se daria ao trabalho de sentir ciúmes...

— E eu não senti! — neguei veemente.

— Olha, eu não quis te forçar a vir aqui. Eu sei que se não fosse pela atenção do Renato você nem chegaria perto de mim, que dirá me tirar para dançar. Não quero que faça nada obrigado, então...

— Você não tem poder para me manipular, Rachel. Eu estou aqui porque quero.

— Quer?

— Sim, eu quero — afirmei, porque em algum lugar, dentro da minha mente, essa era a verdade. Eu estava contrariado? *Sim*. Mas eu queria fazer essa merda e dar a ela uma dança? *Sim, eu queria*.

Principalmente se isso fizesse com que ela olhasse para mim da forma como estava fazendo agora. Com um esforço descomunal para não tocá-la com toda a intimidade que tínhamos, ou até mesmo para não ceder à tentação e beijar a sua boca gulosa, eu obriguei-me a controlar cada um dos meus instintos enquanto me via assim: próximo à mulher que poderia vir a se tornar o meu maior erro.

— Acho que ainda não tive a oportunidade de te dizer, mas, Rachel, você está belíssima — murmurei em seu ouvido, sentindo seu pequeno corpo estremecer.

— Obrigada. — Rachel desviou seus olhos dos meus, e eu deslizei as mãos pelas suas costas nuas, ganhando sua total atenção novamente.

In the plain sight, plain sight.

Like stars in hiding.

*You and I burn on, on.*²

De maneira tímida, quase receosa, ela transpassou os dedos ao redor da minha nuca, como se com medo que eu fosse afastá-la a qualquer momento. Um sorriso iluminou seu rosto em meio a toda

tensão quando eu a trouxe um pouco mais para perto. Sentindo-a quase que inteiramente pressionada contra meu corpo. As curvas voluptuosas sob o domínio de minhas mãos esquentaram meu sangue, tornando impossível a tarefa de resistir à atração que sentia.

Eu nunca ansiei tanto pelo beijo de uma mulher como ansiava pelo dela nesse momento. Rachel me fazia sentir como um drogado, desesperado pela sua cocaína. E o pior, porque sim, ainda havia o pior. Era a maneira como aqueles olhinhos espertos me encaravam, cheios de desejo, de raiva, paixão... Cada sentimento estava ali, claro como o céu nas primeiras horas do dia.

— Pare de olhar assim para mim, porra! — exigi, não querendo envergonhar a nós dois.

— Assim... como?

— Como se quisesse que eu a beijasse na frente de todas essas pessoas.

— Eu não estou olhando assim para você!

— Está sim, ratinha.

— Não me chame assim.

— Você sempre vai ser a minha *ratinha assustada*. — A verdade era que desde a primeira vez em que pisou no meu escritório, Rachel se comportou como uma ratinha assustada, temendo a minha presença, se encolhendo ao escutar minha voz... — Agora esqueça isso e me responda, você está se sentindo melhor? — perguntei, a voz saindo mais rouca do que o necessário.

— Si-sim — Rachel respondeu com sussurro suave, enquanto a palma da minha mão acariciava a pele exposta pelo decote em suas costas.

Lutei contra as imagens e desejos que se formaram na minha mente. Desejando poder rasgar o maldito vestido fora dela, deixar claro que mulher minha não se mostrava dessa maneira... que eu era o único com direito de ver seu corpo e tudo o que suas roupas escondiam. Surpreso, eu fechei meus olhos por um segundo ao ver Rachel apoiar seu rosto em meu ombro, deixando-se levar pela música e pelo momento. Sua ingenuidade era tanta que ela não se importou com a atenção que seu gesto atrairia, ela simplesmente fez o que seu coração pediu. Quando abri os olhos de novo, eu notei que muitos ao nosso redor olhavam a cena com um misto de curiosidade e espanto.

Naquele instante, eu desejei poder proteger minha ratinha de toda essa atenção, escondê-la do escrutínio pesado que recairia sobre ela caso todos ficassem cientes da natureza de nossa relação. A ideia de ela ser julgada pelos hipócritas que me rodeavam... de ser humilhada por se envolver com alguém tão longe da sua realidade... Porra! Eu me vi acariciando seu cabelo e prometendo a mim

mesmo não deixar que nada disso acontecesse. *Não com ela.*

Notando a tensão do meu corpo, Rachel ergueu a cabeça e me encarou, pressentindo o que eu iria fazer. A verdade era que eu estava mesmo prestes a encerrar o nosso pequeno ato descuidado.

— Não estrague esse momento — ela pediu, deixando-me sem reação. — Pare só por um minuto de pensar no que os outros irão achar, Marcos, e fique aqui comigo.

— Você não tem ideia do está me pedindo. Isso aqui, esse pequeno show que acabamos de protagonizar, irá me trazer problemas, as pessoas irão falar... a minha vida... merda! *A sua vida* irá virar um inferno, Rachel.

— Eu não me importo — sussurrou.

— Mas eu sim. Eu *preciso* me importar. — E com isso eu a soltei.

A música não havia sequer terminado e, quando me afastei, deixando-a para trás, um único refrão da canção se agarrou a minha mente.

We are a secret, can't be exposed.

That's how it is, that's how it goes.

Far from the others, close to each othe.

*That's when we uncover.*³

Capítulo 14

ISADORA

Observei meu irmão se afastar daquela coisinha irritante e me levantei, Carmen havia sorrido ao vê-los, elogiando a perfeição em que ficavam juntos. E eu, em esforço para não soar desagradável, reprimi toda e qualquer resposta sarcástica que pudesse dar à iludida senhora e assenti, fingindo concordar com ela. *Eu poderia não ter paciência, mas eu a respeitava.*

Carmen esteve lá por mim no meu *quase* casamento, agindo como uma mãe agiria, e desde então ela parecia ter tomado para ela o dever de, sei lá, se preocupar comigo. Assim como o meu irmão também o fazia. Tentando passar por essa *festinha* intacta, eu me afastei e segui na direção oposta à que todos pareciam se reunir. Meus sentimentos *e ressentimentos* estavam todos tão tumultuados que suspeitava que, se não tomasse um tempo longe dessa bagunça, acabaria tendo uma crise.

Andando com dificuldade pela grama, eu pude sentir o salto fino afundar na terra e amaldiçoei a pessoa que teve a magnífica ideia de realizar um casamento aqui, nesse fim de mundo. Só Mariana mesmo para abrir mão de um casamento sofisticado na principal catedral da cidade e se casar em um lugar que cheirava a esterco de cavalo!

Um garçom passou por mim e, para não ficar com as mãos vazias, eu peguei a taça do que parecia ser um excelente *Sauvignon Blanc*. Continuei a caminhar para longe e, conforme me afastava, tive a estranha sensação de que estava sendo observada. Virei-me em direção à tenda onde o bar estava localizado e me deparei com o olhar gélido do grosseirão. Era claro que o homem estaria aqui. Marcos provavelmente fizera outros planos para o restante do sábado e o trouxe a tira colo para que eu tivesse com quem voltar para a mansão. Pensando nas minhas opções, e mais do que ansiosa para sair desse *muquifo*, eu dei mais alguns passos obstinados até onde o segurançazinho estava e o encarei.

— Me tire daqui — pedi, após virar a taça de vinho. O sabor rico da uva branca explodiu em minha garganta, e levando em conta o aroma e a textura macia da bebida, eu poderia jurar que a garrafa desse *Sauvignon Blanc* era um perfeito exemplar da safra premiada de 2009. Ano esse, que a Montenegro ganhou vários prêmios, entre eles o de marca mais consagrada entre os amantes de vinhos do país. *Desperdício, desperdício...* minha mente cantarolou frustrada.

Impassível, Ricardo me encarou de volta como se duvidasse da minha sanidade mental. Só que veja, o único louco aqui era o meu queridíssimo irmão, que havia acabado de fazer papel de ridículo na frente de vários dos nossos amigos e conhecidos.

— Tirar a senhorita daqui?

— Não é para isso que está aqui? Para que eu possa ser levada para casa em segurança? Então, eu estou te ordenando que me tire daqui!

— Ordenando? — perguntou perplexo.

— Você trabalha para mim.

— Não, gatinha, eu não trabalho. Eu trabalho para o seu irmão e até onde consigo me lembrar, ele é o único aqui de quem eu acato ordens.

Fuzilando-o com meu olhar eu falei um *foda-se*, surpreendendo a mim mesma, e lhe dei as costas, me dirigindo para longe do casarão e de toda aquela felicidade estúpida que me enojava. Respirei fundo, contei até dez, até vinte... e cheguei à conclusão de que se o idiota grosseiro não iria me levar para casa, eu teria que dar outro jeito de sair desse *curral fedorento*. Então, eu continuei a andar ainda mais irritada por conta do estado em que minhas exclusivas sandálias estavam ficando ao caminhar sobre a terra.

Em algum momento eu parei de prestar atenção na estrada e me desequilibrei, quebrando o maldito salto. Por sorte, ou infelicidade, eu me encontrava longe o bastante para ser vista. Tudo o que havia ao meu redor eram os carros estacionados e mais à frente a porteira desse lugar. Minha primeira reação foi a de xingar, a segunda foi pensar por que um desastre como esses estava acontecendo justamente comigo...

O som de pneus em algum ponto próximo a mim surgiu e eu cheguei à conclusão de que não importava o quão baixo uma pessoa pudesse estar, a merda sempre poderia ficar pior. O carro diminuiu a velocidade ao se aproximar e eu me senti humilhada por estar sendo pega dessa maneira: fugindo do casamento da minha irmã com a porcaria da sandália, que custava mais do que um assalariado ganha, quebrada.

— Traga essa sua bundinha magra aqui para dentro, mulher. — Eu me virei, envolvida por uma onda de gratidão por esse homem. O alívio era tamanho, que eu não me importei de parecer estar fazendo o tal caminho da vergonha ao dar a volta e entrar dentro da enorme *SUV*.

Acomodando-me ao seu lado, eu absorvi o cheiro de couro e menta impregnado no lugar. Questionando-me se esse cheiro vinha dele ou do carro. *Não que fizesse alguma diferença*, pensei

enquanto jogava a sandália inútil no chão e me permitia o prazer de tirar o outro pé. *Hummm...* fechei meus olhos com puro prazer ao sentir a textura do carpete sob os meus pés.

— Acho melhor a senhorita colocar o cinto.

O tom de sua voz soou estranho, e quando me virei em sua direção, notei que Ricardo me encarava como se eu tivesse feito, ou dito, algo de errado. Ignorei sua reação e transpassei o cinto, com a esperança de que passaríamos o restante do trajeto em completo silêncio. *Mas é claro que isso não aconteceu.*

— Como você está lidando com essa situação? — Eu o escutei perguntar, mas não me dei ao trabalho de responder. Nós não estávamos nos tornando amigos apenas porque Ricardo tinha a estranha mania de aparecer quando eu mais precisava. — É quase impossível saber o que se passa dentro da sua cabeça, gatinha, mas eu posso garantir que você está melhor sem aquele desgraçado.

Quem tinha dado a esse grosseirão a liberdade de se intrometer na minha vida? *Porque eu não tinha!*

— Poupe-me da sua opinião, se você presa pela porcaria do seu trabalho!

— Em dias normais você não passa de uma cadela tensa, mulher, mas hoje está em um nível totalmente diferente, não está?

— Cale a boca.

— Tensa... tensa...

— Estúpido idiota!

— Cadela tensa!

Senti vontade de pegar minha sandália e jogar na cara dele, merda! Realmente senti. Mas em vez de agir como louca ou revidar a ofensa, eu nos deixei entrar em um silêncio *quase* confortável. Ricardo riu descontraído ao meu lado, causando uma sensação esquisita na boca do meu estômago. *Talvez eu fosse mesmo uma mulher tensa*, pensei enquanto observava o anel dourado em seu dedo.

— Você é casado? — Que pergunta idiota, Isadora!

— Sou. — A resposta saiu seca e eu me questionei o motivo por trás disso.

— Há pouco tempo? — Empurrei um pouco mais, quase como uma vingança por toda a sua intromissão na minha vida.

— Cinco anos, mas nós estamos juntos há mais tempo. — O que? Cinco anos? Mais tempo?

— Você não se parece muito com um homem casado — eu o alfinetei, tirando-o do sério.

— E como deve se parecer um homem casado? Me diga.

Seus olhos castanhos se viraram em minha direção.

— Eu não quis te ofender ao dizer isso, é só que eu não consigo te imaginar deixando esse trabalho e voltando para uma *casinha*, com uma esposa à sua espera e filhos correndo e gritando por todos os lados. Só é... estranho.

— Nós não temos filhos. — Assenti devagar, notando mais uma vez a secura em suas palavras.

Quando constatei que ele não iria sanar minha curiosidade acerca da sua vida medíocre, eu respirei fundo e virei meu rosto, olhando distraída a paisagem através da janela. Era estranho imaginar que eu havia acabado de ter uma conversa com esse homem e que, de alguma forma, eu estava interessada nas coisas que ele tinha para dizer. Vendo a loucura que todo esse meu interesse representava, eu decidi parar de interrogá-lo e me fechar em minha própria bolha novamente. Ricardo não significava nada, ele era apenas um...

— Me fale sobre você agora — ele pediu.

— O quê?

— Me conte algo sobre você, algo bom. — Fiquei desconfortável ao perceber que eu não tinha muita coisa boa a falar a meu respeito.

— Eu gosto do meu trabalho.

— Você não gosta, você o usa como uma armadura. É a única maneira que você ainda tem de exercer algum controle. — Abri minha boca para discordar, mas era inútil. Ele estava certo, afinal, não estava?

— Eu... participo de alguns projetos de caridade. — E era verdade, eu assumi para mim a responsabilidade de ajudar todas as instituições de que minha mãe se orgulhava tanto em representar.

— Você costuma visitar essas instituições? Ou apenas doa dinheiro e participa dos eventos, gatinha?

— Qual é o seu problema? — retruquei nervosa, sentindo-me ofendida.

— É essa a verdade, não é? — Essa não era a verdade, mas não havia a menor chance de que eu, *Isadora Montenegro*, fosse me explicar a um segurançazinho qualquer.

— Não tem a menor possibilidade de que saia alguma conversa decente aqui. Então se

concentre na estrada e me deixe em paz!

— É bom vê-la reagindo. Eu prefiro *essa* Isadora do que a outra apática.

Como ele conseguia fazer isso comigo, me levar à loucura e me acalmar ao mesmo tempo? Meu peito não doía em apreensão, e eu não me sentia sufocada ou amarga. Eu *apenas sentia*.

RACHEL

Era tarde quando a campainha do apartamento tocou. Eu estava em casa já há algumas horas, mais precisamente desde que Hélió me deixou na entrada do prédio. Fora difícil lidar com os olhares preocupados dos noivos depois que Marcos me tirou para dançar e, logo em seguida, me abandonou na frente de todos aqueles curiosos. Mas eu consegui. Tanto que ignorei a maneira arrogante com que alguns convidados me encaravam. O queridíssimo irmão da noiva havia partido após o *show* e eu, com o coração ainda mais destroçado, fui obrigada a enfrentar o restante da festa com todo o orgulho que possuía.

No finalzinho da tarde, ao se despedir de mim, Mariana me fez prometer manter um olho em sua pequena durante sua lua de mel. Sofia passaria o domingo e o feriado de amanhã com o Sr. Fonseca e depois ficaria pelo restante dos dias com o tio na mansão. Eu prometi, é claro, só não sabia se Marcos iria aceitar a minha interferência em se tratando do bem-estar da sobrinha.

Segui até a porta, sem ideia de quem poderia ser, já que Marcos nunca batia. Ele entrava e saía desse apartamento quando bem lhe entendesse.

— Me desculpe, carinho. — Eu congelei ao ver o dito cujo parado em frente à porta, com uma aparência confusa. As mangas de sua camisa estavam dobradas até a metade dos braços peludos, e alguns botões do seu colarinho haviam sido abertos. — Eu não deveria ter me afastado de você...

Não deveria mesmo, pensei chateada.

— Eu estou tão cansada, Marcos... — Com dois passos o homem já estava sobre mim. As mãos grandes em volta do meu rosto, o corpo rígido envolvendo o meu.

— Eu sei, Rachel, eu sei.

— Dói estar com você. Machuca muito, Marcos, e eu não aguento mais. — Minha intenção não era abrir meu coração para ele, mas com o que tinha acontecido hoje e com as dúvidas rondando a minha cabeça eu estava por um fio. *Um fio frágil e prestes a quebrar*.

Empurrando-me suavemente até o sofá, Marcos me colocou em seu colo e colou a testa na minha.

— Eu sinto muito.

— Por que você não se cansa de mim? Por que ainda me quer? Eu já te dei tudo, Marcos, não tem mais nada aqui dentro — falei esgotada.

— Você *tem* tudo.

Não, eu não tinha mais nada. Eu tentei dar tudo a ele, mas Marcos rejeitou cada pequena parte do meu amor. Cada carinho, cada gesto amoroso...

— Eu preciso de você, Rachel, entenda isso. — Meu peito afundou ao sentir seus lábios tocarem os meus. Isso não era justo.

— Hoje não, por favor. — Tentei coagi-lo, mas o homem manteve o seu controle.

— Você é como uma droga, me alucina. Eu realmente preciso de você! gGemi derrotada, e não lutei quando ele me deitou no sofá, inclinando-se sobre mim.

Seus olhos se mantiveram presos nos meus enquanto Marcos desabotoava e arrancava a camisa de linho que vestia. Estremeci diante da visão do seu peito nu, os pelos grossos na parte de baixo do seu abdômen, os músculos rígidos pelo tesão que o homem sentia. Marcos era magnífico, e eu estava começando a suspeitar de que nunca conseguiria me ver livre do desejo que ele acendia em mim. As mãos grandes foram para a fivela do seu cinto, causando-me arrepios. Eu o observei, com a boca seca, desafivelar o acessório e jogá-lo no chão da sala. O coração batendo mais forte à medida que ele descia o zíper e exibia o volume inchado sob a cueca.

Desviei meus olhos, sentindo-me culpada por desejá-lo tanto, e capturei seu olhar de novo.

— Você é minha! — afirmou convicto, e com um único puxão subiu a camisola que eu havia colocado assim que cheguei em casa.

As coxas musculosas do Marcos me prendiam ao sofá, fazendo peso em meu quadril. A atenção dele recaiu nos meus seios inchados e desceu até a calcinha que eu usava. Doía pensar, e quanto mais intensa e perigosa era a maneira como me encarava, mais ofegante eu ficava. Voltando a me beijar, Marcos afastou o tecido que cobria minha boceta e deslizou dois dedos para dentro das dobras úmidas, espalhando o creme que eu liberava. A respiração falhou ao ser preenchida, a sensação de tê-lo de alguma forma dentro de mim era surreal, atordoante. Com a boca ainda devorando a minha eu engoli o gemido que Marcos soltou junto com o peso do seu corpo.

Perdi qualquer indício de razão depois disso, ficando à mercê do homem. Em algum momento, em meio a tanta insanidade, nossos beijos foram interrompidos. Antes que tivesse tempo de me sentir carente com a sua ausência, o meu corpo sucumbiu ao choque que os mesmos lábios causaram em minha pele arrepiada. Marcos deslizou a boca pelo meu pescoço, seios e abdômen... fez tudo isso sem nunca afastar os dedos de dentro de mim. Quando chegou no vão estreito entre as minhas coxas, ele raspou a barba grossa na parte interna, lambuzando-se com o estado encharcado em que eu me encontrava. Minha virilha brilhava com os sulcos que saíam de minha boceta, atraindo a boca do homem que chupou ferozmente cada gota do meu prazer.

Marcos agarrou meu quadril em uma tentativa de me fazer ficar quieta. As mãos grandes apalpando minhas nádegas enquanto eu rebojava ansiosa. Sofrendo em antecipação. Quase implorando para que ele me chupasse até a perda da consciência. Não demorou, e foi exatamente isso o que ele fez. Sua língua ferina me atacou, devorou, fodeu comigo de uma maneira tão intensa que por alguns instantes eu me esqueci de quem éramos. *Esqueci que isso tudo era um erro.*

Não me dando chance de recuar, Marcos afastou a boca do meio de minhas pernas e me penetrou com uma estocada lenta e profunda. Agarrei-me a ele, as unhas cravando os ombros largos. As pernas envolvendo o quadril incansável. Os golpes eram letais, fazendo-me gemer e gritar mesmo que não tivesse forças para tal ato.

— Como você pode se recusar a ser minha? Como pode me negar uma coisa que me pertence? — ele ofegou, em desespero. — Essa boceta é minha, Rachel. Você é minha, cada pedacinho seu, porra!

— Eu... — *Eu não quero ser sua como um objeto, eu quero ser sua como sua mulher...* tive vontade de dizer, mas no último segundo me calei. Lutando contra a repentina vontade de chorar.

Marcos não demorou a me encher com seu gozo, e eu não me importei com o fato de que estávamos sem camisinha mais uma vez, até porque eu duvidava que houvesse alguma coisa que pudéssemos fazer agora. O fogo quente que parecia ter envolvido o meu corpo me abandonou após o meu próprio orgasmo, deixando-me vazia. Arrependida.

Encarando-me de maneira séria, Marcos segurou meu rosto e me beijou suavemente. Talvez preocupado com o meu distanciamento. Encolhi-me ao vê-lo se levantar sem dizer nada e me sentei, enquanto ele recuperava nossas roupas pelo chão para logo em seguida deslizar a camisola pelo meu corpo. Cobrindo minha nudez.

— Você já vai? — perguntei, querendo muito ficar sozinha.

— Não. Eu passarei a noite aqui. — Raiva cobriu seu rosto quando ele se deu conta da minha decepção. — Quer você queira ou não.

Saí do meu quarto devidamente limpa e de banho tomado, enrolada em um roupão, e fui em busca de algo para matar a fome. Ainda não eram nem 19h da noite e eu não conseguia parar de me perguntar o que Marcos e eu faríamos por todo esse tempo.

— Acabei de pedir uma pizza. — Fiquei paralisada antes mesmo de ele abrir a boca. A TV estava ligada e Marcos segurava alguns dos meus DVDs. — Eu não sabia que você gostava de filmes de ação. — Olhou-me interrogativamente.

— Era só eu e o meu pai enquanto eu crescia, então acho que peguei gosto — expliquei sentindo a saudade do meu paizinho surgir. — Mas por que... isso tudo? — O sofá onde nós tínhamos transado estava arrumado e uma enorme e grossa manta havia sido trazida para a sala.

— Porque eu decidi que quero isso. Quero ficar e assistir a um filme com você.

— Você está brincando comigo, certo? — perguntei com cinismo, o irritando.

— Não, porra, eu não estou! — Nós nos encaramos e eu imaginei o quão difícil deveria estar sendo para ele abrir mão de voltar para o seu trabalho, que parecia nunca ter fim, só para ficar aqui ao meu lado.

— *Cassino Royale* — sibilei, deixando-o confuso. — É o meu preferido, nós podemos assistir ele.

E foi assim que passamos o restante da noite. Nós dois assistimos ao *Cassino Royale* e, em seguida, ao *Quantum of Solace*. Devoramos a pizza e eu ainda dividi com ele uma taça do meu sorvete predileto. Marcos me beijou entre uma colherada e outra e foi delicioso sentir sua boca gelada e doce contra a minha. Tanto que, quando nos demos conta, estávamos emaranhados um ao outro de novo. Seu membro preenchendo minha boceta, sua língua guerreando com a minha... até que ambos nos vimos em meio a um orgasmo catártico.

Marcos cuidou de mim após o gozo, limpando-me debaixo da água morna do chuveiro, e me colocou na cama. Acariciando-me de uma maneira íntima e suave, até começar tudo de novo...

MARCOS

Sonolenta, Rachel esfregou a ponta do nariz em meu tórax e pousou os lábios na pele ainda quente. Enrolei seu longo cabelo e o afastei de suas costas, delineando seu corpo com os dedos enquanto uma ideia absurda, mas incrivelmente tentadora, surgia.

— Rachel. — Ela levantou o rosto para me encarar. — O que acha de passarmos o dia juntos amanhã? É feriado e Sofia só virá na terça. Pensei em tirarmos um tempo para nós dois...

Até porque seria praticamente impossível vir visitá-la no tempo em que Sofia estivesse sob meus cuidados.

— Você está falando sério? — Vê-la tentando, sem muito sucesso, controlar sua expectativa fez meu peito apertar. Rachel era uma jovem mulher no melhor sentido da palavra. Era determinada, forte, inteligente... Seu único defeito era essa carência emocional que eu enxergava nos seus olhos em certos momentos.

— Nós poderíamos sair, passar algum tempo fora da cidade. Não sei. Ou então só ficar aqui e assistir aos seus filmes favoritos. Qualquer coisa que você queira, carinho. — Rachel sorriu, verdadeiramente sorriu, porra!

— Eu adoraria, Marcos — respondeu com a voz embargada e grudou seus lábios, ainda inchados dos beijos anteriores, nos meus.

RACHEL

Um som áspero fez-me acordar assustada na manhã seguinte. A lembrança da noite anterior logo aqueceu meu coração, mesmo assim, eu olhei insegura ao redor do quarto. Ficando confusa ao encontrar Marcos saindo do banheiro já vestido para o dia. Achei estranho a sua escolha de camisa social com gravata combinando, essa não era a roupa que eu esperava vê-lo usando para tomar café da manhã na cama comigo...

— Eu tenho que ir, Rachel. — *O quê?*

— Mas você disse que...

— Algo deve ter acontecido lá em casa, porque eu tenho inúmeras ligações perdidas em meu

celular.

— Marcos... — A náusea apareceu quase que como um lembrete do quão idiota eu era. Suor frio escorreu pela minha testa.

— Agora não, tudo bem? Me dê um tempo, Rachel, será que você consegue?

Por que ele estava nervoso comigo? Não fui eu que tive a ideia brilhante de silenciar o celular, da mesma forma como não havia sido eu a insistir para que ele passasse o dia comigo. Reprimi a decepção e esperei até que o idiota arrogante estivesse fora do apartamento para poder desmoronar. Afundando sobre a cama e apertando meus braços em torno do meu corpo, em uma tentativa de agarrar os últimos resquícios de sanidade que ainda existia dentro de mim.

Solucei em meio ao choro, sentindo-me a pessoa mais estúpida do mundo. Quando eu iria aprender a não esperar nada do Marcos, pelo amor de Deus!? A primeira rodada de náusea me atingiu com força, trazendo um gosto amargo à minha boca. Mas em vez de correr para o banheiro, eu engoli meu mal-estar e o choro, peguei o celular e disquei o número da única pessoa que sabia que viria ao meu socorro.

— Alex. — Seu nome soou como uma súplica em meus lábios. — Ele... ele nunca vai me amar, e eu... não sei se posso mais fazer isso. Eu estou com medo.

Capítulo 15

RACHEL

Alexandre tentou me fazer falar mais devagar e, quando eu finalmente consegui explicar alguma coisa coerente, ele informou que estaria vindo me buscar de imediato. Pedindo também para que eu me preparasse para uma pequena viagem, pois eu passaria o feriado com ele e com o meu pai em Florianópolis. Encerrei a ligação e olhei ao redor do quarto, colhendo as pistas de tudo o que Marcos e eu havíamos feito na noite anterior. Os lençóis ainda tinham o seu cheiro, assim como cada fibra do meu corpo. A lembrança da risada grave dele, da promessa de passarmos o dia inteiro juntos... Tudo, cada detalhe, martelava dentro da minha cabeça como um pisca-alerta irritante.

Sentindo-me um lixo, eu fiz tudo no automático. Vomitei até as minhas entranhas, entrei debaixo do chuveiro e lavei o cheiro dele do meu corpo. Vesti-me e dei um jeito de sair do prédio despercebida. Tudo para que Hélio não me pegasse escapulindo, já que as ordens que o homem tinha eram para que ficasse em frente ao meu apartamento. Sem ser notada, eu afastei-me do quarteirão e parei na primeira esquina, em frente ao café em que Alexandre combinou de me buscar. Esperei impaciente por ele, olhando para os lados, apreensiva, como se a qualquer momento Marcos pudesse aparecer e me arrastar de volta para a minha prisão.

Só consegui soltar o ar, que até então vinha prendendo, quando Alex estacionou seu carro a poucos metros de mim e deu a volta para me ajudar a entrar. Dúvidas a respeito do que eu estava prestes a fazer começaram a surgir quando ele bateu a porta do carona e se sentou ao meu lado. Alexandre beijou minha testa em um gesto carinhoso e perguntou se eu estava me sentindo melhor, o que eu neguei, porque definitivamente não estava.

— Abandone esse homem, Rachel. Pegue suas coisas e venha ficar comigo. — Sacudi a cabeça e me recriminei por envolvê-lo nos meus problemas. Sua proposta era um absurdo, e seu eu a aceitasse, Marcos nos destruiria sem sequer pensar duas vezes.

— Não se trata apenas de mim, Alex. Não vou permitir que meu pai morra em um fila de espera do SUS, não seria justo, entende? Meu paizinho cuidou de mim por todos esses anos, por que eu não posso fazer o mesmo agora? Além disso, eu sei que não tenho muito tempo com ele, e eu... eu quero que esse tempo seja bom. Quero que ele seja bem cuidado enquanto ainda o tenho comigo.

— Querida... — Alexandre se preparou para intervir, mas logo percebeu que não iria adiantar.

— Além disso, o que você iria fazer comigo? — Eu iria ficar com ele e o quê? Meu coração tinha um dono e eu nunca conseguiria me envolver com alguém enquanto estivesse presa nesse inferno. — Eu não tenho nada para te oferecer, Alex, minha vida está uma bagunça e eu não sei se algum dia conseguiria amar outra pessoa... eu só...

— Esse desgraçado está ferrando com a sua cabeça, Rachel. Olhe o que você está dizendo!

— Eu só estarei livre do Marcos quando ele decidir me deixar livre. Só quando isso acontecer é que eu poderei seguir em frente.

— E se ele não fizer? O homem é louco por você, está na cara que ele...

— Eu acho que estou grávida! — eu o cortei, desesperada, encolhendo-me no banco à espera de sua reação.

— Meu Deus! — Alexandre grunhiu ao meu lado.

Dizer essas palavras em voz alta tornou tudo mais real. E esgotada, eu deitei minha cabeça contra o encosto do banco enquanto tentava imaginar um bom futuro para mim. Um que não estivesse entrelaçado à vida do Marcos nem ao seu controle e nem à sua influência. Mas cada saída que surgia, cada esperança que inundava meu peito era destruída com a certeza de que se eu estivesse mesmo à espera de um filho do poderoso Sr. Montenegro, eu nunca me veria livre das suas garras. Sem perceber, eu me entreguei ao sono e dormi durante o restante da viagem. Só acordando quando Alex estacionou o carro em frente ao hospital.

Despertei confusa, um pouco zozna, e o peguei me observando.

— Seu pai está dormindo, mas eu pensei que talvez você pudesse se consultar com uma amiga, Rachel. Ela é obstetra e tenho certeza de que poderá te atender, se eu fizer um pedido de última hora. — Meu primeiro pensamento foi o de recusar sua oferta, dizer que eu mesma resolveria isso, mas como eu conseguiria fazer qualquer coisa com o Hélio 24 horas atrás de mim?

Então, em vez de fazer caso, eu assenti e o deixei me apresentar à Fernanda, a tal médica. A princípio, a doutora estranhou a presença do meu amigo ao meu lado, fazendo-me questionar os sentimentos dela para com ele. Por fim, Fernanda me fez algumas perguntas de praxe, como o dia da minha última menstruação, o método contraceptivo que eu usava, se eu tinha parceiro fixo... Ao ver que estava tudo em ordem, ela puxou meu histórico de exames através do meu plano de saúde, que Marcos nunca cancelou, e os avaliou um a um. Um novo exame de sangue foi pedido, é claro, e os minutos que seguiram até o resultado foram os mais aterrorizantes da minha vida.

Alexandre se recusou a sair do meu lado, permanecendo comigo e mantendo-me calma até o

momento em que a confirmação chegou às minhas mãos. Quando li no papel a palavrinha *positivo* digitada em vermelho, piscando para mim de maneira assustadora, eu o deixei me abraçar até estar seca de lágrimas e soluços.

No fundo, eu sabia que não era certo estar triste. Alimentar esse tipo de sentimento não iria fazer bem ao meu bebê. Senhor, eu era uma mulher horrível por não conseguir estar feliz. Culpa me corroe em um primeiro momento, e eu desejei poder estar sozinha, longe de tudo e todos.

Com a esperança de que fosse me fazer sentir melhor, Alexandre me levou até a cafeteria e me obrigou a comer algo, e só depois de me alimentar é que permitiu que eu visitasse meu pai. Como médico, ele não queria que minha instabilidade emocional afetasse a tranquilidade do seu paciente.

Entrei no quarto em que meu pai estava internado, franzindo o cenho mais uma vez para todos os equipamentos e mordomias que Marcos mandara instalar a fim de facilitar o dia a dia do Sr. Vidal. A enfermeira que fazia companhia ao meu pai sorriu brevemente e me deixou a sós com ele.

Mesmo sob os efeitos dos fortes remédios, meu paizinho reagiu ao me ver, deixando-me emocionada.

— O que você tem, filha? — Seu tom de voz saiu fraco, excessivamente rouco.

A recuperação da cirurgia ocorreu como prevista, porém não era como se ele estivesse livre da doença agora. O outro tumor, o não operável, ainda estava lá, matando-o aos pouquinhos.

— Eu estou me recuperando de uma virose, paizinho, apenas isso — garanti.

— Aquele homem... — Olhei para ele apreensiva. — Aquele homem esteve aqui de novo. Ele disse que tem... cuidado de você.

— Pai, quando foi isso?

— Eu... não lembro.

Escondi o incômodo que suas palavras me causaram e forcei um sorriso em meu rosto. Alexandre havia explicado em uma outra visita que as altas dosagens dos medicamentos estavam afetando a memória e algumas áreas do seu sistema nervoso. Seu raciocínio era lento e seus movimentos precários. Era difícil ignorar a dor que sentia ao vê-lo doente, e mais difícil ainda esquecer a lembrança do homem saudável e alegre que meu pai fora um dia. Houve tempos difíceis para nós dois? Houve. Mas ele nunca me abandonou ou desistiu de mim.

Por que então eu faria isso com ele agora?

Alexandre estacionou seu carro em frente ao meu prédio no final do dia, ignorando de propósito o mau humor em que eu me encontrava. Depois de muito teimar e insistir para que ele me deixasse na rodoviária, Alex disse um sonoro e decidido *não* e me trouxe de volta por todo o caminho. Curvei meus lábios em desgosto ao ver o *Chrysler* preto que Hélió dirigia à espreita no outro lado da calçada. Os vidros cobertos com *insulfilm*, infelizmente, não me deixaram saber se havia ou não alguém dentro do carro.

Respirei fundo, tomando coragem para me despedir do Alex enquanto relembrava a tarde que tivemos juntos. Depois de ficar toda a manhã no hospital com meu pai, Alexandre me surpreendeu ao me levar para a sua própria casa. Como chefe do seu setor, era visível que ele tinha um certa estabilidade financeira, mas eu sabia que nem sempre fora assim. Em uma de nossas conversas, Alex deixou escapar que, apesar do bom salário e da condição confortável em que vivia atualmente, ele ainda tinha um longo caminho a percorrer. Nesse mesmo dia ele admitiu que, se as coisas fossem diferentes, que se ele tivesse tido condições de pagar a minha dívida no hospital, ele o teria feito.

Sozinhos naquela casa, Alexandre preparou nosso almoço, deixando-me ajudá-lo em alguns momentos. Quando o cansaço do dia bateu, ele me levou para a sua cama e me aconselhou a dormir por algumas horas. Só me acordando para perguntar se eu gostaria de me despedir do meu pai antes de voltar a Joinville. O que eu fiz, é claro. Esse foi o momento em que Alex me deixou sozinha e seguiu até o setor administrativo em busca do relatório de visitas, a fim de descobrir se Marcos havia ou não visitado o meu pai.

E ele realmente havia visitado. Não só uma vez, como imaginei a princípio, mas *três vezes*.

Em outro momento, o gesto do Marcos talvez me comovesse, mas eu já não conseguia acreditar em suas boas intenções. Porque elas não existiam. Tudo ali, cada pequena e maldosa atitude, tinha por finalidade mexer com minha cabeça, me torturar. O homem me fez ter esperanças, me fez acreditar e sorrir ante a expectativa de termos um dia, um único dia, em que pudéssemos agir como um verdadeiro casal. Mas nós não éramos um casal, não é mesmo?

— Prometa para mim que você vai se cuidar — Alexandre pediu e eu assenti com firmeza, não querendo que ele se desse conta do medo que estava de sair do seu carro. Pressentimento ou não, era como se houvesse um vazio dentro de mim.

Despedi-me do Alex, que me soltou relutante, como se quisesse dizer mais alguma coisa. Não esperei por ele e saí, dirigindo-me ao elevador. Em todo o caminho eu pensei na conversa que tive

com a Fernanda essa manhã, de acordo com as imagens no ultrassom que ela havia solicitado, eu estava entre a oitava e nona semana de gravidez. Constatei que meu bebê fora gerado na noite anterior à operação do meu pai... e mais ainda, que Mariana tinha poucas semanas a mais do que eu.

Preocupada, eu girei a chave no trinco da porta. O som dos berloques sendo uma distração fraca para o choque que tomei em seguida. Havia apenas um abajur aceso e, ao lado dele, estava um Marcos aparentemente à minha espera. Ele já não usava mais as roupas de hoje cedo, seu cabelo estava uma bagunça, como se ele houvesse passado os dedos por ele repetidas vezes. Ainda irritada, eu fiz pouco caso da sua presença e passei direto.

— Teve um bom dia? — Eu o escutei perguntar atrás de mim, visivelmente alterado. — Teve a porra de um bom dia, Rachel? — ele rosnou ao não obter nenhuma resposta e eu continuei a fingir que o homem medindo seus quase 1,90 m de altura não me intimidava.

— Sim, meu dia foi maravilhoso — despejei e girei a maçaneta do quarto, ficando boquiaberta ao ver todas as minhas coisas espalhadas pelo chão. Tudo, minhas roupas, sapatos, bolsas... Cada joia... — O que aconteceu aqui? — indaguei, virando-me para encará-lo.

Com o semblante fechado, Marcos me fitou severamente. Sua agitação o estava entregando, eu o conhecia tão bem que sabia que se apenas o tocasse sua pele estaria quente como fogo, a vibração do seu corpo desenfreada e cada músculo esculpido estaria rígido como pedra.

— Me responda, Marcos, que merda aconteceu aqui? Por que minhas coisas estão... destruídas?

— Eu pensei que você tivesse fugido de mim novamente, porra, foi isso o que aconteceu aqui! — esbravejou, deixando-me incrédula. Abismada mesmo.

Meu olhar varreu o quarto de novo, meu perfume estava quebrado, até mesmo...

— A minha foto — sussurrei com a voz abafada e me ajoelhei para pegar a foto da minha formatura, rasgada em mil pedaços. — Como você pôde?

— Alguém virá amanhã arrumar tudo, não se preocupe. — Soou indiferente.

— Eu não quero! Não quero que ninguém arrume nada! — esbravejei, levantando-me do chão. — Eu quero ir embora. Quero que você me deixe ir embora! — A raiva me motivou a atacá-lo, e eu o soquei mesmo sabendo que seria inútil. Marcos era uma parede sólida de músculos, inabalável. A princípio, ele ainda me permitiu extravasar, mas quando sua paciência se esgotou, o homem envolveu meus pulsos com os dedos longos, segurando-me com firmeza. — Eu quero ir embora!

— Isso não vai acontecer.

— Você me deixa doente!

Agora mesmo, minhas pernas bambeavam de exaustão.

— E como é que você acha que eu me senti hoje ao chegar aqui e não te encontrar? Se ponha em meu lugar, Rachel, o que você faria se descobrisse que passei o dia com outra mulher?

— Foi você quem me deixou sozinha, seu idiota, não ponha a culpa em mim!

— Isadora precisou...

— Eu não quero saber! — gritei. — Nada que tenha a ver com aquela víbora me interessa. Vocês dois não entendem nada, não sabem o que é amar! Eu estou cansada de ser pisada por você, Marcos. Cansada! Mas agora chega, você tem que me deixar ir embora...

— Não acha que se eu pudesse deixá-la ir, já o teria feito? Ou você por acaso pensa que eu gosto da maneira como me sinto em relação a você, Rachel?

— Se você não gosta, então por que estamos fazendo isso? Se não me quer... por que então continuamos nos fazendo mal?

— Porque eu prefiro manter tudo como está, a ter que ficar sem você. Apenas por isso.

— Isso não é justo! — Minha voz saiu quebrada, e eu escorreguei sentada na cama.

— A vida não é justa, carinho, a essa altura você deveria saber. — Marcos se aproximou lentamente e alisou meu cabelo. Os dedos se entrelaçando às mechas, penteando-as como um carinho. — Espero que entenda que o seu comportamento de hoje me obrigou a tomar certas decisões. Uma delas é a de proibir que você volte a se encontrar com aquele doutorzinho de merda...

Eu não sabia se era intencional ou não, a questão era que eu odiava quando ele usava esse seu tom de voz manso comigo. Talvez fosse loucura da minha cabeça, mas ele soava muito mais assustador sussurrando do que gritando.

— Mas... como eu irei ver meu pai? — Eu me desesperei, reagindo aborrecida. — Você não pode me impedir de visitá-lo!

— E eu não vou. Você só não irá sozinha.

— Mas o Hélio já me acompanha, Marcos.

— Sim, só que agora ele estará do lado de fora do quarto enquanto você visita seu pai. Não há o que temer, a menos que esteja escondendo algo de mim.

— Você está exagerando!

— Estou? Quantas vezes eu te avisei sobre o Dr. Otto, Rachel? Quantas vezes pedi para que ficasse longe dele e você continuou a teimar comigo? — Eu não sabia o que dizer, estava confusa. Chateada. — O que aconteceu hoje foi a gota d'água, entende? Você passou o dia com outro homem e, não contente em desaparecer, ainda desligou a porra do celular! O que espera que eu pense?

— Você age como se eu fosse te trair e fugir a qualquer momento. — Sua mandíbula apertou. — Só que o que essa sua mente louca não entendeu é que eu não tenho estrutura para aguentar me entregar a qualquer outro homem. Eu adoraria ter, Marcos, mas não tenho!

Quando terminei, eu já não queria mais esconder meu choro ou as lágrimas estúpidas que teimavam em cair. Eu só queria me embrulhar na cama e esquecer tudo a respeito dele. Até mesmo do nosso bebê. Marcos assistiu ao meu pequeno desabafo calado, mantendo seu olhar sobre mim até mesmo depois que desisti de discutir. A cara dele não era das melhores, eu esperei pela sua habitual reação, mas ele apenas me encarou.

— Eu vou passar a noite aqui — avisou.

— Não, você não vai. — Eu o vi cerrar os olhos contrariado. — Eu não o quero aqui hoje, e se você insistir em ficar, eu saio. Passo a noite na calçada, mas não fico nesse apartamento!

— Deixe de falar besteira, Rachel.

Vendo que Marcos não acreditava em mim, eu peguei a bolsa sobre a cama, a mesma que tinha estado comigo por todo o dia e que continha os exames, e marchei para fora do quarto, decidida a mostrar meu ponto a ele. Meu coração perdeu uma batida a cada passo que dei... *Fale alguma coisa, por favor, fale alguma coisa*, pedi baixinho.

Estendi a mão, pronta para pegar as chaves no aparador do *hall*, quando a voz dele grunhiu atrás de mim.

— Você venceu, porra, eu saio!

Ele passou como um tornado por mim, batendo a porta com força. Voltei a respirar no instante em que me vi sozinha, aliviada com o resultado do meu blefe.

Rolei na cama desconfortável, com a suspeita de que algo não estava bem. Puxei o ar ao sentir

uma dor lombar forte e... *merda!* Algo definitivamente não estava certo. Levou poucos segundos para que eu entrasse em desespero e, assustada, eu ainda tentei me levantar, mas a dor se tornou insuportável.

Meu telefone, pensei de repente, eu preciso do meu telefone.

Obrigando-me a manter a calma, eu me inclinei sobre os lençóis e o peguei em cima do criado mudo. Ligar para o Marcos estava fora de questão, além de não querê-lo por perto, ele levaria muito tempo para vir em meu socorro, então eu me vi procurando na lista de contatos pelo nome do Hélió. Torcendo para que ele ainda estivesse lá embaixo.

— Srta. Vidal, está tudo bem?

— Não, não está... — gemi ao telefone e olhei para baixo, sufocando o grito ao ver a mancha vermelha em meu short. *Isso era... isso era sangue?* — Hélió, o meu bebê... eu estou perdendo o meu bebê.

Capítulo 16

MARCOS

Segui diretamente para setor de emergência do hospital, várias cabeças curiosas girando ao me verem passar. Nenhum deles era capaz de enxergar, sequer entender, o tamanho da minha preocupação. Hélió havia me ligado há pouco avisando sobre o estado da Rachel, dando respostas evasivas, não sabendo explicar o motivo que levou minha ratinha a desmaiar em seus braços. Nervoso por não conseguir obter qualquer informação que fosse a respeito do seu caso na recepção, eu marchei para o interior do hospital, disposto a exigir respostas do primeiro médico que encontrasse.

Relembrei com pesar a discussão que havíamos tido antes que eu a deixasse sozinha em seu apartamento. Eu deveria tê-la poupado de outra briga, a expressão em seu rosto revelava o quanto Rachel estava cansada, e mesmo assim eu a empurrei. Fazendo-a perder a paciência. *Porra, quando eu teria um pouco de paz?*, questionei-me, agora pensando na Isadora. Minha irmã havia conseguido me tirar do sério essa manhã. As inúmeras ligações perdidas da Vera nada mais eram do que a maneira que minha governanta encontrou para mostrar sua preocupação com o estranho comportamento da patroa. Segundo ela, Isadora havia chegado do casamento descalça e irritada.

Recusando-se veemente a sair de seu quarto.

Acredito que essa tenha sido a maneira que minha irmã encontrou de lidar com tudo o que vinha acontecendo em sua vida. O casamento da Mariana, a presença constante da Sofia em nossa casa e, principalmente, a minha relação com a Rachel. Toda essa merda meio que vinha desestabilizando a Isadora. Quanto à minha sobrinha e irmã caçula, nada poderia ser feito, em algum momento Isa entenderia isso. *Mas e quanto à mulher que Isa tanto odiava?*

— O que aconteceu? Onde ela está? — perguntei ao me deparar com o Hélió, que parecia além de cansado.

— Sr. Montenegro, ela me telefonou chorando, não estava se sentindo bem e... me pediu para trazê-la ao hospital. — O desgraçado do meu motorista parecia estar escondendo alguma coisa, eu podia sentir. — Agora eles simplesmente se recusam a repassar informações sobre o estado de saúde dela.

Droga de política absurda e droga de mulher teimosa. Se Rachel tivesse me deixado passar a noite como pedi, talvez nada disso estivesse acontecendo.

— O que Rachel falou exatamente com você, Hélió? — pressionei, não me dando por satisfeito com sua explicação.

— Senhor... ela disse que... — Seu nervosismo o entregou, Hélió tremia inteiro na minha frente.

— Quem é o acompanhante da Srta. Vidal? — Um homem vestido de jaleco branco, que imaginei se tratar do médico, passou pelas portas duplas da emergência de cabeça baixa, ainda analisando o prontuário em sua mão.

— Eu sou — respondi com a voz firme, ganhando sua atenção.

— E o que senhor é dela?

— Esposo. — Isso o fez me dar uma segunda olhada, deixando clara sua desconfiança.

— Bom, senhor, o pequeno sangramento que sua esposa teve foi um alerta. Ela ficará em observação até que tenhamos o resultado completo dos exames. Mas quero que saiba que em alguns casos, o aborto, infelizmente, é inevitável. Muitas vezes o embrião não se desenvolve da maneira adequada...

Sangramento? Aborto? Que porra era essa que ele estava dizendo?

— Tem certeza de que o senhor está se referindo a Rachel Vidal? — O médico me encarou

confuso e conferiu novamente o prontuário.

— Sim, senhor, eu tenho. É o nome dela que está aqui. A Sra. Vidal deu entrada há menos de uma hora apresentando sangramento e dores abdominais.

Porra! Isso só poderia ser algum tipo de piada de mau gosto, pensei. Não havia a menor chance de que Rachel pudesse estar grávida. Não a minha Rachel.

— O senhor não é o esposo dela, é?

— Isso realmente importa? — indaguei sem paciência. — Você acaba de dizer que tem uma mulher lá dentro prestes a abortar e a sua preocupação é se eu sou ou não o marido dela?

— Senhor, eu vou ter que pedir que se acalme.

— Não me diga o que fazer.

— Essa não é a minha intenção, eu...

— Onde a Srta. Vidal está? Eu quero vê-la!

— Infelizmente, a paciente ainda não está apta a receber visitas — ele falou com cuidado. — Nós iremos mantê-la em repouso absoluto por algumas horas e...

Antes de perder o pouco da calma que ainda me restava, eu dei as costas ao maldito médico e me afastei. Se continuasse ali, escutando-o dizer bobagens, eu acabaria por perder a cabeça. Então, em vez de me sentar e esperar, como ele aconselhou, eu saí do hospital e caminhei em direção ao estacionamento. A raiva fazendo minha mente rodar enquanto o silêncio da noite fria me abraçava. O ar puro e gelado não foi o bastante para esfriar meu sangue, que fervia em minhas veias.

Havia tantas perguntas que eu gostaria de fazer no momento, tantas respostas a se cobrar... Mas antes de tomar qualquer atitude precipitada, eu gostaria de descobrir quais eram as intenções da Rachel com essa gravidez.

— Como isso foi acontecer, porra? — rosnei para o nada, remoendo a decepção.

Pelo visto, minha nada inocente e fingida ratinha havia finalmente mostrado a que veio. Apresentando-se como o que sempre desconfiei que ela fosse: um erro.

Um gigantesco e complexo erro.

RACHEL

Meu primeiro impulso ao acordar em um leito de hospital foi tocar minha barriga. O segundo foi olhar ao redor em busca de informações, querendo lembrar em que momento entre a ligação para o Hélió e a sua chegada ao apartamento eu havia perdido a consciência. Sozinha naquele quarto, à espera de socorro, eu rezei para que Deus não tirasse meu bebê de mim. Sim, eu poderia estar completamente aterrorizada com a ideia dessa gravidez, mas assim que me deparei com a possibilidade da perda, eu me dei conta de que o amor pelo meu filho já existia dentro de mim. *E que estava enraizado em meu coração como se eu tivesse nascido para esse momento, para dar vida a ele.*

Mas um filho... uma gravidez... Tudo isso rompia o limite colocado pelo Marcos na nossa relação.

Sonolenta por conta dos medicamentos, eu forcei meus olhos a se manterem abertos, engolindo a angústia que surgiu desde a visita do médico ao meu quarto. Segundo ele, ainda não era possível descartar a possibilidade de um aborto, e por causa dos riscos eu precisaria ficar em observação por mais algumas horas até que meu corpo *se normalizasse*. A batida repentina na porta chamou minha atenção e eu fiquei extremamente sem graça ao ver Hélió entrar, parecendo tão ou mais cansado do que eu mesma estava. Será que ele havia passado a madrugada inteira aqui?

— Como a senhorita está?

Murmurei um *bem* abafado.

Hélió tomou minha resposta como um convite para se aproximar e me entregou um copo de uma das minhas cafeterias favoritas. Todas as manhãs, antes de ir para a Montenegro, ele fazia um pequeno desvio para que eu pudesse obter minha dose necessária de café cremoso.

— Se me permite dizer, eu fiquei preocupado com o seu estado de saúde, Srta. Vidal. Assim como o Sr. Montenegro. Ele chegou desesperado ao hospital na noite passada...

— Ele está aqui agora?

— Não. — Hélió parecia sem graça pela ausência do seu chefe. — O Sr. Montenegro tinha um compromisso inadiável essa manhã.

Será que... Marcos já sabia a respeito do bebê? E se sabia, por que não estava aqui?

Engoli a decepção, assim como o medo que sentia, e desviei meus olhos dos do Hélió. Eu não queria que ele enxergasse a tristeza em que eu me encontrava. Não queria que percebesse como machucava o fato do seu chefe não se importar comigo a ponto de estar aqui agora.

— Sim, eu imagino.

— Tenho certeza de que ele estará de volta antes de que a senhorita tenha alta — acrescentou rapidamente.

— Tanto faz... — murmurei focando minha atenção na bebida quentinha.

Hélio não demorou em meu quarto, deixando-me com meus próprios pensamentos pelas próximas horas. Duas ou três enfermeiras entraram para me ver durante o dia, tomando algumas anotações e medindo minha pressão arterial, que apresentou alguns picos elevados. Possivelmente por conta do susto que havia levado. No final da tarde, já prestes a enlouquecer, eu recebi minha alta. As orientações médicas eram para que eu ficasse pelo restante da semana de repouso, e no caso de apresentar qualquer dor ou sangramento, retornar ao hospital imediatamente. Todas essas recomendações me deixaram tensa, angustiada. Eu não queria passar cada minuto do meu dia preocupada que pudesse perder meu bebê a qualquer momento.

Não queria me acostumar com ele e depois...

— Tia *Rach*! — Sofia gritou e correu, agarrando-se às minhas pernas. Eu havia acabado de sair do quarto em que estive em observação, com Hélio ao meu lado segurando minha bolsa e a pasta com os exames feitos.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei surpresa, sentindo-me fraca para toda a energia da pequena.

— Meu titio disse que você estava dodói. Eu fiz ele me trazer. — *Fez?* Sorri genuinamente para ela, um sorriso que morreu quando levantei meu rosto e encontrei o Marcos.

Sua raiva era tão palpável que cada pelinho do meu corpo se arrepiou. Não sei como consegui encará-lo, meus instintos diziam para fugir, escapar antes que fosse tarde demais. Mas como faria isso se não era capaz sequer de me mover? Se eu ainda tinha dúvidas quanto a ele saber a respeito da minha gravidez, agora já não restava nenhuma. Ignorando-me com sangue frio, Marcos dispensou o Hélio e me acompanhou até a sua *SUV*, estacionada em frente ao hospital. Ele não dirigiu a palavra a mim nem mesmo para me perguntar como eu estava, e a mágoa que sentia cresceu dentro do meu peito sem que eu pudesse controlá-la.

A presença da Sofia, alegre e inocente, foi o que nos impediu de discutir. Ela era a barreira entre nós dois, acalmando nossos temperamentos.

— Você precisa de mais chazinho, não é tia, Rach? — a pequena perguntou depois de algum tempo no banco de trás.

— Deixe ela descansar, Sofia! — Marcos soou autoritário e eu não gostei.

— Preciso sim, Soff, assim que chegar em casa vou preparar um, tá bom?

— A *pegada* do meu titio pode fazer, ela é que fez meu lanchinho hoje. — *Pegada?*

— Você quis dizer empregada?

— Sim.

— Eu adoraria que ela fizesse, mas eu moro longe da casa do seu titio, Sofia. Então não tem como, entende?

— Mas o meu titio disse que você vai...

— Sofia! — Marcos chamou sua atenção e eu o encarei irritada, temendo que seu mau humor a chateasse.

— Minha mamãe sempre diz que eu não sei guardar segredo.

Escutei sua vozinha quebrando o silêncio algum tempo depois.

— Sua mãe está certa — Marcos respondeu ao seu comentário.

— Eu sei, titio. — Sofia riu achando graça, mas eu já não estava atenta ao que eles diziam. Minha preocupação estava direcionada ao bebezinho que carregava e ao menor sinal de desconforto eu entrava em alerta.

Ainda assustada, eu olhei para o meio de minhas pernas, esperando e temendo encontrar outra mancha de sangue, mas não tinha nada. O medo suavizou, eu respirei fundo e ergui meu rosto apenas para pegar Marcos me encarando com uma centelha de preocupação em seu rosto altivo. Seu olhar desceu para o ponto em que estive olhando segundos atrás e ele se deu conta do que se passava na minha cabeça. Seu pomo de adão se moveu lentamente e sua atenção se voltou para a estrada.

Fiz o mesmo e olhei para frente, dando-me conta de que o caminho que Marcos percorria não era o que levaria ao meu apartamento, e sim... o que levaria à mansão. A casa majestosa, com enormes portões bronze e seguranças por todos os lados. A casa que Mariana odiava e que tinha sido por muitos anos a sua prisão.

— O que nós... estamos fazendo aqui?

Em busca de respostas, eu me virei no banco e encarei o homem ao meu lado, mas o encontrei fechado como uma muralha. Não fora nem a expressão dura ou o olhar frio que fez meu mundo desestabilizar de vez. O que fez meu chão tremer de verdade foram as palavras que Sofia soltou em

seguida.

— Meu titio disse que você vai ficar com a gente até sarar. Isso não é legal, tia Rach?

Capítulo 17

MARCOS

Olhei para o rosto assustado da Rachel enquanto a acompanhava até o quarto em que ela ficaria hospedada pelos próximos dias. A expressão em seu belo rosto era de puro terror. Seus olhos se mantinham arregalados e nublados como um céu envolto por uma tempestade. Nunca em toda a minha vida eu havia me sentido tão impotente quanto no momento em que a encontrei inconsciente naquele leito de hospital. Cada decisão, cada escolha que tomei na vida passou diante dos meus olhos. Arruinando todas as certezas que eu possuía. Todas as minhas convicções foram por água abaixo no instante em que olhei para a minha ratinha e percebi que aquele médico havia falado mesmo a verdade.

Rachel Vidal, a mulher agora apavorada ao meu lado, carregava mesmo o meu filho.

Essa gravidez era a prova de que, em algum ponto do caminho, eu havia perdido o controle da situação. Fui tão cegamente dominado pelos meus desejos que me esqueci de usar a cabeça. Era isso que me enfurecia tanto, porra! Eu pensei estar vacinado contra esse tipo de artimanha, contra esse tipo de mulher. De nada adiantava estar arrependido agora, se eu fosse mesmo o homem esperto do qual me gabava, eu teria mantido minha cabeça no lugar e recuado assim que me dei conta do poder que Rachel tinha sobre mim. Remoer o que deveria ter ou não feito era uma perda de tempo agora, além de não me ajudar em nada a lidar com a consequência dos erros que cometi.

— Sofia, vá até o seu quarto enquanto eu converso com a Rachel, sim? — pedi ao chegarmos ao corredor. Rachel ficaria em um dos quartos de visitas na ala contrária à do meu quarto e dos membros da família.

Dando uma última verificada na *tia Rach*, minha sobrinha assentiu sorridente e correu para longe sem a menor ideia do escândalo prestes a acometer nossas vidas. Um pouco mais calmo, estendi a porta do quarto para que Rachel entrasse e coloquei no chão a pequena mala que havia feito com seus pertences antes de pegá-la no hospital. Eu havia passado a madrugada inteira acordado, olhando para essa mulher e pensando que decisão deveria tomar em seguida.

Por fora eu era o exemplo de controle e paciência. Mas por dentro, eu ainda estava engasgado com a sensação de que havia sido enganado.

— Por que eu estou aqui? — Rachel perguntou, não dando a mínima para as condições do quarto, esse era o melhor dessa ala, tinha facilmente o dobro do tamanho dos outros.

— Por que você não me contou? — exigi saber, sem responder à sua pergunta.

— Eu só tive certeza ontem. Não tinha por que te contar...

— Não tinha por quê? É do meu filho que estamos falando aqui, Rachel! — Minha ratinha assustada não moveu um só músculo diante da minha explosão. Seus braços magros apertavam com força o seu corpo, enquanto eu a estudava.

— Nosso filho, ele é nosso! Metade dele será feita de mim, Marcos, a mulher que aparentemente não é boa o bastante para você. Já pensou nisso?

— A cada segundo.

— Marcos. — Sua voz saiu suplicante. — Ninguém precisa saber, eu posso criar esse bebê sozinha...

Será que era isso que ela realmente queria ou isso tudo não passava de encenação? Eu já não tinha certeza de mais nada nessa porra.

— Cale a boca, Rachel — pedi de forma seca enquanto conferia se o quarto fora arrumado assim como havia solicitado mais cedo.

Vera ficaria responsável por tudo referente a Rachel pelos próximos dias, até mesmo em se tratando de sua alimentação. Eu não queria vê-la fazendo esforços desnecessários nem sendo incomodada. Claro que suspeitava da confusão que a presença dela traria a essa casa, mas Isadora já havia sido avisada. Esse, aliás, tinha sido o *compromisso inadiável* dessa manhã: comunicar a Isa que a mulher que ela odiava carregava um Montenegro em seu ventre e que estava prestes a passar uma *pequena temporada* em nossa casa. Assim seria, pelo menos até que encontrasse uma maneira de consertar essa confusão. A começar pela decisão do que fazer com a Rachel.

Em silêncio, minha ratinha se moveu até chegar à beirada da cama. Seus passos foram lentos e extremamente cuidadosos, deixando-me aflito. Homens como eu, acostumados a terem o controle de tudo o que acontecia ao redor, não lidavam bem com certos tipos de imprevistos. Aqueles do tipo sem solução...

Respirando fundo, eu continuei a observá-la. Rachel olhava com apatia o quarto, e o seu desconforto era tão visível por estar aqui que me preocupou.

— Você está sentindo alguma coisa? — Ela balançou a cabeça, evitando me olhar. Sua mão

pousou na barriga plana e eu pude ver pela primeira vez o que a estava incomodando. — Não minta para mim, Rachel, não quando se trata da sua gravidez!

— Eu estou com medo, tudo bem? Essa casa, as nossas discussões... a sua irmã! Isso me faz mal! — soltou angustiada. — Eu não deveria nem estar aqui, esse não é o meu lugar, Marcos.

— Você não tem escolha. Não quando se trata do que é melhor para o meu filho, Rachel. Além disso, eu nunca permitiria que ficasse naquele apartamento sozinha do jeito que ele está agora.

Com ela estando em observação no hospital e comigo tentando acalmar os ânimos da Isadora com a notícia de sua gravidez, não houve tempo de cuidar da limpeza do apartamento. As coisas por lá continuavam espalhadas e quebradas. Tudo o que consegui pegar para ela foram algumas de suas roupas e a foto que havia rasgado na hora da raiva.

— E o outro quarto? Eu poderia ficar nele...

— E quem iria cuidar de você?

— Eu posso me cuidar sozinha.

— Não, porra, você não pode! — O pensamento de que algo poderia ter acontecido a ela e até mesmo com esse bebê, porra! Isso era o suficiente para eu querer mantê-la 24 horas sob minha vigilância. — Ponha uma coisa na sua cabeça, Rachel, você está carregando um Montenegro em seu ventre e não há a menor possibilidade de eu te deixar pôr em risco a vida dessa criança porque você é teimosa demais para acatar minhas ordens. É meu dever cuidar para que nada falte a ele, entendeu?

— É isso que meu filho será para você? Um dever?

— Nós não vamos ter essa discussão agora. Eu ainda não sei se essa gravidez foi um ato desesperado seu para tentar me prender ou se foi realmente um acidente, porque a sua obrigação ao estar comigo era a de se prevenir!

— Minha obrigação? — sussurrou quase inaudível.

— Eu confiei em você!

— Não, Marcos, você nunca confiou em mim. E sabe o que mais? Em algum momento eu até desejei ter sua confiança, ser alguém merecedora dela, mas agora? Me trazendo para esse lugar e me obrigando a ficar aqui? Isso foi a gota d'água! — disse agitada, movendo as mãos de maneira nervosa. — Eu juro por Deus que, se algo acontecer com o meu bebê enquanto eu estiver presa nessa casa, eu nunca vou ser capaz de te perdoar. Acho melhor você manter a víbora da sua irmã bem longe de mim e do meu filho, escutou?

Isadora não era uma pessoa fácil de se lidar, mas ela seria incapaz de fazer algo para pôr em risco a saúde da Rachel e a desse bebê. O que essa mulher precisava enfiar em sua cabecinha teimosa era que, a partir de hoje, minha irmã se tornaria uma constante em sua vida, elas se entendendo ou não.

— Nada vai acontecer a você ou ao nosso filho. Eu nunca permitiria.

— Você não é Deus, Marcos, e sabe muito bem que não pode controlar tudo.

— Sim, eu sei. Mas quando se trata da minha família e do que *eu quero*, aprendi que posso, sim, controlar tudo. Basta sentar e assistir.

Rachel não emitiu nenhuma outra palavra, ela apenas virou o rosto na direção oposta à minha e puxou uma longa e profunda respiração, como se tentasse de alguma maneira manter-se sã.

Era madrugada quando desisti de rolar na cama e me levantar. O pensamento de que Rachel dormia em algum canto dessa casa não me saía da cabeça. A vontade que me impulsionava era a de vê-la, de estar ao lado dela e impor minha presença. Antes de me deitar eu até havia passado em seu quarto, mas Rachel fora fria e desagradável comigo, o que me fez sair do cômodo cuspiendo fogo. E agora, com o corpo tenso, a mente inquieta e um desespero fora do comum, não havia a menor condição de eu continuar a dormir. Então, indo contra a prudência, eu me levantei e caminhei até o quarto de visitas na direção oposta ao meu quarto.

A distância não era significativa, e em menos de um minuto eu me vi no largo corredor onde seu quarto estava localizado. Não pensei direito no que estava prestes a fazer nem bati na porta, eu apenas entrei. A necessidade que sentia queimar meu sangue, ferver o meu corpo, se apagou ao encontrar a Rachel dividindo a cama com a minha sobrinha. Observei a cena, sentindo-me estranho. A garganta arranhada. A culpa não me impediu de me aproximar da cama onde as duas estavam, essa era uma cena que eu não esperava encontrar ao aparecer aqui na calada da noite. Uma cena que me fez repensar o papel da Rachel nessa história. Mesmo adormecida, seu semblante era tenso, seu corpo encolhido. Protegido contra qualquer ataque de fora, principalmente o meu. Próximo à cama, eu alisei a franja comprida que caía sobre seus olhos, pensando no desafio que teria pela frente. Se essa gravidez fosse realmente fruto de um acidente, algo não planejado, como eu me convencia mais a cada hora, eu teria um trabalho e tanto para convencer essa mulher a aceitar os meus planos. A previsão era a de que teríamos uma batalha árdua pela frente, uma em que eu me recusava a sair

perdendo.

— Marcos? — sussurrou sonolenta ao sentir meu toque.

— Volte a dormir, carinho, eu vim apenas verificar se está tudo bem com você.

Capítulo 18

RACHEL

A voz alegre da Sofia foi o que me acordou na manhã seguinte, entreabri os olhos ainda com bastante sono e assisti ao pingo de gente vestindo pijamas de peixinhos correr para o colo do tio, que havia acabado de entrar no quarto. Marcos parecia pronto para ir para a Montenegro, seu terno bem cortado evidenciava os ombros largos e esculpidos. A essa altura, eu não deveria me abalar tanto com a visão desse homem, mas, Senhor, ele ainda conseguia me deixar sem fala. Em momentos assim, em que eu não tinha tempo de erguer a guarda e me proteger, eu sempre me via envolvida pelo magnetismo poderoso que emanava dele. Era como se o Sr. Arrogante tivesse um campo de força que atraía todos os olhares e atenções.

Conforme Marcos retribuía o meu olhar, flashes da noite anterior passaram pela minha mente. Sofia havia pedido para dormir comigo e em algum momento da noite eu poderia jurar que havia sido acordada pela presença dele. Lembro-me de sentir o seu cheiro e, principalmente, a textura dos seus dedos acariciando meu rosto. “*Volte a dormir, carinho, eu vim apenas verificar se está tudo bem com você*”, foram as palavras que ele usou. Bom, eu duvidava que essa tivesse sido sua única intenção, até porque Marcos ficou um bom tempo ao meu lado enquanto eu fingia dormir, coisa que eu só voltei a fazer mesmo após a sua saída do quarto.

— Eu decidi que não vou para escola hoje, titio. Tá bom? — Sofia falou em seu colo.

— E desde quando você tem idade para decidir alguma coisa, Sofia?

— Eu vou fazer cinco anos... eu já sou *gande*.

— Crianças grandes também precisam ir para a escola, sua espertinha, agora vá direto para o seu quarto que a Vera está te esperando.

Depois de beijar o rosto da sobrinha, Marcos descansou as mãos nos bolsos da calça de alfaiataria e me estudou, fazendo-me engolir em seco com sua atenção minuciosa.

— Como está se sentindo essa manhã? — O Marcos da noite passada, aquele que entrou em meu quarto e me acariciou enquanto pensava que eu estava dormindo, não estava mais aqui.

— Melhor.

— E os enjoos? — Seu olhar percorreu o meu corpo, parando exatamente no ponto do meu

abdômen e se arrastou até o meu rosto novamente.

— Não são todos os dias que sinto.

— Não quero que faça nenhum esforço hoje. O médico pessoal da família virá mais tarde te fazer uma visita...

Médico da família? Visita? Em que mundo essa família vivia, pelo amor de Deus? Enquanto milhares de pessoas sofriam em filas de hospitais com péssimo atendimento, eles tinham todo esse privilégio. Chegava a ser um absurdo!

— Quando eu poderei voltar para o apartamento? — Ele arqueou a sobrancelha, encarando-me como se eu fosse louca.

— Rachel...

— Quando? Eu te fiz uma pergunta simples, Marcos.

— Na hora certa — respondeu, mas algo em seu tom de voz me fez perceber que ele estava querendo ganhar tempo. Sua expressão era como a de um lobo à espreita, apenas esperando para dar o bote.

Em silêncio, eu comecei a me levantar da cama, bastante ciente, por sinal, da camisola que eu usava. A minha vontade era a de ir ao banheiro, mas o medo de fazer algum movimento brusco e acabar tendo outro sangramento prevaleceu. Marcos acompanhou meus passos, pairando ao meu redor com a mesma preocupação, ao que me parecia.

— Deixe que eu te ajudo, não há a necessidade de você se levantar sozinha, merda!

— Pare de fingir que se preocupa comigo ou com esse bebê — murmurei apreensiva, não querendo sentir as reações que seu toque causava em minha pele. — Eu não tenho a menor ideia do que está planejando, Marcos, mas enquanto estivermos sozinhos não há a necessidade de você tentar me enganar.

Eu não iria ser ludibriada de novo. Cada mísero segundo que passava lembrando a maneira como ele me deixou na cama na segunda-feira fazia meu sangue ferver e a raiva aumentar. No fundo eu sabia que o pior ainda estava por vir, a tensão em seu rosto era resultado do esforço que Marcos vinha fazendo para não explodir comigo e me acusar do que quer que fosse que ele me julgasse culpada agora. A tempestade estava aí, escondida por trás de toda essa frieza, apenas à espera que eu abaixasse a guarda. Não era assim que eu sempre acabava machucada? Um segundo só de distração e eu estaria com o coração em frangalhos novamente.

— Enganar você? Rachel, eu sou o único aqui que está preso nessa confusão. Você não é estúpida, porra, sabe o que essa criança representa e os problemas que essa gravidez vai me trazer. Mas isso não significa nem por um segundo que eu não me preocupe...

— Que você não o quê? — insisti quando ele se calou.

— Esqueça. Daqui a pouco minha sobrinha estará de volta e a Vera irá trazer o seu café.

Entrando em desespero com a possibilidade de passar mais um dia que fosse trancafiada nesse quarto, meus olhos arderam por conta das lágrimas iminentes. A Vera tinha estado aqui na noite passada, ela me conhecia desde os tempos em que eu era apenas a amiga esquisitinha da Mariana, mas mesmo assim sua curiosidade foi inevitável. Eu me senti estranha em sua presença, envergonhada enquanto me perguntava se todos aqui sabiam o motivo pelo qual eu tinha sido trazida.

— O que a Vera sabe sobre mim?

— O suficiente. Mas não se preocupe, que nenhum dos meus funcionários tem autorização para comentar porcarias alguma do que acontece aqui dentro.

— Então ela sabe que eu estou...

— Não. — Assenti distraída, perguntando-me se isso era bom ou ruim. — A única pessoa que sabe a respeito da sua gravidez é a Isadora. Mas ela não irá te incomodar.

— Sua irmã me odeia, Marcos. Eu duvido que ela...

— Rachel, eu posso te dar um conselho? Não traga Isadora para as nossas discussões, minha irmã não é o problema aqui, entende?

— Ela não é? Então quem é o problema aqui, Marcos? Me esclareça — eu o pressionei furiosa, quase que ao mesmo tempo em que a porta do meu quarto era aberta.

Marcos, é claro, recuou ante a presença da Vera e da Sofia. Reassumindo a máscara de idiota insensível do ano.

— Eu trouxe o café da manhã da senhorita, mas... — A mulher parou com a badeja nas mãos, ficando sem graça ao sentir a tensão no quarto.

— Entregue-me isso e volte ao seu trabalho, Vera.

— E quanto a Sofia?

Não o escutei responder, porque usei a interrupção para poder me trancar no banheiro. Soltando a respiração pela primeira vez desde o instante em que o vi entrar no quarto. Uns bons dez

minutos depois eu abri a porta e me deparei com meu café sobre a cama, além de um Marcos, impaciente e solitário, andando de um lado para o outro.

— O que eu falei sobre portas fechadas?

— Por que a gente não senta e conta nos dedos tudo o que você já me tirou? O meu direito de escolha, a chance de estar com meu pai todos os dias, a minha liberdade. Mas isso ainda não é o bastante, não é? Pelo visto eu também tenho que usar o banheiro de porta aberta agora? Acabou a privacidade?

— Chega, eu desisto de tentar agir corretamente com você! Cada tentativa minha é uma luta, uma batalha que você começa...

— Eu começo? Você vem com a porra desse seu autoritarismo para cima de mim, querendo que eu me curve às suas ordens, e sou eu quem começo?

— Pare, Rachel, eu já falei que chega! Enquanto você estiver em minha casa... — A mão do Marcos já estava em minha nuca enquanto sua voz profunda acariciava minha pele conforme ele puxava meu rosto em sua direção.

— Eu nem ao menos queria estar aqui — sussurrei amargurada.

— Mas está, carinho, e quer que te diga mais? — Marcos murmurou em minha boca, roçando levemente os lábios nos meus. — Eu não te deixarei sair. Você jogou tão certo desta vez que terá tudo o que sempre quis. — O homem avançou tomando-me em um beijo duro que eu rejeitei, comprimindo meus lábios e virando o rosto.

— Eu te odeio! — disse a fim de irritá-lo.

— Isso realmente já não importa.

Deitei-me sobre a cama, assim como a Dr. Ana pediu. A ansiedade e o desconforto estomacal aumentando drasticamente por conta da presença do Marcos. Nos últimos quatro dias o homem vinha impondo sua presença, cercando-me mais do que de costume. A cada vez que eu o pegava me observando daquele jeito pensativo e profundo, eu desconfiava da merda que ainda estava por vir. Marcos não era alguém fácil de se lidar e toda essa sua calma estava começando a me assustar.

Em nenhum momento ele voltou a gritar comigo ou a me provocar com seus insultos e

desconfianças. Mas o fato de que ele parecia indisposto a fazer isso era o suficiente para me deixar irritada. Esse não era o seu *modus operandi* e isso só confirmava as minhas suspeitas.

— Com essa ecografia nós poderemos saber com mais exatidão o seu tempo de gravidez, além de escutar o batimento cardíaco do feto — Ana explicou. — Com nove semanas os membros estão começando a se formar... — A médica sorriu afetuosamente e eu me virei para ver as primeiras imagens do meu bebê.

A Dra. Ana nos mostrou e detalhou o que víamos na tela. Quando meus olhos encontraram aquele serzinho tão pequeno e frágil, meu coração se encheu com uma emoção devastadora. Era felicidade, alegria, esperança. Tudo ao mesmo tempo.

— O feto está com o tamanho normal para as nove semanas, cerca de dois centímetros. Os batimentos cardíacos também estão normais, Srta. Vidal...

— Isso exclui a possibilidade de ela venha a ter um aborto? — Marcos perguntou ao meu lado, e eu preendi a respiração. Essa era uma pergunta que eu não sei se teria coragem de fazer.

— A partir do momento em que o batimento cardíaco é detectado, a probabilidade diminui consideravelmente, Sr. Montenegro. Mas, nesse caso, eu prefiro manter a precaução. O médico que atendeu a Srta. Vidal na emergência também ficou preocupado, pois foi constatado no exame pélvico que ela teve uma pequena dilatação e isso não é comum nesse estágio...

Eu escutei a doutora responder, sentindo-me apreensiva a cada palavra dita. O restante da consulta seguiu com ela nos dando uma pequena palestra a respeito do que era esperado para esses primeiros três meses de gestação e de como eu deveria me cuidar. Além de vitaminas eu também teria que tomar ácido fólico e voltar em três semanas para poder fazer outra ecografia detalhada. A Dra. Ana implorou para que eu não ficasse com a preocupação de um possível aborto na cabeça e que deixasse meu corpo lidar com as mudanças que estavam para acontecer de forma natural e tranquila. De qualquer maneira, quando eu finalmente coloquei o pé para fora daquele consultório, estava aérea, perdida dentro de mim mesma. Marcos estava dois ou três passos atrás, dando-me espaço apenas para respirar, mas quando percebeu que em vez de aliviada eu estava começando a pensar demais, ele veio em meu socorro e me segurou.

— Carinho, venha aqui. — Eu fui puxada para os seus braços, mas nada saiu. Nem mesmo um soluço ou uma única lágrima. Tudo o que conseguia enxergar na minha frente era a imagem do meu bebezinho naquela tela.

— Eu não quero perder o meu bebê, Marcos — admiti, o rosto afundado em seus ombros

largos.

— Você não vai, eu te prometo isso, Rachel. — Marcos não tinha como me prometer algo assim, mas eu não vou negar, a confiança inabalável do homem me trouxe algum conforto.

— Acho melhor nós irmos para casa, quero dizer, para a sua casa... — falei, recobrando o juízo e rejeitando o calor dos seus braços para o meu próprio bem.

Eu o tinha mantido à distância nesses últimos dias. Tanto física quanto emocionalmente. Ou pelo menos tentei. Suas visitas na calada da noite continuaram a acontecer e quando Sofia não estava ao meu lado na cama, Marcos se deitava e parecia passar a noite inteira me observando em meio à penumbra do quarto. Como se ponderando algo importante.

O mais surpreendente era que meu corpo sentia o exato momento em que ele aparecia, porque tudo ao meu redor se tornava quente, acolhedor, e quando ele partia, antes do amanhecer, eu voltava a me sentir vazia. Era uma tortura da qual ele não fazia a menor ideia que estava me causando. Sua presença não me deixava dormir, porque eu tinha que lutar comigo mesma para não pedir abrigo em seus braços. Mas eu resistia... pelo meu próprio bem, eu resistia.

ISADORA

Segurei a taça de vinho, inalando o aroma frutado da bebida enquanto Oliver me contava a respeito da reunião que teve com o setor financeiro essa tarde. Eu sabia desde o momento em que ele me convidou para esse jantar que a sua ideia não era discutir exatamente a respeito de trabalho, mas foi por esse caminho que nossa conversa se emaranhou. *Até porque, falar sobre a minha vida pessoal era algo fora de cogitação.*

— Então, as alterações que o Marcos aprovou não irão alterar o orçamento desse bimestre? — perguntei distraída.

— Não, seu departamento pode ficar tranquilo. — Ele sorriu com um certo charme, mas não sei, era como se faltasse algum atrativo em seu sorriso. *Ou seria nele inteiro?*

Oliver era bonito da maneira como um homem poderia vir a ser. Elegante e educado. Sério e profissional. Porém nenhuma de suas excelentes qualidades atraía o meu interesse.

— É uma pena que você tenha vindo com seu próprio carro, eu adoraria ter uma desculpa para te deixar em casa.

Bom, havia chegado o momento de ser honesta com ele.

— Eu costumo ser bem direta, Oliver, acredito que saiba disto. Talvez eu esteja errada quanto às suas intenções, mesmo assim, gostaria de deixar claro que nesse momento eu não me encontro preparada para me envolver com alguém.

— Eu sei disso, e não há pressa. Quando estiver pronta para voltar a se relacionar eu espero ser a sua primeira opção, você é uma mulher inteligente e incrivelmente bela, Isadora.

Tomando meu tempo para assimilar suas palavras, eu levei a taça aos meus lábios e dei um longo gole na bebida. Eu não era uma pessoa fácil de ser conquistada. Nunca fui. Se Oliver ao menos soubesse o quão difícil seria ultrapassar minhas barreiras...

— Obrigada pelo elogio, eu também aprecio suas qualidades, Oliver.

— Mas?

— Não há um “*mas*”. É apenas isso — falei e, para não piorar a situação, forcei um sorriso educado. Nós tínhamos nos tornado amigos desde a sua nomeação na empresa como o novo diretor financeiro, e era assim que eu gostaria que nossa relação continuasse. — Espero que não leve minha rejeição para o lado pessoal, o problema realmente não é você. — *Sou eu*, a certeza passou pela minha cabeça, mas eu não a declarei.

Oliver assentiu com a educação que eu já esperava dele e tudo pareceu voltar ao normal, a conversa retornou ao assunto da reunião e eu ainda acrescentei minha opinião a respeito da maneira como ele estava lidando com o orçamento anual da Montenegro. Por fim, quando terminamos de jantar, nós dois nos despedimos e eu inventei uma pequena desculpa para evitar ser acompanhada até o meu carro, no estacionamento. Nós havíamos jantado em um sofisticado restaurante, num dos melhores hotéis da cidade, e em vez de seguir ao lado dele e ir para casa, eu atravessei o lobby elegante e fui em direção ao bar do hotel.

A iluminação quente, junto com a decoração toda em couro e madeira rústica, me agradou de imediato. Esse parecia ser o lugar ideal para uma mulher querendo se esconder do mundo real. Recebi alguns olhares curiosos enquanto caminhava até a recepção, já imaginando o que todos aqui deveriam estar pensando. Por sorte não havia nenhum rosto conhecido, eu pude me sentar sozinha e pedir um *Cosmopolitan*, querendo apenas ganhar tempo antes de voltar para minha casa.

Meu irmão e eu havíamos tido outra discussão essa manhã, ele estava tenso por causa da gravidez daquela mulher e eu estava irritada pelo seu comportamento displicente com nossa empresa. Dois drinques depois, eu encarava fixamente minha taça vazia, dividida entre pedir outra bebida ou

apenas me levantar e ir embora. Tomando uma decisão, eu inclinei-me para frente para poder chamar a atenção do barman e senti aquele cheiro de couro e menta antes mesmo que o homem puxasse a banqueta ao meu lado e se sentasse.

— O que a senhorita deseja? — o barman perguntou enquanto eu ainda encarava o Ricardo.

— Ela quer outra dessa — o grosseirão respondeu por mim e empurrou a taça. Deixando-me sem fala por um momento. Talvez fosse o efeito do álcool em meu organismo, eu não sabia.

Com minha bebida em mãos novamente, eu recostei contra o assento da banqueta e olhei o líquido avermelhado na minha frente. Querendo entender o que era esse formigamento quente percorrendo o meu corpo. Eu inalei um pouco mais do seu cheiro enquanto um silêncio confortável se instalava entre nós dois, até que ele falou.

— Dia complicado? — Algo na maneira como me olhou revelou que ele não parecia à vontade para começar uma conversa comigo dessa vez.

— Está mais para semana complicada.

— Trabalho?

— Vida. — Sua risada sarcástica me irritou.

— Deixe-me tentar adivinhar, gatinha. Não há sapatos o suficiente em seu *closet*, ou você não foi convidada para alguma festa importantíssima?

— Eu não sou tão fútil quanto você quer que eu seja, sabia? — Não me levando a sério, ele se virou, seu joelho esbarrando em uma de minhas pernas, causando um *frisson* em um lugar muitíssimo proibido, deixando-me quase em alerta. Acho que se não fosse pelo efeito do álcool em meu organismo, eu provavelmente teria fugido.

— Diga-me então o que a perturba e eu poderei julgar se você é fútil ou não. — Mordi meu lábio, um ato incomum, enquanto me via tentada a falar com ele.

— Você não entenderia.

— Desculpe-me — pediu com sarcasmo. — Um segurança não seria capaz de entender os seus problemas, não é mesmo?

— Não foi isso que quis dizer, mas não importa. — Eu me levantei, sentindo a lentidão nos meus movimentos. — Eu já tive mais do que poderia aguentar disso. — Referi-me à bebida e deixei uma nota alta o suficiente sobre o balcão para cobrir minha despesa e me afastei, disposta a ficar longe, bem longe desse homem.

— Me dê sua chave, eu dirijo. — O homem se colocou ao meu lado antes mesmo que eu pudesse piscar.

— Eu prefiro chamar um táxi a estar na sua companhia por mais um minuto.

Sacudindo a cabeça, Ricardo arrancou a pequena bolsa da minha mão e vasculhou. Lá dentro tinha meu cartão de crédito, algumas notas de dinheiro, as benditas chaves, um batom e... camisinhas, acredite se quiser.

— Você não me parece dessas — o estúpido desdenhou com um sorriso moleque no rosto. — Seu acompanhante deve ter ficado frustrado que você tenha preferido terminar a noite em um bar em vez de na casa dele, não é?

— Você tem algum filtro dentro dessa sua cabeça?

— Não com você, gatinha. — Ele abriu a porta para mim, mas algo me fez ficar parada como uma pateta olhando-o confusa. Ricardo se mexeu, estranhamente desconfortável sob o meu escrutínio, e me mandou entrar, coisa que eu fiz rapidinho.

Eu não acompanhei o caminho até a mansão. Meus olhos estavam pesados, já que eu dificilmente bebia mais do que duas taças de vinho por noite, e eu só voltei a abri-los quando o carro diminuiu a velocidade. Olhei para a fachada da mansão, toda aquela estrutura grandiosa da qual eu sempre me orgulhei e que agora me dava repulsa. Eu não queria entrar lá e saber que aquela mulher estava se apossando de um lugar que não lhe pertencia. *Não queria nem mesmo pensar na decisão absurda que Marcos estava prestes a tomar...*

— É uma bela casa — Ricardo comentou ao se dar conta de que eu a observava.

— *Era* uma bela casa. — Eu me virei e o fitei, dando-me conta do quão tonta eu estava essa noite. Seu cenho franziu ao me ver piscar desatinada e ele me presenteou com um sorriso sexy. *Ah, não, Isadora, presentear? Que merda é essa?*

— O que foi? — perguntei zozza, o calor me deixando febril. Doente. Não me dei conta do que estava fazendo até que era tarde demais. Minha boca foi parar sobre a dele, assim como as minhas mãos.

Em um primeiro momento, Ricardo pareceu surpreso com minha iniciativa, a boca com gosto de menta demorou a reagir, mas, quando o fez, eu me vi diante de um beijo que sacudiu o meu mundo, atualmente afetado pelo álcool. No instante em que os lábios quentes daquele homem devoraram os meus, eu me dei conta de que nunca em toda a minha vida havia experimentado um beijo como este.

Foi arrebatador de uma maneira completamente estranha.

E antes que minha mente distorcida pudesse analisar o motivo de todo o estardalhaço, Ricardo tomou fôlego e se afastou, assumindo uma expressão obscura e nervosa em seu rosto anguloso.

— Merda, você tem alguma ideia do que acabou de fazer?

Sacudi a cabeça ao ver o arrependimento em seus olhos, o embaraço do que eu tinha feito me atingindo de uma só vez.

Eu, Isadora Montenegro, uma das pessoas mulheres mais respeitadas e admiradas na alta sociedade catarinense, havia acabado de me jogar em cima de um reles segurança. Um homem total e indiscutivelmente casado.

Capítulo 19

MARCOS

Depois de uma hora de braçadas exaustivas na piscina, indo e voltando, eu atravesssei a extensa área do jardim com o corpo ainda úmido da chuveirada que havia tomado após finalizar minha maratona de exercícios matinais. Era manhã de sábado, meu advogado pessoal chegaria dentro de algumas horas para uma reunião particular e, até lá, tudo de que eu precisava era manter minha mente ocupada com os documentos que trouxera comigo para a mansão.

Como Isadora passava as manhãs em seu próprio escritório e a tarde envolvida com os assuntos públicos dos projetos sociais dos quais participava, eu acabei me acostumando a ter a casa inteira para mim aos finais de semana. Satisfeito com a possibilidade de reunir Sofia e Rachel comigo, sem correr o risco de causar uma nova discussão, eu entrei decidido a pedir que Vera servisse o café da manhã à beira da piscina.

Aos poucos, minha ratinha ia se sentindo mais à vontade ao redor da casa, mesmo assim, ela ainda passava a maior parte do tempo em seu quarto, com Sofia agarrada a ela. No restante do tempo eu a via se esgueirar por entre os cômodos, fazendo o possível para não ser vista ou chamar a atenção de qualquer um dos meus empregados. Era do quarto para a sala, da sala para a cozinha, e vez ou outra eu a peguei rondando a área externa. Quase sempre nos momentos em que Isadora não se encontrava em casa. Com a ideia de proporcionar um café da manhã agradável às duas, eu segui em direção à cozinha, que ficava um corredor antes ao da ala dos empregados. O som da risada infantil atraiu a minha atenção, fazendo-me hesitar por um pequeno instante antes de seguir a voz animada da minha sobrinha.

— Eu quero duas, tia Rach — Sofia pediu, apoiada na comprida mesa de madeira da cozinha.
Pelo visto as duas haviam pulado cedo da cama.

— Para onde vai tudo isso, Sofia? — Rachel perguntou, assumindo o controle da cozinha aparentemente deserta. Até o momento, nenhuma das duas havia se dado conta de que eu estava parado no batente da porta, as observando. Aliás, quando se tratava da Rachel, ultimamente parecia que tudo que eu vinha fazendo era observá-la.

— Para a minha barriguinha, ué. — Peguei seu sorriso e a vi raspar o restinho do chocolate de dentro da vasilha com a colher, Sofia também tinha uma e as duas estavam adorando isso. — A

barriguinha da minha mamãe também sente muita fome, eu acho que é o meu irmãozinho que faz ela comer muito, mas eu não tenho um bebezinho aqui, tia Rach, é só eu...

— Eu acho que esse bebê será um esfomeado igual à irmãzinha dele...

— Eu vou poder segurar ele, não vou? — Rachel assentiu e se levantou, colocando a vasilha e as colheres na pia de inox. Percorri seu corpo com o olhar, ela vestia uma calça de ioga escura que abraçava sua bunda e coxas. A regata fina delineava os seios fartos e revelava a cintura que continuava estreita. Perfeita para o controle das minhas mãos. Enquanto me alimentava da visão *sexy* que essa mulher era, eu comecei a imaginá-la, descaradamente, grávida do meu filho. A barriga proeminente, os seios inchados...

Porra, esse era o pior momento para se ficar excitado.

— Titio, vem aqui — Sofia gritou alegre ao me ver, acenando efusivamente para que eu entrasse e me juntasse a elas. Ignorei o barulho que a colher que Rachel segurava fez ao cair na pia, som esse ocasionado pelo susto que ela levou assim que minha sobrinha revelou minha presença. — A Rach *tá* me ensinando a fazer panqueca de chocolate, eu até desenhei, olha...

Eu me sentei ao seu lado e ela empurrou a folha na direção do meu rosto. Mostrando-me o que era uma receita feita de desenhos. Ali continha uma banana, vários ovos e um retângulo incrivelmente torto.

— Isso aí é o chocolate, titio. Tá vendo?

— Bom, você com certeza não será uma artista — brinquei ao mesmo tempo em que Rachel se virava, escondendo o sorriso divertido que seus lábios formaram ao escutar meu comentário.

Minha vontade era de puxá-la para o meu colo, onde era o seu lugar. Eu me sentia privado, negado... eu queira os seus sorrisos, queria a voz doce... os olhares apaixonados. *Queria tudo* e não estava conseguindo lidar com o *seu nada*.

— Não quero ser *titista* mesmo, quando crescer eu vou ser uma amazona. Vou ter um monte de peixinho e um cavalo só meu. O meu papai *cabói* diz que vai me dar um...

Não vou dizer que essa ideia absurda me agradava, e o que me impediu de fazer algum comentário contrário ao desejo da Sofia foi a lembrança de tudo o que fiz Mariana passar. As consequências do meu comportamento irascível naquela época abriram meus olhos para a verdade: eu não podia seguir controlando tudo. Em alguns casos, alguns poucos, eu teria que fazer concessões se quisesse manter a harmonia dentro da minha família.

— Uma amazona?

— Hu-hum, igual à minha mamãe.

— Tenho certeza de que você será a melhor, Sofia — declarei com sinceridade enquanto Rachel reagia surpresa.

O cheiro da panqueca tomou a cozinha e abriu meu apetite. Vê-la tão absorta, lambendo os próprios lábios enquanto mordiscava a massa fina coberta com *muita* calda, fez surgir um outro tipo de fome. Uma fome que eu começava a desconfiar que não seria saciada tão cedo. Não se minha ratinha continuasse a me ver como o inimigo.

— O que aconteceu com a Célia? — perguntei, referindo-me a funcionária responsável pela cozinha.

— Eu perguntei a Vera se poderia usar a cozinha essa manhã, eu não pensei que ela fosse dispensar a Célia... eu só...

— Não tem problema, Isadora deve descer e sair em breve. Eu sou sempre o único a tomar café da manhã em casa aos sábados.

Rachel despejou mais de calda em seu prato, fazendo-me imaginar o efeito doce que isso daria aos seus lábios. Eu não sabia se a fome de chocolate que sentia agora era por conta da expressão que ela fazia ao comer ou se porque sua boca carnuda estaria com esse maldito gosto. Desisti de controlar a ereção que se formou sob a calça jeans e me servi de uma xícara de café forte, proibindo-me de voltar a encarar aqueles lábios. Por sorte, depois de duas panquecas, Sofia correu para fora da cozinha dizendo estar atrasada para assistir a sua *Peppa*. Com a sua fuga repentina, Rachel se levantou e levou os pratos até a bancada de mármore, voltando à mesa para poder limpar a bagunça que ela e minha sobrinha haviam feito.

— Você parece melhor hoje.

— Sim — murmurou sem me encarar. — É a primeira vez em dias que sinto fome.

— Fome de chocolate? — Rachel deu de ombros enquanto eu a puxava para o meu colo.

Ignorei as chances que tínhamos de ser pegos e beijei sua boca, extremamente doce. Lambi, insaciável, os lábios suculentos, os mordisquei e suguei os resquícios do chocolate. Porra, eu poderia me acostumar à rotina de tê-la ao meu redor. Tomá-la sempre que desejasse. Sem fôlego, Rachel usou as mãos para se distanciar, um gesto que me irritava cada vez mais, e me encarou em pânico. Antes que ela tomasse a atitude que eu suspeitava, eu envolvi a cintura delgada e voltei a

beijá-la.

Movi os lábios e a língua de maneira impetuosa, sentindo os efeitos que os beijos causavam em seu corpo trêmulo. Meu pau latejou dolorido, querendo alívio, com saudade da boceta quente que ele gostava de rasgar. Rachel resistiu, a princípio, mas as mordidas que fui deixando em seu queixo, pescoço e ombros... a fizeram choramingar em meu colo. Louco de tesão pela mulher, eu segurei seu rosto, olhando-a profundamente, e invadi a boca gostosa de novo. Eu queria fazer amor com a porra da boca dela. *Era isso que eu queria.*

— Eu não sei o que fazer, carinho, eu acho que já não consigo arrancar você de mim... não sei como fazer isso... — sussurrei com a voz arrastada, quebrando o beijo e descansando a testa na sua.

— Eu posso voltar para casa agora?

Essa era a forma que ela iria lutar agora? Permitindo-me beijá-la para me convencer a fazer o que queria?

— Nós precisamos conversar, Rachel.

— Não, nós não precisamos, a menos que seja para você me dizer quando eu poderei sair daqui!

Ao não obter resposta, Rachel se virou e saiu da cozinha, deixando-me com *um puta* tesão, além da certeza de que com a decisão tomada, ela não voltaria a pisar naquele apartamento de novo. Não se eu pudesse evitar.

RACHEL

Eu o deixei me beijar, deixei porque achei que assim seria mais fácil dizer a ele que eu queria sair dessa casa. Mas no momento em que Marcos falou que nós precisávamos conversar, eu cheguei à conclusão de que não estaria deixando esse lugar tão cedo. *Era isso que o idiota arrogante vinha escondendo de mim.* Desesperada, eu subi as escadas sentindo tudo ao meu redor sufocar. Nada aqui, além da Sofia, me fazia sentir bem-vinda. Eu era uma intrusa em um ninho de gaviões. Por isso não via a hora de voltar a trabalhar, de me sentir um pouco mais como *eu* novamente.

Mariana, que me ligara essa manhã, acreditou na mentira que me vi obrigada a contar. Para a minha amiga, o meu afastamento era por estar *doente*, e não por conta de uma gravidez. Marcos havia conseguido convencer a sobrinha a não dedurar minha presença nessa casa, ele provavelmente sabia

que nem a irmã e nem o Guilherme receberiam essa notícia muito bem. Ambos se preocupavam comigo de uma maneira quase exagerada.

Chegando ao corredor principal, levando em conta que esse lugar parecia um labirinto, eu desacelerei meus passos, tentando, assim acalmar, o meu coração. Por obra do destino, ou azar mesmo, eu acabei esbarrando com a víbora em pessoa. Seu rosto apático e perfeito estava escondido detrás da enorme armação sofisticada de seus óculos escuros. Isadora parecia tão bem arrumada já a essa hora do dia, que por um momento eu me resenti da escolha que fiz essa manhã. A calça de ginástica e a regata básica eram quase uma ofensa à presença dessa mulher.

— Você conseguiu, não foi? — a peçonhenta provocou e eu fingi não entender a indireta.

Até agora, nas poucas vezes em que nos esbarramos nessa casa, nós nunca tínhamos estado sozinhas.

— Meu Deus, será que você já acorda azeda?

— Se eu fosse você não ficaria tão confiante. Essa casa, o meu irmão... o dinheiro que vem com ele. Nada disso é seu, querida. O único motivo pelo qual você ainda está aqui é por causa dessa criança, que por sinal nem ficou comprovado ser realmente um Montenegro. — Bruxa! Era isso que essa mulher era. Uma bruxa azeda e sem coração!

— A ironia aqui, Isadora, é que eu não quero estar nessa casa ou perto do seu irmão... e muito menos quero o maldito dinheiro dele. Tudo isso é venenoso, vocês dois são! E quanto a esse bebê, eu sinto te informar, *querida*, mas ele é um legítimo Montenegro, *sim*. O que você e nem o cego do Marcos parecem entender é que eu daria qualquer coisa para que ele não fosse! — Eu a enfrentei, tremendo de raiva. — Agora, se me der licença, eu vou para o meu quarto, pois não estou me sentindo bem. Tem algo em você que sempre me faz ter vontade de vomitar.

Saí da sua frente com a mão na boca, me segurando por causa do repentino mal-estar.

MARCOS

— O aconselhável é que a Srta. Vidal tenha acesso a esse acordo pelo menos um mês antes da cerimônia, Sr. Montenegro. Fora que eu indicaria a presença de um outro advogado para estar com ela durante a assinatura — meu advogado aconselhou.

Eu já esperava por essa recomendação, só não estava de acordo.

— Não haverá outro advogado. Só quero que você explique o essencial.

— Que seria?

— Que todo e qualquer custo que ela tiver no decorrer do nosso casamento será de minha responsabilidade.

— E quanto ao restante? Tem alguns pontos aqui realmente importantes, ela se recusará a assinar se chegar a ler, Sr. Montenegro.

— Lide com essa situação como julgar melhor, Vinícius, desde que ela assine.

— Claro, eu verei o que posso fazer.

O olhar de censura que recebi do meu advogado não me intimidou. Não era como se eu estivesse cometendo algum crime, porque definitivamente não estava. Tudo o que queria com esse contrato era fazer com que Rachel pensasse duas vezes antes de tomar qualquer atitude impulsiva no futuro.

RACHEL

Olhei-me de frente ao espelho no comecinho da noite, desdobrando-me em duas para puxar o zíper lateral do vestido. Depois do meu encontro com a Isadora e de passar mal, vomitando tudo o que havia comido, eu e Sofia passamos a tarde inteira de molho sobre a cama. Ela cuidando de mim, e eu tentando descansar um pouco. Assistir a TV ou ler algum livro era algo praticamente impossível de se fazer nesses últimos tempos. Sempre que tentava, acabava cochilando, não importava o lugar em que estivesse. *Sono I x Rachel 0*, pensei inconformada.

Eu só havia acordado, por exemplo, porque Marcos havia pedido a Vera para me avisar a respeito do jantar que aconteceria essa noite na mansão e... da ilustre presença dos padrinhos dele. Cheguei a questionar por que eu estava sendo *comunicada* já que não pretendia descer, mas a governanta me aconselhou a não contrariá-lo essa noite. Ela já havia presenciado duas ou três discussões nossas apenas nesses últimos dias e, trabalhando há tantos anos nessa casa, como fazia, ela achou melhor me contar que sabia identificar o humor do seu chefe apenas pela maneira como ele soava ao telefone.

Bom, se Marcos estava, nervoso por que fazia tanta questão da minha presença? Por que eu não poderia ficar simplesmente no quarto sem irritar ninguém?

Comprimindo os lábios, eu conferi o comprimento do vestido e fiquei satisfeita por ter escutado Mariana quando o comprei. Minha amiga dizia estar cansada de me ver sempre usando as mesmas cores discretas e acabou me convencendo a comprar algumas roupas um pouco mais coloridas e ousadas. Esse vestido, em especial, não era o mais insinuante que havia adquirido, por isso mesmo eu o escolhi para usar essa noite. Com a manga curta, ele tinha um corpete estruturado e o decote em formato canoa. A saia era rodada e acima dos joelhos. O tom claro de azul realçava a cor dos meus olhos e fazia um contraste interessante com a minha pele pálida.

Tendo conhecido O Sr. e a Sra. Alcântara brevemente no casamento da Mari, eu não fazia ideia do que esperar deles. Marcos nunca me deu informação de qualquer tipo a respeito dos seus padrinhos e, nas poucas vezes em que precisei falar com algum deles, por telefone, eu havia sido tratada com educação por ambos.

— Está pronta, Rachel? — Marcos perguntou ao entrar no quarto de repente, e eu não pude deixar de sentir um frio incômodo na barriga ao escutar sua voz.

Subindo em meus saltos, eu me virei para poder fitá-lo ficando boquiaberta. Com um blazer preto desabotoado e um suéter azul marinho por baixo, ele estava impressionante. Sua elegância era natural, assim como a selvageria, a masculinidade e era aí que se encontrava o seu charme.

Obstinado, Marcos cruzou o quarto vindo ao meu alcance.

— Você está incrível essa noite, carinho. — Esse era o homem nervoso do qual a Vera tinha me alertado?

Com um meio sorriso, Marcos beijou brevemente os meus lábios, não me dando tempo de protestar, e se apossou do meu braço.

Será que eu deveria estar preocupada com seu comportamento manso?

— Por que eu tenho que estar presente, Marcos?

— Porque eu quero que você conheça meus padrinhos.

— Sim, mas por quê? — perguntei desconfiada.

— Não comece, Rachel!

— Eu não estou gostando disso... — Sacudi minha cabeça e dei um passo atrás.

— Apenas relaxe por algumas horas, será que você consegue? — Eu quis me desvencilhar dele, mas sua mão envolveu meu pulso de uma forma que não deixava escapatória.

Era assim que eu me sentia na maior parte do tempo de qualquer maneira. Cercada por todos os lados.

Então como eu poderia relaxar? Eu estava prestes a fazer parte de um jantar *pomposo* com a sua família, qual era o meu papel nisso tudo? Como ele iria justificar a minha presença? E ainda tinha a Isadora. *Não, não mesmo!*

— Marcos, eu não quero descer...

— Merda, Rachel, eu já sei que você daria tudo para que eu não tivesse nada a ver com essa gravidez e que também não suporta estar nessa casa! — Isso me fez lembrar a conversa que tivera com a Isadora essa manhã, ela realmente tinha corrido para o irmão e contado tudo? — Mas essa noite você tem que esquecer os nossos problemas e pensar no que é melhor para essa criança. Tudo o que eu estou fazendo é pelo... bem do nosso filho.

— Como assim? — perguntei confusa, forçando novamente a sua mão para longe do meu braço. — O que você está fazendo?

— Apenas confie em mim, carinho.

Capítulo 20

RACHEL

Ainda desconfiada, eu olhei para a mão do Marcos em volta do meu pulso enquanto dizia para mim mesma que não havia a menor possibilidade de que eu pudesse confiar nele. Parecia que quanto mais ele me *empurrava*, mais distorcida a nossa relação se tornava. *Como Marcos podia não enxergar isso?* Contendo minha bagunça emocional, eu descí as escadas ao seu lado, preparando-me para a batalha.

— Me diga o que está acontecendo, Marcos, por favor — implorei, dominada por um péssimo pressentimento. Calado e com um vinco de preocupação em sua testa, Marcos me encarou, sua autoconfiança vacilando pela primeira vez na noite.

Eu senti que ele estava prestes a me dizer algo, algo realmente importante, mas no momento em que seus lábios se moveram nós fomos interrompidos.

— Ah, querido, que bom que desceram. Deixe-me ver essa linda mulher.

A madrinha do Marcos se aproximou, ela era uma senhora esguia, com um corte *chanel* loiro, vestida de maneira elegante. E diferente da Isadora, Carmen parecia amigável. Sorrindo abertamente, ela pousou a mão em meu queixo, avaliando-me melhor. Meus olhos buscaram pelos do Marcos, que parecia incomodado com a cena, ou seria com a interrupção?

— Você é linda querida, meu afilhado...

— Carmen, esse não é o momento — ele a cortou. — Por que não nos reunimos na sala e tomamos uma bebida, antes do jantar?

Nós duas concordamos e ele nos conduziu até o outro cômodo, onde quase dei meia-volta ao encontrar Isadora e o esposo da Carmen atrelados em uma conversa murmurada. A expressão no rosto da irmã do Marcos fez meu estômago revirar de nervoso, eu a odiava, mas odiava ainda mais a sua capacidade de destilar seu veneno por aí. O senhor Alcântara, por sua vez, estudou-me com o que parecia ser um olhar cheio de especulações e dúvidas. *Por que, de repente, eu me sentia como se estivesse sendo posta à prova?*

— Veja, Filipo, que preciosidade nós temos aqui — a mulher falou ao meu lado e me arrastou até onde seu esposo estava. Os dois me viram na Montenegro uma ou outra vez, mas nenhum

deles havia prestado atenção em mim... até hoje.

Parecendo feliz, Carmen se dirigiu a ele com um sorriso largo no rosto, fazendo-o desviar o olhar cúmplice da víbora por um instante e prendê-los em mim. Algo na maneira com que me estudava fez-me perceber que Filipo estava longe de sentir a mesma satisfação que sua esposa. Mesmo assim, educado como a ocasião pedia, ele se levantou e me cumprimentou.

— Estou contente por finalmente conhecê-la, Srta. Vidal. — Não levei fê no seu *contente*, mas fiquei surpresa com o *finalmente*...

Dei um passo atrás e Marcos se adiantou, vindo ao meu socorro. A mão larga e forte, apoiada em minhas costas para que todos vissem. Titubeei por alguns instantes, chocada por ele não se preocupar com o que seus padrinhos pensariam.

— Chame-a de Rachel, Filipo — Marcos sugeriu, falando por mim.

— Sim, claro. Eu me sentirei melhor se for chamado de Filipo, também. Nas atuais circunstâncias, eu não vejo necessidade de sermos formais aqui, não é mesmo?

Seu comentário não me passou despercebido e Marcos mais uma vez se viu interferindo, oferecendo uma taça de vinho a todos, bebida que eu, é claro, não pude aceitar. A conversa girou por um tempo entre assuntos que envolviam a Montenegro e a expansão na qual vínhamos trabalhando no decorrer do último ano. Mas agora, faltando pouco para o lançamento na Europa, tudo parecia ainda mais real e grandioso. Era um passo e tanto para a empresa e todos sabíamos disso.

Senti-me à vontade pelo tempo em que a conversa girou em torno de assuntos profissionais, depois de dois anos trabalhando com o Marcos, não havia nada a respeito da Montenegro que eu não soubesse. A situação só mudou quando Filipo empurrou a conversa em minha direção, em um nítido interrogatório.

— Então, atualmente você é a assistente executiva da Mariana?

— Sim.

— Ela é a cabeça por trás das decisões que minha irmã tem tomado — Isadora desdenhou.

Era uma pena que nem toda educação e elegância do mundo eram capazes de garantir o caráter dela.

— Mariana não precisa da minha cabeça para qualquer decisão que seja, Isadora. Eu a auxílio em tudo o que posso, mas meu trabalho não se estende a tanto. — Claro que nós duas discutíamos a respeito de cada passo que ela dava, mas era porque a minha opinião era solicitada.

— Rachel foi a melhor assistente que já trabalhou para mim, Filipo — Marcos admitiu, como se sentisse a obrigação de me defender.

— Então por que a rebaixou, irmão? — a víbora peçonhenta perguntou com um falso interesse, mas algo me dizia que todos aqui sabiam por que eu havia sido rebaixada.

— Nesse momento a Mariana precisa mais da Rachel do que eu, Isadora. Acho que nós já tivemos essa conversa — foi tudo o que Marcos respondeu e, mesmo assim, um silêncio desconfortável se seguiu após sua fala.

Carmen, que parecia não se afetar com a tensão ao seu redor, voltou a falar comigo com interesse genuíno.

— E quanto à sua família, querida?

— Somos apenas eu e o meu pai. — Eu evitei olhar para o lado, principalmente para o Marcos, enquanto um nó se formava em minha garganta.

— Sinto muito, sua mãe faleceu já há algum tempo? — Neguei com um aceno de cabeça, sendo capaz de sentir, à distância, Marcos enrijecer.

— Eu realmente não sei. Ela nos deixou quando eu tinha apenas cinco anos, depois disso nós nunca tivemos qualquer notícia a seu respeito.

— Me desculpe, eu não tinha a intenção de trazer um assunto tão delicado à tona... — Ela soou arrependida.

— Não se desculpe. Esse é um assunto que não me chateia mais — menti e levei à boca a taça com o suco que Vera trouxera, umedecendo a secura dos meus lábios.

Carmen assentiu, ainda sem graça, e quando me virei, consegui pegar o olhar estranho que Marcos agora me dava. Os segundos em que nos encaramos pareceram durar uma eternidade, era como se uma linha invisível estivesse nos conectando. E por um frágil momento eu desejei poder correr para os seus braços e buscar apoio neles. *Realmente desejei.*

Suando frio, deixei que eles continuassem a conversar e pedi licença para ir ao toalete. Correndo para fora daquela sala assim que possível e demorando tanto quando eu poderia para voltar. Tranquei-me no banheiro por alguns minutos e quando percebi que me esconder por lá não iria me acalmar ou dar fim à noite, eu saí, dando passos lentos em direção ao meu infortúnio.

— Marcos pediu que eu viesse verificá-la — Vera disse ao me encontrar na antessala.

— Eu estou bem — murmurei, enquanto pensava se o Sr. Arrogante ficaria muito puto caso eu

fugisse para o meu quarto. Olhei para as escadas, esperançosa, vendo nelas a minha liberdade, mas Vera destruiu meus planos com apenas uma frase.

— Não faça isso, essa noite é importante para ele. — Encarei-a, sem entender.

— Por que está me dizendo isso? O que a senhora sabe que eu não sei?

— Se a senhorita está bem, apenas volte para a sala — aconselhou, não me dando outra escolha que não a de retornar à sala.

Entrei no cômodo, agora já não tão pacífico, e não demorei a identificar a discussão acalorada entre o Marcos e a Isadora.

— Não há a menor chance de que você me convença do contrário, Isadora!

— Eu não sou a única que acha que você está prestes a cometer um erro, irmão. O Filipo concorda comigo, pergunte a ele! — Esbarrei sem querer no que parecia ser um antigo e valioso vaso, fazendo com que todos se virassem na minha direção.

— Diga a ela, Marcos. Diga o motivo pelo qual você nos obrigou a participar desse maldito jantar!

Sem entender nada, eu me virei para o Marcos, em busca de respostas, mas não as encontrei. O homem parecia perturbado, a centelha de preocupação cobrindo seu rosto estava ali, em algum lugar dentro daqueles olhos negros. Tempestivos. Arrepiei-me ao sentir sua energia, a agitação em que ele se encontrava.

— Isadora, querida, por que não tenta se acalmar? Seu irmão tem todo o direito de tomar a decisão que ele julgar ser a certa...

Eu não assimilei o restante das palavras que Carmen disse a Isadora. Minha atenção era destinada completamente ao homem que agora caminhava em minha direção. Meu coração perdeu uma batida ao ver a expressão atormentada em seu rosto. Havia uma certa hesitação em seus passos e eu queria entender o porquê.

— O que está acontecendo aqui, Marcos? — indaguei baixinho, os pés presos ao chão.

— Eu estou tentando lidar com tudo isso da maneira que posso...

— Lidar com o quê? — reagi.

— Com você... com o nosso filho — Eu quase engasguei sem ar quando ele falou a última parte na frente de todos. Sua mão envolveu o meu braço mais uma vez, como uma garantia para que

eu não escapasse.

— Mas... o que isso tem a ver com eles?

— Eles são a minha família, Rachel, eles têm tudo a ver com a minha decisão.

— Que decisão? — Eu o empurrei ao me ver sob o escrutínio de todos. — Acabe logo com isso e me diga, Marcos!

Marcos assentiu lentamente, deixando-me mais apreensiva a cada minuto.

— Nós vamos nos casar, carinho. Esse é o motivo desse jantar, por isso meus padrinhos estão aqui...

Levei três segundos para assimilar o que Marcos havia acabado de dizer, mais um segundo para me sentir esmagada pelo rolo compressor que esse homem era e uns outros três segundos para me dar conta de que meu coração parara de bater.

— Não!

— Rachel. — Marcos me segurou quando comecei a me debater. — Isso é o melhor a se fazer...

— Não, não é! — gritei, sabendo que todos me ouviriam. — Você sabe que não é!

Ele tinha que saber, pensei, sufocada pelas lágrimas que deslizaram pelo meu rosto. Eu não queria que ele fizesse isso porque *era o melhor*. Não queria estar presa em um casamento porque ele *assim decidiu*.

— Meu Deus, Marcos, até ela sabe que isso é um erro...

— Cale a porra da boca, Isadora! — Marcos rugiu para a irmã, comigo ainda em seus braços. Eu não consegui olhar para qualquer outra pessoa que não o homem à minha frente. Por que ele estava fazendo isso comigo? Por que me humilhar dessa maneira?

Droga, eu tinha perdido as contas de quantas vezes me vi obrigada a escutar que não era boa o bastante, que era apenas a fodida chama que acendia o seu fogo. Que tudo isso, *tudo* o que éramos não significava nada. Com os lábios tremendo, senti aos poucos o meu coração se desintegrar... se partir em milhões de minúsculos pedacinhos diante a possibilidade de me casar com ele, com o homem que eu tentava tão arduamente não amar. Será que Marcos não via o desastre que isso seria? Já era tão difícil fingir e colocar alguma distância entre a gente, tão difícil correr para fora dos seus braços quando tudo o que eu desejava era ser acolhida por eles.

— Você não me ama — encontrei-me dizendo, a cabeça e o coração a mil por hora. — Nós... nós não fomos feitos para durar, Marcos. Quantas vezes você já não repetiu essa frase? — gritei, batendo meu punho contra o seu peito. — O pior é que todo mundo aqui nessa sala sabe... eles sabem que eu não significo nada para você! Como então você espera que eu concorde com essa loucura?

— Minha decisão não tem nada a ver com o que sentimos ou deixamos de sentir, Rachel. — Eu entendi perfeitamente a mensagem, tão perfeitamente que toda a minha confusão se esvaiu, deixando-me vazia.

— Vá para o inferno você e essa sua decisão, Marcos! — continuei a gritar, e a risadinha cínica da Isadora me trouxe à realidade: nós não estávamos sozinhos.

Marcos também se tornou consciente da plateia que tínhamos e, em um acesso de raiva, me arrastou até o seu escritório. Fechando a porta com tanta força que eu pulei assustada atrás dele.

— Não volte a me desrespeitar em público...

— Então não volte a agir como se pudesse tomar decisões por mim! Você não é meu dono, Marcos. Lá fora há três pessoas que estão agora mesmo achando que eu sou uma louca, e tudo porque você é um idiota egoísta que não se importa com nada além do seu maldito nome! Você nem ao menos me pediu, seu estúpido!

Isso era o que me deixava mais furiosa. Não houve conversa antes, não houve pedido. Ele apenas decidiu e jogou a merda em cima de mim, esperando que eu ficasse grata pela sua misericórdia.

— É isso que falta para você concordar comigo? Um pedido? — Ele teve o disparate de parecer surpreso.

— Um pedido não irá mudar nada — revelei e esfreguei minhas mãos em meu rosto, limpando os rastros do choro. — Eu só quero ir embora...

Sacudindo a cabeça, em um gesto negativo, Marcos se aproximou e me calou com um beijo. Com um maldito beijo. Tirando-me todo o fôlego existente, fazendo a dor e a raiva queimarem profundamente dentro do meu peito. Fui pressionada contra a estante de livros do seu escritório enquanto sua boca envolvia a minha em mais uma das suas artimanhas para me fazer ceder. Vendo-me perdida, eu comecei a chorar de raiva, de frustração.

Lá no fundo, tudo o que queria era que fôssemos uma família, mas não assim, não por obrigação ou dever. Eu queria que fosse por amor. O pensamento tolo fez-me soluçar contra a boca

macia do homem, meu corpo todo pareceu reagir aos seus carinhos e, mesmo assim, eu me obriguei a me livrar de suas mãos, que seguravam com firmeza o meu rosto enquanto ele me beijava esfomeado.

— Case comigo, carinho — Marcos me olhou fixamente ao pedir, os olhos castanhos fitando-me com... apreensão? *Não, não era possível.* — Deixe-me cuidar de você e do nosso filho. Diga sim e eu juro que te dou o mundo, Rachel. Todo o maldito mundo.

Marcos voltou a me beijar, desta vez com uma suavidade e um cuidado que fizeram com que meus joelhos fraquejassem. Seus lábios se moveram lentamente, me tomando aos pouquinhos. Nenhum dos dois conseguiu fechar os olhos, eu precisava ver o que ele estava fazendo... não podia deixá-lo minar minhas defesas, mas quanto mais era beijada, mais confusa eu ficava.

Se esse homem não fosse Marcos Montenegro, presidente de uma das maiores vinícolas da América Latina e um completo idiota, eu poderia jurar que havia mais nesse beijo. Muito mais do que qualquer um de nós dois ousaria admitir. Uma pena que a lembrança de todas as vezes em que alimentei esperanças me atingiu e eu concluí que isso nada mais era do que a maneira que ele encontrou para me convencer a fazer o que julgava ser o melhor.

— Esse é o problema, Marcos, você parece não ter ideia do que eu quero. Talvez eu seja uma boba por sonhar com finais felizes e contos de fadas, mas quando me casar eu quero que seja por amor. Não porque um homem sem coração decidiu que *isso* era o melhor a se fazer. — Engoli as últimas lágrimas. — Meu marido terá que me amar tanto quando eu o amarei. Ele terá que olhar para mim e me tratar como se eu fosse a única mulher em sua vida.

Marcos permaneceu em silêncio, seus olhos percorrendo meus lábios a cada palavra dita, o nariz, as pequenas sardas... até se fixar em meus olhos novamente e, desta vez, foi letal.

— Pense em nosso filho — Marcos pediu, mas havia algo de severo na maneira como sua voz soou. Enchi meu peito de coragem, pronta para protestar, mas ele pressionou seu corpo ainda mais contra o meu. Os dedos deslizando pelo meu pescoço e nuca, até se emaranharem em meu cabelo.

— Eu estou pensando nele... é por isso que nós não vamos nos casar, Marcos.

— Nós vamos, sim. — Havia algo mais em sua afirmação. — Meu filho não irá nascer ilegítimo, eu não deixarei que ele seja chamado de bastardo por ninguém! Nós iremos nos casar porque *eu decidi* que vamos. Você consegue entender isso, carinho? — Contorci-me com seu toque. — Ou será que terei que te dar mais alguns motivos?

— Isso é loucura, você não pode me obrigar a me casar com você!

Sem a menor paciência, ele se afastou e andou de um lado para o outro como uma pantera

enclausurada. Sua mente se ausentou, ele parecia estar tentando se decidir... e quando finalmente se virou para mim, eu percebi que o que quer que Marcos estivesse pensando, ele já havia chegado a uma solução.

— Você tem duas opções, Rachel, ou volta para aquela sala e finge estar feliz com o nosso noivado, ou sobe e começa a pensar em como será a sua vida depois que eu conseguir a guarda total do meu filho. Porque é isso o que vai acontecer se você se recusar a casar comigo.

— Você não faria isso — sussurrei quase sem voz.

— Pelo meu filho? Eu faria isso e muito mais.

MARCOS

Assim que as palavras saíram da minha boca eu sabia que havia ultrapassado um limite, Rachel se endireitou ainda me encarando e passou por mim. Suave como uma brisa, por fora, mas nervosa como um maldito dilúvio, por dentro.

— Rachel — eu a chamei, suprimindo a vontade de arrastá-la de volta para o escritório à força. — Eu ainda não terminei!

Minha ratinha teimosa continuou a se afastar obstinada, ignorando as três cabeças que se viraram em sua direção, e correu para as escadas. Encarei por um momento minha irmã, que tinha os braços cruzados e um olhar de *eu te avisei* em seu rosto. Merda, não era para isso estar acontecendo dessa maneira, eu apenas queria que Rachel conhecesse e se sentisse à vontade na presença dos meus padrinhos, queria ter tido tempo para anunciar corretamente o nosso noivado...

Com o coração na mão eu corri atrás dela e, assim que cheguei à porta do seu quarto, soltei um xingamento por encontrá-la trancada. Fui capaz de escutar o seu choro e, porra, isso me quebrou.

— Deixe-me entrar, carinho, por favor — pedi, mas recebi silêncio como resposta.

Bati na porta repetidas vezes, tentei fazer com que ela pelo menos me ouvisse e, por fim, sentindo-me derrotado, eu me afastei e sentei de frente para o quarto. Meu blazer já estava longe de ser visto, assim como a minha calma. Perdi a conta de quantas vezes minha mão afastou meu cabelo da testa, ou então de cada vez em que pensei escutar algum som que não o seu choro por trás daquela porta. Eu não sairia daqui, não até que ela me escutasse.

Capítulo 21

RACHEL

Uma parte da minha coxa esquentou por conta do raio de sol que infiltrou no quarto através das cortinas que balançavam com o ventinho gostoso que entrava. Era dia e eu havia passado a noite inteira encolhida sobre os lençóis, o vestido usado no jantar permanecia em meu corpo, e algo me dizia que se eu apenas olhasse para o espelho agora, veria a maquiagem borrada e o resultado das lágrimas: um rosto inchado e vermelho.

Sentei-me na cama com a lembrança da ameaça que Marcos fizera na cabeça. Instintivamente, eu protegi o meu ventre, as mãos ao redor do meu abdome, e me permiti ficar nessa posição por alguns minutos. Esse bebê era *meu*, um pedaço de tudo o que eu era. Eu não estaria mais sozinha com ele em minha vida, e quando o meu pai, bem, quando o inevitável acontecesse, essa criança se tornaria o meu tudo. E nada, nem mesmo as ameaças do idiota sem coração conseguiria me separar dessa pequena pessoinha que eu carregava dentro de mim.

De pé, eu arranquei o vestido fora e meu estômago roncou, fazendo-me dar conta de que eu não havia comido nada até agora. Eu não abri a porta nem mesmo quando a Vera tentou me convencer do contrário. Eu sabia que no momento em que girasse aquela maçaneta, o monstro que era o Marcos não me deixaria fazer ou pensar em mais nada até que eu lhe desse uma resposta. Melhor dizendo, até que eu dissesse o que ele esperava escutar. E merda, como eu conseguiria fazer com que aquele homem aceitasse o meu não? Convencer o Sr. Arrogante era algo tão improvável quanto esperar que a terra girasse ao contrário.

Disposta a tomar meu café da manhã antes que todos na casa acordassem, eu peguei o primeiro vestido soltinho que encontrei e o coloquei. Limpei meu rosto, tirando a maquiagem, escovei os dentes e em questão de minutos me encontrei parada em frente ao corredor encarando o Marcos. O homem se encontrava sentado no chão com as mangas do seu suéter arregaçadas até a metade dos braços, o blazer jogado ao seu lado, assim como seu relógio e celular. Um copo de uísque o acompanhava e seus olhos tinham o cansaço de alguém que passara a noite em claro.

Olhando-o com desprezo, eu passei por cima de suas pernas e comecei a caminhar para longe.

— Não desça! — ele ordenou. — Assim que escutei barulho dentro do quarto eu pedi para a Vera começar a preparar seu café da manhã. Ela deve estar subindo a qualquer momento.

Marcos se levantou e acenou para que eu voltasse para dentro do quarto. Aborrecida, eu

continuei parada no meio do corredor com os braços cruzados e a vontade de esganá-lo até a morte aumentando a cada segundo que passava.

— Rachel, vamos conversar lá dentro, por favor? Eu prometo que não haverá discussões.

Hu-hum, até parece.

— Não? — perguntei incrédula.

— Não se depender de mim, agora entre!

— Não vai haver casamento, minha decisão não mudou — sussurrei ao passar e entrei no maldito quarto. Tudo dentro dele me irritava. O rosa pálido das paredes, os lençóis com sei lá quantos fios. Cada detalhe do cômodo parecia ter sido planejado para tornar a prisão mais *acolhedora*.

Desconfiada, eu me abriguei a ficar o mais longe possível do seu alcance enquanto Marcos encarava a outra extremidade do quarto, mais precisamente a cama onde eu havia dormido.

— Como foi crescer sem uma mãe, Rachel? — indagou com um tom de voz que não consegui decifrar.

— Isso nunca te interessou antes — respondi na defensiva, ele estava entrando em um território perigoso aqui.

— Mas interessa agora. Então me diga, como foi não ter sua mãe por perto?

Eu não diria a verdade a ele, porque crescer sem ela havia sido terrível. Claro que nunca deixei que meu paizinho percebesse o quanto eu me sentia rejeitada por ter sido deixada para trás, e acho que desde aquela época eu tomei para mim a responsabilidade de cuidar dele na ausência da minha mãe. Odiava vê-lo triste pelo que aquela mulher havia feito com a gente e, por isso, fiz o possível para não demonstrar o que sentia.

— Não jogue esse jogo comigo, Marcos. Isso é cruel até mesmo para você!

— Não estou sendo cruel aqui, Rachel. Estou tentando apenas te fazer pensar com clareza. Eu vi o estrago que foi para as minhas irmãs perder os meus pais tão cedo. Senti na pele a necessidade delas de um apoio familiar e, mesmo assim, apesar de todo o sacrifício que fiz, eu sei que não consegui ser o suficiente. Você pode evitar que nosso filho passe pelo mesmo, pode impedir que...

— Pare de falar, pelo amor de Deus!

— Esse pode até não ser um casamento pelos motivos adequados, Rachel, mas pense em

pouco. Nós temos química, eu a desejo como mulher e você... sente algo por mim. Posso até mesmo dizer que por trás de toda essa raiva que está sentindo no momento, você me ama. Deixe de ser tão teimosa e me dê uma chance.

— Eu não te amo — foi a primeira coisa que pensei em dizer, não importava se era uma mentira deslavada.

— Nem um pouco? — perguntou com sua habitual arrogância.

— Em algum momento eu te amei — admiti, ciente de que só estive perto de dizer essas palavras a ele uma única vez. Que foi exatamente no dia em que fui acusada de roubar a sua empresa. — Mas esse momento já passou, e se eu for levar em conta o que estou sentindo agora, então, não, Marcos, eu não te amo. O que acontece é exatamente o contrário, se você quer saber.

— Que seja! — soltou com falso descaso. Era assim que ele reagia quando se sentia ameaçado. — Você não me ama, mas ama o seu filho, não é mesmo?

Assenti em silêncio.

— E conhecendo como eu a conheço, aposto que faria qualquer coisa por ele, não faria?

Desta vez eu não respondi, porque sabia exatamente aonde ele iria chegar com essa porcaria de conversa.

— Então, carinho, a decisão já está tomada — disse, deixando claro que para ele o assunto estava solucionado.

— Não está, não!

— Eu prometi uma conversa sem discussão e eu costumo cumprir as promessas que faço.

Encarei-o perplexa e, sem mais nem menos, senti que tudo ao meu redor escurecia. Dobrei-me ao meio para não cair e me apoiei no primeiro móvel que encontrei pela frente.

— Porra, Rachel! — Marcos grunhiu exasperado e me pegou antes que me desse conta do que acontecia. Minha respiração falhou e minha vista ficou turva. Eu me agarrei a ele confusa e com medo. — Isso é o que acontece quando se age estupidamente, você se recusou a comer na noite passada...

— A culpa não foi minha — sussurrei trêmula, tentando não pensar no pior. Marcos se compadeceu do meu medo e respirou densamente enquanto me levava até a cama.

— Sim, eu sei que não foi, me desculpe, tudo bem?

Levei algum tempo para poder dizer alguma coisa, eu queria me certificar de que estava tudo bem comigo. Então eu acalmei minha respiração e toquei minha barriga. Um gesto que eu vinha fazendo muito nesses últimos dias. Eu tinha até mesmo pesadelos com isso.

— Olhe para mim, Rachel. — Ele ergueu o meu queixo. — Está tudo bem agora. — *Não, não estava*, minha consciência gritou. — Eu juro que tento não perder a paciência, mas às vezes é impossível, eu sinto muito.

— Você sente muito pelo quê? Por ser um idiota arrogante ou por me culpar pela tontura? — Seu olhar capturou o meu com intensidade.

— Você vai se sentir melhor se eu te disser que é pelos dois? — Balancei minha cabeça em uma negativa, era preciso mais do que isso para me fazer sentir melhor. — Vamos fazer assim, você vai tomar seu café da manhã na cama e eu só irei sair do seu lado depois que tiver certeza de que está melhor.

Sem forças para protestar, eu dei de ombros, até que minutos depois, para quebrar o silêncio entre nós dois e fugir da sua inspeção minuciosa, eu me vi murmurando:

— Você por acaso tem alguma noção do que um casamento representa, Marcos?

— Claro que tenho — respondeu imediatamente.

— Então você sabe que isso não tem como dar certo.

— Eu posso fazer com que dê, Rachel. Não sei como fazer você entender tudo o que está em jogo aqui, mas sei com toda certeza que nosso filho merece crescer dentro de uma base familiar sólida.

— Mas e quanto ao amor?

— Foi você quem disse que não me amava! — Não sei se foi intencional, mas suas palavras saíram ressentidas.

— Mas você também não me ama. — Ele assentiu lentamente apesar do semblante rígido e limpou a garganta.

— Isso torna tudo mais fácil, então. Sem amor não há sofrimento.

Sem amor não há sofrimento. Eu poderia encher meu peito e listar todos os motivos pelos quais eu discordava dessa afirmação estúpida, mas depois percebi que a única pessoa sofrendo aqui... era eu. Então, talvez o que ele estava dizendo tivesse mesmo algum sentido.

— Você provavelmente deve estar certo, sabia? Mas isso não significa que eu esteja disposta a aceitar algo tão absurdo.

E como sempre parecia acontecer quando estávamos em meio a um assunto sério, Vera bateu na porta e entrou no quarto trazendo com ela uma bandeja de café da manhã. Havia tudo em dobro ali, o que me fez constatar que nós dois estaríamos tomando o café juntos.

— Ligue para a médica da Rachel, Vera, e a informe sobre a tontura que ela acabou de sentir. Veja também se é possível que ela apareça aqui no final da tarde.

— Não há a necessidade, eu estou melhor. — Se dependesse de mim, a Dra. Ana não se locomoveria até aqui em pleno domingo apenas para poder cuidar de uma pequena tontura.

— Deixe que eu decida isso, tudo bem?

Era inútil tentar ter algum tipo de conversa justa com esse homem. E de qualquer maneira, Marcos sempre acabava por fazer o que ele queria sem se importar com nada e nem ninguém. *Ele deveria se achar o rei absoluto em seu próprio mundo.* Com isso em mente, eu o assisti em silêncio tomar o café forte e preto, enquanto eu comia meu cereal com frutas. Uma colherada atrás da outra, realmente faminta. Minhas pernas estavam cruzadas sobre a cama e pude observá-lo com mais calma do que normalmente fazia. O homem parecia cansado por conta da noite mal dormida, seu cabelo em um desalinho selvagem e a roupa amarrotada.

— Essa é a primeira vez que sente essa tontura? — Ele se virou na minha direção.

— Não.

— E por que eu só estou sabendo dessa merda agora?

— Porque você acha, Marcos? Nós quase nunca conseguimos ter uma conversa decente e sempre que tentamos acabamos discutindo.

— Você não pode me esconder coisas como essa, Rachel. Não me deixe de fora em nada que estiver relacionado a essa criança.

— Isso é um pedido ou uma ordem?

— Isso é um aviso, Rachel. Apenas um aviso — Marcos falou exausto. — Mas já que a senhorita está tão cansada assim das nossas discussões, eu vou poupá-la delas hoje, tudo bem?

Isso era sério? Porque eu não conseguia acreditar nele...

MARCOS

Eu não estava só em meu limite como também preocupado com a possibilidade de que algo acontecesse a ela e ao meu filho. Remoí a culpa que sentia, porque além de deixá-la constantemente nervosa eu vivia a um passo de perder a cabeça. Mas, porra, essa teimosia da Rachel me tirava do sério. Como ela podia não enxergar que tudo o que eu estava disposto a fazer era pelo bem dela e dessa criança?

Eu não a queria envolvida no circo que a mídia faria ao seu redor quando descobrissem. Dar meu sobrenome, colocá-la dentro da minha casa e assumir esse bebê era a maneira que encontrei de amenizar o escândalo que essa gravidez seria. Até agora eu vinha conseguindo lidar com tudo, nenhuma notícia havia circulado nos jornais, mas quando elas começassem a brotar como ervas daninhas por todos os lados, Rachel com toda certeza iria preferir estar debaixo do meu teto do que sozinha naquele apartamento.

Fora que quanto mais pensava, mais certeza eu tinha de que essa era a melhor decisão a se tomar. Era como se o destino tivesse feito a escolha por mim, ele estava entregando a mulher que eu temi algum dia ter que abandonar de bandeja em meus braços. Eu, é claro, não iria mais levar em consideração o fato de Rachel não ser a opção mais adequada para ocupar o cargo de futura Sra. Montenegro. O bebê que ela carregava era passaporte suficiente para a permanência dela em minha vida. *Um passaporte definitivo.*

Enquanto tomávamos nosso café, os pensamentos impróprios mais uma vez rondaram a minha mente. Vê-la lambendo os lábios de maneira inocente enquanto se alimentava causava uma descarga elétrica que atingia direto a cabeça do meu pau. Toda essa reação explosiva era causada pelo tesão acumulado, já que tocar Rachel vinha se tornando um desafio e tanto... minha ratinha não relaxava nunca.

Agradei pela distração quando Vera reapareceu no quarto alguns minutos depois.

— Senhor, a Dra. Ana disse que estará aqui depois do seu plantão no hospital. E a Sra. Alcântara telefonou e pediu que você retornasse assim que possível.

— E quanto a Sofia?

— Ainda está no quarto, senhor. — Assenti mecanicamente e não gostei da centelha de julgamento que encontrei no rosto da minha governanta. Ninguém dentro dessa casa tinha o direito de me julgar pelo que eu estava fazendo a Rachel.

— Minha irmã já se levantou, Vera?

— Sim, ela... saiu cedo.

Em pleno domingo? Eu só esperava que Isadora não estivesse enfurnada na Montenegro justo hoje. Ela sabia o que a esperava caso ficasse aqui, a merda que havia feito na noite passada não seria ignorada assim tão facilmente. Lançando mais um olhar preocupado a Rachel, Vera pediu licença e voltou a se retirar, levando com ela a bandeja do que restou do café da manhã. Guardei um lembrete em minha mente, para que assim que saísse desse quarto fosse me inteirar a respeito da localização exata da minha irmã com o Ricardo, que fazia a sua segurança.

Novamente a sós, eu peguei o momento em que Rachel bocejou e apoiou as costas nos travesseiros empilhados atrás dela. Seu rosto limpo de qualquer maquiagem deixava visível os dois círculos sob os seus olhos. Quis ter o poder de apagar a tristeza que via dentro deles sempre que nos encarávamos, quis tirar tudo que a incomodava de dentro daquela cabecinha. Fazê-la esquecer nossas brigas e discussões, fazer com que Rachel voltasse a ser a minha doce e receptiva ratinha. E por mais tolo que isso me fizesse parecer, a verdade era que eu sentia falta dela.

Mesmo sem a sua autorização, eu me aproximei e rocei o dedo em suas mãos, que estavam unidas em um montinho sobre a barriga. Eu já a tinha visto fazer esse gesto antes e isso ainda me deixava perturbado.

— O que você está fazendo? — questionou baixinho, quase assustada, quando sentiu minha mão deslizar por baixo do seu vestido. Suas pernas macias estremeceram ao sentir meu toque e se fecharam rapidamente. Rachel reagiu com raiva e parecia prestes a se levantar, mas eu a puxei de volta pela cintura com a outra mão e a obriguei a ficar quietinha na cama.

Eu já tinha passado dos limites da sua calcinha e chegado à pele lisa do seu abdômen, e era ali que eu queria tocá-la.

— Tocando no que é meu.

Foi difícil não me distrair pelo tecido rendado grudado em seu quadril, mas esse momento não era sexual, não totalmente, pelo menos. Rachel até poderia pensar que eu estava no controle de tudo, mas a situação não era bem essa. Por dentro eu estava desesperado, agitado. Não conseguia sequer me lembrar de algum outro momento em que tivesse me sentido assim.

Tão longe do homem que eu normalmente era.

A causa dessa mudança era a dor que eu enxergava quando olhava para a Rachel. Meus instintos me diziam que eu a estava perdendo, não importava mais o que fizesse, eu não conseguia

alcançá-la e isso era frustrante. Sentindo sua inquietação, eu continuei:

— Eu não estou fazendo nada de errado, carinho, eu me preocupo com você. — Ela não levou fé no que eu disse e se encolheu ao meu toque. Deixei que meu polegar circulasse seu pequeno umbigo por baixo do vestido, resistindo à vontade de apertá-la inteira. — É o meu filho aqui dentro — disse emocionado. Dominado pelo turbilhão de sentimentos que invadiam o meu peito.

Não sei por quanto tempo nós ficamos nessa posição, eu acariciando sua barriga e ela me observando em silêncio, incapaz de discutir comigo. Quando me dei conta, seus olhos já haviam se fechado e sua respiração tinha ficado lenta e constante. Rachel havia adormecido enquanto eu a tocava. Aproveitei o raro momento e admirei seu rosto tranquilo, minha mão permaneceu sob o seu vestido e, sem pensar direito, eu a envolvi em meus braços e fechei meus olhos. Mantendo um único pensamento em mente: Rachel não era mais apenas a minha ratinha, ela agora era a mãe do meu filho e em breve seria a minha mulher no sentido mais respeitável da palavra.

RACHEL

Entreabri meus olhos, sentindo um peso incomum sobre meu abdômen. Eu não podia acreditar que havia pegado no sono e, mais ainda, que Marcos havia adormecido comigo. Virado para o outro lado do quarto, pude perceber que sua mão continuava no mesmo lugar ao redor da minha barriga. Era um peso confortável, a mão áspera e forte esquentava o meu ventre, trazendo à tona pensamentos e lembranças que eu mais do que depressa afastei da minha cabeça. A incerteza do que esse homem pretendia fazer me deixava tensa. Vulnerável.

Disposta a sair do quarto e arejar as ideias, eu mordi o lábio e tentei empurrar o braço musculoso para longe. Marcos, é claro, despertou na mesma hora, a mão maliciosa descendo até o meu quadril enquanto ele se inclinava sobre mim.

— Fique na cama comigo, carinho. — Eu o escutei murmurar com aquela voz rouca de sono.

— Eu não sei se essa é uma boa ideia, Marcos.

Percebendo que eu falava sério, o homem afastou a mão do meu corpo e bufou como um menino contrariado. Eu me levantei, ajeitando no corpo o vestido que ele havia subido, e escapei daquele quarto antes que Marcos tivesse a chance de me impedir. Com o celular em mãos, eu desci as escadas e imediatamente vi as quatro ligações perdidas da Mariana e uma do Alexandre. Antes de responder a minha amiga, eu tomei o caminho mais fácil e liguei para o Alex.

— Como anda a minha grávida, predileta? — Pude imaginá-lo rindo no outro lado da linha.

— Eu não sabia que você tinha outras grávidas ao seu redor, Alex.

— Não tenho mesmo, você é a única. Eu só lamento não estar por perto para cuidar de você da maneira que merece.

— Não diga essas coisas, por favor. — Não era intencional, mas ele me fazia sentir culpada quando demonstrava os seus sentimentos. Além disso, ele era a única pessoa em quem eu confiava nesse momento.

Mariana era a minha amiga, mas eu não conseguia me ver tendo o mesmo tipo de conversa com ela. Principalmente agora que ela e o irmão vinham tentando se entender. Marcos podia até não se dar conta, mas a chegada da Sofia em sua vida foi a melhor coisa que poderia ter lhe acontecido e eu não queria ser a única a estragar a relação deles.

Indo em direção à piscina, a conversa continuou e Alexandre explicou que havia ligado apenas para me contar que Marcos visitara o meu pai essa semana novamente. Fiquei surpresa com a notícia, comigo de repouso em sua casa e com Sofia ao redor, fora todo o trabalho de sempre, ele ainda assim conseguiu fazer essa viagem até Florianópolis?

Talvez fosse idiotice minha esperar por uma atitude diferente, mas por que o homem não podia dividir isso comigo?

— Foi o meu pai quem te contou? — perguntei.

— Não, por sorte eu estava no mesmo andar na hora em que ele apareceu. Inclusive, eu não acho que ele tenha sequer me visto.

— O que você acha que Marcos pretende com isso, Alex? Eu deveria me preocupar?

— Eu não o conheço, Rachel, mas posso te garantir que a visita dele não perturbou seu pai. Muito pelo contrário.

— Como você sabe?

— Assim que ele saiu, eu estive com o Sr. Vidal, ele demonstrou estar tranquilo, até mesmo um pouco alegre.

— Não gosto disso, o que eles podem ter para conversar? Por que ele não me conta a respeito das visitas? — Eu tinha uma infinidade de perguntas sem respostas.

— Não tenho a menor ideia do porquê ele não compartilhou essa informação ainda, mas para

mim está claro que você é o único assunto que os dois têm em comum.

— Jura que meu pai estava bem depois que ele saiu?

— Eu juro. — Alexandre tomou um tempo antes de prosseguir. — Agora me diga, quando você estará liberada para vir visitá-lo?

— Ainda não sei, eu já estou me sentindo melhor agora, mas não posso fazer muito esforço, de qualquer maneira. Minha médica irá me fazer uma visita mais tarde e eu pretendo perguntar a ela a respeito das viagens.

— E como estão as coisas com ele? — Alexandre perguntou ressentido, e mesmo temendo sua reação, eu contei tudo o que tinha acontecido de ontem para hoje.

— Marcos me pediu em casamento. Não, espera, não foi um pedido, Alex, foi um comunicado — expliquei amarga e com os olhos agora fixos na água límpida da piscina. Quando não havia ninguém em casa, esse era o meu lugar preferido para estar. Eu me sentava na espreguiçadeira e passava horas perdida dentro da minha própria bagunça.

— Casamento? Me diga que você não aceitou. — Havia um certo desespero em sua voz.

— Eu ainda estou tentando fazer com que ele entenda o meu *não*, Alexandre, mas...

— Mas?

— Ele não faz o tipo que desiste do que quer. Marcos nem ao menos conhece o significado da palavra *não*, ninguém dessa família conhece! Eu só não consigo entender como cheguei tão baixo a ponto de não ter escapatória. Com meu pai no hospital e com essa gravidez, eu tenho certeza de que não serei deixada em paz tão cedo, Alexandre, pelo menos não até que... ele queira isso.

— E o que você quer, Rachel?

— Eu quero a minha vida de volta — falei sem pestanejar.

Eu queria voltar ao maldito dia em que entrei em seu escritório, intimidada por causa das lembranças que tinha da Mariana dizendo que seu irmão era uma pessoa horrível. Eu queria ter acreditado nela e nunca, nunca mesmo, ter permitido que ele tocasse um dedo que fosse em mim. Eu deveria ter fugido do Marcos desde a primeira vez em que senti meu corpo arder de desejo. Mas uma coisa foi levando à outra e, quando dei por mim, eu tinha entregado a ele muito mais do que o meu corpo.

Sacudindo todas essas lembranças para fora da minha mente, eu passei os braços ao redor das minhas pernas e apoiei meu rosto entre meus joelhos. A água estava tão clara como o céu, essa

manhã. Eu queria me cobrir dessa tranquilidade, mas não conseguia ver isso acontecendo tão cedo.

— Ai, tia *Rach*, finalmente eu te achei. — Sofia correu na minha direção e assim que chegou perto, me fez ver que ela não estava nada contente. Seu nariz estava enrugado e a boca fechada em um biquinho fofo. — Você e meu titio dormiram até agora?

Procurei por algum sinal dele ou da Vera, já que ela não tinha permissão de vir à área da piscina sozinha, e encontrei uma das funcionárias sorrindo timidamente de longe.

— Nós perdemos a hora, Sofia.

— Minha mamãe já até ligou para mim — falou baixinho, meio indecisa. Achei estranho, porque Marcos sempre fazia questão de estar por perto quando Mariana telefonava. — Eu... eu contei que você tá aqui porque sua barriguinha doeu de novo. Meu titio vai *bigar* comigo, não vai?

Era por isso então que eu tinha todas aquelas ligações perdidas, pensei. Meu nervosismo pelo que viria a seguir com a Mari se dissipou assim que eu vi o rostinho apreensivo da Sofia na minha frente.

— Seu tio não vai brigar com você, pequena, ele te ama.

— Mas ele *biga* com você direto — falou inocente, trazendo à tona uma das minhas maiores preocupações.

— Adultos às vezes brigam.

— As mães também *bigam*, tia Rach — Soff confidenciou com uma expressão sapeca em seu rosto, que me fez sorrir.

Quase uma hora depois, Sofia foi levada para tomar seu banho e eu aproveitei para subir e me preparar para o almoço, adiando ao máximo a ligação para a Mariana. A conversa que nós duas precisávamos ter tinha que ser feita cara a cara, e não a quilômetros de distância uma da outra e por telefone. Chegando ao meu quarto, eu empurrei a porta entreaberta, ficando imediatamente confusa. Vera e uma das empregadas da casa estavam retirando o pouco do que eu tinha no *closet* e colocando tudo sobre a cama.

— Do que se trata isso?

Será que Marcos tinha finalmente enxergado a luz e me deixaria voltar para o apartamento?

— O Sr. Montenegro pediu que... levássemos tudo que é seu para o dormitório dele.

MARCOS

Afastei meu olhar do cofre da família e me virei para ver Isadora entrar em meu escritório. Essa era uma das tantas qualidades que eu admirava na minha irmã, eu não precisava ir atrás dela, porque ela não era o tipo de mulher que se acovardava.

— Me poupou tempo, Isadora.

Isadora deveria ter acabado de chegar da Montenegro, porque ainda estava com seus óculos escuros e a bolsa em sua mão. Não era estranho encontrá-la trabalhando no sábado, ou fazendo horas extras durante a semana, eu só não queria que isso também se tornasse um hábito em seu domingo. Por isso, assim que acordei, mais precisamente depois que Rachel desapareceu do quarto, a primeira coisa que fiz foi ligar para o Ricardo. Ele me lembrou de que era seu dia de folga e me pediu alguns minutos para telefonar para o seu substituto em busca de informações. Quando retornou, Ricardo não só me disse onde ela estava, como também me garantiu que estaria assumindo o lugar do outro segurança pelo restante do dia.

Eu não fazia ideia do que o homem fazia em seu tempo livre, mas fiquei grato por ele deixar tudo de lado para poder estar com minha irmã. Não que sua atitude me fosse estranha, Ricardo não parecia fazer parte do time que passava os domingos enfurnado em um sofá de frente à TV, de qualquer maneira.

Sob o olhar atento da Isadora, eu me sentei na poltrona de couro e coloquei sobre a mesa as duas caixas aveludadas que eu havia retirado do cofre. Apenas uma pequena parte das joias de família ficava guardada em meu escritório, assim como documentos que eu julgava estritamente importantes. A outra parte das joias, as mais antigas, eram guardadas no banco e mantidas pelo valor emocional que representavam. Elas foram passadas de geração a geração e, no futuro, pertenceriam, em sua maioria, às minhas irmãs.

Isadora franziu os lábios ao ver as caixas com o brasão dos Montenegro. Na maior e mais estreita, havia uma gargantilha dourada entrelaçada a minúsculas safiras em toda sua extensão, essa tinha sido uma das joias preferidas de nossa avó, tanto é que em inúmeras fotografias de família espalhadas pela mansão ela aparecia com a joia em seu pescoço. Na caixa menor, bem, minha irmã sabia o que havia na caixa menor.

— Você vai dar a ela o anel de nossa mãe? Você por acaso enlouqueceu, Marcos?

Capítulo 22

MARCOS

— Esse anel pertence à nossa família, você não pode fazer isso! Rachel não o merece! — Isadora protestou rispidamente.

— E o que você esperava?

— Eu não sei o que eu esperava, Marcos, mas nunca imaginei que você entregaria o anel de nossa mãe a primeira oportunista que aparecesse.

— Para começo de conversa, eu não quero que volte a se referir a Rachel dessa maneira. A partir de hoje você irá tratá-la com todo o respeito que daria a qualquer outra mulher que viesse a se casar comigo. Fui claro, Isadora?

— Pelo visto você enfiou mesmo na cabeça que precisa se casar com aquela coisinha — Isa provocou, perdendo a compostura. — Isso é um absurdo, não vê? Ela te enganou por causa de alguns trocados!

Minha irmã sabia que trazer esse assunto à tona era como colocar sal na ferida. Ela sabia e por isso mesmo fazia questão de jogar essa merda na minha cara.

— Você não está me escutando. — Tentei soar calmo, mas com ela era difícil.

— Eu estou, irmão, quem parece estar surdo aqui é você. Por que não compra outra joia, algo com um diamante enorme e chamativo? É isso que esse tipo de mulher aprecia, não é mesmo? Joias vulgares. — Cerrei meus olhos, encarando-a quase perplexo. — Guarde esse anel para quando você conseguir se livrar dela e encontrar uma esposa de verdade.

Eu já não sabia o que fazer em relação à minha irmã, principalmente porque ela se recusava a aceitar minha decisão. Essa casa era tão dela quanto minha, e eu nunca a pediria para sair, da mesma forma como não desejava que ela o fizesse. Pelo menos não até que estivesse casada. Enquanto isso não acontecia, Isadora era minha responsabilidade, e não só emocionalmente.

Demorei a compreender os motivos que levaram meu pai a deixar um testamento tirando o poder de ação das minhas irmãs até o trigésimo aniversário delas, ou então, até que estivessem casadas. Tudo referente às suas ações dentro da Montenegro e a herança eram controladas por mim.

Mas conforme as duas cresciam, eu fui me dando conta de que ele deveria conhecer muito bem a personalidade das próprias filhas para chegar a tomar uma decisão tão drástica. Analisando ainda mais a situação, hoje eu enxergava a sua atitude controladora como uma tentativa de proteger o patrimônio que elas viriam a herdar. Isadora poderia ser uma das mulheres mais espertas e inteligentes que eu conhecia, ela comandava a equipe de marketing, em sua maioria formada por homens, com a ponta do dedo. Mas mesmo esbanjando confiança, minha irmã ainda tinha muito o que aprender com a vida.

— Rachel será a minha esposa de verdade! — rugi, fazendo-a endireitar o corpo esguio. — E tem mais, Isadora, a partir do momento em que esse anel estiver no dedo dela, não haverá a menor possibilidade de que aquela mulher me deixe, entendeu? Eu não sou um homem que dá as costas à família, você sabe muito bem disso.

Nós tivemos essa conversa muitos anos atrás. Eu não abandonei tudo para ir estudar em São Paulo apenas porque havia passado em uma excelente universidade federal, eu fui porque estava revoltado com meu pai e queria dar as costas a tudo o que tinha significado para ele. Eu era jovem, revoltado e não fazia a menor ideia de qual era o meu lugar no mundo. Infelizmente, foi só após o acidente e a morte deles que consegui compreender minhas responsabilidades como primogênito da família. Tudo o que eu havia planejado para a minha vida, todas as minhas relações, meus ideais... tudo fora deixado para trás. E desde então eu vinha fazendo o impossível, não só pelo meu legado como também pelo que tinha restado da minha família.

— Marcos...

— Cale a boca, porque eu ainda não cheguei ao ponto que espero que você entenda. — Isadora engoliu em seco. — Você sempre teve mais de mim do que nossa irmã teve, esse foi meu maior erro. Eu passei a mão na sua cabeça quando não deveria, fiquei ao seu lado porque sempre achei que você precisava mais de mim do que a Mariana. Mas agora chega, Isa, eu não vou admitir que toda essa sua amargura se imponha em meu caminho. Você não tem que concordar com minhas decisões, mas precisa respeitá-las, me ouviu?

Por causa dos óculos escuros que usava, eu não consegui ver além da fachada impassível que Isadora forçou.

— Você está escolhendo aquela mulher a mim? — perguntou surpresa, ignorando cada um de meus avisos.

— Essa conversa terminou, Isadora, agora saia!

— Eu não posso acreditar nisso, Marcos, realmente?

— Saia, Isadora!

Minha irmã se virou, reunindo todo seu orgulho, e se retirou do meu escritório, deixando-me imóvel por alguns instantes. *Porra, eu não tinha uma resposta para a sua pergunta!*

ISADORA

Pela segunda vez naquele dia, eu saí da casa que deveria ser o meu forte pessoal. O único lugar onde eu me sentia protegida. Afastada da realidade que acontecia no lado de fora dos muros altos. Assustava-me o fato de que eu não conseguia mais pensar com clareza, nos últimos tempos isso vinha se tornando comum e eu não fui preparada para lidar com nada disso. A culpa de eu me sentir uma estranha em minha própria casa era toda daquela mulher e daquela... criança que ela carregava no ventre. Por causa dessa gravidez indesejada eu estava perdendo a única pessoa que eu amava.

Marcos não tinha feito sua escolha, *ainda*. Mas em algum momento ele teria que decidir de que lado ficaria. De alguma forma, eu teria que mostrar ao meu irmão que era a mim que ele deveria se manter leal, não a uma oportunista que fez uso de um dos golpes mais velhos conhecidos pela humanidade. Furiosa com a estupidez do Marcos por se permitir cair nas garras daquela infeliz, eu peguei minhas chaves de dentro da bolsa e destravei meu *Porsche*, ainda parado em frente à mansão.

Dei partida no carro rapidamente e passei como uma louca pelos portões rodeados de seguranças. A equipe contratada pelo meu irmão havia aumentando, eles pareciam como formiguinhas se multiplicando ao meu redor. E eu não suportava essa sensação de estar presa. Olhando através do retrovisor, enquanto acelerava pela estrada, eu vi a *Mercedes* negra me seguindo. Não era *ele* quem deveria estar fazendo minha segurança hoje, nós dois sabíamos disso. Mas por algum motivo, algum que eu preferia ignorar, ali estava o homem.

Ricardo se manteve distante desde a maldita sexta-feira, após o equívoco beijo. Será que o grosseirão não percebia que eu tinha estado bêbada? Que em sã consciência eu nunca o teria deixado sequer chegar perto de mim?

Embaraçada com a lembrança dele me afastando e pedindo que eu descesse do meu próprio carro, eu sacudi a cabeça e voltei a prestar atenção na estrada. Juro que eu não fazia a menor ideia de para onde estava indo, até porque, eu não tinha qualquer outro lugar para ir além da Montenegro. Minhas duas *amigas*, aquelas escolhidas para estarem ao meu lado no dia que deveria ser suposto o mais feliz da minha vida, não eram o que eu precisava. Eu as aturava... e só.

Peguei o caminho que me levaria para fora da cidade e continuei a dirigir sem rumo. Tudo o que precisava era de um tempo, um longo e solitário tempo, até recobrar a razão e conseguir pensar

com clareza novamente. Demorou até que me desse conta da velocidade em que conduzia meu *Porsche*, o som do motor potente acelerando era quase imperceptível na estrada. Enquanto o ponteiro no painel do meu carro subia, a pressão em meu peito se tornava mais e mais densa. Depois de todos esses anos eu revivi com exatidão uma das inúmeras conversas que tive com minha mãe. Por algum motivo que eu não compreendia, sempre que eu me desestabilizava essas lembranças se infiltravam na minha mente e assumiam o controle.

— *Ela não é como você, querida, nunca será* — minha mãe sussurrou atrás de mim enquanto penteava meu cabelo severamente. *Ela não admitia nada que não fosse perfeito e por isso mesmo, às vezes, quando estava com muita raiva do meu pai, minha mãe se sentava e escovava meu cabelo até ele estar impecável e minuciosamente alinhado. Ou então, até que meu pescoço e cabeça doessem.*

Isso parecia deixá-la relaxada de alguma forma, mas não fazia o mesmo comigo. Em alguns dias mamãe era tão áspera que me fazia ter vontade de chorar, eram nesses momentos que ela dividia comigo a revolta que sentia pelo meu pai e da minha irmã.

— *Você é quem deveria ser a garotinha dele, e veja, ela é quem ganha toda a atenção. Uma pequena bas...*

— *Uma pequena o que, mamãe?* — perguntei quando ela se interrompeu e disfarçadamente espiei para fora da janela, assistindo com inveja meu pai brincar com minha irmã. *Eu também gostaria de estar lá fora, no sol e suja de terra. Divertindo-me. Mas eu sabia que mamãe não gostava quando eu me queimava, minha pele era clara e ela tinha pavor das sardas que surgiam em meu rosto quando isso acontecia. Ela também não admitia sujeira.*

— *Nada, querida, ignore as divagações de sua mãe. Algum dia nada disso importará, você será uma mulher inteligente e forte. E quando isso acontecer, seu pai irá se arrepender por tudo o que está fazendo com a gente.*

Com oito anos de idade eu demorei a entender o que papai fazia com a gente, tudo o que sentia era ciúme da minha irmã mais nova e raiva do meu pai por fazer minha mãe tão triste. Não demorou até que eu soubesse qual era o pecado que ele havia cometido e qual a consequência que isso gerou em nossa família. Quando finalmente entendi o erro que ele cometeu, eu me dei conta de que o que minha mãe quis dizer para mim naquele dia era que minha irmã era uma *pequena bastarda*.

Pisquei confusa, como se ainda pudesse sentir as escovadas em meu cabelo e meu couro cabeludo queimou com a memória. Senti-me como uma fraude quando uma única lágrima escorreu em direção ao chão. Mamãe passou grande parte do nosso tempo ensinando-me a ser perfeita, inteligente

e inatingível. E aqui estava eu... lutando para respirar, agonizando por conta do meu presente e do meu passado. Reconheci cada um dos sintomas e, antes que o ataque de pânico começasse, eu joguei meu carro para o acostamento e bati a cabeça contra o encosto de couro do *Porsche*.

Ignorei o farol alto atrás de mim, escutando longe o som dos pneus lixando para poder parar no acostamento assim como eu havia feito. O zunido em meu ouvido me impediu de escutar a porta da *Mercedes* batendo, e os passos nervosos que vinham até mim. Eu só saí do pesadelo em que estava na segunda ou terceira batida do punho do Ricardo na janela do meu carro.

— Abaixе o vidro, Isadora! — Eu não me movi. — Merda, mulher, você ainda vai me matar! — Ele forçou a maçaneta e bateu contra a lataria do meu carro importado.

Não entendi por que o Ricardo parecia tão nervoso, e enquanto o observava passar a mão pela cabeça raspada de maneira tensa, eu senti minha respiração se aquietar e meu batimento cardíaco voltar ao normal aos poucos. *Esse tinha sido rápido*. Quando seu olhar encontrou o meu, ameaçador e profundo, eu desconfiei de que dessa vez tinha realmente irritado o grosseirão estúpido. Foda-se, pensei comigo mesma. Ele não significava nada.

— Abra essa porta! — Ricardo rosnou e eu sustentei seu olhar antes de destravar a bendita porta.

Meu corpo havia voltado a funcionar *em ordem* de novo, mas, ainda assim, eu sentia que precisava de ar. Coloquei meus pés para fora, no alto dos meus *Jimmy Choos*, sem esperar, ou sequer imaginar, que seria imprensada contra meu carro.

— Maldição, mulher! Eu pensei que você tivesse se machucado! — Seu hálito refrescante veio suave em minha pele. *Por que ele tinha que continuar invadindo o meu espaço pessoal?*

— Você poderia, por favor, tirar suas mãos de cima de mim? — pedi mantendo meus olhos fixos nos dele. Se eu vacilasse e olhasse só um pouquinho mais para baixo, eu... eu não sei o que seria capaz de fazer.

— Foi um ataque de pânico?

— Tire suas mãos...

— Que merda! Será que você não vê como isso é perigoso, que poderia causar um acidente?

Tudo bem, ele estava certo. Esse não tinha sido um dos piores, mas se eles acontecessem e eu não conseguisse controlar os efeitos... bem...

— Mesmo se for perigoso, você não tem absolutamente nada a ver com isso. E faça-me o

maldito favor, seu grosseirão estúpido, de parar de xingar na minha frente.

— Ah, é claro, porque a senhorita tem uma boca muito limpa, não é mesmo?

Levou apenas um segundo para perceber que falar sobre minha boca não era o assunto mais adequado a se trazer, não com a lembrança do nosso beijo ainda tão viva. Para a minha surpresa, Ricardo empurrou seu quadril contra o meu, deixando-me desorientada. Eu engasguei com a proximidade, sentindo a pressão que o seu corpo fazia no meu, o roçar da pélvis...

Meu Senhor, o homem estava excitado?

— Qual é o seu problema? — questionei irritada com a ousadia. Fingindo não ser consumida pelo formigamento enérgico que percorria cada centímetro da minha pele. Ricardo decifrou meus pensamentos e murmurou de uma maneira que deveria ser considerada proibida, bem lenta e diretamente sobre os meus lábios.

— O meu problema é você! Você e essa sua arrogância! Você e essa frieza que te controla. Meu maldito problema, senhorita, é você, que não sai da porra da minha cabeça! — Minhas mãos já estavam em seu peito, prontas para empurrá-lo para longe, quando eu escutei suas palavras finais.

Foram elas que embaralharam a minha cabeça a ponto de permitir que Ricardo puxasse meu rabo de cavalo e me beijasse ferozmente. Ficamos loucos, completamente consumidos com o beijo. Não havia espaço para tomar fôlego ou sequer respirar, algo em meu âmago queria mais do que ele oferecia e algo dentro dele parecia querer o mesmo. Eu me encontrei arfando de novo, mas dessa vez por uma razão diferente. A única coisa da qual tinha total consciência nesse momento era de uma de suas mãos bagunçando meu cabelo e da outra segurando com força a minha bunda, me puxando em direção ao seu quadril.

Eu nunca, nunca, pensei que pudesse ser desse jeito. Que a porcaria de um único beijo fosse capaz de causar tanta desordem dentro de mim. Eu estava ofegando, tentando me obrigar a pensar e a afastá-lo, mas por algum motivo eu não conseguia. Eu era uma mulher respeitável, com 28 anos e uma carreira invejável. Era um absurdo que eu fosse devastada pela porcaria de um beijo!

— Isso não vai voltar a acontecer. — Eu assenti em silêncio quando ele se afastou. — Não pode, entendeu? Eu sou casado, Isadora! Você sabe o que isso significa?

Mantive-me impassível enquanto o idiota chutava terra, os lábios ainda pulsando por conta dos nossos beijos. Toquei-os suavemente, lambendo o sabor dele que ficara comigo e perguntando-me o que esse homem tinha para me deixar assim: com as pernas bambas.

RACHEL

— *Uhn* — murmurei a contragosto, presa entre a consciência e um sonho qualquer. Depois da visita rápida da Dra. Ana e da sua preocupação com a minha pressão arterial, que se mostrara alterada, eu fui aconselhada a passar o restante do dia em repouso.

— Por que você tem que ser tão teimosa? — Escutei sua voz, mas ela parecia tão distante. Forcei minha mente a despertar e, quando o fiz, percebi que me encontrava nos braços do Marcos. *Para onde ele estava me carregando?*

Esfreguei meus olhos, letárgica por conta dos remédios, e lembrei que após a saída da doutora, Marcos havia se fechado em seu escritório depois de ordenar sua governanta a cuidar das minhas necessidades e garantir que ninguém me aborresse mais hoje. Pela conversa que escutei os dois tendo, Vera deu a entender, em um ato ousado, que para isso acontecer ele deveria se manter afastado de mim. Marcos não gostou de ser repreendido e chamou sua atenção no mesmo instante.

A questão era que, bem, ele entendeu a mensagem e eu fui deixada em paz.

— Por que eu estou em seu colo?

— Porque você desobedeceu a minha ordem.

— Qual delas?

— Aquela que diz que você pertence ao meu quarto agora.

— Eu desobedeci porque talvez eu não queira pertencer ao seu quarto, já pensou nisso? — murmurei sentindo o peso do meu sono. Como era de se esperar, o sono que eu sentia não me impediu de notar o fato de que Marcos estava sem camisa e que um calor reconfortante emanava do corpo dele, me envolvendo em uma pequena bolha protetora.

— Lamento que seja assim que você se sinte, mas não há escolha.

— Com você nunca há.

Marcos abriu a porta do seu quarto e me carregou para dentro. Agora me diga, o quão estranho seria se eu confessasse que nunca tinha estado aqui antes? Esse era seu santuário. O lugar onde o todo-poderoso passava as noites... Até mesmo a sua cama era imponente, grandiosa. E se eu não estivesse vendo coisas, poderia jurar que ela tinha o dobro de tamanho da minha antiga.

Fui deitada com todo o cuidado no centro da cama, Marcos até mesmo subiu a alça do meu

babydoll de seda. E só assim, com um pouco de distância entre nós, é que pude ver que ele usava apenas uma calça escura de moletom. Seus pés estavam descalços e ele parecia ainda mais cansado do que tinha estado esta manhã.

— Eu quero ter o meu próprio quarto.

— Não há a menor possibilidade de isso acontecer — murmurou, sua voz ressoando arrastada em meus ouvidos. — O seu lugar é na minha cama, Rachel, isso ainda não mudou.

— Eu pensei que seriam apenas alguns encontros, que você se cansaria de mim no primeiro mês. Por que eu ainda estou aqui, Marcos? — atrevi-me a perguntar, um pouco grogue até. — Não me diga que é pelo nosso filho, porque até uma semana atrás nós nem sabíamos da existência dele...

— *Shhhh*, você não está falando coisa com coisa. — Eu me sentia sonolenta, os sentidos desorientados. O remédio que a Dra. Ana receitou, pelo visto, foram apenas para me dopar.

— Não estou?

— Não, você só está dizendo bobagens.

— Eu quero tanto o nosso bebê, não me deixe perdê-lo — disse assim que me vi envolvida por todos aqueles travesseiros macios. Marcos me cobriu, deslizando o lençol negro pelo meu corpo, e eu fechei os olhos, sentindo o peso do seu corpo afundar a cama. O sono lentamente me puxava de volta, tão suave que eu já não separava o sonho da realidade.

Será que Marcos estava mesmo acariciando meu rosto? Será que sua respiração estava tão próxima quanto parecia? Eu podia jurar que era capaz de sentir até mesmo o seu cheiro em minha pele.

— Você não irá, carinho, eu prometo a você. — Algo roçou de leve os meus lábios dormentes. — Agora durma, que vou estar aqui quando você acordar.

— Eu sei que vai.

Capítulo 23

MARCOS

— Como ela realmente está, Marcos? — Mariana perguntou preocupada ao telefone. Eram quase duas da tarde de uma sexta-feira e eu estava à espera da Rachel descer para que pudéssemos pegar a estrada em direção à Vinícola Montenegro.

Minha irmã e a Rachel vinham se falando com mais frequência nos últimos dias, em partes, porque Sofia deu com a língua nos dentes e contou que a *tia Rach estava dodói da barriguinha* e que eu a tinha deixado dormir no quarto de visitas da mansão até ela se curar. Não preciso nem dizer que Mariana surtou ao descobrir o real motivo da estadia da Rachel na mansão. Eu fui o único a contar sobre a gravidez e ignorei a bronca que ela se achou no direito de me dar. Ignorei, porque no fundo eu sabia que sua raiva era motivada pela preocupação com a amiga.

Mariana até mesmo ameaçou interromper a lua de mel e vir em socorro da Rachel, mas eu deixei claro que não queria sua intromissão em meus assuntos. Assim como tinha deixado claro a Isadora. Por fim, querendo que ela se acalmasse, eu contei sobre o futuro casamento, mesmo ciente de que ainda não tinha obtido nenhum avanço em relação à minha ratinha. No dia seguinte, após levá-la para a minha cama, no meu quarto, Rachel acordou bem mais disposta. Foram dois dias até que ela se acostumasse com os efeitos da medicação que a Dra. Ana tinha lhe receitado. E assim como pedido, nós dois voltamos ao consultório na quarta-feira para uma nova consulta. Sua pressão arterial havia se normalizado, o único problema agora vinha sendo os fortes enjoos, mas até onde eu sabia, eles eram normais nesse primeiro trimestre.

Rachel tentou me persuadir a voltar a trabalhar na manhã seguinte à sua liberação, mas pedi a ela que ficasse mais alguns dias em casa, só por precaução. O gerente de produção, junto com a equipe do setor da Mariana, estava lidando com tudo nesse meio tempo, eu até mesmo tinha colocado meu próprio assistente à disposição deles. O que me levava à desculpa que usei para convencer Rachel a ir comigo até a vinícola essa tarde. Ela tomaria o lugar do meu assistente durante uma reunião com a importadora europeia que havia fechado contrato com a Montenegro há alguns meses. O lançamento da nossa linha de vinhos *Premium Exclusive*, com garrafas numeradas e produção limitada aconteceria em Madrid no próximo mês e essa seria a última visita do grupo ao nosso país antes do evento.

Todas as negociações já haviam sido feitas, a reunião de hoje era apenas para atualizar os diretores da companhia a respeito das mudanças estratégicas feitas pelo setor da Isadora. E claro, presenteá-los com uma exclusiva degustação de nossos seletos e mais saborosos vinhos. Essa era a maneira que eu normalmente usava para estreitar laços com novos parceiros de negócios. A degustação aconteceria no final da tarde de amanhã e, durante o dia, eu os levaria para conhecer o nosso vinhedo e as demais instalações. Todos do grupo iriam passar o final de semana hospedados na casa principal da vinícola, que fora reformada há alguns anos, especialmente com esse propósito.

A casa também possuía o que poderia ser considerado uma extensão do meu escritório, além de uma ampla sala de reuniões com projetores, uma TV plana e isolamento acústico. Ainda no andar inferior, encontrava-se a sala de jantar, apropriada para receber um grande grupo de visitantes e uma sala de cinema. Na ala oposta à dos visitantes, ficavam dois ambientes climatizados e a adega pessoal da família. E era ali que ocorreria a degustação. Isadora e Oliver também estariam presentes durante o final de semana, assim como uma equipe administrada pela Vera para cuidar dos convidados e da recepção.

Dividido entre o planejamento desse encontro e os cuidados com a Rachel, eu não tive tempo de voltar a tocar no assunto do casamento com ela. Mas pretendia utilizar esses três dias para finalmente convencê-la a aceitar o meu pedido. Rachel estava entrando na décima primeira semana e em um piscar de olhos estaria completando três meses. Eu não queria evidências de sua gravidez expostas a todos os jornais antes que nosso casamento fosse anunciado. Por esse motivo era que meu advogado pessoal estava cuidando de todos os trâmites legais para que o casamento pudesse acontecer o mais rápido possível.

Se saísse como planejado, e eu me certificaria de que sairia, minha ratinha e eu estaríamos nos casando em pouquíssimas semanas.

— Eu estive conversando a sós com a Dra. Ana, que me garantiu que o mal-estar é normal nesses primeiros três meses, Mariana. A única coisa à que ela me pediu para ficar atento é se Rachel voltar a ter qualquer tipo de sangramento ou dor intensa.

— Mas e quanto à pressão arterial?

— Esteve alterada por dois dias seguidos, mas já normalizou.

— Você tem deixado ela nervosa, não tem? Eu te conheço, Marcos, você deve estar fazendo da vida da coitada um inferno.

— Eu estou disposto a me casar com a Rachel, Mariana. Como isso pode ser fazer da vida dela

um inferno?

— Disposto? Se o Guilherme virasse para mim e dissesse que estava *disposto* a se casar comigo por causa do nosso filho, eu o mataria, Marcos, pelo amor de Deus!

— Eu a pedi em casamento, prometi cuidar dela e desse bebê. Não vejo o que mais posso fazer para que Rachel entenda a importância desse casamento...

— Por favor, me diga que você não fala esse tipo coisa para ela.

— Sobre a importância?

— Sim, Marcos, sobre a importância!

— Rachel precisa saber os motivos... — Eu me calei ao ver minha ratinha descer a escadaria principal da mansão.

Rachel usava uma calça bordô de linho, uma camisa e um blazer preto que delineava as curvas do seu corpo. Os sapatos eram elegantes, assim como os que ela durante a semana, porém altíssimos. O que não me agradou nem um pouco. *E se ela viesse a ter alguma daquelas tonturas?*

— Nós nos falamos depois, Mariana...

— Certo, não deixe Sofia naquelas vinhas sozinha, Marcos. Ela pode se... — Encerrei a ligação antes mesmo que ela terminasse de falar.

Eu não era irresponsável, porra, sabia do perigo de deixar uma criança solta naquela região. Ainda mais quando a criança era a minha sobrinha. Sofia também iria com gente para a vinícola, porém ela ficaria em uma ala diferente, com duas babás à sua disposição 24 horas por dia.

— Não sei se esses sapatos são os mais adequados, Rachel — disse a ela, que trazia nas mãos sua bolsa e uma pequena frasqueira.

— Não comece. — Retirei ambas as bolsas de sua mão e me concentrei na expressão do seu rosto. Rachel tinha estado tão feliz quando contei que ela poderia substituir meu assistente. Eu sabia o quanto ela gostava do seu antigo cargo ao meu lado, nós éramos bons trabalhando juntos, e foi exatamente porque eu queria deixá-la alegre que eu sugeri a sua presença nessa reunião.

— Eu só me preocupo com você.

— Isso para mim tem outro nome, Marcos.

Eu a acompanhei até o *Chrysler* com motorista, onde Sofia já nos esperava inquieta. Eu tinha tentado convencer minha sobrinha a ir na frente com as duas babás, mas ela se recusou veemente a ir

sem a Rachel, então aqui estávamos nós.

RACHEL

Marcos me entregou alguns documentos no decorrer do caminho, a viagem era curta, mas como a reunião seria as 16h em ponto eu teria pouco tempo para me atualizar. Meu trabalho normalmente era discreto, quase sempre silencioso e eu só opinava em reuniões quando era necessário. Enquanto lia o documento, percebi que Marcos teria algumas viagens a fazer pela frente. Primeiro a Madrid, depois Paris, Atenas e Roma. Os lançamentos ocorreriam em todas essas capitais e ele, como presidente da Montenegro, provavelmente teria que estar presente. Senti um misto de ansiedade e nervosismo diante da ideia do Marcos se afastar durante essas viagens, mas tentei com muito custo não demonstrar isso a ele.

Minhas emoções vinham oscilando muito nesses últimos dias, o que era normal por causa dos hormônios, mesmo assim eu me controlava para que Marcos não percebesse. Eu não iria mentir e dizer que toda essa sua preocupação quase exagerada com meu bem-estar não mexiam comigo, mas eu não era tão estúpida a ponto de abaixar a guarda ao primeiro sinal de atenção.

Não era a sua preocupação que eu queria, de qualquer maneira...

Afastei o pensamento da cabeça e, sem perceber, peguei-me sorrindo. Os papéis em minhas mãos eram a prova de que uma das maiores ambições do Marcos estava se concretizando, a expansão da Montenegro, a conquista do mercado europeu. Há dois anos ele já falava sobre esse desejo com expectativa e agora tudo o que havia planejado estava a um passo de se consolidar.

— Por que esse sorriso? — o homem perguntou baixo enquanto Sofia, à nossa frente, jogava distraída em seu *iPad*.

— Você se sente realizado? Quero dizer, você finalmente conseguiu, Marcos, a expansão, o mercado europeu. Tudo isso é seu agora.

Arrancando os papéis da minha mão, Marcos me puxou para mais perto. Nós estávamos ambos no mesmo banco, mas a distância até então tinha sido enorme.

— Só há uma coisa nesse momento que me tornaria um homem realizado. E eu posso te garantir que não tem nada a ver com a Montenegro.

— Você quer dizer...

— Eu quero dizer que basta uma única palavra sua para fazer a porra da minha vida mais fácil, Rachel. Três letrinhas simples. — Engoli em seco e sua mão firme descansou em meu joelho.

— Três letrinhas juntas forma um... *não*, Marcos.

— Eu prefiro acreditar que elas formam um *sim*. — Seu telefone tocou quando eu estalei a língua para responder, mas Marcos logo se viu envolvido em uma conversa de trabalho com o Oliver.

Aproveitei o interlúdio para me recompor e pôr alguma distância entre nós dois novamente. Ou pelo menos tentei, porque sua mão em minha coxa não permitiu. Olhei para frente com as bochechas queimando e peguei Sofia nos observando de soslaio com um sorriso sapeca, de total entendimento, em seu rostinho.

Faltando vinte minutos para as 16h, o horário exato em que a reunião iria começar, eu terminei meu café rapidamente e desci para me encontrar com o Marcos. Ele havia me dado meia-hora para lavar o rosto e comer alguma coisa enquanto recebia o grupo europeu. Acabei trocando a calça por uma saia lápis do mesmo material que meu blazer e ajeitei a blusa branca de uma maneira que ela ficasse por dentro. O conjunto realçava a curva da minha cintura e do quadril. Meu cabelo, antes solto, agora estava preso em um rabo de cavalo simples e alto. *Eu parecia profissional*.

Chegando à recepção do escritório do Marcos, pude ver que o CEO da importadora e alguns outros diretores e gerentes já se encontravam na sala de reunião, o ambiente rústico com o piso de madeira laminado, as paredes escuras e couro marrom nas poltronas, provavelmente fez com que todos aqueles homens engravatados relaxassem. As risadas grossas soavam altas e, enquanto eu passava pelo corredor, em frente à meia parede de vidro, percebi que os homens começaram a se silenciar um por um. Isadora não estava em nenhum lugar perto de ser vista, Marcos não dissera nada a respeito de ela vir ou não a essa reunião e, pela primeira vez, eu desejei que ela pudesse estar por perto.

Isso me livraria do embaraço de ser a única mulher entre tantos homens desconhecidos. Fora que, quando estava presente, Isadora era capaz de dominar qualquer ambiente. Ela era o ponto para o qual todos olhavam sempre.

— Senhores, essa é a minha assistente, Rachel Vidal. Ela se juntará a nós nessa reunião. —

Marcos se levantou para me apresentar ao grupo. Sentei-me ao seu lado e por todo o tempo foi como se não houvesse aquela barreira imensurável entre nós dois. Éramos só eu e ele trabalhando juntos, como sempre fizemos.

Conforme a reunião seguia, notei uma desconfortável atenção sobre mim. Juan Conrado, o filho do CEO da importadora, de tempos em tempos desviava o olhar da conversa entre seu pai e o Marcos e me observava. Na primeira vez que o peguei me encarando, eu sorri educadamente, na segunda vez eu desviei meus olhos e os preendi no *iPad* onde vinha fazendo anotações pela última hora. Na quinta vez que seus olhos bateram nos meus, cheios de interesse e curiosidade, eu não fui a única a perceber e a sala ficou em silêncio quando Marcos se dirigiu a ele.

— Algum problema, Juan?

— *No, Sr. Montenegro* — respondeu com a voz carregada de seu sotaque espanhol. Todos os presentes falavam português, alguns com a voz mais arrastada e confusa que outros, mas em geral era possível compreendê-los.

— Meu filho está distraído pela bonita senhorita, Marcos.

— *La hermosa señorita es mi prometida* — Marcos respondeu no idioma deles, mas, pelo amor de Deus, é claro que eu consegui entender perfeitamente o que ele quis dizer com *es mi prometida*.

— *¿Verdad?* — Juan perguntou descontente. — *No veo un anillo en su dedo.*

Era sério isso? Agora esses dois iriam ficar falando em espanhol como se eu não fosse capaz de entender? Antes que essa conversa se arredasse por outros caminhos, eu toquei o braço do Marcos com o intuito de acalmá-lo. Esse negócio era importante para ele, eu não queria ser o motivo para que algo desse errado.

Rindo, o pai de Juan pediu desculpas pela *audácia* do filho e prosseguiu com a reunião. Eu passei a próxima hora escutando detalhes a respeito das expectativas para os eventos de lançamento. Já no final da reunião, Marcos se despediu de todos e garantiu que voltaria a vê-los no dia seguinte. Eles haviam chegado essa manhã de viagem, estavam cansados e o jantar seria servido na sala comum destinada aos convidados.

Marcos e eu ficamos para trás, eu terminei de beber o restinho da água em meu copo e me levantei.

— Marcos...

— Você gostou da atenção que recebeu, *hermosa señorita*? É por isso que se recusa a se casar

comigo? Porque gosta de ter os olhos de outros homens em cima de você? — Eu não esperava por esse ataque, ele sabia que eu não era esse tipo de mulher.

— Vai à merda, Marcos! — O homem segurou meu braço e me impediu de me afastar.

— Suba e se arrume, porque você irá jantar comigo essa noite.

— Eu pensei que não haveria necessidade de nos reunirmos mais...

— No que se refere aos convidados, não há, mas quanto a você, sim. Minha irmã e o Oliver só chegarão à vinícola amanhã, então seremos apenas nós dois. — Era estranho que suas palavras me causassem arrepio? — Esteja pronta às 20h.

Marcos soltou meu braço, fazendo-me esfregar a parte que ele havia tocado enquanto o observava sair da sala. Às 20h15min da noite eu escutei uma batida em minha porta. Eu estava pronta já há alguns minutos, porém não tinha encontrado coragem nem vontade suficientes para descer. Respirando fundo, eu me levantei e passei a mão no meu vestido. Apesar do frio da região, eu acabei escolhendo algo mais leve para essa noite. Com mangas compridas e um tecido estruturado, o vestido branco tinha um estilo românico, nada sexy ou vulgar. Calcei um par de sandálias vermelhas com saltos estiletes, soltei o cabelo e passei um batom também na cor vermelha.

— Sim? — indaguei ao abrir a porta e encontrar a jovem arrumadeira à minha espera.

— O Sr. Montenegro... ele pediu que eu viesse... te buscar — gaguejou nervosa.

— Certo. — Fechei meu quarto e segui atrás dela. — Nós não vamos descer? — perguntei quando a moça virou um dos corredores e me levou para o que parecia ser uma enorme sacada na parte de trás da casa.

Os lustres antigos iluminavam todo o corredor, as longas e pesadas cortinas não me deixavam ver o que acontecia do lado de fora e, quando a jovem abriu a porta dupla que dava para a sacada de concreto, eu meio que desequilibrei-me completamente. Senti a vibração gelada na boca do meu estômago, como se milhares de borboletas voassem por ali naquele momento. Meus lábios se abriram em choque e eu não consegui dar nenhum passo à frente.

Marcos estava de costas para mim, olhando compenetrado a vista. A sacada ao que parecia ficava de frente para o vinhedo, eram terras e mais terras para se admirar e ele tinha sorte porque a lua cheia iluminava as videiras, tornando o cenário quase mágico.

— Vá até ele, senhorita — a mocinha aconselhou receosa.

Dei um relutante passo à frente, depois outro e outro... as mãos do Marcos estavam perdidas

em seu bolso. Seu corpo parecia rígido mesmo visto de costas e conforme seguia em sua direção, eu aproveitei para observar o que ele havia planejado para a nossa noite. Um pouco mais ao lado havia uma sofisticada mesa, um candelabro dourado com velas acesas e duas taças já servidas, uma com vinho e a outra com o que parecia ser algum tipo de suco. Eu realmente não sabia o que pensar, nós nunca fizemos nada parecido com isso antes.

Receosa, assustada e um tanto impressionada, eu me aproximei um pouco mais e fiquei ao seu lado. A vista que ele tinha daqui era realmente incrível. O vinhedo de uma coloração única e as terras intermináveis.

— Você está atrasada.

— Eu... eu não queria vir — admiti.

— Foi o que imaginei. — Marcos se virou e me olhou da cabeça aos pés. Fazendo uma pausa prolongada quando chegou à sandália.

— Você está incrível, Rachel. — Ele envolveu minha mão na sua e a beijou lentamente.

— Obrigada — sussurrei de volta, ainda perplexa e desconfiada com toda essa... cena.

O jantar foi servido assim que nos sentamos, um prato tipicamente do gosto do Marcos, mas que me fez salivar. Cordeiro com risoto ao *pesto* de hortelã. A escolha do prato e da bebida ajudou a tornar a noite agradável. A princípio nós evitamos os assuntos mais delicados, Marcos tomou todo um cuidado para moldar a conversa até que eu estivesse sentindo-me confortável ao seu lado. Foi só no finalzinho da noite, enquanto comíamos a sobremesa, que ele revelou suas verdadeiras intenções.

— O que aconteceu essa tarde não voltará a se repetir — disse tranquilo e deu um gole em seu vinho, seu pomo de adão se movendo conforme a bebida descia. — Não vou me sentar e assistir a homens como Juan dando em cima de você na minha frente.

— O que você quer que eu faça? Eu não tenho controle quanto a esse tipo de atenção, Marcos. — O *crème brûlée* que eu vinha comendo, até então, já não parecia mais tão apetitoso.

— Essa é a questão aqui, carinho, você não tem controle porque não há nada dizendo a quem você pertence!

— Apenas escute o que você acabou de dizer...

— Pare de lutar contra o inevitável! — retrucou sem me deixar terminar de falar.

— Meu Deus, você não consegue ouvir nada do que eu digo? Há quanto tempo eu venho tentando fazer com que entenda que eu não quero nada com você, Marcos? Mas você não me escuta,

ou finge que não me escuta, eu já nem sei qual é o seu problema, só sei que a minha resposta continua sendo a mesma — falei ofegante, já me levantando. — Não será a porcaria de um jantar romântico que irá me convencer do contrário!

Depois de me revirar sobre os lençóis boa parte da noite, eu desisti de lutar contra a insônia e admiti a derrota. Com o corpo fadigado eu deixei a cama e fui diretamente para debaixo da ducha morna. A noite corria fria lá fora e o quarto aquecido não parecia ser suficiente para me manter aquecida também. Então, sem me importar se estaria molhando o cabelo, eu me enfiei sob a água e deixei que o vapor reconfortante queimasse a minha pele. Algumas lágrimas rolaram ao pensar no Marcos. Se ele ao menos soubesse o quanto eu estava farta de tudo isso. *Cansada dele, dessa merda de pedido de casamento... até mesmo de mim.*

Com os braços ao redor do meu corpo, eu tentei me convencer de que recusar sua proposta fora a coisa certa a se fazer. Não importava o quanto eu desejasse que Marcos me amasse, retribuísse meus sentimentos, algumas coisas simplesmente não eram para ser e pronto. O som dos jatos de água tocando os azulejos sob os meus pés foi tudo o que escutei por um tempo, talvez por isso não tenha sido difícil identificar o ranger da maçaneta da porta do banheiro. Ergui minha cabeça, sem saber o que esperar, e me deparei com o Marcos parado a apenas alguns metros de distância do box embaçado. Fiquei sem reação diante daqueles olhos cheios de luxúria, que devoravam-me sem o menor pudor.

Um passo atrás do outro e, quando dei por mim, ele estava à minha frente, com apenas o vidro nos separando. A roupa que ele vestiu durante o jantar foi retirada com uma rapidez impressionante, os sapatos deixados de lado enquanto ele descia a boxer escura, revelando o inchaço do seu membro, que saltou livre, duro... Toda a cena me deixou muda, as palavras presas na garganta. Quando achei que nada poderia ser pior do que estar sob a mira de um desejo tão feroz, Marcos entrou no box, empurrando-me até que minhas costas estivessem pressionadas contra os azulejos frios.

— Eu não consigo, carinho — murmurou sobre a minha boca, seu hálito exalando o cheiro do vinho que ele havia tomado essa noite. — Eu prometo para mim mesmo que vou recuar, que vou te dar algum espaço, mas eu não consigo, porra!

A boca do homem se apoderou da minha vorazmente. Suas mãos envolveram meus braços, mantendo-me presa a ele, que mordiscava e chupava meus lábios com maestria. Marcos sabia o que fazer para acender o meu corpo, ele conhecia os meus pontos fracos, sabia como conduzir meu

desejo até o ápice. Seu corpo, agora molhado, pressionava o meu. Os músculos rígidos e os pelos grossos em completo contraste com minha pele macia. Não pude evitar que meus seios endurecessem e revelassem a minha excitação. Os mamilos bicudos apertaram contra o seu tórax, alfinetando-o descaradamente.

— Eu quase perdi a cabeça hoje, Rachel, tudo porque aquele desgraçado olhou para você. — Marcos segurou meu queixo com força, pressionando minha cabeça para trás. — Se você não fosse tão teimosa, cada homem daquela sala teria sido avisado de que você é minha. Nenhum deles teria ousado colocar os olhos no que é meu, mas não... você parece que gosta de me ver louco!

Não me foi dada a chance de responder ou protestar, porque Marcos empurrou sua boca novamente na minha. Invadindo-me como se fosse meu dono. Como se a língua áspera e envolvente tivesse o direito de possuir meus lábios. O beijo não foi suave ou lento dessa vez, foi ganancioso, exigente. As mãos grandes apertaram a carne da minha bunda, puxando-me em direção ao seu membro duro. Minha resistência logo deu espaço à vontade de ser tomada, consumida por esse homem. Fechei meus olhos, desolada, sentindo-me envergonhada por não conseguir lutar contra o desejo que sentia.

— O que nós estamos fazendo aqui, Marcos? — sussurrei sem fôlego, sabendo que ele entenderia a pergunta. — A cada vez que você me toca eu saio mais machucada...

A verdade era que eu me via em uma encruzilhada. Ficar com ele doía, fazia com que me sentisse culpada. Mas ficar sem ele? Ficar sem ele era quase tão ruim quanto a morte. No final, qualquer escolha que eu fizesse me quebraria. Eu só tinha que me decidir se era melhor estar quebrada em sua companhia ou sozinha.

— Pare de pensar, carinho. — Marcos me fitou por um momento e afastou as mechas de cabelo molhadas do meu rosto, pousando o seu dedo em cima da minha boca. — Será que não vê a miséria em que estou?

Minhas defesas foram minadas nesse instante, e ele soube disso. Ele sentiu a minha necessidade crescer, transpor a minha pele. Meus braços foram puxados para o alto de minha cabeça. Seu tórax molhado e definido, esmagou meus seios, os apertando e arrancando de mim choramingos roucos. O meio de minhas pernas pulsou de maneira dolorosa e quente. Ansiando pela posse dele. Não havia mais resistência de nenhum dos lados, apenas o fogo arriscado crepitando nossos corpos.

MARCOS

As pernas da Rachel apertaram-me com mais intensidade. A cabeça do meu pau, inchada e latejante deslizou por várias vezes em sua abertura, sem nunca penetrá-la. Apenas sentindo o calor que irradiava de sua boceta e se lambuzando com o creme doce que escorria pelos grandes lábios. Travei uma batalha comigo mesmo para não ceder ao desejo primitivo e afundar duro e profundamente dentro dela, como eu realmente ansiava. Um lado meu, o dominante, gostaria de fazer isso. Tomá-la sem dó, em completo e total desespero, até que a mulher não conseguisse andar. O outro lado, o que sentia saudade do seu corpo a cada minuto do dia, desejava apenas fodê-la bem devagar. Com estocadas suaves e beijos famintos. Negando seu orgasmo até que eu estivesse pronto para vê-la gritar meu nome. Quase como uma punição por tudo o que a provocadora vinha fazendo comigo.

Com nossos corpos ainda colados, eu a levei de volta ao quarto e a deitei sobre os lençóis bagunçados. Fitei com fome a sua pele branca, molhada. As gotículas da água contornando as curvas, tornando-as mais succulentas. Porra, eu queria tomar cada gota que a cobria, lambar cada dobra gostosa da mulher que me pertencia. Alinhei meus pensamentos para não perder a cabeça e a beijei vagorosamente. Amaciando e preparando-a para o que viria a seguir.

Meus lábios se arrastaram pela pele imaculada, eu lambi as gotas de água e o seu suor. O aroma doce do seu cheiro misturado ao do sabonete. Ergui os braços da minha ratinha, chupei seus seios e ombros. Deixei beijos em sua costela e mordi a curva sinuosa de sua cintura. Minha boca deslizou para o seu quadril e a carne generosa que havia por ali. Cheirei o meio de suas pernas, lambendo uma única vez o seu clitóris, fazendo-a se contorcer, e continuei o meu caminho para baixo. Beijando as coxas quase roliças, marcando-as com meus dentes e unhas. Desci até chegar aos pés que haviam me tirado do sério por toda a noite. Nunca me considereei um homem de fetiches, mas, porra, vê-la calçando aquelas sandálias vermelhas, exibindo as unhas de seus dedos pintadas com um rosa nada inocente... Aquilo mexeu com a minha cabeça.

— O que o que você está fazendo? — a safada perguntou ao me ver cobrir seu dedo com a boca.

— Devorando você... aos pouquinhos.

Lancei-lhe um olhar feroz, sentindo o líquido pré-ejaculatório molhar a glândula do meu pau. Se Rachel continuasse a olhar dessa maneira para mim, eu poderia gozar sem sequer penetrá-la. *Sabe o quanto isso era fodido?*

— Abra as pernas para mim, carinho, deixe-me vê-la — ordenei, agora de joelhos sobre a cama, meus ombros enrijecidos pelo esforço.

Bem lentamente, ela se abriu para os meus olhos. A boceta rosada depilada, sem um único pelo para contar história. Assim como eu gostava. Eu a deixei tomar seu tempo, se acostumar ao meu escrutínio enquanto mantinha meus dedos em volta de suas canelas. Mantendo-as afastadas. Eu gostava da forma como seu buraco piscava ao menor sinal de invasão, de como ela me sugava. Tão esperta, tão gostosa. Avançando sobre ela, os movimentos ágeis como os de uma pantera, eu me enfiei no meio de suas coxas e rocei meu polegar grosso na fenda babada, a penetrando só um pouco, o suficiente para fazê-la ofegar.

Procurei pelo seu rosto, querendo gravar na memória a sua carinha de prazer, de expectativa, e a encontrei com aqueles olhos azuis arregalados. Os dentes brancos mordendo o lábio inferior com força. A visão foi o bastante para a minha sanidade, levando-me a afundar meu dedo com prazer em sua boceta. A textura macia e apertada das suas paredes vaginais cobrindo-o, estrangulando-o.

— Você é uma gulosa, não é, carinho? Essa sua boceta ama quando eu estou dentro dela, não ama?

Suas bochechas adquiriram aquela coloração avermelhada em que sempre ficava ao se excitar. Rachel não respondeu à minha provocação, a boca gostosa estava cerrada, os dentes esmagando os lábios carnudos com intuito de impedir que seus sons chegassem até mim. Retirei meu dedo da boceta empapada e o esfreguei em seu clitóris. Agora, sim, fazendo-a gritar. Rachel não afastou seus olhos dos meus em nenhum momento, calor intenso inundava a nós dois. Com a outra mão, a que não estava lambuzada, agarrei o meu pau e o acariciei, o vai e vem dos meus dedos atraindo sua atenção enquanto eu gemia audivelmente. *A safada gostava do que via, porra!*

— Não quero te machucar, mas eu estou em meu limite aqui, louco para afundar dentro de você.

— Marcos — ela ofegou, nem um pouco surpresa. O quadril arqueando em direção ao meu dedo, querendo mais.

— Diga para mim o que você deseja, carinho, abra essa sua boca gostosa e diga. Deixe-me ouvi-la dizer...

Ainda segurando o meu pau, eu afastei meu dedo da boceta carente e preendi suas mãos no topo de sua cabeça. Os mamilos pontudos implorando por um pouco de atenção, assim como a dona deles. Com os dentes, eu puxei um bico, salpicando a língua quente enquanto os mordia. Rachel se

contorceu selvagem, suas pernas lutando comigo, o quadril empurrando-me.

— Diga o que você quer — exigi, olhando para ela que, teimosamente, sacudiu a cabeça. — Se não disser eu irei chupá-la inteira de novo, cada centímetro de sua pele, até fazê-la implorar para que eu a tome — ameacei. — E, carinho? Quando você implorar, eu sairei dessa cama e a deixarei louca. Pode apostar nisso...

— Você é um...

— *Shhh*. — Deitei meu corpo sobre o dela, calando-a com minha boca. — Continue a negar pelo tempo que quiser, Rachel, mas está na cara que o seu corpo sente a minha falta tanto quanto eu sinto a sua. É tortura nos negarmos, carinho. Tortura ficarmos longe um do outro. — Minhas palavras se perderam em meio ao beijo que ela mesma começou. Exigindo de mim uma resposta, uma reação.

Decidida, a safada me empurrou, deitando-me de costas na cama e veio por cima. Montando-me de uma só vez. A boceta escorregadia partindo-se em duas com a aspereza da penetração. Rachel subiu e desceu, como se não pudesse ter o suficiente. Suas unhas cravadas em meu peito enquanto ela se movia de olhos fechados. O cabelo loiro bagunçado caindo por seus ombros e costas, seduzindo-me. Os sinais de seu orgasmo não demoraram a surgir, trazendo o meu próprio alívio junto com ela. Os espasmos ao redor do meu pau me drenaram seco, fazendo-me jorrar dentro dela em jatos e mais jatos de sêmen. Ao final, nós dois nos encontramos destruídos, arruinados. Tudo o que eu escutava eram as batidas alucinados do seu pobre coração e a sua tentativa de puxar o ar espesso para dentro de seus pulmões.

Entorpecida, Rachel choramingou baixo ao sentir meu pau sair de dentro dela. Sujando a nós dois com o líquido consistente que agora escorria. Normalmente eu teria me levantado e limpado a nós dois. Mas algo no fundo da minha mente me alertou para a possibilidade de que, no momento em que saísse dessa cama, tudo voltaria a ser como antes e eu a perderia de novo.

Capítulo 24

MARCOS

Era madrugada quando acordei, Rachel permanecia aninhada em meus braços, a respiração baixa e serena. Seu cabelo, agora seco, estava em uma bagunça sexy, os cachos loiros espalhados sobre a cama e o cheiro único do seu shampoo impregnando os lençóis. Passei as primeiras horas da manhã apenas a observando dormir e pensando no desenrolar da noite passada. O jantar à luz de velas não fora um simples acaso, aquele era o momento em que achei que conseguiria convencê-la a se tornar minha esposa. E se tudo tivesse saído como planejado, se eu não tivesse perdido minha maldita cabeça, o anel da minha mãe provavelmente estaria em seu dedo agora, e não no bolso da calça jogada no chão.

Com os olhos presos em sua figura magra, eu tornei-me consciente de sua atual fragilidade. Rachel não havia recuperado o peso que perdeu nos meses em que ficamos separados. E agora, com todos esses enjoos, ela parecia ainda menor. Tanto é que seu corpo se perdia ao meu lado na cama. A ideia de que estava perdendo o controle sobre ela atingiu-me outra vez, Rachel já não me permitia cuidar dela, não da maneira como eu desejava, e isso era frustrante. Ainda em silêncio, eu afastei seus braços do meu peito e me levantei, pegando a calça no chão do quarto e me trancando no banheiro.

Lavei meu rosto com água fria, prevendo um dia corrido, e encarei por um longo tempo o anel sobre a pia de mármore. Ele havia pertencido à minha avó materna e, depois, por quase 25 anos, esteve aos cuidados de minha mãe. Era uma peça antiga, toda em ouro branco e com uma safira oval envolvida por pequenos diamantes. No passado, enquanto eu crescia, ficou clara a paixão que Lorena Montenegro, minha mãe, nutria joias valiosas e artefatos de valores estimados como quadros, artigos de luxo, carros exclusivos, propriedades...

Como todo garoto em desenvolvimento, não era do meu feitio perder tempo escutando conversas entre minha mãe e suas amigas, mas em um ou outro momento eu presenciei a maneira como ela sutilmente se gabava da sua valiosa coleção, e em algumas dessas conversas, sem querer, eu a escutei contar com orgulho o significado da pedra em seu anel de noivado. Segundo Lorena, os povos antigos acreditavam que a safira podia criar paz entre inimigos. Acalmar e proteger quem a estava usando. Minha mãe nunca o tirava do dedo e eu preferia acreditar que fora apenas uma maldita

coincidência o fato de que, justamente no dia em que ela e meu pai sofreram o trágico acidente, o anel tenha sido esquecido em seu quarto.

Exalando o ar e empurrando as lembranças para longe, eu coloquei a caixa no bolso de trás da minha calça e voltei ao quarto. Deparando-me com Rachel sentada no centro da cama e o corpo coberto pelo lençol. Antigamente, quando não tínhamos o peso dos últimos meses sobre nossos ombros, eu sempre a deixava para trás nessa mesma posição em que ela estava agora. Seus olhos suplicavam em silêncio para que eu ficasse um pouco mais, *mas eu nunca ficava*.

— Eu pensei...

— Pensou? — Arqueei a sobancelha.

— Eu pensei que você tivesse saído, não sei. — Rachel puxou seu olhar para longe de mim e, maldição, eu consegui vê-la engolir as lágrimas.

Aproximei-me devagar e me ajoelhei sobre a cama, ficando tão perto quanto poderia estar. Rachel comprimiu os lábios fartos em um bico inocente e sedutor. A certeza de que sua tristeza era em função do pensamento que eu a tinha abandonado fez-me sentir culpado.

— Quando você vai entender que eu não estou indo a lugar nenhum longe de você?

Seus dentes brancos raspavam o lábio inferior enquanto ela assimilava as palavras ditas.

— Eu não vou desistir de você, carinho, muito menos do meu filho. Nós seremos uma família, eu garanto isso.

— Você nunca quis se casar comigo antes — ela sussurrou, encarando-me de maneira impertinente.

— Você tem razão, mas isso mudou.

— E se depois você mudar de ideia de novo? E se lá na frente... e se você se arrepender, Marcos? Nós não podemos ficar juntos *apenas* porque eu estou esperando um filho seu.

— Eu não vou mudar de ideia. — Não titubeei. — Eu a quero, Rachel. Quero tê-la vivendo sob o meu teto. Dividindo a porra da minha cama todas as noites. Quero acordar e te encontrar ao meu lado, ter o seu cheiro comigo a cada manhã. Nosso filho não é o único motivo.

— Como espera que eu acredite em você? Se eu não estivesse grávida nós nem sequer estaríamos tendo essa conversa. Tudo teria continuado exatamente como estava antes, eu seria apenas a sua amante, a sua foda...

— Você nunca foi apenas a minha foda!

— Sim, eu fui, você pode não ter dito com essas palavras, mas nunca me deixou esquecer qual era o meu lugar na sua vida. Eu te amei mesmo sabendo que algum dia teria que te deixar.

— Eu nunca quis que você...

— Você diz que quer se casar comigo agora, mas e se algo acontecer? — Eu o cortei. — E se eu tiver outro sangramento e acabar perdendo nosso bebê?

— Isso não vai acontecer!

— Mas e se acontecer, Marcos? Você sabe que isso é possível, você sabe! — minha ratinha gritou angustiada, cortando meu coração mais uma vez. Tinha algo na Rachel que me quebrava, que fazia a porra do meu peito pesar.

— Merda, isso não vai acontecer! — reagi nervoso, surpreendendo a mim mesmo. — Eu quero que você tire essa ideia absurda da cabeça, porque esses pensamentos só irão te fazer mal, me escutou? Pare de pensar que algo de ruim vai acontecer, porque não vai!

Nada de ruim iria acontecer a ela ou ao meu bebê. Eu não deixaria.

— Olhe para mim, carinho — pedi em um murmúrio, e ela o fez, sacudindo a cabeça quase que imperceptivelmente.

— Eu tenho medo, Marcos.

RACHEL

Medo de que algum dia Marcos fosse acordar e me culpar por estarmos casados. Medo de que ele fosse se arrepender e me arrancar da sua vida quando eu mais precisasse dele. Eu tinha medo até mesmo de não ser o bastante. De nunca conseguir chegar à altura de todas aquelas *socialites* educadas com a finalidade de se tornarem esposas perfeitas. Meu pai era tudo na minha vida e eu não podia sequer contar com ele para me apoiar, se algo desse errado. Marcos não conseguia enxergar o que eu estaria arriscando para estar com ele.

— Não tenha — pediu, seu dedo acariciando agora o meu queixo. Marcos podia ser sufocante quando queria, nada com ele era pela metade. Se ele desejava, ele desejava intensamente. Se ele era atencioso, ele era atencioso quase de maneira exagerada. Eu acho que ele não sabia como alcançar o meio termo.

— Eu sou a única que tem tudo a perder aqui, Marcos. Se nós fizermos isso, se eu confiar em você e você me deixar, não haverá ninguém para me segurar quando eu cair, entende? Esse casamento não pode ser um capricho, porque é da *minha vida* que estamos falando. Da minha e da do nosso filho.

— Eu não vou te deixar cair, Rachel. Eu vou estar aqui quando você precisar.

Marcos calou meus temores com um beijo lento e apaixonado, desta vez havia uma emoção diferente, uma urgência suave e macia. Ele agarrou minha nuca com delicadeza, puxando-me mais para perto, fazendo com que ficássemos tão próximos que nossas respirações se tornaram uma só. Fiquei desnorteada com a maneira como o homem se inclinou sobre mim, sem tempo de me preparar para o que viria em seguida. Com um gesto rápido, Marcos tirou uma pequena caixa do bolso de trás de sua calça e tomou um espaço curto sobre a cama. O suficiente para que eu pudesse fitá-lo boquiaberta.

Meus lábios se abriram e se fecharam. Olhei para a caixinha de veludo negra e meu coração parou uma batida. Olhei para ele de volta em busca de respostas... e engoli em seco, lágrimas confusas amontoando-se ao redor dos meus olhos. *Não faça isso comigo, por favor, não faça*, pensei em desespero.

— Rachel.

— Por favor, Marcos, não...

— Eu tenho que fazer isso da maneira certa — disse contra os meus lábios. — Sabe por quê?

Sacudi a cabeça irrequieta.

— Porque eu quero ser o único homem na sua vida, carinho. — Solucei com mais intensidade e o encarei, mordendo o lábio com força. — Sei que cometi alguns erros sérios com você, mas eu estou te pedindo, Rachel, deixe o passado para trás e pense no futuro que poderemos ter juntos, se nos casarmos.

Eu queria parar a emoção perigosa que suas palavras me causaram, interromper as lágrimas e secar meu rosto. Mas a garotinha que eu costumava ser, aquela inocente que acreditava em príncipes encantados e contos de fadas, estava tendo o coração dilacerado pela dúvida. E, meu Deus, eu juro que nunca senti tanto medo assim em toda a minha vida. Era como se eu estivesse à beira de um precipício, querendo muito pular, mas sem saber se sobreviveria à queda. Fechei meus olhos por um segundo, tentando acalmar minha agitação. E, ao abri-los, Marcos continuava na minha frente, encarando-me de maneira séria, quase nervosa. *Isso era mesmo real.*

— Diga que aceita ser a minha esposa, carinho — insistiu com a voz rouca em meu ouvido. — Acabe com a minha tortura, eu te peço.

A maneira como ele estava, o seu toque... as suas palavras. Tudo isso fez-me abandonar as certezas que eu tinha até então. Marcos parecia desesperado por uma resposta enquanto eu o fitava sem saber o que fazer com as diferentes lembranças que me assombravam. No fundo eu sabia que deveria dizer não, droga, é claro que eu sabia. Minha própria razão estava agora mesmo me xingando por sequer pensar em outra possibilidade. Mas...

MARCOS

O tempo que ela levou para me responder quase me matou, porra. Eu imaginei tudo o que deveria estar se passando dentro de sua cabecinha e me controlei para não parecer tão afobado quanto estava. Rachel parecia confusa, acho que a mulher que esteve comigo na noite passada, que se entregou de maneira tão apaixonada, queria dizer *sim*. Mas a outra, a mulher que aparentemente me odiava, essa estava tornando tudo mais difícil. Ela não deixaria minha ratinha se jogar em meus braços tão facilmente assim.

Ansioso por conta da indecisão, eu toquei seu rosto mais uma vez e passei o dedo sobre o rastro molhado de lágrimas que desciam de seus olhos. Eu não queria pressioná-la, mas eu precisava ter essa resposta. Precisava dessa garantia em minha vida. Olhei para seus lábios que tremiam e enxerguei a bagunça dentro dela. Rachel estava, de alguma forma, reunindo coragem, e com uma respiração profunda ela estufou o peito e falou:

— Me prometa que se eu disser *sim* e a gente acabar... se separando em algum momento. — Ela fez uma pausa e eu esperei apreensivo. — Me prometa que se isso acontecer, você nunca irá tentar tirar o meu filho de mim, Marcos. Eu preciso ter essa certeza.

Caralho!

Cerrando a boca em uma linha dura, eu tentei encontrar as palavras certas. Eu não queria mentir para ela, essa era a última coisa que eu desejava fazer. Mas não havia a menor possibilidade de que eu fosse deixar meu filho ser criado em algum lugar longe de mim, no futuro. Ele, ou ela, seria um Montenegro e teria acesso a tudo o que tinha direito.

— Isso é importante para você, não é?

— Muito.

— Então eu prometo, carinho — falei suavemente contra os seus lábios, sentindo o gosto amargo da mentira. Em minha defesa, eu poderia dizer que não esperava que isso viesse a se tornar uma mentira. Eu não iria deixar que chegássemos a tanto, pois não haveria divórcio ou separação em nosso futuro. Tal pensamento aliviou parte da culpa que sentia por fazer uma promessa tão vazia.

— Promete mesmo? — persistiu.

— Sim.

Rachel me encarou, os olhos azuis perfeitos me fitando com receio.

— Então eu... eu aceito me casar com você, Marcos, mas, por favor, não me machuque mais. Eu não sei se...

Aguento. Ela não sabia se aguentava mais ser machucada por mim, concluí em pensamento.

— Eu vou cuidar de você, carinho, apenas pare de pensar no passado — pedi, enquanto me convencia de que tudo o que havia feito até agora, pelo bem ou pelo mal, fora porque eu me preocupava com ela e com nosso filho. — Você pode fazer isso pela gente?

Rachel assentiu, a expressão vulnerável ainda em seu rosto. Nem o medo escancarado que ela sentia me impediu de notar sua aparência *sexy*. Ela parecia uma verdadeira ninfa sobre a cama. A minha ninfa. O lençol branco cobria sua nudez e os cachos loiros caíam soltos sobre seus ombros, alimentando meu lado territorial e possessivo. *Essa mulher era toda minha*, pensei satisfeito.

RACHEL

Inclinada sobre a sacada, a mesma na qual Marcos e eu havíamos jantado na noite passada, eu examinei mais uma vez o anel em meu dedo. Não havia maneira de descrevê-lo, fora paixão à primeira vista. Saber que ele havia pertencido à mãe do Marcos só o fez ter mais valor para mim. Não pelo dinheiro que ele provavelmente teria custado, mas pelo significado que uma joia como esta representava à família Montenegro. Impressionada, eu me obriguei a não criar ilusão quanto ao gesto do meu futuro marido, porque, no final, mesmo sem ter a intenção, o homem sempre acabava esmagando cada esperança alimentada.

Nas horas que se seguiram à nossa conversa na cama e ao meu *sim*, Marcos e eu fizemos amor novamente. À sua maneira, ele reafirmou que a última coisa que desejava era me machucar e prometeu não tirar a guarda do meu filho em nenhuma hipótese. Confesso que tive dificuldade em acreditar nele, mas que outra alternativa eu tinha? Havia tão pouco no que me segurar nesse

momento, que eu me agarrarei às suas palavras e promessas mesmo ciente do que risco que corria. Além disso, eu não sei por quanto tempo mais teria conseguido rejeitar a sua proposta. Adiar o inevitável.

— Deixa eu ver seu anel de novo, tia Rach! — Sofia agarrou minhas pernas por trás, toda sorridente.

Marcos organizou tudo para que tomássemos o café da manhã os três na sacada. E claro, quando Sofia notou a mão do tio ao redor da minha cintura, nos lançando um olhar cheio de curiosidade, ele fez questão de contar à sobrinha a respeito do nosso noivado, dizendo que em breve nós dois nos casaríamos e que eu seria oficialmente a *titia* dela.

— Essa é a terceira vez, Sofia.

— Eu sei, mas ele é tão lindo. Você quer ver o meu de novo? — Ela estendeu a mãozinha, com uma cópia perfeita do anel da própria mãe em seu dedo. Guilherme fora incrível ao pensar nisso.

— O seu também é lindo.

— Mas o seu brilha mais... — ela falou e olhou apaixonada para a minha mão.

Vera retirava nesse mesmo instante a mesa do café da manhã, com o semblante preocupado. Não sei se Marcos havia contado a mais alguém sobre o noivado, mas assim que me viu, a mulher me encarou como se quisesse dizer algo, até que por fim sorriu. Um sorriso que não me convenceu nem um pouco.

— Escutou, tia Rach?

— Desculpa, eu estava distraída, Sofia.

— Eu perguntei se o seu bebezinho vai ser um menino ou uma menina.

— O bebê ainda é muito pequeno para saber, querida.

— Vai ser como um casamento de *pincesa*. Você já assistiu a Cinderela? Ela perde o sapatinho, mas no final o *píncipe* casa com ela — Sofia disse pensativa e eu revirei os olhos achando graça. — O meu titio é o seu *píncipe*, não é?

Mordi o lábio, pensando em sua pergunta e em uma maneira de não quebrar o seu coração com a verdade.

— Sim, Sofia, ele é.

— Então você é a *pincesa* dele? — Ela sorriu quando eu assenti e me abraçou de novo, sua

inocência sendo um refresco para a minha alma ferida.

Como toda criança em sua idade, a sua euforia logo mudou de foco e ela seguiu atrás da sua babá e da Vera. Não consegui segurar o sorriso ao escutá-la perguntando a governanta o que teríamos para o almoço hoje e me virei, inclinando-me sobre o parapeito de concreto e voltando a admirar a vista que tinha daqui de cima. No lado norte da região ficavam os galpões onde o vinho era fermentado e armazenado. E à minha frente ficavam as vinhas, que pareciam mais extensas e verdes a essa hora da manhã. Essa não era a primeira visita que eu fazia à vinícola, apesar de nunca ter ficado como hóspede, e precisava admitir que estava impressionada com a suntuosidade do lugar. A mansão de Joinville não era nada comparada ao luxo e à extravagância dessa casa.

Depois do café que tomamos juntos e de passar quase uma hora trancado em seu escritório, Marcos avisou que iria levar o grupo de diretores da importadora para um *tour* minucioso na região. Dando-se conta do meu cansaço, tanto físico quanto emocional, ele aconselhou que eu ficasse na casa e que de preferência tirasse algumas horas antes do almoço para poder descansar. Só que com a mente agitada como a minha estava, era quase impossível. Então, em vez de seguir *seu conselho*, eu acabei me distraíndo com a Sofia, que tinha ficado ao meu redor por um tempo, indo e vindo da ala em que estava com suas babás. Tão ou mais inquieta do que eu.

Vendo-me sozinha, eu deixei que os raios de sol tocassem a minha pele, acalmando-me. A hora em meu relógio afirmava o que eu já suspeitava: os espanhóis estariam de volta a qualquer momento e eu precisava voltar para o quarto e me arrumar, caso quisesse estar apresentável para o almoço. Distraída, eu não consegui escutar os passos firmes vindo em minha direção. Só me tornei consciente da presença do Marcos quando o seu cheiro almiscarado e masculino me envolveu junto com seu aperto possessivo.

— Senti a sua falta essa manhã. — Fechei meus olhos querendo que aquilo fosse verdade.

— Foram só algumas horas, Marcos.

— E se eu disser que para mim pareceu uma eternidade? — O homem me girou facilmente, mas não me deixou surpresa. Ele parecia saber como incitar meu corpo a cooperar com ele. — E que não via a hora de fazer isso...

Eu quase o questionei do que se tratava o *isso* que ele desejava fazer, mas minha dúvida foi rapidamente sanada quando Marcos pôs as mãos em meu quadril, puxando-me em sua direção, e me beijou como se quisesse me possuir. O movimento de sua língua foi lento e profundo, tão profundo que eu juro que conseguiu fazer ruir *mais uma* das tantas barreiras que eu tinha erguido entre nós dois.

Capítulo 25

MARCOS

Era fim de tarde quando me reuni com o grupo de gerentes e diretores no andar inferior. Todos eles haviam, aparentemente, se retirado para a tradicional *siesta*. Um hábito que, por sinal, era cada vez menos comum entre os espanhóis. Animados para a degustação, eu os acompanhei até a adega composta por dois ambientes climatizados onde os vinhos selecionados e os aperitivos já haviam sido organizados ao longo da mesa rústica de madeira. De frente a cada assento de couro, foram colocadas três taças de vinho, uma tábua fina de mármore com queijo *brie* e gorgonzola e, claro, uma taça com água e pequenos pedaços de pão francês untados com azeite. Minha irmã, como sempre, parecia estar com tudo sob controle.

Além de sua formação em Marketing Empresarial, Isadora era uma especialista em vinhos, seu paladar era apurado e ao longo dos anos ela conseguiu se destacar e se especializar no assunto. Por isso seria ela a conduzir a degustação e fazer com que nossos convidados tivessem toda a experiência sensorial e olfativa ao provar do melhor que tínhamos para oferecer.

— Nós começaremos experimentando três diferentes vinhos da adega particular Montenegro, todos da linha *Premium Exclusive*. E no final cada um de vocês terá o prazer de me dizer as particularidades que encontraram em cada produção... — Isa sorriu de maneira elegante, dominando a atenção dos homens ao seu redor. Sempre foi fácil para ela conseguir ser escutada, e mesmo sob toda sua camada de frieza, quando se tratava de negócios, minha irmã sabia como ser *agradável*.

A agitação começou, ela se colocou propositalmente ao lado do Sr. Conrado, pai de Juan. Os dois haviam se encontrado durante as semanas que ela passou na Europa, após o fiasco do seu quase casamento. Outra prova de que sua mente girava em torno de seu trabalho. Quando a enviei para essa viagem, eu esperava que Isadora descansasse, organizasse seus pensamentos e saísse do foco do escândalo envolvendo seu nome. Mas tendo em conta as excelentes ideias que trouxe ao voltar, eu podia apostar que grande parte do seu tempo foi gasto trabalhando.

— Nossa linha *Premium*, como todos estão cientes, foi lançada em homenagem ao aniversário de 250 anos da Vinícola Montenegro, no ano passado. A decisão de levarmos o nosso melhor para o mercado Europeu antes de qualquer outra linha Montenegro, se deve ao fato de vocês serem um público exigente quando se trata de bons vinhos. Qualidade essa que eu preciso dizer ser admirável.

Isadora deu outro sorriso impecável, os fazendo rir de seu elogio nada velado. Com todos interessados ela continuou sua explicação do porquê cada vinho desta coleção levava o nome de nossos antepassados. As garrafas em questão, sobre a mesa, tinham a assinatura dos últimos três presidentes da Montenegro, incluindo meu pai. Por serem vinhos diferentes, não seria difícil notar as características únicas que cada uma das garrafas possuía. E essa era a parte que os convidados achavam mais interessantes, por assim dizer, a exibição do conhecimento aprofundado, ou não, que cada um tinha a respeito de uvas e suas peculiaridades era praticamente como uma guerra de egos entre homens adultos.

Achando difícil me concentrar, eu não levei muito tempo para ver que o filho do Sr. Conrado também não parecia tão atento ao que minha irmã dizia. Ele constantemente desviava seu olhar para a porta de correr que separava o restante da casa da adega. Eu não era idiota e tinha uma séria desconfiança de que ele estava à espera de alguém. *Porque no fundo eu também estava.*

Um pouco antes de começar a me vestir para a degustação, eu passei no quarto da Rachel e a encontrei adormecida ao lado da Sofia. As duas abraçadas como uma bolinha sobre a cama. Mas em vez de acordá-la e pedir que se preparasse para descer, eu saí do quarto e a deixei descansar por mais algum tempo. Deixando Vera incumbida de verificá-la e avisá-la para que, assim que estivesse pronta, me encontrasse no andar inferior. Não era um desejo incomum querê-la tanto ao meu lado, eu só precisava me segurar para não ficar dependente... E sim, sua chegada depois que todos já estivessem reunidos provavelmente afetaria o humor da minha irmã. Mas nesse momento essa era uma das minhas últimas preocupações.

Como um presságio, Isadora engasgou em suas palavras por um pequeno segundo. Fitando com olhos frios a mesma direção em que eu vinha olhando a cada minuto. Observei em silêncio a entrada da Rachel, a maneira como ela gentilmente se desculpou pela interrupção e cumprimentou a todos os convidados. Com a testa franzida, não pude deixar de assistir a maneira como Juan se virou em sua cadeira para poder vê-la também, perguntando-me intimamente se ele era capaz de sentir seu cheiro como eu era, ou pior, se essa maldita roupa que Rachel vestia o estava afetando tanto quanto a mim.

Minha ratinha até poderia tê-las escolhido sem a pretensão de seduzir, esse era o seu guarda-roupa habitual de qualquer maneira, mas ela sabia o efeito que essas suas saias e vestidos apertados causavam no meu âmagô. E como se eu já não me encontrasse disperso o suficiente, a mulher caminhou em minha direção, dando-me uma vista completa da sua imagem. A saia, de repente, se tornou o menor dos meus problemas, porque tudo em que eu conseguia pensar agora era em arrancá-la do seu corpo e admirar suas pernas cobertas pela meia 7/8 que ela usava.

A voz forçadamente controlada da minha irmã me trouxe de volta à realidade, e olhando para

mim com censura, ela oficialmente deu o início à degustação.

RACHEL

— Isso é inesperado — Oliver comentou assim que ficamos a sós. Ele presenciou a maneira como Marcos fora territorial comigo pela última hora e parecia surpreso por ver a joia em meu dedo. Não que ele fosse um esnobe, do tipo que a Isadora gostaria, mas Oliver foi criado dentro da alta sociedade paulistana. Ou seja, ele sabia tudo sobre elitismo e tradição.

Foi durante o tempo em que estudou em São Paulo que Marcos e ele se tornaram amigos. Como diretor financeiro eu tinha que admitir que ele era bom no que fazia, principalmente se comparado ao Henrique. E sendo tão próximo da *bruxa má* como era, eu esperava ser tratada de maneira diferente da que ele me tratava, mas Oliver era um *gentleman*. Educado e acima de qualquer porcaria desnecessária.

— Sim, é — respondi, sem saber ao certo se Marcos havia contado as reais circunstâncias do nosso noivado.

— Eu nunca vi o Marcos tomar qualquer atitude por impulso, sabe? — disse misterioso. — O passo que ele está dando significa muito.

Sim, claro que significa. Eu estou esperando o filho dele. É exatamente por isso que estou aqui de qualquer maneira.

A misteriosa conversa entre Oliver e eu, foi interrompida pela aproximação silenciosa do Juan Conrado, que beijou minha mão, deixando-me sem graça, e deu início a uma conversa superficial. Ficou claro que ele era o tipo de homem que me fazia sentir desconfortável, todo sedutor e descarado. Aquele tipo que tem a ideia equivocada de que a riqueza dará a ele a mulher que desejar. Tudo bem, Juan era sexy à maneira que homens espanhóis costumavam ser. Seu cavanhaque não escondia a sua idade, que provavelmente era mais próxima da minha do que da do Marcos, e seus olhos eram de um verde realmente impressionante. Eu não teria nada contra ele se não fosse pela maneira óbvia e nada elogiável com que o homem dirigia suas atenções para mim.

— Com licença, senhores, eu acho que... — Juan segurou meu braço, ainda sorrindo, quando tentei me afastar da conversa.

— *No se vaya, señorita.*

MARCOS

Voltei à adega onde havia deixado Rachel na companhia segura do Oliver e me deparei com Juan a impedindo de passar por ele. Eu tinha me ausentado por poucos minutos junto com minha irmã e o Sr. Conrado. Claro que temia algum avanço da parte do playboy espanhol, mas imaginei que ele seria mais esperto e que não teria a coragem de colocar o dedo no que era meu. O controle que vinha segurando pela última hora se esvaiu em questão de segundos e eu saí abruptamente do lado da Isadora para resolver essa merda de situação.

— Marcos, não... — minha irmã murmurou baixo, apreensiva, mas em vez de me seguir e impedir que eu cometesse uma loucura, ela ficou para trás e tentou *entreter* o Sr. Conrado.

Focado na minha mulher como estava, Juan não se deu conta da minha presença e, ao que parece, nem a Rachel. O olhar frio que ela direcionava a ele não pareceu ser o suficiente, e isso me enervou.

— Solte-a, Juan, agora! — Meu tom de voz soou controlado, mas a verdade não era bem essa.

Eu poderia lidar com isso sem causar alvoroço, conhecia homens como Juan e, a julgar a expressão arrogante em seu rosto, parecia claro que ele estava sendo inconveniente de propósito.

— *Cálmese, señor Montenegro, que sólo estaba diciendo a su prometida que usted es un hombre con suerte.*

— Meu conselho é que você se atenha apenas aos negócios, Juan — falei de maneira dura, o fazendo recuar. O Sr. Conrado deixara claro que não confiava no filho para gerir negociações sozinho. Por isso sempre que nos encontramos no passado uma pequena comitiva de funcionários costumava acompanhá-lo.

Resignada com meu comportamento, Rachel me lançou um olhar suplicante para que eu não causasse nenhuma cena e saiu porta a fora parecendo chateada. Sem entender merda nenhuma, eu a segui, deixando Isadora para trás para controlar a situação.

— Rachel, que porra eu fiz agora? — perguntei enquanto ela se afastava.

— Eu teria lidado com ele sozinha, não vê? — Rachel se voltou para mim e falou em tom acusatório. — Eu sei como me defender de homens como ele, sempre soube. Não preciso que perca a cabeça e fique todo territorial em cima de mim.

— Se eu tivesse perdido a cabeça, carinho, eu teria quebrado a cara daquele idiota. O que eu

fiz lá não é nada comparado ao que realmente poderia ter feito.

— Eu não gosto quando você age assim, como se eu fosse uma posse sua. Como um objeto que ninguém mais pode tocar, isso é degradante.

Eu entendia o seu ponto, quando se tratava de se defender minha ratinha sempre fora orgulhosa. Sacudindo a cabeça, eu me peguei sorrindo pelo quão longe ela estava da verdade. E sim, talvez no passado eu a tenha tratado como um objeto, mas agora?

— Por que está rindo, Marcos?

— Se você não percebeu, carinho, eu não estava tentando proteger um objeto lá dentro, e sim a mãe do meu filho. Então, acho melhor você se acostumar com isso, porque se eu tiver que fazer a porra de uma cena toda vez que algum idiota se atrever a tocar em você, pode apostar que eu farei.

— Ele só encostou no meu braço — protestou.

— Rachel, mesmo que tivesse sido em apenas um fio de seu cabelo eu estaria com a mesma raiva que estou agora.

— Você está com ciúmes? — perguntou em choque enquanto eu dava pequenos passos em sua direção, fazendo-a apertar os lábios carnudos entre os dentes brancos.

— Isso não é ciúme, carinho, é proteção.

Tudo bem, isso era a porra de ciúme. Muito-maldito-ciúme. Mas quem não ficaria? Rachel era linda, pelo amor de Deus!

— Eu... — Agarrei Rachel pela cintura enquanto uma ideia louca passava pela cabeça.

— Carinho, você poderia me fazer um favor? — Ela assentiu, quase incerta, talvez um pouco atordoada por conta da rouquidão da minha voz. — Vá para o meu escritório e espere por mim lá.

RACHEL

Meu estômago deu pequenas cambalhotas assim que entrei no escritório do Marcos. Eu não tinha estado aqui vezes o suficiente para me acostumar com o lugar, então, enquanto o esperava, eu observei cada polegada do cômodo. O piso era coberto por um carpete escuro, as cadeiras e o sofá, à minha direita, forrados com um couro marrom. A iluminação era quente, não tão clara quanto a do escritório da Montenegro, o que dava ao cômodo um ar mais intimista. Aconchegante.

Eu poderia ver Marcos sentindo-se à vontade aqui por horas a fio, o notebook que ele costumava carregar para todos os lados estava sobre a mesa, mas eu não era curiosa a ponto de querer saber no que ele tinha estado trabalhando essa manhã. Havia também um envelope grosso, com algumas outras correspondências ao redor. Eu estava prestes a ver do que se tratava os documentos quando Marcos abriu e entrou, trazendo com ele uma taça de vinho. Seu olhar se demorou no envelope que eu quase tinha aberto e, tomando um gole de sua bebida, o homem se aproximou de mim e dominou todo o ambiente com sua presença enérgica.

Sem dizer nada, Marcos enlaçou minha cintura. O cheiro do vinho em seu hálito envolvendo-me fortemente. Em um único beijo, consegui sentir a textura encorpada da bebida, o sabor puro e requintado das uvas. Submergi ao passo que a língua agressiva enrolava-se à minha, afogando-me lenta e dolorosamente. Marcos afastou os papéis detrás de mim e me sentou sobre da mesa. A expressão crua em seu rosto dizendo tudo o que eu precisava saber.

MARCOS

Porra, quando foi que comecei a tomar decisões tão estúpidas? Onde eu estava com a maldita cabeça? Foi o pensamento que me atravessou assim que encontrei Rachel a instantes de pegar o envelope sobre a mesa. Aqueles documentos eram uma cópia do acordo pré-nupcial que meu advogado havia me enviado no dia anterior para que eu pudesse dar uma última lida e ver se todas as alterações que pedi estavam presentes. Eu os tinha analisado por alto essa manhã e, como meu escritório era um cômodo ao qual apenas meus funcionários de mais confiança tinham acesso, eu não me importei de deixá-los à vista.

A raiva pela minha estupidez, misturada com a merda que Juan tinha feito, me levou à borda. Afastei-me da sua boca por um segundo e coloquei a taça de vinho ao seu lado, subindo delicadamente o tecido grosso de sua saia. A peça se embolou no alto do seu quadril e eu continuei a encarar a pele branca em contraste com as meias negras que terminavam no topo de sua coxa e eram mantidas pela cinta-liga. Engoli em seco, ao mesmo tempo em que puxava a taça e tomava mais um longo gole da bebida, de onde eu estava eu podia ver a renda preta de sua calcinha, a peça minúscula apertando a boceta lisa e pequena.

— Você tem alguma ideia do que eu quero fazer com você? — murmurei seco, não me achando capaz de dominar os anseios do meu corpo. — Você tem alguma ideia, carinho? — Pressionei sua bochecha e arrastei minha mão até que os fios de seu cabelo estivessem presos em meu punho.

Eu sabia que não poderia levá-la como costumávamos fazer, e a verdade era que eu tinha medo de machucá-la de alguma maneira. A ela ou ao nosso bebê. Isso não significava que nós não poderíamos nos divertir. O sexo lento, feito do jeito certo, poderia ser gostoso também.

— Você é linda, sabia? — sussurrei antes de beijá-la com força, suas pernas se encaixando ao redor do meu quadril. O salto estilete raspando a parte de trás do meu corpo sobre a calça que eu vestia.

Rachel choramingou ao meu elogio e eu facilmente arrastei sua calcinha para baixo. A blusa que ela vestia foi puxada para fora também, deixando-a apenas com a saia enrolada na cintura e o sutiã de renda transparente.

Eu a consumi com beijos e puxões de cabelo e senti seu pequeno corpo se esfregar contra a madeira fria da mesa buscando por alívio, por contato. Embevecido dela, eu mergulhei dois dedos no vinho dentro da taça e rocei seus lábios, a obrigando a chupá-los. Fiz isso e a provei, dessa vez sugando até a última gota do sabor em sua boca. Quando a provocação se tornou tortuosa demais para nós dois, eu mergulhei meus dedos novamente na bebida, os encharcando de vinho, e lambuzei sua boceta com o líquido grená. A temperatura amena fez um choque ao se misturar com o calor que vinha do seu próprio corpo e Rachel arfou, fazendo-me morder seus lindos lábios para mantê-la em silêncio. Meu escritório ficava afastado da adega, mas com o número de convidados eu tinha uma boa parte de meus funcionários andando de um lado para o outro para se certificar de que tudo funcionava corretamente.

Afastando ainda mais as suas pernas, eu beijei seu pescoço, o monte alto de seus seios e escorreguei minha boca por todo o caminho até o seu umbigo. Senti, de alguma forma, a necessidade de venerar o corpo dessa mulher, ela, com toda sua fragilidade, carregava o meu filho. E, porra! Isso mexia comigo. Até então, eu ainda não tinha pensado no quão precioso era o que Rachel estava fazendo.

Deslizando mais para baixo, eu cheguei à sua parte doce, agora escancarada aos meus olhos. Meus dedos espalharam sua excitação cremosa, fazendo uma mistura potente do *Cabernet Sauvignon* com sua própria essência. Primeiro, eu lambi seu clitóris, que implorava por atenção, depois tirei os dedos de dentro dela e os dei para que Rachel os lambesse.

— Prove a si mesma, carinho... veja por que eu sou tão louco por essa boceta apertada.

A boca da Rachel envolveu meus dedos e ela sugou com tanta vontade que por um momento eu quis abandonar sua boceta e beijá-la até que seu corpo se rendesse ao orgasmo apenas assim: com beijos. Minha ratinha merecia uma recompensa por estar sendo boazinha, então eu chupei cada

centímetro da fenda escorregadia no meio de suas pernas, bebi dela como um homem sedento. Minha língua se arrastando pela carne nua, enquanto a barba cobrindo o meu maxilar raspava a pele branca. Deixando suaves arranhões que depois seriam beijados, um a um. Com as mãos soltas eu apertei suas coxas quando, cheia de tesão, ela tentou fechá-las em meu rosto.

— Por favor, Marcos, por favor, por favor... — ela gemeu desesperada e jogou seu corpo para trás, caindo sobre os documentos e os envelopes sobre a minha mesa. O notebook ao seu lado sendo ignorado quando ela finalmente sucumbiu ao orgasmo.

Levantando-me sobre ela, eu agarrei seu quadril, não me importando com os papéis, e voltei a beijar seu abdômen, agora suado por conta do que tínhamos feito. As pernas da Rachel estremeceram ao meu redor quando fitei seus olhos ainda nublados pelo prazer. Naquele raro instante, enquanto a observava respirar com dificuldade, completamente saciada, eu acreditei em nosso futuro juntos.

Acreditei que poderíamos ser felizes.

RACHEL

Marcos me ergueu com cuidado, ajudando-me a vestir a blusa de volta e descendo minha saia pelas pernas, ainda mantendo minha calcinha sob seus cuidados. Meu cabelo escorrido deveria estar uma verdadeira bagunça, assim como a minha cabeça, pensei preguiçosa. O orgasmo causado pelas intensas e vigorosas lambidas do Marcos havia literalmente me arruinado, me fazendo desejar com anseio um longo e quente banho de banheira... e depois algumas boas horas de sono. Sim, isso era tudo de que eu precisava agora.

— Em que está pensando? — Marcos perguntou, se forçando a parecer desinteressado.

— Em dormir. — Isso fez surgir um meio sorriso em seus lábios, como se minha resposta o tivesse agrado.

— Termine de se arrumar e me espere aqui então. — Marcos se afastou por um momento e guardou os papéis sobre a mesa no cofre do escritório. — Eu irei apenas avisar ao Sr. Conrado que o espero para jantar com a gente essa noite e volto para te buscar.

— Eu posso subir sozinha.

— Pode, mas não vai — falou tenso de repente. — Agora seja boazinha e me espere.

Marcos saiu do escritório e eu aproveitei para ajeitar o tecido amarrotado da minha saia. Puxei meu cabelo para o alto em um coque tanto quanto foi possível e tentei limpar meu batom, que

provavelmente borrara com os beijos. Não havia se passado nem cinco minutos desde a sua saída quando a porta voltou a se abrir e Isadora entrou no cômodo. A víbora aborrecida me encarou dos pés à cabeça, fazendo-me sentir envergonhada pelo que tinha acabado de acontecer aqui.

— Vejo que ele te entregou o anel de nossa mãe... — Olhou com desprezo o meu dedo.

— Sinto muito, mas você é a última pessoa com a qual eu desejo passar meu tempo — murmurei, disposta a me afastar antes de me aborrecer. Ignorei a avaliação repulsiva que Isadora fez em mim e caminhei em direção à porta, minha mão já quase tocando a maçaneta quando ela voltou a abrir a boca.

— Não pense nem por um segundo que você é especial para ele, você pode lhe dar um bom momento... — destilou enojada, seu olhar percorrendo a bagunça sobre a mesa. — Mas isso é tudo. Seu propósito nessa família tem prazo, e quando meu irmão sair desse encanto em que o colocou, ele irá perceber o erro que cometeu trazendo uma mulherzinha como você para dentro da nossa casa.

— O que eu te fiz para que me odeie tanto?

Não entrava na minha cabeça o porquê de tanta raiva, tudo bem que eu tinha sido amiga da Mariana quando adolescente, mas isso não era motivo para me desprezar como ela fazia. Desde antes do meu caso com seu irmão surgir, Isadora já parecia ter sete pedras apontadas em minha direção.

— Eu conheço o seu tipo. A garota humilde e doce que está em busca de um pouco de conforto — desdenhou com sarcasmo. — Você está usando o Marcos para subir na vida, não pense que eu não vejo isso!

— Olha, eu tenho tentado ignorar os seus ataques, mas, sinceramente? Você é uma pessoa horrível! Se sente melhor do que todo mundo por causa de um fodido sobrenome! — explodi. — Seu irmão é a única pessoa nesse mundo que te atura, e quer saber? Isso me dá pena! Você está sozinha, não há mais ninguém ao seu lado...

Isadora piscou de repente, sua expressão agressiva dando espaço à incredulidade. Talvez até mesmo choque. Por mais do que alguns instantes, eu realmente cheguei a me arrepender de minhas palavras. A verdade era que eu não deveria retrucar as suas provocações, deveria apenas ignorá-la. Não sabendo o que fazer com a *víbora fria* na minha frente e nem com a vulnerabilidade fugaz que vi em seu rosto, eu dei graças a Deus quando Marcos limpou a garganta, se fazendo presente. Virei-me a fim de explicar o que estava acontecendo, e logo percebi que havia algo de errado.

— Vamos lá, qual das duas vai me explicar a merda que está acontecendo aqui?

Será que Marcos escutou tudo o que havíamos dito uma à outra, ou apenas o que eu tinha

falado?

Capítulo 26

MARCOS

Assustei-me com a palidez em que encontrei minha irmã no meio de meu escritório. Seu rosto destituído de qualquer emoção. Eu não fazia ideia do que provocou ou de quem começou a discussão, porque isso realmente não importava. Minha preocupação foi da Rachel, que parecia se armar contra mim novamente, para a Isadora, que tinha o olhar carregado de nada. Era como se estivesse vazia por dentro.

— Então, quem aqui vai me explicar o que está acontecendo? — insisti para as duas, apesar de continuar a encarar a Rachel. Tudo o que havia escutado ao entrar foram as palavras que ela cuspiu para cima da minha irmã. O que me desagradou profundamente. — Rachel?

Sacudindo a cabeça, ela questionou:

— Por que não pergunta à sua irmã, Marcos? Ela foi a única a me provocar aqui.

— Isso é verdade, Isadora? — Isa não respondeu, em vez disso, se apoiou na mesa, como se não conseguisse respirar. — Isadora?

— Tire essa mulher daqui, Marcos, apenas tire. — Sua voz soou baixa, sufocada. Confuso, olhei para a Rachel e vi que ela parecia assustada com o que quer que estivesse acontecendo.

— Eu... — ela murmurou sem entender nada.

— Deixe-nos a sós, Rachel, depois nós conversamos.

Seus olhos se arregalaram pela surpresa do meu pedido, mas assim como Isadora não a queria por perto presenciando sua crise, eu também não queria. No fundo sempre soube que toda essa amargura e frieza da minha irmã, em algum momento, acabariam por fazê-la explodir.

— Isso é recorrente? — perguntei, não obtendo nenhuma resposta. Isadora se sentou na poltrona, sua atenção voltada para a frente enquanto ela parecia lutar para conseguir respirar. Peguei um copo de água com a intenção de acalmá-la e pedi que o tomasse inteiro. Mas sua mente continuou distante. — Há quanto tempo isso vem acontecendo, Isadora? Por que só estou sabendo agora?

Eu duvidava que essa fosse a primeira vez que esses sintomas a atingiam.

— O que eu deveria ter dito, Marcos? Além disso, você já tem muito com o que se preocupar,

não é? Uma irmã descontrolada é a última coisa de que precisa agora.

— Isso não foi um simples descontrole, Isa, isso foi um ataque de pânico, porra! — A falta de ar, a sensação de sufocamento, os olhos perdidos. Só poderia ser isso, não tinha outra explicação. — Quando começou? — Movi-me inquieto e a questioneei: — Me responda!

— Não importa, porque não irá acontecer de novo.

— Você sabe que não pode controlar algo assim, não é? — Seus olhos frios se fixaram nos meus. — Eu quero que você veja um médico o mais rápido possível.

— Você perdeu o juízo se acha que eu vou me sujeitar à avaliação de um médico qualquer.

— Isso não é um pedido, irmã.

— As pessoas irão comentar, Marcos. Não vê? Se a notícia se espalhar... elas irão pensar que eu estou assim por causa do Henrique.

— E não é por isso?

— Eu não sei — respondeu seca, mas sincera. Não era como se ela tivesse sido apaixonada por aquele desgraçado. Era triste, merda, mas às vezes a impressão que eu tinha era de que minha irmã era incapaz de se permitir sentir qualquer coisa com o poder de desestabilizá-la.

— Não volte a me esconder coisas como essas, Isadora. Eu posso estar sendo duro em minhas atitudes ultimamente, mas se tem uma coisa que eu sempre farei será me preocupar com você. Você é minha irmã — falei enquanto aflagava seu cabelo, deixando-a desconfortável a ponto de enrijecer. Isadora não era acostumada a receber carinho. Eu duvidava que minha mãe em algum momento tivesse conseguido dar isso a ela, não com todas as preocupações sociais e ressentimentos com que lidava em relação ao nosso pai. — Eu não sou como nossa mãe, Isa, nem como o filho da puta que te usou. Você me tira do sério, mas, porra, não tem nada que eu não faria para vê-la bem, entende?

Seus cílios piscaram confusos por alguns instantes, e ela desviou o olhar para o carpete do meu escritório.

— A Rachel não...

— Ela não tinha o direito de falar assim com você.

Eu poderia facilmente esperar uma reação maldosa da minha irmã, eu já estava acostumado com seu veneno. Mas nunca esperei escutar da boca da Rachel algo tão cruel. Ela não era assim. Paciente, eu esperei que Isa se recuperasse do seu ataque, enquanto alimentava por dentro a minha decepção, já imaginando o calor da discussão que teria assim que saísse daqui.

— Ela não teve culpa. — Assisti ao rosto inabalável da minha irmã se transformar em uma careta amarga. Era como se estivesse fazendo um grande esforço para dizer essas palavras. — Eu a provoquei porque estava irritada. Você não me escutou e deu a ela o anel da nossa mãe. Aí os dois desaparecem e quando eu entro aqui encontro essa bagunça...

Eu não saberia dizer o que me deixou mais surpreso, a calma com que Isadora admitiu sua culpa ou o fato de ela ter admitido algo.

— Não vou ser cínica e dizer que aceito sua decisão, eu não vejo isso acontecendo tão cedo. Nós dois sabemos que não há necessidade de casamento para que você obtenha a guarda dessa criança, mas eu desisto de tentar enfiar algum pingo de juízo na sua cabeça, Marcos. Tudo o que posso fazer agora é sentar e assistir ao desastre acontecer.

— Então você irá recuar?

— Entenda como quiser.

Observando-a sair orgulhosa do meu escritório, eu tomei meu tempo analisando todos os sinais que recebi no passado. Talvez, se tivesse prestado um pouco mais de atenção em Isadora, quando ela ainda era uma menina, eu pudesse ter evitado muita dor de cabeça. Minha irmã deveria ter passado por um acompanhamento profissional logo após a morte de nossos pais, essa era a verdade. Mas eu estive tão cego que passei mais tempo me preocupando com os problemas que Mariana causava do que com a perfeição silenciosa da Isadora.

RACHEL

Puxei meu casaco, encolhendo-me um pouco mais dentro dele. Fazia quase uma hora que eu tinha saído de dentro daquela casa precisando arejar meus pensamentos. Depois de subir, trocar minha saia por um jeans e meus saltos por um par de botas confortáveis, eu segui em direção às vinhas. O cheiro doce das uvas maduras misturadas com a terra era relaxante, fazia-me ter a sensação de estar com os pés no chão novamente. Trazia-me de volta para a realidade. Antes que me desse conta, eu estava caminhando por entre as vinhas, era horário de verão, o céu ainda estava claro e alguns funcionários do vinhedo zanzavam pelo lugar. Ignorei os bocejos, meu corpo, que até uma hora atrás tinha estado relaxado e pronto para cair em um profundo sono, agora se encontrava desperto pelo sentimento de derrota.

Eu me sentia insignificante por ter sido colocada para fora daquele escritório. Uma palavra da

Isadora, uma pequena reação dela, e Marcos rapidamente se virava contra mim. *Será que seria sempre assim?*

Afastei da mente o olhar duro que recebi dele antes de deixá-los a sós. E por mais que me culpasse pelo ataque estranho da Isadora, eu imaginei que ele fosse ter ao menos a decência de me escutar antes de dizer qualquer coisa ofensiva. Lembrando a expressão de choque no rosto da víbora, eu não pude deixar de ficar preocupada. A mulher era um carma na minha vida, mas naqueles poucos segundos em que vi a fragilidade percorrer os seus olhos, eu tive uma vontade inexplicável de apagar minhas palavras e abraçá-la, mesmo sabendo que ela não merecia nenhum conforto da minha parte.

Os pensamentos infelizes foram afastados por conta da aproximação de duas crianças correndo em minha direção. Os dois tinham praticamente a mesma idade da Sofia. Eram loirinhos e deveriam ser filhos de alguns dos funcionários que cuidavam da colheita. Uma boa parte deles morava próximo à região e poucos tinham a sorte de terem sido sublocados em alguma das casas dispostas ao redor da vinícola. Quando os dois pares de olhinhos azuis se prenderam aos meus, o meu coração se encheu de uma emoção tão terna que eu fiquei sem reação. Passaram-se apenas duas semanas desde a descoberta do meu bebê e dentro de mim era como se eu o amasse por toda a minha vida. Como se tivesse sido preparada para viver esse momento desde que era pequena.

— Eu não tenho certeza do que estou fazendo, filho, mas confie em mim, tudo o que desejo é o seu bem...

Assim que passei pela porta, adentrando o quarto, eu notei a presença indesejada do Marcos. A fim de não causar mexericos entre os funcionários, ele achou melhor que nós não dormíssemos juntos. Eram poucos os que sabiam a respeito da minha gravidez, que dirá da nossa relação, e como eu só havia aceitado me casar com ele essa manhã, não havia motivos para que dividíssemos o mesmo cômodo.

— Onde você esteve? — Seu cabelo ondulado e escuro parecia em desordem e seu maxilar cerrado lhe dava um aspecto perigoso.

— Você me pediu para sair, e eu saí.

— Pedi para que me deixasse a sós com minha irmã, não para que desaparecesse sem avisar a ninguém. — Ele se calou e passou a mão pelos fios grossos de maneira impaciente. — Você estava

sozinha?

— Você não pode estar falando sério.

— Não costumo brincar, carinho.

Com o olhar penetrante, Marcos se aproximou, cada passo fazendo meu coração saltar uma batida. Pisquei atordoada, e com um gesto que me desarmou, ele segurou meu rosto e me beijou de maneira suave.

— Agora, quanto ao que aconteceu com você e minha irmã, eu espero que entenda que não vou admitir que se repita. Me escutou?

— O que você está dizendo é que a partir de agora eu estou proibida de dizer a verdade a ela, é isso?

— Sim, é isso — Marcos respondeu em definitivo.

— Você está muito enganado se acha que eu vou escutar as ofensas da sua irmã calada. Eu não tenho ideia do que aconteceu hoje, mas isso não apaga as merdas que ela me disse.

— Carinho...

— Não me venha com carinho!

— Esse assunto está encerrado para mim, Rachel — falou, ignorando meu surto e com a voz completamente mansa. — Nós dois temos uma longa noite pela frente ainda, porque não voltamos ao plano inicial e esquecemos a última hora?

Era tão fácil desconfiar dele que eu não conseguia sequer relaxar. A reação que esperava do Marcos não era essa, por isso mesmo tinha levado todo esse tempo para voltar para o meu quarto. Eu estava adiando o nosso embate.

— Você não vai brigar comigo porque eu falei tudo aquilo?

— Não, eu não vou. — Assenti lentamente, cheia de dúvidas.

— E o que você quer dizer com voltar ao plano inicial?

— É bem simples, carinho, eu quero apenas te acariciar enquanto você descansa em meus braços. Você me permite fazer isso?

ISADORA

Logo após a conversa com meu irmão eu voltei para Joinville sentindo a necessidade de ficar sozinha. Antes, é claro, eu me vi obrigada a inventar uma desculpa qualquer para poder fugir do jantar com o Sr. Conrado e recusei a sugestão do Oliver quando ele se ofereceu para voltar comigo. Marcos não ficou satisfeito com minha decisão, mas eu preferi me poupar dos olhares cheios de perguntas que estaria recebendo ao longo da noite caso não saísse de lá.

Encontrei a casa praticamente vazia ao chegar, e, não querendo ser perturbada, dispensei as duas únicas empregadas que haviam permanecido para que elas tirassem o restante do dia de folga. Com intenção de esquecer a discussão que tive essa tarde com a Rachel, eu me concentrei em tomar um longo banho de espuma em minha banheira *vintage*, com pés em ouro maciço. O banho me trouxe a calma que eu precisava para poder colocar em ordem a minha mente depois de tudo. Não iria ser fácil convencer o Marcos de que eu não precisava ver nenhum médico ou especialista, mas eu tentaria.

A última coisa de que precisava nesse momento era ter minha vida dissecada pelos malditos jornalistas. Minha credibilidade como diretora seria colocada à prova, as pessoas me enxergariam de outra forma e eu me veria à beira de perder a única coisa que ainda me sustentava. O respeito. Com meu roupão em volta do corpo, eu abandonei o livro sobre vinhos que me obriguei a ler pelos últimos minutos e fui até o andar inferior, disposta a preparar uma xícara de chá para que pudesse ter um sono tranquilo. A verdade era que eu precisava comer algo, então acabei por preparar um pequeno sanduiche com fatias de peito de peru e patê de salmão.

No instante em que lambi a pontinha da faca, retirando as bordas do patê do talher, eu escutei a porta da frente se fechando. Não tinha como ser nenhum dos seguranças que vigiavam o lado de fora da casa, pois eles não possuíam permissão para entrar aqui, a menos que Marcos autorizasse, então só poderia ser uma pessoa...

— O que está fazendo aqui? — perguntei na defensiva, assim que Ricardo entrou na cozinha. Seria esperar muito que meu irmão confiasse em mim, não é mesmo?

— Marcos me telefonou.

— Aposto que sim, e deixe-me adivinhar. Ele decidiu acabar com a sua folga e te fazer trabalhar um pouco mais?

— Eu não diria trabalhar, gatinha, o pedido soou mais como se ele precisasse de um favor.

— Se isso é tudo...

— O que aconteceu agora? Ele parecia preocupado com você, mais do que o habitual.

— Você e meu irmão se dão conta de que eu não sou nenhuma criança? Que eu tenho 28 anos e que sou uma mulher adulta? Não preciso de ninguém pairando ao meu redor como se a qualquer momento eu fosse pular de uma ponte ou me cortar...

— Nós só estamos... o seu irmão só está preocupado. — Ricardo limpou a garganta.

— Diga ao meu irmão que eu sei me cuidar muito bem sozinha — falei e mordi um pedaço do meu sanduíche.

Ricardo tomou meu silêncio como um convite para que pudesse se sentir à vontade. O que na verdade não era. Seu atrevimento chegou a tal ponto que ele se sentou na minha frente e me assistiu como se estivesse vendo algum tipo de documentário sobre extraterrestres. Enquanto comia, a iluminação fria da cozinha fez com que as rugas quase indetectáveis ao redor dos seus olhos se destacassem. E pensando comigo mesma, se eu não estivesse enganada, poderia dizer que Ricardo estava em seus 30, 32 anos. Não tinha como o homem ser mais velho do que isso.

— Gosta do que vê? — perguntou sério.

— Eu poderia perguntar o mesmo a você.

— Eu ainda não me decidi. — Foda-se ele e sua maldita mania de me provocar.

— Por que você não me deixa em paz e vai brincar de casinha com sua esposa? — Isso o fez fechar a cara.

— Olha, eu prometi ao seu irmão que iria te verificar e aqui estou eu. Seria bom se você cooperasse.

Depois disso eu realmente tentei me concentrar no que comia, mas o silêncio se tornou maior e o fato de ele ter saído de seu lugar para se sentar ao meu lado me deixou nervosa. Ricardo apoiou os braços sobre a mesa e olhou para frente, deixando-me livre para observar seus dedos longos e a mão grande. Mas...

— Será que você saiu com tanta pressa que esqueceu sua aliança em casa? — perguntei, sabendo que isso o irritaria, mas ele não se deu ao trabalho de responder. Seu ombro estava tão próximo do meu que a cada respiração nós nos tocávamos. E eu só continuei a falar porque queria fingir não estar sendo afetada pela maldita tensão entre nós dois. — Você costuma fazer muito isso, não é? Quando nos conhecemos você também não a usava...

— Quando nós dois nos conhecemos não era apropriado. Em alguns trabalhos é bom evitar que

as pessoas conheçam minhas fraquezas. — Na época ele ficava diariamente ao redor do Henrique.

— Ela é sua fraqueza?

— Sim, ela é.

— E você a ama? — Minha pergunta idiota saiu antes que pudesse me conter.

Com os olhos cheios de uma emoção que eu não compreendia, ele se virou e me encarou.

— Eu...

— Não, eu não acho que eu queria saber sobre vocês dois — eu o cortei, já me levantando. — Se você a ama ou não isso não é problema meu. Nós não somos amigos, não somos nada. Então me faça um favor e saia da minha casa. Meu irmão nem sequer precisa saber.

Ricardo me puxou com força para os seus braços, cortando minhas palavras amargas, e me beijou. Fui imprensada contra a parede fria da cozinha e nem isso impediu meu corpo de se rebelar a seu favor. Meu roupão foi aberto com a rapidez de seus dedos ágeis e eu não soube o que fazer, ou como reagir, quando ele apertou meu quadril e me puxou em sua direção. A calcinha que vestia não pareceu ser uma barreira suficiente para nos impedir de cair em pecado. Ele foi tão rápido ao abaixar suas próprias calças como meu corpo foi ao se render.

— Você me tem duro, gatinha... a cada maldito segundo do dia eu estou duro por você. — Pensei que fosse repudiar suas palavras chulas, a maneira como soavam, mas elas só me fizeram mais gananciosa.

Seus dedos, os mesmo que eu havia observado mais cedo, agora estavam prestes a deslizar em direção ao tecido fino de seda. A aspereza de sua pele e a maneira decidida com que ele se aproximava da minha boceta, deixando-me com um misto de anseio e terror. E se eu não conseguisse sentir nada ao seu toque? E se... ele me achasse fria? Seca?

— Pare — pedi, não querendo repetir a experiência que tive com o Henrique.

— Eu não sei se posso fazer isso. — Comecei a me debater e tentar afastá-lo, Ricardo parou seu avanço quando comecei a surtar e me obrigou a encará-lo.

— Se for isso realmente o que você quer, eu paro. Mas se houver uma parcela mínima dentro de você querendo que eu te tome aqui mesmo, nessa cozinha, me diga agora. Porque eu estou faminto, Isadora. Sente isso? — Ricardo apertou seu membro em meu abdômen, fazendo minha boceta reagir e implorar por mais. Como isso era possível? — Quer saber? Não precisa responder, porque eu sei que você sente, e, gatinha? Isso não é nada perto do que eu ainda posso fazer com você. Nada.

Arfando em seus braços, fui eu quem procurou por sua boca com loucura, a tomando de

maneira egoísta mesmo sabendo que ela pertencia a outra mulher. Pelos próximos minutos eu me deixei levar como se nada além de nós dois existisse no mundo. Foi uma explosão que nos deixou sem chão. Ricardo me possuiu, me apertou, tomou cada centímetro do meu corpo. Fez o que quis comigo e eu permiti, porque nunca antes havia sido consumida por uma sensação tão sobre-humana e dolorosa. Era prazer misturado a fome, ao anseio. Desejo cru, quase animal. Senti-lo dentro de mim, indo e vindo com tanto desespero fez-me gemer, gritar malditamente alto.

O que quer que estivesse acontecendo essa noite, a loucura que estávamos fazendo, eu não queria que parasse. Não queria me sentir vazia de novo. Oca por dentro. E foi com esse pensamento assustado que eu me deixei ser arrastada para um mundo completamente diferente. Eu fui tragada para o inferno, puxada e mantida presa lá enquanto queimava em meio a um orgasmo feroz. Senti-me esmagada depois que me recuperei, como se cada pequena parte de mim tivesse sido esticada ao ponto de rasgar. Ricardo não demorou a ter sua liberação, acho até mesmo que conseguimos vir juntos. Meus espasmos ao redor do seu membro foram um incentivo mais do que suficiente para que seu gozo explodisse na camisinha.

Consciente do meu lábio inchado e da mordida que eles tinham agora, eu apoiei minha cabeça contra a parede, ainda ofegante, e apreciei o latejar constante do meu couro cabeludo. O homem havia puxado meu cabelo com força enquanto me penetrava e beijava com a mesma intensidade e desejo. Foi apenas quando Ricardo rosnou baixo, levando-me a abrir os olhos, que consegui enxergar o arrependimento estampado em seu rosto. *Eu deveria ter imaginado que isso viria.*

— Saia! — falei com desprezo antes mesmo de escutar suas desculpas. Eu não queria ouvi-las. Esse homem não significava nada para mim, então eu não tinha por que me importar se o que fizemos havia sido um erro.

— Me escuta, eu não deveria ter te arrastado para isso. Eu cometi um erro.

— Saia daqui. — Já não havia mais qualquer indício de emoção em minha voz.

— Eu vou sair. Só quero que entenda que não sou esse tipo de homem. Em 14 anos, essa é primeira vez que outra mulher mexe com a minha cabeça dessa maneira. E isso me confunde, você me confunde! Ora fria, ora vulnerável. Eu nem ao menos sei o que fazer com você. Desejo algo, mas não sou livre para ter, sabe o inferno que é isso?

— Não é a mim que você tem que se explicar. — Tratei-o com indiferença, não querendo que ele sentisse o desespero em que me encontrava.

Ricardo tinha acabado de admitir que estava há 14 anos com a mesma mulher? Era isso? E por

que isso... me machucava? *Ele não era ninguém, não era nada*, repeti em minha cabeça.

— Eu sei que não é. Só me diga se... você irá ficar bem se eu sair.

— Eu estava bem muito antes de você chegar e é assim que pretendo ficar quando você sair da minha frente.

— Ótimo, volte a erguer a máscara de cadela tensa que isso torna as coisas bem mais fáceis para mim — Ricardo despejou, sem entender minha reação.

Eu o assisti se afastar, em silêncio, enquanto controlava o tremor do meu corpo. *Eu estava sozinha mais uma vez. Isso era bom, não era?*

RACHEL

— Você jura para mim que meu irmão não está te obrigando a se casar com ele? — Mariana perguntou preocupada.

Hoje era o seu primeiro dia de volta à Montenegro, depois da sua longa e maravilhosa lua de mel. Porém, essa já era a segunda vez em que me pergunta a mesma coisa. Por consequência, também era a segunda vez que eu negava. Não que não confiasse nela para contar a verdade, eu só não queria que meus problemas interferissem em sua relação com o Marcos.

— Eu juro, Mariana. E mesmo que eu tivesse um milhão de motivos para não me casar com o Marcos, eu tenho um único motivo a favor que vale por todos os outros contra — disse referindo-me ao meu bebê.

— Eu estou tão feliz que nós duas vamos passar por isso juntas, já consigo até imaginar nossos filhos crescendo. Sendo melhores amigos, indo para a escolinha...

Eu também imaginava tudo isso. A diferença entre a sua gravidez e a minha era de apenas algumas semanas, cinco ou seis, para ser mais exata. E enquanto a minha gravidez ainda era imperceptível, a sua, já aos três meses e meio, começava a se mostrar agora. A viagem ao que parece fez um bem enorme a Mariana, ela exibia seu bronzamento adquirido nas praias europeias e esses 15 dias que passou longe foram o suficiente para que as mudanças em seu corpo se tornassem mais visíveis.

— Acho que pelo nervosismo do Marcos, eu posso apostar que ele também está louco por esse

bebê, não está? — ela indagou. — Eu perdi a conta de quantas vezes o homem me ligou perguntando se seus enjoos eram normais, se eu também sentia tontura, se eu comia pouco como você...

— Ele fez isso?

— Sim — respondeu com um sorriso misterioso no rosto. — Sabe, depois do meu casamento e de ver você sofrendo por causa dele, eu pensei que o melhor fosse que meu irmão te deixasse em paz, Rachel. Eu até mesmo pedi isso a ele, mas está claro para mim agora que ele se importa com você.

Mordi minha língua para não dizer a Mari que se *importar* não era o bastante. Ninguém casa com outra pessoa porque se *importa* com ela.

— Você se lembra daquela vez em que me pediu para ter paciência com meu irmão? — Assenti enquanto continuava a dar uma olhada nos documentos que analisava sobre a mesa. Nós duas estávamos trancadas em sua sala desde as 8h da manhã tentando dar um jeito na bagunça que o gerente de produção havia deixado em nossa ausência.

— Lembro, claro.

— Então eu vou te pedir a mesma coisa agora. Dê um tempo para o meu irmão começar a se acostumar com essa ideia de casamento. Isso é repentino para vocês dois, e eu sei que quando os jornais descobrirem a respeito as coisas podem ficar complicadas, Rachel. Eu nunca gostei da pressão que eles fazem em cima de nossas vidas, mas...

— Mas é algo do qual não se pode fugir, não é? — Ela concordou e voltou a atenção para o seu celular, que havia acabado de vibrar sobre a mesa.

Era inútil fingir que eu não estava preocupada com as especulações que saíram na mídia, porque eu sabia que assim que descobrissem a respeito do casamento e da minha gravidez, eu com certeza me veria no foco de reportagens maliciosas. Marcos evitava discutir esse assunto comigo, acho que ele não queria me preocupar antes do tempo. Tudo o que eu sabia até esse momento era que em breve seu assessor de imprensa iria liberar um comunicado aos jornais e revistas avisando a todos sobre a cerimônia prevista para acontecer em menos de um mês.

Como ele teve tempo para agir tão depressa eu não fazia ideia. A única coisa com que eu tinha que me preocupar agora era com os preparativos da cerimônia e com o meu vestido.

— Hum, Rachel? — Ergui meu olhar. — Meu irmão acaba de me perguntar se você está muito ocupada. Eu respondi que não e ele me pediu para te liberar pelo restante da tarde.

Não entendi o porquê do sorrisinho malicioso no rosto da minha amiga, até porque eu duvidava muito que se Marcos quisesse passar o restante do dia na cama ele iria pedir isso a irmã dele, não é? Enquanto seguia em direção à sua sala, duas recepcionistas, saindo de uma reunião, passaram por mim e assim que me viram diminuíram o tom de voz, deixando claro que falavam a meu respeito. Não dei a mínima para o veneno das duas, o meu antigo cargo e a minha amizade com a Mariana sempre deixaram margem para as fofocas que rolavam pelos corredores e eu quase nunca dava ouvidos. Então apenas as encarei de volta, sustentando meu olhar, e entrei na sala do Marcos.

— Mariana te dispensou?

— Sim, mas será que eu posso saber por quê?

— Pegue sua bolsa então, nós iremos almoçar fora e fazer uma pequena viagem até Florianópolis essa tarde. — Fiquei momentaneamente sem palavras. Se nós iríamos para Florianópolis, isso só podia significar uma coisa.

— Nós estamos indo ver o meu pai?

— Sim, carinho, nós estamos. — Ele acariciou meu rosto, que ainda estava em completo e total choque. — Deixe-me te dizer uma coisa, mesmo que você já tenha aceitado ser a minha esposa, eu me sinto na obrigação de pedir a sua mão, Rachel. Eu quero dar ao seu pai a certeza de que irei cuidar do bem mais precioso dele.

Não consegui esconder o efeito que suas palavras tiveram sobre mim. E, em vez de lutar contra ele, eu envolvi meus braços ao seu redor com a mesma força em que as lágrimas desceram pelo meu rosto. Talvez Marcos não tivesse consciência, mas fazer isso pelo meu pai daria a ele um pouco de paz. Um conforto em meio a dor que ele sentia todos os dias.

— Obrigada, Marcos! — *Você torna tão difícil te odiar*, pensei com o rosto afundado em seu peito.

Capítulo 27

MARCOS

Afastei-me da cama onde Rachel e seu pai conversavam, dando a eles um pouco de privacidade. Foi difícil, para mim, vê-lo se emocionar quando pedi a mão de sua filha, e confesso que um dos fatores que me levaram a vir aqui essa tarde se deu porque, sem querer, acabei descobrindo uma preocupação nele que Rachel desconhecia. Arthur Vidal se culpava por não poder estar ao lado dela como qualquer outro pai estaria. Nas vezes em que se manteve consciente, durante minha visita, ele compartilhou seus medos comigo, o que fez com que nos aproximássemos. Quando dei por mim, as visitas se tornaram bem mais do que uma obrigação.

A princípio tudo o que eu queria era manter Rachel sob controle, me aproximar de seu pai e ter sua confiança, mas assim como me vi mudando de opinião em relação ao papel dela em minha vida, eu também mudei a maneira de me relacionar com o Sr. Vidal. Em alguns dias, quase sempre quando precisava de uma pausa das minhas responsabilidades na Montenegro, eu me sentava em frente à sua cama e passava horas conversando sobre a infância da Rachel. Arthur sentia um orgulho da filha que eu alimentei ao afirmar o quão inteligente e doce ela era. Foi através dessas conversas que descobri a verdade sobre o abandono de sua mãe, e foi nos momentos mais dispersos que ele admitiu o medo que tinha de deixar sua *menina* sofrendo quando ele partisse.

Nesse dia eu não consegui olhar em seus olhos, não podia simplesmente fingir que não era eu o culpado pela bagunça em que Rachel se encontrava. Mas foram essas conversas e esses pequenos momentos de lucidez que me deram a coragem para seguir em frente. Apenas me fizeram desejá-la mais.

— Pode me dar um minuto, Sr. Montenegro? — o Dr. Otto pediu ao me ver me distanciar. Com um aceno eu tranquilizei a Rachel e deixei o quarto logo atrás do Alexandre. Não era absurdo imaginar o que ele pretendia conversar comigo. O homem fez questão de deixar Rachel saber do seu

desagrado quanto ao nosso noivado e praticamente rosnou na minha frente ao ver o anel que ela carregava em seu dedo.

— Algum problema, Dr. Otto? — perguntei com altivez, eu não o deixaria esquecer qual era o seu lugar. Hierarquias sociais existiam por algum motivo, e eu adoraria que o idiota entendesse quem possuía a melhor posição aqui.

— Entre mim e sua noiva não existem segredos, Sr. Montenegro, eu sei muito bem por que ela aceitou fazer parte dessa palhaçada. Você a chantageou no pior momento de sua vida, a obrigou a deixar o pai apenas para satisfazer suas necessidades egoístas e agora... como se o senhor já não tivesse feito o suficiente, ainda vai sujeitá-la a um casamento sem futuro?

— Se não há segredos, então eu estou certo em achar que você sabe que ela está grávida, não é? — Ele assentiu nervoso, era muita ousadia do idiota achar que eu o escutaria sem revidar. — Eu só irei dizer isso uma vez, Dr. Otto. A mulher naquele quarto tem um dono, o bebê dentro dela tem um dono. Encoste a porra de um dedo neles e eu acabo com sua carreira em um piscar de olhos. Torno impossível que qualquer outro hospital nesse país te contrate novamente. Você, como médico, sabe o quão inadequado é receber a filha de um paciente em sua própria casa, não sabe? Principalmente quando ela está tão fragilizada...

— Não distorça o que aconteceu naquele dia, Sr. Montenegro. Tudo o que fiz foi consolá-la em um momento delicado....

— Você não é pago para isso. Seu trabalho não se estende a tanto.

— Rachel tem motivos para temê-lo, mas eu não tenho. O que existe entre nós dois é apenas amizade, sim, suas ameaças vazias não irão me impedir de manter os olhos sobre ela.

Por mim eu já teria afastado o Dr. Otto dos cuidados do Sr. Vidal há muito tempo, mas em consideração a Rachel, eu desisti da ideia de convencer o administrador geral a tomar uma posição quanto à falta de profissionalismo do idiota. Se Alexandre ainda era o chefe do setor de oncologia desse hospital se devia à ingenuidade da minha ratinha.

Porque só sendo muito ingênua para não perceber o quanto o cara era apaixonado por ela.

— Não costumo fazer ameaças vazias — retruquei impassível.

— E promessas? Elas têm algum significado na sua vida? Porque o senhor acabou de prometer a um homem doente cuidar da filha dele, só espero que tenha falado sério, Sr. Montenegro, porque não vejo as coisas ficando mais fáceis...

— O que está querendo dizer?

— O que estou querendo dizer é que o Sr. Vidal não apresenta mais resposta ao tratamento. Nós conseguimos diminuir as dores e o desconforto com a última cirurgia, mas esse não era o único tumor, como o senhor sabe. Minha equipe agora está preocupada apenas em prosseguir com os cuidados paliativos, tornar o restante de sua vida confortável...

— A Rachel sabe disso?

— Minha obrigação como médico é contar, mas estou ciente de que a sua gravidez é delicada. Foi por isso que o chamei aqui, além de dizer que não pretendo me afastar da sua noiva, eu quero que o senhor decida o melhor momento de dar essa notícia.

— Não há melhor momento.

— Você não pode esconder algo assim dela.

— Não queira me dizer como agir, Dr. Otto. *Eu* sou o único que sabe o que é melhor para a Rachel, entenda isso e recue.

— Marcos. — A voz doce da Rachel nos fez virar quase que ao mesmo tempo. — O meu pai... quer vê-lo antes de irmos. — Dei um último olhar ao Dr. Otto. Um que soou muito como mais alerta, e passei pela Rachel.

— *Você a ama, não é?* — Arthur perguntou, levando-me a analisar se ele estava afirmando meus sentimentos pela sua filha ou me questionando a respeito deles.

— Rachel será a minha esposa, senhor. Não há nada que eu não faria por ela. — Ou pelo meu filho, pensei em silêncio. O homem, mesmo sob efeito dos fortes analgésicos, assentiu cansado, como se conseguisse enxergar a verdade por trás da minha resposta evasiva.

A despedida não durou muito, Arthur não costumava permanecer acordado por longos períodos de tempo. Com o terno em uma das mãos, tentei de maneira irritadiça dobrar a manga da minha camisa de linho enquanto deixava o quarto. Cheguei ao corredor, ciente de que havia deixado minha ratinha sob a atenção daquele idiota intrometido e me deparei com uma cena que me deixou ainda mais exaltado. O filho da puta do Dr. Otto tinha seus braços em volta do corpo da Rachel, ele era alto e magro, porém capaz de confortá-la tanto quanto eu era.

— Qualquer coisa de que precisar, você sabe onde me encontrar, Rachel — murmurou para ela, fazendo-me cerrar os dentes. A essa altura o mínimo que eu esperava da parte dele era um pouco de bom senso. Um sinal de que aceitava a derrota como um homem inteligente faria.

No caminho de volta a Joinville, Rachel se manteve mais aérea do que o de costume. Nossa relação atualmente era muito parecida com a sensação de andar em um campo minado. Um passo em falso e uma bomba explodiria facilmente sob nossos pés. Eu vinha me esforçando para ser paciente, dar a ela um pouco de normalidade e sossego. Mas precisava admitir que controlar meu gênio forte não era tão simples como estava fazendo parecer.

— O que está te perturbando, Rachel? — Mesmo com atenção voltada para a estrada, eu peguei seu movimento apreensivo ao meu lado no banco.

— Acho que é bobeira da minha cabeça.

— Diga.

— Meu pai me pareceu tão cansado hoje, Marcos. Sei que Alexandre não me deu esperanças quanto ao seu estado, mas pensei que depois da cirurgia ele fosse pelo menos se sentir um pouco mais forte. Mas isso não aconteceu.

Meus dedos envolveram o couro do volante tão apertado que os tendões se esticaram. Porra, o que eu diria? A verdade não era algo que gostaria de compartilhar com ela, não sabendo o quanto isso a perturbaria.

— Não que eu esperasse um milagre, mas pensei que depois da operação eu teria mais tempo — divagou, quase como se pressentisse o que estava para acontecer. O Dr. Otto não havia me dado um prazo, mas quando o câncer atingia a fase terminal, era de conhecimento geral que o tempo era escasso.

— Rachel — comecei, pensando na melhor maneira de explicar isso a ela. Eu não iria falar sobre a conversa que tive com o Alexandre, mas também não estava disposto a deixá-la cega em meio à tempestade que se aproximava. — Seu pai está tentando. Ele se preocupa com você e tenho certeza de que esse é o único motivo pelo qual ele ainda não desistiu. — Com a estrada à minha frente livre, eu a olhei de soslaio, assistindo à maneira como seus olhos azuis se ofuscaram. — Quanto mais ele resiste, mais doloroso é, carinho, você não pode querer que esse sofrimento

continue.

— Você acha que... ele ainda está vivo por minha causa? — perguntou perplexa, como se não tivesse pensado nessa possibilidade ainda.

— Seu pai tem medo de deixá-la sozinha nesse mundo, Rachel, é isso o que eu penso. — Puxando o ar, minha ratinha apertou seus braços ao redor do seu próprio corpo e engoliu em seco. — Não estou dizendo isso porque quero que se sinta culpada, estou dizendo porque entendo perfeitamente as preocupações dele. Foi assim que me senti quando você desapareceu. Impotente, frustrado. Eu não sabia se você estava em segurança, se tinha alguém cuidando de você. Eu não sabia de nada!

Não era minha intenção enredar a conversa por esse caminho, mas era verdade que eu entendia o medo do pai dela. *Eu o senti na pele*. Rachel escutou meu desabafo calada, ela tinha muito que absorver, então não pressionei. Como poderia? Agitado, continuei a dirigir acelerando o *Alfa* conforme meu sangue fervia por dentro. Queria estar fora desse carro, livre para pegá-la no colo e beijá-la até o desespero que me atormentou por aqueles dois meses fosse novamente esquecido.

— Marcos, eu não quero perder o meu pai. Não estou preparada para isso ainda — sussurrou e me lançou um olhar que eu juro que me fez querer ter o poder de impedir que o pior acontecesse ao Sr. Vidal.

Pela primeira vez na vida, eu me vi preso a uma situação na qual nem meu sobrenome nem meu maldito dinheiro eram capazes de resolver o problema. Dominado pela sensação de impotência, afastei uma de minhas mãos do volante e a coloquei sobre sua coxa onde sua própria mão repousava. Pressionando-a com suavidade enquanto nossos dedos se entrelaçavam. Essa era a minha maneira silenciosa de dizer que se eu pudesse, faria isso por ela. Rachel entendeu a mensagem e se aninhou contra o banco, fechando os olhos azuis em um gesto resignado.

O restante da viagem foi preenchido por frases curtas e comentários aleatórios, não houve paradas, e meu desejo de estar com ela, pele com pele, foi aumentando conforme nos aproximávamos. Isso era o que teria acontecido, se não fosse o fato de que ao chegarmos na entrada da mansão os portões se encontravam bloqueados por jornalistas selvagens que começaram a disparar *flashes* assim que notaram a aproximação do carro.

— O que está acontecendo, Marcos? — Rachel perguntou assustada.

— Isso é o que nós vamos descobrir agora — murmurei entre dentes e acelerei o carro quando os portões foram abertos.

Capítulo 28

RACHEL

— Seu trabalho era cuidar disso, porra! — Marcos rugiu ao telefone enquanto andava de um lado para o outro no escritório da mansão. Eu, por minha vez, estava atordoada demais para me importar com os gritos que ele dava ao seu assessor de imprensa. Meus olhos permaneceram fixos a página online onde a bomba havia explodido, sem conseguir acreditar no que lia.

"Segundo rumores, Marcos Montenegro, um dos solteiros mais cobiçados de Santa Catarina, está a um passo de se casar. A gata borralheira, ops, a sortuda, é ninguém menos do que sua adorável funcionária, Rachel Vidal. Com uma união que contraria todas as apostas feitas pelas famílias tradicionais do estado, Marcos surpreende ao escolher uma mulher tão... distante de sua posição social.

Nós, meros mortais, ficamos maravilhados com a notícia. Mas não podemos deixar de analisar as circunstâncias que levam o presidente de uma das maiores Vinícolas da América Latina a se casar com essa criaturinha incomum. As más línguas dizem que pode estar vindo um bebê por aí...

Mas nós, do Novo Tabloide, preferimos acreditar que o motivo dessa inesperada união seja o amor e não... um acidente de percurso."

Acidente de percurso? Criaturinha incomum? Meu peito afundou conforme fui rolando a barra do site. Droga, uma coisa era *eu* ter consciência do motivo pelo qual esse casamento iria acontecer, outra muito diferente era que cada pessoa dessa cidade soubesse os termos que levavam o todo-poderoso Sr. Montenegro a pedir a minha mão. Fui atingida por uma onda de desespero ao ver uma foto minha no final da matéria, ela havia sido tirada antes que Marcos e eu fôssemos para Florianópolis essa tarde. A mão dele estava nas minhas costas enquanto eu afastava uma mecha do meu cabelo do rosto. A imagem mostrava nitidamente o anel em minha mão e, ao lado, outra foto, mas dessa vez da Lorena Montenegro com a mesma joia em seu dedo.

"De gata borralheira a futura Sra. Montenegro." Era a legenda.

— Eu quero o comunicado em cada maldito jornal desse estado! Não me importa a merda que você tenha que fazer para conseguir isso, escutou?

Mesmo sem conseguir desviar meus olhos das duas imagens — e nem das diferenças óbvias

entre nós duas — eu senti a aproximação intimidante do Marcos. Ele já não estava mais gritando, o que me fez presumir que a ligação havia terminado.

— Eu... não sei se posso fazer isso — admiti assustada com a perspectiva de ver a natureza de nossa relação exposta aos jornais.

— No momento em que disse *sim*, você me deu a sua palavra. Não vou admitir que volte atrás agora, carinho.

As semanas que precederam o casamento foram agitadas, para não dizer turbulentas. Os jornais não nos deixaram em paz. Muito pelo contrário. Eu odiei cada segundo desse tumulto ao meu redor. Saber que cada passo meu era registrado era muito desagradável. Marcos, vendo o quanto esse *frisson* sobre nós dois me fazia mal, conseguiu um mandado judicial proibindo os jornalistas de ficarem em frente à mansão e até mesmo despediu a funcionária que havia dado com a língua nos dentes a respeito do nosso noivado.

Apesar dos rumores e especulações, minha gravidez ainda continuava em segredo. Com três meses, os enjoos se tornaram quase inexistentes e minhas roupas estavam começando só agora a ficarem mais justas. Mesmo assim, somente um olhar bem treinado para descobrir que as mudanças geradas em meu corpo eram fruto de um bebê. A realidade do que estava prestes a acontecer me derrubava com força todas as manhãs. Marcos não voltou a me deixar dormir sozinha, seu quarto aos poucos foi se tornado o meu e não havia nada que eu pudesse fazer contra isso. O homem vinha se mostrando possessivo e irredutível ao extremo em tudo relacionado a mim e ao nosso filho.

Sua preocupação era genuína e seus esforços para *cuidar* de mim notórios. Tanto que tive que aceitar o retorno do Hélio no meu dia a dia, principalmente nas viagens cada vez mais frequentes que eu fazia a Florianópolis para ver meu pai. Não era fácil deixar tudo em Joinville e pegar a estrada, mas conforme o casamento se aproximava, a necessidade de escapar e fingir que nada disso estava acontecendo aumentava de maneira assustadora.

Com tanta coisa com o que lidar, casamento, gravidez, meu pai... a nossa relação. Marcos fez o possível para não me sobrecarregar e acabou contratando uma cerimonialista para cuidar de cada pequeno detalhe dos preparativos, tudo o que eu precisava fazer era dar meu aval no final do dia. Claro que algumas coisas dependiam somente de mim para serem resolvidas, e era por isso que nesse exato momento eu me encontrava coberta por rendas francesas em minha última prova de

vestido. Essa seria a primeira vez que eu teria a ideia real de como entraria na igreja, tudo estava em seu devido lugar. Desde o longo véu até as joias que Mariana me ajudou a escolher da coleção de sua mãe. Por falar em minha amiga, ela e Sofia estavam a apenas alguns passos fora do provador, ansiosas para me verem.

Quando a assistente do estilista terminou de abotoar o último botão nas minhas costas, ela encaixou a tiara no alto de minha cabeça e me olhou como se não acreditasse.

— Eu tenho o orgulho de dizer que minhas noivas saem do meu atelier parecendo verdadeiras princesas, mas você, minha querida, parece uma rainha. Esse é um vestido digno da futura senhora Montenegro — o estilista disse satisfeito com seu próprio trabalho.

Engoli em seco, tão chocada com a mulher refletida no espelho que não reparei quando ele se afastou para deixar que Mariana e Sofia entrassem. As duas ficaram boquiabertas ao me verem, assim como eu havia ficado. Se por um lado os olhinhos da pequena brilharam empolgados, os da Mariana pareceriam questionar o porquê da apreensão em meu rosto. Forçando-me a esconder minha tristeza, eu dei a ela um sorriso receoso. Mantendo para mim toda a mágoa por estar sendo obrigada a me casar dessa maneira. Marcos conseguiu me dar tudo o que o dinheiro poderia comprar, mas nada disso era suficiente. Não quando tudo o que eu desejava era que ele me amasse.

Eu sonhei tanto com esse dia quando era criança. Fui uma boba por crescer idealizando meu casamento, acreditando que iria me casar com um príncipe encantado, como nos contos de fadas. Eu realmente achei que encontraria um homem que me amaria acima de todas as coisas. Um que olharia para mim como se eu fosse o seu mundo.

— Eu também posso casar com meu titio, não é, tia *Rach*? — Sofia me fez rir entre as lágrimas que não consegui segurar.

— Pensei que você já fosse casada com o Gui, Sofia — sua mãe provocou enquanto me ajudava a limpar meu rosto, sem fazer perguntas.

— A *Fafá* disse que posso casar um monte de vezes se eu quiser. Meu papai não vai se importar.

— Claro que não, se depender do seu *papai* você terá todas as suas vontades atendidas — Mariana alfinetou bem-humorada. Ela mesma vivia dizendo que o amor que o Guilherme sentia pela Sofia o deixava cego para as coisas que a pequena aprontava.

— É porque ele me ama, mamãe — Sofia respondeu como se isso explicasse as coisas.

Com um longo suspiro, eu limpei minha mente. Decidida a não me abalar pelas circunstâncias.

Marcos e eu, apesar de tudo, tínhamos conseguido encontrar um equilíbrio em nossa relação. E, de qualquer maneira, era eu quem precisava parar de alimentar esperanças impossíveis. Assim que saímos do atelier do estilista, nós três seguimos até um restaurante que ficava no centro da cidade. Mari e eu estávamos em nosso horário de almoço e em breve precisaríamos voltar a Montenegro. Faltando tão pouco para o meu casamento, eu meio que vinha me desdobrando em duas, três... quantas de mim fossem necessárias para dar conta de tudo.

Marcos odiava isso, por ele minha carreira seria abandonada assim que nos casássemos. Mas eu me recusava a ceder nesse ponto. E antes mesmo que pudéssemos discutir sobre o assunto, eu o avisei de que se o que ele esperava era uma dondoca inútil que ficaria à sua espera todas as noites, ele estava se casando com a mulher errada. *Eu não passei a vida inteira estudando por nada*, disse no final, antes de vê-lo se afastar em mais um acesso de raiva por ser contrariado.

— Santorini, então, né? — Mariana perguntou assim que nos sentamos à mesa. — Aquele lugar costumava ser o refúgio do meu irmão há alguns anos. Quando ele ainda podia se permitir o luxo de se ausentar da Montenegro. Acho que vai fazer bem a vocês dois sumirem por um tempo.

Eu não compartilhava da mesma opinião que minha amiga. Em primeiro lugar porque temia ficar sozinha com o Marcos. E em segundo porque que já tinha sido avisada que a primeira parte da nossa lua de mel seria passada em Madrid. Em meio ao lançamento da linha de vinhos *Premium Exclusive*, que aconteceria na próxima semana. Aí, sim, depois do lançamento, é que partiríamos para Santorini, na Grécia. De acordo com as informações que consegui reunir com o Marcos, a ilha era tranquila, intimista e possuía um pôr do sol de tirar o fôlego.

Não vou negar, assim que contou, eu me peguei pensando que se a vista dessa ilha era capaz de arrancar o fôlego desse homem era porque deveria ser algo realmente incrível. Marcos não era o tipo que se impressionava com pouco.

— Seu irmão tem muito com o que se preocupar agora, Mariana, não pode simplesmente desaparecer.

— O que pode acontecer em poucos dias, Rachel? Isadora ficará no lugar dele, ela nasceu para distribuir ordens. E vai estar tão entretida sentada na cadeira da presidência que nem lembrará que eu existo.

— Você é terrível.

— Aproveitem esse momento, estou falando sério. O casamento de vocês pode ser algo inesperado para todos, mas algo me diz que vai dar certo. O cuidado que meu irmão tem mostrado

com você, a preocupação... Eu nunca o vi agir assim com nenhuma outra mulher, Rachel. E a maneira como ele a olha quando ninguém está vendo, meu Deus, é tão intensa!

Intensa era a maneira como fazíamos amor todas as noites, pensei em silêncio. Em alguns dias, tudo o que Marcos parecia desejar era fundir seu corpo ao meu e esquecer todos os nossos problemas. Ele me consumia com seus beijos, me dominava com seu toque. Nesses momentos não havia ressentimentos ou magoas entre a gente. Éramos apenas duas almas famintas que necessitavam uma da outra para sobreviver.

ISADORA

Cada um dos diretores olhou para mim quando Oliver terminou de demonstrar os índices financeiros do último semestre. Levei um tempo desconcertante para perceber que todos eles esperavam que eu desse continuidade à reunião.

— Bem... — Limpei a garganta. — Qualquer planejamento feito a partir desse mês levará em conta o novo orçamento. Temos que pensar na Montenegro como uma marca global. Que vai além do território que atingimos atualmente. Nós podemos ter o controle no mercado da América Latina e estarmos às vias de conquistar o mercado europeu. Mas ninguém dentro dessa sala está autorizado a pensar de maneira medíocre. No último ano todas as nossas campanhas publicitárias foram reestruturadas para as atuais mudanças...

Essa era a última reunião de planejamento desse semestre, Oliver dominou a primeira hora com explicações sobre o orçamento disponível para os próximos meses e sobre os lucros dos dois últimos trimestres. Marcos escutou a tudo em silêncio, sem dar qualquer opinião, e, por fim, quando terminei minha própria apresentação, ele se levantou e anunciou o que todos já desconfiavam: enquanto ele se afastava para ter a lua de mel com aquela mulherzinha, o controle da Montenegro ficaria em minhas mãos. Para a decepção de muitos.

Quando a reunião foi encerrada, dois ou três diretores me olharam de maneira depreciativa. Depois de anos trabalhando para o meu irmão, qualquer um deles mataria pela confiança que Marcos depositava em mim.

— Fique mais um pouco, Isadora — meu irmão pediu assim que Oliver se levantou ao meu lado. Quando o último diretor passou pela porta e nos deixou a sós, ele prosseguiu. — Vai me explicar o que está acontecendo com você?

Eu o observei atentamente antes de responder.

— Não está acontecendo nada.

— Como andam suas consultas?

Marcos tanto insistiu que acabei concordando com ele em seu pedido para que eu tentasse passar por algumas consultas com um psicólogo. O que ele não imaginava era que essas sessões eram absolutamente inúteis. Porque eu me recusava a sentar em uma sala com um desconhecido e falar sobre minha infância, ou qualquer outro assunto que só dizia respeito a mim. *Era humilhante.*

— Ótimas.

— E o que foi o seu pequeno lapso essa tarde, então? Você não costuma se distrair durante as reuniões.

E não costumava mesmo, por isso, um ato falho que poderia passar facilmente despercebido para qualquer um, para o meu irmão não passou.

— Foi apenas isso, Marcos. Um pequeno lapso — respondi de maneira calma enquanto pegava meu *iPad* e documentos sobre a mesa.

— Não me subestime, Isadora. Você tem se comportado de maneira muito estranha...

— Nada com que você precise se preocupar, irmão. Agora, se me der licença, eu tenho muito trabalho a fazer.

Sem que me desse conta, o ponteiro em meu relógio marcou 20h da noite. Alonguei meu corpo, tenso por causa das horas incansáveis que passei em frente ao computador, e me levantei, indo até a janela que cobria fora a fora a parede do meu escritório. Em dias como os de hoje, em que eu ficava até mais tarde na Montenegro, eu gostava de apreciar a luminosidade que vinha dos prédios ao redor. Cruzei os braços, distraída, e deixei que meus pensamentos fizessem o caminho ao qual eles estavam se acostumando. Desde aquele episódio na cozinha da mansão, eu andava uma bagunça. Tornou-se difícil me concentrar, principalmente porque ainda era obrigada a ter a presença daquele grosseirão ao meu lado.

Marcos foi irredutível quando pedi que me arranjasse outro segurança, perguntou o porquê da minha decisão. Vi-me obrigada a inventar uma desculpa qualquer que, no final, não adiantou de

nada. O homem continuou a me seguir aonde quer que eu fosse. O que só tornava tudo infinitamente pior. Porque, como eu conseguiria arrancar da minha cabeça a sensação das suas mãos sobre minha pele, se a cada vez que olhava para o lado Ricardo estava por perto?

Não houve conversa depois do que aconteceu, pelo menos não uma civilizada. Eu estava irritada pela maneira como aquela noite terminou e o evitei a todo custo. Ou pelo menos tentei. Mas agora, semanas depois, eu sentia como se fosse explodir a qualquer momento por conta das lembranças que me assombravam. Recriminando-me por ser uma idiota, eu me afastei da janela e decidi dar o meu dia por encerrado. Segui pelo corredor deserto, o único som que escutava era o toque dos meus saltos no piso de mármore. Já sabendo o motivo, eu comecei a me sentir mais e mais apreensiva conforme me aproximava do *hall* de entrada do andar da diretoria.

Ultimamente era por ali que Ricardo me esperava quando eu decidia fazer hora extra. Não o questionei na primeira vez que o encontrei sentado em uma das poltronas à minha espera e ele também não fez questão de se explicar. O silêncio entre nós dois significava mais do que qualquer palavra que tínhamos para dizer um ao outro.

— Não, eu estou em um hotel, por enquanto. Clarissa está bem, eu a verifico todos os dias. A última coisa que desejo é magoá-la, cara.

Nem se quisesse conseguiria fugir do que escutava. Afinal, era ele quem se impôs em meu caminho, e não o contrário. Continuei a andar sem me importar com a sua presença, mesmo assim, quando Ricardo se virou e me encarou de volta, eu senti uma vontade inexplicável de recuar. Não dei esse gostinho a ele e continuei determinada. Com a expressão séria, ele se desculpou com quem quer que fosse e enfiou o celular no bolso. Tudo isso sem desviar um só segundo os seus olhos castanhos dos meus.

Forcei-me a caminhar em direção ao elevador, passando por ele no caminho. Ricardo não titubeou e veio logo atrás de mim. Deixando-me tensa. Nós estávamos no décimo sexto andar e enquanto descíamos eu me obriguei a olhar para frente, assistindo à mudança de cada número no letreiro digital. Quando chegamos ao quarto andar... tomei coragem e me virei. A conversa que tinha escutado ainda girando em minha mente.

— Clarissa é o nome da sua esposa?

— Isso faz alguma diferença para você? — perguntou na defensiva.

— Não, não faz — respondi ríspida, meu coração batendo tão forte que nem o barulho do elevador chegando ao térreo foi capaz de me impedir de escutá-lo. Dei um passo à frente, preparada

para sair, quando a mão dele envolveu meu braço e ele pressionou seu corpo musculoso por trás do meu.

— Não é a você que devo explicações, mas naquele dia em que ficamos juntos, eu já estava decidido a pedir um tempo à minha esposa.

— Eu não quero saber... — menti.

— Tem certeza? — *Não, eu não tinha.*

Consciente do homem atrás de mim, eu exalei o ar pesado e encarei a sua imagem através da parede espelhada à nossa frente. Nenhum de nós dois tomou qualquer atitude para deixar o elevador e, quando Ricardo se cansou de esperar por minha resposta, ele estendeu a mão ao meu lado e apertou o botão do último andar.

Ia acontecer de novo...

MARCOS

Era madrugada quando descii para o meu escritório, deixando uma Rachel adormecida sobre a cama. Como em todas as outras noites dessa semana, eu a mantive em meus braços até que ela fosse vencida pelo cansaço. O que só acontecia depois de que transávamos. *Transar*, repeti em silêncio, essa palavra de repente parecia suja para definir o que fazíamos. Sem paciência ou qualquer indício de sono, eu fui direto ao e-mail que estava me impedindo de dormir essa noite e o abri. Lendo mais uma vez a mensagem do meu advogado. Vinicius queria saber o melhor horário para se encontrar com a Rachel e isso, por mais que fosse esperado, me perturbava.

O advogado ainda estava contrariado comigo por ter adiado a leitura do acordo pré-nupcial até a última semana, mas não voltou a tocar no assunto ou me pressionar. Pelo menos não até hoje, quando o prazo para assinatura estava chegando ao limite. Recostado contra a poltrona, e pensando nas minhas opções, eu me vi procurando a gravação da ultrassonografia da Rachel feita há alguns dias. Assim que abri o arquivo, as batidas do coração do meu filho ressoaram na penumbra da sala. Era um som ritmado, tranquilo. E enquanto as escutava, comecei a me questionar sobre o acordo... Eu ainda tinha tempo para alterá-lo, podendo evitar um novo confronto com a Rachel. Mas, porra, era a guarda do meu filho que estava em jogo.

O ranger da porta fez-me levantar o rosto, e meu semblante se anuviou ao ver Rachel ali parada. Meu escritório estava um breu, havia apenas um abajur pequeno ligado ao lado da minha

escrivaninha, e ainda assim foi possível ver o contorno perfeito das suas curvas sob a camisola de seda que ela vestia.

— Eu imaginei que iria te encontrar aqui... — Rachel se aproximou lentamente, enquanto um sorriso tímido surgia em seu rosto.

— Venha aqui. — Eu a puxei quando chegou próximo à mesa e a trouxe para o meu colo. Não demorou nada até que ela se desse conta da gravação na tela.

— Você estava... vendo o nosso bebê? — Ela fitou a imagem do nosso filho e depois me encarou com aquele brilho no olhar de que eu tanto sentia falta.

Por um momento, um longo e tenso momento, cheguei a pensar que Rachel fosse dizer que me amava. Mas não disse. E eu só percebi o quanto desejava escutar essas três palavras saindo de sua boca quando ela sacudiu a cabeça, consternada, e voltou a olhar o computador. Parecia que meu fodido coração era capaz de sentir alguma coisa afinal. Talvez fosse apenas decepção, a questão era que sua resistência em admitir seus sentimentos me feria. Mas em vez de afastá-la e reagir na defensiva como teria feito normalmente, eu a apertei com força e afundei meu rosto em sua nuca, sentindo o perfume suave do seu cabelo longo.

— Às vezes eu quase não acredito que aqui dentro tem um pouquinho de você — minha ratinha falou, pegando-me desprevenido e tocando seu abdômen com carinho.

— Mas tem. — De repente, empolgada, ela se mexeu em meu colo e apontou para a tela.

— Me diga se tem coisa mais preciosa, Marcos, olha as perninhas dele... — murmurou em meio a um sorriso escancarado, deixando-me emocionado de verdade.

— Faça isso de novo.

— O quê?

— Sorrir... faça isso de novo para mim, carinho.

Tímida, ela sorriu e acariciou meu rosto. Roçando os dedos finos na minha barba e queixo como se brincasse comigo. Seus olhos curiosos percorreram o caminho que eles traçavam, me fazendo cerrar os meus próprios, deixando-a livre para fazer o que quisesse comigo. Quando Rachel finalmente me beijou, os lábios doces exigindo os meus, eu sabia que era tarde demais para impedir que o desastre acontecesse.

Eu tinha caído por essa mulher... e caído fundo.

— Você viu a matéria que saiu no Novo Tabloide essa manhã? — Mariana indagou na manhã seguinte, enquanto conferia o cardápio, à procura de algo para a Sofia.

Minha sobrinha entrara em meu escritório essa manhã intimando-me a ir almoçar com ela e sua mãe em seu restaurante favorito. Meu primeiro pensamento foi o de recusar, hoje era o dia em que Vinicius iria se encontrar com a Rachel para discutir sobre o acordo e eu estava impaciente para saber o resultado dessa conversa. Mas qualquer um que me conhecesse pelo menos um pouco, sabia que eu não conseguia dizer não a Sofia.

— Sim, Isadora fez questão de compartilhar comigo a indignação dela logo cedo.

— Posso apostar que sim. Eu até tentei conversar com a Rachel, sabe, mas ela se recusou a tocar nesse assunto. E para ser bem sincera, não acho que ela esteja se sentindo bem hoje, Marcos — confidenciou.

— Por que você diz isso? — perguntei em alerta.

Rachel e eu tomamos o café da manhã juntos, como fazíamos quase todas as manhãs. Mas talvez, por estar com a cabeça quente, eu não tenha prestado a devida atenção a ela. Não por desinteresse, e sim porque sabia que no momento em que lesse a matéria on-line ela iria ficar nervosa. Era vil o que aquela pseudojornalista vinha fazendo desde a revelação do nosso noivado, principalmente porque o elo mais fraco era o que estava sendo mais atingido. As ameaças feitas pelos meus advogados, ao que parece, não estavam surtindo efeito...

— Não sei, eu só a achei mais pálida do que o normal. Ontem percebi que ela estava sentindo dor lombar e a dispensei pelo restante da tarde. Mas em vez de ir para casar e descansar...

— Ela foi ver o pai. — Essa parte ela dividiu comigo, a única coisa que deixou de fora foi a porra da dor. Onde estava o bom senso da Rachel?

— Sim.

Ainda mais agitado, eu olhei para o meu Rolex no pulso e me recostei contra o encosto da cadeira. A sua reunião com o advogado já deveria estar perto do fim. *Merda*, xinguei-me mentalmente! Se eu soubesse ou até mesmo desconfiasse que ela estava mal eu a teria impedido de ir. Vinicius me garantiu que eu não tinha com o que me preocupar, que ele a faria assinar aqueles papéis sem que nenhum contratempo ocorresse. Como meu advogado já há tanto tempo, eu confiava no homem.

— Não discuta com ela pelo que acabei de te dizer — Mariana pediu ao ver que o silêncio se prolongava. E Sofia, que até então esteve correndo e pulando no espaço de diversão do restaurante, voltou à mesa a tempo do nosso almoço ser servido.

— O meu papai ligou? — minha sobrinha perguntou curiosa.

— Ainda não. Ele sabe que iríamos almoçar antes.

— Antes de quê? — eu me intrometi na conversa.

— Meu papai vai viajar e eu vou com ele. — Ela pegou o copo de água sobre a mesa e o segurou com os dedos pequenos.

— Não é uma viagem, eles vão e voltam hoje mesmo. Guilherme está pensando em começar a trabalhar com a raça Árabe e vai se encontrar com um criador no interior do estado.

— Ele *pometeu* que vai me dar um cavalo *alábe*, titio...

Eu não ia compartilhar com minha irmã o que eu pensava sobre esse assunto, porque já havia desistido. Sofia e ela eram farinha do mesmo saco e assim como as mulheres da minha família, obstinadamente teimosas. Por sorte, o bebê que Mariana esperava era um menino. O que iria fazer com que eu não fosse mais o único homem Montenegro a ter que lidar com elas. Porque vou ser sincero, eu as amava e seria capaz de qualquer coisa para protegê-las. Mas tinha dias que ficava à beira da loucura com o tumulto que minhas duas irmãs e minha sobrinha causavam em minha vida.

Quanto a Rachel e o nosso filho, as coisas não eram tão simples. O risco de um aborto no primeiro trimestre fora descartado, mas mesmo assim a Dra. Ana achou melhor enquadrar a Rachel como uma gestante de risco. A pressão dela oscilava muito, e pelo visto as dores ainda eram presentes.

Em relação ao sexo do bebê, Rachel não estava certa se queria ou não descobri-lo antes do nascimento. E mesmo estando ansioso, eu me fiz a promessa de não pressioná-la e deixar as coisas seguirem o rumo natural. Para um homem desacostumado a imprevistos, eu poderia dizer que essa era uma tarefa bastante árdua. Pensar nessa gravidez me trouxe de volta a questão que vinha me inquietando por todo o dia. Dessa vez o futuro estava fora do meu controle...

Uma hora depois, já de volta à Montenegro, eu me encontrava no limite da impaciência. Puto da vida porque Rachel não aparecia e muito menos atendia seu maldito telefone. Fui atormentado por uma variedade de pensamentos, e todos eles com o pior cenário possível. Liguei para a Vera e a deixei em alerta. Liguei para o Vinicius, mas ele já não estava mais em seu escritório. Liguei para a Mariana e até mesmo para o porteiro do edifício. Mas nada.

Até que joguei meu trabalho de lado e me levantei. Caminhando de um ponto ao outro do meu escritório, em um esforço para extravasar o que quer que fosse que estivesse me deixando nervoso.

— Onde você esteve? — Foi a primeira coisa que perguntei quando a porta foi aberta. Meu estômago se retorceu com a visão pálida da Rachel, sua pele estava branca, sem nenhum sinal de cor, e seus olhos fundos. Antes de me responder, eu a vi se arrastar até o sofá como se não aguentasse permanecer de pé por mais tempo. — Rachel, o que foi?

— Nada, eu...

— Por que você não me disse que não estava se sentindo bem? Se eu soubesse teria desmarcado essa merda de reunião com o Vinicius! — falei exasperado, enquanto procurava por algum sinal de magoa ou raiva em seus olhos. A verdade era que se algo acontecesse com ela e com o meu filho por causa desse contrato eu nunca me perdoaria.

— Não disse porque você iria agir exatamente como está agindo agora, Marcos. Além disso, eu precisava ver meu pai antes do nosso casamento — murmurou e escondeu a tristeza que sentia pela piora do quadro do seu pai. — Mas veja pelo lado bom, pelo menos eu assinei logo esses papéis. Acho que se levasse mais um dia seu advogado seria capaz de me estrangular...

— Do que você está falando?

— Sei que Vinicius é um advogado de confiança, Marcos, mas não gostei da maneira como me tratou hoje. Ele parecia estar com pressa e nós quase discutimos. Eu até consegui ler algumas páginas do contrato, as que diziam respeito à divisão de bens, só que depois de um tempo ele começou a me tratar com grosseria... Não sei se foi por causa dele, mas comecei a me sentir enjoada, um pouco tonta. Eu acabei assinando os papéis só para poder sair logo daquele escritório.

Porra, eu ia matar aquele desgraçado! Assim que Rachel saísse da minha sala, eu ligaria para ele e despejaria toda minha raiva e frustração. Tudo bem que a ordem era fazê-la assinar os malditos papéis, mas não à base da pressão. E não à custa do bem-estar dela.

— Foi só isso?

— Sim, por quê?

— Não, por nada. — Levantei-me e puxei o celular do meu bolso. — Eu vou chamar o Hélios e te colocar no carro, ele irá te levar para a mansão e você poderá descansar. Mas nem pense em estar de pé quando eu chegar essa noite, ouviu? — Ela assentiu cansada. — Quanto àquela matéria de hoje...

— Eu não quero falar sobre isso.

— Aquilo tudo não passa de besteira, Rachel. — Minha ratinha olhou para mim incrédula. Era claro que não iria acreditar em mim. Eu fui o idiota que a fez acreditar que existia algum tipo de relação com Pierla e agora, ela estava tendo que lidar não só com especulações sobre nossa relação, como também com as mais baixas comparações. — Se eu tivesse que escolher...

— Pare de falar, porque nós dois sabemos com quem você terminaria, se tivesse escolha.

Nenhum de nós dois falou depois disso e eu me recriminei por tê-la levado a duvidar de si mesma. Em algum momento Rachel iria descobrir a verdade, saber que pelos últimos dois anos ela fora a única mulher que esteve na minha cama. E que assim seria pelo restante da minha vida. No final do expediente, depois de uma tarde incessante de reuniões às pressas e de repassar com Isadora cada um dos pontos nos quais ela deveria se manter focada durante o meu afastamento, eu voltei para a casa e encontrei Rachel coberta por uma manta fina, sentada na poltrona da sacada do meu quarto. Ela tinha em suas mãos um livro sobre gravidez, o qual vinha lendo nesses últimos dias.

Na maioria das vezes, quando descobria algo interessante ou curioso, ela corria para compartilhar a informação comigo. E em outras, ela apenas se aconchegava ao meu lado na cama e lia até pegar no sono. Não querendo acordá-la com minha presença, eu a levei para a nossa cama e a cobri. O livro ficou na cabeceira ao seu lado e eu me afastei, disposto a ir tomar uma ducha rápida antes do jantar desta noite.

Com a toalha enrolada na cintura e o cabelo ainda molhado do banho, eu aparei a barba enquanto pensava. Depois de imaginar um final terrível para o dia de hoje, eu estava aliviado que Rachel se encontrava na segurança do nosso quarto. Faltava pouco agora, e em exatos dois dias ela se tornaria a Sra. Montenegro. Dois malditos dias que iriam durar por toda uma eternidade.

Capítulo 29

MARCOS

Respirei fundo quando o som dos primeiros acordes da marcha nupcial preencheu o interior da igreja. Os convidados pareceram sentir a mesma apreensão que explodia dentro do meu peito, e como um passe de mágica a minha vida passou diante dos meus olhos. Todas as minhas decisões, conquistas e, principalmente, meus erros. Ao fim, a única certeza que restou era a de que era tarde demais para consertar o passado. Eu não iria remexer no que já estava feito, não traria à tona assuntos que poderiam ferir a minha futura esposa. Minha única obrigação agora era a de fazê-la feliz. Mantê-la em segurança.

Rachel era como um pequeno pássaro frágil, pensei ansioso, daqueles que por mais que você tente espantar, sempre voam de volta em busca de atenção e cuidado. Meu pássaro agora tinha um lar, um sobrenome que exigia respeito, e eu não iria permitir que ninguém a ferisse.

Sentada no primeiro degrau do altar, em um canto estratégico, Sofia sorriu para mim. Contenta pelo que estava prestes a acontecer. Minha sobrinha fez seu papel de daminha com perfeição e agora tinha o privilégio de estar acomodada no melhor lugar da igreja para assistir à cerimônia. Um lugar onde, por sinal, ela nem deveria estar. Com a imprensa proibida de entrar na igreja, os convidados estavam livres para expressar sua curiosidade quanto ao casamento. Rachel não havia sido apresentada oficialmente a nenhum deles ainda. Eu a mantive sob minha proteção nesse último mês para evitar que passasse por qualquer tipo de situação constrangedora que a chateasse. Porque era de conhecimento geral que nascer em berço não garantia às mulheres da alta sociedade o tato para lidar com intrusos. E para elas, Rachel, com toda certeza, era uma intrusa.

Muitos dos meus parceiros de negócios também compareceram, assim como tantas outras famílias importantes da região. Inclusive os pais da Pierla, que aparentemente haviam ficado ao lado da filha após o escândalo envolvendo nossos nomes. Eu sabia que a presença deles aqui nada mais era do que uma maneira de mostrar ao mundo que o elo entre nossas famílias ainda existia. Que eles eram superiores a ponto de ignorar a *humilhação* que Pierla passou e comparecer à cerimônia que me uniria a outra mulher. O som da orquestra se elevou, empurrando para longe esses pensamentos. *Havia chegado o momento.*

As portas da antiga catedral foram abertas por dois homens vestidos adequadamente de terno.

Os murmurinhos ganharam vida no instante em que centenas de cabeças se viraram para admirar e julgar a noiva. Os musicistas preencheram o ambiente com os acordes do saxofone, levando-me a ficar mais e mais apreensivo. Quando Rachel apareceu no meu campo de visão, eu senti minha boca secar, as mãos suarem e meu coração dar um salto dentro do peito. Eu não sabia que estava nervoso até o momento em que vi minha mulher vestida de branco, parecendo um anjo em meio à toda hipocrisia que a rodeava.

Rachel manteve seus olhos baixos, o véu longo caindo sobre seus ombros. O cabelo loiro, que eu tanto amava ver, solto e revoltado, preso em um coque alto, elegante. Eu fui obrigado a ver muitas noivas ao longo dos anos, ao cumprir meus encargos sociais. Mas nenhuma delas chegava aos pés da minha ratinha. Não havia nada de exagerado em seu vestido, as joias eram discretas, apesar de valiosas. E diferente do que muitos esperavam, Rachel não parecia ostentar estar prestes a se casar com um homem bilionário, ela estava perfeita em sua simplicidade. Clássica e elegante como a futura Sra. Montenegro deveria ser.

Esperei ansioso pelo momento em que seus olhos se ergueriam e ela me encararia. Não havia ninguém ao lado da Rachel para substituir a ausência do seu pai, ela estava sozinha. A agitação ao redor da igreja foi aumentando a cada passo dado pela noiva, os rostos em volta de mim foram se tornando um borrão e o som agudo dos saxofones, apenas um zunido em meus ouvidos. Os olhos da Rachel finalmente se levantaram, encontrando os meus cheios de apreensão. Tudo naquele momento, todo o maldito mundo, parou de importar.

RACHEL

Por um mísero segundo eu vacilei. Ter todos aqueles olhares sobre mim não ajudou, e enquanto tentava puxar o ar de dentro dos meus pulmões e me forçar a caminhar, eu ignorei cada sussurro e olhar de escrutínio à minha volta. Ou eu fingia estar em uma igreja vazia, onde Marcos e eu éramos os únicos presentes, ou não sei se seria capaz de prosseguir com essa farsa. Porque era isso que nós dois éramos, não é mesmo? Uma lágrima grossa escorreu pelo meu rosto quando pisquei. Hoje deveria ser o dia mais feliz da minha vida, mas eu não estava sabendo lidar com a angústia dentro de mim. Muito menos com a vontade de escapar dessa igreja. Outra lágrima caiu quando pensei no amor que eu sentia pelo homem que me esperava no altar.

Como se sentisse a dúvida que me corroía, Marcos estreitou os olhos, o nervosismo cravado em seu semblante. Quando as vozes se tornaram mais altas, eu percebi que tinha que me decidir. Ou

prosseguiu e aceitava me tornar esposa de alguém que não me amava ou me virava e dava as costas a essa mentira. Atordoada, segurei com mais força o buquê, desejando que meu pai pudesse estar aqui ao meu lado e não naquela cama de hospital. Eu precisava dos seus conselhos, precisava escutar dele que o que estava prestes a fazer era o certo. Porque por mais que machucasse a perspectiva de ficar sem o Marcos, eu ainda estava com medo de colocar minha vida em suas mãos. *Muito medo.*

Sua mudança nesse último mês fez com que nos aproximássemos, me deu uma prévia do que poderíamos ser. Mas e se tudo não passasse de encenação? E se suas promessas fossem apenas um meio para conseguir me dobrar?

Um sussurro mais alto me fez virar o rosto, procurando pela dona da voz. Uma ou duas pessoas sorriram de maneira maliciosa ao ver que eu hesitava em dar o próximo passo. Quando voltei a olhar para frente, procurando pelo Marcos... eu me surpreendi ao vê-lo caminhando em minha direção. Sua confiança inabalável estava presente, o vestindo como uma manta que ele usava com orgulho. Ninguém dentro dessa igreja ousaria questioná-lo, todos eles eram cordeirinhos diante do poder que o sobrenome Montenegro representava.

Enquanto Marcos andava pelo longo corredor da igreja, meu corpo inteiro congelou, a sensação de pânico rasgando outra vez. A cada passo que ele dava, um suspiro ao meu lado era ouvido. Não havia uma só mulher presente nessa igreja imune ao seu charme. O fraque negro cobria com uma perfeição quase indecente os músculos do seu corpo. A barba grossa cobrindo maxilar rígido o deixou com a aparência mais perigosa. E a maneira como ele andou através do tapete vermelho, obstinado e irascível, quebrando todas as regras, para desespero da cerimonialista, só deixou claro o que todos aqui desconfiavam: Marcos agia e pensava como se fosse o dono do mundo.

Ao ficar na minha frente, ele segurou meu braço e beijou minha testa com carinho. Um carinho que contrariava a expressão severa em seu rosto. Um carinho que me deixou boquiaberta.

— Antes de darmos esse passo, antes de você se tornar a minha esposa. Eu preciso que saiba que... se eu tivesse uma escolha, essa escolha seria você. Meu corpo e alma se renderam antes que minha própria razão o fizesse. — Registre suas palavras murmuradas enquanto ele corria os dedos suavemente pela minha bochecha corada. Meu pobre coração se desintegrando bem ali, na frente de todas aquelas pessoas. — Por que acha que fui atrás de você e a obriguei a voltar para mim? Eu nunca teria a deixado sair da minha vida, nunca. Então, por favor, não faça isso comigo agora...

Marcos não se importou que seus quinhentos e tantos convidados estivessem mudos ao nosso redor. Cada um deles tentando entender o que se passava. Ele não pensou nos murmurinhos que sua atitude causaria e, contrariando a todas as tradições, sua boca roçou a minha em um beijo casto que

fez com que minhas lágrimas escapassem desoladas. Respirando seu cheiro, eu sucumbi ao olhar perturbador em seu rosto. Tudo o que eu desejava era poder ficar em seus braços e esquecer todo o resto. A imprensa, os convidados, o padre que nos esperava no altar. Nada mais tinha significado para mim. Apenas o homem à minha frente.

— Deixe-me te levar até o altar, carinho, por favor... — Mordi meus lábios quando ele se afastou, esperando por uma resposta. Presa como estava ao seu magnetismo, eu senti como se meu desejo tivesse se realizado e o mundo à nossa volta desaparecido.

Assentindo vagarosamente, eu deixei que Marcos segurasse minha mão e entrelaçasse seu braço ao meu. Substituindo sem perceber o lugar que pertencia ao homem que me criou e sempre amou. Afastei da minha mente a tristeza de não ter meu paizinho aqui comigo essa noite, garantindo a mim mesma que se algum dia minha mãe voltasse a nos procurar, eu nunca a perdoaria por me deixar sozinha para enfrentar a vida. Eu tinha um filho dentro de mim e não conseguia sequer imaginar ser capaz de fazer algo assim com ele.

Perto do altar, Mariana sorriu para nós dois, aliviada e com os olhos cheios de lágrimas. Percebi que Carmen também tinha se rendido ao que acabara de acontecer e estava emocionada. Sofia, bem, Sofia olhava para o tio dela como se ele fosse um príncipe encantado ou coisa parecida. Seus olhinhos verdes brilhando tão intensamente quanto duas estrelinhas no céu. A cerimônia prosseguiu com todos os convidados perplexos demais para murmurar qualquer coisa que fosse. O silêncio fazia com que as palavras do padre Homero se tornassem mais firmes e significativas. Ele nos fez declamar nossos votos, e quando Marcos, por fim, prometeu cuidar de mim e me respeitar acima de todas as coisas, os últimos resquícios da minha resistência foram empurrados para baixo.

Eu o fitei tão intensamente, que podia sentir o calor irradiando de sua pele. E suas palavras, meu Deus, suas palavras ainda giravam pela minha mente. Gravadas como brasa dentro de mim.

Saímos da catedral e nos dirigimos ao salão do hotel em que seria realizada a festa. Com seu motorista particular na direção, Marcos e eu nos vimos enclausurados na parte de trás do Chrysler, com ele se recusando a parar de me beijar. Era como se não tivesse o suficiente de mim, como se temesse que a qualquer momento eu fosse me virar e correr para longe dele. Da sua vida. Quando por fim sua boca abandonou a minha, eu tentei colocar um pouco de distância, mas o homem simplesmente segurou a minha mão e a apertou. Voltando a entrelaçar nossos dedos. Deixando claro que me queria ao seu lado.

A próxima hora fora passada entre apresentações e conversas. Alguns dos convidados do Marcos sorriram com simpatia ao me conhecer, enquanto outros fizeram questão de demonstrar a

evidente curiosidade que tinham pela minha pessoa. Era como se eu fosse algum tipo de animalzinho exótico retirado do zoológico para a diversão deles. Em um esbarrão rápido, Mariana me contou que grande parte dos convidados presentes ficaram encantados com o gesto do Marcos. Segundo o que me disse, a Carmen fez questão de espalhar que minha hesitação se dera por conta da ausência do meu pai e não porque eu estava à beira de me virar e correr para fora da igreja. Isadora, por sua vez, apesar de presente, parecia estar com a cabeça em outro lugar. Mas ela era o último dos meus pensamentos. *Acho que o último de qualquer pessoa aqui hoje.*

Quando o momento da valsa dos noivos chegou, Marcos me conduziu até o meio do salão com todos a nos observar. Essa era a nossa segunda dança juntos, a primeira como marido e mulher.

— Esqueça todos eles e se concentre apenas em mim, carinho — Marcos murmurou, com um sorriso letal em seus lábios.

Conduzindo-me pelo círculo formado ao nosso redor, eu fui guiada pelos passos confiantes do Marcos. O homem era um exímio dançarino, seu ar aristocrático se fazendo presente até nesse momento. Mesmo nervosa com toda a atenção que atraíamos, eu me concentrei em seu olhar, na maneira indecifrável como ele me olhava. Como me observava. Nenhum dos dois falou nada por um longo tempo, a voz suave e romântica da cantora enaltecendo o momento, enquanto nos fitávamos fixamente. Nosso olhar exprimindo mais do que qualquer palavra seria capaz de fazer.

Em outro momento, outras circunstâncias, talvez eu já tivesse me rendido e assumido o meu amor ao Marcos. E em vez de me questionar, como fazia agora, eu estaria apreciando cada um dos esforços feitos pelo homem. Porque eu juro, ele havia chegado perto, muito perto, de tornar esse dia perfeito.

Capítulo 30

RACHEL

Prendi a respiração quando o cheiro efervescente do Marcos dominou meus sentidos. De pé, eu observava atordoada a vista do *Sheraton*, um dos grandes hotéis de luxo de São Paulo, onde passaríamos nossa noite de núpcias, para, em seguida, logo pela manhã, pegar o primeiro voo para Madrid. Nervosa, senti o peso do dia recair sobre os ombros enquanto escutava o som impressionante das gotas grossas de chuva caírem ao lado de fora. Era verão, mas o tempo na cidade, pelo que Marcos falou, costumava ser imprevisível. Não precisei me virar para ter certeza da sua presença. O cheiro inconfundível do seu sabonete estava muito, muito perto. E sem que ele sequer me tocasse, cada pelo do meu corpo se arrepiou com a proximidade.

— Você teria me deixado... não teria? — A baforada esquentou minha nuca ao mesmo tempo em que os dedos experientes começaram a brincar com a alça fina da minha camisola comprida. A alça direita foi a primeira a deslizar e a agitação em meu estômago triplicou. Eu não sabia se estava nervosa pelo que a noite representava ou pelo que nossa primeira vez juntos como marido e mulher representaria para o resto de nossas vidas. A questão é que eu estava. — Eu enxerguei dentro dos seus olhos, carinho, e você estava a um passo de correr para fora daquela igreja.

— Eu senti medo. — Meu corpo estremeceu quando a barba dele roçou meu ombro e nuca. Marcos inspirou a pele sedosa, absorvendo meu perfume de maneira primitiva.

— O pior é que eu não posso culpá-la — murmurou e, com uma suavidade que não era comum, emaranhou seus dedos nas mechas agora onduladas do meu cabelo. O coque feito para a cerimônia fora destruído na minha pressa para lavar meu corpo, e tudo o que restou foram as ondas do penteado. — Eu sempre te empurro mais do que você pode aguentar. Você diz que *não* e eu digo que *sim*. Você grita e eu explodo. É assim que temos sido, não é?

— Sim — respondi, não entendendo o seu ponto.

— Quer saber o que pensei quando você hesitou naquele corredor?

Fechei meus olhos quando um gemido baixo escapou da minha garganta, Marcos envolveu meu corpo e manteve meu cabelo afastado enquanto sussurrava ao pé do meu ouvido.

— Diga, Rachel, você quer saber?

— Qu-quero.

— Eu pensei que fosse enlouquecer... pensei na miséria de homem que me tornei quando você fugiu e, porra, eu entrei em desespero. Meu primeiro pensamento foi te arrastar por aquela igreja. Isso não me deixa orgulhoso, mas eu teria feito isso. E quer saber por quê? — Não fazia ideia de quem de nós estava mais sem fôlego. As palavras do Marcos vinham como punhais rasgando minha pele, mas não era dor que eu sentia. Era alívio. — Teria feito porque eu não consigo viver sem você. Não importa o quanto eu tente me convencer de que posso nem do quanto você grite que me odeia. Eu simplesmente não consigo!

Solucei um choramingo quando Marcos me virou e empurrou contra o vidro da janela. Seu olhar crepitou algo tão selvagem e primitivo que fez com que cada parte do meu corpo pulsasse por ele. Não foram poucas as vezes em que presenciei as explosões desse homem. Foram muitas. Mas nunca com essas palavras. E nunca uma que me afetasse tanto.

— Eu estou fodido, estou deixando a porra do que sinto por você me controlar, igualzinho aconteceu com o meu pai! — ele falou como se isso o atormentasse.

— Você não é como ele. E mesmo que fosse...

— Meu pai destruiu a minha família, Rachel, a loucura que ele sentia por aquela mulher...

— O que seu pai sentia não era loucura, Marcos, era paixão!

Eu não sabia por que estávamos trazendo isso à tona, principalmente, porque esse era um assunto que sempre o perturbou. Nós quase nunca falávamos sobre os seus pais e quando o fazíamos, o ressentimento do Marcos pelo Sr. Montenegro era visível. O pior não era isso, o pior era ver o esforço que ele estava fazendo agora para se convencer de que o que existia entre nós dois era um erro. Uma loucura.

— Foi aquilo que o tornou fraco.

— Não. — Sacudi minha cabeça, convicta. — Foi aquilo que... o salvou.

Incerta do que fazer, eu acariciei seu rosto atormentado. Sabendo que não havia mais nada a ser dito. A outra alça da minha camisola escorregou e Marcos desviou os olhos para a pele do meu ombro, como uma carícia poderosa. A seda deslizou pelo meu corpo, sem nenhum incentivo, fazendo sua atenção descer conforme minha nudez se revelava. Eu o vi engolir em seco, seu pomo do Adão se movendo lentamente enquanto ele chupava os próprios lábios. Quando voltou a me encarar, tudo o que enxerguei dentro dele foi desejo, um desespero irascível e possessivo. Com um impulso rápido, Marcos puxou minhas pernas, as envolvendo ao redor dele e a toalha em volta do seu quadril caiu,

expondo o membro duro.

Marcos não titubeou e me penetrou com um só golpe, me tomou como sua esposa e possuiu meu corpo com uma reverência que quase me fez chorar. Seus movimentos para dentro do mim eram incessantes, apaixonados. E de alguma maneira louca, eu pude sentir nossos corações batendo com a mesma intensidade. O mesmo ritmo.

MARCOS

Encarei os lábios da Rachel, sua boca entreaberta puxando o ar, ofegante, e voltei a olhar dentro dos seus olhos. O que essa mulher estava fazendo comigo? Porra, ela me tinha em torno do seu dedo e não fazia ideia. Prendendo suas mãos no alto de sua cabeça, eu continuei a me perder dentro da sua boceta apertada. Rachel me recebeu encharcada, pingando de tanto tesão. O desejo de possuí-la já não era o bastante. Eu precisava de mais e isso me deixava insano. Será que foi assim que meu pai se sentiu ao estar com aquela mulher? Será que foi esse maldito desejo que o fez querer abandonar tudo?

— Por favor, Marcos — Rachel suplicou, trazendo-me de volta à realidade, e arqueou os seios com a onda de prazer que se apossou do seu corpo. Apertei-a em meus braços e, sem pensar direito, passei a me mover lentamente enquanto cobria sua boca com meus beijos.

— Por favor o que, carinho? Você quer que eu te faça gozar, é isso?

— Sim. — Ela arregalou aqueles olhos lindos para mim, fazendo meu pau latejar com a visão da sua língua roçando os dentes brancos. — Eu preciso tanto de você, por favor. — A confissão bateu fundo em meu peito e, por algum motivo, eu sabia que ela estava falando além do desejo que sentíamos.

— Nós estamos no último andar desse hotel... — arrastei as palavras, controlando meus impulsos. — São Paulo está sob nossos pés e, mesmo assim, você é a única coisa para a qual eu anseio olhar.

Rachel ofegou e virou seu rosto, tendo um vislumbre parcial da cidade. As luzes dos edifícios, os carros, os sons... Seu pequeno corpo pulsou ao redor do meu pau enquanto olhávamos juntos toda a movimentação abaixo de nós. Não havia pressa para terminar o que começamos, esse ato impetuoso não se tratava apenas de sexo. No fundo da minha alma, eu sabia o que significava e não estava sabendo como lidar isso. Sem que ela esperasse, eu cravei minhas mãos com força em seu

quadril e voltei a golpeá-la fundo em sua boceta. Rachel enlaçou meu pescoço e retribuiu aos meus beijos com impaciência. Havia em cada um de seus gestos toda a paixão e amor que ela me negava diariamente. E eu os tomei um a um.

Com minha ratinha ainda em meu colo, eu atravessei a suíte e a levei para o centro da imensa cama do hotel. Como uma gata arisca e carente, ela me arranhou quando a puxei para o meu pau novamente. Choramingando ao deslizar por toda a minha extensão.

— Isso, carinho... isso... que boceta gostosa — rosnei já quase explodindo. Com ela montada em mim, eu apertei as nádegas carnudas e a ajudei a subir e descer no meu pau sem o menor esforço.

Suas coxas tremiam ao redor do meu quadril e os seios roçavam a pele do meu tórax repetidas vezes. Os mamilos duros raspando meus músculos como uma provocação inocente. Mas nada em nosso sexo era inocente. Quando o som molhado da sua boceta me engolindo ressoou pelo quarto, eu puxei seu cabelo com força, fazendo-a arquear, e caí de boca naqueles dois cumes inchados e sensíveis. O grito que escapou de seus lábios quase me fez gozar, eu o abafei com a violência da minha língua e continuei a consumi-la. O temporal caindo lá fora se misturou à tempestade que fazíamos sobre os lençóis, havia suor, havia fogo... Um desejo tão carnal, uma vontade dela tão intensa e dolorosa, que apenas o pensamento de perdê-la me deixava em pânico.

Minhas estocadas se tornaram mais profundas, Rachel havia se rendido. E quando o orgasmo a atingiu, ela sucumbiu com tanta força ao prazer que se liquefez em meus braços. Por um segundo cheguei a pensar que tínhamos ido longe demais, que eu a tinha empurrado mais do que seu pequeno corpo suportava, e enquanto esperava que recobrasse a consciência, fui deixando beijos gananciosos em sua boca.

Rachel, daquele jeitinho dela, sorriu satisfeita e entrelaçou os próprios dedos no meu cabelo. Ansiosa por mais, ela se recuperou do prazer provocado pelo orgasmo e começou a cavalgar no meu pau. O barulho dos nossos corpos se fundindo, da sua coxa batendo contra a minha... dos seus gemidos... logo me empurraram para o abismo e, em questão de minutos, eu a enchi com meu gozo.

— Porra! — Colei minha boca na dela de maneira selvagem. — Você foi feita... para mim... caralho. Não tem outra explicação!

RACHEL

Desci a escadaria principal da mansão da família do Sr. Conrado com todo o cuidado do

mundo para não pisar na cauda do meu vestido. E se eu, na minha tola ingenuidade, considerava as residências dos Montenegro exagerada, era porque nunca tinha me deparado com nada como isso aqui. Até mesmo o corrimão das escadas tinham filetes de ouro, assim como muitos dos objetos de decoração espalhados pelos cômodos. A pedido do Sr. Conrado, e da sua segunda esposa, Olívia, Marcos e eu estávamos hospedados em sua casa, em vez de em um hotel no centro. Apesar de ter adorado cada ponto que conheci da cidade em minhas andanças turísticas, eu não via a hora de partir para a Grécia. Que era o que iria acontecer amanhã, se tudo desse certo no lançamento essa noite.

Eu sabia que boa parte do tempo que passaríamos aqui na Espanha, Marcos gastaria trabalhando ou resolvendo imprevistos. E enquanto ele se ausentava eu me aventurei pelas ruelas e conheci um pouco mais da cidade onde, por anos, escutei as meninas do meu colégio se gabarem de ter passado as férias. Durante a manhã eu agia como uma verdadeira turista, com um mapa das linhas de metrô em mãos e um guia dos melhores pontos turísticos. E à noite eu me via acompanhando Marcos em concertos e restaurantes sofisticados. As noites aqui eram lindas, quase sempre envolvidas em uma áurea romântica, e eu me delicieei com os momentos em que escutei Marcos pôr à prova o seu espanhol.

Chegando ao andar inferior, me deparei com os três homens reunidos, Marcos, Juan e o Sr. Conrado. Cada um com um copo de bebida em mãos. Aproximando-me deles, eu endireitei meu corpo e alisei a saia do vestido longo. A escolha para essa noite era um legítimo Valentino, que a Olívia, com toda sua efusividade, me forçou a adquirir na manhã em que fizemos compras em uma de suas *boutiques* favoritas. O valor era um absurdo, quase ilegal, mas a mulher me garantiu com seu charmoso sotaque que o vestido transformaria meu *querido esposo* em um verdadeiro animal quando chegasse o momento.

Entendi o que ela insinuou e estive a um passo de acrescentar que Marcos não precisava de vestido algum para agir como um animal na cama. Ele era a encarnação de tudo de mais primitivo que existia. O ar aristocrático e a elegância dos seus atos eram costumeiramente colocados abaixo quando ficávamos a sós dentro de um quarto.

— *Con el debido respecto a la señorita, pero se encuentra muy hermosa esta noche* — Juan elogiou enérgico assim que notou minha presença, ao passo que Marcos se virava para me ver. Assisti-o percorrer cada centímetro do meu corpo em uma avaliação minuciosa e engoli em seco com a maneira como me encarou depois de tudo. — *No es verdad, ¿Sr. Montenegro?*

Marcos assentiu sério e envolveu seu braço em minha cintura, passando uma mensagem clara e direta ao homem. Ao chegarmos ao hotel onde ocorreria o lançamento da linha *Premium Exclusive*, eu fiquei atordoada com o que encontrei. O salão era enorme, com vários lustres de cristais que

caíam em cascatas pelo teto. Um trio de cordas, formado por dois violinistas e um violoncelo, tocava uma sonata agradável ao fundo do ambiente enquanto os convidados se espalhavam ao redor do salão.

Eu não duvidava da eficiência da Isadora e, vendo tudo o que conseguiu organizar estando do outro lado do oceano, era fácil entender por que Marcos confiava tanto na irmã. Enquanto os garçons passeavam discretamente oferecendo os principais vinhos do lançamento, eu observei o quanto as mulheres e os homens espanhóis eram charmosos. Os homens, em especial, sabiam ser bastante envolventes quando queriam. Não havia aquela frieza que eu estava acostumava a ver na alta sociedade brasileira. Apesar da sofisticação, todos aqui pareciam alegres e gentis.

A única presença que eu lamentava essa noite era a do Juan. Ele não parecia derrotado pelo fato de que agora eu era uma mulher casada. E até estando longe seu olhar parecia me seguir pelo salão. Por infelicidade, no momento em que o Marcos e o Sr. Conrado subiram no palco para fazer o discurso e as apresentações, eu me vi cercada por ele.

— *Es una pena que lo amas, yo podría hacer de ti una mujer muy contente* — Juan murmurou.

— Como? — contra-ataquei, o pegando de surpresa, seus olhos verdes brilhando em diversão.

— *Yo podría amarte, llevarte a ver el mundo ... y disfrutarte en mi cama...*

Engasguei com sua pretensão, ele *queria me desfrutar em sua cama*? No final, em vez de responder com alguma grosseria, eu acabei sorrindo. Seus galanteios, apesar de irritarem o Marcos, eram apenas isso. Galanteios.

— Será que todos os espanhóis são como você?

— *Sí, algunos mejores, otros peores.*

— Você é um dos piores, estou certa? — Ele riu alto, atraindo alguns olhares em nossa direção.

Quando a apresentação do Marcos terminou, Juan foi esperto ao se afastar, não sem antes beijar meu rosto e sussurrar:

— *Soy el mejor, mi bella, el mejor...*

MARCOS

Quem aquele playboy espanhol pensava que era para ter a ousadia de beijar minha esposa?, pensei enquanto arrastava Rachel de maneira discreta para fora do salão. Mais precisamente para a parte de trás do palco onde tinha feito minha apresentação ainda há pouco. O corredor era escuro e coberto por grandes cortinas vermelhas.

— Aonde você está me levando, Marcos?

— Ele te beijou — afirmei, vendo seus olhos faiscarem. O vestido indecente que cobria seu corpo havia me deixado duro desde que bati os olhos nela. O maldito *gritava sexo* por todos os lados.

Cada uma de suas curvas estavam expostas para quem desejasse ver. Seu quadril arredondado forrado pelo tecido vermelho sangue, assim como seus lábios. Isso deveria ser proibido, merda. Era uma distração até mesmo para o homem mais compenetrado. Se a tortura ainda não fosse o bastante, o decote sem alças exibia com orgulho os seios cheios. E eles, que sempre foram generosos, pareciam ainda maiores aos três meses de gravidez. Como eu poderia não perder a cabeça?

— Foi no rosto...

— Não importa, ninguém beija a minha esposa! — garanti a ela, que tinha aquela expressão confusa no rosto. — Ninguém toca — falei suave, pressionando-a contra a parede. — Ninguém sente. — Segurei sua nuca, e Rachel entreabriu os lábios vermelhos, se preparando sem se dar conta para o beijo possessivo que eu pretendia lhe dar. — Só eu, carinho, apenas eu. — Minha boca cobriu a sua e em questão de segundos eu a tinha ofegando em meus braços.

RACHEL

Como Marcos prometeu, nós passamos o restante de nossa lua de mel em Santorini. Não havia Juan, não havia Sr. Conrado nem mais ninguém para nos perturbar. A ilha, assim como imaginei, era incrível. Nós ficamos em um pequeno hotel com vista para o mar Egeu. Nossa suíte tinha sua própria piscina e Marcos e eu saíamos apenas para jantar pelos arredores, às vezes nas tavernas, às vezes em charmosos restaurantes. Amanhã, infelizmente, seria o nosso último dia na Grécia. O voo para o Brasil sairia cedo e eu estava tentando não pensar em como ficaríamos quando voltássemos. Aqui, em meio a esse cenário lúdico, era como se nosso passado não existisse. As lembranças não me atormentavam nem me faziam sentir culpa por ceder ao homem que eu amava.

Exausta, dei um último mergulho e saí da piscina. Marcos estava a apenas alguns metros de distância, sentado na mesinha enquanto verificava os e-mails que Isadora enviara essa manhã. Ele não gostava de me perder de vista, por isso, em vez de trabalhar em nosso quarto, preferiu se juntar a

mim junto com o seu inseparável notebook. O sol parecia mais quente do que o dos outros dias, minha pele ardia um pouco e eu sabia que se continuasse exposta, até o final do dia, estaria bastante vermelha. Ao contrário do Marcos, que depois de quase uma semana sob o sol da Grécia exibia um bronzado sexy.

Observei-o sem o menor pudor enquanto me enxugava na beirada da piscina. Seu cabelo despenteado estava jogado para trás, e a bermuda que vestia o deixava distante do homem que ele era normalmente. A camisa leve com os botões abertos ostentava os poucos pelos que ele tinha em seu peito, além dos músculos. De tempos em tempos, eu o pegava me olhando, e apesar da vontade de puxá-lo para a água comigo, eu o deixei trabalhar. Sabia que todos esses dias afastados iriam exigir muito dele quando voltássemos.

Era uma pena que nossa lua de mel tivesse passado tão rápido, claro que a nossa não foi tão longa quanto à da Mariana. Marcos não tinha condições de se ausentar por tanto tempo assim, mas pelo tempo em que durou, foi especial. Talvez eu estivesse sendo uma tola por deixá-lo ficar sob minha pele. Os hormônios loucos da gravidez me empurravam em sua direção em busca da segurança que encontrava apenas nos braços dele. E mesmo que ainda estivesse ferida e ressentida, eu não conseguia me impedir de amá-lo.

Afastando-me da piscina, eu cheguei até ele por trás e passei os dedos pelo seu cabelo revoltado. Marcos fez um som parecido com o de um gemido e parou o que estava fazendo quando comecei a massagear seus ombros tensos.

— Está tudo bem em casa?

— Não tenho certeza.

— Por quê?

— Mariana recebeu uma ligação aflita da Vera dizendo que Isadora tem passado algumas noites fora de casa

— Fora de casa? Mas isso...

— Pois é, minha única suspeita é o Oliver. — Marcos empurrou sua cabeça para trás, apreciando a massagem.

— Não. O Oliver até pode sentir atração por ela, mas não acho que sua irmã retribua, Marcos.

— Por que não?

— A maneira como ela olha para ele não é a maneira de alguém que está interessada. — Pensei um pouco nisso, e me lembrei da vez em que peguei Isadora trocando olhares com o... *Não*, ela

nunca olharia para um segurança com segundas intenções. Eu deveria estar imaginando coisas.

— Você suspeita de alguém?

— Não — murmurei sem a coragem de compartilhar com ele a minha desconfiança. — Mas escute o que eu digo, não é o Oliver.

Disposta a tomar uma ducha antes do almoço, eu me afastei e entrei no quarto sem conseguir arrancar as suspeitas da minha mente. A troca de olhares entre os dois, naquele dia, fora tão rápida que quase passou despercebida. Ele era o homem de confiança do Marcos, tinha total acesso à Montenegro e à mansão, mas definitivamente não fazia o tipo da senhorita *não me toque*. Não mesmo. Distraída, eu não notei que Marcos me seguia até o momento em que seus braços me puxaram e um sussurro rouco em meu ouvido fez surgir um sorriso em meus lábios.

— Fique nua para mim... agora!

MARCOS

Observei o momento em que Rachel abriu os olhos, sonolenta. Um estado constante conforme sua gravidez avançava. E enquanto ela reclamava por ainda sentir sono eu alisei sua perna. A última meia-hora fora passada em uma ligação com a Isadora. Preocupado com minha irmã, eu acabei ligando para sondar a respeito do seu sumiço durante as noites, mas descobri que esse era o menor dos meus problemas. Desde que encerrei o telefonema, a agitação e a raiva tinham tomado conta de mim. Amanhã, assim que pisássemos no país, Rachel seria bombardeada por todos os lados pelas notícias a respeito da sua gravidez e eu não tinha como impedir que isso acontecesse. Sentia-me frustrado, de mãos atadas.

Segundo Isadora, nem ela nem os advogados faziam a menor ideia de como a notícia havia chegado à imprensa. E eu tinha que admitir que foi falha minha não ter feito nenhum tipo de controle de danos, não ter me prevenido a respeito desse assunto. Que a gravidez dela em algum momento iria acabar sendo explorada em todos os jornais, isso era óbvio. Eu só não me conformava com o ataque brutal que os veículos sensacionalistas estavam dirigindo à minha esposa.

— Como vocês dois estão se sentindo? — perguntei, ao perceber que ela não tinha a menor intenção de se levantar, e deslizei minha mão para o seu abdômen nu. Um carinho que fazia sempre que podia.

— Com fome. — Rachel sorriu de maneira doce, atingindo diretamente o meu coração.

— Eu fiz nosso pedido. Logo, logo eles devem estar trazendo.

Ela se endireitou na cama, sem a menor vergonha de expor aqueles seios redondos para mim. A única peça de roupa que a cobria era a calcinha de renda que colocara depois do nosso banho juntos. Eu apreciava vê-la assim, à vontade ao meu redor. Sem pudores e, principalmente... sem roupa.

— Por que está tão sério?

— Nós precisamos conversar, carinho.

— Eu não gosto de como você está soando... Aconteceu alguma coisa?

— Isadora e meus advogados estão nesse momento tentando abafar a notícia e lidar com os danos. Se dependesse de mim, eu te pouparia dessa merda toda, mas não acho que vai ser possível, e quando voltarmos...

— Diga logo o aconteceu — pediu baixinho.

— Os jornais já sabem sobre a sua gravidez. — Rachel empalideceu, piscando os olhos sem acreditar.

— Onde está meu celular? — Eu já imaginava que ela iria querer ler as matérias e por isso mesmo o tirei de seu alcance.

— Não acho que seja uma boa ideia.

Ela se levantou e começou a procurar pelo aparelho sem me dar ouvidos.

— Você não tem que achar nada, eu quero o meu celular, Marcos. Se é sobre mim que esses idiotas estão falando, eu tenho o maldito direito de saber!

— E eu, como seu marido, tenho o maldito direito de fazer o que é melhor para você. — Segurei-a para que parasse de se mover como uma louca pelo quarto.

— Não venha com esse seu machismo para cima de mim!

— Então não me contrarie, porra!

Por um momento pensei que Rachel fosse gritar e espernear, mas em vez disso, ela afastou minhas mãos e me deu as costas, cobrindo o corpo com o roupão de seda e saindo do quarto. Eu a vi andar aflita de um lado para o outro na área externa por vários minutos, enquanto tentava me convencer de que o melhor para ela, desta vez, seria poupá-la.

RACHEL

Assim que Marcos se afastou, ao telefone, e foi para a varanda da nossa suíte, eu entrei no banheiro e procurei nos bolsos da sua bermuda o meu celular. Era minha decisão saber ou não o que estavam dizendo a meu respeito, e por mais que no fundo eu soubesse que ele queria apenas me proteger, Marcos não tinha o direito de decidir por mim. A primeira coisa que fiz ao encontrar o aparelho foi desbloquear a tela e digitar o site que já mantinha na memória. Eu não entendia por que essa jornalista sentia tanto prazer em azucrinar os Montenegro, mas nos últimos tempos ela parecia fazer isso cada vez com mais frequência.

Cliquei na notícia de destaque e respirei fundo ao ver imagens minhas e do Marcos saindo da igreja. Nervosa, eu rolei a tela para baixo e todo o meu estômago retorceu em um nó ao ler alguns trechos da matéria.

"Quando um homem poderoso se rende à armadilha de uma mulher."

"É uma pena que um dos casamentos mais comentados da última década tenha ocorrido porque a noiva soube como usar... as armas certas."

"Seria esse bebê um herdeiro indesejado?"

Eu não consegui continuar, as palavras machucavam o meu peito. Tudo escrito ali era um lixo. Insinuações descabidas e maldosas que deixavam claro o que todos agora deveriam estar pensando a meu respeito. Em choque, eu me apoiei contra a parede ao mesmo tempo em que meu celular escorregava das minhas mãos. As lágrimas nublaram meus olhos, eu queria gritar de raiva, de ódio... Quando isso iria parar? Quando eu teria um pouco de paz?

— Porra, por que você tem que ser tão teimosa? — Marcos entrou abruptamente no banheiro e me puxou para o conforto dos seus braços.

— Eles acham que eu... — As palavras ficaram engasgadas.

— Eu não me importo com o que eles acham. Eu não me importo com porra nenhuma que não seja você e o nosso filho.

Isso me fez olhar para ele, olhar de verdade. Ver além do que Marcos dizia. Havia tanta mágoa entre a gente, tantos desentendimentos. Será que, algum dia, nós dois seríamos capazes de esquecer tudo?

Capítulo 31

RACHEL

Fitei o teto do quarto por longos minutos enquanto lá fora a penumbra da madrugada era substituída pelos primeiros raios de sol. As cortinas da sacada se encontravam afastadas e, de onde estava, pude ver que hoje seria um dia ensolarado e quente, o meu tipo preferido de dia. Tomada por uma sensação inexplicável, eu admirei o belo exemplar masculino ao meu lado. Os ombros largos e definidos, os braços capazes de envolver o mundo e o cabelo desalinhado... Seu rosto selvagem continha agora uma expressão quase serena. Como se ao dormir o homem inabalável desse espaço ao garotinho que ele algum dia fora.

Ainda era difícil acreditar que haviam se passado dois meses desde a nossa lua de mel. Dois meses em que Marcos se mostrou ser o meu porto seguro. Era esse homem deitado ao meu lado que me escutava chorar após as visitas ao centro oncológico, e era ele quem me colocava no colo e me permitia extravasar toda a raiva que eu sentia ao ver a doença consumindo o meu paizinho. Foi também esse homem quem garantiu que nenhum jornalista se aproximasse de mim ou me perturbasse tão diretamente, como alguns chegaram a fazer após o nosso retorno da Grécia. Seus advogados cuidaram de tudo e, assim que pisamos no país, eles deram entrada em uma ação indenizatória por danos morais contra os ataques daquela jornalista. Claro que ela ainda continuava a fazer o *seu trabalho*, mas as matérias sobre os Montenegro se tornaram bem menos recorrentes, e quando surgiam, eram envolvidas por insinuações vagas.

Sem disposição para voltar a dormir, eu me levantei e parei por um ou dois segundos para observar as mudanças do meu corpo. Em poucos dias estaria completando 20 semanas de gestação. Algumas delas apreensivas, outras não. Eu não havia sentido dor desde a semana que antecedeu o casamento, pelo menos não uma dor tão forte quanto aquela. O mal-estar, seguido das oscilações da pressão arterial, ainda incomodava, mas era só isso. Meu filho estava crescendo saudável dentro do meu ventre e, de acordo com a Dra. Ana, seria uma criança acima da média a julgar o tamanho e o peso em que estava.

MARCOS

Estranhei não encontrar Rachel ao meu lado quando acordei, e o som do chuveiro foi o que me fez despertar e ir atrás dela. Se dependesse de mim, ela estaria sempre ao alcance dos meus olhos. Assim que entrei no banheiro, fiquei fascinado com a visão do seu corpo debaixo da ducha. Rachel nua sempre foi linda, mas agora, com o ventre inchado, carregando o meu filho, ela era a perfeição. Seu cabelo loiro estava ainda mais longo, as bochechas pareciam estar sempre coradas. Os seios fartos que eu tanto amava estavam mais sensíveis e muito mais... apetitosos. Eu não conseguia me controlar, passava as horas do dia esperando pelo próximo momento em que poderia tocá-la e sentir as suas curvas macias esquentando a rigidez do meu próprio corpo.

Rachel abriu um sorriso ao me ver e recuou quando entrei no box com o pau duro apenas pela visão da sua nudez. Dei alguns passos em sua direção e afundei meus dedos em seu cabelo, a puxando para um beijo molhado. A água quente que escorria pelos nossos corpos abafou o som do seu pequeno e doce gemido. Envolvida pelo desejo, ela laçou a minha nuca e ofegou ao meu ataque apaixonado. Aos cinco meses de gravidez, Rachel ainda tinha fôlego para lidar com a necessidade constante que eu sentia dela, que parecia tão ou mais intensa que a necessidade que ela sentia por mim.

— Eu preciso de você.

— Você sempre diz isso.

O meu precisar ia além do desejo sexual. Eu precisava da Rachel inteira, sua alma, seu coração, seu amor... As pequenas risadas que ela dava, os olhares, seus carinhos. Decidi parar de lutar contra a porra do que sentia por essa mulher e me render. Foda-se se desejá-la me tornava fraco. Eu a queria ao meu lado, a queira na minha cama, na minha vida. Dentro de mim.

— Digo porque é assim que me sinto — admiti sem conseguir arrancar meus olhos dos dela. — Eu acordo e tudo o que quero é você, carinho. Às vezes acho que estou ficando louco...

— Eu gosto de você louco — sussurrou satisfeita, enrubescendo aos poucos.

— Gosta, não é? — Minha mão deslizou pelo seu corpo, o dedo rodeando o mamilo sensível e pontudo. Rachel se contorceu quando a belisquei, mordendo o próprio lábio com força ao se segurar em meus ombros. Caí de boca naqueles seios perfeitos e os suguei até que minha ratinha se derretesse sob o meu domínio. Eu não pretendia tomá-la aqui nesse banheiro, quando se tratava da sua segurança e a do meu filho, não gostava de correr riscos, mas nada me impedia de afastar suas pernas e provar da sua boceta.

— Se toque para mim. — Movi sua mão até a parte mais quente do seu corpo. Rachel não ficou

surpresa com o meu pedido, ela sabia o efeito louco que vê-la se dando prazer causava em mim.

Eu a deixei se acariciar enquanto a beijava com um desejo feroz. Uma mão firme em seu rosto e a outra na sua bunda. Pelo próprio beijo fui capaz de sentir os tremores que vinham de dentro dela, Rachel estava perto de se desfazer em um orgasmo e eu me vi lamentando ter que escolher entre a sua boca carnuda e sua pequena e apertada boceta.

— Marcos — protestou quando interrompi o beijo apenas para admirar a imagem dela se tocando, dos seus dedos se movendo com pressa ao redor do seu clitóris. Fazendo uso de todo o meu controle, eu os tomei e os lambi vagarosamente.

Com os olhos cerrados, Rachel deixou sua cabeça cair para trás e suplicou por alívio. A vontade de afundar em sua carne quente era tentadora, mas em vez disso, eu me ajoelhei, forçando suas pernas a se abrirem, e a comi, literalmente. Suas coxas se fecharam ao sentir meus dentes raspando a pele sensível, minha língua a penetrou com força, sugando cada gota do seu creme.

— Não, não... Marcos, por favor...

Eu a fiz se desmanchar em minha boca enquanto agarrava meu cabelo e apertava meu rosto com suas pernas roliças. Não me segurei e mordi a coxa pálida, fazendo-a gemer meu nome ao ser drenada pelo orgasmo. Segundos depois, ela se apoiou contra o box, a respiração ofegante e os olhos azuis marejados de... lágrimas?

— O que foi, carinho?

— Nosso bebê — sussurrou com um sorriso incrível. O mais perfeito de todos. — Eu acho... que ele mexeu, Marcos.

— Tem certeza? — perguntei e coloquei a mão sobre a dela, em seu abdômen.

— Sim, foi como borboletinhas voando...

Eu a fitei atordoado, o peito prestes a explodir com a emoção que me dominou. Essa era a primeira vez que nosso filho se mostrava, e esse pequeno movimento arteiro dele, ou dela, tornava tudo real. Rachel não conseguiu se segurar e, naquele instante, enquanto eu limpava cada uma de suas lágrimas, eu me rendi.

A verdade estava aqui para quem quisesse enxergar. Em cada uma das atitudes egoístas que tive para tornar essa mulher minha. Para fazê-la ficar comigo não importasse o quê. Eu estive muito perto de quebrar a Rachel, de destruir o pouco da força que ainda lhe restava, e agora... Vendo-a chorar porque sentiu pela primeira vez o nosso filho se mexer, porra, isso acabava comigo.

— Me perdoa, carinho — sussurrei com a voz grave, tentando diminuir o peso da culpa. — Me

perdoa por todo o mal que te fiz. — Não foi preciso explicar por que eu desejava o seu perdão, Rachel não era boba, ela melhor do que ninguém sabia quais eram os meus erros e pecados. *Ela os viveu na pele.*

— Você tem ideia do que está me pedindo? — murmurou suavemente, sem ressentimento ou mágoa.

— Eu sei que é difícil, mas...

— O difícil não é o perdão, Marcos. O difícil é esquecer.

— Eu não tenho como corrigir a merda que fiz, mas se tivesse, eu o faria, Rachel. E junto com meus erros, eu arrancaria essa insegurança em seu olhar e... a faria me amar de novo.

ISADORA

Ricardo voltou ao quarto e fechou a cara ao me encontrar subindo o zíper da saia. Eram 22h, e assim como de costume, eu estava mais do que pronta para ir para a casa. Nossos escassos e imprudentes encontros seguiam dessa maneira. E por mais que tentasse me impedir de prosseguir com essa insensatez... eu não conseguia. Havia algo nesse homem que me fazia reagir. O grosseirão causava emoções em mim que iam além da indiferença e eu não tinha a menor ideia de como lidar com elas.

— Por que continua fazendo isso? — perguntou irritado, e eu o ignorei de propósito.

O *isso* em questão era o fato de sempre ir embora depois que terminávamos, mas a verdade era que eu não conseguia me enxergar dormindo ao seu lado uma noite inteira. As únicas vezes em que o fiz foi porque, bem, nós não dormimos e eu acabei escapando nas primeiras horas do dia, de qualquer maneira.

— Nós já conversamos sobre isso.

— Não aja como se eu fosse a porcaria de um negócio, Isadora! Já faz semanas que isso vem se repetindo. Você bate naquela maldita porta, se joga na minha cama e depois parte. Nós temos girado um ao redor do outro e nada muda, você continua fria. Distante.

— Se você não está satisfeito... — Ele me agarrou.

— Você sabe que eu estou! Mas eu não terminei meu casamento... apenas para ter algumas horas de sexo com você.

— Você realmente terminou, Ricardo? Porque, que eu saiba ela continua ligando.

— Clarisse foi por anos a única mulher da minha vida, Isadora, eu não posso simplesmente...

— Eu não me importo — menti da maneira mais fria que consegui, e Ricardo me soltou.

Eu me afastei, odiando o gosto amargo que se instalava na minha boca a cada vez que eu era obrigada a escutar o nome da esposa dele, não, *ex-esposa*. Eles estavam separados há semanas agora. Ela era a *ex-esposa*. Não que isso aliviasse nossas consciências. Porque não aliviava. Ricardo sentia culpa por me desejar, e eu sentia raiva por querê-lo como queria. A Isadora sã, aquela que todos respeitavam e admiravam à distância, não se permitiria envolver com alguém como ele nunca. Mas por mais incompreensível que fosse, havia algo nele que continuava me fazendo voltar...

Prestes a sair do pequeno e apertado *flat* que Ricardo alugava, eu fui agarrada e levada de volta para o quarto.

— Como você se atreve? Me ponha no chão! — Ricardo não me escutou.

— *Shhh*, gatinha selvagem.

— Não faça *shhh* para mim, eu não sou um cachorro, seu grosseirão idiota! — Rindo do meu acesso de raiva, Ricardo me jogou contra o colchão mais duro em que já tive o desprazer de me deitar e me lançou um olhar penetrante. Daqueles capazes de arrepiar até a mais fria das mulheres.

— Pare de chiar e mantenha sua bunda aí nessa cama. Eu ainda não terminei com você. — Eu o assisti se desfazer da boxer com os olhos fixos nos meus e apertei minhas coxas uma contra a outra, em um gesto completamente sem sentido.

Ele estava indo para abri-las de novo, não estava?

Capítulo 32

MARCOS

A primeira coisa que minha sobrinha fez ao entrar na sala de estar foi correr para a Rachel e beijar o seu abdômen arredondado, assim como costumava fazer com a própria mãe. Com toda a inocência de uma criança na sua idade, ela começou a conversar com o bebê como se ele pudesse, de alguma maneira, escutá-la. Carmen sorriu enternecida diante da cena, e Isadora, que até então participava da conversa ativamente, virou o rosto e ignorou a entrada da irmã e do cunhado. Quando eu pensava que estávamos fazendo algum avanço, Isa se comportava com ainda mais amargura.

Depois de uma crise violenta que ela teve no mês passado, após uma de suas sessões, eu parei de insistir para que ela prosseguisse com as consultas na sua psicoterapeuta. Minha irmã não parecia pronta para lidar com suas emoções. Eu sabia que esse momento algum dia iria chegar e que todo esse orgulho desmoronaria. Só aí ela encararia seus demônios de frente.

— Você está muito pesada para que Rachel te pegue no colo, Sofia, venha aqui — avisei a Sofia e minha querida esposa fez cara feia para minha tentativa de poupá-la. Rachel não chegou a comentar nada comigo, mas eu não era cego e podia ver que a palidez estava de volta ao seu rosto essa manhã.

— Eu não estou pesada não, titio. Pare de dizer isso. — Sofia cambaleou para o meu lado com um biquinho no rosto e eu a peguei no colo.

A essa altura, Carmen e Filipo cumprimentavam a Mariana e Guilherme. Era domingo, e como sempre acontecia quando meus padrinhos estavam na cidade, eu os convidei para um almoço íntimo na mansão. Aos seis meses de gravidez, minha irmã não exibia o cansaço que as vezes eu encontrava na Rachel. Muito pelo contrário, ela parecia ter ainda mais energia. O almoço transcorreu sem qualquer incidente, além do de costume. Minhas duas irmãs se ignoraram, Filipo e Guilherme discutiram, como sempre, sobre o haras. E quando Carmen se ausentou com Sofia agarrada nas suas pernas, Mariana trouxe à tona o assunto do processo de adoção unilateral ao qual Guilherme havia dado entrada.

— Vinícius nos avisou que o Henrique deve receber a intimação essa semana. — Isadora pareceu congelar ao escutar o nome do ex-noivo saindo da boca da irmã.

— Esse é um processo simples, Mariana. Henrique está mais do que disposto a abrir mão da paternidade. — Graças à pressão feita pelos meus advogados, é claro.

— Foi o que ele nos garantiu, mas enfim. Guilherme quer que a adoção esteja legalizada até o aniversário da Sofia. Esse será o seu presente para ela. — Rachel suspirou ao meu lado como se achasse o gesto dele incrível, e eu confesso, fui outra vez dominado pelo ciúme.

Eu não entendia o que motivava essa preocupação que meu cunhado tinha para com a minha esposa. Por vezes eu os peguei cochichando, conversando e rindo na companhia um do outro. Rachel sempre o defendia e dizia sentir apenas um carinho muito grande pelo Guilherme. Pela amizade que os dois compartilhavam.

— Sr. Montenegro, tem uma ligação à sua espera no escritório — minha governanta interrompeu, apreensiva.

— Quem? — perguntei irritado. Vera trabalhava para mim há anos e sabia que eu não admitia ser interrompido enquanto estivesse recebendo convidados. Sem dizer nada, ela apenas olhou para a Rachel e cerrou os lábios.

— Se vocês me dão licença. — Eu me levantei de imediato, temendo o pior.

— Marcos... — Rachel chamou atrás de mim.

— Fique na sala, Rachel!

Chegando ao escritório, eu tranquei a porta e hesitei por um segundo antes de atender a ligação do Dr. Otto.

— Marcos Montenegro, falando.

— Sr. Montenegro, eu lamento informar, mas o Sr. Vidal faleceu esta manhã.

Porra!

RACHEL

A perda é algo para qual nunca estamos preparados, por mais que nos seja dito que não há mais esperança, que o tempo é curto ou que a morte é inevitável. Não tem maneira fácil de se preparar para o momento em que alguém que amamos nos deixa. É uma despedida injusta, uma dor que nos incapacita. Para mim, a entrada da Vera na sala foi como um presságio, tanto que assim que vi a

expressão aflita no rosto rígido do Marcos, ao sair do seu escritório, eu soube que tinha perdido o meu paizinho. Meu coração bateu angustiado, ressentido por não ter estado ao seu lado para me despedir. E quando a percepção de tudo o que estava perdendo bateu, eu caí nos braços do homem que tinha a minha vida sob seu domínio.

Anestesiada, eu não saberia dizer como fui parar na cama na noite passada ou como arranjei forças para acordar e estar aqui agora. Marcos não tentou me convencer de que a dor iria passar, ele apenas me permitiu desmoronar. Afinal, ele conhecia a minha dor, e diferente de mim, que perdi meu pai, Marcos perdera os dois de uma só vez e ganhou um mundo de responsabilidade para o qual ele não estava preparado. O silêncio ao redor do jardim onde o corpo do meu pai estava sendo sepultado me causou um estranho conforto, as poucas pessoas que tinham estado aqui se dirigiam agora para as suas casas enquanto eu era deixada sozinha.

Em algum lugar atrás de mim, a presença do Marcos era notada e eu podia sentir seus olhos observando-me mesmo à distância. Ele havia se afastado sem dizer nada, me dando tempo e espaço para que eu me despedisse do meu pai. E eu tentei, juro que tentei, não ser absorvida pelas lembranças, mas ao menor descuido elas invadiam a minha mente e me empurravam para baixo. Lembrei-me da última vez que estive ao lado do meu pai, da felicidade que era para ele me ver grávida, do alívio que sentia por saber que eu estava segura ao lado de um homem que me amava. Porque era isso que meu paizinho pensava que Marcos sentia por mim. E como não seria justo deixá-lo preocupado, eu o deixei acreditar.

— Nós precisamos ir — Marcos avisou, se colocando ao meu lado de repente. — Você está aqui sozinha há meia-hora.

— Eu o perdi.

— Seu pai precisava descansar, carinho. — Eu me permiti ser abraçada quando ele me puxou. — Tenho certeza de que ele está em paz agora.

— Ele me deixou, Marcos... eu estou sozinha. Você não entende! Meu pai se foi e eu não tenho mais ninguém! — murmurei entre soluços, a raiva e o medo controlando as minhas ações.

— Você tem a mim e ao nosso filho. — Suas palavras machucaram mais e eu quis gritar que não o queria aqui, que não queria alguém que não me amava ao meu lado. Eu queria que ele soubesse que eu merecia mais... que eu precisava de mais. — Pode chorar, carinho. Coloque tudo para fora até não restar nada. — Marcos me segurou com mais força ao se dar conta do meu desespero. — Eu vou estar aqui, não importa o quê. Eu vou estar.

O caminho até a mansão foi silencioso, Hélió era quem dirigia essa manhã, conforme nos distanciávamos do cemitério, eu fui me sentindo cada vez mais vazia. Como se uma parte de mim tivesse ficado naquele caixão junto com o meu pai. Eu queria voltar, pedir para ele acordar, para não me deixar aqui... Marcos não parecia saber o que fazer comigo. Seu olhar devastado só fez com que eu me sentisse pior. Ele queria que eu acreditasse nele, que soubesse que não estava sozinha. Mas a sensação no meu peito dizia completamente o contrário.

Chegamos em casa e eu pedi para ficar sozinha, por mais que apreciasse a preocupação da Mariana e do Alexandre, que estariam aqui pelo restante do dia, eu só queria ficar longe de todo mundo. Marcos foi mais teimoso e me acompanhou até o quarto. Respeitando o meu silêncio, ele me garantiu que Alexandre seria bem tratado na minha ausência. E como se estivesse esperando pelo momento que eu quebraria, Marcos me despiu com cuidado. O casaco preto foi o primeiro a sair, seguido do vestido e dos sapatos. Por fim, ele soltou meu cabelo e me fitou como se quisesse me dizer algo importante.

Sem forças, eu o deixei me olhar e me embolei na cama pensando na saudade que já estava sentindo do meu pai. Mantive meus olhos abertos, frios, as lágrimas secas... e fui me acalmando aos poucos ao sentir a carícia lenta e suave do Marcos em meu braço. Foi só quando estava começando a adormecer e a lentidão dominava o meu corpo que escutei sua voz rouca dizendo me amar... Mas foi algo tão distante, tão impossível... que eu não sabia se era real ou se apenas um sonho.

Por favor, que fosse real, por favor, repeti enquanto fechava os olhos e caía em um sono profundo.

MARCOS

Esperei até o último minuto para admitir o que sentia. As malditas palavras ficaram, por dias, engasgadas, presas na minha garganta. E agora, vendo-a tão arrasada, desmoronando pela perda do pai, tudo o que eu desejava era que ela soubesse a verdade. Que soubesse que eu, Marcos Montenegro, estava irrevogavelmente rendido ao amor que sentia.

Sentindo o terror que essa admissão causava, eu a observei dormir por um longo tempo. Constatando que a minha vida e o meu coração, de repente, se encontravam nas mãos da mulher deitada ao meu lado. No quão fácil seria me perder se algum dia... ela me abandonasse, pensei com uma centelha de preocupação. Rachel entrou na minha vida porque eu permiti, ela aceitou a minha intensidade, a minha paixão desenfreada. Suportou as grosserias e discussões. Mas algo me dizia que

eu a tinha empurrado além da conta... que em algum momento pelo caminho a garota corajosa que eu conhecia desistiu de lutar.

Sem ânimo pelos acontecimentos do dia, eu saí do quarto e fui até onde Alexandre e a minha família se encontravam. Carmen e Filipo haviam decidido passar a noite na mansão, o convite também fora feito ao doutor, que, assim que falei que Rachel não iria se levantar tão cedo, pediu licença da minha casa e seguiu para o hotel, deixando claro que estaria na cidade até que pudesse conversar com minha esposa. Se alguém além de mim notou a ameaça em suas palavras, não comentou.

— A tia Rach tá dodói de novo? — Sofia perguntou algum tempo depois. Sua mãe e a Carmen estavam na sala ao lado e, como se entendesse o significado do luto, a pequena se manteve retraída durante todo o dia.

— Não, ela só está triste, Sofia — respondi e me servi de uma dose dupla de uísque.

— Ela perdeu o papai dela, não é?

— Sim.

— Eu também chorei quando meu peixinho laranja morreu. Mas ele foi para o céu, igual aos outros...

— Teve outros?

— Sim, um monte — falou séria. — Eu sempre choro quando eles vão embora. Minha mamãe diz que não vai mais me dar peixinhos por causa disso.

— Sua mãe é uma mulher esperta.

— Agora eu tenho um cavalo... e meu papai disse que cavalos demoram a ir embora. É verdade?

— Eu espero que seja, pequena. — Percebendo que eu não estava para conversa, Sofia se sentou ao meu lado e ali ficou. Terminei de tomar minha bebida, o líquido forte sedando a tempestade que se formava dentro de mim ao pensar na mulher deitada na minha cama.

RACHEL

Levei dois segundos para perceber que as últimas 24h não foram um pesadelo. Eu tinha mesmo

perdido o meu pai. A dor, que me deixara em paz durante o sono, pareceu me envolver lentamente. Como fogo queimando a minha pele. Esfreguei meus olhos com teimosia, sabendo que isso os irritaria, e saí da cama. De repente, a admissão do Marcos voltou à minha cabeça. Será que ele tinha dito mesmo que me amava?

Agitada, eu ignorei meu reflexo e vesti a primeira coisa que encontrei. Sem me importar com o que Isadora ou os padrinhos do Marcos poderiam pensar ao me verem desse jeito. Essa era a minha casa agora, não era? Eles que engolissem o meu luto, então. Embrulhei-me em um antigo casaco ao sentir o frio percorrer a minha pele e fui para o andar inferior, meio sem rumo. Tudo o que sabia era que precisava do Marcos. Precisava saber se as palavras que escutei eram verdadeiras, se não foram apenas uma peça pregada pelo meu coração bobo.

Cheguei à sala de estar e encontrei tudo silencioso... quieto demais. Os cômodos ao redor estavam todos apagados e a casa, de repente, pareceu grande demais para mim. Segui até o único lugar em que eu poderia me sentir confortável e fiquei surpresa ao encontrar a sala do Marcos aberta. Entrei receosa, não querendo interromper caso ele estivesse em alguma conversa privada, mas o lugar estava vazio. Nem mesmo o som das discretas empregadas que se moviam ao redor da casa dava-se para escutar.

Entreí e decidi esperar por ele aqui, Marcos nunca deixava seu escritório destrancado. Apenas a Vera tinha autorização para limpá-lo, e sempre que se afastava o cômodo era fechado. O peso do dia me fez buscar conforto na poltrona de couro, encolhi-me por um tempo, puxando minhas pernas para junto de mim e fiquei olhando os peixinhos nadarem na tela de proteção do computador. *Isso só podia ser coisa da Sofia*, pensei com um sorriso fraco. Alguns minutos se passaram sem que eu movesse um músculo, o silêncio ao meu redor começou a me assustar... e se algo tivesse acontecido? Saí da posição em que estava e, sem querer, meus olhos bateram no envelope pardo sobre a mesa. O carimbo do Vinicius, o advogado do Marcos, se encontrava no centro do papel, e abaixo havia o que parecia ser o meu contrato de casamento.

Sem pensar duas vezes, eu o peguei e vi algumas marcações feitas na primeira página do contrato, que diziam respeito ao que eu receberia no caso de separação. Como essa foi a parte que consegui ler na minha reunião com o Vinicius, eu não me ative muito e pulei para as próximas páginas com a intenção de ler com calma o restante das cláusulas. Cheguei à parte mais importante, que era a que esclarecia como seria uma possível divisão da guarda dos nossos filhos. Esse foi o momento em que minhas mãos começaram a tremer e tudo em que eu acreditava veio por água a baixo.

"No caso de divórcio, consensual ou litigioso, a futura Sra. Montenegro abrirá mão da

guarda total e compartilhada. (...) Dando ao Sr. Marcos Montenegro plena responsabilidade a respeito das decisões que deverão ser tomadas da data de separação em diante. (...) Caso fique acordado, a parte envolvida poderá visitar a criança, apenas sob supervisão de funcionário ou pessoa de confiança. Viagens não serão permitidas, assim como..."

Ergui meu rosto ao escutar o som áspero de passos vindo pelo corredor, mas já era tarde demais. Marcos entrou no escritório e congelou ao ver os papéis que eu segurava. Seus olhos passaram pelo contrato nas minhas mãos e voltaram a se fixar no meu rosto. Pela primeira vez na vida eu o vi perdido. *Miseravelmente perdido.*

— Como você pôde fazer isso comigo?

Capítulo 33

RACHEL

O silêncio no escritório pareceu perdurar uma eternidade, e eu, que pensei que nada causaria mais dor do que a perda do meu pai, não poderia ter estado mais enganada. Meu coração havia trincado essa manhã ao deixar aquele cemitério, ao me despedir do homem que era toda a família que eu conhecia. E agora, olhando para o Marcos e toda a austeridade que emanava dele, eu sentia como se não houvesse mais nada de mim para ser destruído. Meus temores se rebelaram contra a minha burrice, culpando-me por ter confiado nele, por ter alimentado esperanças. Eu perdi mais do que poderia suportar em um só dia, eu estava quebrada de dentro para fora.

O vazio que me rodeava só não era maior porque a vida que eu carregava em meu ventre se tornara o meu mundo. O motivo pelo qual eu iria lutar para sair desse inferno. Recuei um ou dois passos quando Marcos se aproximou. Seus olhos nervosos, hesitantes, pareciam saber o estrago feito no meu coração. O homem não era estúpido, ele tinha, simplesmente, acabado de rasgar a linha frágil que nos prendeu um ao outro por todo esse tempo. Sim, porque nada era mais frágil e incerto do que a nossa relação, e ele deveria ter pensado nisso antes de usar o poder que possuía para garantir que suas vontades fossem feitas.

— Não me toque! — Minhas costas bateram contra a estante e só aí eu percebi que os papéis em minhas mãos se encontravam amassados com a força com que os segurava. — Você mentiu para mim — murmurei baixinho, mas Marcos não me deu ouvidos e arrancou o contrato da minha mão. Tentei arranhá-lo, lhe causar dor de alguma forma, mas ele foi mais rápido e segurou meu pulso. — Eu confiei, Marcos, confiei em você! Por que teve que fazer isso comigo?

As palavras arranharam a minha garganta seca. Tudo em mim doía, cada centímetro do meu ser estava machucado e era somente minha culpa. Eu fui a fraca que o deixou me alcançar outra vez. Eu sabia quais eram os riscos e mesmo assim me deixei ser dominada. Consumida. Porque era isso que o Marcos fazia, ele tomava o que queria e sugava até não restar nada.

— Pare de gritar e me escute!

— Nada do que você diga... nenhuma mentira... irá fazer com que eu te perdoe. A única coisa que te pedi nessa vida foi para que me promettesse não tirar o meu filho. A única coisa, Marcos. E o que você faz?

— Eu nunca teria usado esse contrato contra você, essa nunca foi a minha intenção, porra! — Eu o olhei com repulsa, me perguntando se ele me considerava tão idiota assim.

— Essa foi a coisa mais horrível que você já fez até hoje, de todas as merdas, de todas as chantagens, essa foi a pior, a imperdoável. Meu filho, Marcos, esse bebê é o meu filho... e você iria me proibir de estar com ele? Eu teria que ser vigiada para ficar com o meu bebê? É isso? Que tipo de mulher você acha que eu sou, seu desgraçado?! — Eu não conseguia respirar, era como se algo, ou alguém, comprimissem todo o meu corpo. Meus olhos estavam embaçados por causa das lágrimas, e em todo o momento durante o meu desabafo Marcos permaneceu me segurando, me olhando de uma maneira derrotada.

— Carinho...

— Por favor, pare. — Não queria escutá-lo me chamando de *carinho*, não depois de ler esse maldito contrato. Eu não era o *carinho* dele, eu não era nada. Apenas a mulher que carregava o seu herdeiro.

Por um momento o peso do que essa gravidez representava me fez estremecer, me sentir usada. Eu estava gerando o filho do Marcos. Quais eram as chances que essa criança tinha de crescer e não se tornar a imagem dos Montenegro? Irascível, dominante, arrogante. Eu não queria isso para o meu bebê. *E se ele também não me achasse boa o suficiente? E se ele não me amasse?* Minhas pernas bambearam com o pensamento e eu comecei a ofegar, desesperada. Eu não queria perder o meu filho para esse mundo louco em que essa família vivia, eu não podia, porque ele era tudo o que havia me restado.

— Rachel, olhe para mim — Marcos pediu, mas eu me recusei. — Porra, eu odeio te ver assim. — Soou angustiado, tentando limpar o meu rosto.

Exausta, eu me forcei a respirar com calma, mas ter seus dedos me tocando não ajudou muito. Völtei a encará-lo quando seu polegar roçou meu lábio suavemente. Nós nos encaramos por um longo tempo, Marcos parecia frustrado, a tensão ao nosso redor aumentando a cada segundo que passava. Obriguei-me a manter os olhos abertos quando ele se inclinou e lambeu os resquícios das lágrimas em meus lábios. Ele as tomou enquanto roçava sua própria boca na minha. Não chegou a ser um beijo. Acho que eu não teria suportado.

— Acabou — sussurrei mais para mim do que para ele. Sua respiração queimava a minha pele, enquanto eu absorvia seu hálito mentolado, forte. Marcos não pareceu gostar do que escutou e franziu o cenho, sacudindo a cabeça e deixando claro que discordava da minha decisão.

— Eu não saberia viver sem você — confessou com a voz rouca, e eu não aguentei.

— Pare de mentir e de tentar ferrar com a minha cabeça. O que você faz é cruel... não é justo!

— Esse contrato foi a única maneira que encontrei de garantir a sua presença na minha vida. E juro que nunca planejei usá-lo para ter afastar do nosso filho, a minha intenção era outra...

— A sua intenção era a de me machucar!

— Como você não consegue enxergar, Rachel? — A voz dele vibrou pelo meu corpo e eu engoli em seco. — Como pode ser tão cega, porra?

— Cega? O único que parece não enxergar um palmo à sua frente é você, e se não fosse o bastante, ainda é completamente surdo. Nunca escuta nada que tento te dizer, ignora as minhas vontades e sempre age como se as suas decisões fossem as únicas a serem levadas em conta. Como se o mundo inteiro estivesse errado, menos você!

— O que você quer, afinal? — Ele apertou minha cintura com apenas um braço, pressionando-me. — Por que não tenta ser clara pelo menos uma vez na vida? Eu estou aqui, não estou? Então fale o que você deseja de mim!

O que eu desejava? Isso era sério?

— Eu não desejo nada, Marcos, não mais. — Entreabri meus lábios quando sua mão arrastou as mechas do meu cabelo para trás, não havia paciência em seus gestos. Só ânsia. Como se ele soubesse que estávamos prestes a nos perder e não pudesse fazer nada para impedir. — Você quer apenas que eu esteja presa a você, esse é o meu significado em sua vida. Você nem ao menos... me ama — falei sem fôlego, lembrando as palavras que imaginei ter escutado antes de adormecer. Elas não tinham sido reais, não poderiam ter sido, não é mesmo? Fora apenas um sonho, só isso.

— Eu não te amo? Por que merda você acha que esse contrato existe? — Arregalei meus olhos, assustada com sua explosão. — Por que acha que tenho agido como um louco ciumento ao seu redor? Eu te amo, porra! Eu. Te. Amo.

— Pare de falar — implorei — Isso não é amor, não é! Não é assim que se ama! — Deixei que a decepção me arrastasse, sentindo-me desnorteada, confusa. Eu não queria brigar, não queria escutar mais nada. Tentei me desvencilhar dos seus braços, mas percebi que Marcos era o que me mantinha de pé. Sem ele eu teria desabado há muito tempo.

MARCOS

Porra de mulher teimosa!, pensei enquanto via o esforço que Rachel estava fazendo para não acreditar em mim. Mas quem poderia culpá-la? Eu fui o único que permitiu que as lembranças dos dias em que ficamos separados me assombrassem a ponto de me levar a redigir aquele contrato. Eu ataquei antes de ser atacado, não deixando brechas para uma futura separação. Apontei direto no ponto fraco dela, sabendo que Rachel nunca iria abandonar nosso filho. Foi crueldade minha? Foi, porra. Mas também foi desespero, medo de perdê-la.

Escutando seus soluços cada vez mais baixos, eu me recusei a me afastar. Em vez disso, segurei seu rosto, querendo que ela me olhasse. Não havia brilho dentro daqueles olhos azuis. Havia apenas insegurança, uma dor que dilacerava a nós dois. Percebi naquele momento que o sofrimento dessa mulher sempre chegaria até mim. Se ela sucumbisse, eu sucumbiria junto. Se ela se perdesse, eu me perderia. Se me abandonasse...

— Me deixe passar, por favor — pediu, trazendo-me de volta à realidade. — Eu não quero discutir mais... eu...

— Marcos! — Eu me amaldiçoei no instante em que escutei a voz de alerta da Isadora, que, ao que parece, se achou no direito de entrar apenas porque encontrou a porta aberta.

— Agora não, Isadora!

— Agora não? Vocês dois perderam a cabeça? Tinha uma fila de desocupadas aqui nesse corredor escutando vocês gritarem! — Merda!

Virei-me para encará-la, esperando que Isadora usasse o bom senso e nos deixasse a sós novamente. Mas minha querida irmã não se importou em interromper a discussão e muito menos se intimidou com a visível tensão entre mim e Rachel. A presença dela apenas deu segurança à minha ratinha, que me empurrou para trás e se afastou de mim.

— Nem pense em sair desse escritório, porque nós ainda não terminamos, Rachel. — Ela parou no meio do caminho e me encarou por um momento.

— Não me diga o que fazer, Marcos. Não depois da canalhice que fez comigo!

— Lembre-se de com quem você se casou, carinho, porque não há volta...

Algo perigoso cintilou naqueles olhos, uma ameaça velada que eu demorei a engolir. Obstinada, Rachel me deu as costas e saiu da maldita sala. A raiva ferveu, inflamou dentro de mim, e se não fosse pela minha irmã, eu com certeza teria feito Rachel entender que, na minha família, não se admitia a palavra *acabou*. Casamentos eram para sempre, e eu não seria o primeiro a quebrar essa

tradição.

— Ela está grávida, Marcos, eu não acho que esse seja o momento para que vocês tenham essa discussão.

— Você também escutou? — Minha irmã assentiu sem um pinga de remorso.

— O que deu em você? Você é meu irmão, Marcos, mas eu nunca te vi agir assim...

— Eu amo aquela mulher, Isadora, eu amo. Ela me tem nas mãos! — Eu não tinha percebido o quanto, até esse momento. Andei pela sala, nervoso, passando os dedos pelo cabelo repetidas vezes. Perdendo o pouco da paciência que me restava.

— Não tem como essa... *loucura* entre vocês dois terminar bem. Isso é um erro! — Erro seria se eu continuasse a lutar contra o que sentia.

— Isadora, me faça um favor e vá atrás da Rachel. Fique com ela, veja se está bem, eu... eu simplesmente não sei o que fazer. — Minha irmã hesitou, eu sabia que a última coisa que desejava era ser a babá da minha esposa, mas Rachel precisava mais de apoio do que eu, nesse momento. E não havia ninguém nessa casa em quem eu confiasse mais do que na Isadora.

— Eu não sei se essa é uma boa ideia...

— Apenas faça isso por mim, ok? Faça e me deixe sozinho — pedi com a voz embargada, arrastada.

Assim que a porta do meu escritório foi fechada eu pensei na expressão indecifrável que tinha visto no rosto da Rachel. Dessa vez eu suspeitava ter ferrado com tudo de maneira irreversível. *Sem volta.*

RACHEL

Eu não tinha ideia de como consegui sair daquele escritório e chegar ao meu quarto, quero dizer, nosso quarto. Os lençóis macios sobre a cama chamavam a minha atenção como um convite. Eu poderia muito bem me perder sobre eles, esquecer o mundo por algumas horas. Esquecer esse vazio se alastrando pelo meu corpo, corroendo o restinho da paz que havia dentro de mim. Arrastei-me até a beirada da cama e olhei o quarto ao meu redor. As cortinas imperiais, pesadas e luxuosas, impediam que a claridade entrasse. Eu me sentia enclausurada, perdida. *Droga, eu precisava sair desse lugar...*

Levantei meu rosto ao escutar o tilintar dos saltos da Isadora, que agora se encontrava no

batente da porta. Em um primeiro momento, nenhuma de nós duas abriu a boca para dizer qualquer coisa. Não que precisássemos. O olhar que ela me lançou revelou tudo o que eu precisava saber. A víbora nunca iria me aceitar como a esposa do seu *precioso* irmão.

— Ele se preocupa com você — sibilou, como se isso a surpreendesse, e caminhou pelo quarto com toda calma e presunção. O ar tinha se tornado frio apenas pela sua presença desagradável.

— Seu irmão...

— Meu irmão... será que ele chegou a te dizer por que decidiu passar todos aqueles anos em São Paulo? — Pisquei confusa e continuei em silêncio, dando a ela margem para continuar. — Marcos sempre culpou o nosso *digníssimo* pai por querer nos deixar, mas foi isso que ele mesmo tentou fazer quando foi estudar fora. Meu irmão teria conseguido, sabe? Se não fosse pelo acidente... — Nós duas engolimos em seco, ela movida pela lembrança, e eu, pela tentativa de imaginar o passado. — Mas aí, de repente, tudo desmoronou. Um mundo de responsabilidade recaiu sobre as suas costas, e ele teve que abrir mão de todos os seus ideais apenas para poder assumir o seu lugar na Montenegro.

— Como você sabe...

— Como eu sei disso tudo? — Isadora se adiantou. — Oliver me contou grande parte do que acabei de dividir com você. Claro que não culpo o Marcos por tentar, acho que eu, no lugar dele, teria feito o mesmo.

— Eu não entendo. Por que está me dizendo isso tudo?

— É claro que você não entende, mas não cabe a mim te explicar qualquer coisa. — Ela me olhou como se me visse pela primeira vez. — Meu conselho é que você pense bastante antes de tomar uma decisão precipitada, entendeu? Essa é a primeira vez que vejo meu irmão querendo tanto alguma coisa como ele quer você. Isso tem que significar algo, não tem?

E com isso a víbora saiu do quarto...

MARCOS

Na terça-feira pela manhã, depois de uma noite mal dormida eu me vi caminhando em direção ao meu próprio quarto, que, por sinal, havia sido trancado na noite anterior para impedir a minha presença. A mensagem de que Rachel não me queria ao seu lado fora recebida com desgosto, mas eu

não a forcei a lidar comigo. Não depois de ela ter enterrado seu pai há poucas horas. Mas agora não tinha jeito, eu estava preocupado com sua ausência à mesa e decidi ignorar o seu desejo de permanecer sozinha. Tanto que pedi a chave reserva a Vera, que me confidenciou que minha teimosa e irresponsável esposa não se alimentava desde o dia anterior.

Enquanto dava largas passadas pelo corredor, uma das empregadas da mansão me seguia, trazendo com ela a bandeja com o café da Rachel. Isadora tinha feito questão de cuidar do motim feito pelos meus funcionários no momento da discussão e os alertou de que nada que fora escutado dentro do meu escritório deveria sair dessa casa. Todos pareceram arrependidos pelo pequeno *deslize*, mas eu podia notar os olhares de desagrado destinados a mim. Principalmente os que vinham da Vera.

Passando a chave no trinco, confesso que fiquei apreensivo com a ideia de colocar meus olhos sobre a Rachel. Talvez até mesmo ansioso. Não havia um só dia nesses últimos meses em que dormimos em camas separadas, e pelo visto, não era só o meu corpo que havia se acostumado à sua presença. Assim que entrei no quarto, fui surpreendido ao encontrá-lo vazio. A cama estava desfeita, porém todo o restante parecia na mais perfeita ordem. De maneira quase exagerada.

Marchei até o banheiro, com um pressentimento ruim, e mais uma vez não encontrei ninguém. Suas coisas se amontoavam sobre a bancada, como de costume. O frasco do seu perfume preferido, sua escova de cabelo... Começando a ficar nervoso, eu voltei ao quarto e olhei sem interesse para o rosto pálido da empregada, que parecia assustada com o desaparecimento da Rachel.

— Senhor — balbuciou insegura. — Eu acho que... tem um bilhete sobre a cama.

Assim que vi o papel, eu a dispensei com um aceno de cabeça e cerrei meu punho, tentando aliviar a tensão que me dominava. Não obtive sucesso algum, principalmente depois que percebi que o anel da minha mãe fora deixado ao lado do maldito bilhete.

Sem conseguir acreditar, eu o peguei e li a única mensagem que ela havia deixado para trás.

Eu preciso de um tempo.

Não havia assinatura nem qualquer outra informação. Nada que pudesse me acalmar. Tudo o que eu sabia era que a mulher que amo havia me deixado, de novo, e, desta vez, levando o meu filho junto com ela.

Capítulo 34

RACHEL

— Senhora, nós chegamos.

Olhei ao redor com um misto de curiosidade e incerteza ao escutar a voz grave do taxista. Esse era o endereço que Vera havia me passado na noite anterior, depois de ver a bagunça em que me encontrava. Como se soubesse que eu precisava de um tempo, de um descanso de toda a merda em que a minha vida tinha se transformado nas últimas 48 horas, Vera me passou um pequeno pedaço de papel e sussurrou baixinho que sua filha trabalhava nessa pousada e que, se eu desejasse, ela arranjaria tudo para mim.

Confusa, eu perguntei por que arriscar seu emprego apenas para me ajudar a sair dessa casa, mas Vera deu de ombros e retrucou um simples: *O meu patrão precisa entender que nada nessa vida é garantido, senhora.*

Eu entendi o que ela quis dizer, só não entendi por que sua lealdade estava em mim, e não no homem com quem trabalhava há tantos anos. Marcos não costumava manter pessoas desleais ao seu lado e eu sabia o que ele faria com a Vera caso descobrisse. Mas naquele momento eu não quis pensar em ninguém além de mim e do meu filho, eu só queria fugir. Esconder-me em um lugar onde eu poderia chorar e gritar de raiva sem que ninguém me perturbasse, um lugar onde poderia juntar os caquinhos quebrados e lamber minhas próprias feridas. Eu sabia que minha fuga não iria resolver nada, mas eu precisava. Marcos, Isadora... até mesmo o Alexandre, de repente, pareciam um fardo pesado demais para eu ter que lidar no momento. Meu corpo pedia por descanso, por silêncio, tudo o que ele desejava era poder se embolar na cama e sucumbir à tristeza da perda do meu pai e a do homem a quem entreguei meu coração.

Quantas vezes Marcos já não tinha me quebrado? Esmagado minha confiança com suas atitudes egoístas?

Não era justa a maneira como ele brincava com a vida dos outros, como as manipulava. E para mim, aquele maldito pedaço de papel fora a gota d'água. Marcos me perdeu no instante em que deixou seu advogado redigir aquelas linhas absurdas, arrancando das minhas mãos o meu poder como mãe. As palavras... meu Deus, que tipo de mulher ele pensava que eu era para poder impor

cláusulas como aquelas? O filho era meu, eu o carregaria por nove meses e para quê? Para perder o direito de estar com ele? Não mesmo.

Eu sei que deveria ter lido aquele contrato antes de assiná-lo, eu não era estúpida, mas quanto mais lembrava aquele dia, mais claro se tornava que o advogado fizera tudo de propósito. *Sob ordem de alguém*. A maneira grosseira como me tratou, apressando-me a todo momento, não me deixando ler as cláusulas ao meu tempo. Chegando até mesmo a insinuar que eu não teria nada a perder com o contrato, que de alguma forma o meu futuro estava garantido, caso houvesse separação. Seu comentário foi humilhante, ele me fez sentir uma interesseira. Mas eu ignorei, ignorei e assinei os papéis, porque, por mais erros que Marcos tivesse cometido até então, eu ainda confiava nele. E ele havia prometido.

Como eu pude ser tão estúpida?

— Senhora?

— Obrigada, eu... já estou saindo. — Procurei pelo dinheiro na carteira e entreguei ao taxista.

A mala que trazia comigo continha algumas de minhas roupas mais normais. Longe do Marcos eu não era a *Senhora Montenegro*. A esposa de um dos empresários mais influentes do país, herdeiro de uma fortuna avaliada em bilhões. Não, longe do Marcos... as máscaras desapareciam, eu me despia de toda aquela palhaçada que era a sua vida e voltava a ser eu mesma. A filha de Arthur Vidal, a estudante *nerd* com as melhores notas da turma, a adolescente que trabalhou como babá por anos para poder ajudar nas despesas da casa. A menina boba que acreditou até o último minuto que encontraria seu príncipe encantado.

Só que Marcos não era o meu príncipe, ele podia ter gritado que me amava, que tudo o que fez era porque tinha medo de me perder, mas para mim aquela foi apenas outra tentativa de me enganar. De jogar com a minha mente e sair vitorioso no final. Por um segundo, toda a nossa relação passou diante dos meus olhos, as suas tentativas de me seduzir, o seu charme, a tensão sexual que rondou por semanas até que cedêssemos... Marcos foi o meu primeiro homem, e eu sentia raiva por saber que com o caminho que minha vida estava tomando, ele, provavelmente, também seria o último. Pelo menos no meu coração.

Era isso que me devastava, que me deixava em crise. Porque eu não queria ser dele, não queria que meu amor fosse tão grande a ponto de aquele homem ter o poder de me arruinar dessa maneira. No fundo, bem lá no fundo, eu não esperava conseguir fugir para sempre. Seria tolice minha pensar que ele me permitiria ficar longe, mas isso não me fez menos decidida a tomar o meu tempo. A me afastar daquilo que me fazia mal.

Segurando a mala e a bolsa de mão, eu subi os degraus da pousada rústica que ficava à beira-mar no sul de Santa Catarina, mais precisamente na Praia do Rosa. Olhando ao redor, eu podia entender por que Vera parecia achar esse o lugar ideal para que eu pudesse lamber minhas próprias feridas e me curar da perda e decepção que foram jogadas em cima de mim, uma atrás da outra. A pousada era calma e reservada. Cercada por jardins naturais em todos os lados e com o mar bem à nossa frente. Esperando por mim, Rebeca, a filha da Vera, me ajudou a fazer o *check-in* em seu próprio nome e me acompanhou até uma das casas individuais que eram usadas para as acomodações dos hóspedes. Todas elas eram pequenas, confortáveis e possuíam acesso exclusivo à praia. O tempo frio dessa época do ano e o número baixo de turistas foram o que me garantiram a privacidade de que eu necessitava.

Eu ainda não sabia por quanto tempo iria ficar na cidade, e também não tinha nenhum outro lugar para onde ir. Não seria justo envolver o Alexandre na minha confusão, não quando eu conhecia a natureza dos sentimentos dele por mim. Assim como também não seria justo envolver Mariana e o Guilherme, ela amava o irmão e, aos seis meses de gravidez, tudo o que não precisava era ter que tomar partido. Além disso, ela era a família dele, não minha.

— O que achou, senhora Montenegro? — Rebeca perguntou timidamente. Ela era muito parecida com a mãe e aparentava ser poucos anos mais velha do que eu.

— Por favor, não me chame de senhora, e muito menos de *senhora Montenegro*. Meu nome é Rachel — falei amarga, e ela assentiu, deixando-me a sós logo depois de me ajudar a me acomodar.

Cansada da viagem, eu coloquei minhas bolsas em uma das suítes, arranquei minhas botas, vestindo luvas e meias, e voltei até o cômodo principal da casa. O frio que sentia foi amenizado pelo calor que vinha da lareira, e foi ali, em um cantinho daquela sala, que eu puxei a manta e me embolei no sofá. Observando a chama incendiar cada uma de minhas dores, até que minha mente estivesse vazia.

MARCOS

Encarei cada um de meus funcionários, a raiva borbulhando por conta da falta de informações. Além da raiva, também havia desespero. Era a segunda vez que isso acontecia e, desta vez, eu tinha certeza de que não iria conseguir suportar a distância. Não depois de todas essas semanas tendo Rachel em meus braços a cada maldita noite. Ela era a minha mulher, minha esposa, porra! Não podia continuar a fugir quando as coisas ficassem difíceis. Simplesmente não podia. Dando-me conta

da expressão assustada no rosto de meus funcionários, eu comecei a me sentir culpado. Eles haviam passado a última meia-hora sob meu interrogatório, mas ninguém aqui nessa sala parecia saber a respeito do desaparecimento da Rachel. Como uma casa cercada por seguranças e câmeras não foi capaz de registrar qualquer pista que fosse era o que eu não entendia.

A única imagem que o meu pessoal conseguiu capturar foi a da Rachel caminhando na calçada da parte de trás da mansão, a que levava diretamente à entrada dos funcionários. Não havia sinal de táxi ou outro carro pelos arredores, tudo fora muito bem pensado, por isso a minha certeza de alguém aqui dentro dessa casa havia lhe ajudado. Eu só precisava descobrir quem.

— Alguém aqui dentro a ajudou, não há outra explicação! — rosnei, notando a aproximação da Isadora. Desde o momento em que falei com ela sobre o desaparecimento da Rachel, minha irmã parecia confusa, talvez, até mesmo irritada.

A primeira coisa que fiz foi questioná-la sobre a conversa entre as duas no dia anterior, mas Isadora jurou que não fez nada para que minha esposa tomasse essa *decisão estúpida*. Palavras dela, não minhas. Mas, porra, eu tinha que concordar com a Isadora desta vez. A atitude da Rachel, além de estúpida, também fora inconsequente. Ela estava com cinco meses de gravidez, uma gravidez de risco! O pensamento de que algo pudesse acontecer me fez ter vontade de rugir, de quebrar alguma porcaria até conseguir racionar com clareza novamente. Agitado, andei de um lado para o outro, não percebendo que estava deixando todos ao meu redor nervosos. Foi só quando minha irmã murmurou um *calma* que eu me dei conta do meu estado. Arisco, selvagem, impaciente.

Não havia a menor possibilidade de que eu perderia alguma hora do meu dia na Montenegro hoje, eu não tinha cabeça para nada além da minha mulher. Maldição, tudo o que eu queria era a minha ratinha de volta em nossa casa, em nossa cama. *Em segurança*.

— Se alguém nessa sala teve a coragem de acobertar a fuga da minha esposa... — Virei-me de maneira ameaçadora. — Essa pessoa vai se arrepender, fui claro? Eu não terei pena de colocá-lo na rua, juro que faço da vida desse infeliz um inferno!

— Marcos, chega.

Isadora segurou meu braço e me lançou um olhar de aviso que deixava claro que eu estava passando dos limites. Eu a afastei irritado, deixando-a para trás para lidar com todos aqueles olhares de pena que cada um deles me dava agora. Batendo a porta do meu escritório ao passar, eu senti como se não fosse aguentar. A falta de informações me levava à sensação de descontrole a qual eu não era acostumado. Nada na minha vida, nada ao meu redor, fugia do meu domínio. Só essa mulher. Surpreendi-me com a entrada da Isadora segundos depois.

Será que era tão difícil assim ver que eu precisava ficar sozinho? Que estava perdido?

— Me deixe em paz, Isadora!

— Não a deixe te afetar, Marcos, por favor — Isadora pediu com a voz preocupada.

— Você não entende. — Ninguém entendia a merda que causei. Eu destruí a coisa mais importante na minha vida, quebrei a mulher que eu amava.

— Eu posso não entender, mas... ela é só uma...

— Nem continue, porra! Eu estou cansado de discutir esse assunto com você. Ela é a mulher a quem eu jurei respeitar, Isadora, prometi o mundo a ela naquele altar. Eu...

— Você está começando a me deixar preocupada.

— Pois fique, porque eu não vou ter paz enquanto Rachel não estiver nessa casa de novo!

— Certo. — Minha irmã tentou permanecer calma e me estudou como se eu estivesse perdendo a porra da minha cabeça. — E quanto àquele médico, Marcos? Ele parecia bastante protetor ontem... querendo falar com ela, te enfrentando...

— Esse foi o primeiro lugar ao qual enviei o Ricardo — falei entre dentes.

— E?

— Nós saberemos em breve, ele deve estar chegando à mansão a qualquer momento. — Parecendo desconfortável, de repente, minha irmã continuou:

— Marcos, se alguém descobre que a Rachel desapareceu, será um pesadelo, você sabe, não é? Mariana ser uma bastarda será um escândalo pequeno perto das especulações que uma esposa fugitiva iria causar...

Eu a encarei abismado, chegando à conclusão de que minha irmã nunca iria mudar. Essa era ela. Fria, esnobe, inalcançável. Claro que eu sabia o desastre que seria se essa notícia chegasse aos jornais, mas foda-se! Eles que dissessem o que bem entendessem, minha única preocupação nesse momento era com a Rachel e com o meu filho. Somente com os dois. Uma batida forte na porta nos fez virar a tempo de ver Ricardo entrando. O homem vacilou ao dar de cara com Isadora, e isso me incomodou. Essa não era a primeira vez que algo assim acontecia. Algo nela o fazia reagir, eu só não entendia por quê. Não que minha irmã lhe desse um segundo do seu tempo. Às vezes parecia até que ela não o enxergava.

— O Dr. Otto, ao que parece, não sabe de nada, Marcos. Ela não atende as ligações dele

também.

— Tem certeza? — Ricardo me deu uma resposta positiva. O clima tenso no escritório não melhorou, eu pedi para que ele me desse alguns minutos a fim de terminar a conversa com minha irmã e Ricardo assentiu, saindo logo em seguida.

Quando a porta foi fechada, eu a encarei desconfiado, tentando decifrar o que se passava por dentro daqueles olhos frios, mas não havia nada ali.

— Você tomou uma decisão errada uma vez, Isadora — eu a lembrei vago, querendo sondar o terreno.

— Eu sei. — Minha irmã cruzou os braços na frente do corpo em desafio.

— Ricardo tem sido seu segurança já há algum tempo, não tem? — Como se entendesse aonde eu estava querendo chegar, ela não levou um segundo para reagir.

— Realmente, Marcos? — perguntou, como se minhas suspeitas fossem um absurdo. — Eu não sou você ou a Mariana. Eu teria que estar... completamente louca para me envolver com alguém como aquele homem. Como pode sequer insinuar isso?

— Eu não insinuei nada. Apenas disse que você já cometeu um erro, um erro que nos custou alguns bons milhões. Então, pense bem antes de...

— Eu nunca me rebaixaria a tanto, pelo amor de Deus! — cuspiu ofendida.

— Eu sei que não — murmurei, voltando à razão. Minha irmã não era a fraca aqui. Eu era.

Dando a conversa por encerrada, eu pedi que Isadora assumisse o meu trabalho pelo restante do dia e fosse para a Montenegro. Não era porque eu não poderia estar lá que deixaria a empresa de nossa família à própria sorte. Mariana já havia sido avisada sobre o desaparecimento da Rachel, e a sua reação ao telefone foi o suficiente para que eu soubesse que ela não fazia ideia de onde minha ratinha poderia estar. Ela chegou a se oferecer para vir até a mansão e ficar ao meu lado, mas eu não a queria por perto. Não quando eu não tinha a menor ideia de como dar um fim ao meu desespero.

ISADORA

O que você pretende vindo aqui mais uma vez, Isadora? Só me diga o que pretende... O mundo está desmoronando ao seu redor e você não consegue pensar em outra coisa que não nesse homem?

O restinho de bom senso dentro de mim me questionou assim que parei meu *SUV* na calçada do

flat em que Ricardo estava hospedado nas últimas semanas. O prédio não chegava nem perto do que poderia ser considerado alto padrão, mas eu também duvidava que estivesse sendo barato. A verdade é que eu tinha curiosidade em saber como ele se mantinha tão bem com o salário que recebia sendo o chefe de segurança do meu irmão. Ao que descobri, recentemente, Ricardo não era só um *segurançazinho* qualquer, como imaginei a princípio. O grosseirão era o responsável por comandar a equipe de segurança e monitoramento do meu irmão.

Pegando meu celular de dentro da bolsa, eu tentei mais uma vez telefonar para ele antes de aparecer no *hall* de entrada do prédio. Eu odiava ter que me identificar com alguma daquelas recepcionistas sonsas e Ricardo sabia disso. *Por que você não atende?*, questionei-me assim que me dei conta de que essa era a terceira ligação que ia direto para a caixa postal.

Respirei fundo e permaneci por mais alguns instantes em sua rua, querendo fugir da bagunça que encontraria quando voltasse para a mansão. O sumiço da Rachel havia me pegado de surpresa, eu pensei que depois da conversa que tivemos aquela tonta se daria conta do que meu irmão sentia e facilitaria as coisas. Tudo bem que se eu pudesse escolher, ela seria a última mulher na face da Terra a estar com ele, mas enfim, Marcos era a única pessoa nessa vida com quem eu me importava e me angustiava vê-lo perdendo o controle. Vendo-o vulnerável por causa de tais sentimentos.

Parecia tão errado ver o poderoso Marcos Montenegro se render a alguém... a algo que não fosse o nosso legado. Errado e assustador. Por que se meu irmão era capaz de se perder, que dirá o restante do mundo?

Você quer dizer que dirá você, não é, Isadora?, a vizinha irritante indagou novamente. E era definitivo, talvez eu estivesse mesmo ficando completamente louca, concluí, ao lembrar a conversa com o meu irmão essa manhã. Porque para chegar ao ponto de vir atrás de um homem que eu praticamente não conhecia, apenas em busca de distração, eu deveria estar mesmo louca. *Insana*.

Reclinei-me contra o banco de couro bege, tentando me acalmar, e a figura de uma pequena mulher saindo do prédio chamou minha atenção. Baixinha e com cabelos castanhos, encaracolados até a cintura, ela parecia totalmente fora de lugar. Desviei meus olhos para a imagem masculina atrás dela e preendi a respiração. Era o Ricardo. Com toda essa coisa da Rachel, ele tinha sido dispensado de ficar ao meu redor pelos próximos dias, e o que no começo do dia me pareceu uma excelente ideia, agora já não me parecia tanto.

Sem conseguir arrancar meus olhos da cena, eu congelei ao ver o momento em que a mulher lhe lançou um sorriso triste. Os dois pareciam estar se despedindo, talvez, à espera do táxi, porque ficaram na calçada conversando por vários minutos. Por fim, quando o taxista apareceu para pegar a

mulher, meu estômago embrulhou ao ver Ricardo beijando o topo da sua testa e alisando seu rosto. Em um gesto cheio de carinho e cuidado.

A mulher, que usava um desses vestidos floridos brega e um suéter sem graça, pareceu ficar feliz com o gesto e o abraçou. Ela-o-abraçou! De longe, eu peguei o exato instante em que ele fechou os olhos e a manteve em seus braços, como se de alguma forma doesse dar adeus a ela. Como se... ele não quisesse deixá-la ir. A certeza de que ela era a *tal* Clarissa me atingiu trazendo um gosto amargo à boca. Uma raiva sem sentido.

Aquela então era a mulher da qual eu me recusava a saber mais, da qual Ricardo se esforçava para me fazer entender o quanto significava para ele e que eu me negava veementemente a entender. Eu não queria saber nada dele, que dirá da sua ex-esposa. Sentindo um aperto no peito, eu pensei estar prestes a ter um dos meus ataques, mas ele não veio. Eu conseguia enxergar e pensar com clareza, meu corpo não estava frio ou molhado de suor. Havia apenas a dorzinha no peito que começou insignificante e aumentou a cada segundo...

Por algum motivo, Ricardo demorou a entrar de volta no prédio. Ele apenas ficou ali, observando o carro se afastar, parecendo confuso. Minutos depois eu desisti de encontrar sentido na cena que presenciei e dei a partida no meu carro. O celular que até então passara a tarde em completo silêncio, tocou e o computador de bordo mostrou seu nome na tela. Eu ignorei e o afastei da minha mente, da mesma forma como fiz com a imagem daquela mulher tão irritantemente doce.

Clarissa parecia a típica esposa que espera o marido em casa no final do dia com o jantar pronto e os filhos em fileirinhas ridículas. Porque era isso que ela deveria ser, uma mulher com o sonho de encher a casa de crianças e animais nojentos. Que apreciaria um jardim no quintal com cercas brancas e tortas... que trabalharia em alguma escolinha de bairro ou cuidando de idosos em alguma casa de apoio. Eu podia até mesmo imaginá-la fazendo biscoitos e leite quente para o marido. *Urgh!*

O pensamento de uma vida assim me causava arrepios e náuseas. Agora ligar aquela mulher ao homem com quem eu vinha tendo relações sexuais... era quase um absurdo. Porque Ricardo não parecia ser esse tipo de marido. Havia um mistério nele, uma força, uma inquietude quase frustrante. *E, mesmo assim, aquela coisinha desagradável conseguiu mantê-lo ao lado dela por todos esses anos...* a vizinha implicante murmurou uma última vez, antes de me deixar em paz.

Eu não precisava disso, não precisava dele, convenci-me enquanto apertava minhas mãos trêmulas no volante e acelerava meu carro em direção à mansão.

MARCOS

Dois dias depois...

Rachel olhou para mim e isso fez meu coração querer saltar pela boca. Ela estava de volta? Era isso, pensei ao vê-la parada na minha frente. Fui dominado por um turbilhão de emoções ao vê-la ali, parada, me encarando. Porra, eu tinha tanta coisa pelo que me desculpar, tantos erros pelos quais me redimir... mas antes de tudo, antes de implorar pelo seu perdão, eu queria apenas que ela soubesse o quanto eu a amava.

— Carinho... — eu murmurei e a puxei para os meus braços. Fui sacudido pelo seu cheiro, o mesmo cheiro que procurava durante a noite ao meu lado e não encontrava. Agarrei seu cabelo, sentindo sua falta, e a beijei quase em desespero. Prometendo a mim mesmo nunca mais fazê-la soltar uma lágrima que fosse. — Eu te amo tanto, carinho, tanto — murmurei em meio aos beijos, me recusando a soltá-la. A deixá-la ir. Eu queria que essa dor no meu peito parasse, que os pesadelos parassem. Eu a queria de volta, porra!

— Marcos. — A voz da minha irmã apareceu na minha mente, levando a Rachel para longe. Não, de novo não... — Você está dormindo no chão do seu escritório...

— Rachel está me deixando de novo, Isa... Ela estava aqui e eu a beijei, eu disse que a amava, por que ela não fica? Por que tem que continuar me deixando?

O silêncio foi tudo o que restou, Rachel tinha desaparecido da minha cabeça, o beijo, ela... o seu cheiro. Tinha sido tudo um maldito pesadelo. Mais um deles. Abri meus olhos e encontrei minha irmã no outro lado da sala, olhando-me apavorada, como se não me reconhecesse. Foi nesse momento que eu me dei conta de que estava no chão do meu escritório, as costas contra a mesa... e um copo de uísque ao meu lado.

— Ela não vai voltar, não é? É isso o que esses malditos sonhos estão tentando me dizer? — Rugi perdendo o controle, agindo como um maníaco. Meu corpo fora jogado contra a porta, o líquido âmbar se espalhando pelo carpete enquanto a voz assustada da minha irmã confundia a minha cabeça.

Desinteressado, eu a vi se movimentar pela sala ao mesmo tempo em que discava um número qualquer em seu telefone. Ignorei sua presença tensa e voltei a fechar meus olhos com a esperança de que Rachel aparecesse outra vez. Não importava se iria doer quando acordasse, eu só queria um pouco mais dela.

— Eu... eu gostaria de falar com a Mariana. — Minha cabeça doeu ao som da voz da minha irmã. — Sim, Sofia, é a sua tia falando, agora você poderia, por favor, passar o telefone para a sua

mãe?

Capítulo 35

ISADORA

Caminhei de um lado ao outro no corredor em frente ao escritório, à espera da minha querida irmã. Sem acreditar que realmente fui contra todos os meus princípios e recorri a ela nesse momento crítico do Marcos. Os dois eram próximos de uma maneira que eu não conseguia entender, e algo me dizia que Mariana saberia lidar com a dor do meu irmão muito melhor do que eu mesma. Matava-me vê-lo daquela forma, sofrendo por causa daquela infeliz irresponsável. Marcos não era assim, eu não podia sequer me lembrar de alguma vez em que o tenha visto agir dessa maneira ou sucumbir ao sofrimento. Eu só queria que alguém, qualquer pessoa, o fizesse voltar à razão. Fizesse-o agir como o irmão que eu conhecia.

Ciente dos sintomas aparecendo, eu respirei fundo e comecei a estalar meus dedos. Um tique nervoso adquirido contra a minha vontade. A chegada da minha irmã, vindo em minha direção pelo corredor semiescuro, interrompeu meus gestos agitados. Foi preciso um esforço imensurável para não revirar os olhos, tamanho o meu desgosto ao ver aquela pirralha chata agarrada às pernas da Mariana. Observando, à distância, eu me vi engolindo minha amargura ao me deparar com as mudanças que a gravidez fizera no corpo dela. Digamos que... Mariana estava grávida em todo o sentido da palavra. Seu andar era diferente e mesmo com a expressão aflita em seu rosto era possível ver que ela era uma mulher feliz. Realizada.

Para o meu espanto, a dormência ao redor no peito chegou aos meus dedos, deixando-me nervosa. Era assim que começava. O problema talvez fosse o fato de que, pela segunda vez no dia, a vida de outra mulher estava sendo esfregada na minha cara. E eu, Isadora Montenegro, me peguei comparando-me a essa outra vida. Só para constatar o que já sabia: eu não era como minha irmã, que se contentava com pouco, morava naquele lugar que mais parecia um curral e que muito em breve teria duas crianças agarradas às suas pernas. Como também não era como a ex-esposa do Ricardo, que mesmo abandonada pelo marido, saía por aí com aquela carinha de mulher mansa.

Respirei fundo outra vez, obrigando-me a permanecer sã enquanto meu corpo se rebelava ao iminente ataque. A dormência já havia se espalhado por ele, fazendo-me estática.

— Onde está o Marcos, Isadora? — Mariana perguntou, arrastando a confusão dentro da minha mente para longe.

Nosso irmão estava no escritório a apenas alguns metros de distância, provavelmente sentado no mesmo lugar em que o deixei. Vê-lo confessar os pesadelos e a falta que sentia da Rachel, aquilo, com toda certeza, me quebrou. Eu não tinha estrutura emocional para lidar com nada disso, não fui preparada, não estava em mim.

— Você deveria ter vindo sozinha — acusei, e a palpitação dentro do peito aumentou.

— Eu não vou fazer bagunça, titia, eu *pometo*. — A coisinha irritante se intrometeu na conversa e arregalou aqueles olhos verdes para mim, como se esperasse por um abraço. *Ah, nem em sonho!*, pensei, dando um passo atrás. Meu vestido de alta costura não iria ser manchado por aquelas mãos grudentas, não mesmo.

— Marcos não vai querer que ela o veja assim — insisti na mesma tecla, agora com um tom de voz mais baixo.

— Ela pode ficar com a Vera, não complique as coisas.

— Eu dispensei os empregados por essa noite, não acho que eles precisem saber o que está acontecendo. — Envolvi meus braços ao redor do corpo e, com a vertigem, eu quase, quase sucumbi à vontade de me apoiar contra a parede. Mas não o fiz.

Olhando para a filha, Mariana respirou fundo e voltou a me encarar.

— Não acredito que terei que fazer isso, mas... fique com a Sofia por alguns instantes, tudo bem? — Mariana murmurou e, ao ver a minha reação, falou baixinho: — Ela não morde, Isadora. Fique tranquila. — A infeliz não esperou pelos meus protestos e entrou no escritório, deixando-nos sozinhas. Atordoada, eu encarei a coisinha pequena que ainda sorria afetada para mim e engoli em seco.

— Tem bolinho de *bacaxi*, titia? Eu tô com fome...

MARCOS

A porta do meu escritório foi aberta com receio, e eu me questionei quem era dessa vez. Quem nessa merda de casa era incapaz de entender que eu desejava ficar sozinho?

— Marcos? — Fitei minha irmã caçula com pesar. Vê-la não iria me fazer bem, era como colocar sal na ferida.

— Está tarde, Mariana. Isadora deveria ter cuidado da sua própria vida e me deixado em paz,

não ido te perturbar. — Sem me dar ouvidos, Mariana sentou-se ao meu lado, fazendo um certo esforço para realizar tal ato.

— Isadora estava apavorada ao telefone, Marcos, eu nunca iria conseguir dormir sem saber se você, *ou ela*, estavam bem.

Dei um sorriso pesaroso, porque, apesar de toda merda que Isa e eu fazíamos, nossa irmã ainda se preocupava com a gente. Olhar para ela e fingir que o volume inchado da sua barriga não me incomodava era uma mentira. Porque machucava, fazia-me lembrar de que eu não tinha o meu filho por perto, de que eu não sabia sequer o inferno onde ele estava.

— Rachel levou o meu filho... ela levou a porra da minha paz, Mariana! — Bati a cabeça contra o apoio da mesa, sentindo-me como a Isadora: apavorado.

— O que você fez, Marcos? Por que Rachel fugiu? — ela perguntou baixinho, querendo entender o que levou sua melhor amiga a sair dessa casa de novo.

— Esqueça... eu não preciso que você se vire contra mim também.

— Foi tão ruim assim?

Assenti em silêncio, a culpa me correndo por dentro. Resignada, Mariana deitou a cabeça em meu ombro e disse por fim:

— Talvez ela só precise de um tempo, Marcos.

Tempo...

Esse foi o mesmo argumentado usado pela Rachel para me deixar: "*Eu preciso de um tempo.*" Porra, eu vinha tentando entender, juro que vinha. Mas por que fugir? Por que sair assim sem nenhuma outra explicação? Rachel havia ferrado com a minha cabeça, deixado-me na lona. Desde a manhã em que entrei em nosso quarto e não a encontrei, eu não conseguia dormir sem ser assombrado pela imagem dela. Não havia nem mesmo pisado na Montenegro. E isso, para um homem que em anos só se afastou da empresa para ter alguns poucos dias de lua de mel, era muito.

Inquieto, eu andei pela sala à procura de algo que não existia. Algo que não estava aqui. Olhei para a minha mesa, pensando nas vezes em que Rachel e eu... fizemos amor sobre ela. A estante com os livros, os seus gemidos sussurrados em meu ouvido. Suas unhas cravadas em minha pele. Meus dedos deslizaram pelo meu cabelo, e eu me encontrei perdido. Sem rumo. O olhar da Mariana se chocou com o meu, e eu odiei enxergar a pena neles.

— Eu não quero continuar essa conversa, Mariana, apenas... — minha frase foi interrompida

por conta das batidas na porta.

— Mamãe, abre essa porta! — A voz da minha sobrinha ressoou do outro lado do escritório e eu franzi o cenho para minha irmã.

— Você a trouxe?

— Ela insistiu.

— Mamãe! Eu quero entrar!

Mariana foi até a porta e uma Sofia ansiosa entrou no escritório.

— Eu quero ver o meu titio. — Sofia passou determinada pela mãe e correu na minha direção, agarrando minhas pernas e olhando para cima. — A minha tia *pincesa* falou que você tá dodói, é verdade?

A tia princesa dela... levantei meu rosto e encontrei Isadora parada no batente da porta, verificando-me. A dor intensificou ao ver três pares de olhos verdes olhando para mim cheios de preocupação. Mariana, sentida com tudo o que estava acontecendo, Isadora... assustada. E minha sobrinha, bem, minha sobrinha parecia não acreditar que um homem do meu tamanho pudesse estar *dodói*. Na cabeça dela, não fazia sentido.

Passava das 23h quando eu me recolhi para o meu quarto. Mariana e Sofia iriam passar a noite na mansão, estava tarde para que pegassem a estrada e eu achei melhor que elas ficassem. Isadora não havia dito muitas palavras depois da chegada das duas, e logo pediu licença, dando a noite como encerrada. Eu sabia que vinha jogando muita responsabilidade sobre os seus ombros nos últimos dias e que, por causa disso, ela andava cansada e mais tensa do que o normal.

Sem perceber o que fazia, eu me peguei rolando fotos da Rachel em meu *iPhone*. Todas tiradas ou enviadas por ela. Havia uma... que, porra, eu amava. Tanto, que havia perdido a conta de quantas vezes procurei por ela nos últimos dias. A fotografia era simples, Rachel sorria, nada forçado ou encenado. Era um sorriso verdadeiro, real. Na manhã em que a recebi eu me encontrava preso em uma reunião chata e, de repente, quando a fotografia apareceu no visor do meu telefone, eu relaxei, como se um peso fosse arrancado de minhas costas pela simples visão da minha esposa. Nela, Rachel havia acabado de despertar, não tinha maquiagem em seu rosto, seu cabelo estava cacheado, sem qualquer outro artifício. E tudo que fora escrito na legenda da foto era que o nosso bebê havia

acordado agitado.

Mesmo sabendo que seria inútil, eu decidi mais uma vez discar para o seu número. O celular, assim como imaginei, permaneceu indo para a caixa postal. Isso parecia um *déjà vu*, uma lembrança maldita daqueles dois meses em que fiquei sem ela.

"Perdi a conta de quantas vezes já te liguei, carinho. Só atende uma única vez, por favor." Quebrei a cabeça, pensando em tudo o que queria dizer, mas sem saber por onde começar. *"Me desculpe, porra, eu... eu não sei mais o que fazer! Volta para casa, Rachel, volta e nós conversamos. Você é minha esposa, o seu lugar é ao meu lado e..."* Eu te amo, murmurei depois que o bipe cortou a mensagem.

RACHEL

Duas semanas depois...

"Sofia esteve aqui hoje, ela... perguntou por que você ainda não voltou. Eu não consegui responder, não consegui dizer que a mulher da minha vida havia me abandonado. Que ela não responde minhas ligações e que não fala comigo. Então eu apenas saí da sala. Eu sei, Sofia é só uma criança, mas eu não sei como dizer a verdade a ela, Rachel. Assim como não sei se vou suportar passar outra noite longe de você. Os pesadelos continuam... eu tenho tentado, sabe? Eu acordo todas as manhãs e vou trabalhar. Isadora precisa de mim. Mas nada é igual. Nada sem você é igual. Eu estou cansado, porra! Por que você não volta? Até quando vai continuar me castigando?" Bipe.

"Esta noite eu sonhei com o nosso filho, carinho. Ele era um menino, tinha os seus olhos... o mesmo sorriso." Marcos fez uma pausa como se fosse difícil continuar. *"A Mariana diz que você vai voltar, que você nunca teria coragem de afastar o nosso filho de mim. A Isadora, bem, a Isadora está com raiva de você. Ela não suporta me ver sofrendo. Sofia tem estado preocupada. Ela só tem cinco anos, amor, e parece que entende tudo... como se soubesse que estou desesperado. Essa semana foi o aniversário dela e eu compareci à festa que Mariana organizou na escola. Porra, eu quero estar lá para o meu filho também, carinho... não me tire isso, por favor."* Bipe.

"Oito dias... eu não te vejo há oito dias. Nossa cama está vazia, o seu cheiro se foi. Às vezes eu paro e olho para as suas coisas em nosso armário, me perguntando se devo jogar tudo fora,

talvez isso faça com que a dor diminua. Mas aí penso que se jogar fora, eu estarei desistindo, e, Rachel, eu não sou um homem que desiste. Você sabe que tem homens atrás de você... eles vão te achar, carinho. Vão te trazer de volta para mim. Maldição, eu sinto a sua falta!" Bipe.

"Eu viajo para São Paulo esta noite. Esse é o pior momento para ter que me afastar, eu sei, mas a Isadora não poderá me substituir e é uma premiação importante. Será que você ficaria feliz de saber que o seu vinho preferido está entre os melhores tintos nacionais? Pois é, eu gostaria de ter você ao meu lado amanhã, de saber que enquanto estivesse na frente de todas aquelas pessoas, agradecendo ao prêmio, você seria a única mulher a ter a minha atenção. Eu realmente gostaria." Bipe.

"Eu estou cansado, Rachel... Volta para casa."

A última mensagem fora enviada há dois dias.

Apertei o celular em minhas mãos e segurei o choro. Esta era a primeira vez, desde que cheguei à pousada, que eu o ligava, havia mensagens do Marcos, da Mariana, do Alexandre... até mesmo uma do Guilherme. Minha primeira reação foi querer apagar tudo, eu não queria falar com ninguém. Com nenhum deles. Estar longe me fez perceber o quanto aquela família... me consumia. Arrasava. Fechei meus olhos por alguns instantes, empurrando para longe qualquer sentimento que ainda pudesse ter em relação ao Marcos. O silêncio dos últimos dias me forçou a relembrar cada minuto passado com ele, cada discussão... cada imposição. Ordem, ofensa. Eu me senti em carne viva, ferida novamente. E não, não seriam essas palavras que me fariam perdoá-lo.

Quantas vezes eu não disse exatamente a mesma coisa e ele me ignorou? Quantas vezes eu gritei estar cansada, implorando para que ele parasse, para que me deixasse livre, e Marcos fingiu não escutar? Ele deveria ter me deixado ficar com o meu pai, essa era a verdade. Ele deveria, mas não fez. Marcos não se importou com o que eu dizia sentir, o desgraçado passou por cima de mim e dos meus sentimentos como um rolo compressor. Então foda-se que ele estava cansado agora. *Fodam-se todos eles*, pensei enquanto me levantava e voltava para dentro da casa.

Esse tempo tirado para mim me ajudou a repensar a vida. A descobrir quais tinham sido os meus erros e falhas. Merda, havia muita culpa dentro de mim, mas também havia raiva. Não tinha um dia desde a morte do meu pai em que eu não me sentisse rasgada. Deixada à deriva. Eu era como aqueles barquinhos sem rumo, sem um porto onde me ancorar...

Aproveitando a temperatura agradável da sala, eu peguei um pouco de chá na chaleira e me

sentei no meu canto preferido da casa. Uma velha poltrona com uma manta acolchoada que eu tinha empurrado até que pudesse ver toda a imensidão do mar à minha frente. Enquanto meus olhos passeavam pela vista do lado de fora, eu voltei a pensar na minha infância. Parecia que tudo o que vinha fazendo nesses últimos dias era pensar e pensar. E juro, eu só queria descobrir qual fora o caminho errado que tomei e entender por que havia terminado tão sozinha.

Uma pequena lágrima escorreu do meu rosto ao perceber que não havia volta, que eu não podia simplesmente apagar tudo da minha mente. Fugir fora o único meio de me manter sã, de encontrar um pouco de paz em meio àquela turbulência, mas eu não poderia fazer isso para sempre, não é?

Um pequeno movimento em meu abdômen fez surgir um sorriso em meu rosto.

— Eu sei, meu amor, a mamãe só está confusa. — Acariciei a barriga, rindo ao ver que meu bebê se movia um pouco mais ao som da minha voz. — Mas vai passar, tudo bem? Eu sei o que preciso fazer, vai doer, mas eu tenho que fazer.

Meus dias aqui estavam contados, eu sentia isso. Não porque Marcos iria me encontrar, longe disso, eles estavam contados, porque, bem... eu pretendia voltar.

Capítulo 36

MARCOS

Essa era a segunda reunião a que eu me forçava enfrentar hoje, e minha paciência já se encontrava no limite. Depois da rápida viagem a São Paulo, há alguns dias, e das inúmeras mensagens de voz que deixei no celular da Rachel, eu me joguei no trabalho, tentando camuflar a angústia que sentia pela ausência da minha mulher. A sensação que carregava comigo era incapacitante, como se a porra do mundo inteiro tivesse deixado de existir apenas porque eu não a tinha em meu radar. As pessoas falavam comigo, ou pelo menos tentavam, mas eu não as escutava. Nada prendia minha atenção por mais do que alguns minutos, e quando dava por mim, estava novamente perdido em alguma das tantas lembranças da minha ratinha.

Todas elas surgiam sem que eu pudesse controlar. E, às vezes, no meio da tarde, eu jurava que podia escutar seus passos pelo meu escritório, ou então a sua voz... porra, o que eu não daria para escutar a sua voz. Para ter pelo menos a garantia de que ela e meu filho estavam bem. Uma confirmação de que as duas pessoas mais importantes na merda da minha vida se encontravam em segurança.

Cerrando o punho, eu me obriguei a manter o semblante impassível. As especulações que rondavam os corredores já eram incômodas o suficiente, meus funcionários não precisavam de mais munição para usar contra mim. Além do que, Isadora, como sempre, fizera questão de me atualizar a respeito dos comentários indiscretos. Tudo bem que não havia como explicar o desaparecimento da Rachel sem que isso comprometesse a minha imagem, e pior, sem quem isso trouxesse para cima da minha família a atenção da mídia. Então, minha irmã tomou a iniciativa e comunicou a todos que minha esposa havia passado mal após a perda do pai e que seus médicos a aconselharam a se afastar por um tempo.

Sua tentativa de controlar a situação não surtiu efeito e, a julgar pelos olhares curiosos que recebia ao caminhar pela minha própria empresa, eu podia apostar que nenhum deles parecia acreditar nessa desculpa.

Sacudindo a cabeça, eu encarei cada um dos homens sentados ao redor da mesa enquanto tentava, inutilmente, me concentrar no que Oliver continuava a dizer. Ele e alguns outros diretores, assim como a Isadora, tinham estado pela última hora presos em uma discussão acalorada a respeito da nova linha de *Espumantes Élite*, que a Montenegro pretendia lançar no final desse ano. A

produção estava acelerada por conta das datas festivas, e havia uma equipe independente destinada a suprir todas as necessidades do lançamento enquanto o restante dos meus funcionários se envolvia com a expansão.

— Onde está a Mariana? — interrompi a reunião ao constatar a falta da minha irmã caçula, recebendo com isso alguns olhares de espanto.

Até quando as pessoas iriam continuar a olhar para mim como se eu fosse uma bomba prestes a explodir?

— Mariana está por conta do relatório de produção hoje, ela irá passar o dia inteiro na vinícola, Marcos. *Eu avisei a você* — Isadora complementou baixinho, praticamente como um puxão de orelha pela minha falta de atenção.

— Certo, há mais alguma coisa que precise ser dita? — Eu me levantei, deixando a todos perplexos.

— Nós ainda não chegamos a nenhum consenso quanto à data de lançamento, o setor de vendas e marketing está apenas esperando o nosso aval e...

— Bom, eu acho que vocês conseguem resolver isso sozinhos, não é mesmo? Escolham uma data e peçam para que meu assistente me repasse tudo o que foi discutido e decidido nessa reunião.

Isadora me lançou um olhar nervoso, para não dizer frustrado, e deu prosseguimento à reunião enquanto eu me afastava, voltando a me trancar no esconderijo que era o meu escritório. Assim que a porta bateu, eu me dirigi ao fundo da sala, onde tinha acesso à vista privilegiada da cidade. De repente, a memória da noite da minha lua de mel surgiu, me levando de volta ao momento em que Rachel e eu nos consumimos com a cidade de São Paulo sob nossos pés. À maneira como seu corpo me recebeu, de como eu a pressionei contra a janela que cobria o nosso andar... *Já era amor naquela época, não era?*

Empurrei o pensamento para longe quando meu ramal tocou, com um aviso da minha secretária de que Vinicius estava à minha espera. Era o maldito quem cuidava do processo contra o Henrique e, segundo a ligação que recebi essa manhã, havia algumas informações que ele achava importante que eu soubesse. Assim que entrou, eu fugi de todo e qualquer tipo de conversa fiada, não querendo perder tempo, pedindo que fosse logo direto ao ponto.

— Eu me reuni com a equipe de defesa do Sr. Farias, nós já recusamos dois acordos, Marcos. Eles estão ficando nervosos, querendo soluções... — Eu analisei as palavras ditas, sabendo que Henrique contava com a minha palavra para que sua pena fosse reduzida. O julgamento ainda não

havia ocorrido, e por causa da ameaça que o desgraçado representava à minha família, o pedido feito pelos seus advogados para que ele aguardasse o julgamento em liberdade fora negado não uma, mas duas vezes.

Nós tínhamos feito um acordo há alguns meses, Henrique esqueceria de vez a existência da Mariana e da Sofia, assinaria um papel abrindo mão da paternidade da minha sobrinha, e, em troca, eu iria retirar algumas das acusações contra ele a fim de diminuir a sua pena.

— Faça o que tem que ser feito, Vinicius, eu só não quero ter que ver a cara daquele filho da puta outra vez. Entendeu? — Meu advogado assentiu e se levantou, não sem antes deixar sobre a mesa o envelope que realmente me interessava.

— Está tudo aqui? — perguntei de maneira fria, ainda engasgado com toda essa merda.

— Sim, Sr. Montenegro, apenas me avise se houver alguma outra alteração a ser feita.

Não respondi nada, apenas esperei que ele saísse e me apoiei contra o encosto da poltrona de couro. O último contrato fodeu com a minha vida, mas esses papéis sobre a mesa agora, bem, eles eram a prova do quanto eu amava a minha ratinha e, porra, eu só podia torcer para que não fosse tarde demais.

Ricardo havia disponibilizado um de seus melhores funcionários e o colocado à procura da Rachel. Dias haviam se passado, meu desespero se tornando cada vez mais nítido, e nenhuma informação fora encontrada. Não havia registros de uso de nenhum de seus cartões de crédito ou qualquer movimentação bancária. Isso era uma merda, mas minha esposa, ao que parece, estava se tornando uma *expert* em desaparecer sem deixar rastros. As horas seguintes foram passadas em cima de planilhas e mais planilhas, Isadora se absteve de vir me cobrar qualquer tipo de atitude. Depois da primeira semana, ela desistiu de me fazer reagir, meu comportamento a assustava, eu podia ver, e, em vez de lidar com as mudanças, minha irmã simplesmente se fechou dentro da sua própria concha. Como se assistir ao meu sofrimento a fizesse mal.

Eu não a culpei por não saber lidar comigo, Isadora era o tipo de mulher que, se fosse preciso, comandaria a mão de ferro todas as centenas de funcionários que tínhamos sem pestanejar. Eu não duvidava da sua capacidade, porque a inabilidade dela estava mesmo era em resolver crises emocionais.

Com a chave do meu *Alfa Romeo* em mãos, e alguns documentos que levaria para analisar em casa mais tarde, eu me afastei do edifício em direção ao estacionamento externo da Montenegro. O vento frio me atingindo conforme caminhava, e, porra... a visão da pequena mulher parada ao lado

do meu carro fez com que cada músculo do meu corpo se retraísse. Ela estava de costas, o cabelo loiro tão parecido com o da minha ratinha, preso no alto de sua cabeça. Eu a observei por alguns segundos, questionando seriamente a minha sanidade. Aquela ali não era a minha esposa, mas era *muito* parecida.

Quando se virou, meu peito se contraiu, aqueles olhos... eram os mesmos que eu perseguia noite após noite. Que fizeram de mim um homem vazio... Vendo que eu não daria nenhum passo em sua direção, a mulher, que deveria ter cinco ou seis anos a mais do que eu, se aproximou determinada. Ela não precisou dizer seu nome, porra, não precisou sequer abrir a boca, porque eu sabia quem ela era.

— Eu gostaria muito de ver a minha filha, Sr. Montenegro.

Cristina continuou falando sobre o seu desejo repentino de ver a Rachel, e mesmo não acreditando em nada do que a mulher dizia, eu não consegui me impedir de ficar atordoado. A semelhança era tanta que chegava a me ferir. A voz serena, a maneira como ela se movia pela sala... cada maldito gesto que a mãe da minha esposa fazia me empurrava para baixo mais e mais.

— Então, Sr. Montenegro, onde está a minha filha? O senhor me trouxe até a sua casa e passou a última meia-hora me escutando, mas até agora... — Eu fixei em seu rosto. *Por que será que eu não conseguia acreditar nessa imagem de boa mãe que ela estava representando até agora?*

— Rachel não está na cidade — respondi de maneira controlada, me negando a dar qualquer outra informação.

— Como não está? O pai da minha Rachel acabou de falecer, ela deve estar arrasada...

Minha Rachel...

— Eu não sei o que a senhora pretende, mas deixe-me te explicar uma coisa. *A sua filha...* a *sua Rachel*, como acabou de frisar, está arrasada desde o maldito dia em que a mãe dela decidiu abandoná-la sem nunca olhar para trás! Não tenho a menor ideia de como ficou sabendo a respeito do falecimento do seu marido, mas posso lhe garantir que a última coisa de que minha esposa precisa agora é da sua presença na vida dela.

Engolindo as minhas palavras, Cristina endireitou seu corpo e me encarou fixamente.

— Isso é a Rachel quem terá que decidir. Eu voltei porque quero estar ao lado dela e é isso o que farei.

— Por que agora? — A mulher não respondeu. — Por que justamente agora?

— Eu não lhe devo explicações, Sr. Montenegro. Pelo visto, tudo o que escutei a seu respeito é verdade, mas eu não vou me deixar ser intimidada.

Escutado a meu respeito? O que essa mulher pretendia, porra?

— Com licença, Sr. Montenegro. — Vera nos interrompeu, trazendo com ela uma bandeja e, assim que colocou os olhos na mãe da Rachel, reagiu como se fosse desmaiar. Era bom saber que eu não era o único a ficar chocado aqui. — Não recebi nenhuma ordem, mas pensei que talvez vocês fossem desejar um café... — conseguiu murmurar, um pouco receosa.

— Não há necessidade, Vera — falei seco, correndo o risco de parecer mal educado. Eu não queria prolongar a presença dessa mulher na minha casa por mais do que o necessário.

— Eu iria adorar. — Cristina sorriu, ignorando-me, e atravessou meu escritório. — Eu estou aqui tentando convencer o seu patrão a me deixar ver minha própria filha, acredita? Talvez a senhora possa...

— Vera, saia.

— Senhor!?

— Saia agora!

Quando a porta se fechou, precisei contar até dez antes de voltar a falar. Cristina bebeu seu café com calma, olhando ao redor, como se não tivesse absolutamente nada de errado.

— O que você realmente pretende? — perguntei com a mandíbula apertada.

— Eu já falei o que pretendo, ver a minha filha.

— E por que será que não acredito nisso?

— Acredite no que o senhor quiser — Cristina respondeu sem sequer piscar, fazendo-me ter vontade de expulsá-la com as próprias mãos.

Levou quase uma hora até Cristina se dar por vencida e perceber que eu não iria dizer onde Rachel se encontrava. Mesmo assim, ela saiu fazendo questão de deixar claro que não iria desistir até falar com a minha esposa. A primeira providência que tomei ao ficar sozinho foi contatar o Ricardo e pedir um relatório completo a seu respeito. Não me importava que ela estivesse decidida a

reaver a filha, suas palavras não me tocaram, e sua atitude suave, tranquila, me pareceu como dissimulação pura, fazendo-me ainda mais nervoso.

O restante da sexta-feira, assim como o sábado, se arrastou. E foi só no final do dia que o relatório com as informações a respeito da Cristina chegou à minha mesa. Infelizmente, não havia nada relevante que pudesse me dizer quem era essa mulher ou o que ela pretendia. Tudo o que sabia era que Arthur e ela nunca chegaram a se separar legalmente e que ela não assinava mais como Cristina Vidal, e sim com seu nome de solteira. Não havia bens pessoais em seu nome e sua carteira de trabalho não era assinada há anos...

— Tem alguma coisa errada, não acha? — perguntei ao Ricardo após dar uma rápida olhada nos papéis.

— Eu diria que sim — Ricardo respondeu sério.

— E o hotel em que está hospedada?

— É simples, Marcos. Ela praticamente não deixou o hotel nas últimas 24 horas e, quando o fez, foi apenas para dar uma volta na cidade.

— Eu não entendo por que voltar agora, depois de todos esses anos.

— Talvez ela tenha tido os seus motivos para não voltar antes. — Ricardo deu de ombros, distraído. Sua mente não estava no trabalho hoje, isso era visível.

Quando o domingo chegou, eu rolei da cama e gastei algum tempo na piscina. Forcei meu corpo até que meus ombros e músculos falhassem, me levando à exaustão. A dor provocada pelas braçadas talvez trouxesse algum alívio ao que vinha tirando o meu sossego. Essa havia sido outra noite em que o sono demorou a chegar e em que os malditos pesadelos me atormentaram. Era um absurdo, eu sabia, mas acordei no meio da madrugada com o membro duro de desejo, de saudade... Não era fácil pensar na minha mulher o dia inteiro e bater na cama, exaurido, só para ter meu sono invadido por sonhos da gente fazendo amor, dela chamando o meu nome... voltando para a minha vida.

Buscando por algum autocontrole, que, por sinal, se tornara escasso nesses últimos dias, eu me enfiei debaixo da ducha fria. Limpando o suor de minha pele e fazendo com que meus músculos relaxassem sob a água que descia com força. O dia hoje seria agitado, em breve essa casa estaria cheia com Mariana, Sofia e Guilherme vindo para o almoço de domingo. Assim como os meus

padrinhos. Eles eram os únicos que sabiam da verdade.

Minha disposição era mínima para esse almoço, Carmen me tratava como se eu fosse um menino tolo passando pela sua primeira desilusão amorosa. Eu sabia que ela só estava tentando cuidar de mim, como qualquer mãe faria. Só que eu era um homem prestes a completar 40 anos de idade, comandava uma das maiores vinícolas do país já há quase 20 anos, e não suportava os olhares de pena e preocupação direcionados a mim nos últimos tempos. Saindo da ducha, eu vesti um suéter grosso e calças jeans. A barba por fazer estava mais comprida do que o habitual, assim como o meu cabelo. Mas eu não me importei. Esgotado, eu apenas joguei os fios grossos para trás e voltei ao quarto, me deparando com nossa cama vazia.

Nada aqui faz sentido sem a Rachel, pensei enquanto meu olhar percorria o quarto frio à minha volta.

RACHEL

17 dias... Esse foi o tempo que tomei longe dessa casa.

O número passou pela cabeça enquanto eu esperava que um dos seguranças liberasse os portões. A reação assustada no rosto do funcionário do Marcos não me intimidou, e conforme o táxi entrava na antiga e sofisticada mansão Montenegro, uma pequena parte de mim congelava por dentro. Eu gostaria que as coisas fossem diferentes, que eu nunca tivesse que voltar a esse lugar e ver essa família de novo. Em um mundo ideal, eu e meu filho nos viraríamos sozinhos, longe do orgulho irascível e da alienação em que Marcos e todos ao seu redor viviam. *Em um mundo ideal... Marcos, talvez, não tivesse me ferido*, pensei consternada, assistindo com pesar à partida do taxista.

Vendo-me sozinha, meus instintos de proteção se agitaram, e meu coração, que até então permanecera quieto, entrou em colapso, fazendo com que meu corpo se inflamasse de raiva. Fugir, infelizmente, não fez com que a turbulência dos meus sentimentos diminuísse. Não apagou as lembranças ruins de tudo o que passei nessa casa ou ao lado do Marcos. Não tornou a perda do meu pai mais fácil ou menos dolorosa. Eu ainda chorava todas as noites e me odiava por todos os pensamentos bobos que rondaram a minha mente pelos últimos meses. *Se a esperança fosse uma pessoa, eu iria adorar dar um fim a ela...*

Subi a escadaria principal da casa, ciente, agora mais do que nunca, de que Marcos deveria estar movendo céus e terra à minha procura. O homem nunca iria parar, suas mensagens haviam deixado isso bastante claro. Em algum momento eu teria sido descoberta e arrastada de volta para

essa casa. O meu retorno só tornou tudo menos desgastante. A perspectiva de construir uma vida longe dele, me acostumar com a ideia de ser livre e, depois, de repente, ter isso tomado de mim, iria me devastar outra vez. Então, aqui estava eu, olhando para a grandiosa porta dupla da mansão, sabendo que, a partir do momento em que passasse por ela, não haveria escapatória. Eu seria novamente a Sra. Montenegro.

Enrijeci ao ver a porta se abrindo, e uma Vera espantada me recebeu, provavelmente depois de ser avisada pelo segurança. Nós duas não havíamos nos falado desde que eu parti, qualquer contato era feito através da Rebeca, e não foram poucas as vezes em que fui *aconselhada* a me cuidar, caso não quisesse ter o meu paradeiro revelado. Surpresa, Vera me olhou pelo menos umas três vezes, como se quisesse se certificar de que eu estava bem. Por fim, ela suspirou, um suspiro que me pareceu resignado, e puxou minhas malas para dentro da casa, me recriminando pelo peso que carregava e pelos saltos altos que eu escolhi para o dia de hoje. Conforme eu a seguia, uma sensação esquisita fez com quem os pelinhos do meu braço se arrepiassem, e não vou negar, era difícil estar aqui.

Quando cheguei ao elegante *hall* de entrada, eu me recusei a dar qualquer outro passo. Ao perceber, Vera se virou na minha direção, não sabendo o que fazer ou falar comigo.

— O Sr. Montenegro ficará louco ao ver a senhora, ele tem estado uma fera desde que partiu. Por que não sobe e se refresca, enquanto eu o aviso a respeito da sua chegada? — Sacudi a cabeça.

— Marcos não precisa ser avisado da minha chegada, Vera, e eu... eu gostaria que me fizesse um favor — pedi, e ela assentiu, incerta. — Quero que leve essas malas para o meu antigo quarto, aliás, eu quero tudo, todas as minhas roupas e tudo o que for meu colocado lá.

— Ele não irá aceitar isso, querida.

Exatamente, ele não iria aceitar... e era por isso que eu o faria.

— Deixe que com o Marcos eu me resolvo, Vera. Apenas faça o que te pedi. — Tentei sorrir, mas pareceu ter se passado séculos desde a última vez em que fiz esse gesto para alguém.

O único motivo dos meus sorrisos, atualmente, era o meu filho. O bebezinho agitado e bravo que eu carregava em meu ventre. Mesmo sendo tão pequeno, eu já era capaz de notar quando algo o contrariava, os movimentos constantes que ele fazia não me deixavam dormir e eu sentia que era tudo birra. A maneira de ele me fazer entender que algo o incomodava.

Ao perceber que eu estava falando sério, Vera pediu licença e se afastou indo em direção ao andar superior. Eu caminhei pela sala de estar e meu olhar se fixou no espelho emoldurado em bronze

que ficava de frente para o hall. Eu estudei o meu reflexo por alguns instantes, agradecendo todo o cuidado que tive para me arrumar essa manhã.

Depois de dias sem a obrigação de me arrumar como de costume ou de escovar meus cachos até que eles estivessem lisos e escorridos, eu pensei que nunca mais conseguiria me ver como a mulher refletida no espelho agora. Eu podia entender o olhar resignado da Vera, talvez até mesmo apreensivo. O vestido negro que eu usava representava o meu luto, o meu desgosto por estar de volta a essa casa. Meu cabelo estava impecável, assim como a maquiagem. Não havia nada fora do lugar.

Eu parecia a esposa perfeita.

MARCOS

— Mariana contou que vocês estão expandindo o haras...

— Sim, estamos montando outra arena hípica e mais dois estábulos climatizados para receber os garanhões árabes que estão para chegar. A ideia principal nesse momento é investir na reprodução da raça... — Guilherme respondeu sério, sem conseguir desviar os olhos da minha irmã, sentada a alguns metros de onde estávamos. Mariana e Carmen se encontravam entretidas em uma conversa sobre fraldas e bebês que me fez recorrer à primeira dose de uísque duplo dessa manhã. Isadora, por sua vez, parecia desconfortável ao ter os bracinhos da Sofia em suas pernas. A pequena não parecia entender que a tia ficava nervosa com seus avanços, e ignorando o seu semblante impassível, ela encheu a Isa de perguntas. Lembrando-a, insistentemente, do dia em que elas comeram bolinho de abacaxi juntas. Como se isso, por si só, as tornasse melhores amigas.

— Há alguma notícia sobre a Rachel? — meu cunhado perguntou, quase entre dentes.

— Nada. — Desviei o olhar da minha família e o encarei, odiando que o homem gastasse seu tempo se preocupando a com a *minha* esposa.

— Mariana tem estado preocupada, a gravidez da Rachel...

— Você e minha esposa eram realmente amigos? — perguntei de repente, e a mudança em seu rosto o entregou. Eu nunca soube de qualquer outro homem que tenha encostado um dedo na Rachel, mas se esse fazendeiro se atreveu...

— Tiaaa Rach... — O grito da minha sobrinha e o sentido de suas palavras me fizeram virar o rosto e, porra, meu coração poderia muito bem ter parado de bater ali naquele momento.

A tempestade que se formou dentro de mim deixou-me paralisado. Eu tive medo de acreditar que a imagem dela fosse real, medo de que a qualquer momento ela fosse desaparecer e me deixar de novo. Bastou um maldito segundo preso àqueles olhos azuis para saber que, desta vez, não se tratava de um pesadelo.

Era real, a minha esposa, a mulher que eu amava, havia voltado para casa.

Capítulo 37

MARCOS

Isadora e Mariana tentaram me parar ao ver que eu caminhava até a Rachel com a determinação férrea de um homem em seu limite. Minha querida esposa não recuou, sequer piscou ao me ver me aproximando. E, porra, vê-la de pé, fodidamente perfeita do outro lado do cômodo, deveria ter me feito respirar aliviado, mas, por algum motivo, não o fez. Eu a observei enquanto meus passos me levavam até ela, quase não acreditando no que enxergava. Desejei poder tocá-la, sorver cada pedaço de sua pele até estar tão embriagado que as últimas noites fossem arrastadas à força da minha memória.

Um olhar sobre minha mulher foi tudo o que bastou para que um tremor violento dominasse o meu corpo. O tesão acumulado me fez rígido enquanto a saudade bagunçava toda a merda dentro de mim. Rachel continuou a me encarar séria, mas eu não parei.

Eu precisava das minhas mãos nela... sentir que essa porra era real.

— Marcos — Mariana chamou quando eu segurei com firmeza o braço da Rachel.

Qualquer outro som ou tentativa de me impedir de arrastar minha esposa para fora daquela sala foi ignorado, eu a levei para longe de todos e, assim que cheguei ao corredor que cruzava o meu escritório, apertei-a contra a parede. Só havia um lustre aceso nessa ala, e eu esperava que ninguém dentro dessa casa fosse estúpido o bastante para nos interromper.

— Você nunca mais... vai fazer isso de novo, escutou? — Eu não consegui disfarçar o desespero e a raiva em minha voz. — Eu achei que... porra, Rachel, eu achei que tinha perdido vocês dois para sempre! — As palavras escaparam da minha boca.

Meus dedos pressionaram a bochecha pálida, que maquiagem nenhuma conseguia esconder, e eu a fiz inclinar o rosto. Querendo me certificar de que tudo estava bem. Rachel me olhou, mas parecia presa em algum estupor, isolando-me do lado de fora de sua mente. A força com que a segurei a fez entreabrir os lábios cheios, pintados de um vermelho tão vivo que a deixou ainda mais branca. Seu vestido preto, apertado, fazia com que seus seios se espremessem dentro do tecido, meus dedos, que não conseguiam parar quietos, se moveram em seu pescoço, seios e abdômen.

Liberando a respiração, até então presa, eu coleí minha testa à dela e fechei os olhos. A

vibração dentro do meu peito precisava ser controlada, mas parecia inútil qualquer esforço com esse fim. Minha outra mão se perdeu em sua nuca e afundou em seu cabelo, trazendo à superfície o cheiro inebriante do seu perfume. Eu inspirei o aroma doce com força como uma droga sendo consumida por um viciado em remissão. Esse era o cheiro que havia me abandonado, deixado nossos lençóis.

Você me assustou como o inferno, ratinha!, pensei enquanto permitia que meu nariz roçasse o dela. A distância era mínima, e eu quase podia sentir a umidade que vinha daqueles lábios carnudos. Lábios que pareciam ter sido criados para a minha satisfação.

— Eu sei que o que fiz foi imperdoável, mas preciso que entenda que cada erro que cometi foi porque eu te amo, carinho. Você é a mulher da minha...

— Não ouse terminar essa frase! — ela me cortou. — Eu não voltei para escutar suas mentiras, você não precisa mais me enganar para que eu permaneça ao seu lado. Eu estou aqui porque *eu quero*, Marcos, então chega!

Dei um passo atrás, tentando entender que merda era essa que ela estava dizendo. Será que todas aquelas mensagens de voz que deixei em seu celular não foram o suficiente para provar a essa mulher o que ela significava para mim?

— Você escutou as mensagens que deixei, Rachel? — perguntei nervoso.

— Cada uma delas.

— Então como pode dizer que estou mentindo? Como pode achar que não te amo?

— Eu disse que chega, Marcos! Eu vou permanecer nesta casa, e não apenas porque assinei aquele contrato, mas também porque não desejo viver fugindo. Meu bebê não merece uma vida assim! — falou ressentida, com uma firmeza que me assombrou. — Mas não pense em voltar a dizer que me ama ou a achar que tem o direito de me tocar, porque você não tem!

— Rachel... — Eu já estava perdendo a cabeça aqui.

— Só volte para aquela sala e comemore o meu retorno. — Ela ergueu seu rosto de maneira atrevida. Seu fodido rosto perfeito que eu queria apenas tocar. — Eu vou para o meu quarto, a viagem foi longa e eu estou cansada.

Que porra era essa?, questionei-me ao vê-la se afastar, sua bunda balançando de um lado para o outro, fazendo-me engolir em seco.

RACHEL

Cada erro que cometi foi porque eu te amo, carinho.

Foram com essas palavras se repetindo dentro da minha cabeça que eu entrei no meu antigo quarto, onde Vera e outra funcionária arrumavam o *closet* com minhas coisas. Nenhuma das duas notou a minha presença, e pela primeira vez desde que coloquei os pés nessa casa, eu deixei a máscara cair. Saí de cima dos meus saltos e fui até a sacada com vista para a parte de trás da mansão. De onde podia ver o jardineiro e os dois seguranças que agora pareciam vigiar a entrada lateral, a mesma pela qual eu havia escapado. Cruzei meus braços em frente ao corpo, aquietando as emoções. Marcos não teve o menor pudor em me tocar ou me apertar contra aquela parede, absorvendo-me como se... como se realmente se importasse. Eu sabia que ao voltar encontraria um homem desesperado, meu marido não era o que poderíamos chamar de compreensivo, principalmente diante da ameaça de perder algo que julgava lhe pertencer.

— Ele não vai aceitar que ela se mude para esse quarto, Vera, nós estamos fazendo isso por nada. — A voz da arrumadeira atraiu minha atenção.

— Não se meta nos assuntos dos patrões, menina — Vera a cortou.

— O que você acha que ela irá fazer quando descobrir que aquela mulher... — As duas voltaram ao quarto segurando alguns vestidos longos, e a moça, que até então parecia curiosa em discutir sobre a minha vida, perdeu completamente a cor.

— Senhora...

— Deixem-me sozinha, por favor.

Vera dispensou a pobre moça e se desculpou pela empregada, ficando por mais alguns instantes, me encarando como se quisesse dizer algo. Por fim, ela se virou e também saiu. Não demorou até que escutasse uma batida em minha porta, relaxei ao constatar que, se fosse o Marcos no outro lado, ele não iria bater ou sequer pedir para entrar. Então apertei o robe de seda em volta do corpo e fui até a porta. Mariana sorriu ao me ver, mas pareceu nervosa. Assim como todo mundo nessa casa parecia.

— Meu irmão está lá embaixo nesse exato momento querendo entender por que a Vera não o comunicou da sua mudança de quarto — falou ao entrar.

— Eu preciso de espaço.

— Tem alguma coisa acontecendo dentro dessa sua cabecinha, não tem? — Mariana me olhou desconfiada. — Nós somos amigas, Rachel, eu me preocupo com você, quase morri de aflição em

todos esses dias. Me diga por que você fugiu, porque voltou...

— Pergunte ao seu irmão e peça para que te mostre o maldito contrato de casamento que ele e aquele advogado filho da puta redigiram... — Mariana respirou fundo e me observou, da mesma forma como Vera tinha feito minutos antes. Qual era o problema com todo mundo aqui?

— Você não vai perdoá-lo, não é?

— Você perdoaria o Guilherme se ele jogasse sujo para conseguir a guarda total do seu filho? — Marina precisou de apenas um segundo para se recuperar do choque do que eu havia dito e sacudiu a cabeça, vindo até mim e me envolvendo em um abraço apertado. Sua atitude me pegou de surpresa, e pela primeira vez em dias eu me senti realmente respirar. Como se um peso fosse tirado das minhas costas.

— Marcos pode ser o meu irmão, só que, Deus, na maioria das vezes em que tenta manter o controle da situação, ele acaba errando feio — disse consternada. — Como ele teve coragem de fazer isso com você?

O que eu não daria para saber...

— Olha — ela continuou. — Não esqueça que acima de tudo eu sou sua amiga, tudo bem? Não importa que eu seja a irmã do homem que fez todo esse estrago. Eu sempre vou estar aqui para você, Rachel.

Eu não consegui dizer nada, mas dei a Mariana um pequeno sorriso. Minha amiga se sentou na cama ao meu lado, tentando me distrair ao contar tudo o que perdi estando longe. Segundo ela, os jornais respeitaram o meu luto porque Marcos fez com que fosse assim. Na Montenegro todos pensavam que eu havia me afastado por estar em alguma viagem a descanso, e apesar da curiosidade de todos, nada escapou da mídia sensacionalista. Por fim, insistiu para que dividisse com ela os detalhes dos últimos dias, e perguntou como o seu sobrinho estava, dizendo que todos nessa casa tinham a certeza de que se tratava de um gurizinho, igual ao dela.

Meia hora depois, Vera apareceu trazendo com ela a Sofia, que correu para a cama e se juntou a nós duas.

— Você veio cuidar do meu titio, não é? Ele está dodói.

— Sofia, seu tio não está doente, eu já te falei isso.

— Está sim, mamãe. Ele anda *tistinho*... eu só fico *tiste* quando fico dodói. — Ela revirou os olhos para a Mariana, não entendendo como a mãe não enxergava a lógica do seu raciocínio.

Eu me peguei rindo, apesar de tudo, e quase — quase — chorei quando a pequena envolveu meu pescoço com os bracinhos curtos e disse que tinha sentido minha falta. Marcos escolheu esse momento para entrar no quarto e encarar a cena à sua frente com o cenho franzido.

— Guilherme está à sua espera, Mariana — disse sério, dando a entender que queria ficar a sós comigo.

As duas saíram, Sofia protestou dizendo que não estava *feliz em ter que ir embora*, mas Mariana a arrastou para fora mesmo assim.

— Vera irá subir em alguns minutos para levar suas coisas de volta ao *nosso* quarto.

— Você está começando a ficar previsível, Marcos — murmurei, ficando desconfortável ao sentir seu olhar se mover pelo meu robe fino, cheio de fome.

— Se você sabia que eu não iria aceitar, por que fez com que minhas funcionárias perdessem tempo?

Dei de ombros, *não era como se eu já não esperasse por essa atitude*, pensei comigo enquanto ia em direção ao *closet* procurar por alguma roupa que me cobrisse.

— Me escuta... — Perdi o fôlego ao sentir suas mãos me puxando por trás. Seu queixo raspou a pele do meu pescoço e eu enrijei. — Eu sei que está machucada, sei que fodi com tudo, mas, carinho, em algum momento você terá que me perdoar.

Senti vontade de chutá-lo por me perturbar dessa maneira, mas respirei fundo e me virei, encarando-o enquanto escondia qualquer tumulto interior.

— O que eu falei sobre me tocar?

— Você é minha esposa — sibilou como um aviso.

— Mas eu não quero que me toque!

— Me diga o que você quer então, o que eu preciso fazer para que me perdoe! — rugiu. — Eu vivi um inferno nesses últimos dias, Rachel, estou cansado, nervoso, estressado! Não tenho dormido direito, porque a sua lembrança me atormenta. Não tenho conseguido trabalhar, porque cada maldito minuto do meu dia é gasto pensando em você, me preocupando com você. — Marcos recuou, demonstrando que, por trás de sua inquietude, havia mais do que aparentava.

— Eu lamento que tenha causado a você tanto sofrimento, Marcos. Vejo agora que eu deveria ter ignorado o meu luto e vindo te livrar de todo o incômodo que a minha ausência tem causado em sua vida. Sinto muito se fui tão relapsa...

Marcos me calou ao empurrar sua boca contra a minha, cheio de impaciência. Devorando-me de dentro para fora. Eu me obriguei a não reagir, a não retribuir... e quando sua língua contornou meus lábios, em um esforço desesperado para que eu o deixasse entrar, eu virei meu rosto, cortando nosso beijo, e o empurrei.

— Eu não consigo ficar longe. — Ele segurou minha nuca, impedindo-me de me afastar. Seus olhos negros atormentados. — Não posso, entende? É uma merda estar perto de você e não poder te tocar. Você é minha mulher... sempre foi.

Sacudindo a cabeça, eu murmurei baixo:

— Eu não sou mais sua. Você me perdeu no dia em que quebrou sua promessa.

O homem me encarou por mais tempo do que eu poderia aguentar, seu semblante permanecendo fechado, cheio de incredulidade. Eu não sabia o que Marcos procurava ao me olhar tão intensamente, mas gostaria de alertá-lo de que não havia nada dentro de mim que já não tivesse sido arruinado. Com sua saída relutante, eu me apoiei contra a prateleira de sapatos, enquanto o ar em meus pulmões parecia me abandonar. Meu dedo automaticamente procurou pela pele vazia no anelar esquerdo, um hábito adquirido desde o dia em que arranquei minha aliança fora. Não entendendo o que se passava comigo, eu me encolhi no canto do closet, sentindo crescer uma dor que ia além do desconforto.

Tinha alguma coisa errada comigo.

Capítulo 38

RACHEL

— Ela está despertando, senhor — Uma voz abafada surgiu ao meu lado e eu pisquei, em um esforço de enxergar com clareza. Incerta, eu abri as pálpebras pesadas e me deparei com Marcos e Vera me fitando, apreensivos.

Merda, por que eles me olhavam assim? E por que eu... estava deitada na cama?

— O que aconteceu?

Os dois se entreolharam e meu marido se afastou, caminhando até o outro lado do quarto. Sua expressão não era das melhores, seu cabelo negro, exibindo alguns poucos fios grisalhos, tinha a mesma aparência selvagem e desalinhada que adquiria em dias difíceis. E seus olhos, droga, seus olhos ostentavam uma escuridão feroz.

— A doutora Ana não quer que você se levante até que ela esteja aqui, senhora.

A lembrança surgiu, deixando-me tensa. Após a saída do Marcos do *closet*, eu havia buscado apoio nas prateleiras repletas de sapatos. A dor fora tão absurda que em algum momento devo ter perdido a consciência e caído no chão.

— Eu desmaiei, não foi? — Vera assentiu e eu me recusei a olhar na direção do Marcos.

— Você sente alguma dor? — ela perguntou baixinho.

Eu não cheguei a agradecer pelo que Vera fez por mim ao me dar a chance de escapar deste inferno, então eu apenas balancei a minha cabeça e apertei a sua mão. Um gesto silencioso e discreto, mas que não passou despercebido aos seus olhos sempre tão atentos a tudo o que acontecia nesta casa. A entrada de uma das arrumadeiras nos interrompeu. A mocinha, a mesma que havia sido indiscreta mais cedo, comunicou a chegada da doutra Ana. Marcos, ainda sem dizer nada, saiu do quarto, se dispondo a recebê-la. No momento em que voltou, ele e a médica sussurravam, o vinco presente em sua testa, dizendo tudo o que eu precisava saber.

O homem estava a um passo de explodir.

A doutora não se prolongou em amenidades e em questão de segundos se colocou ao meu lado. Minha pressão arterial foi medida, fazendo-a enrugar os lábios finos ao constatar que estava elevada.

Erguendo o rosto, ela me verificou, procurando por outros sinais, até que me repreendeu:

— Se não estou enganada, você perdeu sua última consulta, não foi? — Assenti, um pouco envergonhada, e puxei minha camisola para cima quando Ana pediu que eu a levantasse para que pudesse escutar o coração do bebê. A maneira como Marcos permaneceu rígido, ao pé da cama, sem tirar os olhos de mim, me fez extremamente desconfortável. Depois de 17 dias, meu querido marido, o canalha mentiroso, nem sequer titubeou ao me ver praticamente nua à sua frente. Seus olhos continuaram fixos em meu rosto e tudo o que eu podia ver era o seu maxilar cerrado.

— Se doer ou causar algum desconforto, você me avisa... — A doutora massageou meu abdômen, e eu apertei meus lábios. Mais pelo medo de sentir dor do que por realmente estar sentindo. Assim como eu, ela também sentiu o momento em que meu bebê se mexeu, e um sorriso tranquilo surgiu em seu rosto. — Pelo visto tem alguém aqui que não gosta de ser incomodado, não é? — ela brincou e continuou o exame, só voltando a falar instantes depois: — Bom, Sra. Montenegro, o seu desmaio é o que me preocupa. Vou precisar que faça alguns exames de urina e de sangue o quanto antes. Também irei agendar um ultrassom morfológico para amanhã.

— O meu bebê, ele... corre algum risco? *Eu fiz alguma coisa errada?* — Isso era tudo em que conseguia pensar, que algo que fiz pudesse ter causado esse desmaio. Encarei Marcos e fechei meus olhos quando a ideia de ele me culpar pelo que estava acontecendo surgiu.

— Não costumo mentir para meus pacientes, Sra. Montenegro. Quero que vocês dois escutem o que vou dizer, mas também quero que saibam que essa é apenas uma suspeita. Só poderei confirmar o que está acontecendo após ver os resultados dos seus exames.

Marcos virou o rosto, olhando para longe. Algo dentro de mim suspeitou de que ele já sabia o que ela iria dizer.

— A hipertensão gestacional é comum em grande parte das mulheres, mesmo as que se alimentam de maneira correta e mantém o peso ideal, como é o seu caso. Provavelmente a sua começou por algum fator genético. Porém, a dor que sentiu essa manhã... ela não é normal, Sra. Montenegro. Não na fase em que está. Com 23 semanas, o seu bebê ainda está muito novinho para querer vir ao mundo, então eu estou supondo que seus sintomas sejam gerados por uma possível pré-eclâmpsia....

— Pré-eclâmpsia?

— Sua gravidez sempre foi considerada de risco — ela me lembrou. — Com poucas semanas de gestação você quase sofreu um aborto e desde então nós viemos acompanhando a sua saúde e o

desenvolvimento do bebê com um pouco mais de atenção. Se ficar comprovado que se trata de uma pré-eclâmpsia, nós iremos continuar com a medicação para controlar sua pressão e monitorar com ainda mais cuidado qualquer outro sintoma. Esse é um distúrbio que, infelizmente, vem afetando cada vez mais mulheres, o estresse, a má alimentação, a gravidez tardia. Tudo isso pode vir a influenciar. Mas nunca a culpa pode ser considerada da mãe, entende? É algo que acontece, Rachel.

— Mas como isso afeta o meu bebê? Quero que me diga a verdade!

— Por que não esperamos pelos resultados antes de continuarmos essa conversa, Dra. Ana? — Marcos se intrometeu e a médica assentiu, claro que a traidora iria recuar ao pedido do Sr. Arrogante. *Urgh!*

— Seu marido está certo, querida. Eu quero que mantenha um controle sobre a sua pressão pelo restante do dia e que amanhã bem cedo esteja em meu consultório, tudo bem?

Assenti mais uma vez, sem a menor vontade de discutir com qualquer um dos dois. Minha cabeça girava em uma só questão: o afastamento repentino de uma das secretárias da Montenegro, exatamente por conta da pré-eclâmpsia. Depois de ser diagnosticada aos sete meses e de várias semanas sofrendo com o inchaço e as dores, ela fora afastada da empresa e nunca chegou a voltar. Preferindo manter-se em casa após o nascimento do seu filho.

Quando a porta do quarto voltou a bater, eu me dei conta de que estava sozinha. Marcos havia acompanhado a médica até o andar inferior, e eu aproveitei para pegar meu celular e digitar a palavra *eclâmpsia*. Eu não iria aguentar esperar até amanhã para saber mais a respeito dessa doença. Centenas de reportagens explicavam sobre os riscos de vida que uma paciência com esse distúrbio corria... Afastei o aparelho com os dedos trêmulos e puxei o lençol de linho sobre o meu corpo. Prestando atenção à minha respiração e, principalmente, aos pequenos movimentos que meu bebê fazia de tempos em tempos.

Com os olhos bastante abertos, eu observei as cortinas compridas balançarem com o vento que entrava através da sacada. A mente pensando em uma infinidade de coisas. E nenhuma delas era reconfortante. Eu nem bem havia voltado para casa e as coisas tinham começado a se deteriorar. O ranger da porta pesada me alertou do retorno do Marcos. Eu sabia que era ele pelas passadas firmes do seu sapato italiano e também pelo cheiro amadeirado que o envolvia. Apertei meus olhos, fingindo dormir, a última coisa que desejava era conversar com ele.

O colchão afundou, fazendo-me nervosa. Entreabri meus olhos devagarzinho e o peguei de costas para mim, sentado na beirada da cama e com meu celular em mãos. Droga, eu havia deixado todas as páginas das pesquisas feitas abertas. Covarde, me encolhi quando Marcos se inclinou e

apoiou os braços nas pernas, jogando a cabeça para baixo, perdido em seu próprio mundo.

Será que ele também estava com medo?

MARCOS

Rachel não se afastou quando eu a conduzi pelo corredor do hospital até o consultório da Dra. Ana, no dia seguinte. Ela havia feito a ultrassom essa manhã, e agora só precisávamos conversar com a médica e descobrir o resultado dos outros exames feitos no decorrer do dia. Visivelmente tensa, ela mal trocou algumas palavras comigo. E as poucas vezes em que dizia algo por vontade própria eram sempre palavras envolvidas com sarcasmo e frieza.

Ela queria distância de mim, acho que deu para perceber.

Na noite passada, após me despedir da doutora, eu acabei passando o restante da noite em claro, apenas a assistindo dormir. Essa não era a primeira vez que fazia algo assim, havia algo em ver minha mulher adormecida que mexia comigo. Mas, desta vez, o que me manteve acordado fora a porra do medo de que algo acontecesse com ela e com o nosso filho. Eu consumi cada pequeno movimento seu, a cobri quando o lençol escapou e escutei até mesmo o mais baixo dos seus gemidos. A culpa me correndo por dentro em cada maldito segundo. Desisti até mesmo da ideia de levá-la para o meu quarto naquele momento. Dando ordens a Vera para que tudo retornasse para o meu quarto hoje, enquanto passávamos a manhã fora. Outra vez, eu havia jogado todas as minhas responsabilidades e reuniões para cima da Isadora, confiando que ela fosse forte o bastante para lidar com toda aquela merda enquanto eu cuidava da *minha família*.

— Entrem, por favor — Ana pediu assim que seguimos atrás de sua recepcionista. Rachel e eu nos sentamos, e ela aceitou um copo de água que foi oferecido. Ela havia dito, melhor, reclamado que sua boca tinha passado o dia inteiro seca. O que para mim significava que ela estava nervosa. — Bom, as taxas de proteína na urina realmente estão altas, como desconfiei — Ana começou, observando minha esposa com atenção. — Você voltou a sentir algum incômodo durante o dia?

— Não.

— E sua pressão? Como esteve desde ontem?

— Ela abaixou durante a noite e hoje se manteve normal. — A pergunta não havia sido feita exatamente para mim, mesmo assim eu respondi, fazendo com que a Ana me desse um sorriso compreensivo.

— Isso é bom, sinal de que sua esposa ainda está respondendo à medicação. Temos que ficar atentos a isso, tudo bem? — Nós dois assentimos. — Eu separei alguns panfletos com informações preliminares sobre a *pré-eclâmpsia*, mas acredito que vocês já tenham feito suas próprias pesquisas. Vou logo avisando para não acreditarem em tudo que leem por aí, ok? Qualquer dúvida que tiverem, qualquer sintoma anormal, por mais insignificante que pareça, basta me telefonarem. Eu costumo ficar disponível 24 horas por dia para minhas pacientes de risco. Nesse momento, tudo leva a crer que se trata de um distúrbio leve, nada que deva nos preocupar tanto. Mesmo assim, há vários cuidados que precisarão ser tomados no decorrer das próximas semanas.

A doutora Ana foi listando um por um. Rachel teria que diminuir a carga de trabalho, o que para mim era muito pouco. Minha intenção era fazê-la se afastar completamente até que estivesse autorizada a voltar. O que só aconteceria depois do parto. O sal em sua alimentação seria reduzido a quase nada, assim como as frituras e doces. Um acompanhamento diário da sua pressão arterial teria que ser feito daqui para frente, e atividades de impacto proibidas. E como se lesse meus pensamentos, ela ainda avisou que o sexo continuaria liberado ao casal, desde que feito com consciência.

Não que eu estivesse esperando ter sexo em algum momento no futuro. A maneira como minha ratinha vinha olhando para mim me levava a crer que se eu ousasse tocar nela, o mundo desabaria sobre nossas cabeças. Toda essa sua raiva e ressentimento me preocupavam, eu não a queria ficando nervosa e temia que seu corpo estivesse apenas se rebelando contra toda essa pressão.

Horas mais tarde, preso em meu escritório na mansão, eu encerrei a ligação com a Mariana, que ligara para obter notícias a respeito do estado da Rachel. Havia sido um susto coletivo no dia anterior, e Guilherme e eu chegamos à conclusão de que não era bom para a minha irmã se envolver tanto nos problemas desta casa. Isso não faria bem a ela ou ao meu sobrinho, e tudo o que não precisava nesse momento era outra grávida passando mal por conta das consequências dos meus erros.

Com a cabeça pesada, eu terminei a taça de vinho que Vera me servira há alguns minutos e tranquei meu escritório, preparando-me para subir ao nosso quarto. Meu corpo já não tinha fôlego para passar tantas noites em claro ou sob o efeito do álcool. Eu nunca fui particularmente propenso a beber, mas nos dias em que Rachel ficou fora, eu havia caído no fundo do poço. Minha concentração falha e paciência mínima, agora, eram o preço que eu estava pagando pela minha negligência.

Chegando ao quarto, eu quase tive um *déjà vu* ao encontrar a cama vazia. Relaxando de imediato ao escutar um barulho vindo do *closet*. O quarto em que dormíamos era o dobro do tamanho do de visitas, então eu cortei a distância enquanto me desfazia da gravata, que ameaçava me sufocar.

Sem fazer qualquer som abrupto, eu me aproximei, achando estranho que Rachel não houvesse discutido ou criado caso por ter suas coisas arrastadas de volta.

O seu silêncio e pouco caso, de alguma maneira, me afetavam mais do que as palavras de ódio às quais ela era acostumada a gritar durante nossas brigas. Minha vontade era a de esclarecer tudo e mostrar a ela a porra do novo contrato que fora redigido. Eu só não havia feito isso ainda porque a doutora Ana me aconselhou a manter Rachel tranquila pelos próximos dias. E algo me dizia que se o assunto *contrato* surgisse, a minha teimosa esposa iria reagir. E não de uma maneira favorável.

Porra, esse era um dos motivos pelos quais eu também não iria trazer a mãe dela à tona. Cristina era outro assunto proibido por agora.

Chegando ao *closet*, meu pau latejou com a visão da minha esposa vestindo apenas uma fodida calcinha de renda. daquelas que pareciam pequenos e apertados shorts. Rachel as adorava e sempre dizia que não havia nada mais confortável de se usar desde que ficou grávida. Para mim, que era louco por ela independente do que a cobrisse, não existia nada mais belo do que vê-la as usando. Terminei de puxar a gravata pelo colarinho da camisa social, apreciando o momento *voyeur*. Seu cabelo loiro caía em cachos grossos pelas costas, e o tecido preto rendado realçava o tamanho da sua bunda redonda. Quase rosnei quando ela se virou, assustada, os seios inchados com bicos vermelhos e pontudos, levando meu sangue a fluir diretamente para a cabeça do meu pau.

Ela parecia tão indefesa parada ali, *tão minha*.

Dando alguns passos lentos, eu tomei fôlego e notei que seus seios pareciam maiores do que da última vez em que os tinha visto. As veias azuis ao redor deles ainda mais visíveis, como se sua pele estivesse transparente. Meu olhar caiu para o seu abdômen, estendido pelo nosso filho. A dor dentro do meu peito reapareceu, me arrastando de volta à realidade. Eu queria tocá-la, amar essa mulher até que essa sensação miserável me deixasse em paz. Será que era a isso a que o amor reduzia um homem?

— Você... acha que eu tenho culpa pelo que está acontecendo? — Eu quase não a escutei, mas assim que entendi a merda que saiu de sua boca, eu tive vontade de esmurrar algo.

Rachel era a pessoa que menos tinha culpa nessa história.

— Não — falei sério, ignorando seu olhar de *não chegue perto* e a tocando mesmo assim. — Você escutou o que a doutora disse essa manhã, Rachel, essas merdas acontecem.

— Mas por que comigo? — ela chiou. — Não consigo parar de achar que Deus, de alguma forma, quer me punir, Marcos. Primeiro meu pai, depois o nosso...

— Não diga isso, porra, apenas não diga! — Diminuí a distância entre a gente, beijando o topo de sua testa e a apertando dentro dos meus braços.

Rachel não retribuiu o abraço, minha ratinha assustada ficou apenas ali, o coração batendo tão forte que eu fui capaz de sentir através das roupas que nos separavam. Beije outra vez a sua testa e outra... e outra...

— Carinho, me escute. — Eu queria arrancar essa besteira da sua cabeça. — Eu vou fazer de tudo para...

— Por favor, não prometa para mim que tudo irá ficar bem. Não faça mais isso. — Seus olhos procuraram pelos meus, quase anestesiados. — Seu maldito sobrenome não foi capaz de manter o meu pai vivo... por que seria diferente agora?

Apertei seu braço quando ela tentou se afastar, a irritação fervendo por dentro. Um segundo, sua guarda havia abaixado por um maldito segundo. E ao reerguê-la, sua língua ferina apenas acabou comigo.

— Eu tenho o poder de colocar o mundo aos seus pés! — rugi frustrado. — E juro, eu ficaria de joelhos agora mesmo e te imploraria perdão se você assim quisesse. Mas, porra, Rachel, manter seu pai vivo é algo muito além do que qualquer ser humano seria capaz de fazer.

Ela virou seu rosto, se negando a me olhar e escutar, mas eu a forcei.

— Você acha mesmo que eu não teria feito tudo que estivesse ao meu alcance para impedir que ele te deixasse, carinho?

Fungando, enquanto tentava se manter firme, Rachel empinou o nariz, agora vermelho, e me encarou.

— Quando se diz respeito a você, eu não sei de nada! — Ela se alterou e, antes de se afastar, me encarou com mágoa. Eram tantos sentimentos destrutivos passando por aqueles olhos que tive vontade de sacudi-la e implorar para que voltasse ao normal. Para que voltasse a ser a minha ratinha. — E, Marcos, a partir de hoje, só venha para a cama depois que eu estiver dormindo, ok? Essa é a única maneira que aceitarei permanecer neste quarto, é bom que entenda isso!

Eu a deixei ir, dando-me conta do estrago que havia feito no coração da mulher que amava.

Capítulo 39

MARCOS

Terminei a videoconferência com o Sr. Conrado e em seguida atualizei a planilha deixando-a pronta para enviar para o Oliver. Isadora havia passado em minha sala mais cedo e perguntado se teria algum problema se tirasse o restante do dia para trabalhar em casa. Segundo ela, sua cabeça parecia que iria explodir a qualquer momento, caso continuasse presa nesse edifício. Ordenei que ela deixasse qualquer trabalho fora de vista e avisei a Vera que mantivesse um olho sobre ela, desconfiado de que esse seu *repentino sufocamento* fosse mais um de seus ataques de pânico. Maldição! Mesmo não estando com cabeça para lidar com isso agora, era certo que em breve eu teria que ter outra conversa séria com minha irmã. Ou ela voltava às consultas com o psicoterapeuta ou eu a afastaria de vez da Montenegro. Ameaçá-la, ao que parece era o único meio de fazer com que Isadora enxergasse a gravidade do seu problema.

Enviei o último e-mail, repassando as informações discutidas na videoconferência, e atendi meu celular, que vibrou insistentemente pelos últimos minutos. Minha relutância em atender a essa ligação era justificável, e eu cerrei os dentes assim que a voz da Cristina soou do outro lado da linha. Os dados encontrados a respeito dela ainda eram escassos. Sua conta no banco estava zerada e não havia registro de qualquer emprego nesses últimos 20 anos. Como a mulher havia sobrevivido, eu não fazia a menor ideia.

Apesar da raiva, eu sabia que não poderia continuar ignorando suas ligações como estive fazendo desde que Rachel voltou.

— Seja rápida, Cristina, não desperdice meu tempo — rosnei, interrompendo suas reclamações.

Verifiquei a hora, dando-me conta de que dentro de meia-hora o expediente da Rachel se encerraria. Teimosa como era, ela lutou comigo e se recusou veemente a deixar a Montenegro pelos próximos meses, jogando na minha cara, na frente de todos os funcionários da mansão, que a essa altura eu já deveria ter aprendido a importância que a sua carreira tinha em sua vida. Sem paciência, eu a deixei fazer o que queria, tentando me convencer de que tê-la ao meu lado na cama todas as noites era o suficiente. Mas por algum maldito motivo não era.

A segurança, é claro, havia sido redobrada ao redor da mansão e da Montenegro. Principalmente no horário em que ela saía do prédio. Meus homens, todos treinados pelo Ricardo, verificavam todos os dias a área externa do edifício, a fim de impedir qualquer aproximação da Cristina e até mesmo dos jornalistas. Os repórteres eram mais difíceis de se manterem longes, mas desde o processo contra aquele *jornalzinho de merda* eles pareciam respeitar um pouco mais a minha privacidade. Não tanto quanto eu gostaria, mas já era alguma coisa.

— Ela voltou, não foi? — Cristina murmurou cheia de expectativa.

— Sim, mas este não é o melhor momento para que vocês se reencontrem. Rachel está passando por um momento complicado, Cristina. Eu não quero perturbá-la mais do que o necessário.

— Eu tenho visto as reportagens a respeito de vocês, Sr. Montenegro, e temo que essa sua família seja o que esteja perturbando a minha filha.

Como ela se atrevia?

— Não perca seu tempo vindo me dar lição de moral, senhora, lembre-se bem do que fez à sua filha.

Ignorando-me, ela continuou:

— A *minha* menina está grávida, ela vai precisar da mãe ao lado dela, não acha?

A mulher, pelo visto, fizera um bom trabalho pesquisando sobre a filha. Não que fosse difícil, porque, infelizmente, não se falava em outra coisa que não a gravidez da Rachel nesses últimos tempos.

— Preste bastante atenção ao que vou dizer, Cristina. Você só irá vê-la quando *eu* decidir, e se está mesmo tão preocupada assim com a sua filha, irá acatar o que estou dizendo e esperar pelo momento certo.

Eu a escutei bufar e a linha ficou em completo silêncio por alguns segundos, para mim pareceu que Cristina articulava algum plano... Uma parte minha estava rezando para que minhas desconfianças fossem infundadas e que essa mulher realmente quisesse uma aproximação sincera com a filha. O problema era que eu não comandava uma empresa do porte da Montenegro sendo ingênuo. Minha intuição quase nunca falhava.

Mas Cristina que não tentasse merda nenhuma, porque juro que, se ela magoasse a minha ratinha, eu acabaria com a raça da infeliz sem pensar duas vezes.

— Tudo bem, eu espero mais alguns dias, mas se o senhor não me ligar, eu mesma darei um

jeito de fazer com que esse encontro aconteça.

A ligação foi cortada e eu me levantei da mesa, enviando uma mensagem rápida ao Ricardo, pedindo que ele enviasse alguém de sua confiança para frente do hotel da Cristina. Feito isso, eu enfiei meu celular no bolso do meu paletó e fui até a sala onde Rachel trabalhava. Entrei sem bater, esperando encontrá-la sozinha, mas acabei dando de cara com minha irmã e ela conversando. As duas se calaram assim que me viram, e Mariana veio ao meu encontro com um sorriso enorme em seu rosto.

— Qual foi a última vez em que seu cabelo viu uma tesoura, Sr. Montenegro? — ela brincou, mas eu não estava no humor.

Uma parte de mim se mantinha tranquila por saber que alguém nessa família era realmente feliz e que esse alguém era ela. Eu não podia deixar de me perguntar se Rachel se ressentia ao ser exposta a toda essa felicidade que Mariana ostentava. A verdade era eu gostaria de ter dado o mesmo tipo de felicidade à minha esposa. Uma gravidez tranquila, o casamento dos seus sonhos... Queria poder voltar atrás e refazer a nossa história, mas isso era impossível agora, não era?

Sendo abraçado pela minha irmã, eu forcei um sorriso quando ela se despediu, reclamando que meu sobrinho a estava chutando como um cavalo essa manhã. Não pude deixar de sorrir ao imaginar um pequeno e teimoso Montenegro correndo pelo haras onde ela e Guilherme viviam atualmente. De repente, a direção dos meus pensamentos deu um giro completo e eu me peguei encarando minha esposa, não suportando a incerteza que nos rodeava nesses últimos dias. E se algo desse errado? E se o nosso filho não aguentasse?

Eu desejava muito o nosso filho! Ele ou ela... seria uma parte da mulher que eu amava. Uma parte nossa. E a ideia de perder isso fazia com que o homem confiante e seguro que eu era fraquejasse.

— Tente bater na próxima vez em que entrar na minha sala — disse seca.

Resisti ao impulso de chamar a sua atenção ao ver que meu pedido para que trocasse os saltos assassinos que ela usava esta manhã havia sido ignorado. E se não bastasse isso, a saia de cintura alta, elegante, apertava seu quadril de uma maneira que deveria ser considerada proibida. Pelo menos agora eu conseguia entender por que alguns homens se tornavam tão protetores quando suas mulheres engravidavam. Não havia nada mais *sexy* do que o corpo de uma mulher gerando uma vida.

— Não achei que estivesse acompanhada, eu vim aqui porque pensei que podíamos almoçar juntos hoje.

— Sinto muito, Marcos, mas eu tenho outro compromisso.

— Que compromisso? — perguntei surpreso.

— Combinei com o Alexandre de me encontrar com ele para um almoço. — Rachel despejou essa merda como se fosse a coisa mais natural do mundo. De pé, atrás de sua mesa, ela começou a reunir suas coisas, se recusando a me encarar.

— Desmarque, então, porque hoje você irá almoçar comigo! — Meu rosnado atraiu sua atenção, e ela olhou para cima exibindo um pequeno sorriso no canto de sua boca vermelha. Eu a observei pegar sua bolsa e vir em minha direção, parando tão perto de mim que pude sentir imediatamente o seu perfume.

— Eu não farei isso.

— Rachel, nem pense em... — Porra, eu tive que me controlar. Será que ela não entendia que eu não a queria perto daquele doutor? Ele a queria para ele, queria o que era meu!

— Me deixe passar, Marcos — pediu, quando me posicionei na sua frente.

Percebendo que eu não iria deixá-la passar, ela comprimiu os lábios e prendeu a respiração conforme eu a encurralava. Não esperei nenhuma outra palavra sair daquela boca carnuda e, com apenas um puxão, emaranhei meus dedos em seu cabelo e a fiz me olhar. Olhar de verdade. Seus lábios tremeram quando eu a segurei, meu corpo, tão mais alto que o dela, pressionando-a de maneira dominante.

— Você tem todos os motivos para me odiar, mas não use aquele desgraçado para me atingir, porque não vai gostar das consequências, Rachel. — Ela nem ao menos piscou. — Não se esqueça de que ainda sou seu marido, você gostando disso ou não.

— Terminou? Eu tenho o Hélios à minha espera lá embaixo para me levar até Florianópolis...

— Você perdeu a cabeça? Acha mesmo que depois do que aconteceu no domingo eu vou permitir que pegue a estrada?

Isso, sim, a fez reagir.

— Eu não sou nenhuma estúpida, Marcos! Além disso, a Dra. Ana me autorizou a viajar. Eu nunca colocaria a vida do meu filho em risco apenas para te irritar.

— Não é apenas com o nosso filho que estou preocupado — admiti, fazendo-a recuar. — Eu já acordo procurando por você, precisando de você... sabe o que é isso? Toda essa merda dói como o inferno, Rachel, mas se essa é a maneira em que a terei na minha vida, eu aguento. Eu faço tudo para

ter você, qualquer maldita coisa. Só não pense que permitirei que destrua tudo o que construímos apenas para me ferir...

— Eu não preciso destruir nada, você fez isso sozinho — murmurou com a voz rouca. — Agora, por favor, me deixe passar. Eu não quero chegar atrasada.

— Você não está me escutando...

— Assim como você não me escutou no passado. Não há nada de novo aqui, Marcos. Nada!

Suas palavras me atingiam como socos duros em meu estômago. E era isso o que minha esposa queria, me machucar. *Bom, ela estava conseguindo.*

— Quer saber? Vai atrás do idiota, se é isso que deseja! Finja que ele não é louco por você...

Puto da vida por ter perdido a paciência, eu saí da sua frente, estendendo o braço em um gesto irônico para que ela passasse por mim. A porra do ciúme me consumindo vivo!

RACHEL

De tempos em tempos, Hélio olhava para mim através do retrovisor do carro como se quisesse me verificar, sendo sempre recebido com um olhar feio da minha parte. Depois do surto de raiva do Marcos, eu havia corrido para fora da Montenegro, apenas para receber sua ligação, avisando que se eu quisesse sair da cidade, teria que ser com um comboio atrás de mim. Tudo bem, não era um comboio literalmente, era apenas um carro extra com dois seguranças a mais. Eu só não sabia se esse "apoio" era para evitar uma nova fuga ou para sanar a preocupação *exacerbada* do Sr. Arrogante.

Angustiada, virei meu rosto em direção à janela e acariciei o meu dedo vazio...

— Está tudo bem, Sra. Montenegro? — Hélio perguntou e eu apenas assenti.

O restante da viagem passou depressa e eu logo me vi atravessando os corredores do hospital em direção ao centro oncológico. Fui arrebatada pelas lembranças que esse lugar me trazia, mas tentei manter as emoções sob controle. Para isso, eu inspirei o ar gelado à minha volta e fui até o Alexandre, que se encontrava sentado em um dos bancos no final do extenso corredor. Quando notou minha presença, ele levantou o rosto e eu logo me dei conta de que Alex não estava em um dos seus melhores dias.

A princípio, quando combinamos de almoçar juntos, a ideia era que nos encontrássemos diretamente no restaurante. Mas como Alexandre teve que vir visitar um paciente na emergência, ele

acabou me ligando de última hora e pedindo que eu o encontrasse aqui mesmo.

— Dia difícil? — perguntei, sentando-me ao seu lado.

— Nós perdemos um paciente essa manhã. Uma criança de oito anos... — Alex me olhou arrasado. — Dias assim não costumam ser fáceis.

Engoli o aperto no peito ao pensar no tipo de dor que essa família deveria estar sentindo e levantei meu rosto, olhando para o quarto de frente para onde estávamos sentados. Meus olhos bateram direto na cena, uma mãe chorando enquanto seu marido a abraçava... eu pisquei uma, duas, três vezes até que virei meu rosto. Sentindo uma necessidade forte de sair desse lugar.

— Me desculpe, Rachel, eu não deveria estar falando sobre isso com você, tem tão pouco tempo...

Ele não fazia ideia.

— Eu estou bem — menti. — E nós não precisamos almoçar, sabe? Se você estiver cansado ou...

— Estive a manhã inteira nesse hospital cuidando dos relatórios de óbito. Os pais estão inconsoláveis, mas não há muito que eu possa fazer agora — Alexandre explicou e me deu um sorriso cansado, que retribuí da melhor maneira que consegui.

Como se soubesse o quanto eu queria estar fora daquele hospital, ele arrancou seu jaleco e me acompanhou até um pequeno bistrô que ficava no centro da cidade. Hélio e o outro carro nos seguiram por todo o caminho, e Alexandre pareceu desconfortável com isso. Mesmo assim, se absteve de fazer qualquer comentário.

— Você está estranha — comentou assim que nossas sobremesas foram servidas. Fingi achar graça do seu comentário e esperei que ele continuasse. — Sei que passou por muita coisa nessas últimas semanas, mas não deixe que isso te afete, Rachel. Eu vejo a maneira como o sofrimento transforma as pessoas. — Fui pega de surpresa quando Alexandre segurou minha mão sobre a mesa. — Só não deixe de ser a garota doce que eu conheci...

— Eu...

— Você não quer falar sobre isso, não é? — Balancei a cabeça. — Me diga então por que desapareceu, e o mais importante, por que voltou.

Estudei seu semblante antes de responder:

— Eu tive meus motivos, mas não acho que devemos falar sobre eles. Quanto a voltar, você

realmente acha que Marcos teria me deixado em paz? Ele veio atrás de mim na primeira vez, Alexandre, e teria feito isso uma segunda se eu não voltasse por conta própria. Eu só não queria uma vida assim para o meu bebê.

Eu não iria falar com ele sobre o contrato que me prendia ao Marcos também, isso estava fora de questão.

— Então você voltou apenas pelo seu bebê? — Entendi o que estava por trás da sua pergunta. Entendi e não gostei. Alexandre queria saber se eu ainda estava envolvida emocionalmente com o meu marido, se eu tinha, mais uma vez, fechado os olhos e ignorado os erros dele.

— Eu voltei porque era isso que eu tinha que fazer, agora podemos mudar de assunto?

Alexandre não me pressionou, nem voltou a tocar em *assuntos delicados*. Ele me fez rir pelo restante do tempo que passamos juntos, o que foi bom. Conteí a ele sobre o diagnóstico da Dra. Ana e nós conversamos bastante sobre isso. Infelizmente, eu demorei a perceber que os dois seguranças do Marcos estiveram durante todo o tempo a apenas alguns metros de onde estávamos sentados. Os idiotas, provavelmente, presenciaram cada pequeno gesto nosso.

Era por volta de sete horas da noite quando Hélio estacionou o *Chrysler* na garagem interna da mansão. Minha mente e corpo estavam sobrecarregados da viagem, mas eu não me arrependi do tempo que passei com o Alexandre. Ele fizera tanto por mim e pelo meu pai, que seria injusto não agradecer agora. Hélio abriu a porta para mim e explicou que a garoa fina que caía do lado de fora era o motivo pelo qual ele havia me trazido direto para a garagem social, em vez de me deixar na entrada da mansão como de costume. Provavelmente, ele fora alertado a cuidar de mim de todas as maneiras possíveis. Respondei a ele que tudo bem, que não me importava, e me afastei indo em direção ao corredor que me levaria até a ala principal da mansão.

Não me dei ao trabalho de religar meu celular, que havia passado a tarde inteira desligado, e continuei a caminhar, meus pés cansados de terem ficado um dia inteiro sobre os saltos altos. Pensei na possibilidade de arrancá-los antes de chegar ao meu quarto, mas congelei completamente ao dobrar a antessala e me deparar com o chefe de segurança do Marcos mantendo uma Isadora rígida contra a parede.

— Você não aparece há semanas, que merda está acontecendo dentro dessa sua cabeça? — Eu

o escutei perguntar soando irritado, sem consegui sair do meu lugar. Meus pés estavam paralisados, tamanho o choque.

— Já disse que tenho andado ocupada, Ricardo! — Isadora murmurou sem um pinga de emoção, e só quando olhou para os lados, para verificar se alguém se aproximava, é que ela me viu. Eu assisti à sua boca se mover, mas não fui capaz de entender nada. Tudo o que sabia era que Ricardo também se virou e olhou para mim, ambos parecendo aterrorizados.

Será que eles estavam juntos? Era isso?

Algo que Isadora disse fez com que Ricardo nos deixasse sozinhas, eu permaneci parada por um tempo em meu lugar, apenas tentando entender o que tinha visto. Eu não a estava julgando, longe disso. Era só que... a ideia de que os dois pudessem estar juntos chegava quase a ser absurda. Lá no fundinho, eu até senti pena da víbora, porque não conseguia imaginar Marcos aceitando essa relação, ou o que quer que isso fosse, tão cedo.

— O que você viu não significa nada! — ela se justificou agressivamente, me lembrando do motivo pelo qual nós não nos dávamos bem. Isadora era uma cobra de nariz em pé. Das piores.

— Você não me deve nenhuma explicação.

— Eu sei disso. — Ela cruzou os braços em frente ao corpo esguio, assumindo a pose arrogante. — Mas não quero que enxergue coisas que não existem. Aquele homem não passa de um funcionário do Marcos, um grosseirão que não deve ter onde cair morto.

Eu não deveria ter ficado surpresa com a sua atitude, mas fiquei. E pior, eu não conseguia entender por que ela seguia achando que Ricardo era um pé rapado, porque se não estivesse enganada, havia sido o próprio Marcos quem me contou que ele era um dos sócios da empresa de segurança privada que trabalhava para a Montenegro. Todos os nossos motoristas e seguranças eram treinados pela sua empresa, fora que era a sua equipe quem cuidava do monitoramento de vigilância das duas propriedades.

— Seria desnecessário dizer que meu irmão não tem por que saber, não é? — ela continuou.

— Se essa é a sua preocupação, não perca o seu tempo, porque não passou pela minha cabeça dizer qualquer coisa. Não porque tenho alguma consideração por você, Isadora, mas, sim, porque sinto pena.

— Eu não preciso da sua pena! — retrucou amarga.

— Claro que não precisa. Você é a *autossuficiente Isadora Montenegro*, não é mesmo? Não

precisa de ninguém, é muito boa para o restante de nós. — Enfrentei-a. — Só tome cuidado, porque, ao que parece, eu também não era boa o suficiente para o seu irmão, e olha como terminei. Grávida de um homem com quem eu não quero estar.

Isadora perdeu a paciência e me olhou como se eu fosse louca.

— E pensar que eu rezei para que você voltasse. Para que tirasse meu irmão do inferno em que estive. Mas não foi para o bem dele que você voltou, foi? Eu vejo a raiva em seus olhos, Rachel. — Ela sacudiu a cabeça como se não me entendesse e apontou o dedo magro na minha direção. — Marcos te enfiou nessa casa, pagou cada centavo do tratamento do seu pai, e para quê? Se a ingrata da mulher dele não é capaz de reconhecer nenhum de seus esforços!

Ingrata? Era isso que ela pensava que eu era?

— Não aponte esse dedo na minha cara, porque você não faz ideia do que eu sinto aqui dentro. — Bati no peito. — Para você, eu posso não passar de uma ingrata, mas agir assim foi a única maneira que encontrei de continuar nessa casa. — Respirei, me tornando consciente das lágrimas. — Esta que você vê agora sou eu tentando proteger o pouco de mim que ainda não foi quebrado pelo seu irmão. Isso foi tudo o que me restou, Isadora, tudo o que tenho para dar ao meu filho! — A cobra enrijeceu a olhos vistos. — Espero de verdade que você nunca passe pelo que eu estou passando agora, que não tenha que descobrir o que é amar alguém e ter esse amor pisado... não uma, mas várias vezes.

Quando terminei, eu não tinha fôlego para dizer mais nada, meu coração batia acelerado dentro do peito e eu sentia como se estivesse batendo diante de uma porta fortemente fechada. Nada que eu dissesse mudaria a opinião que Isadora tinha a meu respeito. Ela nunca me aceitaria.

— Rachel... — Sua voz soou apreensiva e eu não entendi até que a vi na minha frente com um olhar que ia além de preocupado.

— Eu não aguento mais. Você, o seu irmão... tudo isso aqui. — As lágrimas começaram a fluir com mais força pelo meu rosto. Eu não tinha controle algum, e sabe aqueles dias em que tudo o que você precisa é de um pouco de colo? Essa era eu nesse momento.

— Droga, o Marcos não quer que você se altere! — Eu a escutei resmungar apavorada.

— Eu não sou ingrata, sabe? Eu só... estou com medo. Você já sentiu isso? — Isadora não respondeu, em vez disso, franziu a testa e me forçou a subir para o meu quarto. Eu não sei o que eu esperava, mas a ideia de um quarto vazio, de repente, parecia apavorante.

— Onde ele está? — Ela sabia a quem eu estava me referindo.

— Eu não sei, Rachel, mas tenho certeza de que ele não vai gostar de chegar em casa e te encontrar assim.

Eu me vi concordando e limpando meu rosto, mesmo que ainda estivesse sendo segurada por ela. Não sei o que fez Isadora permanecer no quarto depois que eu me sentei na beirada da cama, mas ela apenas ficou ali, me olhando e olhando... como se quisesse dizer algo. Talvez me lembrar de quão estúpida eu era?

— Eu não deveria ter te provocado, sinto muito. — A voz dela soou sincera, fazendo-me erguer o rosto. — Marcos vai me matar se souber que eu te fiz chorar.

— Não foi *você* quem me fez chorar... Foi tudo! — soluzei desesperada, precisando colocar tudo para fora. — Eu nem ao menos sei o que eu estou fazendo, sabe? Não tenho com quem falar, Isadora, meu pai era tudo o que eu tinha e, de repente, ele se foi... E a sua irmã... meu Deus, ela está tão feliz, que não seria certo encher a cabeça dela com meus problemas. E ainda tem o Marcos...

— Meu irmão pode ser um pouco difícil, não é?

— Você não faz ideia.

— Acho que eu faço, sim — admitiu, sentando-se ao meu lado. Nenhuma de nós duas falou nada por algum tempo, nós apenas ficamos ali. Lutando contra os próprios demônios.

— Eu já perdi tanta coisa, Isadora, não sei se aguento perder o meu bebê também — falei pela primeira vez em voz alta o que vinha me consumindo exaustivamente por todos esses dias. Eu evitei falar sobre isso com o Marcos, porque sabia que, se abaixasse a guarda na frente dele, eu não teria forças para afastá-lo depois. Era um desafio constante ter que mantê-lo à distância, ter que me lembrar de todos os motivos pelos quais eu não podia perdoá-lo.

— Você não vai perdê-lo, Rachel — Isadora garantiu, apertando a minha mão, parecendo tão segura ao dizer as palavras quanto o Marcos. Isso me fez sentir uma pontada de esperança. Havia uma confiança em todos os Montenegro que me fez pensar que meu bebê também seria forte e determinado e não iria me abandonar sozinha nesse mundo.

MARCOS

— A Sra. Montenegro se recolheu cedo, senhor — Vera me informou assim que perguntei pela minha esposa.

— Ela se alimentou?

— Sim, o senhor quer que eu lhe sirva? A mesa foi retirada, mas...

Negando, eu respondi:

— Dê o dia por encerrado, Vera.

A governanta se afastou e eu segui em direção ao meu escritório, a fim de guardar alguns documentos, saindo logo depois com a intenção de chegar até a escadaria principal. Meu movimento fora interrompido ao ver a porta da sala de estar aberta, a lareira chamuscava um fogo vivo e a sombra da minha irmã ali, naquela escuridão, me fez parar. Isadora parecia uma garotinha, com as pernas sobre o imenso sofá e o queixo apoiado sobre os joelhos. A taça de vinho ao seu lado, infelizmente, me disse tudo o que eu precisava saber. Respeitei o seu momento de introspecção e me afastei, voltando meus pensamentos para a Rachel.

Chegar tarde fora a única maneira que encontrei de controlar o meu gênio forte e evitar outra discussão com a Rachel. Meus homens haviam me informado sobre tudo o que havia acontecido enquanto ela esteve fora com aquele doutorzinho de merda. Desde o toque nada inocente em sua mão até o abraço apertado no momento em que se despediram. Ele tocou na minha mulher, a abraçou... teve algo dela que nesse momento me era insistentemente negado. Meu sangue ferveu assim que a ligação fora interrompida, mas conforme as horas foram se passando, eu fui tentando colocar um pouco de bom senso na minha cabeça.

Por isso, em vez de voltar cedo e confrontá-la, eu me forcei a ficar no escritório e a trabalhar em alguns documentos que nem eram tão importantes assim. Minha resistência durou até o ponto em que a saudade falou mais alto do que a minha raiva. Mais alto até mesmo do que o meu ciúme. E tanto quanto eu tentei não agir como um homem desesperado, eu abandonei tudo em minha mesa e corri para casa, desejando apenas ter a visão dela em nossa cama. *E era isso que eu tinha agora*, pensei enquanto atravessava o quarto em sua direção. Seu cabelo loiro estava espalhado pelo travesseiro e sua bochecha vermelha, da posição em que estava. Eu a acariciei tendo a certeza de que ela dormia um sono tranquilo... *Infelizmente, o mesmo não acontecia comigo já há um bom tempo.*

Capítulo 40

ISADORA

Sentei-me ao lado do meu irmão, que tomava seu café preto e forte, se mostrando mais irritadiço do que o costume. A tensão entre ele e Rachel era tão palpável que por vezes eu inventava desculpas para poder escapar desses momentos *familiares*. Olhando para frente, eu peguei a expressão distraída e desinteressada da minha cunhada. Uma máscara que eu precisava admitir, ela vinha usando muitíssimo bem. Compartilhamos um olhar cúmplice por um pequeno segundo, um olhar que exprimia todas as palavras ditas uma à outra no dia anterior. Culpa me assolou enquanto Vera servia o meu café da manhã, eu não deveria tê-la feito desmoronar daquela maneira, essa não fora a minha intenção. E, porcaria, algo em vê-la chorar na minha frente, expondo o medo de perder seu bebê, parecendo tão esgotada, também me desestabilizou.

Eu sempre pensei no quanto meu irmão sofreria caso algo assim acontecesse, mas até aquele momento eu ainda não havia parado para analisar o quanto deveria estar sendo difícil para ela. Nem eu, com todo o meu controle *autoimposto* saberia dizer se conseguiria passar por essa situação sem perder a minha mente. Pela primeira vez, eu acho que consegui entender por que meu irmão se sentia tão afetado por aquela mulher. Porque, de repente, ela havia se tornado o seu mundo. Se para mim foi difícil resistir ao impulso de consolá-la, imagina para um homem como o Marcos. Essa fragilidade toda dela deve ter despertado nele aquela coisa de homem protetor e macho alfa. Não tinha outra explicação.

O mais surpreendente foi que Rachel não me julgou ou interrogou pela cena que flagrou naquele corredor. E muito menos despejou sobre mim o fato de que eu era uma cadela cínica e desprezível. Porque, meu Senhor, era assim que eu me sentia ultimamente. *Cínica* por me envolver com um homem que ainda não era legalmente divorciado e *desprezível* por usar esse mesmo homem de maneira tão egoísta.

Como poderia ser diferente, Isadora?, a vizinha irritante dentro da minha cabeça indagou. O homem é o único com o pênis capaz de te fazer esquecer a miséria que é a sua vida...

Essa era a verdade, não era? Ricardo era o único com a capacidade de me fazer sentir, fosse raiva ou desejo, o que importava era que ele me fazia sentir algo. Meu corpo respondia às suas

carícias e tomadas grosseiras, e minha mente, sempre tão inquieta, entrava em um limbo reconfortante. Onde nada mais importava. Não havia Montenegro, não havia passado, status social ou a merda que fosse. Quando aquele homem afundava o seu membro dentro do meu corpo, todas as minhas preocupações deixavam de existir.

— Isadora? — Levantei meu olhar diante da voz enervada do meu irmão.

— Sim?

— Oliver irá te acompanhar a festa? — Notei que esse assunto atraiu a atenção da Rachel do outro lado da mesa, sua expressão curiosa não me passou despercebida.

— Sim, ele irá.

— Ótimo, não gostaria que fosse sozinha — Marcos comentou, fazendo-me sentir uma criança tola. — Nós temos recusado muitos convites nos últimos tempos, mas recusar esse seria um descaso de nossa parte.

Mesmo desconfortável, eu assenti, entendendo aonde meu irmão queria chegar. Marisa Andrade, a homenageada da noite, fora uma grande amiga de nossa mãe. Uma *socialite* que apreciava a atenção da mídia e que esbanjava sua fortuna apoiando o maior número de *causas sociais* possíveis. Sempre com intuito de chamar a atenção para... ela. A senhora conseguia transformar qualquer jantar beneficente em um circo midiático para se autopromover. Infelizmente, como filha de Lorena Montenegro, algumas de suas responsabilidades sociais recaíram sobre minhas costas e, atualmente, eu era a responsável indireta pela captação de recursos financeiros para algumas dessas ONGS e associações que minha mãe apoiara no passado.

Por sorte, a festa da noite de amanhã não seria à custa de nenhum grupo social desfavorecido. O grande evento seria nada mais do que a festa de aniversário da *socialite*, o que, com certeza, atrairia jornalistas e uma boa parte da alta sociedade catarinense. A maneira como Marcos salientou a necessidade de comparecer a essa festa fez com que Rachel enrijecesse do outro lado da mesa, a curiosidade em seu rosto sendo substituída pela raiva. Através da sua reação, eu poderia apostar que ela não estava nem um pouco contente com essa obrigação. Bom, acho que éramos duas então.

A única diferença era que eu estava preparada para enfrentar as *cobras fingidas* e os *dragões corporativos* que estariam presentes lá amanhã. A esposa do meu irmão, não.

Com muito o que resolver, eu pedi licença e os deixei terminar o café da manhã sozinhos. Enquanto dirigia para a Montenegro, repassei cada item da minha lista de tarefas inadiáveis. Reunião com o setor de marketing às 10h, última prova do vestido que usaria amanhã, ligações intermináveis

para a agência de publicidade que estava criando as campanhas de lançamentos do segundo semestre, reunião com o conselho... *Droga, comer hoje seria impossível*, pensei, enquanto acelerava meu carro e ignorava a agitação que sentia por saber que o carro preto com vidros escuros que Ricardo dirigia poderia ser visto através do retrovisor do meu *Porsche*.

Eu vinha tentando exterminar a vontade de correr para ele, mais precisamente para a sua cama, durante essas últimas duas semanas. Felizmente, eu era mais forte do que qualquer desejo irracional, ou assim gostava de pensar. Meu afastamento começou no momento em que coloquei os olhos em sua ex-esposa e, desde então, prometi a mim mesma não voltar a cair em tentação. Alguns dias foram mais difíceis do que outros e o fato de meu irmão ter passado grande parte desse tempo afastado da Montenegro, vivendo seu próprio inferno pessoal, foi o que me fez permanecer firme.

Continuei a escutar com atenção tudo o que o Sr. Carvalho, o representante do nosso conselho, dizia. Eram quase 20h, a reunião se estendera além da conta e Marcos, assim como eu, parecia não ter mais paciência para continuar com a discussão inútil que se seguia. A ideia de um conselho administrativo em uma empresa privada, sem ações no mercado, surgiu quando meu avô e o irmão dele dividiam o controle da Montenegro. Como meu tio-avô não teve filhos, nossa parte da família ficou como única herdeira da vinícola e de toda a fortuna acumulada durante as gerações posteriores.

Marcos, assim como nosso pai, não viu motivos para extinguir o conselho. Eles eram uma parte importante desta empresa, mesmo que meu irmão nem sempre levasse em conta as decisões e conselhos que os senhores tomavam.

— Então vocês acham que deveríamos desacelerar as vendas no mercado externo? Dar um passo atrás depois de todos esses anos investindo no aumento de produção? — meu irmão perguntou em um tom feroz, ele não estava gostando do rumo dessa conversa.

— Se formos analisar a economia atual de nosso país e o fato de que alguns países da União Europeia ainda não se recuperaram completamente da crise de 2011, então sim, Sr. Montenegro.

— Nós tivemos inúmeras reuniões ao longo dos últimos cinco anos, por que esse assunto está sendo trazido apenas agora?

Marcos se levantou e eu me movi desconfortável à espera de uma explosão. Nem mesmo depois de todo esse tempo trabalhando para ele esses homens pareciam entender que bater de frente

com meu irmão era a maneira mais rápida de perder uma discussão.

— Nós analisamos os relatórios de vendas, Sr. Montenegro — um outro conselheiro falou. — As perspectivas são boas, mas temos visto um mercado fragilizado, nós estamos indo na contramão do que a maioria dos investidores têm feito.

— E onde está o problema nisso? Nós estaremos lá quando a crise passar e já teremos conquistado o mercado até então. A vantagem é nossa, senhores, deixem que os investidores recuem, porque a Montenegro não fará isso!

Eu observei o semblante do Sr. Carvalho ficar vermelho de raiva. Reações exacerbadas eram comuns em reuniões como essas, e, para mim, tudo isso soava como um desperdício de tempo. Mesmo assim, esses encontros continuavam a acontecer a cada mês, às vezes, até duas em menos de trinta dias, dependendo da gravidade do momento econômico do país. Em determinado momento, Marcos me encarou, procurando saber se eu tinha algo a acrescentar à reunião, mas eu apenas sacudi a cabeça, morrendo de vontade de dar o dia como encerrado. Infelizmente, meu corpo hoje parecia querer outra coisa que apenas cama.

Meus ossos e pele imploravam pela dormência que os orgasmos com o Ricardo me causavam. Eu queria a exaustão que conseguia ao estar com ele, isso sempre me fazia dormir feito pedra no final da noite, sem a necessidade do uso de qualquer medicamento. Quando fomos dispensados, eu corri até a minha sala, escutando o tilintar dos meus saltos pelo corredor parcialmente vazio. Reuni minha bolsa, chaves e algumas pastas de planejamento e, quando cheguei ao estacionamento, eu o vi de longe.

Como em todas as noites, Ricardo me seguiu até o momento em que tive que decidir entre pegar a avenida que me levaria até a mansão, ou... virar a esquina e seguir em direção ao seu *flat*. Nervosismo preencheu meu corpo quando escolhi o segundo caminho. E enquanto apertava o volante com força, inspirando e soltando o ar inúmeras vezes, eu consegui me convencer de que uma *noitezinha* a mais não faria mal nenhum.

Não houve nenhuma palavra trocada até o momento em que pisamos em seu *flat*. Eu não perguntei o que aquela mulher fazia aqui quando os vi juntos e Ricardo não fez qualquer interrogatório a respeito do meu sumiço. Dei um passo para dentro do pequeno lugar, que agora parecia ser mesmo a sua casa, e tive meu cabelo puxado antes que pudesse sequer abrir a boca. O corpo musculoso do Ricardo pressionou o meu por trás, seu perfume forte, a mesma mistura de sempre, couro e menta, fez com que a dor em meu ventre se alastrasse pela minha corrente sanguínea,

causando milhares de choques elétricos.

— Até quando nós vamos jogar esse jogo, gatinha? — Ricardo murmurou com a voz arrastada, o pênis empurrando minha bunda. — Sabe há quantos dias eu tenho estado duro por sua causa? Esperando você se cansar de lutar contra essa sua merda e vir me procurar?

— Eu estive ocupada.

— Desculpa de merda, Isadora! — Minha respiração falhou ao sentir seu braço me envolvendo, mantendo-me presa a ele. Seu hálito quente contra a minha pele arrepiada fez-me contorcer vergonhosamente. E eu odiava que pudesse ser tão suscetível assim a outra pessoa... Minha mente continuava fechada, mas meu corpo, ah, ele meio que se esbaldava com esses pequenos atos que protagonizávamos.

— Eu tenho uma vida, Ricardo, uma que não envolve você. Não posso deixar que tudo desmorone ao meu redor apenas para me jogar em sua cama! — Eu precisava lembrá-lo disso, tanto quanto precisava lembrar a mim mesma.

— Eu estou lidando com a *cadela tensa* hoje, não é?

— Como ousa falar assim comigo? — Eu me virei para encará-lo.

—Você gosta...

— Só em seus sonhos, grosseirão estúp... — Ricardo não me permitiu terminar a frase, que ele conhecia tão bem, e me calou com um beijo duro, que implorava por sexo.

Empurrando-me até o sofá, o homem me curvou, puxando minha bunda contra o seu quadril, ainda sem liberar o meu cabelo, que até então estava preso em um rabo de cavalo severo. Arfei, reprimindo um gemido, detestando quão fraca os sons que saíam de minha boca me faziam parecer. Para retribuir a provocação, ele deslizou o zíper do meu vestido com uma lentidão quase doentia. O tecido de alta costura se tornou apenas um emaranhado amarrotado sob os meus saltos, e cada centímetro do meu corpo ficou exposto à sua avaliação. Ainda em meu enlaço, o grosseirão rosnou em meu ouvido e arrastou a mão grande até a minha calcinha de seda, o polegar áspero apertando meu clitóris ao mesmo tempo em que dois dos seus dedos afundavam na fenda entre as minhas pernas.

Gozei com seus dedos dentro de mim, pulsando fortemente ao redor deles, enquanto sua boca murmurava bobagens em meu ouvido. Ricardo gostava de dizer o quanto eu era uma safada por ficar encharcada com seu toque, dizer que meu corpo era a coisa mais deliciosa que ele já teve o prazer de foder. E que minha boca deveria ser usada apenas para chupá-lo, e não para destilar as besteiras que

eu cuspiam a torto e direito. Pegando-me no colo, eu fui jogada na cama e preenchida no mesmo instante em que ele terminou de revestir seu membro grosso com a camisinha. A sensação de aperto, de estar sendo dilacerada ao meio, era pouco para definir o que eu sentia quando era penetrada pelo Ricardo.

— Eu sabia que você não iria conseguir ficar sem meu pau, gatinha. Essa sua boceta é uma *cadela* que gosta de ser fodida, não é?

— Vai à merda, seu idiota! — retruquei, sentindo meu sangue ferver.

Minha boceta o apertou ao escutar as palavras sujas saindo de sua boca, e eu não me importei, porque sabia que era disso que eu precisava. Ser empurrada de dentro para fora. Ter todo o meu corpo despertado. Infelizmente, a cama amarrotada e dura em que me deitava agora era o único lugar onde eu conseguia ter isso. Porque no restante do tempo, eu era apenas a velha e inatingível Isadora de sempre. *Nenhuma surpresa até aí...*

Ricardo deslizou a boca pelo meu clitóris, a barba por fazer arranhando as dobras suadas enquanto eu permanecia deitada de bruços, os olhos fechados e o corpo exausto depois de todos os golpes profundos que me levaram ao segundo orgasmo da noite. Enquanto o deixava me lamber, eu revivi em detalhes o dia em que o peguei com sua ex-esposa. Sua cama era o pior lugar para trazer à tona o pensamento daquela mulher, mas de alguma forma essa era a maneira que o meu *eu racional* encontrou para me lembrar de que essa coisa acontecendo entre a gente não tinha sentido algum.

— Vai me dizer o que te manteve longe de mim? — Ricardo questionou, abandonando minha boceta e arrastando beijos úmidos pelas minhas costas. O homem tinha uma tara por me chupar depois do sexo, eu não conseguia entender, mas ele dizia que *apreciava o meu gosto* depois que me fazia gozar. Quando sua língua chegou aos meus ombros, ele afastou os fios grudados na minha pele e jogou seu corpo sobre o meu, como se seu peso não significasse nada.

— Eu preciso ir, Ricardo — disse insipidamente, temendo o momento de intimidade.

— Deixe de ser tensa e passe a noite comigo, eu ainda não tomei tudo de você... — Seu pau esticou contra o meu bumbum e eu estremei. Suas palavras funcionando como um interruptor para o meu corpo.

Naquele momento, eu me recriminei por não ter saído desse *muquifo* quando tive a

oportunidade.

— Sabe o que eu acho? — ele continuou ao receber o meu silêncio. — Seu irmão tem jogado muita responsabilidade sobre as suas costas. Você não pode continuar a fazer o seu trabalho e o dele toda vez que as coisas ficarem difíceis.

Ricardo não iria entender, mas não era nenhum sacrifício assumir as responsabilidades do Marcos. E eu não o fazia porque ele pedia, eu fazia porque ele era a única pessoa nesse mundo com quem eu me importava de verdade.

— Esse assunto não lhe diz respeito — falei baixo, ofegando por causa da pressão que seu corpo fazia.

— Aposto que você deve me achar muito estúpido para entender, não é? — Eu não respondi e Ricardo se levantou abruptamente, sem o menor pinga de vergonha ao exhibir seu membro duro pelo quarto. Contrariado, ele puxou uma boxer azul marinho pelas coxas grossas e gritou, já perto de sair do quarto: — Arraste essa sua bunda magra até a cozinha, porque eu pretendo te alimentar antes de te deixar sair por aquela porta!

Como ele sabia que eu estava com fome?

Meu primeiro impulso foi recusar ser *alimentada por ele*, mas meu estômago roncou alto e eu rapidamente vesti minha calcinha de renda e apertei uma de suas camisas ao redor do meu corpo, sem paciência de abotoá-la. Entrei na pequena cozinha instantes depois, pegando-o de costas enquanto cozinhava algo em seu fogão. Comprimi meus lábios diante da banalidade da cena e imaginei o que Marcos pensaria se descobrisse que eu vinha dormindo com o seu chefe de segurança... *Ele me mataria, ou melhor, nos mataria!*

— Sente-se, o jantar está quase pronto — falou orgulhoso, após me pegar o observando.

Quando terminou, Ricardo colocou os pratos sobre a mesa, fazendo-me sentir uma idiota por não ter oferecido qualquer ajuda, mas a questão era que eu não costumava me servir. *Nunca*. O vapor quente do prato que ele cozinhou envolveu a minúscula cozinha e eu me estiquei a fim de ver o que havia dentro da panela.

— Isso é...

O que eu vi foi uma massa exageradamente amarela, com molho de tomate e alguns brócolis picados. Até podia parecer macarrão, mas não havia maneira no mundo que isso pudesse ser comparado ao tipo de massa que eu comia nos restaurantes que frequentava. Até porque, massa para mim tinha que ser fresca e feita à moda italiana...

— Você já comeu macarrão instantâneo?

Eu o encarei enquanto negava, querendo muito perguntar se ele iria realmente me obrigar a comer... *isso*.

— Hum... eu acredito que não.

— Eu passei anos comendo isso durante a academia militar... — Ricardo se calou, claramente incomodado.

Se eu não tivesse ficado tão focada no sexo desde que nos aproximamos, talvez eu tivesse pegado uma ou outra pista sobre o seu passado. Porque ninguém conseguia um corpo como o do Ricardo fazendo mais do mesmo. O homem era bem estruturado, alto, e seus movimentos eram calculados demais para não ter tido qualquer tipo de treinamento.

— Você chegou a servir no exército depois que saiu da academia? — Desta vez ele foi o único a me ignorar.

— Olha, esqueça esse assunto e experimente o macarrão. Eu não como aqui normalmente...

Ele comia onde, então? Um *flat* não custava barato, por mais inferior que fosse, e eu duvidava muito de que seu salário como chefe de segurança permitisse que ele comesse fora todas as noites... então só restava uma opção.

— Clarissa é uma boa cozinheira? — Não sei por que me vi fazendo essa pergunta. Quero dizer, eu sabia, sim, só que não deveria, não é?

— Por que isso agora?

— Eu os vi juntos há algumas semanas... aqui em frente ao prédio. — Ricardo soltou seu garfo como se finalmente entendesse por que eu vinha mantendo distância. — Ela é bonita. — De uma maneira *simplória*, mas era.

— Sim, ela é. — Fui pega de surpresa quando ele respondeu de maneira seca, como se estivesse pronto para defender a infeliz.

— Não consigo entender por que você a deixou. — *Já que aparentemente ainda sente alguma coisa pela coisinha hippie*, pensei.

— Não consegue entender ou *não quer* entender, Isadora?

Desviei meus olhos dos dele e voltei a atenção para o macarrão no prato. Meu estômago roncou um pouco mais alto dessa vez, exigindo por alimento, e eu, bem lentamente, ergui o garfo

trazendo a massa até a minha boca. Tudo para evitar responder à sua pergunta. Sem dizer uma palavra, Ricardo me observou mastigar, sacudindo a cabeça como se não acreditasse no esforço que eu estava fazendo.

— Desfaça essa cara de nojo, pelo amor de Deus! — ele me repreendeu, escondendo um meio sorriso.

— Como você consegue comer isso? É sal puro!

— Exatamente o que você anda precisando: um pouco de tempero. Agora coma, eu não gosto da ideia de arrastar para aquele quarto uma mulher que não tem forças sequer para gemer o meu nome...

— Você é tão... *vulgar*.

Ele deu de ombros, agora sorrindo largamente.

— Acho que alguém aqui aprecia esse meu lado... porque continua voltando.

Capítulo 41

RACHEL

Retoquei o batom vermelho enquanto observava, pelo reflexo do espelho, Marcos caminhar de um lado ao outro em nosso quarto, transformando os quase 30 metros quadrados em um lugar pequeno ante a tensão que ele exalava. Seu rosto duro, aristocrático, desta vez não estava coberto pela máscara de autocontrole que ele forjava ao mundo exterior. Não, o homem, elegantemente vestido em seu *smoking* Tom Ford, colete e gravata borboleta, parecia mais como uma fera esta noite do que como o poderoso patriarca da família Montenegro.

Assim que o assisti sair do closet, preso à tarefa de dar o nó em sua gravata, eu me encontrei rogando aos céus para não fraquejar ante a imagem dele. Ver todo o seu tamanho e selvageria sendo cobertos pela beleza de um traje *black tie* impecável me deixou sem fôlego, com as pernas bambas. Não ajudou muito que Marcos lançasse, de tempos em tempos, em minha direção, aqueles olhares mordazes, cheios de significado. Foi preciso muita determinação da minha parte para permanecer de pé quando o vi percorrer meu corpo sob o vestido que havia adquirido especialmente para esta noite.

Não vou negar, eu estava irritada por ser obrigada a comparecer a essa festa quando tudo o que eu queria era ser deixada sozinha. E se isso não fosse o bastante, eu ainda tinha um forte pressentimento de que, assim que pisasse naquele salão, os holofotes recairiam todos sobre mim e o Marcos, já que as ocasiões às quais comparecemos em público, nesse meio tempo em que estivemos casados, foram pouquíssimas, e nunca uma que chamasse tanta a atenção da mídia como essa festa chamaria.

Eu era extremamente grata por ele ter recusado convites ao longo dos últimos meses, mas agora ele parecia resoluto em me fazer entender que não poderíamos recusar. Infelizmente, nada fora capaz de diminuir meu nervosismo ou a certeza de que seria julgada e observada por cada um daqueles burgueses metidos a besta, que por mais refinados que fossem, pareciam não ter a menor sensibilidade na hora de lidar com *aqueles* que não pertenciam ao seu círculo social. Estar lá como uma mera assistente do Sr. Arrogante? Tudo bem, ninguém se importava. Agora, estar lá tomando o lugar de alguma *socialite* mimada? Ah, isso era imperdoável!

Vendo que a tensão ao meu redor só aumentava, eu peguei minha *clutch* e me virei, sabendo que se demorássemos a sair, nos atrasaríamos mais do que o aceitável.

— Eu estou pronta — disse, sentindo-me incomodada ao perceber que Marcos tinha toda a sua atenção voltada para mim.

— Eu vejo. — Seu cenho franziu ao percorrer a fenda lateral do meu vestido... mais uma vez. — Essa é outra tentativa de me tirar do sério ou você quer apenas que cada maldito homem naquela festa olhe para você?

— Você não gostou? — perguntei com a expressão séria, ciente do quanto meu querido esposo era conservador. Não fora ele que passara quase dois anos me vestindo com roupas sóbrias e discretas?

Calado, Marcos deu um passo à frente, mas se interrompeu no último instante, correndo a mão pelo cabelo escuro e comprido, que agora caía selvagememente em sua nuca.

— Porra, eu... — ele hesitou. — Eu só queria que você parasse de agir assim.

— Este, definitivamente, não é o momento para termos essa conversa — eu o lembrei, sentindo um nó na garganta se formar.

— E essa não é você! — Marcos desistiu da tentativa de se manter à distância e me alcançou, rodeando-me como se não soubesse o que fazer comigo.

— Não entendo o que mais você pode querer de mim. Eu estou aqui, não estou?

— Seu corpo pode estar aqui... mas a sua mente, não! — Respirei fundo ao escutá-lo. — Onde está a mulher que eu amo? É ela que eu quero aqui nesse quarto!

O tormento que enxerguei dentro dele fez-me sentir mal. Quase culpada. Em contrapartida, a minha razão gritou para que eu não acreditasse em suas mentiras e que me contivesse.

— Por favor, carinho, volte ao normal... eu sinto a sua falta, merda! — Mexida com sua proximidade, quase não me dei conta quando Marcos segurou meu rosto, fazendo-me encará-lo. O homem parecia a um passo, um pequeno passo de me beijar.

— Aquela Rachel não vai voltar — murmurei no último minuto, antes que sua boca tomasse a minha. O fato de ele continuar a pensar que tinha o direito de fazer o que queria e quando queria foi o que me fez reagir. — Você a quebrou, assim como seu pai fez com sua mãe. Você consegue ver alguma semelhança aqui, Marcos? Lorena era uma mulher cansada de sofrer... presa a essa casa. A essa família

— Chega! Você não faz ideia da porra que está dizendo! — ele gritou. — Não volte a falar sobre eles...

Em um momento, eu estava tentando entender como me deixei ficar em seus braços, no outro, sendo afastada tão abruptamente que me vi zozza. Tudo o que consegui enxergar era um Marcos furioso, dando-me as costas e saindo do quarto.

MARCOS

Rachel hesitou quando entramos no extenso e bem decorado salão, e pela primeira vez desde que deixei nosso quarto eu a vi procurando pelo meu olhar, como se estivesse com medo do que a esperava. Eu não ia alimentar a minha raiva, simplesmente não conseguia mais, quando se tratava dela. Mas, porra, não vou mentir e dizer que seu ataque verbal não me feriu, porque ele tinha. Tanto

que foi preciso tomar distância antes de dizer alguma bobagem. Tudo bem, Rachel estava sofrendo por minha causa, eu entendia isso. Mas havia uma grande diferença entre mim e meu pai, uma enorme e irrevogável diferença.

Conforme nos misturávamos aos outros convidados, eu consegui encontrar minha irmã e Oliver presos em uma conversa com o filho de nossa anfitriã, um esnobe e inútil homem que não fazia nada mais do que gastar a fortuna de sua família. Acenei para alguns conhecidos, enquanto tentava proteger minha esposa dos olhares depreciativos que recebia de algumas dessas mulheres e, principalmente, da maneira cobiçosa com que alguns homens a olhavam. Para o meu desagrado, em meio ao caminho até a anfitriã, nós fomos parados por alguns parceiros de negócios, velhos amigos e até mesmo pela esposa de um conhecido político, que assim como Marisa, era uma benfeitora ligada aos mesmos projetos sociais que minha mãe um dia fora.

Rachel sorriu e agradeceu quando parabenizada pela gestação, ignorando quando o tom era malicioso ou ofensivo. Não havia dúvida de que ela era a atração principal dessa noite, mais até que a aniversariante. Muitos ainda sentiam enorme curiosidade a respeito da mulher que conseguiu o que nenhuma outra fez. *Tomar a porra do meu coração.*

— Sua esposa é uma preciosidade, Marcos — Marisa elogiou após nos cumprimentar, dando a Rachel um olhar indiscreto e virando-se logo em seguida para mim. — Um pequeno raio de sol em meio à tempestade, não é mesmo?

Eu peguei a indireta, e bem, se eu era a tempestade nessa história, então Marisa estava certa. Rachel era o meu pequeno raio de sol, um que eu quase apaguei.

— Você não poderia estar mais certa, Marisa. — Dei a ela um sorriso educado e encarei a Rachel, que tinha o rosto corado. Seus olhos azuis piscaram desconfortáveis, e eu reprimi o desejo desenfreado de beijá-la. Essa merda só crescia a cada minuto do dia, cada palavra dita por ela me deixava duro, cada gesto me fazia louco.

A escolha do seu vestido, então, tinha feito desmoronar todo meu autocontrole. Eu não fazia ideia se ela o usara porque realmente o apreciava ou apenas para me atormentar. O tecido azul abraçava suas curvas agora mais acentuadas como uma segunda pele. E juro que a cada homem que se atrevia a admirar o que era meu, eu precisava respirar fundo e lutar contra a vontade de cobri-la com o primeiro pedaço de pano que encontrasse.

Tudo para evitar que eles vissem o mesmo que eu via. Uma mulher linda, grávida do meu filho, com seios perfeitos e enormes. A boca carnuda... e um perfume que vinha me enlouquecendo por toda a noite. *Meu vício não era o maldito álcool, meu vício era ela.*

RACHEL

A parte mais difícil desta noite estava sendo lidar com toda a atenção e curiosidade recaída sobre mim. Senti-me exposta, como um animal preso em um zoológico. Por isso, na primeira oportunidade que encontrei, pedi licença ao Marcos e corri até o toalete, buscando por silêncio e calma. A música ambiente não me abandonou quando fechei a porta, mas o som que a água escorrendo fez amenizou meu nervosismo. Molhei as pontas dos meus dedos, apreciando o frio, e com uma toalhinha de papel eu umedeci minha testa e nuca. Todos aqueles perfumes fortes e doces haviam me deixado enjoada, Marcos percebera isso e garantiu que não teríamos que esperar até o fim da festa para podermos ir embora.

— *Só mais alguns minutos e eu a levo para casa.* — Foram as suas palavras.

Com as mãos sobre o mármore frio, fechei os olhos por alguns instantes, relutante em voltar a abri-los ao escutar o tilintar dos saltos atrás de mim.

— Metade daquelas mulheres lá fora adoraria estar em seu lugar. Trocariam facilmente seus maridos e famílias pela oportunidade de estar ao lado do meu irmão — Isadora disse, em uma tentativa de quê? De manter uma conversa?

Levantei meu rosto, vendo-a através do imenso espelho que cobria o banheiro. Diferente da minha escolha para essa noite, ela usava um vestido bordô em formato sereia que deixava seu corpo ainda mais esguio e elegante. Era difícil encontrá-la cometendo qualquer deslize de moda.

— Você está dizendo isso... por quê? — decidi perguntar.

— Para que entenda que não tem por que se sentir inferior. Ignore o que elas pensam, o que falam... será muito mais fácil para você se elas perceberem que não conseguem te atingir.

— Eu pensei que essas mulheres fossem suas amigas!

— Não confunda educação com amizade, eu sou obrigada a ser educada com mais da metade das pessoas dentro daquele salão. O que não quer dizer que eu aprecie a companhia deles...

— É isso o que você está fazendo agora comigo? Sendo educada?

Isadora respirou fundo, como se lhe faltasse paciência, e seu olhar cruzou com o meu.

— Você sabe que não.

MARCOS

Oliver e eu conversávamos sobre negócios em uma roda de conhecidos quando escutei uma voz que não escutava há tempos. Meses, para ser mais exato.

— Ainda é doloroso vê-la ao lado dele, Marcos e eu estivemos juntos por um longo tempo, até que ela apareceu e...

Que porra era essa? Eu me virei, tendo um vislumbre da Pierla em um vestido vermelho-sangue. Ela era uma bela mulher, isso nunca esteve em questão, mas lhe faltava algo que sobrava em minha ratinha. A doçura, a ingenuidade... a sensualidade não forçada. Rachel poderia vestir a droga de um pijama e meias soquetes em seus pés delicados que mesmo assim eu a acharia extremamente sexy.

— E o vestido dela, vocês viram? Que mulher grávida se atreveria a usar uma fenda como aquela? — A infeliz continuou destilando seu veneno, parecendo cada vez mais como se soubesse que eu a estava escutando. — É uma pena que a Lorena não esteja aqui para ver os erros que seus filhos têm cometido, ela jamais aceitaria uma mulher como aquela em sua família. Jamais.

Sem paciência, eu me aproximei do grupo e intervim:

— Com licença, senhoras, mas terei que afastar a Srta. Vilela por alguns instantes — avisei, já arrastando Pierla para fora do salão e entrando na primeira porta dupla que encontrei, que, por sorte, dava para uma sacada praticamente vazia. As poucas pessoas que se encontravam por ali saíram ao nos ver entrar. Deveria estar claro em meu rosto que não éramos nenhum casal de amantes buscando por privacidade, e sim o contrário.

— O que foi, querido? — a infeliz perguntou com a voz mansa, irritando-me ainda mais.

— Abra essa maldita boca novamente para falar da minha esposa, e eu juro, Pierla, que faço com que todo mundo saiba a mentirosa que você é! — rugi, descontrolado.

— Essa mulher criou uma armadilha...

— *Essa mulher*, como você diz, tem mais dignidade em um dedo do que você em todo o seu corpo, porra!

— Seus pais nunca a teriam aprovado.

— Você tem razão, eles não teriam. Mas sabe o quê? Do jeito que amo aquela mulher, eu estaria pouco me importando se eles iriam ou não aceitar esse casamento — falei convicto. — Agora

pare de inventar merdas e esqueça que minha esposa e eu existimos. Fui claro?

Eu não estava preparado para o que a Pierla fez, mas assim que sua mão rastejou pela minha nuca, eu a segurei... notando o sorriso malicioso em seu rosto e seu olhar direcionado às portas abertas.

Merda!

RACHEL

Depois de procurar Marcos por todo o salão, o último lugar em que eu esperava encontrá-lo era a centímetros de distância daquela mulher. Eu a odiava com todas as minhas forças. Foram muitas noites passadas em claro imaginando Marcos e ela juntos, desejando o amor de um homem que se deitava com outra. Eu queria gritar com ela agora, pedir para que nunca mais tocasse no que era meu.

Queria pegar aquele cabelo vermelho dela e... fazer o que, Rachel? Conseguir um mandado de prisão por agredir alguém?

Meu corpo inteiro enrijeceu ao vê-la vindo em minha direção com um sorriso confiante e seguro em seu rosto esticado. O dinheiro, ao que parece, proporcionava isso às pessoas. A confiança de que todo o mal feito sairia impune. Porque cada pessoa maldosa que encontrei essa noite, cada comentário ofensivo foi jogado como palavras ao vento. Sem a menor importância. Sem o menor problema de consciência. Será que essas mesmas pessoas, quando se deitavam à noite, em suas camas, conseguiam dormir, sabendo que foram tão cruéis?

Parada à minha frente, como se fosse meu dever sair de seu caminho para que ela pudesse passar, Pierla me encarou dos pés à cabeça com o mesmo tipo de olhar treinado que todas elas pareciam exhibir. Eu não recuei ou saí de meu lugar. Se a mulher queria sair, que o fizesse, havia todo um espaço ao meu redor...

— O que faz aqui ainda, Pierla? — Marcos perguntou em tom severo, deixando-a lívida. Assisti-a com prazer engolir seu orgulho e marchar para fora da sacada, deixando-nos finalmente a sós.

Foi só nesse momento que notei que meu coração batia forte dentro do peito. Pierla tinha trazido à tona todo o medo de não ser o suficiente. A velha insegurança de antes. Eu tive que vê-los tantas vezes juntos sem poder dizer nada, tendo que esconder meu ciúme porque Marcos não o suportava.

— Venha aqui. — Ele me puxou, cobrindo-me com seus braços como se soubesse o que se passava dentro da minha cabeça.

A música tocada no salão ressoava baixinho na sacada, mesmo assim, eu podia escutar com perfeição a voz do cantor interpretando a canção *One*, do Ed Sheeran.

*“Stumbling half drunk.
Getting myself lost.
I am so gone, so tell me the way home.
I listen to sad songs, singing about love.
And where it goes wrong.”⁴*

— Não me faça passar por tudo aquilo de novo, Marcos — pedi, abaixando a guarda, tremendo de tão nervosa que estava por causa da Pierla. Sem dizer nada, Marcos afundou seu rosto em meu ombro. Um pouco mais alto, graças aos saltos. Sua barba grossa raspando minha pele enquanto um de seus braços envolvia minha cintura e o outro segurava minha mão.

Ele queria... dançar? Sério?

— Dance comigo. — Eu o ignorei.

— Por que vocês dois...

— Esqueça que me odeia por alguns minutos, você consegue? — murmurou com a voz rouca em meu pescoço. — Deixe-me lembrar como é estar com você, sem raiva, sem qualquer mágoa. Apenas nós dois.

Por que ele parecia tão apreensivo? E por que sua voz... por que ela estava estranha?

— O que está acontecendo? — perguntei baixinho.

— Só uma dança, carinho. Isso é tudo o que eu quero.

*“Just promise me, you'll never leave again.
Cause you are the only one.
Take my hand and my heart and soul.
I will only have these eyes for you.”⁵*

Marcos e eu apenas ficamos ali, nos movendo lentamente na solidão da sacada. A iluminação artificial baixa unida à lua cheia que cobria o céu criara, sem querer, um cenário romântico. Meu coração continuou a bater, uma batida mais fraca a cada segundo que se passava. Eu não queria admitir, mas estava sendo difícil, para mim, pensar que quando a canção terminasse eu teria que me afastar. Que nós teríamos que voltar *à realidade*.

Fechei meus olhos angustiada, querendo prender as lágrimas de tristeza que se amontoaram ao redor deles. Mas não consegui, e elas escaparam, manchando o *smoking* do Marcos.

— Nunca houve outra mulher, Rachel. — Sem entender o que ele dizia, eu levantei meu rosto e tentei me afastar de seus braços, mas Marcos me apertou com ainda mais força. — Eu demorei a entender o porquê... mas agora que o fiz, eu consigo enxergar significado em cada um dos meus erros. Eu lutei bravamente contra você, contra a gente. Tentei te afastar para não ter que lidar com meus sentimentos. Mas quando eu te perdi... tudo, toda a minha vida perdeu o sentido.

Nós dois deixamos de nos mover, a música ainda soava ao nosso redor, mas eu só conseguia olhar para o homem à minha frente e me questionar aonde ele estava querendo chegar com essa conversa. E por que seus olhos tinham aquele brilho umedecido... como se...

— Tem sido você há tanto tempo, que eu não consigo pensar no dia em que isso não irá mais acontecer, essa merda está acabando comigo. *Perder você está acabando comigo*.

— Pare, por favor — implorei, não conseguindo lidar com seu sofrimento. Eu me doí por ele e por mim. Tudo junto. Toda a maldita bagunça que ele causou machucando ao mesmo tempo.

— Só me deixe terminar. — Marcos não me liberou, seu polegar apertava minha bochecha molhada pelo meu choro silencioso enquanto eu tentava com todas as forças me acalmar. — Você foi a única mulher com quem estive em um longo tempo, e eu não quero que existam outras, entende isso? Tudo de que preciso nessa vida é de você, carinho.

— A Pierla... você esteve com ela.

— Não, eu não estive. E não me sinto orgulhoso por ter feito você acreditar no contrário.

— Você mentiu para mim? — Minha voz saiu tão baixa, tão ferida. — Mas... por quê?

— Eu menti porque não queria deixar você entrar, ratinha. Não queria e não podia. Você era só uma garota, o que eu iria fazer se você se apaixonasse por mim?

— Mas eu me apaixonei!

Marcos assentiu.

— Nós dois fizemos.

Eu o encarei por um longo tempo, permitindo que suas palavras me alcançassem. Deixando entrar cada sentimento que eu vinha ignorando tão arduamente desde a morte do meu pai. Foi tumultuado, confuso... lidar com todas as minhas dores de uma só vez. Em um único golpe. Mas foi preciso. Eu precisava sentir, deixar as coisas irem... A raiva, o amor, a descoberta de outra mentira.

— Dói... — sussurrei, quando Marcos deslizou seu dedo pelo meu rosto. Meu nariz, minha bochecha, meu queixo... meus lábios.

— Eu sei, carinho, eu sei. — Sua voz soou estranhamente fraca enquanto ele se inclinava, estudando cada uma de minhas reações.

Um gemido abafado e surpreso escapou do fundo de minha garganta quando sua boca caiu sobre a minha, e eu, imediatamente, me segurei em seu braço, tamanha a intensidade de seu beijo. Marcos veio feroz, me empurrando até a coluna mais próxima. Tentei tomar fôlego, respirar diante a intensidade de seus movimentos, mas ele apenas investiu sua língua com mais força para dentro de minha boca, sem se importar com o que acontecia ao nosso redor.

Era tão errado assim eu querer que esse beijo durasse para sempre?

Senti-me vazia quando nos afastamos, o calor que havia envolvido meu corpo desaparecendo, levando-me de volta ao estado dormiente em que eu me encontrei nessas últimas semanas.

— Carinho...

— Só me tire daqui, Marcos, por favor.

Capítulo 42

MARCOS

A rapidez com que arranquei Rachel daquela festa surpreendeu não só a mim, como também a muitos dos convidados. Despedindo-me apenas de Isadora e da anfitriã, eu deixei de lado qualquer convenção social e me concentrei unicamente na mulher que tinha a mão entrelaçada à minha em um aperto nervoso e difícil de se ignorar. Porém, por mais inesperado que nossa fuga antes do final da noite, era a inquietação que me dominava.

A saída do hotel fora tumultuada, nós tivemos que lidar com alguns dos vários jornalistas à espreita no lado de fora e que viram em nossa escapada um meio de fazer notícia.

A festa não agradou à sua esposa, Sr. Montenegro? Vocês estão saindo porque a Srta. Vilela está presente? Sua esposa se sente desconfortável com sua antiga relação?

Não respondi a qualquer uma das perguntas, Rachel também não. Ela já havia sido *aconselhada* a não dizer nada nesse tipo de abordagem, um, porque não era obrigada, e dois, porque a maioria desses repórteres, em busca de um furo, distorciam grande parte do que era dito. Com um de meus seguranças ao nosso redor e o Hélios à nossa espera, a maioria deles se dispersou rapidamente. Rachel e eu entramos no *Chrysler*, sua pequena mão ainda unida à minha. E enquanto o motorista seguia em direção à mansão, eu a puxei para o meu lado, ignorando o fato de que não estávamos sozinhos.

— Todos irão pensar que nós fomos embora por causa dela, não é? — Rachel sussurrou, respirando fundo ao sentir o meu toque em sua coxa. Aquela fenda... porra, tudo o que eu queria era afastá-la e contemplar o interior de suas pernas macias. Provar de sua pele.

— Dessa vez eu não me importo com o que irão dizer.

Uma mentira saída em algum jornal de merda não poderia ser pior do que os nossos problemas. Nada poderia. Rachel chegou a entreabrir os lábios, mas não soltou sequer um murmúrio ao sentir meus dedos deslizarem pelo seu pescoço... Aturdida, ela apertou o próprio lábio, a incerteza me fazendo desejar que estivéssemos a sós.

Sua pequena rendição me tinha na borda, eu queria apenas chegar em casa e trancá-la em nosso

quarto. Onde nada nem ninguém poderia interferir ou fazê-la recuar. A lembrança das noites que passamos juntos e da nossa paixão sob os lençóis me tiraram o sossego. Maldição, eu não sei se suportaria que minha esposa me rejeitasse esta noite. Eu precisava dela, como a porra do ser humano precisava de ar para sobreviver. E essa necessidade ia além do desejo físico.

— O que nós estamos fazendo, Marcos? — Rachel balbuciou.

Balancei a cabeça, fugindo da resposta, e rocei os dedos em seu rosto, fazendo seus lábios tremerem ao meu toque. Movi-me desconfortável no banco de couro, o sangue correndo quase que totalmente para a região do meu pau. E, desta vez, quando puxei seu queixo, eu absorvi sua beleza com extremo fascínio. Eu sentia falta daqueles olhos sobre mim, da boca carnuda batendo contra a minha... da temperatura morna e aconchegante em que Rachel ficava quando fazíamos amor.

Como se enfeitiçado, eu me inclinei sobre ela, tão lento e suave que podia escutar nossos corações batendo lado a lado. E, porra, não era pouco. O meu parecia como o de um animal prestes a ser capturado, a adrenalina correndo pelas veias de maneira tão intensa que eu não consegui esperar até que estivéssemos fora deste carro, longe da vista do Hélio.

— Eu senti tanto a sua falta, carinho. — Rachel puxou o ar, presa ao momento, e eu suguei seu lábio inferior, envolvendo-a em um beijo profundo, cheio de sensualidade. Temendo como o inferno assustá-la.

A palma da minha mão descansou em seu rosto ao passo que a outra a mantinha presa contra o banco de couro. Ela ofegou, quase choramingou, quando minha língua arrastou para dentro de sua boca, invadindo-a aos poucos. Abafei seus sons, sentindo a porra do meu sangue ferver ao ter que dividi-los com outro homem. Hélio que não ousasse olhar para trás, porque juro que o demitiria sem pensar duas vezes!

Sem que eu esperasse, Rachel entrelaçou as unhas em meu cabelo, puxando com vontade as pontas compridas, obrigando-me a cobri-la quase que totalmente com o meu corpo. Como um veneno, o mel em sua boca foi se espalhando, se misturando à minha corrente sanguínea, invadindo cada músculo. Essa mulher choramingando baixinho aqui ao meu lado era letal para o meu coração. E você acha que isso importava alguma coisa?

O beijo durou todo o caminho até a mansão, e eu só me afastei, relutante para caralho, quando Hélio ultrapassou as barreiras dos portões de segurança.

RACHEL

Não sei como meus pés permaneceram firmes pelo caminho até o nosso quarto. Porque, juro, tudo em mim tremia. Marcos se manteve atrás, consumindo-me com aquela expressão de desejo e, principalmente, saudade. Eu sabia, porque eram esses os sentimentos fervilhando dentro do meu peito nesse exato momento. O som feroz da porta batendo me causou arrepios. Parei no meio do quarto, lidando com a antecipação e o nervosismo, e me virei, tendo que reunir toda a minha coragem ao encontrá-lo me observando com aquele olhar predatório. Quase bruto.

Seu queixo cerrado fez com que os lábios formassem uma linha fina e dura. E mesmo de longe era como se eu pudesse sentir a agitação violenta dentro do peito daquele homem. A maneira como o seu coração batia quando estávamos na cama era explosiva.

— Marcos, eu... estou com medo — sussurrei, ao vê-lo arrancar para fora a sua gravata e caminhar em minha direção, como se nada mais no mundo importasse.

Meu marido agarrou minha cintura, deixando-me boquiaberta, e murmurou em meu ouvido com a voz profunda:

— Tudo o que você sente eu sinto duas vezes mais duro. Vê-la sofrendo me rasga por dentro, Rachel. Me consome.

— Eu não sei se devemos...

— Não faça isso... não me negue você! — Sua boca esmagou a minha com tanta ferocidade que qualquer insegurança que ainda restasse dentro de mim foi empurrada para longe. Não consegui segurar um gemido ante a rudeza dos seus gestos, Marcos desfez meu penteado com impaciência, erguendo meu queixo com o puxão. A dorzinha em meu ventre, que começara no instante em que ele me beijou na festa, se intensificara a ponto de fazer meu corpo queimar. Arder de desejo.

O calor úmido entre as minhas pernas não deixava dúvidas...

Sem qualquer outro pensamento, eu enlacei seu pescoço, trazendo-o mais para perto enquanto era arrastada de volta para a loucura em que ficávamos ao nos tocar. Fora assim desde sempre... desde a primeira vez em que o senti profundamente dentro de mim. Marcos foi o único homem a me ter em sua cama, ele tomou a minha virgindade sem saber, sem que pudesse ter alguma escolha. E quando se deu conta já era tarde demais.

Assim foi com o meu amor. Marcos não pediu por ele, tanto que me alertou infinitas vezes: *Eu não posso dar a você mais do que isso*. Mas ele deu, não foi?

Prendi a respiração quando me tornei ciente do seu toque, do roçar de seu dedo enquanto o

zíper do vestido era aberto. Fiquei ali nua diante dele. Abalada com a maneira brutal com que o homem me fitava. A intensidade de seu olhar era tanta que meus seios endureceram sob o sutiã, fazendo com que nós dois engolíssemos em seco ao mesmo tempo.

Marcos traçou o contorno dos meus ombros e deslizou o dedo até o vale que o sutiã mantinha apertado. Seu dedo afundou no decote cheio e ele empurrou para baixo a taça da *lingerie*, expondo os mamilos intumescidos e rosados. Meu marido os acariciou como se os venerasse, apertando-os enquanto dirigia a eles um olhar cheio de paixão. Contorci-me com a carícia, meus seios estavam sensíveis e pesados, e mesmo que seu toque fosse extremamente gentil, eu me encontrei apertando uma coxa na outra, tamanho o prazer que senti se concentrar no meio delas.

— Eu preciso de você com tanta força que estou com medo de te machucar... — Marcos rosnou baixo, apertando-me com um pouco mais de pressão. Estremeci ao som de sua voz e meu marido percebeu que eu quase não conseguia me manter de pé. — Você está tremendo, carinho. — Ele me rodeou, envolvendo-me em seus braços.

Inspirei seu cheiro, sentindo tanta saudade dele... que meu coração bateu um pouco mais devagar. Tentei me concentrar na lenta sensação se espalhando pelo meu corpo. No alívio que era tê-lo me segurando dessa maneira. Como se eu fosse especial. *Como se ele realmente me amasse.*

Fechei os olhos, desejando com todas as forças que tudo isso fosse verdade. Que esse homem estivesse mesmo disposto a me amar do jeito que eu merecia, a transformar essa casa em um lar para o nosso bebê. A nos manter em segurança. Eu precisava muito que fosse real. Porque não aguentava mais estar sozinha, sem ninguém para me segurar quando eu caísse.

Erguendo meu rosto, o suficiente para olhar em seus olhos, eu pedi:

— Só faça com que... a dor desapareça, Marcos. Eu não suporto mais esse vazio.

MARCOS

Beijei a pequena lágrima que escorreu pelo rosto da Rachel, sentindo todo o seu corpo nu tremer agarrado ao meu. As coisas que minha ratinha dizia pareciam ter um caminho direto para o meu peito. Atingindo-me como uma bala feroz. Eu acho que quebrava um pouco mais a cada choro ou acusação sua. E vê-la tentar com tanta determinação ser forte e não conseguir... porra, isso despertava todo o tipo de sentimento protetor dentro de mim.

Mesmo escutando os pequenos soluços, eu a levei até nossa cama. Deixando-a sentada enquanto arrancava minha própria roupa. Rachel não parecia assustada, apenas ansiosa. E nem por um segundo desviou aqueles olhos azuis enormes da minha direção. Ela percorreu o caminho de meus dedos ao desabotoar a camisa e fez o mesmo quando me liberei da calça escura. Sua respiração estava tão afoita e acelerada quanto a minha, e só piorou quando ela deixou escapar um pequeno e profundo gemido ao ver a rigidez e extensão do meu pau dentro da boxer.

O maldito saltou diante da visão da minha esposa grávida sobre a cama. Eu apertei o eixo rijo e movi minha mão para cima e para baixo, sentindo o latejar nervoso. As veias saltadas pareciam carregadas com todo o tesão acumulado dos últimos dias. Eu temi pela minha ratinha, temi quando a hora chegasse, porque ca-ra-lho, eu iria encharcar sua boceta doce com meu sêmen. Eu me aproximei dela, que não vacilou, e continuei acariciando meu pau na sua frente. Rachel piscou e voltou sua atenção para mim, as unhas cravadas no lençol.

— Porra, não faça isso! — eu grunhi ao vê-la lambe os lábios.

Com o punho eu puxei seu cabelo para o alto de sua cabeça e ergui seu rosto, adorando tê-la assim, tão ansiosa e necessitada como eu me encontrava.

— Chupe, carinho... ponha essa boca apertada em volta do meu pau.

Rachel abriu os lábios vermelhos e envolveu a boca ao redor da glândula, a língua lambeu o pré-sêmen que escorria e quem acabou soltando a merda de um gemido descontrolado fui eu. Apertei um pouco mais o seu cabelo, fazendo-a me sugar com mais força. Minha ratinha não o engoliu inteiro e eu também não forcei. Ainda segurando as mechas loiras em meu punho, eu afastei sua boca do meu pau e a beijei com vontade, sabendo que a encontraria quente e úmida. Fui deitando-a na cama lentamente e puxando-a para o centro do colchão enquanto tentava não jogar o meu peso sobre ela e o meu filho.

Ajoelhado na cama, eu acariciei seu tornozelo e fui subindo o toque até chegar no alto de sua coxa, que foi onde encontrei a imagem mais lasciva desta noite.

Sua calcinha rosa pálido exibiu uma mancha úmida que fez com que a fome por essa mulher aumentasse violentamente. Meu sangue foi drenado todo para a minha virilha e enquanto pensava na melhor maneira de tomá-la, eu deslizei meus dedos para dentro dela com delicadeza. Esticando sua boceta, preparando-a para me receber. Rachel empurrou seu quadril em minha direção, os seios subindo e descendo... as unhas se agarrando à minha pele com ardor.

Quando ela quase sucumbiu aos movimentos ritmados dos meus dedos, eu precisei respirar

fundo para me impedir de fazer o mesmo. Essa era a porra mais louca que já havia experimentado. Imagine um homem em seus 1,90 m de altura, cheio de testosterona, de desejo denso e selvagem, tendo que se controlar para não gozar feito um adolescente apenas por escutar sua mulher gemendo de prazer como uma verdadeira *Deusa do Amor*.

— Não tire, por favor — ela implorou desorientada ao sentir a ausência deles em sua boceta, mas, porra, eu não podia mais prolongar essa tortura.

— Fique de lado para mim, carinho... deixe-me fazer amor com você do meu jeito. — Soei mais rouco do que o de costume. — Não quero correr o risco de machucar você nem o nosso filho.

Com um brilho úmido em seus olhos, Rachel se deitou de lado enquanto eu a cobria totalmente com meu corpo. Afastei suas coxas macias, deixando à mostra a boceta vermelha e molhada à minha espera. Seria apertado no começo, eu podia imaginar, mas depois que estivesse enterrado inteiramente na minha mulher, nada me faria sair de dentro dela. Fitando-me com o rosto corado, eu voltei a beijá-la ao mesmo tempo em que empurrava meu pau em sua fenda estreita. Sei que esse era um pensamento fodido, mas eu gostava de saber que era o único homem a penetrá-la, a sentir o seu pulsar. Era essa merda que me fazia agir de maneira tão irracional, às vezes, de dar como certo que ela me pertencia.

Sentindo a necessidade crescer, eu coloquei mais força nas estocas, que até então haviam sido lentas e suaves. Rachel ofegou, me arranhou... fechou os olhos e voltou a abri-los como se nada, nenhum gesto, fosse o bastante para lidar com o prazer que a consumia. Minha pequena e assustada ratinha começou a agarrar meu pau, cheia de necessidade crua. Ordenhando-me apertado como se quisesse extrair cada gota do meu sêmen.

— Porra, meu amor, isso tudo é saudade? — grunhi, sentindo o mundo desabar à nossa volta. A cama se movia conforme eu a penetrava, os sons altos que saíam de sua boca me tinham no chão. — Admita, carinho... admita que você sentiu a minha falta. Que eu ainda sou o seu homem. O único da sua vida.

Eu precisava dessa certeza, tanto quanto precisava gozar dentro dela.

— Não me torture mais, amor, não volte a me deixar... — Mordi seu ombro, em uma tentativa inútil de controlar a minha força. Meu pau inchou, se esticou em sua carne úmida, pronto para enchê-la de porra quente e espessa.

— Diga, Rachel!

— Você... sabe que sim. Você sabe que... eu... — Ela não teve forças para terminar, porque

seu pequeno e arredondado corpo convulsionou em um orgasmo que a partiu em duas.

Eu a enchi em seguida, despejando cada gota de porra na boceta que me pertencia. *Dentro da mulher que eu amava.*

RACHEL

Era madrugada quando reabri meus olhos cansados. Normalmente eu dormiria até o dia seguinte, mas havia algo estranho esta noite. Além da minha nudez... havia o calor do corpo do Marcos me envolvendo. Esquentando-me confortavelmente. Mas não era a sua presença que acabou por me acordar, e sim a carícia terna e carinhosa que sua mão fazia em meu abdômen.

— Há quase três anos... uma garota assustada como um ratinho, mas incrivelmente inteligente, entrou no meu escritório em busca de um estágio na minha empresa — ele começou. — Eu acho que enxerguei o potencial dessa garota no instante em que ela abriu aquela boca esperta dela. E foi por isso que a mantive comigo. Eu podia enxergar a determinação que aquela menina mirradinha possuía. E eu me orgulhei de cada vitória que ela conquistou, de cada momento em que provou aos meus funcionários que ela merecia estar ali: ao meu lado. Pela primeira vez na vida eu me vi atraído pela doçura e ingenuidade de uma quase mulher... Eu cobicei aquela garota para mim, *fui egoísta* e corrompi um coração que só desejava ser amado. *Fui egoísta* por não tê-la deixado partir quando ainda era possível, por tê-la feito acreditar que não significava nada para mim. Eu errei com aquela garota de tantas maneiras possíveis que hoje entendo por que ela teme me perdoar e nem mesmo posso culpá-la por isso. Mas eu preciso que aquela garota saiba o que sinto, carinho. Que saiba que eu sempre amei a sua coragem, a fê que ela deposita tão abertamente nos outros... que amei até mesmo os seus gritos de raiva, a sua força.

Eu não poderia me ajudar e isso não era justo. Marcos havia apenas me deixado em uma bagunça confusa.

— Você pode me fazer um favor, carinho?

Quando eu não respondi, ele continuou:

— Diga para aquela garota que eu a amo. Peça para ela parar de se esconder e voltar para a minha vida. Porque eu juro que se ela me der a chance, farei o que é certo dessa vez. Eu irei cuidar da nossa família, e o mais importante, eu irei cuidar dela.

Ao fim de suas palavras, eu estava tão vulnerável que me embolei como uma criança sobre a cama, querendo me proteger dele e desse amor. Morrendo de medo de deixá-lo entrar, mais uma vez, no meu coração, e sair machucada. As cicatrizes e arranhões ainda eram muito recentes...

Mas você o ama, Rachel, sempre vai amar... Por que não o perdoa logo?

— Você pode dizer tudo isso a ela? — ele insistiu, afundando o rosto barbudo em meu pescoço enquanto segurava a minha mão com uma força exagerada.

Como se sentisse os mesmos temores que eu sentia nesse momento.

— Eu... eu acho que s-sim.

O cheiro de flores e café fresco foi o que me acordou na manhã seguinte. Eu não percebi o quanto havia dormido até que olhei o relógio na cabeceira da cama e vi que passavam das 11h. Meu estômago protestou faminto e eu meio que não acreditei no que vi ao meu redor. Havia flores, muitas flores. Todas distribuídas em vários arranjos enormes por todo o quarto. O cômodo, sempre tão neutro e elegante, estava agora colorido com rosas vermelhas, tulipas roxas, cravos... gardênias...

Boquiaberta, eu olhei em volta, procurando pelo Marcos, mas tudo o que encontrei foi um pequeno bilhete sobre a cama.

"De alguma maneira, as coisas sempre voltam para o lugar ao qual elas pertencem."

Ass: Marcos Montenegro.

No mesmo instante eu olhei para a minha mão, descobrindo sentido nas palavras afiadas de meu marido. O meu anel... o anel que eu havia deixado para trás quando escapei estava de volta ao meu dedo. Preenchendo um vazio que até então eu fingi não incomodar. Ainda atordoada, eu escutei seus passos e levantei meu rosto, me vendo diante de um Marcos que eu raramente via. Seu cabelo molhado jogado para trás não parecia ter sido sequer penteado. A calça jeans agarrada em sua cintura era apertada nos lugares certos... e eu adorei vê-lo descalço. Sem toda a sua formalidade habitual.

Achei mesmo que conseguiria me manter emocionalmente distante e esconder dele o meu choque. Mas todas as minhas certezas caíram por terra quando o homem veio até a cama e agarrou a minha mão esquerda, beijando-a quase em reverência.

— Nunca mais... o deixe para trás. Não importa o que aconteça.

Capítulo 43

MARCOS

Assistir à expressão sonolenta da minha esposa se transformar em surpresa ao se deparar com todos aqueles buquês em nosso quarto me sorveu completamente. Junto com as flores havia também todo um discurso preparado em minha mente, cada palavra dele. Mas vendo-a ali, tomando tão pouco espaço em nossa cama, eu me dei conta de que nada que eu viesse a dizer poderia ser suficiente. Cabia a mim, claro, a tarefa de provar a Rachel que ela era todo o meu mundo. Cada parte tumultuada e complicada dele.

E era por isso que eu não queria pensar nas malditas fotos estampando os jornais essa manhã, e muito menos na nota postada por aquele site medíocre. Só que, porra, isso era impossível.

"Socialite Pierla Vilela é vista inconsolável na festa de aniversário da consagrada Marisa Andrade.

Segundo rumores, a bela ruiva afirmou não suportar ver seu antigo amor nos braços de outra mulher. O casal em questão, que vem fazendo o possível para escapar da mídia nesses últimos meses, não conseguiu passar despercebido e atraiu todos os olhares e atenções da festa. Convidados da aniversariante deixaram escapar que o clima entre os dois não era do mais agradável, e que só piorou após o misterioso incidente ocorrido na área externa do hotel entre o todo-poderoso e seu antigo affair...

A gata borralheira por, sua vez, não se mostrou contente com a presença da socialite ruiva e, assim que possível, se retirou da festa acompanhada de seu marido. As fotos circulando pelos portais de notícias deixam claro que a futura mamãe não tem por que se sentir ameaçada... já que seu marido parece só ter olhos para ela.

As más línguas dizem que todo esse ‘zelo do empresário’ se dera principalmente por conta do vestido indiscreto que a loira usava...”

Havia um certo padrão a ser seguido por essa jornalista, e essa implicância aparente com minha família não tornava as coisas mais fáceis para a Rachel. A equipe jurídica que trabalhava para mim, por exemplo, já havia dado entrada em um processo contra os ataques da mulher, tanto que hoje ela não podia mais fazer uso de nossa imagem. Uma pena que a intervenção não impedia que notas

como essas continuassem a serem escritas. Quanto a isso, meus advogados insistiam que nada poderia ser feito, e que fechar o site, que era o que eu realmente desejava fazer, seria uma afronta à liberdade de imprensa.

O contrário, infelizmente, não acontecia, porque a privacidade da minha família continuava a ser diariamente prejudicada por repórteres desse nível.

— Elas são... lindas — Rachel quebrou o silêncio, incerta do que dizer.

Eu nem ao menos poderia culpá-la por reagir assim e, sendo bastante sincero, estava sentindo era orgulho por ver que por trás da carcaça frágil que a cobria, Rachel permanecia disposta a se proteger.

— E o anel... eu...

— Você não deveria tê-lo deixado para trás.

Vendo-a olhar para longe, eu ergui seu queixo e virei seu rosto.

— Não se feche para mim novamente.

— Eu não quero ser pressionada — salientou firme, como em um esforço para não parecer vulnerável aos meus olhos.

— E eu não quero que desista da gente ainda, entendeu? — Sem resistir, eu me peguei roçando seu lábio carnudo, sentindo na pele o hálito quente de sua respiração. — Imagino o quanto deva ser difícil confiar em mim, mas preciso que tente, Rachel. Que nos dê uma chance.

— Você fala como se tudo fosse tão simples... — A expressão serena em seu rosto se transformou em um sorriso apático. — Eu passei todo esse tempo acreditando na mentira que você criou. Vendo fotos e mais fotos de você com aquela mulher, imaginando o que poderiam estar fazendo. Aquilo foi horrível, Marcos! E olha que eu tentei me afastar, deixar você, mas fui fraca. Uma estúpida!

— Você nunca foi fraca ou estúpida, meu amor. Para mim você é a mulher mais forte que existe por ter aguentado tanto.

— É isso que preciso que entenda, eu não quero mais ter que aguentar nada. Eu... eu vejo a sua irmã e me sinto a pior pessoa do mundo por querer ser amada como ela é. Eu quero ter uma família que me ame também! Não quero estar sozinha.

— Você não vai estar, carinho, acredite em mim.

As carícias em seu cabelo cessaram quando Rachel ergueu o rosto, fitando-me com uma intensidade atordoante.

— Sabe o que é pior? — indagou baixinho. — Eu quero acreditar em você, Marcos. Quero muito.

Deixei Rachel em nosso quarto terminando de tomar o café da manhã preparado pela Vera, com tudo o que mais gostava, e pedi para ela me encontrar em meu escritório assim que estivesse sentindo-se disposta. Felizmente, os rastros do cansaço que minha esposa vinha exibindo ultimamente pareciam mais amenos essa manhã, mesmo depois do que fizemos na noite passada. Não vou negar, meus músculos estavam tensos pelo esforço que precisei fazer para me controlar. Eu não sabia ser suave, não quando se tratava da Rachel, mas, porra, eu tentei. A última coisa que queria era machucar minha mulher com a necessidade violenta que sentia dela.

Era inevitável não ficar com uma ereção ao pensar na minha ratinha nua sobre os lençóis. O corpo macio e as pernas escancaradas para mim... apenas esperando. Talvez, em outro momento, eu estaria lá em cima agora mesmo, curvando-a contra algum móvel, me enterrando naquela boceta até perder a maldita consciência. Mas preocupado como estava com a Rachel, eu não seria louco de fazer isso, pelo menos não enquanto ela estivesse carregando meu filho. Como era costume nos domingos em que Mariana não aparecia com Sofia na mansão, minha sobrinha fez questão de me telefonar para *conversar*, tagarelando em meu ouvido como se eu fosse o homem mais desocupado da face da Terra. Não vou dizer que eu não apreciava a atenção da pequena, porque eu apreciava, mas tinha momentos que eu me perguntava que raios Mariana vinha fazendo com essa menina.

— Estão todos vivos, titio?

— Até ontem estavam, Sofia.

— As *pegadas* têm dado comidinha pra eles?

— Todo os dias... onde sua mãe está?

— Está aqui do meu lado.

— Deixe-me falar com ela, pequena.

Sofia relutou em afastar o telefone, e Mariana precisou intervir, prometendo ligar o viva-voz

para que a filha pudesse acompanhar a conversa.

— Como está se sentindo hoje, Mariana?

— Gorda, enorme... juro que esse menino deve pesar mais que um potro.

— Você não tá gorda, mamãe, tá linda. — Sofia se intrometeu, sua voz soando distante da linha.

— Acho que está na hora de você começar a pensar em ficar em casa, não quero que se desgaste mais do que o necessário.

— Não comece, Marcos, eu ainda vou trabalhar por um bom tempo.

Será que todas as mulheres eram tão teimosas assim, ou só as que me rodeavam?

— Espero que Rachel esteja esperando um varão, porque não sei se aguento mais uma de vocês na minha vida... — *Quatro mulheres teimosas e complicadas era mais do que o suficiente nesse momento.*

— Por falar no meu sobrinho, como anda a mamãe dele? Você tem cuidado dela direito?

— Eu tenho tentado.

— Isso não é o bastante, Marcos. Rachel precisa mais do que tentar.

— Tia Rach precisa mais do que tentar... — Sofia repetiu e eu revirei os olhos.

— Ela ainda não confia em mim, então tem sido um pouco difícil — expliquei.

— Você já contou a ela sobre... — Mariana tomou cuidado na escolha das palavras, por causa da presença da Sofia. — Sobre aquela mulher?

— Pretendo fazer isso hoje. — Eu não queria dar margem para que Rachel pensasse que eu a estava enganando novamente. Iria machucar saber a verdade? Com toda certeza. Mas dessa vez eu estaria ao seu lado.

— Como tá o seu bebezinho, titio? Ele vai nascer depois do da minha mamãe, não é?

— Vai sim, Sofia, só depois — falei distraído.

— Eu tô ficando cansada de esperar. Quando eu tiver o meu bebezinho, ele vai nascer rápido. Muito rápido.

Quando ela tiver um bebezinho?

— Você não tem idade para se preocupar com isso ainda, Sofia. Daqui a uns trinta anos você pode voltar a falar sobre isso comigo, até lá...

Mariana riu da filha enquanto eu franzia o cenho, porque, porra, eu não estava preparado para lidar com minha sobrinha crescendo, pensando em garotos e muito menos em bebês.

RACHEL

Marcos deveria estar à minha espera no escritório, provavelmente pensando por que eu ainda não havia aparecido. Bom, eu estaria lá agora, se não o tivesse pegado em uma ligação com a Sofia. E se uma parte minha não queria interromper os dois, a outra não se sentiu nem um pouco animada por saber que uma conversa naquele lugar só poderia significar que o assunto era delicado o suficiente para fazer uso da privacidade que tínhamos por trás daquelas portas. Passei todo o tempo precedente à minha ida ao escritório com a garganta fechada, a boca seca em apreensão. Tudo porque eu ainda não estava preparada para perder a ligação que recriamos na noite passada. Eu não queria mais brigar ou discutir e temia que o que quer que ele tivesse para me contar acabaria atrapalhando tudo.

Então, em vez de entrar e encarar, ele e o seu escritório, eu me afastei e segui em direção ao jardim que ficava nos fundos da mansão. O antigo ipê fazia sombra no gramado, e eu adorava a aparência de todas aquelas flores e arbustos espalhados sem o menor sentido. Como se tivessem nascido ao acaso e por ali mesmo ficado. Claro que todo esse ar de *não planejado* era graças ao trabalho exaustivo do jardineiro da mansão. O que importava mesmo, para mim, era que esse era um bom esconderijo para os dias em que eu me sentia enclausurada dentro desta casa.

— Este é um bom lugar para se crescer, meu amor, eu sei que seu papai irá cuidar bem de você. Ele pode ter errado, mas... eu acho que ele ama a gente de verdade, sabe? — Sorri ao sentir o seu primeiro chute do dia. — Talvez você o ache um pouco controlador, talvez você o ache *muito* controlador. Mas se tem algo nessa vida que seu pai protege fortemente é a família dele.

E esse foi um dos motivos que me fizeram apaixonar-me pelo Marcos tão rapidamente...

O som de cascalhos sendo pisados anunciou a aproximação de um segurança em meu entorno. Acostumados a rodearem a propriedade, ele seguiu o seu caminho, ignorando a minha presença. Vê-lo, me fez pensar nos jornalistas da noite passada... *Não, eu não iria me chatear com isso.*

Mais cedo ou mais tarde eu teria mesmo que aprender a ignorar esse tipo de matéria, melhor então fazer isso antes que meu filho nascesse. Até porque, grande parte dessas matérias eram mentiras, não eram? Eu não era essa mulher ambiciosa e esperta que todos pintavam, meu bebê não era indesejado pelo pai... e Marcos, bem, Marcos não estava preso a mim porque caiu em alguma

armadilha maldosamente planejada.

— Será que eu deveria me preocupar por encontrar a minha esposa encarando um de meus homens?

A voz implacável do meu marido surgiu atrás do banco em que estive sentada pelos últimos minutos. Minhas pernas se encontravam cruzadas sobre a madeira estilizada, e meu cabelo cacheado, preso em um rabo de cavalo que balançava conforme o vento me alcançava.

— Eu não estava olhando para ele — retruquei, percebendo que tinha estado distraída.

Marcos arqueou a sobrancelha, duvidando de mim, mas depois acabou me lançando um sorriso fatal. Um que deixava claro que ele não se sentia nem um pouco ameaçado pelo seu funcionário.

— Eu pensei que você me encontraria no escritório.

— Eu fui, mas você estava em uma ligação, então... — Dei de ombros.

— Você chegou a ler algum jornal essa manhã?

— Eu deveria ter lido?

— A verdade é que não, mas se quiser, você sabe.

— Vai me fazer algum bem? — perguntei em um sussurro.

Marcos levou poucos segundos para chegar a uma decisão e logo em seguida negou.

— Não, não fará.

— Então eu não quero ler.

Minha decisão deve tê-lo surpreendido, mas... o que Marcos ainda não sabia, era que eu não queria mais lutar. Fosse contra ele, fosse contra a opinião dos outros.

MARCOS

Foi bom encontrar Rachel em um dos lugares que ela mais apreciava nessa casa. O jardim, longe de tudo e todos, parecia ser o seu refúgio quando ela procurava por um pouco de sossego. E a princípio eu não soube se deveria ou não interferir em seu momento. Havia uma tranquilidade sutil ao seu redor, o vestido colorido era o mais perto do comum que ela usou nesses últimos tempos. Não havia saltos, maquiagem excessiva e joias caras. Havia apenas uma mulher tentando encontrar o seu

lugar na minha vida.

Sacudindo a cabeça, eu remói minha decisão, temendo arrancar a serenidade que via nela nesse momento. Porra, o que eu não daria para que fosse sempre assim, que Rachel se sentisse à vontade em nossa casa. Que ela estivesse aqui ao meu lado porque realmente queria, e não porque eu era um filho da puta morrendo de medo de perdê-la.

Uma coisa de cada vez, Marcos, minha razão colocou um freio em meus pensamentos...

Primeiro eu precisava tirar do caminho essa história do retorno da mãe dela. Aceitar o que fosse que minha esposa decidisse fazer em relação a Cristina e torcer para que aquela mulher estivesse sendo sincera. Depois, só depois, eu diria à mulher que eu amo que não havia mais nada a prendendo a essa casa. Que aquele contrato maldito já não existia e que... ela era livre.

Ela vai te deixar se você fizer isso... porra, ela com certeza vai te deixar!

Mas e se não for assim? E se Rachel realmente estiver disposta a tentar?

— Marcos?

— Sim?

— Você disse que queria falar comigo. É algo sério?

— Eu passei muito tempo da minha vida tomando decisões pelas minhas irmãs, Rachel, querendo impedir que o mundo as machucasse. Acho que nenhum de nós dois percebeu que eu tentei fazer o mesmo com você... — Minha ratinha se encolheu em seu lugar e me encarou cheia de expectativa. — Eu sou controlador, *sim*, isso está no meu sangue, e mesmo correndo o risco de pecar, de passar dos limites, nenhuma das escolhas que tomei por vocês três foi com o intuito de ferir ou machucá-las, entende?

— O que isso tem a ver com a nossa conversa? — perguntou confusa.

— Para falar a verdade, não tem muito a ver, eu só quero que saiba que, na maior parte das vezes, quando eu escondo alguma coisa, quando eu tomo alguma decisão que você não aprova, não é porque eu quero vê-la sofrer, é apenas porque...

— Porque você foi moldado para ser assim. — Seu entendimento me fez assentir.

— Eu gostaria de poder fazer o mesmo agora. De tomar essa decisão por você, mas você nunca me perdoaria... então acho que estou fazendo o que é certo.

— Você não é muito bom nisso...

Não havia sido uma acusação, pelo menos não era o que parecia. Rachel riu da sua própria brincadeira e bateu seu ombro no meu em um gesto sapeca. Perdi um pouco do rumo ao vê-la sorrindo de novo. Era como se a última vez tivesse sido há muito, muito tempo...

— Aonde você quer chegar com isso tudo?

Era agora ou nunca, não era?

— Há alguns dias, Cristina... — Eu a senti enrijecer apenas por escutar o nome de sua mãe. — Ela veio me procurar na Montenegro, Rachel. Você ainda não havia voltado à cidade e sua mãe se mostrou irredutível...

— Não a chame assim! — Rachel se levantou rápido demais, ficando tonta com o movimento. — Aquela mulher não é minha mãe... uma mãe não...

Eu não queria ver minha ratinha assim de novo, merda!

— Uma mãe não abandona seu filho! E eu... eu precisei dela... eu precisei muito dela. E onde aquela mulher estava?

— Porra! — rosnei ao vê-la alterada. — Era por isso que eu não queria te contar Rachel. — Eu a segurei, preocupado. — Olhe para mim e respira...

— Ela nunca voltou, Marcos. E olha que eu esperei. Eu procurei por ela na rua... eu fiquei lá sentada naquela porcaria de calçada fria com a certeza de que ela voltaria para a gente. De que ela não tinha nos deixado...

— Eu vou matar aquela mulher, juro que vou! — grunhi nervoso, mas quando percebi que perder a cabeça não faria nenhum bem à situação, eu respirei fundo e segurei seu rosto. — Carinho, me escuta...

Seu lábio tremeu e ela continuou a desabafar, os olhos marejados fazendo meu coração se apertar por sua causa.

— Primeiro eu... não me preocupei, porque eu era uma criança e crianças não pensam que suas mães vão abandoná-las. Depois eu comecei a achar que algo havia acontecido, que alguém a tinha roubado da gente. E quando eu percebi que...

— Pare, Rachel!

Eu não aguentava ouvir, imagine então ela relembrando toda essa merda?

— Quando eu percebi que aquela mulher tinha realmente nos deixado... eu só...

— Eu não deveria ter dito nada!

— Eu... eu não quero que ela chegue perto de mim.

Rachel me encarou inconsolável, e eu sabia que o que quer que ela me pedisse nesse momento eu faria. Agitado, eu a apertei junto de mim com toda a força, enquanto a tranquilizava dizendo que iria manter Cristina longe dela. Pelo menos até o tempo em que Rachel pudesse pensar com calma e decidir se era isso mesmo que desejava. Porque eu conhecia o coração da minha mulher, ele era compassivo.

— Ela não vai chegar perto de você, a menos que... você queira. Me escutou?

Eu a beijei com todo cuidado do mundo, sentindo seu choro molhar o meu rosto. Rachel se agarrou a mim como uma garotinha perdida, ou talvez como a garotinha que a mãe dela abandonou todos aqueles anos atrás. Quando afastei minha boca da sua, notei Vera nos observando da porta dupla que dava para o jardim. Seu semblante era sério e ela parecia pensar que minha esposa e eu discutíamos.

Com Rachel ainda aninhada em meus braços, completamente protegida, eu balancei a cabeça para a minha governanta em um sinal claro de que estava tudo sob controle.

Tinha que estar.

Capítulo 44

MARCOS

Um mês havia se passado desde o episódio no jardim da mansão e eu poderia dizer com convicção que Rachel permanecia tão avessa à possibilidade de rever a sua mãe como antes. No primeiro dia, em vez de se fechar como esperava que fizesse, minha ratinha passou parte da noite desabafando em meus braços, eu a escutei, entendi seus motivos para não querer nem ao menos ver a Cristina, e assisti completamente rendido ao momento em que seu corpo se viu consumido pelo cansaço. Aquela fora outra noite em claro, e para a minha surpresa, nada mais a respeito da sua mãe fora dito.

Rachel se esforçou a cada minuto do dia para fingir que esse assunto não era um problema pairando sobre nossas cabeças. Ela fez o possível para esconder o quanto isso a perturbava, enquanto eu, por minha vez, me vi tendo que lidar por baixo dos panos com a insistência quase agressiva da Cristina em ver a filha. Tentar enfiar na cabeça daquela mulher o fato de que Rachel precisava de tempo até se adaptar à *novidade* não estava sendo fácil e a cada nova ligação que recebia, eu perdia um pouco mais da minha paciência, que, convenhamos, era praticamente inexistente. Não poder lidar com esse *assunto* como eu gostaria vinha me deixando com um humor dos infernos. Meus funcionários que o digam...

O som da porta anunciou a entrada da Mariana, que fora a primeira a aparecer em meu escritório. O que era incomum, já que era ela quem tinha o péssimo hábito de se atrasar. Passavam das 18h da tarde, parte da cidade já havia encerrado seu expediente e agora se dirigia às suas casas e famílias. Enquanto eu me encontrava à espera de minhas irmãs para dar início à reunião que havia marcado ainda essa manhã.

— Eu ainda vou enlouquecer com esses dois. — Ela apontou para o celular em sua mão. — Guilherme pensa que eu não estou mais em condições de dirigir sozinha e está furioso comigo porque não o escuto. E Sofia, Deus, eu juro que não sei o que fazer com aquela menina, Marcos. — Mariana aproveitou o atraso da Isadora para contar que minha sobrinha andava sensível demais nesses últimos dias.

— O Gui acha que a ficha dela está finalmente caindo e que Sofia está começando a perceber que não será mais a única criança em nossa família. A chegada de dois bebês ao mesmo tempo deve

estar mexendo com a cabecinha dela, não deve? — Eu não soube dizer se essa tinha sido uma pergunta retórica ou se minha irmã realmente esperava que eu a respondesse.

— Talvez seja só uma fase, Mariana, você tem notado algum comportamento diferente?

— Ela tem estado mais manhosa do que o normal, não quer ir à escola, não quer dormir sozinha. Fátima acha que esse é um comportamento natural, que toda criança passa por isso...

A entrada repentina da Isadora fez morrer a conversa. Mariana se endireitou em sua cadeira, assumindo uma postura desconfortável, que era bastante comum na presença da nossa irmã. Deixando-me cada vez mais desanimado em relação a um possível entendimento entre as duas. Desconfiado do atraso de Isadora, eu a estudei por alguns instantes. Ela e Mariana não se olharam, sequer se cumprimentaram. Ambas possuíam salas distintas em um mesmo corredor, participavam das mesmas reuniões quase que diariamente e, mesmo assim, só se falavam quando era estritamente necessário.

— Qual o motivo dessa reunião? — Foi a pergunta impertinente da Isadora ao perceber que eu a olhava com interesse.

Deixando minha preocupação com ela de lado, eu comecei:

— Vocês duas estão cientes do problema que tenho enfrentado com a mãe da Rachel nos últimos dias, não estão? — Ambas assentiram. — Pois bem, a mulher agora está ameaçando vir a público se eu não deixá-la ver a filha...

— Aquela descarada! — Mariana se irritou, agitada como sempre. — Aposto que tudo o que ela quer é dinheiro.

Era isso que eu temia.

— Eu falei que você deveria ter cuidado dessa situação de outra maneira — Isadora se pronunciou depois de algum tempo, lembrando-me da sugestão arriscada que me deu há alguns dias.

— E correr o risco de machucar ainda mais a minha esposa?

— Rachel não é tão frágil assim, Marcos. Ela pode ser uma coisinha pequena, mas, pelo amor de Deus, a mulher é casada com você!

A insinuação não passou despercebida nem a mim e nem a Mariana, que assumiu uma expressão de incredulidade ao comentário de Isadora.

— A questão aqui não é essa — disse severamente. — Eu já poderia ter afastado essa mulher de nossas vidas, mas essa insistência da parte dela tem me feito pensar... e se Cristina realmente

voltou porque deseja fazer parte da vida da Rachel? E se não houver nenhuma segunda intenção por trás dessa sua insistência?

Era isso que vinha me atormentando, eu poderia muito bem ter escutado Isadora e oferecido dinheiro a Cristina para que desaparecesse de uma vez por todas. Essa havia sido mesmo a minha vontade no instante em que coloquei os olhos sobre ela, mas a dúvida quanto às reais intenções da mulher me impediram de prosseguir com essa decisão. Agora, vendo Rachel lidando com tanta coisa, eu me questionava se ter a mãe ao lado dela não seria o melhor.

As duas me encararam como se eu estivesse ficando louco, e eu sei que parecia a merda de um homem tentando criar razões para justificar meus atos. O que elas não entendiam era que, para ver Rachel feliz, eu faria qualquer coisa. Até mesmo dar uma chance a Cristina.

— Você sabe o que eu penso a esse respeito, Marcos. O que essa mulher fez à Rachel foi imperdoável. Eu, pelo menos, nunca a perdoaria — Mariana falou e Isadora fez um gesto quase imperceptível, que demonstrava que, pela primeira vez na vida, ela e a irmã compartilhavam da mesma opinião.

— Preciso que me faça um favor, Ricardo — comuniquei através do sistema viva-voz do meu *Alfa* enquanto seguia em direção à mansão.

— Estou esperando que sua irmã saia do edifício ainda...

— Tudo bem, cuide disso depois que deixá-la em casa. Mas preciso que descubra se Cristina entrou em contato com algum jornalista nesses últimos dias, rastreie todas as chamadas, mensagens... faça o que for necessário. Eu só não quero ser surpreendido desta vez.

— Certo, isso não será um problema.

Bom, eu esperava que esse não viesse a ser outro problema mesmo, porque uma mãe ressentida estampando jornais e alimentando a curiosidade dos repórteres não era o que Rachel ou eu precisávamos agora.

Felizmente, alguns dias pareciam ser mais fáceis do que outros. Eu tinha consciência de que nossa relação não iria se transformar de uma hora para outra, Rachel ainda deixava alguns sinais de insegurança pelo caminho, e eram esses os sinais que estavam me impedindo de mostrar a ela o novo contrato. Talvez eu estivesse apenas me enganando ao acreditar que, com o decorrer das semanas, as

chances de ela sair da minha vida após a leitura dos documentos fossem menores, mas eu não podia deixar de ter esperanças.

Minutos depois, já dentro de casa, eu fui recebido pela Vera, que logo me encheu de questionamentos a respeito do horário de jantar e se haveria ou não atrasos. Havia uma crítica direta em seu comentário, mas não direcionada a mim, e sim aos atrasos recentes da minha irmã.

— Sirva o jantar mais tarde, Vera.

— Duas ou três pessoas? — insistiu.

— Confirme com Isadora. Eu não posso responder por ela, posso? — indaguei impaciente. — Agora, me diga, onde está a minha esposa? — perguntei ao subir os primeiros degraus da escadaria principal.

Lançando-me um olhar mais terno, ela murmurou:

— No quarto do bebê.

Com a agitação de costume eu dei as costas à minha governanta e fui atrás da Rachel, encontrando-a realmente no quarto que em alguns meses seria ocupado pelo nosso filho. Admirei em silêncio o bom trabalho que minha esposa fizera com toda a decoração nessas últimas semanas, sorrindo para mim mesmo ao vê-la tão entretida com um dos quadros pendurados na parede.

Na ponta dos pés Rachel tentava, sem muito sucesso, fazer com que a moldura permanecesse reta na parede. Não havia a menor necessidade de ela ocupar suas tardes com a decoração, não quando poderíamos ter todo e qualquer tipo de auxílio profissional. Até tentei convencê-la a contratar ajuda, uma decoradora, talvez, mas no instante em que sugeri a ideia, Rachel torceu o nariz, defendendo que não havia ninguém no mundo melhor do que ela mesma para dar conta de tudo.

Este será o lar do nosso bebê, Marcos, tudo tem que ser perfeito... Eu não saberia dizer se foi a maneira como ela pronunciou essas palavras ou se foi o brilho dentro daqueles olhos azuis que acabou por me convencer. A questão é que eu dei carta branca total a ela.

— Não é assim que se faz, carinho — Eu não previ o susto que daria nela ao sussurrar em seu ouvido.

— Meu Deus, Marcos, não se pode assustar uma mulher grávida! — minha ratinha protestou com a mão no coração, virando-se para mim mesmo que estivesse sem espaço ao seu redor.

— Não foi minha intenção te assustar. — Não consegui dominar a rouquidão da minha voz, não quando o cheiro de pêssego do seu shampoo podia ser sentido em cada canto desse quarto.

— Eu estava... — Não a deixei prosseguir e a beijei com vontade. Sua boca parecia mel derretido, de tão doce, e a temperatura morna dos seus lábios explodia em pequenos choques ao serem sugados por mim. Rachel soltou um gemido ao ser atacada e se agarrou à minha nuca com uma impaciência apaixonada.

— Eu senti sua falta... — confessei contra a sua boca, fazendo-a sorrir de maneira tímida. Essa mulher ainda seria a minha morte! Nós tínhamos ido do céu ao inferno nesses últimos meses, e ela ainda tinha a capacidade de enrubescer na minha presença.

— Foram só algumas horas. — *Por que então parecia uma eternidade?*

— Sim, eu sei que foram — murmurei e voltei a beijá-la.

RACHEL

Respirei com dificuldade quando Marcos se afastou, deixando minha boca dolorida por conta dos nossos beijos. Segurando-me em seus ombros largos, eu deslizei meus dedos até o seu maxilar e os rocei por toda a sua barba, bem devagar. Assim como a velha carícia sonolenta que costumava fazer quando estávamos na cama, pele com pele, suados de prazer. Sem nenhuma cerimônia, ele afastou a minha mão, entrelaçando com a sua e me levando até a poltrona que ficava ao lado do berço.

— Você fez um excelente trabalho aqui, eu estou orgulhoso — admitiu enquanto se sentava e me puxava para o seu colo carinhosamente. O conforto que senti ao estar ali, aconchegada a ele, me fez bem. Trouxe-me paz.

— Eu não vejo a hora do nosso bebê nascer, Marcos... Quero tanto segurá-lo nos meus braços, ver o rostinho dele...

— Ou dela...

— Todo mundo diz que será um menino, e eu meio que também sinto isso, sabe?

Minhas pernas estavam estendidas sobre as suas coxas firmes enquanto ele as acariciava. Os dedos frios passeando pela minha pele exposta enquanto meu bumbum se encontrava diretamente sobre a sua virilha. Mesmo assim, Marcos não parecia prestes a me despir ou me tomar. Eu acho que essa não era a sua intenção.

— Se for mesmo um menino, então eu acho que você será a mulher mais amada da face da

Terra, carinho, porque os homens da minha família são conhecidos por serem bastante intensos... Nós não somos fáceis de lidar, mas temos o hábito de proteger com unhas e dentes o que consideramos nosso.

— Eu não me importo de ser muito amada... desde que você e o nosso filho não tentem controlar a minha vida.

— O que você chama de controle, eu chamo de cuidado. — Marcos deslizou a mão por dentro do meu vestido, acariciando minha barriga. — Isso está em mim, eu não sei amar de outra maneira.

— Você pode me amar da maneira como sabe, Marcos, a única coisa que está proibido de fazer é me machucar. — A maneira nada sutil com que me olhava agora mexeu comigo a tal ponto que minha boca ficou seca.

— Sabe o que eu quero?

— Hum?

— Quero acordar todas as manhãs e enxergar a mulher que amo em nosso filho. Quero que você perca esse medo de ser ferida novamente e, acima de tudo... quero escutar dessa sua boca o quanto você me ama. Eu preciso ouvi-la dizer que sou o homem da sua vida, Rachel.

Eu o amava *muito*... e ele era o homem da minha vida, eu não tinha a menor dúvida. Mesmo assim, eu ainda travava quando as palavras “*eu te amo*” tentavam sair da minha boca.

— Marcos, eu não sei se...

— Não se sinta mal por ainda ter medo, ok? — Ele levantou meu rosto. — Eu posso esperar.

Capítulo 45

MARCOS

Era madrugada quando despertei, o pulso acelerado por conta da estranha e repentina agitação. Com todo cuidado, verifiquei o sono da minha esposa ao meu lado, surpreso com quão agarrada a mim ela se encontrava. Seu pequeno e esticado corpo pressionava o meu próprio, e as coxas macias se emaranhavam às minhas como se temesse que eu a abandonasse no meio da noite. A ideia fugaz de me levantar e ir arejar a cabeça foi deixada de lado ante a perspectiva de acordá-la e perturbar seu sono.

Deslizei meus dedos pelos cachos bagunçados que cobriam como uma manta seus ombros e costas. O cheiro de pêssego, levemente doce, era convidativo e parecia cobrir toda a sua pele, atingindo-me com força. Sem nenhum controle, meus gestos e carinhos ficaram mais possessivos, mais fortes, levando-a a despertar lentamente, então resmunguei baixinho:

— Volte a dormir, carinho — pedi. — É madrugada ainda.

O silêncio que recebi em resposta me fez pensar que ela me escutaria, mas não seria a minha esposa se ela o fizesse, não é mesmo?

— Marcos. — Sua voz saiu receosa. — Você tem falado com ela? — Enrijeci de imediato à sua pergunta. Essa era a primeira vez desde a nossa conversa que Rachel mostrava algum interesse pela mãe.

O que só podia significar uma coisa.

— Sim.

— Me diga a verdade, Marcos, você acha que aquela mulher sente por ter me deixado?

Porra, não eu não achava que a infeliz sentia. Ela não mostrava arrependimento, não parecia nem ao menos estar sofrendo, e nunca, em nenhuma das vezes em que conversamos, ela se deu ao trabalho de justificar seus atos.

— Carinho...

— Foram 19 anos sem nenhum sinal, nenhuma ligação. Ela nunca nos deixou sequer saber se

estava bem... — Rachel segurou suas emoções. — Eu tenho pensado no meu bebê, no amor incondicional que já sinto, e me perguntado todos os dias, como ela conseguiu sair e me deixar para trás... Como ela pôde fazer isso com uma criança, Marcos?

— Remoer essa merda não te fará bem.

— Eu sei, é só que não consigo parar de pensar nisso. — Eu não estava gostando do rumo dessa conversa. — Será que ela ainda... deseja me ver?

Aí estava o problema, porra!

— Sim.

— Você acha que eu devo? Quero dizer... acha que eu tenho que dar uma chance e pelo menos escutar o que aquela mulher tem para falar? — Eu estava dividido aqui, merda, a vontade de dizer a Rachel que ela deveria esquecer que a mãe existia e seguir em frente era enorme. Infelizmente, eu não podia escolher por ela.

— É isso o que quer, carinho? — questionei preocupado. — Porque se for, eu farei com que aconteça. Só não me peça para tomar essa decisão por você, porque tenho a certeza de que sabe que, se dependesse de mim, Cristina nunca chegaria perto da nossa família.

— Eu acho... que o meu pai iria querer que eu desse uma chance a ela — Rachel murmurou hesitante.

— O seu pai era um bom homem, Rachel.

E assim como minha esposa, ele parecia ter um maldito coração mole.

— Sim, ele era. — Havia dor em sua voz, o que só me fez mais apreensivo. E nem mesmo quando sua respiração se tornou regular eu consegui me acalmar. Eu não saberia dizer se essa merda apertando o meu peito era um pressentimento ruim, mas que era inquietante, era.

Com os olhos abertos em meio à escuridão, eu me vi rodeado pelo silêncio que voltou a tomar conta do quarto. Minha ratinha até poderia estar alheia às preocupações que me perturbavam, mas nosso filho, ao que parece não, porque bastou a mãe cair no sono para que ele comesse a dar pequenos chutes em protesto, que podiam ser sentidos através da pressão do seu abdome.

— Deixe que sua mãe descanse — murmurei ao mesmo tempo em que imagens de um garotão correndo por essa casa serpenteavam pela minha cabeça.

A ideia de formar uma família, de ter meus próprios herdeiros, sempre me pareceu mais como uma obrigação imposta do que um desejo propriamente dito. De alguma maneira, essa ideia havia

mudado no instante em que ouvi da boca do médico que minha ratinha estava grávida. Eu nunca me encontrei tão ansioso como me encontrava agora, mas com apenas 27 semanas de gestação, Rachel e eu ainda teríamos um longo caminho a percorrer até que pudéssemos segurar nosso filho nos braços.
Um longo caminho...

Levantei-me na manhã seguinte disposto a dar à mulher deitada em minha cama a prova definitiva do meu amor. Afastei para longe as dúvidas e evitei pensar nas consequências que meu ato provocaria. A verdade era que eu não podia mais conviver com toda essa incerteza. Insegurança nunca foi um traço da minha personalidade, acho que minha família não sabia sequer o que esse sentimento significava, mas, desta vez, era exatamente isso que eu me peguei sentindo.

Talvez essa fosse mesmo uma decisão absurda, impensada, mas depois da noite passada, de pensar em todos os prós e contras, eu cheguei à conclusão de que não podia mais esconder a verdade dela. E a verdade era que não havia contrato nenhum prendendo Rachel a mim. Nenhuma cláusula abusiva ou imposta. Se Rachel quisesse me deixar amanhã ou depois, meu filho iria com ela. Eu perderia os dois... eu sofreria pelos dois. Mas eu respeitaria a sua decisão.

Mesmo sabendo o inferno em que ficaria...

Com os papéis em mãos, eu fechei o cofre do escritório da mansão e os estudei uma última vez. Não havia necessidade de lê-los novamente, eu sabia o que tinha escrito em cada linha desse novo contrato. Cada palavra presente nele era conhecida por mim, porque, merda, não foram poucas as vezes em que o li e reli, buscando pela coragem necessária.

— Com licença, Sr. Montenegro. — Vera entrou inesperadamente no escritório. — Eu devo levar o café da manhã da Rachel em seu quarto ou ela irá descer para se juntar à sua irmã à mesa? — *Rachel...* essa não era a primeira vez que eu a escutava se dirigir à minha esposa com tanta informalidade.

— Deixe que eu faça isso hoje — anunciei, deixando-a confusa. — E, Vera? — Ela se virou antes de se retirar. — Foi você, não foi?

A mulher sempre tão reservada vacilou por um pequeno segundo, assumindo uma postura profissional logo em seguida. Porra, eu não era idiota e não admitiria ser tratado como um. Eu conhecia cada um de meus funcionários e, se não fosse pelo fato de Rachel e ela se darem tão bem,

não pensaria duas vezes na ideia de demiti-la por justa causa.

— Eu não sei do que o senhor está falando.

— Se algo tivesse acontecido à minha esposa enquanto ela esteve sabe-se lá onde, eu não só a demitiria, Vera, como também garantiria que não voltasse a ser contratada por nenhuma outra família desta região — disse de maneira lenta, como um aviso, deixando claro que não iria aceitar outra afronta como a que ela me fez. — Agradeça ao fato de que a Sra. Montenegro aprecia a sua presença, caso contrário, você não estaria aqui agora. Fui claro?

— Claríssimo, senhor — Vera respondeu, mas eu podia jurar que suas palavras estavam carregadas de ironia. A mulher não tinha medo de mim e estava me desafiando de propósito, com toda certeza!

Ignorando a insolência, eu voltei aos papéis que ainda segurava, e assim que uma das ajudantes de cozinha trouxe o café da manhã da Rachel, eu segui em direção ao andar superior. *Era agora ou nunca.*

RACHEL

Meu olhar vagou pelo documento, procurando por algum indício de que as palavras redigidas nele não passassem de uma brincadeira. Ou pior, uma mentira criada para me engabelar. Alarmada, eu levantei meu rosto e engoli o choro. Meus dedos tremiam, ao passo que meu coração acelerava violentamente. Marcos, de pé ao redor da cama, me fitava nervoso. Tenso. Meu Deus, eu conhecia esse homem tão bem que podia enxergar todo o seu conflito.

— Eu não entendo — admiti em um sussurro fraco e voltei a atenção para as palavras que haviam me desestabilizado.

"A guarda do(s) filho(s), em caso de dissolução da união estável, ficará a cargo da senhora Rachel Vidal Montenegro, deixando sob responsabilidade desta as decisões que deverão ser tomadas da data da separação em diante... (...) O Sr. Montenegro se comprometerá a custear todo e qualquer gasto que sua ex-cônjuge poderá vir a ter, assim como os custos de necessidades básicas e prescindíveis que o(s) filho(s) do casal tiverem. (...) Em decisão prévia, os bens citados abaixo passarão para o nome da Sra. Montenegro, assim como 35% das ações da Vinícola Montenegro pertencentes ao Sr. Montenegro."

— O que você não entende, carinho? — Marcos me lançou um olhar penetrante. — Eu estou te

dando uma escolha, não vê? Preciso que saiba que eu posso e quero cuidar de vocês dois, mas quero que esteja aqui porque deseja, e não porque não lhe dei outra opção.

— Marcos... — Ele me cortou.

— O que estou fazendo não é fácil — grunhiu, cerrando o maxilar.

Eu não era cega, eu enxergava o esforço que ele vinha fazendo para reconquistar a minha confiança e amor. Mesmo assim, nada até agora se comparava à importância que as palavras nesse contrato possuíam para mim. Tanto que meu peito padecia com os solavancos fortes que meu coração dava nesse exato momento. A incerteza havia tomado conta depois que terminei de ler todas essas cláusulas, o medo se instalara dentro de mim e tudo o que consegui fazer foi rezar para que ele não estivesse jogando comigo.

— Então, se eu quiser ir embora, eu posso? — indaguei vacilante, fazendo-o assumir uma expressão perplexa, de puro pavor. — Se... eu disser que quero sair desta casa, eu e o meu filho, você vai permitir, Marcos? Jura que vai?

— Porra! — Eu o assisti respirar fundo e passar a mão pelo cabelo, atormentado. — Se for isso que você quer, eu vou permitir! Vou te deixar sair desta casa mesmo que isso me destrua. — As palavras que eu vinha mantendo presas se amontoaram em minha garganta. — Mas mesmo que você siga em frente, eu passarei cada maldito dia da minha vida me certificando de que você e o nosso filho tenham tudo e estejam bem.

A voz do Marcos soou rouca devido à emoção, e eu não me segurei. Em um segundo eu estava sentada na cama, segurando os papéis, e, no outro, eu me peguei correndo em sua direção. Amar esse homem talvez fosse o maior risco da minha vida, mas eu não podia seguir ignorando o incontestável. Meu corpo se entregava a ele todas as noites, eu o procurava pela casa mesmo sem perceber, precisava dele mesmo que sentisse medo... Eu não podia continuar a ignorar os sinais, tinha chegado a hora de o meu coração se render a esse homem e acreditar que eu teria, sim, o meu próprio final feliz.

— Eu não quero sair da sua vida, Marcos. Eu acho que nunca quis.

Por mais que eu sofresse e jurasse odiá-lo, me afastar sempre foi difícil.

— Prometa para mim então, Rachel. — O homem segurou e apertou meu rosto, o peito arfando intensamente. — Prometa que você não irá fugir de novo. Que entende que eu sou louco por você, completamente louco!

Arregalei meus olhos, tentando conter as emoções que me dominavam. Meu peito ofegava, as

pernas bambeavam e o coração batia a mil por hora. E foi assim, tão afetada, que acolhi o Marcos quando ele me envolveu em um beijo ardente e profundo. Tudo nesse homem exalava necessidade e desespero. Uma crueza selvagem, um medo que se tornou perceptível pela maneira nervosa com que sua língua deslizou para dentro da minha boca.

— Prometa, carinho! — rosnou com mais convicção, afastando os lábios exigentes dos meus e puxando a raiz do meu cabelo com sua mão enorme e áspera. — Eu quero escutá-la, não, não... eu preciso escutá-la dizer que não irá me deixar nunca mais. Que você sabe que o seu lugar é ao meu lado, nessa casa!

Eu não percebi que estava sendo empurrada em direção à cama até que caí sentada sobre o colchão, os músculos rijos de sua coxa abrindo as minhas pernas, deixando livre o caminho para a minha vulva quente. Gemi quando seu joelho bateu diretamente em meu clitóris, impotente por ter as mãos presas no alto de minha cabeça.

Meu peito subia e descia enquanto Marcos parecia admirar a cena da minha rendição. A fina camisola que eu vestia era curta, quase transparente, e nesse momento se encontrava embolada em meu quadril.

— Rachel, eu estou esperando! — rugiu, trazendo-me de volta à realidade.

— Eu prometo — balbuciei sem certeza do que estava fazendo.

Com a outra mão, a que não estava mantendo meus braços erguidos, Marcos sorriu satisfeito e esfregou o mamilo rosado, já intumescido. O seio inchado reagiu ao seu toque mesmo que houvesse a camada fina de seda entre seu dedo e a pele. Em um esforço inútil para aliviar a dor concentrada no meio de minhas coxas, eu tentei apertá-las uma contra a outra, mas meu querido marido, ao que parece, as desejava abertas, porque foi firme em afastá-las de novo.

— Eu te amo — sussurrou, arrastando a boca úmida pela minha pele que ardia de desejo. Seus lábios me sugavam com tanta força e impaciência que deixavam marcas pelo meu pescoço, nuca e ombros. Eu derreti sobre a cama, sacudida pelo prazer quando sua língua exigente deslizou entre o vão dos meus seios. — Amo cada parte doce do seu corpo. Cada curva deliciosa.

Marcos os lambeu, como se não pudesse ter o suficiente de mim. Zonza, eu consegui assistir ao seu desespero. Os dentes brancos e ferozes se arrastando pela pele agora vermelha. Os lábios sugando os mamilos doloridos enquanto pequenos gemidos abafados escapavam de minha boca. Eu fui apertada, beijada, mordida. Empurrada para a beira do abismo apenas com sua língua.

— Porra, carinho — grunhiu ao perceber que eu estava prestes a gozar. — Eu ainda nem

comecei. — Ele estava orgulhoso da façanha, da fraqueza do meu corpo ao dele.

Talvez eu devesse sentir vergonha por reagir assim, mas não conseguia. Marcos conseguia trazer à tona o meu lado mais devasso, necessitado. Não era à toa que ele tinha sido o primeiro, não era à toa que seria o último.

MARCOS

Rachel ofegava, estremecida pela onda de prazer que quase havia tomado conta dela. *Quase*. Um toque a mais e eu sabia que ela iria sucumbir ao orgasmo. Que viria para mim sem que eu precisasse sequer estar dentro dela. Mas não era assim que eu desejava que fosse. Quando Rachel desmoronasse em meus braços, eu queria cada centímetro da sua boceta apertando o meu pau. Sugando-o inteiro. Queria sentir meu sêmen enchando sua fenda, escorrendo por suas coxas brancas, lambuzando a nós dois.

— Deixe-me gozar, Marcos, por favor — ela implorou quando se deu conta de que eu diminuía o ritmo das carícias. As unhas longas cravando nos músculos do meu braço com mais força que o de costume.

— Ainda não, carinho. — Apertei seu quadril, puxando a calcinha de renda preta para o meio de suas pernas. Deparando-me com os pelos aparados baixinhos em sua boceta. O clitóris inchado entreabria os lábios rosados e eu juro que todo o quarto de repente parecia envolvido com seu cheiro. Era almiscarado, intenso. A boceta da minha esposa cheirava a paixão, a desejo puro.

Admirando a perfeição que Rachel era, minha língua ansiou por lambe-la sua umidade, e foi o que eu fiz.

— Ah-meu-Deus — gemeu ao ser atacada, surpresa com a vontade com que eu chupei sua vulva. Meu rosto foi apertado pelas coxas roliças, induzindo-me a ir mais fundo. — Por favor, eu não aguento, não aguento, Marcos... *Por favor!*

Escutá-la gritar e implorar era malditamente perfeito. Meu pau latejou, cresceu mais duro dentro da boxer apenas com o som de sua voz. Apenas por causa da porra da sua voz!

Empurrando a boceta molhada na minha cara, Rachel permitiu que eu lambesse até o último vestígio do seu creme doce. Quando tudo se tornou demasiado intenso, eu a puxei para que se sentasse em cima de mim. Retirando a boxer e a calça de algodão que eu usava, meu pau saltou para fora, rígido, exibindo as longas veias proeminentes que o cobriam. Com um só movimento, eu

conduzi Rachel, segurando-a enquanto sua boceta me engolia inteiro. Senti o pulsar dos músculos de sua vagina e a umidade escorrer, sendo forçado a prender a respiração quando ela arregalou aqueles olhos lindos ao me tomar inteiro.

Movi-me aos poucos, esticando-a devagarzinho enquanto ela se acostumava com o tamanho do meu pau dentro dela. Os pequenos sons que fazia, conforme eu a golpeava, quase me fizeram perder a cabeça.

— Cavalgue gostoso, carinho. — Eu a incentivei, empurrando seu quadril em um vai e vem lento e profundo. — No seu tempo...

Rachel o fez. Porra, ela o fez até me arrancar um gemido gutural. Eu a impedi de se mover quando o orgasmo me atingiu e, sem nenhum controle, a palma da minha mão envolveu a cintura estendida, mantendo-a imóvel. Minha ratinha revirou os olhos de prazer, mordendo a própria boca para suprimir o grito que eu estava louco para escutar. Arqueando o corpo para frente, ela cravou as unhas em meu peito e estremeceu inteira ao ser dominada pelas ondas de prazer que pareceram durar toda uma eternidade.

Arrebatado pelo orgasmo, eu a deitei ao meu lado e perdi a noção do tempo, beijando suavemente a sua boca macia.

— Lamento que eu tenha demorado tanto a perceber a importância que você tem na minha vida, Rachel. Lamento de verdade.

— Eu não quero pensar nisso — minha esposa sussurrou, mesmo cansada. — Tudo o que importa é que eu te amo, Marcos. Amo com todas as minhas forças.

— Eu também, carinho. Amo como nunca pensei ser possível. — Não sei se foi a explosão de prazer que a deixou emotiva ou se foi o momento. A questão era que Rachel exibia lágrimas em seus olhos. Lágrimas essas que limpei uma a uma.

— Acima de qualquer coisa? — perguntou daquele jeito doce que só ela tinha, enquanto meu dedo apagava o rastro da última lágrima.

— Acima de qualquer coisa.

RACHEL

Os dias que se seguiram depois daquela manhã não poderiam ter sido mais perfeitos. Qualquer

dúvida que eu ainda pudesse ter em relação à vontade do Marcos de fazer nosso casamento dar certo desapareceu completamente. Pouco importava se o passado havia sido tumultuado, instável. Pelo nosso amor, por nós dois, eu estava mais do que disposta a seguir em frente. Sim, eu era uma romântica incurável, acho que decepção nenhuma mudaria isso.

— Pelo visto os problemas entre você e meu irmão foram resolvidos, não é? — Isadora alfinetou assim que as portas do elevador se fecharam, fitando-me através do espelho à nossa frente.

Havia sido uma coincidência chegarmos juntas à Montenegro, já que ela normalmente era uma das primeiras a colocar os pés na empresa.

— Por que acha isso? — perguntei curiosa.

— Essa sua carinha... Impossível não notar. — Isadora revirou os olhos. — O humor dele também anda, digamos, um pouco mais tolerável. — Ela me lançou um olhar cúmplice que vinha se tornando bastante comum entre a gente. Eu não sabia direito o que era isso que nós duas vínhamos fazendo, mas a questão era que havia algo acontecendo, algo que parecia muito como uma amizade, para mim.

— Eu amo o seu irmão — murmurei como se isso fosse explicação suficiente.

— E ele te ama — retrucou séria, aparentando indiferença.

Por um segundo, enquanto observava seu reflexo, eu me perguntei como Isadora conseguia fazer isso: acordar todas as manhãs, vestir essa máscara de mulher inatingível e sair na rua. Minha cunhada era, sem dúvida alguma, uma das mulheres mais lindas que conhecia. Sua austeridade e autoconfiança só a tornavam mais interessante. E mesmo assim, eu sabia que ela era infeliz. Não importava se seu vestido era assinado por algum estilista italiano, se as joias que ela colecionava valiam mais do que alguém como eu ganharia em toda uma vida. Seus sapatos podiam ser importados, seu cabelo impecavelmente perfeito. Sua educação refinada e sofisticada. Não importava, porque, no fundo, nada disso preenchia o vazio emocional que existia dentro dela.

— O que foi, Rachel? — perguntou ao ver que eu a encarava fixamente.

— Eu sei que nós tivemos nossas desavenças, que você ainda deve pensar que eu não sou a mulher ideal para o seu irmão, mas...

Sacudindo a cabeça com impaciência, ela me interrompeu:

— Você é a mulher ideal, acredite em mim. — Minha primeira reação foi ficar boquiaberta, a segunda foi querer abraçá-la. Dividir com ela um pouco da minha felicidade, fazê-la ver que nós

podíamos, sim, ser uma família unida. Completa.

— Isadora — eu a chamei assim que ela deu um passo à frente, preparando-se para sair do elevador quando as portas abrissem. — Se algum dia você precisar conversar com alguém, eu quero que saiba que sei guardar segredos.

Encarando-me como se eu fosse um serzinho maluco, minha cunhada não soltou nenhum comentário ácido ou maquiavélico. Muito pelo contrário.

— Eu vou tentar me lembrar disso. — Eu a vi se afastar, pensando se poderia considerar isso como um avanço em nossa *relação*... E foi assim, distraída com meus próprios pensamentos, que saí do elevador e me deparei com a confusão armada na recepção do andar da diretoria.

As secretárias estavam todas inquietas, alvoroçadas, enquanto dois seguranças saíam do outro elevador como se tivessem sido chamados. Estudei todos os rostos apreensivos ao meu redor ao mesmo tempo em que Isadora exigia saber o que acontecia.

— Ela entrou, não quis nos escutar. Disse que iria chamar a imprensa se o Sr. Montenegro não a recebesse...

Quem tinha feito isso?

Isadora voltou sua atenção para mim e todos os meus sinais de alerta foram ligados. Sem perceber o que fazia, eu ignorei o seu chamado, ignorei até mesmo a sua tentativa de me segurar e segui em direção à sala do Marcos. O que quer que estivesse acontecendo aqui, tinha a ver comigo. Eu podia sentir.

— Eu não vou ficar vendo você e minha filha bancando a família feliz nos jornais enquanto eu espero por uma chance de conversar com ela. Eu avisei ao senhor!

O grito que escutei deveria ter me feito dar meia-volta e sair desse prédio, mas eu não fui capaz de fazer isso. Meus pés criaram raízes em frente ao escritório enquanto a voz daquela mulher ressoava pela minha cabeça. Eu a reconheci, a garotinha dentro de mim se lembrou daquela voz... e, droga, meu primeiro impulso foi o de vomitar. As vozes continuaram, Marcos esbravejou, defendendo o meu desejo. Mas Cristina não parou. A mulher que me colocou no mundo desceu mais baixo. Destruindo toda esperança que eu pudesse ter a seu respeito.

— Os jornais estão dispostos a pagar pela minha história, Sr. Montenegro... — O comentário soou como uma ameaça.

— Diga logo quanto a senhora quer para deixar minha esposa em paz. — Eu nem sequer

precisei ver a expressão no rosto do Marcos para saber que ele deveria estar furioso. Dei mais um passo em direção a eles e, com a porta entreaberta, fui perfeitamente capaz de ver a silhueta pequena e magra da minha mãe.

— Eu quero o suficiente para que eu não precise voltar a essa cidade nunca mais.

— A senhora nunca se importou com ela, não é? Eu estive certo o tempo todo, porra!

Os seguranças passaram por mim enquanto eu me recusava a me afastar. Os dois demoraram a notar a minha presença, entretidos demais em todo o drama. Quando o fizeram, olharam-me assustados. Não sei como reuni forças para pedir para aquela mulher sair da minha frente, mas quando dei por mim, estava gritando com ela tão alto que ninguém se atreveu a interferir.

— Filha... — ela ainda tentou falar.

— Você não tem o direito de me chamar de filha! Saia da minha frente, esqueça que eu e meu marido existimos, tenho certeza de que não será difícil!

O olhar preocupado do Marcos foi o que me fez parar, eu procurei me acalmar, manter a respiração em ordem. Mas, de repente, tudo ao redor ficou embaçado, confuso. Sem entender o que acontecia, eu me apoiei na Isadora, que estava logo atrás de mim, e segurei sua mão com força quando a dor absurda me atingiu. Eu queria pedir para ela fazer o incômodo parar, mas as palavras não saíam. O controle no meu próprio corpo deixou de existir e, quando dei por mim, estava sendo envolvida pela escuridão.

Capítulo 46

MARCOS

Desesperado, eu afastei Isadora do lado da minha esposa e ordenei para que alguém naquela maldita sala ligasse para a emergência. Tudo tinha acontecido rápido demais, e agora eu me culpava por não ter seguido meus instintos e expulsado Cristina no exato instante em que a miserável apareceu no andar da diretoria, exigindo ser recebida. O infeliz que permitiu que ela entrasse em meu prédio iria pagar, escreva o que estou falando.

— Eles estão vindo — Isadora anunciou, com o semblante ainda assustado. A verdade era que ela não parecia em estado melhor do que eu.

Sabendo que tudo ao meu redor estava uma verdadeira bagunça, eu cerrei meus olhos, não querendo me lembrar dos constantes alertas da Dra. Ana. Rachel e eu sabíamos que isso poderia vir a ocorrer, a gravidez dela nunca esteve fora de risco, mas nós tínhamos fé que nada nos aconteceria. E agora, a ideia de que pudesse perdê-la... não, eu não queria nem pensar nisso! Não com ela inconsciente em meus braços.

A convulsão não durou mais do que um minuto, mesmo assim, fora uma das cenas mais terríveis que presenciei em toda a vida. Aquela imagem rasgou meu coração. Ver Rachel tendo um espasmo atrás do outro, contorcendo-se inteira....

— O que ela tem? — A voz da Cristina afastou a visão da minha cabeça. Olhei para cima, encarando seu rosto confuso, sendo obrigado a me controlar para não cometer o crime de bater em uma mulher. Se ela fosse a porra de um homem, capaz de lidar comigo e com a minha fúria, eu acabaria com ela. Faria tanto mal à desgraçada que Cristina iria aprender a nunca mais mexer com a minha família. — Eu não...

— Cale a porra da sua boca! — esbravejei, sentindo como se a qualquer momento meu peito fosse explodir. — Se algo acontecer à minha esposa, se ela não...

— Acho melhor que a senhora saia — Isadora disse a Cristina, querendo evitar um confronto maior.

— Não! — Eu a interrompi e me virei para os seguranças que haviam sido chamados para

retirá-la daqui. — Eu quero essa maldita em um lugar onde eu possa encontrá-la. — Isadora sacudiu a cabeça e murmurou um *não* baixinho, mas eu ignorei sua tentativa em me acalmar e encarei os dois homens à espera de uma ordem. — Levem-na para a minha casa. — Eles assentiram em silêncio, e eu me volvei para a mulher. — Nossa conversa ainda não terminou.

Cristina ainda abriu a boca para dizer algo, mas eu já não queria escutá-la. Tudo o que desejava era que Rachel reagisse, que acordasse para que eu tivesse a certeza de que ela e meu filho estavam bem.

Quando os paramédicos chegaram, eu fui proibido de seguir ao lado da Rachel. Nenhum deles me deu qualquer tipo de informação a respeito do que se passava com ela, e tudo o que a Dra. Ana pediu, depois de atender minha ligação, foi para que eu me dirigisse o quanto antes ao hospital. Assim como a equipe de emergência.

Sem a menor condição de dirigir, eu deixei essa tarefa para Isadora, que seguiu logo atrás da ambulância. As luzes e o som das sirenes me fizeram nervoso, e como um garoto irritado, eu me peguei batendo a cabeça contra o encosto do carro da minha irmã. A impaciência levando a melhor em comparação ao meu autocontrole. Quase pedi para que Isadora dissesse algo, conversasse comigo, qualquer coisa para apagar o maldito som da minha cabeça.

Só que, vendo a maneira como minha irmã apertava o volante e permanecia em silêncio, eu achei melhor deixá-la em paz. Até porque, o olhar que vi em seu rosto antes de entrarmos no carro, foi o suficiente para que eu soubesse que ela também estava assustada.

ISADORA

Ela vai ficar bem... ela tem que ficar...

Repeti o mantra idiota enquanto seguia a ambulância pelo lado sul da cidade. O silêncio tenso dentro do carro deixando-me ainda mais nervosa. Respirei fundo, não querendo que Marcos notasse que eu estava à beira de um colapso. Ele tinha problemas o bastante com os quais lidar agora para ter que dar conta de uma irmã adulta que não conseguia controlar seus lapsos emocionais. Apertei o volante, completamente aflita, os dedos circulando o couro com tanta força que chegaram a ficar brancos. Minha garganta ameaçou sufocar e eu tomei o caminho que fizera outras vezes, obrigando-me a contar infinitas vezes até conseguir recuperar o controle do meu corpo. Mas foi somente depois de estacionar em frente ao hospital e ver Marcos se afastar que senti como se pudesse respirar de novo.

Meu irmão abordou os socorristas atrás de informações enquanto as luzes da ambulância ainda piscavam diante dos meus olhos. Dizer que eu estava aterrorizada com o que poderia acontecer nas próximas horas era pouco. Sabendo que precisava tomar algumas decisões, eu telefonei para o Oliver, avisando sobre a emergência e pedindo que ele cobrisse minhas reuniões e as do Marcos. O próximo telefonema, por mais que não desejasse fazê-lo, era inevitável. Então, pela segunda vez em meses, eu me vi telefonando para a Mariana.

— Convulsão? — ela perguntou em choque após me escutar.

— Sim.

— Mas isso significa que....

— Eu sei muito bem o que isso significa, Mariana — a cortei rudemente. — Só estou te avisando porque nosso irmão irá querê-la por perto. Só tente... não piorar tudo passando mal também, *ok*? Marcos já tem muito com o que lidar agora.

— Será que nem em um momento como este você consegue ser um pouco mais humana? É a minha amiga que está nesse hospital, Isadora!

Segurei a repostava que gostaria de dar a ela. Esse não era o momento para discutirmos como acontecia quando ficávamos sozinhas. Assim como Marcos, eu também estava preocupada, muito mais do que ele ou minha querida irmã podiam imaginar.

"Mantenha suas emoções sob controle, Isadora", a voz cheia de rancor da minha mãe surgiu em minha mente, junto com uma das piores lembranças que eu tinha da minha infância. "Não deixe que seu pai ou qualquer outra pessoa tenha o poder de te machucar."

Limpei as lágrimas em meu rosto vermelho, infeliz por perceber que nem no meu aniversário meu pai era capaz de me colocar em primeiro lugar. Todas as crianças que estudavam comigo me olhavam estranho, não entendendo por que, de repente, eu não queria mais que cantassem parabéns para mim. Nenhum deles sabia que eu havia adiado até o último minuto esse momento com a esperança tola de que meu pai chegaria a tempo. Mas ele não havia chegado.

"Esse foi um dos atos mais egoístas que seu pai poderia ter tido, minha filha. Deixar de estar aqui com você para poder levar sua irmã ao hospital por causa de uma gripezinha idiota!"

Era por causa dela que ele não tinha aparecido.

"Seja forte, meu amor", ela sussurrou em meu ouvido. "Seja forte e não os deixe chegar até você."

Eu fui uma menina forte por toda a minha vida e me orgulhava disso, pensei, enquanto recobrava a razão. Só que, infelizmente, ser forte não me impediu de abaixar a guarda. E sem que me desse conta, eu deixei que, não só a Rachel, como também aquele grosseirão, chegassem até mim.

Esse tinha sido o meu erro, não tinha?

Sacudindo a cabeça, eu me concentrei na figura do homem alto, vestido com um terno preto e profissional, que apareceu no retrovisor do meu carro. Como se fosse capaz de sentir a minha presença, Ricardo olhou na minha direção e, com passadas largas, aproximou-se rapidamente, sem qualquer sinal de hesitação, obrigando-me a tomar uma atitude desesperada.

Sem olhar para trás uma única vez, eu saí do meu carro e me afastei. Seguindo pelo mesmo caminho que meu irmão havia tomado há alguns instantes.

MARCOS

Não parei para ver se Isadora me seguia e continuei a andar pelos corredores do hospital, atrás de qualquer informação que me pudesse ser útil ou então de uma direção a respeito do que fazer enquanto minha esposa era levada pelos paramédicos para sabe-se Deus onde!

— Ei, o senhor não pode entrar aqui! — uma enfermeira baixinha alertou quando empurrei a porta dupla sem dar a mínima. Meu mundo estava desmoronando e não seria a porra de uma enfermeira que me impediria de chegar até minha esposa.

— Eu preciso ver a Dra. Ana, apenas me diga onde ela está!

— A Dra. Ana foi chamada para uma emergência, uma complicação na gestação de uma de suas pacientes. A equipe toda está preparando a sala de cirurgia.

Complicação? Sala de cirurgia?

— Mais um motivo para que ela me veja. Eu sou o marido da mulher que teoricamente vocês estão preparando para entrar em cirurgia! — grunhi, deixando-a sem palavras.

— Eu... eu sinto muito, eu... não sabia. — Algo me dizia que ela não tinha autorização para ter passado para frente essa informação.

— Olha... — Encarei o seu crachá. — ... Sra. Rodrigues, tudo o que quero é falar com a médica da minha esposa antes que qualquer maldita decisão seja tomada. Será que a senhora pode garantir que isso aconteça?

Receosa sobre o que fazer, a enfermeira assentiu lentamente e pediu que eu a seguisse pelo

extenso corredor. As palavras *Centro Cirúrgico* piscando ao final como um mau pressentimento. Não sabendo o que esperar, eu permiti que a enfermeira se afastasse, entrando no setor que me era proibido. Através da própria porta, eu pude ver a Sra. Rodrigues e a Dra. Ana conversando de forma efusiva, até que algo que ela confidenciou à pequena mulher fez com que esta reagisse chocada. De repente, o que parecia ser uma discussão, cessou, e a Dra. Ana finalmente olhou para mim.

A expressão séria em seu rosto foi o bastante para saber que algo não ia bem.

Sem escolha, eu tive que sair dali quando a enfermeira voltou ainda mais comedida, dizendo apenas que a equipe estava fazendo todo o possível.

— Todo o possível para quê? — perguntei impaciente.

— A Dra. Ana irá falar com o senhor em breve. — Foi a resposta que obtive.

A espera levou segundos, minutos, horas... eu não saberia dizer. Enquanto andava de um lado para o outro na sala de espera, eu havia perdido completamente a noção do tempo. A presença da Isadora, sentada em uma das poltronas, olhando fixamente para o chão, alheia ao mundo, era tudo o que eu tinha. Olhando-me esporadicamente através do reflexo de uma daquelas máquinas de café expresso, eu notei o quão desalinhado meu cabelo parecia. Meu paletó se encontrava jogado em algumas das poltronas e a camisa de linho branco que vestia, dobrada em meus braços. Nem mesmo a gravata de seda em que Rachel havia dado o nó essa manhã havia permanecido comigo.

Rachel... Minha ratinha... Cerrei o punho com a lembrança do seu sorriso ao se despedir de mim mais cedo. De como ela parecia feliz.

Porra, eu iria acabar fazendo alguma besteira se continuasse sem informações.

— Sr. Montenegro? — Virei-me apenas para encontrar a Dra. Ana de pé, a alguns passos de mim.

Meu corpo todo reagiu, ficando tenso e rígido. Assim como o meu humor, que, a essa altura, era praticamente insistente.

— Eu quero ver a minha esposa! — Não era um querer, era um necessitar. Não saber o que acontecia com ela estava me matando. Só essa última hora havia me envelhecido uns dez anos, juro que havia.

— Eu preciso que me escute, Sr. Montenegro, porque cada minuto que perdemos diminui a probabilidade de conseguirmos fazer o nosso trabalho. — O quê?

Como se soubesse que eu precisaria dela, Isadora se colocou ao meu lado, apoiando-me da única forma que podia.

— A medicação que demos à sua esposa não está controlando as convulsões. Ela permanece inconsciente e nós tememos que entre em coma a qualquer momento. A dor abdominal e a pressão alta podem significar um risco, não só para ela como também para o feto. — Feto? Meu filho não era um feto! Quis gritar, mas tive que me controlar para não ser retirado do hospital. — A única opção que temos agora é a cesariana, nós sabemos que ainda é muito cedo... — ela continuou ao ver a expressão de incredulidade em meu rosto. Rachel mal havia completado sete meses, como isso era possível? — Se quisermos salvar a vida de um dos dois, essa é a única maneira.

Um dos dois? Que merda era essa que ela estava falando?

— Me explique o isso significa, porque eu não estou entendendo. — Havia um buraco no meu coração, uma dor férrea e venenosa tomando conta de cada músculo do meu corpo.

— Em alguns casos, nós temos que fazer uma escolha, Sr. Montenegro, e tudo leva a crer que esse... seja um desses casos.

Capítulo 47

MARCOS

Dra. Ana continuou a falar, a explicar os riscos que minha esposa e filho corriam, mas tudo ao meu redor, de repente, pareceu ter saído fora de órbita. Isso só poderia ser a porra de um pesadelo, um sonho ruim do qual eu precisava urgentemente acordar. Não suportando escutar o som da voz da mulher, eu recuei, enquanto todo o meu mundo era esmagado. Como ela poderia dizer com tanta naturalidade que teria que fazer uma escolha? Como podia olhar dentro dos meus olhos e dizer que um dos dois poderia não sobreviver?

Sacudindo a cabeça, eu tentei apagar a imagem que se formou diante dos meus olhos. Eu não queria pensar na minha esposa deitada em uma cama de hospital, correndo risco de vida, inconsciente. Não queria aceitar que poderia perdê-la. *Porra, o que eu faria sem a Rachel?*

—Eu sinto muito, Sr. Montenegro...

— A senhora sente? — Reagi nervoso, fazendo com que Isadora se alarmasse, pronta para intervir caso eu perdesse a cabeça. — A minha esposa não vai aguentar recobrar a consciência só para descobrir que perdeu o filho, Dra. Ana, ela não tem condições de passar por mais esse sofrimento! — A doutora se retraiu. — Então, se a senhora e sua equipe não têm condições de garantir que meu filho e minha esposa sobrevivam, acho melhor que admitam e me deixem ir atrás de quem possa salvá-los, porque juro, ninguém nesse maldito hospital irá querer lidar com as consequências se eu perder qualquer um dos dois, fui claro?

— Marcos, se acalme!

— Me acalmar? Como eu posso fazer isso sabendo que vou perder um dos dois, Isadora? Eles são a minha família, eu não quero que tenham que escolher, não admito isso!

A raiva me dominou ao me dar conta de que, no final, não importava qual deles sobrevivesse. Eu iria acabar perdendo a minha ratinha do mesmo jeito. Rachel não tinha estrutura para se recuperar de um choque como este, ela acabaria desistindo. Busquei apoio em uma das máquinas de café ao sentir minha visão ficar turva. A adrenalina correndo em minhas veias era brutal, como se eu tivesse percorrido o inferno de uma maratona sem parar um segundo sequer. Tudo dentro de mim parecia irrequieto. Sem controle. *Tanto que já nem conseguia raciocinar direito.*

— Tenho certeza de que sabe que não irá encontrar outra obstetra tão qualificada quanto eu, Sr. Montenegro. Foi exatamente por esse motivo que me escolheu para acompanhar a Rachel, não foi? Eu tenho cuidado dela desde antes dessa gravidez e posso garantir ao senhor que farei tudo o que estiver ao meu alcance para que minha equipe...

— Eu não dou a mínima para o que senhora irá fazer, desde que... — As palavras quase me faltaram. — Desde que salve a minha família! É só isso que me interessa.

Lançando-me um olhar contido, a Dra. Ana puxou o ar e se voltou para a minha irmã, que assentiu a tudo o que ela disse em seguida. Exausto, eu me joguei em uma das poltronas, recostando a cabeça na parede fria do hospital enquanto encarava fixamente o corredor. Eu odiei cada segundo que passei sentado naquele lugar, as paredes brancas e vazias me puxando de volta ao dia em que retornei à Joinville, apenas para descobrir que tudo na minha vida mudara. Foi esse o hospital para o qual meus pais vieram após o acidente. Foi aqui que eu soube que os tinha perdido.

Nada do que fora dito pelos médicos naquela época adiantou, nenhum esforço, nenhuma garantia. E agora, sem que eu pudesse entender o porquê, eu me encontrava na mesma situação. Abatida, Isadora deu alguns passos e se sentou ao meu lado. Ela, que era sempre tão impassível, hoje parecia carregar o peso do mundo sobre os ombros.

— A Dra. Ana vai seguir a política do hospital e tentar salvar a Rachel, Marcos, vocês poderão ter outros filhos no futuro, e...

— Eu não quero ter outros filhos, eu quero *esse filho*, Isadora. *Esse bebê* que Rachel passou todos esses meses carregando, é ele quem eu quero!

Contraindo o rosto pálido, sem saber como lidar comigo, Isadora se endireitou na cadeira e se encolheu em um gesto desarmado. Era como se nós dois estivéssemos fora de nossa pele nesse momento, completamente perdidos. Vários minutos se passaram, o celular da minha irmã tocou de maneira incansável. Primeiro o Oliver em busca de notícias, depois o nosso assessor, perguntando o que deveria ser ou não comunicado à imprensa. Sabendo o que eu diria, ela ordenou que nada fosse dito e que qualquer notícia vazada nessas primeiras horas fosse ignorada. Responder só daria margem a mais especulações.

Enquanto Isadora resolvia os problemas que foram surgindo, eu imaginei a confusão que deveria estar formada em frente ao hospital. Todos esses anos que passei como presidente da Montenegro me ensinaram que era justo nos momentos mais difíceis que a horda de jornalistas atacava.

— Apenas cuide disso, sim? — A voz da minha irmã soou insípida ao telefone. — Oliver irá cobrir as reuniões de hoje, então repasse tudo para ele. Só volte a me ligar se esse prédio estiver desmoronando, caso contrário, eu não quero ser perturbada. — Senti pena do seu assistente, mas depois de uma série interminável de pedidos de demissões, esse fora o que durara mais tempo. Creio eu, então, que ele deveria estar vacinado contra o gênio forte da minha irmã.

Ansioso, eu olhei para o final do corredor quando o elevador parou em nosso andar, ficando decepcionado ao ver que não se tratava da médica, e sim da Mariana, seguida de seu marido.

— Você a chamou?

— Achei que você iria querer que ela soubesse o que estava acontecendo.

— Sim, mas eu não a quero aqui nesse hospital, em uma espera interminável por notícias. Mariana está em um momento delicado da gravidez, Isadora.

— Marcos, ela é adulta e sabe o que faz.

Como uma sombra silenciosa, Ricardo surgiu atrás do casal.

— Eu... preciso de ar — Isa murmurou de repente.

Tive minhas dúvidas a respeito do motivo que a fez sair do meu lado. Se no final fora a chegada da irmã ou a presença do meu chefe de segurança. Não vou negar, eu vinha observando o comportamento desses dois e nada me tirava da cabeça que a tensão que surgia quando ficavam perto do outro era estranha. Para não dizer preocupante.

— Está um inferno lá fora, Marcos, se não fosse pelo Ricardo, Guilherme e eu, não teríamos conseguido nem entrar — Mariana disse aflita enquanto o bom senso do seu marido a impedia de correr até onde eu estava. — O que eles disseram? Eu vim assim que pude, mas...

Antes de responder, acenei para o Ricardo, que se afastou e seguiu atrás da Isadora. Mesmo desconfiado, eu não a queria sendo pega desprevenida lá embaixo. Quando terminei de contar a Mariana tudo o que sabia, ela e o marido me olharam em choque. Qualquer resquício do meu bom humor desapareceu naquele instante. Repetir o que fora dito pela Dra. Ana só contribuiu para tornar esse pesadelo real.

— Nossa Rachel é forte, irmão, e o meu sobrinho, bem, ele tem o sangue Montenegro correndo nas veias. Tenho certeza de que irá lutar para sobreviver e estar aqui com a gente.

Eu queria poder dizer que tinha a mesma fé que minha irmã. Realmente queria.

ISADORA

Cheguei ao térreo do hospital, mas o zunido de funcionários e pacientes passando por mim, deixaram-me um pouco zozza. Continuei a procurar pela saída, querendo me ver livre da atmosfera carregada desse lugar por pelo menos alguns minutos. Marcos ficaria bem com Mariana, talvez ela desse a ele o conforto que eu era incapaz de dar, por mais que me esforçasse.

— Ah, não! — murmurei inconformada, assim que me deparei com o bando de repórteres ao lado de fora. Alguns deles me reconheceram imediatamente e, antes que eu pudesse reagir e me virar, uma voz que eu reconheceria em qualquer lugar me puxou na direção oposta.

— Para uma mulher inteligente, você às vezes se coloca em situações muito estúpidas, Isadora. — Senti os flashes nas minhas costas enquanto era levada para o interior do hospital.

— Me solte! — dei a ordem ao perceber que vários dos funcionários agora nos olhavam. — Você não tem o direito de me tocar em público!

Ricardo franziu o cenho, um gesto que o deixava ainda mais ameaçador.

— Ser vista comigo a incomoda, não é?

— Olha, eu não estou com cabeça para ter essa conversa agora. — Minha voz saiu estremecida. — Rachel está em algum lugar desse hospital, correndo risco de vida. — Um nó horrível se formou em minha garganta, me impedindo de continuar. — Eu só não consigo, tudo bem?

— Hei. — Não me dei conta do que ele fazia até que fosse tarde demais. A essa altura, quando Ricardo envolveu os braços musculosos ao meu redor, nós estávamos em um corredor quase deserto. Nunca antes eu me senti tão pequena como ali, sendo confortada por ele. — É normal se sentir assim, gatinha.

Não, não era!

— Eu não sou assim, Ric. — *Eu não sinto nada, eu não choro.* Quase admiti.

Ricardo não me julgou, não disse que eu era louca ou que deveria procurar um especialista, como meu irmão insistia constantemente. Ele apenas me apertou mais forte, e foi esse o gesto que me quebrou. *Foi isso que me fez odiá-lo.*

— Você não precisa fingir na minha frente, Isadora, não precisa ser forte o tempo inteiro. — Sua mão gelada ergueu o meu queixo. — Eu não sei o que te fez ficar assim, mas está na hora de

deixar o passado para trás, gatinha, de permitir que alguém entre na sua vida.

Sacudi a cabeça lentamente enquanto o escutava, a raiva por ele pensar que sabia o que era melhor para mim fazendo-me afastá-lo.

— *Isso* tem que parar, Ricardo — disse movida pelo impulso de me proteger. — Nós dois *temos* que parar!

— Isadora. — Meu nome soou como um alerta em sua voz.

— Nós não fomos feitos para ficar juntos. Eu sou a principal diretora na Montenegro, todos me respeitam, fora que... eu tenho um nome a zelar. E você é só um...

Prendi a respiração quando ele me encurralou na parede, e minhas mãos em seu peito foram a única barreira que o manteve a uma distância segura.

— Vamos, gatinha, termine de falar o que começou! — ele exigiu e eu não me acovardei.

— Você é um segurança, Ricardo! Nunca vai passar disso. — Fui cruel de propósito. — Eu não faço ideia do que é *isso* acontecendo entre a gente, mas chega. Faça um favor a nós dois e volte para aquela mulherzinha *riponga*. Vá encher a casinha de vocês de filhos, vá viver uma vida medíocre com ela e me esqueça!

Eu sabia que falar dela iria deixá-lo puto da vida, mas era isso o que desejava. Eu o queria com raiva de mim, queria que ele se afastasse e me deixasse respirar finalmente. Eu não precisava de sexo para me sentir realizada, não precisava sentir ou ter compaixão por ninguém. *Eu-não-era-esse-tipo-de-mulher*.

— Não envolva a Clarisse nas suas merdas, Isadora! Eu já te avisei sobre isso. — Mesmo desejando terminar tudo, eu fui incapaz de não me sentir ofendida ao escutar o nome da infeliz sendo defendido com tanto ardor por ele.

— Você nunca deveria tê-la deixado, Ricardo. Nós nunca teríamos chegado tão longe se você não tivesse perdido a cabeça e abandonado a *perfeita e santa* Clarisse. Por isso... o culpado disso tudo é você! — Apontei o dedo na cara dele, que o afastou nervoso.

— Eu vou ignorar metade dos insultos que está me dizendo, porque sei que está nervosa.

— Não ignore, eu posso ter surtado e acabado na sua cama, mas é exatamente isso o que penso.

Fiquei surpresa com a pressão repentina que Ricardo fez contra o meu corpo. E como se estivéssemos a sós, ele ignorou meus protestos e me beijou. Eu o empurrei, cravando as unhas na camisa branca que ele vestia por baixo do terno. Mas meu ataque não foi o suficiente para impedir

que o beijo me devastasse. O calor da boca desse homem causava sensações indizíveis em meu corpo, a língua dele era áspera, forte... dominadora como o próprio Ricardo. Aturdida com a intensidade do beijo, eu fiquei sem chão ao vê-lo recuar, olhando-me como se questionasse como eu poderia dar as costas a essa loucura que existia entre a gente.

— Esse beijo... ele não muda nada. Acabou — repeti com convicção, ao passo que seu rosto se tornava duro, inflexível.

— Você não aguenta sentir qualquer emoção, não é? Isso te assusta, é por isso que está dando um fim ao que temos. Porque está com medo de se machucar!

— Cale a boca e saia da minha frente!

Forcei um autocontrole que eu não sentia nesse momento.

— Eu não vou sair até você me escutar, Isadora.

— A partir de agora é *senhorita. Montenegro* para você, não se esqueça disso. — Virei meu rosto, disposta a dar essa discussão como encerrada.

— Você é inacreditável! — Ricardo me prendeu ao apoiar sua mão na parede atrás de mim. — Não tem nem três dias que estive em minha cama, *Srta. Montenegro*. Gemendo a merda do meu nome... suplicando por um orgasmo. E agora não consegue nem ao menos me olhar?

O homem forçou meu rosto a se virar em sua direção, mas eu o encarei indiferente.

— Pelo visto eu terei que explicar a você o significado da palavra *acabou*, não é?

Como se desistisse de tentar me convencer, Ricardo socou a parede, fazendo-me pular de susto, e me obrigou a caminhar com ele até o elevador mais próximo, empurrando-me para dentro quando as portas se abriram.

— Facilite o meu trabalho e mantenha essa sua bunda magra ao lado do seu irmão, porque agora, quem cansou fui eu, *Srta. Montenegro*.

MARCOS

Observei de longe minha irmã lutando contra a máquina de café, em uma tentativa de pegar dois expressos. O cabelo negro estava preso em um rabo de cavalo e o rosto, sempre tão alegre, se encontrava inchado e vermelho. Mariana não tinha chorado na minha frente, mas a julgar pela sua

aparência, eu poderia dizer que ela havia feito isso no carro, enquanto vinha para o hospital. Olhando assim, era fácil entender por que ela vivia reclamando do tamanho do meu sobrinho. Em algum momento, nessas últimas semanas, Mariana havia se tornado apenas barriga. Atormentava-me saber que Rachel nunca chegaria a esse ponto de sua gestação, de que um momento que era para ser apreciado com toda serenidade seria interrompido da pior maneira possível.

— Por que você não funciona?! — Eu a escutei brigar com a máquina, e, mesmo, com toda dor me consumindo, eu me peguei sorrindo.

— Eu não quero que ela esteja aqui quando a Dra. Ana voltar, Guilherme — avisei ao homem sentado ao meu lado.

— Não é só a minha esposa que se importa com a Rachel, Marcos, eu também me importo. E é por isso que ficarei até que tenhamos alguma informação.

— Da parte da minha irmã eu até consigo entender, sabe? Mas esse protecionismo todo vindo de você não me desce. Será que Mariana sabe que...

— Tome o seu, Marcos. — Sem notar a tensão, Mariana nos interrompeu e me empurrou o café forte.

Peguei a bebida que me foi oferecida e a tomei em silêncio. Esse não era o momento para entrar em uma discussão sem sentido com o meu cunhado, mesmo que essa merda me tirasse do sério. Parecendo pior do que quando saiu, Isadora voltou à sala de espera antes do que imaginei que faria e se sentou do lado oposto ao da irmã. Sem dar a ela um segundo do seu tempo. Enquanto os minutos passavam, eu me vi cercado pelas duas e suas diferenças gritantes. Mariana tinha todo um núcleo familiar pronto para confortá-la, se fosse preciso, enquanto Isadora... bem, ela tinha apenas a mim.

Não querendo me desgastar, eu me deixei afundar em um estado de dormência, fechando os olhos por alguns instantes. Minha cabeça doía, as vistas ardiam, e eu não conseguia nem por um segundo deixar de pensar em tudo o que estava em jogo aqui.

Perdi a noção do tempo, relembrando cada instante dos últimos meses enquanto lutava contra a vontade violenta que sentia de estar com minha ratinha, perguntando-me se ela estaria assustada naquela sala de cirurgia, se teria consciência de que sua vida e a do nosso filho corriam risco... Nada me tirava da cabeça que, se Rachel não sobrevivesse, minhas últimas palavras a ela teriam sido *Cuide do nosso bebê*, ditas esta manhã. Não estranhei quando as lágrimas pesadas se formaram ao redor dos meus olhos, e enquanto respirava fundo, odiando a ideia de que minhas irmãs me vissem quebrar, eu desejei com todas as forças poder voltar no tempo. Fazer tudo diferente.

Depois de todos esses anos dando o meu suor pela empresa da família, acumulando mais dinheiro do que qualquer pessoa na face da Terra seria capaz de gastar, eu trocaria tudo. Cada centavo que possuía pela garantia de que Rachel e nosso filho ficariam bem. *E faria isso sem pestanejar.*

— Ah, não, Marcos, não faça isso, por favor... — Mariana apoiou a mão em meus ombros, aturdida ao perceber o meu estado.

— Eu estou no meu limite, Mariana — admiti. — Minha cabeça parece que vai explodir a qualquer momento, e só consigo pensar naquela médica voltando aqui e me dizendo que eu os perdi. Tem ideia do que é isso?

Tentei não descontar nela a minha dor e ignorar a expressão de pena que vi em seu rosto. O fato de Isadora ter continuado em silêncio com aquele maldito olhar perturbado também não ajudou. Todo o meu futuro, tudo o que planejei para a gente estava caindo por terra e não havia nada que eu pudesse fazer para impedir o desastre. Absolutamente nada.

Nem mesmo quando a Dra. Ana reapareceu eu consegui me sentir melhor e, com um salto, não esperei sequer que ela chegasse até mim.

— Eu quero ver a minha esposa, me diga onde ela está. — Como se eu fosse incapaz de entender, ela balançou a cabeça e disse pausadamente:

— Nós precisamos conversar, Sr. Montenegro.

Tudo o que ouvi da boca dela depois me pareceu ser mentira. Mariana e Isadora ofegaram atrás de mim, Guilherme permaneceu imóvel, e eu, bem, eu acho que perdi parte da minha esperança naquele momento. *Meu filho*, um menino como todos imaginavam, se encontrava em uma incubadora, respirando por aparelhos enquanto sua mãe lutava para sobreviver. As convulsões e o choque que sofreu durante o parto a levaram a um coma induzido sem previsão de melhora. A equipe médica estava fazendo o possível para controlar a pressão arterial dela e estabilizar o seu quadro, que era crítico. A Dra. Ana, por sua vez, não me deu nenhuma garantia. Acho que ela não queria ser responsável se algo viesse a dar errado.

— Eu ainda não aconselho o contato direto, Sr. Montenegro, mas se quiser, eu posso permitir que veja o seu filho.

Deus, como eu poderia fazer isso sem a minha esposa ao meu lado?

— É claro que ele quer, Dra. Ana.

Para a minha surpresa, não fora a Mariana a dizer isso, e sim a Isadora.

— Sim, eu realmente gostaria de ver o... *meu filho*.

Capítulo 48

MARCOS

Os poucos minutos que me foram consentidos dentro da UTI neonatal trouxeram à tona um sentimento profundo dentro de mim, um que me dizia que eu seria capaz de qualquer coisa pelo bem-estar do meu filho. A vontade de proteger aquele ser tão pequeno me fispou de imediato, e junto com o amor inabalável que se firmou em meu peito, veio também a sensação de impotência. A certeza de que a sobrevivência do meu filho estava além do meu controle. Tudo agora dependia da força de vontade dele e, principalmente, do tempo.

Teríamos um longo caminho até que ele estivesse apto a receber alta hospitalar, primeiro, seria preciso que seus pulmões ficassem fortes e houvesse um considerável ganho de peso. Eu estava tentando ser otimista, por mim e pela minha esposa, mas devo admitir que minha fé não era tão inabalável como imaginei que fosse. Pelo tempo que me foi permitido estar com meu filho, eu gravei a pequena imagem dele na minha mente. O peitinho subindo e descendo conforme respirava, as mãos fechadas escondendo os dedos minúsculos. Os olhos cerrados a todo momento, como se não tivesse a consciência de que não estava mais na segurança da placenta da sua mãe.

— O senhor precisa sair — fui avisado pela enfermeira chefe.

— Só mais alguns minutos, por favor — pedi com a voz abafada, sentindo um aperto ante a ideia de deixá-lo aqui sozinho. Tudo bem que havia enfermeiras monitorando os aparelhos e outros bebês passando pela mesma situação, mas meu filho era tudo o que eu tinha da Rachel nesse momento. Minha vontade era a de ficar perto dele.

— Cinco minutos — ela cedeu com um sorriso compreensivo em seu rosto. — A Dra. Ana prefere que os prematuros não tenham muito alvoroço ao seu redor nessas primeiras 24 horas, mas eu acredito que tudo que esses anjinhos necessitam é de um pouco de amor. Principalmente porque a mãe dele...

A enfermeira Kelli, como pude verificar em seu crachá, se calou assim que se deu conta do que estava prestes a dizer. Envergonhada, ela soltou um longo suspiro e continuou:

— Não perca a fé, Sr. Montenegro. Eu trabalho aqui há bastante tempo e posso garantir que alguns casos, por mais improváveis que sejam, acabam tendo um final feliz.

A emoção me impediu de dizer qualquer coisa, eu apenas assenti e voltei a atenção para a incubadora, desejando muito poder prometer ao meu filho que a mãe dele iria melhorar logo e voltar para a gente.

Cinco dias se passaram sem que o quadro da Rachel melhorasse, todas as manhãs eu fazia a mesma pergunta ao médico responsável pela minha esposa, e todos as vezes obtinha a mesma resposta: *Não houve alteração neurológica... Nós não podemos diminuir a sedação enquanto não acharmos seguro.*

Eu vinha tentando manter a calma e a fé, assim como a enfermeira aconselhou. Mas a cada hora que passava naquele hospital, comigo esperando por alguma mudança no quadro da Rachel, eu me sentia mais e mais pessimista. Os únicos momentos em que conseguia afastar o sentimento de amargura eram nos minutos que passava com meu filho. Não fora me dada a permissão de pegá-lo no colo ainda, mas eu já podia ter um contato maior. Podia tocá-lo e estar por perto mais vezes ao dia.

Às vezes, quando estava tarde, e grande parte das mães já havia visitado e alimentado seus bebês, Kelli me deixava ter mais alguns minutos ao lado dele. Nessas ocasiões, eu me pegava conversando com meu filho, contando a ele sobre a nossa família, sobre a vontade que todos tinham de conhecê-lo. Mariana e Sofia vinham ao hospital uma vez por dia, mais para me fazer companhia do que tudo. Rachel não podia receber visitas, e na UTIN só era permitida a minha entrada, por enquanto.

Eu até passava as noites e madrugadas em casa, não havia muito que pudesse ser feito nesse período, então só me restava deixar o hospital, mesmo que a contragosto. O medo constante de que algo viesse a acontecer enquanto estivesse fora não me deixava dormir, muito menos relaxar. Isadora, por sua vez, era a pessoa mais próxima que eu tinha ao meu lado nesse momento. Era ela quem me obrigava a comer quando estava em casa, e era ela quem me impedia de cometer uma loucura toda vez em que o nome da Cristina era tocado.

Como só passava algumas horas na mansão, foi fácil ignorar a presença da mãe da minha esposa. Vera a mantinha sob vigilância, e mesmo com a mulher insistindo em falar comigo, eu a mantive afastada. A verdade era que eu não me achava em condições de me manter civilizado em sua presença, não quando o desejo que sentia era de matar a infeliz com minhas próprias mãos.

— *Tem certeza de que vocês não querem saber o sexo do bebê?* — A voz da Dra. Ana soou na tela, junto com a gravação de uma das últimas ultrassonografias que Rachel fez.

Depois de me virar e revirar na cama, eu havia desistido e descido para o meu escritório.

— *Não!* — minha esposa respondeu no vídeo. — *Nós ainda queremos que seja uma surpresa, não é, Marcos?*

Lembro-me de ter assentido naquele instante, e pela maneira como olhou para mim, eu teria concordado com tudo o que Rachel quisesse. Ciente de que eu mesmo estava me torturando ao assistir essas gravações, recostei-me no encosto da poltrona e olhei para a vista fora da janela. A única iluminação que entrava no escritório vinha das luminárias do jardim e da fresta de luz que a porta entreaberta deixava passar. Era mais de meia-noite e o cansaço havia batido horas atrás.

— Não adianta muito você vir para casa, se acaba passando a noite em claro — Isadora censurou e entrou no escritório sem nem ao menos me pedir permissão.

Minimizei a tela rapidamente, mas não a tempo de impedir que ela escutasse a risada da minha esposa nos últimos minutos de gravação.

— Marcos... — A expressão em seu rosto mudou.

— Eu sinto falta da voz dela, Isadora. E se isso for tudo o que restou? — referi-me ao vídeo.

Minha irmã engoliu em seco e sacudiu a cabeça devagar.

— Assistir a essas gravações não te fará bem.

— E o que me fará bem? Dormir, como todo mundo vive sugerindo? — Levantei-me irritado, sem encará-la.

— Não aja como se fosse o único aqui sofrendo, Marcos.

— Eu sei, eu sei. Me desculpe, tudo bem? — Continuei a andar, sem me preocupar se ela me seguia ou não.

Isadora, mais uma vez, estava fazendo o melhor que podia. Eu não era indiferente ao seu esforço e dedicação. Com Mariana de licença maternidade, e comigo o dia inteiro naquele hospital, havia sobrado para ela segurar as rédeas da Montenegro ao lado do Oliver. Era ela também quem estava tentando controlar a intromissão dos repórteres e as matérias que saíam nos jornais a cada manhã.

Inalando o ar pesado da casa, eu me afastei em direção à escadaria, passando direto pelo corredor da ala de visitas. Virando a esquina, eu cheguei à ala principal e parei em frente ao meu quarto, chegando inclusive a segurar a maçaneta. Mas desisti no último minuto. Vera seguira a minha ordem e retirara algumas peças do *closet* para que eu tivesse acesso sem precisar entrar nesse quarto. Poderia ser covardia da minha parte, uma mera bobagem, mas eu não conseguia entrar lá.

Porra, eu sabia que iria machucar me ver cercado dos objetos pessoais da minha ratinha, principalmente do seu cheiro.

Afastando a ideia para longe, dei meia-volta e acabei no mesmo quarto insosso, desprovido de qualquer lembrança, que eu vinha usando para dormir nas últimas noites. Sem outra escolha, eu arranquei a roupa que vestia e voltei a me deitar na cama com os lençóis remexidos. O sono demorou a surgir, mas em algum momento da madrugada, os temores da minha cabeça cederam lugar ao cansaço do meu corpo, e eu apaguei.

Depois de perder a hora na manhã seguinte, eu me vi confrontado por duas mulheres nervosas que praticamente me obrigaram a permanecer o restante do dia em casa. O horário de visita na UTI neonatal era bastante restrito, então, segundo minha irmã e a minha governanta, de nada iria adiantar passar o sábado inteiro naquela sala de espera. Protestei veementemente, dizendo que nenhuma delas era capaz de entender que estar lá, naquela sala, era a única maneira que encontrei de me sentir perto da minha esposa. As duas fizeram aquela expressão desolada que eu tanto odiava, mas continuaram firmes em não me deixar sair.

Por fim, eu desisti. Sabia que já havia perdido o primeiro horário de visitas e que agora só teria outra chance de estar com o meu filho no final da tarde. Isadora aproveitou o meu humor passivo para me obrigar a tomar café da manhã com ela, conseguindo até mesmo me distrair por alguns minutos enquanto me atualizava acerca das últimas reuniões de que participou nessa semana.

— E quanto à conferência com o Sr. Conrado? — Eu sabia que estava agendada para essa semana, porque era eu quem deveria ter participado, não Isadora.

— Foi... tolerável.

— Tolerável? — Estranhei sua escolha de palavras.

— Sim, eu expliquei ao Sr. Conrado o motivo pelo qual você não poderia participar da reunião e ele pareceu entender, mesmo assim, voltou a nos cobrar agilidade em relação ao diretor que iremos enviar para trabalhar diretamente com eles, Marcos. Até mesmo sugeriu que antecipemos para esse ano a implementação da filial da Montenegro em Madrid.

— Eu não gosto de ser cobrado, Isadora. Essa não é a primeira vez que o Sr. Conrado me pressiona. Sei que temos que enviar com urgência um de nossos diretores para fazer a ponte entre

nossos negócios, porém não há ninguém em quem eu confie plenamente para representar a Montenegro nesse momento. Eu preciso do Oliver ao meu lado agora, e...

— Eu poderia ir.

— Está fora de cogitação! — Uma coisa era Isadora passar algumas semanas viajando pela Europa e cuidando de alguns negócios, outra muito diferente era ela passar meses a fio trabalhando em outro país, longe da minha vista.

— Fui eu quem conseguiu metade dos nossos clientes no exterior, Marcos. Você sabe muito bem que eu sou a melhor opção. Até mais do que o Oliver.

— Eu preciso de você comigo, Isadora.

— Eu sei — respondeu baixinho. — Mas e depois? Rachel vai ficar bem, assim como o seu filho, e quando isso acontecer, ninguém nessa casa irá precisar de mim.

— Você sabe que isso não é verdade.

— Talvez não seja da sua parte, mas a questão toda é que eu... preciso de novos desafios, Marcos. Além disso, eu sou ótima em negociações e tenho sua total confiança. — Eu ainda não estava convencido, não por ela não ser eficiente, porque Isadora era. O que não me convencia era o fato de já termos conversado sobre esse assunto uma infinidade de vezes e ela nunca ter demonstrado interesse em ficar tanto tempo fora do país. — Não estou dizendo que irei essa semana ou na próxima. Estou dizendo que, assim que tudo estiver bem nesta casa, eu pretendo assumir o escritório temporário em Madrid. De lá será muito mais fácil cuidar de nossos clientes e agilizar a implementação da filial.

Pelo visto ela já havia se decidido, pensei enquanto a observava. Foi só assim que realmente enxerguei minha irmã. Em meio à bagunça dos últimos dias, muita coisa passara despercebida por baixo do meu nariz. Sua aparência era uma delas. O rosto, por mais altivo que estivesse, tinha marcas vermelhas ao redor dos olhos que a maquiagem não conseguia esconder. E como sempre acontecia quando algo não estava bem, os ossos do seu corpo, que já era magro, pareciam ainda mais proeminentes. Um detalhe quase imperceptível, mas que para mim só podia significar que minha irmã vinha tendo dias bem difíceis.

O que me preocupava era a desconfiança que surgira de que, talvez, a sua decisão de sair do país fosse motivada por algo além da internação da Rachel...

— Do que você está fugindo, Isadora? — indaguei, pegando-a desprevenida.

Tive a confirmação de que precisava quando Isadora, com toda sua elegância, colocou o guardanapo sobre a mesa e se levantou, usando a desculpa de que havia perdido o apetite.

Não voltei a vê-la pelo restante da manhã e, quando indaguei Vera a seu respeito, minha governanta desconversou e disse que minha irmã havia saído, mas que não pretendia demorar. Sentindo-me sem rumo, eu me esforcei a fazer alguma atividade que levasse meu corpo à exaustão, por isso nadei por mais de uma hora na piscina, disposto a preencher as horas vazias que ainda tinha pela frente. À certa altura, um pouco depois do almoço, eu tive o desprazer de ficar frente a frente com Cristina. Não que eu a tivesse procurado, parecia ter acontecido justamente o contrário. Ela era quem se encontrava à minha espera no último degrau da escadaria.

— Você já leu o jornal de hoje, Sr. Montenegro?

Cristina apontou para o jornal em sua mão, a pergunta soando quase como uma acusação. O que ela não imaginava era que, desde o dia em que Rachel fora internada, eu me recusava a ler qualquer matéria ou nota a respeito da minha família nos jornais.

— Não — respondi inflexível sem a intenção de parar, mas Cristina empurrou a folha com minha foto e a de minha esposa estampando a matéria de página inteira.

— Estão dizendo que as chances dela sobreviver são mínimas. — Cerrei o maxilar e arranquei o maldito jornal de sua mão.

"Esposa de um dos maiores e mais bem-sucedidos empresários do país está entre a vida e a morte no hospital.

Segundo especialistas, a complicação que a Sra. Montenegro sofreu afeta cerca de uma a cada duas ou três mil mulheres grávidas. As causas para o desenvolvimento dessa doença podem incluir desde problemas imunológicos até predisposição genética (...).

A equipe do jornal Diário de Curitiba tentou entrar em contato com algum dos especialistas responsáveis pelo caso e até mesmo com a assessoria dos Montenegro, porém nenhuma informação concreta foi obtida. Porta-voz oficial da empresa da família já há alguns anos, Isadora Montenegro soltou uma nota na última quarta-feira, pedindo que todos respeitassem o momento pelo qual sua família e, principalmente, seu irmão está passando..."

Foi tudo o que consegui ler antes de ter Cristina me perturbando novamente.

— Eu tenho perguntado a todos nessa casa sobre como minha filha está, mas nenhum desses seus empregados me dá qualquer informação útil. Todos eles me olham como de cima a baixo e me deixam falando sozinha...

— Todos aqui tinham... todos aqui *têm* um carinho muito grande pela minha esposa, Sra. Vidal. Tenho certeza de que eles estão apenas dando a você o comportamento que julgam adequado.

Cristina não era tola e logo percebeu que havia uma boa dose de sarcasmo em minhas palavras.

— Se eles gostavam tanto dela assim, deveriam me tratar com respeito.

— Como pode exigir respeito depois de me pedir dinheiro para deixar Rachel em paz?

— O senhor, pelo visto, nunca passou por nenhuma necessidade, não é? Se tivesse se esforçado em entender o meu lado antes dessa tragédia...

— Está dizendo agora que a culpa é minha? — esbravejei, sabendo que poderia ser escutado por qualquer pessoa nesta casa. — Foi a senhora quem colocou Rachel naquele hospital, foi esse seu comportamento baixo e mesquinho que a induziu a um parto prematuro. Eu a culpo por tudo o que está acontecendo, e se agora meu filho está passando seus primeiros dias de vida longe da mãe, é por sua maldita causa! — Cristina hesitou diante da minha raiva, mas agora nem toda culpa do mundo me faria retroceder.

— Minha intenção nunca foi fazer mal à Rachel, se ela... se minha filha morrer...

— Sua filha não vai morrer! — respondi perdendo a calma, enquanto pedia a Deus para que não tirasse a Rachel de mim. — Agora me faça o favor e saia da minha frente, ou melhor, saia da minha casa. — A mulher se espantou.

— Eu não posso sair assim, meu último dinheiro foi todo para pagar o hotel. Eu não tenho para onde ir.

— É uma pena, porque eu não me importo.

— Os jornais ainda podem me procurar, Sr. Montenegro, eles não vão desistir de ouvir minha versão.

Cristina estava certa, eles não iriam desistir. Mas o meu dinheiro ela não veria. Antes, eu teria pagado qualquer quantia para que Rachel não soubesse o tipo de mulher que sua mãe era, mas agora? Agora não adiantava mais, o mal já estava feito.

— Abra a boca, e eu prometo que não só processarei o veículo que ousar publicar mentiras a respeito da minha esposa, como também desmentirei a senhora em público. Será a palavra de uma mulher que abandonou a filha por 19 anos, que não tem nenhuma moral, contra a palavra de um Montenegro.

— O senhor tem muito mais a perder com um escândalo do que eu. — Ignorei a sua tentativa

desesperada de me ameaçar e verifiquei meu relógio.

— Eu estou te dando meia-hora para sair da minha casa, Cristina. Gaste um minuto a mais juntando seus lixos e meus seguranças serão obrigados a arrastá-la à força daqui.

Era isso que eu deveria ter feito no dia em que essa desgraçada entrou no meu escritório, meu maior arrependimento era ter tido algum escrúpulo.

Agitado com a perturbação que Cristina me causou, eu não percebi para onde estava indo até que me vi no quarto do meu filho. Rodeado por cada detalhe que Rachel decorou com tanto carinho e amor. Os papéis de parede eram de um tom amarelo, que se contrapunha ao bege e ao branco da estampa. Havia ursos e um enorme tapete antialérgico cobrindo todo o piso do quarto, além dos quadros que eu ajudei a colocar e o berço de madeira antiga com estofado nas laterais, que combinava com o restante dos móveis.

— Você estava certa o tempo todo, carinho, nós geramos mesmo um menino — murmurei para o nada, me surpreendendo com a pequena pontada de esperança que sentia ao imaginar meu filho crescendo e brincando por todo esse lugar. Minutos depois, quase cheguei a ignorar o toque insistente do telefone em meu bolso, mas assim que me deparei com o nome da Dra. Ana no visor, eu atendi de imediato.

— Aconteceu alguma coisa? — foi a primeira coisa que perguntei.

Segui pela entrada do hospital com três dos meus seguranças tentando forçar passagem entre alguns dos jornalistas que rodeavam o local. Eu ainda não era capaz de assimilar nada do que me fora dito ao telefone, e meu primeiro impulso ao terminar a ligação fora descer e sair como um louco em meu carro, atravessando a cidade com metade do tempo que normalmente faria.

— *Sr. Montenegro, como sua esposa está?*

— *É verdade que vocês discutiram antes dela passar mal?*

— *E o seu filho? Ele irá sobreviver?*

Ignorei toda a merda que os jornalistas perguntaram enquanto tapava meu rosto, tentando me proteger dos flashes disparados na minha direção. Eu sabia muito bem o que encontraria nos jornais amanhã: uma foto de um dos empresários mais respeitados do país parecendo a sombra do que ele

era normalmente. A barba crescida, o cabelo despenteado... Eu deveria ser a epítome de qualquer homem que em algum momento da vida temera que o pior acontecesse à sua família.

Desta vez eu não perdi tempo na recepção e segui direto para a ala do hospital em que sabia que minha esposa havia passado os últimos dias. Eu precisava vê-la, precisava ter certeza.

— Onde ela está? — perguntei ao encontrar uma enfermeira no andar da UTI. — Rachel Montenegro, para onde vocês a levaram?

Até encontrar alguém que me desse a direção certa, foi uma verdadeira tortura. Com passos largos pelo corredor ao qual eu já estava tão familiarizado, eu me senti um pouco mais nervoso à medida que me aproximava da ampla vidraça mais à frente. Prendi a respiração assim que a encontrei, meu estômago retorceu e eu me senti desorientado por vários segundos. O cabelo da mulher que eu procurava estava escondido na touca de proteção, seu corpo tapado pelo avental azul e ela se encontrava sentada em uma das poltronas da UTI neonatal, sendo ajudada pela enfermeira a todo momento.

Tudo o que consegui enxergar naquele instante era a mulher da minha vida.

Como se fosse capaz de sentir a minha presença, Rachel ergueu o rosto e seu olhar se agitou ao me reconhecer. Ela piscou, deixando cair uma, duas... incansáveis lágrimas pela pele alva. Incapacitado pela emoção, eu reclinei minha testa na vidraça que nos separava e deixei que meu próprio choro fluísse. Todo o desespero, todo o medo que senti nesses últimos dias foram rasgados para fora com a imagem diante dos meus olhos.

A minha esposa, minha ratinha assustada, tinha voltado para mim... ela estava viva e segurando o bem mais precioso que nos foi dado: o nosso filho.

Capítulo 49

MARCOS

— Sua esposa ainda precisa descansar, Sr. Montenegro — a enfermeira avisou antes de liberar a minha entrada no quarto. — Nós permitimos que ela fosse até a UTI neonatal porque não a queríamos nervosa...

Assenti distraído, cansado de esperar pelo momento em que poderia vê-la de perto. Rachel havia passado por uma bateria de exames logo depois que deixou nosso filho na UTI, e eu nem ao menos pude estar ao seu lado enquanto ela era sujeitada a passar por todos eles.

— Eu posso ou não vê-la? — perguntei sem alterar a voz, ainda com os olhos fixos na porta do quarto.

Como se desistisse de tentar me convencer do contrário, a enfermeira bufou e passou por mim, levando-me, finalmente, ao único lugar em que eu desejava estar. O cômodo semiescuro tinha apenas uma luminária fraca acesa, ainda assim foi possível enxergar a palidez em que o rosto da minha esposa se encontrava. Os lábios, que eram naturalmente rosados, exibiam agora um tom arroxeado que me retorceu o estômago.

— Tente não acordá-la, eu darei ao senhor alguns minutos, mas depois terei que pedir que a deixe repousar.

Ignorei o que a senhora dizia, completamente vidrado na Rachel.

Ao me aproximar, eu estudei cada traço delicado de seu rosto. Conferindo tudo. Deslizei o dedo suavemente pelo braço, e por fim, entrelacei minha mão a sua. O que eu sentia já nem poderia ser chamado de saudade, era mais como uma dor dilacerante que havia ultrapassado o aspecto emocional e se tornado física. Um nó indesejado se formou em minha garganta e eu precisei acalmar a tempestade se formando dentro do meu peito.

Minha ratinha continuou imóvel por todo o tempo em que a segurei e observei, levando-me a acreditar que estava tomada por um sono profundo. Provavelmente ainda sob o efeito dos fortes sedativos. Quando, por fim, eu percebi que meu tempo ao seu lado já havia ultrapassado o permitido pela enfermeira, eu me preparei para liberar a sua mão...

Foi esse o momento em que seus dedos apertaram os meus de volta, impedindo-me de afastar.

— Marcos — Congelei ao escutar sua voz abafada.

Ainda transtornado com tudo o que passei nos últimos dias, eu me curvei sobre ela e beijei a testa pálida, quase implorando para que Rachel voltasse a falar apenas para que eu pudesse escutar sua voz novamente. A vontade de tocá-la falou mais alto, e quando dei por mim já estava acariciando seu rosto e afastando um ou outro fio fora do lugar enquanto ela lutava contra a sonolência. Piscando os olhos repetidas vezes.

— Eu estive em um inferno sem você, carinho — murmurei baixo, a voz nitidamente embargada. — Nunca imaginei que passaria por algo assim na vida. Nunca senti tanto medo. Se eu tivesse perdido você, se tivesse perdido o nosso filho... eu sei que terminaria destruído, Rachel, eu não teria aguentado.

Sua mão apertou um pouco mais a minha.

— Ele é lindo... o nosso filho é lindo, Marcos.

Intencional ou não, o fato é que Rachel virou o rosto, roçando a pele macia na minha. E mesmo que estivéssemos parcialmente no escuro, eu me encontrei preso ao fascínio daqueles olhos azuis que eu tanto amava. *Porra, eu tive tanto medo de não voltar a vê-los.*

— Ele é sim, carinho. Lindo e persistente, assim como a mulher que o colocou no mundo. — Rachel me encarou comovida. Toda essa doçura e fragilidade que minha esposa, por vezes, aparentava, não era nada quando comparada a força que existia dentro dela. Rachel era dona de uma persistência que a fazia continuar acreditando nas pessoas, as perdendo. E essa era uma das qualidades que eu mais admirava nela.

— Você será uma mãe excepcional, carinho. Nosso filho tem muita sorte.

Bendito foi o dia em que a vida fez com que Rachel engravidasse de mim. Graças a esse pequeno desvio de percurso, eu teria a oportunidade de construir uma família com a mulher que amava e a chance de proporcionar ao meu filho uma infância diferente da qual eu e minhas irmãs tivemos. Ele seria amado acima de qualquer coisa. Eu estaria presente para ensiná-lo os deveres de ser um Montenegro, e Rachel estaria presente para ensiná-lo a ser justo e benevolente. A não se deixar enganar pela falsa sensação de poder que o dinheiro empurrava sobre alguém em nossa posição.

Eu o faria forte para o mundo, e ela o tornaria humano.

— *Nosso filho...* — Minha esposa repetiu, referindo-se a maneira como o chamamos até agora. — Eu acho que ele precisa de um nome, Marcos — Ela quase sorriu ao dizer.

Infelizmente, a enfermeira plantonista escolheu esse momento para entrar no quarto e me informar que eu deveria sair.

— Diga que confia em mim — pedi às pressas, e Rachel assentiu, sem a menor ideia do que se passava na minha cabeça. — Bom! Tente descansar agora, tudo bem? Eu estarei de volta amanhã. — Ela me encarou confusa, e fechou os olhos para receber o beijo rápido que deixei em seus lábios. — Eu te amo, carinho.

RACHEL

Entreabri os olhos, sentindo tudo ao meu redor girar. Minha mente até poderia estar desperta, meu corpo, porém, ainda reagia a tudo com uma lentidão incomum. Os médicos me alertaram a respeito dessa reação, causada principalmente pelo efeito dos sedativos. Segundo eles, meus exames haviam apresentado resultados satisfatórios e, por isso, dentro de poucos dias, estaria me sentindo como *eu* novamente. Enquanto esperava pelo retorno da enfermeira, para que ela pudesse me acompanhar até a UTI, partes da noite anterior preencheram meus pensamentos. Toquei meus lábios em um gesto instintivo, ainda sentindo o toque da boca do Marcos. Mas o que não saía da minha cabeça mesmo eram as palavras: *Diga que confia em mim...*

A entrada abrupta da enfermeira empurrou a memória para longe.

— Bom dia, Sra. Montenegro. Pronta para ver seu filho?

— Sim — respondi ansiosa.

No dia anterior, assim que coloquei os olhos sobre o meu bebê pela primeira vez, vendo-o tão pequeno e frágil... eu não consegui segurar a desordem emocional que explodiu em meu peito. Saber que eu não havia sido forte o bastante para mantê-lo por mais algumas semanas dentro de mim fez-me sentir culpada. A tristeza durou até o instante em que peguei meu filho nos braços, em que o segurei sabendo que tinha comigo o pedacinho de vida mais amado de todo o mundo.

Sem conseguir conter as lágrimas, eu olhei ao redor e encontrei todos aqueles bebês e mães passando pelo mesmo que eu. Naquele momento, deixei de sentir pena de mim mesma e passei a encarar a situação com outros olhos. Não voltei a me culpar, não culpei a minha mãe por ter causado aquela cena... ou qualquer outra pessoa. Tudo em que pensei e desejei foi o futuro que teríamos

quando saíssemos desse hospital.

— A senhora sabe se... meu marido chegou? — perguntei enquanto andávamos pelo corredor que nos levaria até a UTI.

— Sim, eu o vi logo cedo por esses corredores.

Então por que ele não tinha ido me visitar ainda?

A preocupação foi deixada de lado ao avistar de longe a incubadora em que meu pequeno estava. Aquele pedacinho de gente, todo encolhidinho, tinha o estranho poder de me deixar boba.

— Bom dia, Sra. Montenegro — Kelli me cumprimentou, animada. — Vejo que está bem melhor essa manhã. — Eu a segui em silêncio, apenas escutando o relatório sobre como meu filho havia passado a noite.

— Ele é uma criança forte, senhora — contou satisfeita. — Nos poucos dias em que está aqui, na unidade neonatal, já ganhou peso, e pelas estimativas médicas, logo, logo ele estará se alimentado sem a sonda.

Eu sorri com a perspectiva de dar de mamar ao meu filhote. Depois de todos aqueles livros que li e reli durante a gestação, esse acabou por ser um dos momentos pelos quais eu mais ansiava. Continuei a escutá-la, mesmo que só tivesse olhos para o meu bebê. O cabelo negro, assim como o do pai, parecia demais para alguém tão pequeno. As mãozinhas enrugadas escondiam os dedos pequeninhos... *Para mim, ele era perfeito.*

— Ele chorou um pouco quando seu marido deixou a unidade, esta manhã — Kelli comentou, deixando-me surpresa. — Os bebês reconhecem logo a presença dos pais e, ao que parece, seu filho e marido já criaram uma ligação bastante forte.

Incentivada por ela, eu me aproximei um pouco mais e toquei o corpinho do meu filho. Imaginei se para as outras mães também era difícil ver seu bebê dessa maneira, dependendo de aparelhos para respirar. A vontade de tirá-lo daqui era grande, mesmo sabendo que esse era o melhor lugar para ele estar agora. O que me deixava feliz era saber que ele estava tentando ser forte. E o que me devastava era que meu bebê estivesse passando seus primeiros dias de vida aqui, dentro desta incubadora, sozinho. Longe de mim.

Segurando as lágrimas para não chorar na frente das enfermeiras, eu pisquei algumas vezes e afastei meu olhar dele. Os olhos ficando presos ao prontuário digital na parte superior da incubadora. A linha que até ontem esteve em branco, agora tinha o nome completo do meu filho...

— Ele... o meu marido, ele — gaguejei, agora, sim, não conseguindo impedir o choro. Balancei a cabeça, enquanto lia uma e outra vez. *Droga, eu não estava ficando louca!* Era mesmo o primeiro nome do meu pai, ali. — Ele fez mesmo isso? — Eu me virei para a enfermeira, querendo respostas, e ela assentiu, sorrindo emocionada.

— Nós temos um plantonista do cartório que atua aqui no hospital, ele é o responsável pelas certidões de nascimento. Seu marido se recusou a registrá-lo enquanto a senhora não saísse do coma, mas essa manhã... o Sr. Montenegro não sossegou até que conseguiu que isso fosse feito. Posso até mesmo dizer que ele deixou alguns funcionários bem loucos.

Eu não sabia se ria ou se chorava. Marcos e eu tínhamos pensado em muitos nomes, muitos mesmo. Mas ele nunca sugeriu essa possibilidade, e eu, bem, eu estava sofrendo muito ainda para sequer pensar nisso. Meu marido não tinha ideia do presente que havia acabado de me dar ou do quanto seu gesto significava para mim.

Ah, paizinho... eu pensei, torcendo para que, independente, de onde estivesse ele pudesse me ouvir. Como eu poderia não amar esse homem? Ele só acabou de mostrar que eu fiz certo em nos dar outra chance. Eu fiz certo, paizinho.

— Não teve uma enfermeira nesse setor que não suspirou quando ele apareceu aqui essa manhã. Ele queria que fosse...

— Uma surpresa — completei, tremendo inteira.

— Sim — ela confirmou e trocou um olhar com a enfermeira que havia acabado de entrar na unidade neonatal. — E se não estou enganada, seu marido está agora mesmo lá fora, provavelmente ansioso para saber se a senhora gostou da surpresa.

Seguindo o meu coração e o incentivo da enfermeira que disse que eu poderia voltar a qualquer hora para ver meu pequeno, eu deixei a UTI e rumei ao corredor. Na noite passada, eu não estava acordada o suficiente para notar a aparência cansada do meu marido. Mas agora, vendo-o sob a luz branca do hospital, meu peito se encolheu diante da sua visão. Marcos se encontrava sentado na primeira fileira de uma sequência de cadeiras, e ainda não havia notado a minha presença. O cotovelo apoiado nos joelhos, as longas e musculosas pernas escondidas em uma calça escura enquanto ele olhava para baixo. Tentei manter meu coração em ordem ao caminhar até ele, e a cada passo dado, eu odiei um pouco mais a distância que nos separava.

— Marcos — sussurrei, fazendo-o se levantar com uma rapidez impressionante. Ignorei a

presença da enfermeira ao meu lado e me joguei em seus braços, sentindo-me segura pela primeira vez desde que havia recobrado a consciência.

— Não chore, carinho... Acaba comigo te ver assim. — A voz rouca e emocionada me confortou enquanto eu fungava na camisa de linho escura.

— Você deu ao nosso filho... o nome do meu pai. — Droga, eu estava tão perturbada que não conseguia falar com clareza.

— De todos os nomes que pensamos, nenhum me pareceu ter tanto sentido como esse, Rachel — ele falou com cuidado. — Você amava tanto o seu pai que eu só pensei que gostaria de...

Levantei meu rosto, encarando-o, sentindo todo o medo dele. Marcos estava preocupado que eu não fosse gostar. *Como isso era possível?*

— Eu amei. Amei tanto que não consigo parar de chorar. — Ele sorriu aliviado, segurando meu rosto firmemente. — Você conseguiu meu perdão com aquele contrato, Marcos, mas isso o que fez agora... eu não tenho palavras para dizer o quanto significa para mim. Você deu ao nosso filho o nome do primeiro homem que eu amei nessa vida. Meu pai era o meu mundo.

— Eu sei, carinho, eu sei.

— Hoje... o meu mundo é você, sabe? Você e o Arthur. — Minha voz soou trêmula. — Obrigada por me dar isso.

Sacudindo a cabeça, Marcos colocou sua testa na minha e sussurrou rouco:

— O único que tem que agradecer aqui sou eu, Rachel. — Umedeci meus lábios ao perceber que respirávamos o ar um do outro. — Foi você quem entrou em meu escritório, numa certa manhã, e roubou o meu coração. Me fez amá-la quando eu não... estava preparado. Você aguentou as minhas merdas, me perdoou quando eu não merecia ser perdoado. Você, carinho, transformou a minha vida.

Nenhum de nós dois conseguiu resistir, e o beijo que se seguiu depois dessa declaração foi inexplicavelmente doce. Marcos roçou a boca com tanto carinho na minha, que seu amor se deu em cada movimento. Eu nunca me senti tão amada como naquele momento. Nunca. Quando nos afastamos, a primeira coisa que percebemos foram as enfermeiras dentro da unidade neonatal, todas lado a lado, em frente à vidraça, observando comovidas a cena que havia se passado.

— Elas estão vendo tudo — sussurrei envergonhada, e meu marido deu de ombros, como se não se importasse com a plateia.

— Depois da confusão que armei essa manhã, carinho, eu duvido que ainda tenha alguém

dentro deste hospital que não saiba o quanto eu te amo.

MARCOS

Os dias seguintes à recuperação da Rachel não foram fáceis. Nós dois, como um casal, estávamos em perfeita sintonia, mas isso não nos impedia de sofrer pelo nosso filho. Muito pelo contrário. Por vezes a sensação que tinha era a de que nossa felicidade estava pausada, à espera da saída do Arthur daquele hospital. Nós o visitávamos todos os dias, mesmo depois que Rachel foi para casa, e eu sempre fazia questão de acompanhá-la. Ela e o Arthur se tornaram a minha prioridade, e enquanto minha esposa se esforçava para estar lá por ele, eu me esforçava para estar lá pelos dois, dando todo suporte para que ela continuasse a ter fé.

Em alguns momentos, eu precisava ser forte por nós dois, Rachel muitas vezes saía da unidade intensiva chorando, implorando para que eu desse um jeito de tirar nosso filho daquele lugar, para que a deixasse levá-lo para nossa casa. Fazer com que ela entendesse que essa era uma decisão fora do meu alcance não era fácil. Mas também havia os outros dias, os bons, em que eu ficava completamente sem palavras diante da emoção e felicidade dela. A manhã, então, que Arthur abriu os olhinhos pela primeira vez para ela, como se a reconhecesse, a fez sair de lá de dentro com um sorriso de todo o tamanho. Aquele foi o dia em que percebi que meu filho, assim como eu, seria capaz de qualquer coisa para fazer a mãe dele feliz.

Na primeira semana após a sua alta, eu permaneci afastado da Montenegro, dando graças a Deus pela competência da Isadora. Minha irmã do meio me apoiou como pôde, tanto na empresa como fora dela. Por vezes, eu a pegava ao lado da Rachel, escutando minha esposa falar e falar sobre o Arthur. Se Isadora tinha ou não interesse no sobrinho, eu não sabia, a questão era que ela prestava atenção a cada palavra que a cunhada dizia. Nesses momentos eu sentia vontade de chamá-la no canto e agradecer por deixar as diferenças entre as duas de lado, agradecer por ela tratar bem a minha esposa e, principalmente, por não ter se fechado como era do seu feitio fazer.

Mariana, por sua vez, permaneceu teimosa ao meu pedido para que ela e sua família ficassem na mansão até o nascimento do Enzo. E como eu previa, a teimosia durou até que ela se viu tendo o primeiro alarme em falso. A presença dela e da Sofia alegraram a casa. Minha sobrinha se colocou na posição de cuidar da tia e da mãe, dividindo sua atenção entre duas mulheres visivelmente afetadas pelos hormônios.

Vinte dias após o nascimento do Arthur, Enzo resolveu dar o ar da graça e fazer toda nossa

família ficar apreensiva de novo. As contrações, que tiveram início às seis horas da manhã, duraram quase um dia inteiro. Mariana teve suas reclamações perdoadas quando descobrimos que Enzo nasceu pesando quase 4,5 quilos, deixando a todos no hospital impressionados.

Durante a espera, Sofia, com toda a sua inocência, perguntou à tia se seu irmão também iria ficar *guardadinho* como o primo, e, para minha surpresa, Isadora explicou que o priminho dela tinha nascido pequeno demais e por isso precisava ficar *guardado* só mais um pouco, mas que o mesmo não iria acontecer ao Enzo. Eu havia sido o único a presenciar aquele momento, minha irmã nunca permitiria que qualquer outra pessoa a visse desarmada daquele jeito. Tanto que, assim que notou minha presença, ela se recompôs e fingiu que sua atitude não tinha qualquer importância.

Os jornais, como sempre, noticiaram tudo, desde a situação médica do meu filho, até o nascimento do meu sobrinho. Rachel não foi poupada, todos pareciam interessados em saber como essa situação afetava o nosso casamento. O único alívio que tive nessa história toda foi o de saber que ninguém teve a coragem de publicar algo relacionado a Cristina. À minha maneira, eu já os havia alertado que, se alguma matéria sobre ela viesse a público, eu entraria com um processo não só contra o jornalista, como também contra o veículo de comunicação que a apoiasse.

Quanto à infeliz da Cristina, o que posso dizer? Eu não a queria por perto e nem permitiria que ela voltasse a se aproximar da minha família. Eu já havia cometido esse erro uma vez e não o faria novamente. Rachel, por sorte, não mostrou qualquer interesse sobre aquela mulher. A mágoa por tudo o que aconteceu ainda estava lá, em algum lugar dentro dela, mas era como se Cristina tivesse deixado de existir para a filha.

Ao completar um mês de vida, Arthur teve alta hospitalar, aliviando toda a tensão que rodeava nossa família. Esse foi, sem dúvida alguma, um dos dias mais felizes de nossas vidas. Todos se reuniram para receber meu filho em casa, Vera se apaixonou por ele à primeira vista, Sofia ficou encantada com o quão calminho ele era, repetindo, a todo momento que o seu irmão só chorava e gritava em seu ouvido, que ela já estava ficando *stessada*.

Aquela foi a primeira noite em que eu me atrevi a beijar minha esposa com um sentimento que ia além de carinho e cuidado. Naquela noite, eu a beijei com desejo, empurrando sobre ela todo o amor que tinha dentro do meu peito e corpo e que extrapolava o limite da razão. Foi intenso, mas não se tratou apenas de sexo. A paixão que nos fez ficar juntos naquele momento foi motivada pela vontade de nos entregar ao outro como há muito não fazíamos. Passei a madrugada inteira amando minha esposa, sem pressa, sem preocupações. Eu a toquei do jeito que ela merecia ser tocada: como se fosse toda a porra do meu mundo.

RACHEL

— Sabe, bebê, eu não sei por que sua titia quer ir embora. — Arthur olhou para mim com o que parecia ser um sorriso em seu rostinho. — Seu pai não está muito feliz com essa decisão.

Arthur balbuciou baixinho e voltou a chupar o polegar avidamente. Faltava pouco para o seu horário de mamar e eu podia apostar que o espertinho sabia disso. Meu filhote estava em casa já há quase três semanas, cada dia mais forte e gordinho. E enquanto Marcos esperava seus padrinhos e irmã chegarem para o almoço de despedida da Isadora, eu havia subido com Arthur para trocar a sua terceira fralda do dia. A julgar pela sua carinha sapeca, ele achava isso tudo muito engraçado.

— Não acha que meu sobrinho é muito pequeno para saber os problemas que a tia dele tem causado? — Virei-me na direção da porta ao escutar justamente a voz da Isadora.

— Arthur adora quando eu converso com ele... não importa o assunto — respondi, com um sorriso em meu rosto. — E você sabe que não tem causado problemas, Marcos que é um pouco dramático.

Isadora e o irmão haviam discutido muito nesses últimos tempos. Até que, por fim, eu me vi na obrigação de interferir até conseguir enfiar na cabeça turrona do meu marido que sua irmã já não era mais nenhuma menininha. Isadora era uma mulher adulta, que precisava construir sua própria vida. Sem a interferência ou influência do Marcos ao seu redor. Foi difícil, mas ele cedeu e a chamou para uma boa conversa. Desde então, tudo parecia certo para que essa viagem acontecesse. Seu cargo na Montenegro seria ocupado temporariamente por dois diferentes diretores, e ela assumiria o escritório em Madrid. Cuidando exclusivamente dos nossos clientes na Europa, ao mesmo tempo em que acompanhava de perto a construção da filial da empresa de sua família. Essa era a última etapa do plano de expansão a que Marcos deu início há alguns anos. E como as exportações para os países europeus estavam consideravelmente altas, mesmo com os efeitos da crise em algumas regiões, o conselho da Montenegro, junto com os diretores, não viu por que adiar a construção de um empreendimento que pudesse facilitar a prospecção de novos clientes e fortalecer a marca fora do Brasil. E, no fundo, Marcos também sabia que Isadora era a melhor pessoa para representar a Montenegro lá fora.

Altiva, minha cunhada entrou no quarto, ficando na beirada da cama em que eu estava ajoelhada terminando de vestir o Arthur. Talvez eu estivesse vendo coisas, mas o olhar deprimido que Isadora deu ao meu filho partiu meu coração.

— Você não quer mesmo conversar comigo, não é? — Ela permaneceu em silêncio. — Primeiro você decide ir embora, depois Ricardo pede o afastamento como sua segurança. Marcos não é ingênuo, Isadora, ele está juntando os pontos...

— Os últimos meses da minha vida foram um erro, Rachel — Isadora me cortou, parecendo achar que suas palavras eram explicação suficiente. — E eu não sei lidar bem com erros.

— Por isso está fugindo?

— Não é uma fuga. — Acho que nem ela acreditava no que estava dizendo.

— É o que, então? — contra-ataquei.

— Não existe nada que me prenda aqui. — Isadora permaneceu indiferente. — Então por que eu deveria deixar passar essa oportunidade?

— Eu não acho que sua decisão tenha a ver com oportunidades, *e sim com aquele homem* — falei baixinho a última parte.

— Você tem fé demais nas pessoas, Rachel, nem todo mundo toma decisões porque está apaixonado ou sofrendo por amor.

Sabendo que ela não iria admitir sua motivação, eu desisti de vez de tentar fazê-la se abrir comigo. Essa já não era a primeira vez que tentava de qualquer maneira.

— Marcos não é o único aqui que se preocupa com você...

— Eu sei. — Isadora me encarou por alguns instantes, como se não conseguisse me entender, e me deu um sorriso sem graça. — Cuide bem dos dois, Rachel. — Ela se virou para o meu filho. — Principalmente do meu sobrinho.

Esse foi o gesto mais próximo de afeto que Isadora poderia demonstrar para comigo e com meu filho. E foi o seu olhar para nós dois que me fez ter a esperança de que, talvez, ela não fosse um caso tão perdido assim.

MARCOS

Minha esposa sorriu do outro lado da sala, nosso pequeno Arthur aninhado em seu colo, curioso a tudo o que acontecia ao redor. Era impossível ficar indiferente a essa cena. Como eu poderia?

Eles eram meus. A minha família. Ali, a poucos passos de distância, estava todo o meu mundo. Dividido entre as duas pessoas que eu mais amava nessa vida. Ao lado da Rachel, Sofia fazia o possível para ganhar a atenção do primo, que ainda era muito pequeno para entender o que ela queria. No lado oposto, Isadora fingia participar da conversa, enquanto bebia lentamente a taça de *Chardonnay* em sua mão. Todo o meu humor desapareceu ao me fixar nela e, ainda inconformado com sua decisão, eu tomei outro gole do meu *Bourbon*.

Só uma bebida tão forte assim para afastar as preocupações acerca dela. Nada me tirava da cabeça que Isa estava tomando essa decisão pelas razões erradas, que não era a sua busca por independência falando mais alto, e sim o seu medo.

— Você ainda não se conformou, não é? — Mariana se referiu à nossa irmã, aproximando-se de mim sem que eu percebesse enquanto Enzo dormia tranquilamente em seu colo.

— É complicado, Mariana — respondi simplesmente, mas ela continuou a me encarar como se esperando uma explicação melhor. — Quando te enviei para Portugal foi porque eu sabia que era o melhor para você, o mesmo aconteceu quando sugeri que Isadora se afastasse por algumas semanas da Montenegro após todo aquele escândalo. — Minha irmã assentiu. — Mas agora?

— Agora não é você quem está decidindo, é ela. E isso te incomoda.

— Eu não sei.

Era algo que ia além da minha compreensão, Isadora sempre dependeu de mim emocionalmente. Mesmo que não demonstrasse. E quanto a mim, eu sempre estive lá por ela, e por mais injusto que fosse, sempre passei a mão na sua cabeça. Ignorando os erros que ela cometia e a maneira frívola com que tratava a todos. Mariana, ao contrário dela, nunca teve a mesma condescendência de mim.

— Isadora vai ficar bem, Marcos.

Eu esperava que sim.

A risada gostosa da minha ratinha fez-me olhar em sua direção. Sofia havia desaparecido do seu lado e agora era o meu cunhado quem ocupava o seu lugar. Convenhamos, o homem tinha o meu respeito, Mariana e Sofia o idolatravam, e se eu tivesse que ser honesto, não acho que confiaria a felicidade delas a qualquer outra pessoa. Guilherme cuidava das duas como eu mesmo cuidaria. Só que, porra, isso não significava que eu tinha que gostar da maneira como ele se comportava com minha esposa.

Virei outra dose da bebida âmbar, que desceu arranhando a garganta por todo o caminho. O

ciúme fez meu humor, já abalado pela viagem da Isadora, ficar ainda mais escasso.

— Ela te ama, homem, desfaça essa cara fechada — Mariana brincou ao ver a maneira como eu agora encarava os dois. — O que aconteceu entre eles foi há tanto tempo, Marcos, que não deveria te incomodar tanto como faz.

Sem entender, eu a encarei com o cenho franzido.

— O que aconteceu entre eles? — perguntei entre dentes, fazendo com que minha irmã arregalasse os olhos em choque.

— Ah, meu Deus! Ela nunca te contou... Eu pensei que... — Mariana parou de ninar o filho, parecendo apavorada. — Marcos, esqueça o que eu disse, *ok*? Não teve mesmo importância, Rachel era só uma garota...

Porra!

— O que não teve importância? — praticamente rosnei.

Eu não conseguia entender, era o marido dela ali ao lado da minha esposa. E eles... eles tinham tido a merda de um caso?

Arrependida, ela respondeu:

— Guilherme me ama, Marcos, sempre amou. Não há nada ali que não seja amizade e um carinho muito grande. Eu confio nos dois e não me importo de que ele se preocupe com ela. Rachel sempre foi muito sozinha.

— Ela já não é mais!

Rachel agora tinha a mim, que a amava incondicionalmente, e ao nosso filho.

— Deus, não posso acreditar que você está sentindo ciúmes. — Minha irmã riu da minha reação, o que me fez ficar ainda mais irritado. — Seu bobo, aquela mulher só tem olhos para você, acho até que você deve ser o céu e a Terra dela. Só não aja como um ogro nem faça nenhuma besteira, *ok*?

Eu não me dei ao trabalho de explicar a ela que eu já não era aquele homem que agia irracionalmente, sempre motivado pela raiva... Em vez disso, eu caminhei até onde minha esposa estava, sentei-me ao seu lado e a beijei de maneira territorial, fazendo um verdadeiro espetáculo e deixando a todos, exceto Mariana, sem entender nada.

RACHEL

Cobri meu corpo com a toalha assim que saí do chuveiro, Marcos estava para chegar do aeroporto a qualquer instante, e Arthur, depois de toda a agitação do dia, dormia profundamente em seu quarto. Com a pele ainda úmida, eu soltei meu cabelo e o desembaracei ao mesmo tempo em que me estudava em frente ao espelho.

Amamentar tinha me feito perder boa parte do peso extra que ganhei durante a gravidez. Ainda assim, meus seios estavam cheios e meu quadril arredondado. Marcos não parecia se importar com as pequenas mudanças que seu filho trouxe ao meu corpo, o homem tinha era um fascínio pelas curvas extras. Tanto que minhas coxas e bunda viviam marcadas pelas mordidas e apertões que ele deixava em minha pele quando se empolgava e perdia a cabeça.

Com as bochechas queimando, tanto pela temperatura dentro do banheiro quanto pelas imagens sacanas que se formaram em minha cabeça, eu relembrei a maneira possessiva com que Marcos agiu comigo durante todo o dia. A cada vez que Guilherme se dirigiu a mim, o homem arranjava um jeito de me tocar e chamar minha atenção. Ele parecia como um menino mimado, incapaz de dividir seu brinquedo preferido.

Voltei ao quarto, ainda enxugando a umidade da pele, e levei o maior susto ao me deparar com o Marcos em frente à nossa cama. Eu não o havia escutado chegar e confesso que fiquei boquiaberta ao perceber que ele tinha a calcinha que havia separado para vestir em sua mão. Entrei alerta ao ver a maneira feroz com que ele apertava o tecido entre os dedos. Minha boca, até então aberta, secou no primeiro sinal de que ele vinha em minha direção. O porte alto e forte não me fez ter medo, o que me fez vacilar foi a maneira como meu marido olhou para mim.

Era como se ele quisesse devorar cada centímetro do meu corpo. Sem nenhuma piedade.

— Marcos? — sussurrei seu nome ao ter meu cabelo puxado e o queixo erguido.

Ele não respondeu ou parou, e quando dei por mim, minhas costas estavam batendo contra a parede e meu quadril sendo levantado. Um encaixe perfeito contra a virilha dele, que empurrava com força a minha pélvis.

— Não fala nada, carinho, eu não quero brigar com você hoje. — *Brigar comigo?*

Não tive tempo de entender o que acontecia, já que no instante em que abri a boca para falar, a sua língua deslizou para dentro de mim em um beijo lascivo e sensual.

Fui mantida presa entre a parede fria e a fúria do meu marido. Suas mãos apertando com força

as minhas nádegas, separando-as enquanto forçava meu quadril a se mover. Esfregando minha nudez no volume inchado sob a calça jeans. O vai e vem foi tão rápido e cru que minha carne incendiou. Marcos perdeu o controle, e eu, louca por ele como era, não fiquei indiferente ao seu ataque. Tanto que meu desejo escorria pelas minhas coxas, marcando o tecido grosso que o cobria. Eu *estava derretendo... literalmente*.

— Do que se... trata isso? — forcei-me a perguntar, mas fui outra vez calada. O beijo exigente e apaixonado junto com a carícia áspera fez-me ofegar em sua boca.

— Por que você não me contou? — questionou, os olhos escuros vidrados nos meus. A barba grossa raspou a pele sensível do meu rosto, ele a esfregou de propósito em mim, como uma fera querendo afago.

— Conteí o quê?

Marcos balançou a cabeça, contrariado, e eu reprimi outro gemido ao ter a toalha arrancada do meu corpo. Minhas coxas, já escancaradas em volta do seu quadril, presas a ele, o apertaram ao ter seus olhos percorrendo a pele nua. Seu polegar tocou meu clitóris inchado, despertando o fogo dentro de mim. O dedo deslizou com facilidade até a fenda lambuzada e subiu de volta ao pequeno feixe de nervos. E em nenhum maldito momento meu marido deixou de me encarar.

— Que você e aquele fazendeiro namoraram, que ele tocou em você, porra! Beijou sua boca! Que vocês...

Como ele sabia?

— Guilherme e eu... a gente não...

— Eu não quero ouvir! Não suporto a ideia de que alguém tão perto a mim tenha colocado as mãos em você! — Marcos rosnou, o semblante sério.

Com o coração batendo acelerado, eu mordi os lábios e levantei a mão para acariciá-lo. Meu marido cerrou os olhos ao meu toque, deixando escapar uma respiração lenta e pesada. Quando voltou a abri-los, tudo o que consegui enxergar nele foi amor. Um amor tempestuoso, eu admito, mas, ainda assim, era amor.

— Eu nunca pertenci a nenhum outro homem, Marcos. Meu coração e corpo têm um único dono... que é você.

Ele sabia disso, ele havia sido o primeiro.

— Você o amou? — O homem parecia não estar me escutando, droga!

— Não como eu amo você.

— Ele te tocou aqui... — Cada pelo do meu corpo eriçou ao me ver sendo invadida por seus dedos. Eu não podia acreditar nisso. — Ele te fez gozar como eu faço?

Eu neguei, neguei sem conseguir pensar com clareza. Marcos era maluco, mas era um maluco que eu amava e que sabia exatamente como mexer comigo.

— Será que ele te amou como eu amo? Com toda a intensidade que eu amo, Rachel? — exigiu saber.

— Não! — Retirando os dedos da minha boceta, ele os esfregou na minha boca, molhando meus lábios com a umidade agridoce. Desarmada, eu arqueei as costas e lambi o dedo que tinha estado dentro de mim.

— Porra! — Marcos não resistiu e me beijou, espalhando o gosto quente entre nossas línguas. Olhando-o excitada, eu o assisti lutar contra o cinto e liberar o membro longo e grosso, que pulou para fora, exibindo a glândula inchada. Fui penetrada em um ímpeto com uma única estocada, meu corpo se alargando para receber a rigidez gostosa do meu homem. — Sinto muito, carinho, mas acho que sou incapaz de me controlar quando se trata de você... Você é minha, entende? Toda minha.

Sem forças e completamente arrebatada pela invasão do Marcos em minha boceta, eu apenas sussurrei:

— Eu sempre fui sua, Marcos. Sempre. Até mesmo quando não desejei ser.

Marcos empurrou sua boca contra a minha outra vez e passou a noite inteira me amando. No final, quando já estávamos ofegantes e saciados, meu marido me puxou para os seus braços e afundou o rosto em meu pescoço como fazia todas as noites. Meu cheiro o acalmava, abrandava a selvageria dentro dele. Adormeci escutando sua voz rouca e arrastada murmurando que eu era a mulher da sua vida. *A única.*

Epílogo

MARCOS

Meses depois...

Bati os dedos nervosamente na mesa de carvalho em meu escritório, atento ao que Vinicius dizia. A notícia que meu advogado despejara há poucos minutos não era das mais agradáveis, mas era esperada. Meu acordo com o Henrique fora selado na frente de sua equipe de defesa, e por mais que me opusesse à ideia de vê-lo livre, barrar a decisão provisória do juiz já não era possível.

— O advogado do Sr. Farias vem recorrendo há meses, Sr. Montenegro. Ele tem tido bom comportamento, aceitou de boa vontade o acordo que oferecemos. O juiz não o vê como um perigo para a sua família... — Vinicius falou com calma, escolhendo as palavras com cuidado enquanto se movia desconfortável em sua poltrona.

— Ele não o vê como um perigo? Henrique tentou destruir minhas irmãs, Vinicius. Arrastou o nome da minha família para todos os jornais!

— Sim, Sr. Montenegro. Todas essas questões foram explicadas ao juiz, porém ele foi irredutível. O julgamento está próximo, de qualquer maneira, em breve nós teremos a sentença, mas, até que isso aconteça, eu sugiro que mantenha a calma.

Manter a calma? O infeliz que engravidou minha irmã, enganou a outra, e ainda teve a ousadia de roubar minha empresa, estaria livre e ele queria que eu mantivesse a calma?

Sacudi minha cabeça sem a menor paciência e o dispensei. Não havia muito o que se falar depois de saber que eu teria que acatar a porra da decisão desse juiz. Será que o homem não tinha uma família com a qual se preocupava? Porque juro, só um cretino muito estúpido para colocar em liberdade, mesmo que provisória, um desgraçado como o Henrique.

Esperei que Vinicius saísse do escritório, deixando-me sozinho, e fiz uma ligação que há muito eu vinha adiando. Há meses meu contato com Ricardo se restringira aos momentos em que eu realmente precisava de alguns dos *seus serviços*. A empresa de segurança, da qual ele era sócio, ainda estava à minha disposição e continuava a fazer todo o monitoramento e segurança das minhas

propriedades. Porém, o homem havia se retirado completamente do *trabalho de campo*, pedindo seu afastamento como segurança da minha família um pouco antes de Isadora sair do país.

Na época, eu não perguntei quais eram os seus motivos. Ricardo realmente nunca precisou bancar o babá da minha irmã. Ele só fazia porque esse fora um pedido pessoal meu.

— Em que posso ajudá-lo, Sr. Montenegro? — A voz séria e profissional soou no outro lado da linha. Ao fundo, pude escutar também a risada alegre de uma mulher, assim como latidos altos. Conferi o horário em meu *Rolex*, concluindo que ele deveria estar em casa, e esperei que se afastasse. O som ao seu redor ficando cada vez mais abafado, até se tornar inaudível.

— Nós temos um problema, Ricardo.

A conversa durou pela próxima meia-hora. O telefonema, infelizmente, não apaziguou a preocupação que sentia no momento. Mas pelo menos agora eu sabia que meu ex-chefe de segurança estaria disposto a cuidar desse problema para mim. Um problema que muito em breve estaria fora das grades, infernizando minha vida outra vez.

Assim como fazia todas as noites, ao fim do expediente, eu deixei minhas preocupações trancafiadas dentro do escritório, peguei meu carro na garagem subterrânea do prédio e fui para casa. *Para a minha família.* Vera me cumprimentou assim que cheguei e pegou meu paletó, junto com alguns documentos que havia trazido comigo. Tracei o mesmo caminho de todos os dias e fiz minha primeira parada, que era sempre o quarto do meu filho. Era lá que eu encontrava as duas pessoas mais importantes que eu tinha nessa vida.

— Arthur, abre a boquinha, meu amor. Eu sei que você gosta de mamar, mas você já é um menininho grande, precisa comer papinha também — Rachel murmurou, mantendo a colher com a papa na frente da boca do nosso filho, que se recusava a comer. Minha esposa ainda tentou fazer aviãozinho, tentou comer e fingir que estava gostoso para ver se ele acreditava nela, mas nada o convenceu a abrir a boca. Quanto mais Rachel se esforçava, mais ele sacudia a cabeça em negativa. — Você é como o seu pai, sabia? Teimoso que nem um *bode velho*.

Arthur franziu o cenho sem entender nada do que a mãe dizia, sei disso, pois estava de frente a ele. Cada vez mais perto. A sombra que devo ter feito atraiu a atenção do espertinho, que olhou para cima e arreganhou a boca em um sorriso banguela, exibindo os dois dentinhos da frente, que haviam começado a despontar. O olhar que Arthur me lançava sempre que me via era tão poderoso quanto o da mãe. Aquelas duas esferas azuis tinham a capacidade de me desarmar, de fazer com que o homem de negócios feroz e irascível dentro de mim se transformasse em um homem total e indiscutivelmente bobo.

Rachel, assim como nosso filho, notou minha presença e olhou para cima.

— Você está comparando meu filho a um *bode velho*, Rachel? Realmente? — Ajoelhei-me atrás dela, e mesmo que minha voz soasse em censura, eu beijei seu pescoço e sorri para o Arthur. Que morria de amores e ciúmes da nossa loirinha teimosa.

— Seu filho se recusa a comer papinha, Marcos, eu já não sei o que fazer. A pediatra diz que está na hora, que esse é o momento de diminuir as mamadas, mas ele só quer saber de peito.

Sussurrei em seu ouvido o que eu pensava a respeito do desejo de nosso filho, e a pele da Rachel ardeu em chamas, ficando inteirinha vermelha.

— Não acredito que você falou isso...

— Só estou dizendo o que penso, carinho, e tem mais, se meu filho não está pronto para comer essa gosma sem cor, não o force. Se continuar a insistir, você só o fará odiar essa coisa.

— Eu sei que você está certo, mas... eu queria que ele comesse. Vai chegar um momento em que meu leite não será o suficiente e...

— Amor, quantas vezes eu já te aconselhei a não se preocupar tanto? Arthur é um bebê saudável. Forte. Ninguém é capaz de dizer que ele nasceu prematuro, ele é tão grande e pesado quanto o Enzo, que nasceu pesando quase cinco quilos. Eu amo você, carinho, assim como nosso filho o faz. Mas você precisa relaxar. Deixar que ele faça suas próprias escolhas.

— Que maturidade tem um bebê de seis meses para fazer suas próprias escolhas, Marcos? — ela indagou, mas compreendeu o que quis dizer.

— Nosso filho é um Montenegro, Rachel.

— E Montenegros só fazem o que querem, a hora que querem, não é mesmo?

— Exatamente, amor. Exatamente. — Beijei seu rosto e o rosto do nosso filho, que tinha engatinhado até ela e agarrado seu pescoço com os bracinhos, sorrindo para mim como se dissesse: *ela é nossa*.

Pois é, filho, ela era nossa mesmo. Para amar e cuidar.

RACHEL

— É uma festa para a família, Isadora, eu faço questão da sua presença! — Entrei no quarto, já revirando os olhos ao presenciar o tom autoritário com que Marcos falava com a irmã ao telefone. O homem era teimoso como um bode velho, *sim!* E não percebia que Isadora não iria ceder se ele continuasse a esperar que as coisas fossem feitas à sua maneira. Sempre ordenando, sempre exigindo. Eu amava esse homem, mas, às vezes, a vontade que tinha era de acertar algum objeto na cabeça dura dele e fazê-la funcionar direito.

Aproximei-me da porta da sacada do nosso quarto, onde as cortinas balançavam por conta do ar fresco que entrava. Marcos estava apoiado no concreto frio, vestindo nada mais do que uma calça de moletom escura, que abraçava perfeitamente o seu quadril.

— Não seja tão duro com a sua irmã, amor — sussurrei contra a pele quente das suas costas e envolvi meus braços ao seu redor. Um gesto que era quase que humanamente impossível, pois ele era enorme.

Segurando a minha mão cruzada em seu tórax, Marcos continuou o telefonema. O tom de voz um pouco mais tolerante que o anterior. Sorri satisfeita, reconhecendo as pequenas mudanças nesse homem. As abdições que ele fazia pela sua família, por mim... e pelo nosso pequeno *bode velho*.

— Eu sei que seu trabalho é importante, Isadora. Mas a sua família também é. Tem meses que você não volta ao país. — Marcos e a irmã nunca ficaram tanto tempo longe um do outro, por mais difícil que fosse entender o relacionamento dos dois, eu sabia que, na maneira deles, eles se apoiaram ao longo de todos esses anos.

— Tudo bem, eu desisto! — resmungou resignado. — Só quero que saiba que se decidir voltar, eu não vou me opor. Você pode abandonar isso a qualquer momento. Uma palavra e eu coloco outro diretor em seu lugar...

Os dois se despediram, Marcos continuou na posição em que estava. A cabeça baixa, exalando preocupação. Nós tínhamos a vida que eu imaginei, que desejei para mim. Eu tinha ao meu lado um homem que me amava acima de qualquer coisa, um filho que era a minha vida, que carregava com ele o nome do meu paizinho. A mansão se tornara a minha casa, o lugar em que eu me sentia protegida, segura. Mas isso não significava que nossas vidas fossem perfeitas, que não houvesse problemas. Porque os problemas existiam.

E eles ainda eram jogados sobre os ombros do homem que eu abraçava nesse momento.

— Você já pensou que vir a essa festa pode ser muito para a cabeça da sua irmã, Marcos? Pense em como a vida dela mudou desde o retorno da Mariana. Em como ela deve estar se sentindo

sozinha...

— É por isso que eu a quero com a gente, carinho. Isadora não tem por que se sentir sozinha, não quando ela pode viver nessa casa com a nossa família.

— Talvez tenha chegado o momento da Isadora ter a sua própria família, Marcos. Sair desse casulo em que ela mesma se colocou e encarar a vida.

— Minha irmã nunca foi uma covarde, Rachel.

Quando se tratava de negócios, não era mesmo. Mas quando se tratava da vida? Isadora era uma das mulheres mais covardes que eu conhecia.

— Não acho que um homem seja a solução para os problemas dela — ele continuou. — Não quero ver minha irmã se envolvendo com alguém que não a valorize. Que não esteja à sua altura. Eu fui descuidado uma vez, isso não voltará a se repetir.

Suspirei derrotada, lamentando pela Isadora. Qualquer um que ousasse se aproximar dela teria que passar pela aprovação do Marcos, e eu duvidava de que o homem cederia com facilidade dessa vez.

— Certo, meu *bode velho*. Que tal se nós esquecermos esse assunto um pouco e irmos deitar? Seu filho sugou todas as minhas energias... eu estou... — falei, afastando-me, mas Marcos segurou meu pulso e me fez voltar.

— Fique comigo um pouco mais, carinho — ele pediu, os olhos presos aos meus.

— Por quê? — perguntei baixinho, minhas mãos agora espalmadas em seu peito. As unhas raspando a pele enquanto eu o encarava encantada. Completamente seduzida.

— Porque eu preciso de você... agora e sempre — murmurou, beijando-me de maneira suave.

Fechei meus olhos, querendo aproveitar o beijo, e me vi envolvida pelos braços do meu marido. *Senhor, como eu amava esse homem. Ele inteiro, cada pedaço turrão e controlador dele.*

Sentei-me em um dos bancos que davam para o jardim da mansão e liberei todo o ar de dentro dos pulmões. *Tudo estava tão lindo*, pensei comigo mesma. Mariana repetiu o gesto e sorriu para a imagem de todos aqueles balões, painéis decorados com grama artificial e bichinhos de pelúcia espalhados ao redor do jardim. A mesa de comes e bebes estava recheada de doces e *cupcakes* e

havia caixotes de madeiras pintados de azul e verde-água por todo o gramado.

Mariana e eu passamos o sábado inteiro e a metade do nosso domingo cuidando de cada pequeno detalhe da festinha de seis meses dos nossos filhos. Eu estava exausta, tinha que admitir, principalmente depois de todas as reuniões que tive durante a semana, mas também estava feliz. Graças ao apoio da minha amiga e da insistência da Isadora, eu me candidatei ao cargo de Diretora Executiva, quando a vaga surgiu há alguns meses. Claro que precisei mostrar a todos dentro daquela empresa que eu não era apenas a esposa do presidente da Montenegro, eu dei o meu melhor e provei que tinha a qualificação necessária e a competência para assumir tal responsabilidade. Marcos não ficou do meu lado, ele não me deu seu voto e eu não me resenti de sua atitude. Muito pelo contrário.

“Você não precisa do meu voto, carinho. Eu fui um dos primeiros dentro dessa empresa a acreditar em seu potencial e isso sempre irá acontecer. Esse cargo será seu, mas não porque eu o entregarei a você, e sim porque todos aqueles malditos conselheiros saberão do que minha esposa é capaz.” Estas foram as palavras dele antes da reunião, e, no final, Marcos estava certo. Não foi o seu voto que me fez ganhar o meu novo cargo, ninguém dentro da Montenegro poderia jogar isso na minha cara porque eu o tinha conquistado sozinha.

— Marcos vai surtar quando descobrir que transformamos o jardim dele em um mini-zoológico — minha amiga comentou, trazendo-me de volta à realidade e me fazendo sorrir.

Nem sei ao certo o que Marcos esperava que fizessemos nesse dia, porque na sexta-feira, quando ficamos até tarde na sacada, conversando e trocando carinhos, ele reforçou que Mari e eu tínhamos carta branca para fazer o que quiséssemos. Ou seja, ele não poderia reclamar por encontrar a mansão transformada em um *mini-zoológico*. Não poderia mesmo! Quanto aos convidados, eles se resumiriam apenas à nossa família e a alguns coleguinhas da Sofia. A pequena tinha o maior orgulho do irmão e do priminho e era uma das mais animadas para comemorar os seis meses de vida deles.

Para o descontentamento do Marcos, Isadora não chegou nem a telefonar confirmando se viria ao Brasil ou não. O que para mim significava o óbvio: ela não iria aparecer. E isso, meu Senhor, deixaria meu doce e tranquilo marido puto da vida. Desde sua viagem, minha cunhada parecia estar sempre adiando o seu retorno, inventando desculpas para não voltar ao país, criando compromissos de última hora, ignorando as ligações do Marcos sempre que ele exigia a sua presença...

— Seu irmão nos deu carta branca, não foi? — lembrei a Mariana. — Além disso, eu tenho certeza de que depois de ver Enzo e Arthur sorrindo para tudo que fizemos, ele vai ficar *mansinho*.

— Quem diria, Marcos Montenegro, o todo-poderoso, sendo amansado por dois danadinhos. — Nós duas rimos. — Agora é sério, Rachel, eu sempre torci por você e pelo meu irmão, mas nunca

imaginei que ele fosse se tornar o homem que é hoje.

— Ele não mudou em tudo... — Não havia mais segredos e mentiras entre mim e Marcos. Ele era honesto comigo, respeitava as minhas decisões e me tratava com todo o carinho do mundo, mas seu lado controlador ainda estava lá e se fazia presente nos momentos mais inoportunos. Meu marido ainda agia como se precisasse me proteger de tudo e todos, e quer saber? Eu amava isso. Amava ser cuidada, venerada. — ... mas mudou o suficiente — completei feliz.

— E sobre a *tal* conversa? Quando ela irá ocorrer?

Balancei a cabeça, sem resposta para a sua pergunta. Mariana sabia do meu desejo de engravidar em um futuro próximo. Talvez, quando Arthur completasse um ou dois aninhos. Mas ela também sabia da batalha que seria convencer Marcos a esse respeito. O homem havia passado por um inferno nos dias em que estive em coma e parecia não ter se recuperado ainda.

À nossa frente, um dos seguranças que rondava o perímetro da mansão passou nos encarando. O brutamontes, provavelmente, pensava que nós duas éramos meio loucas. Com tanto dinheiro à nossa disposição, havíamos perdido o sábado e a metade do domingo ajudando a organizadora que Marcos sugeriu que contratássemos. Uma parte da equipe já havia ido embora, e agora éramos só nós duas e alguns dos garçons responsáveis pelo *buffet*. Em algum lugar dentro da mansão, Sofia, Vera e a babá distraíam nossos filhotes. Sofia, em especial, ia e vinha a todo momento. Era ela quem havia sugerido o tema da festinha, o que tornava inegável a sua paixão por animais e o jeito que tinha com eles. Mariana dizia que se o seu interesse pela montaria continuasse forte como era agora, Sofia tinha tudo para se tornar uma amazona infinitamente melhor do que ela fora um dia.

— Rachel, e quanto à minha irmã? Será que ela vem?

— Acho que não, Mari. Na última vez que conversamos, Isadora inventou várias desculpas, disse que a esposa do Sr. Conrado esperava que ela comparecesse em um jantar de angariações de fundos, justificou que o tal evento seria uma boa oportunidade de se relacionar com possíveis clientes.

— Claro, quando ela para de trabalhar, não é? — Mariana falou ressentida. No fundo, minha amiga se chateava com o fato de Isadora permanecer indiferente a tudo relacionado a ela. Principalmente porque Isadora demonstrava um interesse no Arthur, que nunca demonstrou com os filhos da irmã.

— Algum dia vocês duas serão obrigadas a se entenderem, sabe? Isadora terá que deixar de ser arrogante e você terá que deixar de ser teimosa. Porque orgulhosas as duas são, aliás, orgulho

parece ser uma característica comum nesta família...

Mariana e eu tínhamos intimidade o suficiente para puxar a orelha uma da outra, se precisássemos.

— Não se esqueça de que o seu filho, aquele anjinho manhoso, também é um Montenegro, amiga — ela brincou, batendo seu ombro no meu e sorrindo. Ficamos em um silêncio confortável por alguns instantes, ambas pensando no *significado de ser um Montenegro*, até que ela voltou a falar: — Eu queria acreditar que algum dia minha irmã irá me dar uma chance, sabe? Mas Isadora, ela me odeia, Rachel. Não consigo vê-la me aceitando tão cedo.

Dizer que esses três eram complicados era pouco perto da realidade. Mariana e os irmãos cresceram em um mundo diferente do meu, um mundo em que o sobrenome e a classe social ditavam as regras. Nenhum deles esteve preparado para lidar com a responsabilidade que surgiu após o acidente dos pais. Eles foram jogados na selva que era a alta sociedade e obrigados a se protegerem da maneira que podiam. Marcos conseguiu o respeito de todos, assumiu a responsabilidade de ser o patriarca da família e carregou esse peso por anos. Isadora se fechou para o mundo, para as pessoas. Só que a fachada inabalável dela não era tão inabalável assim, e eu podia apostar o meu dedo mindinho que ela fugiu porque havia sofrido uma grave rachadura em sua armadura. Mariana, por sua vez, teve a sorte de ter tido o Guilherme ao seu lado. Ela era impulsiva e arisca como um cavalo selvagem, mas tenho certeza de que sua rebeldia foi a única maneira que encontrou para se defender.

E eu? Bem, eu me importava e amava os três.

— Talvez a gente se surpreenda... — foi tudo o que disse, até porque, não cabia a mim a tarefa de convencer Mariana de que a Isadora, a víbora sem coração, como costumávamos chamá-la, tinha um coração e um *muito* quebrado, por sinal. Essa era uma descoberta que minha amiga teria que fazer sozinha.

MARCOS

— *Ba-ba-ba!* — Artur balbuciou, movendo-se agitado em meu colo. Seus olhos, de um azul tão profundo quanto os da mãe, permaneceram alheios ao fato de que ele estava vestido com mais uma daquelas fantasias que Rachel arranjava Deus sabe onde. A essa altura, ele tinha uma verdadeira coleção: urso panda, coelho, tartaruga, leão. As opções eram infinitas e minha esposa parecia adorar ver nosso pequeno fantasiado. Tanto que essa não era a primeira vez que eu era visto com Arthur em meus braços usando algumas dessas roupas com orelhas esquisitas e o corpo felpudo como o de um

bicho de pelúcia.

Em várias ocasiões eu fui fotografado com meu filho e alguma de suas fantasias estranhas. Os jornais o amavam, principalmente porque Arthur adorava a agitação que se formava quando éramos abordados, não havia nada de retraído no garoto e ele sempre saía com um sorriso de todo tamanho nas fotos. Mesmo que tudo fosse natural para ele, a atenção que recebíamos e a mania louca da mãe de vesti-lo dessa maneira, nada me preparou para encontrar não só o meu filho fantasiado, como também a minha casa transformada em um zoológico. Carmen e Filipo estavam achando tudo muito engraçado e até mesmo riram da expressão perplexa que assumi quando a babá do Arthur o entregou para mim. E enquanto Rachel terminava de se arrumar, eu fiz companhia aos meus padrinhos e à minha irmã, que segurava um Enzo agitado no colo. Meu sobrinho era o tipo de bebê elétrico, e só mesmo o Guilherme para acalmar a fera.

Com Arthur tentando puxar minha barba, eu continuei a conversar com meu cunhado, que contava sobre a exposição internacional de que em breve o seu haras participaria. Quando, de repente, um pequeno vulto colorido correu em nossa direção, aumentando minha perplexidade. *Eu não podia acreditar no que estava vendo.*

— Titio, eu posso pegar meu *piminho* no colo? — Sofia parou ofegante aos meus pés, porém não consegui responder nada. Não com minha sobrinha aparecendo na minha frente fantasiada de peixe. Um enorme e laranja peixe-palhaço. Acho que não avisaram a ela que a festa era apenas para animais terrestres. — Eu pego meu irmãozinho no colo, mas ele chora muito. — Ela se virou para o Guilherme. — Não é, papai?

— Seu irmão ainda é muito pequeno, Sofia, nós já conversamos sobre isso — ele respondeu.

— Eu sou pequena e não choro, papai.

— Você não chora hoje, né, pacotinho? Porque quando era do tamanho do Enzo, você era pior do que ele. — Ela deu de ombros, encabulada, e voltou a me encarar. Os olhos verdes intensos como os das minhas irmãs.

— Então, titio, eu posso pegar meu *piminho*? — Eu quase cedi, só não fiz porque notei que Arthur a encarava com estranheza e um bico no rosto, quase que com medo do peixe laranja.

— Quem sabe depois, Sofia? — sugeri.

— Depois vou *tá* cansada — ela insistiu, apoiando os braços na cintura. — Se ele chorar também, titio, eu não vou querer. Isso me deixa *stessada*. — Eu nunca vi uma criança se sentir tão *stessada* como Sofia, nesses últimos meses.

O restante da tarde foi passado em família, algumas fotos foram tiradas com todos reunidos. Enzo e Arthur estavam extremamente alegres, como se soubessem que a festa era para eles. Sofia brincou e se divertiu com seus coleguinhas, que não pareciam se importar que ela fosse a única entre eles fantasiada. Eles a aceitavam da maneira como ela era, e isso me fez feliz. No final da tarde, parte dos convidados se encontravam espalhados pelas toalhas de piqueniques estendidas no gramado.

Foi em uma dessas toalhas que encontrei minha esposa e filho quando voltei ao jardim, depois de ter me ausentado por conta da ligação do Ricardo, que havia confirmado nossa reunião para mais tarde, aqui mesmo na mansão. Enquanto me aproximava da minha família, a ausência da Isadora voltou a me incomodar. Ela era uma Montenegro, porra, seu dever era estar aqui ao meu lado. Junto dos sobrinhos. O pensamento me fez um pouco mais agitado e eu passei os dedos pelo cabelo, os jogando para trás. Rachel havia me avisado para não insistir na vinda da Isadora ao país. Ela pediu que eu a deixasse tomar suas próprias decisões e esperar até que minha irmã estivesse pronta. Quase perguntei o que ela sabia a respeito da Isadora que eu não sabia, mas no final, eu desisti e me calei, seguindo o conselho da minha esposa.

Notando a minha presença, Arthur levantou o rostinho sonolento do ombro da mãe e sorriu. Depois de uma tarde inteira desperto e brincando, era de se esperar mesmo que ele estivesse cansado.

— Ei, garotão! — Eu me juntei aos dois, e meu filho estendeu as mãozinhas gordas para que eu o pegasse.

Já em meu colo, Arthur começou a sugar o polegar e deitou a cabeça no meu ombro, erguendo o rostinho e me encarando enquanto seus olhos lutavam contra o sono. Nesses momentos em que eu o tinha em meus braços, me pegava pensando no dia em que quase o perdi. A ele e à sua mãe. Fico me perguntando na merda de homem que eu teria me tornado sem eles na minha vida. Se eu o tivesse perdido, hoje eu não saberia o que era esse *tal* de amor incondicional que os *pais* tanto falavam. Não saberia as mudanças que o nascimento de um filho traz à vida de um homem. As prioridades mudam, a nossa mente muda.

Olhar todos os dias para o meu filho, vê-lo sorrir e retribuir o meu amor, causava-me uma comoção imensurável. E quanto mais orgulho eu tinha desse espertinho, mais amor eu sentia pela minha esposa. A força que Rachel teve, as dificuldades que passou durante a gestação. Tudo isso me fez amá-la com mais intensidade. Rachel era a mulher que gerou um dos maiores presentes que a vida pode dar a um homem, eu devia muito a ela. Muito mais do que o meu coração.

Com esse pensamento na cabeça, eu olhei para frente e peguei minha esposa me observando com o mesmo olhar devoto que Arthur me dera segundos atrás. Com vergonha por ter sido pega, ela enrubescou e virou o rosto. Um pequeno sorriso se formando em seus lábios cheios.

— Você está linda. — Rachel era linda, em todos os momentos, mas hoje havia um brilho especial sobre ela.

A maternidade havia transformado minha ratinha assustada em uma verdadeira mulher. Ser mãe a deixou mais segura, uma pequena coisinha *sexy* disposta a tudo para proteger a cria. E, porra, isso me deixava louco. Rachel dizia que eu agia como um homem das cavernas ao seu redor, que meu ciúme, às vezes era em demasia, mas eu apenas cuidava do que era meu.

— Você sempre diz isso. — Ela voltou a me encarar, consciente da vermelhidão em que suas bochechas estavam agora.

— Eu digo porque é a verdade, mas... não posso dizer o mesmo do nosso filho. Essa roupa que você colocou nele...

— Não começa! — Seu sorriso se tornou maior. — Ele adora quando eu o visto assim.

— Eu sinto dizer, Rachel, mas meu filho não tem a menor ideia de que a mãe dele o veste como um filhote de animal em extinção.

— Olhe para ele. — Eu olhei e tudo o que vi foi um bebê gorducho, vestido de urso. Arthur nos encarou de volta, completamente alheio à loucura da mulher que o colocou no mundo. — Está na cara que ele gosta.

— Não, amor, eu tenho certeza de que ele não gosta — insisti e a puxei pela cintura, trazendo-a mais para perto de mim. — Você e Sofia talvez adorem, mas vamos combinar que minha sobrinha não é o que podemos chamar de uma criança normal...

Rachel arregalou os olhos e riu.

— Não diga isso!

— Carinho, ela está vestida de peixe.

— Ela é só uma criança, Marcos! — *Graças a Deus por isso!*

— Se dependesse da minha vontade, ela permaneceria assim para sempre.

Suspirando, ela me fitou por um bom tempo e, por fim, disse:

— Algum dia nós teremos uma filha... — Rachel pareceu tomar coragem para trazer esse

assunto à tona. — Ela terá manias estranhas e namorados que irão correr atrás dela, e, amor, nós teremos que aceitar.

Não sei o que me deixou mais perplexo, se Rachel falar tão naturalmente sobre a possibilidade de termos outros filhos, mesmo depois da gravidez de risco que teve, ou se o pensamento de termos uma filha e um marmanjo qualquer aparecer e tomá-la de mim no futuro. Rachel notou o meu desconforto, esse era um assunto que nós dois havíamos conversado uma única vez, e, na época, eu estava com tanto medo que tinha deixado bem claro que não me arriscaria a passar por todo aquele inferno novamente. O susto que passei era muito recente e, me conhecendo como conhecia, eu sabia que não havia lidado com o assunto da maneira correta.

— Não precisa ser agora — ela continuou, sabendo que precisaria me convencer. — Arthur ainda é muito novinho, mas... eu quero ter outros bebês, Marcos. Quero muito.

— Carinho...

— Só pense nisso, por favor.

Depois de todos esses meses, Rachel sabia que possuía um poder sobre mim que mulher nenhuma possuía. Quis ser forte o suficiente para pedir a ela que esquecesse esse assunto, mas, porra, era difícil negar algo à minha esposa. Especialmente com ela me olhando dessa forma, cheia de expectativa e esperança.

Ciente de que essa era uma batalha perdida, eu afundei meus dedos em sua nuca e puxei seu rosto para bem perto do meu, murmurando em seguida:

— Eu não preciso pensar, carinho. Eu seria incapaz de negar outro filho a você. — Seu sorriso se iluminou, me desarmando por completo. — Só não pense que se tivermos uma filha eu irei me sentar e assistir a algum marmanjo colocar a mão na minha menina, porque isso está fora de questão. Filha minha só irá namorar depois dos trinta, e olhe lá. Fui claro?

Rachel sorriu emocionada e se jogou em meus braços, não levando a sério minhas palavras. Mas veja, *elas eram*.

— Eu te amo tanto! — enfatizou, olhando-me nos olhos. O momento poderia ter durado toda uma vida, se não fosse pelo grito do Arthur, chamando nossa atenção. Assim que nos afastamos, nosso pequeno repetiu meu gesto e beijou a Rachel na bochecha, segurando o rosto dela com as duas mãozinhas gordas. O carinho que Arthur sentia por ela era uma coisa linda de se ver, meu filho idolatrava a mãe e sempre a fazia chorar com suas atitudes inesperadas. — Ah, meu bebê, a mamãe te ama muito também. Vocês dois são a minha vida — sussurrou, com a voz embargada.

Assisti à cena em silêncio, sem conseguir me impedir de ficar emocionado. Se alguém, anos atrás, tivesse me dito que eu terminaria ao lado daquela garota tímida que entrou em meu escritório, certa manhã, olhando-me como se quisesse dar meia-volta e sair correndo, eu nunca teria acreditado. Se esse mesmo alguém tivesse me dito que eu a amaria com todo o meu coração, eu provavelmente teria zombado da cara dessa pessoa. Mas aqui estava eu, contemplando não só a garota que virou o meu mundo de cabeça para baixo, como também o fruto do amor que sentíamos um pelo outro.

Hoje eu entendia que amar essa mulher não me tornava fraco, amar essa mulher era uma prova de coragem. Porque Rachel, com sua doçura e resistência, carregava em suas mãos toda a minha vida. Todo o meu amor e confiança.

FIM

PERDOE MEU CORAÇÃO

Confira um trecho do terceiro livro da Trilogia Os Montenegro, que conta a história de Isadora.

ISADORA

Sentada no pé da longa escadaria da mansão, fechei meus olhos com toda a força que consegui e escondi o rosto entre meus joelhos, tapando meu ouvido ao fazer isso. Comecei a cantar baixinho uma música da qual gostava muito, pequenos trechos sussurrados enquanto fingia não ouvir os berros vindos do escritório ou o choro descompassado da Mariana no andar de cima. As empregadas da casa se esgueiravam pelos cômodos, quase invisíveis. Todas se esforçando para passar despercebidas. Todas temendo a fúria da minha mãe.

Era sempre assim, eles brigavam e mamãe descontava sua raiva em todos. Menos em mim.

— Você arruinou nossa família, Antônio! Destruiu tudo por causa de uma mulherzinha imunda...

Esperei preocupada pela resposta do papai, mas ele nunca gritava. Tudo o que ele dizia era baixo, mas severo o suficiente para fazer mamãe se calar.

— Eu nunca deixarei que me humilhe dessa maneira, me escutou? Nunca!

A porta se fechou com força e eu mais que rapidamente corri para cima. Mamãe gostava de mim, eu era a sua preferida dentro dessa casa, a sua menina. Mas eu não gostava dela quando ela estava triste. Ela dizia coisas ruins e, às vezes... também me fazia chorar.

Na segurança do meu quarto, eu fui até a estante onde guardava meus livros e a minha coleção de globos de neve. Estática, olhei um a um, tentando me decidir pelo que mais gostava. Escolhido, eu o girei de cabeça para baixo, fazendo toda a neve colorida se agitar. As pequenas estrelas se espalhando por todo o globo. Eu me sentei em frente à minha penteadeira, com ele em mãos, e rezei para que essa fosse a última briga deles. Rezei para que papai gostasse da mamãe... para que gostasse de mim. Nem que fosse um pouquinho.

De repente, a porta do meu quarto se abriu e eu apertei meu globo comigo. Mamãe era uma mulher linda, a mulher mais linda que eu já tinha visto, e eu sabia que no futuro queria ser como ela. Seu cabelo era castanho claro, brilhante e sempre impecável. Seus olhos escuros eram enormes, rodeados por cílios longos, e ela tinha um caminho de sardas por todo o rosto, que eu só

tinha a oportunidade de ver nas raras vezes em que a encontrava sem maquiagem.

— Algum dia seu pai vai se arrepender do que está fazendo com a gente, filha. — Permaneci em silêncio, vendo-a se aproximar de mim através do reflexo do espelho. Mamãe tocou meus ombros, ajeitando o meu vestido e, logo depois, se inclinando para ficar à minha altura. — Você é tão mais bonita do que ela, tão mais esperta... como ele pode não ver isso?

Não soube o que dizer, eu já tinha escutado essas palavras antes. Mamãe nunca me permitia esquecer a preferência do meu pai. E mesmo que sentisse vontade, eu me obriguei a não chorar. Era cada vez mais fácil lidar com a tristeza que sentia por não ter o amor dele, cada vez doía menos.

— Eu não me importo, mamãe — menti, e ela sorriu. Satisfeita por eu não ser uma menininha chorona como a minha irmã mais nova.

— Continue assim, querida. Poucas coisas realmente valem o nosso tempo ou atenção — sussurrou com desdém, segurando o colar de pérolas que brilhava em seu pescoço.

Esperei que mamãe saísse do meu quarto, o que ela fez após uma pequena, mas muito útil, conversa. Irritada com tudo o que escutei, eu olhei para o globo que tinha em minha mão e o joguei contra as fotos que decoravam uma das prateleiras da minha estante. Destruindo tudo, cada uma delas. Se não fosse o bastante, eu peguei a foto da minha família. Aquela em que todos estavam reunidos, inclusive meu irmão, sorrindo forçadamente para a câmera.

Sem me importar, eu rasguei a parte em que Mariana e papai estavam e piquei o pedaço de papel em milhares de pedacinhos. Até não sobrar nada.

Despertei assustada ao escutar a voz do piloto avisando aos passageiros que em breve pousaríamos no aeroporto de Florianópolis. Agradei pelo fato de não ter ninguém sentado ao meu lado enquanto me recuperava do maldito sonho. Estar em casa fazia isso comigo, me desestabilizava a ponto de permitir que pequenas e indesejadas lembranças chegassem até mim.

*Com os músculos tensos, depois de praticamente 13 horas de voo e uma infeliz escala em Guarulhos, eu procurei na minha *Fendi* um comprimido para dor de cabeça. Arrependida de não ter aceitado a sugestão do Marcos de usar o jato executivo da Montenegro. Mas como poderia ter aceitado se nem eu mesma estava certa se viria? Empurrei a decisão de voltar ao Brasil até o último segundo, meu irmão odiou, é claro, assim como vinha odiando o meu distanciamento nesses últimos meses.*

Marcos parecia não entender que eu precisava de espaço, sair de baixo dos braços protetores

dele e seguir com a minha vida. Recuperar o meu controle.

Engoli o comprimido, recostando a cabeça na poltrona, e fechei os olhos. Repassando sem querer as imagens do meu sonho. Pensei na menina de 11 anos que eu era naquele tempo e no quanto me senti mal por ter rasgado a foto do meu pai... Aquela foi a última foto da nossa família reunida. Não houve mais fotografias depois daquele dia. Mamãe nunca mais me repreendeu ou conversou comigo. Papai nunca mais me fez sentir como se eu não fosse boa o suficiente para ser amada por ele.

Os acontecimentos daquele dia ainda eram um borrão para mim, a briga, meus pais saindo juntos para algum outro almoço beneficente por insistência de mamãe. Marcos chegando à mansão horas depois... Mariana e eu sendo chamadas no escritório de papai... Ela gritando e chorando e eu sem entender nada. Achando que tudo se tratava de uma brincadeira. Uma brincadeira muito ruim.

— Srta. Montenegro? — uma das aeromoças chamou, a mesma que me atendeu durante todo o voo.

— Diga — respondi, a encarando mal-humorada.

— O motorista executivo que a senhorita solicitou ao sair de Guarulhos vai estar à sua espera em frente ao portão de desembarque 5. Se houver mais alguma coisa que eu ou a tripulação possamos fazer...

— Não há nada. — Eu poderia ter terminado aí, mas a aeromoça empalideceu a olhos vistos. — Obrigada, de qualquer maneira.

Fui deixada sozinha de novo, e, desta vez, quando o piloto anunciou o pouso, eu admirei o lado de fora através da pequena janela, pensando que teria mais duas horas de trânsito para percorrer até estar finalmente... *em casa*.

Droga, Isadora, por que você voltou?

Não soube responder a essa questão. E por algum motivo, não ter as palavras certas, ao que parece, vinha se tornando um hábito mais frequente do que gostaria. Como diretora comercial e de marketing do escritório de Madrid, eu tinha tudo o que era necessário. Uma mente afiada, sempre com uma resposta inteligente na ponta da língua. Não estudei por anos a fio para me contentar em ser apenas um enfeite dentro da empresa da minha família. Eu era a melhor diretora que Marcos possuía na Montenegro e tinha total consciência disso.

Mas em algum momento eu tomei um caminho que ferrou com tudo. A minha cabeça, sempre tão centrada, já não estava mais nos negócios. Não como deveria. Eu passei a desejar coisas que não poderia ter. A me perguntar... e se...? E aí estava o grande problema.

Maldito foi o dia em que o deixei chegar até mim!

Assim como fiz em tantas outras vezes, eu busquei desculpas para a minha fraqueza, me forçando a acreditar que Ricardo era apenas um desvio errado que fiz no pior momento da minha vida. Ser abandonada pelo Henrique, ter Mariana de volta... conquistando o carinho do Marcos, assim como ela fez com nosso pai. Tudo isso mexeu comigo, e não de uma maneira boa. Então não era minha culpa se um homem como aquele grosseirão apareceu oferecendo sexo sujo e suado, e eu, para não enlouquecer, me permiti cair em sua cama.

Eu estava procurando esquecimento. E Ricardo ofereceu isso.

E quando ficou intenso demais para essa sua cabecinha ferrada, você fugiu, não foi?, minha consciência provocou, levando-me a acreditar que era a única pessoa no mundo a ter como inimiga a sua própria mente.

Cansada e irritada comigo mesma, eu afastei todo e qualquer pensamento acerca daquele homem da minha cabeça, repetindo em silêncio todos os motivos pelos quais não deveria me atrever a pensar nele: *Ele não era ninguém. O que ele te fez sentir... foi um erro. Um erro muito, muito pior do que o que cometi ao me envolver com o Henrique.*

Ricardo ficara sob minha pele de uma maneira que nenhum outro homem conseguiu ficar. Não que eu tivesse tido muitos homens... sexo nunca foi, como eu posso explicar, atraente para mim. Nunca me considerei uma mulher sexual, cheia de desejos e fantasias. Minha primeira vez fora horrível, seca, dolorida, sem qualquer satisfação. E assim foram todas as outras vezes.

Até aquele dia na cozinha da mansão.

O restante da viagem foi passado comigo lendo e respondendo aos e-mails profissionais em meu *iPhone*. Meu atual assistente executivo, um administrador espanhol muitíssimo bem indicado pelo Sr. Conrado, havia ficado responsável de resolver qualquer imprevisto que surgisse na minha ausência. O que não me impedia de manter um olhar atento a tudo o que acontecia.

Quando os edificios se tornaram conhecidos, todo o meu corpo retesou em resposta. Voltei a guardar meu celular na bolsa e peguei rapidamente um espelho para que pudesse retocar o batom vinho que usava. Nos poucos instantes que levei para fazer isso, eu conferi meu cabelo, que permanecia liso e impecável sobre meus ombros. Conferi também os meus olhos, que depois de uma viagem longa estavam vermelhos e com pequenas marcas escuras ao redor deles.

Eu pareço tão cansada... pensei desgostosa, fechando com força meu pó compacto. O estrago não era de todo o ruim, tentei me convencer, nada que uma boa armação de óculos escuros não

resolvesse.

Por sorte, as longas horas de voo não foram capazes de amassar a calça de alfaiataria preta que vestia. E o suéter, também escuro, apesar de não ser meu tipo de peça preferida, era a melhor escolha para enfrentar uma viagem como essa. O único item desconfortável que usava hoje, e de que nunca abria mão, eram os scarpins altíssimos.

Quando o sedan negro chegou em frente à mansão, eu me preparei para a reação de surpresa que causaria em todos. Marcos não esperava por mim, nós não nos falávamos desde sexta-feira. A pessoa que havia me convencido a vir mesmo, não fora nem ele, e sim a minha cunhada. A mulher não cansava de ser doce, e toda vez que me ligava pelo Skype e empurrava meu sobrinho na tela para que eu pudesse vê-lo, eu a aceitava um pouco mais na minha vida.

Eu havia ficado sem chão pelo tempo que Rachel passou em coma. Preocupada com meu irmão, com o que seria dele se ele a perdesse... preocupada com a dor que eu mesma poderia vir a sentir. Recriminando-me por me deixar sentir afeição por aquela coisinha teimosa.

A primeira coisa que percebi ao passar pelos portões foi o número maior de seguranças ao redor da casa. E mesmo sabendo que não o encontraria, eu o procurei pelos rostos rígidos que observaram com curiosidade o carro estranho.

“Nós teremos que substituir seu segurança até que viaje, Isadora.” Lembrava-me não só das palavras ditas pelo meu irmão, como também do olhar atento que lançou em minha direção. *“Ricardo pediu afastamento essa manhã e não fará mais a segurança de nenhum membro de nossa família”,* fora tudo o que ele explicou, e fingindo desinteresse, eu também não fiz perguntas.

Para o meu alívio, eu fui recebida pela Vera, que mesmo surpresa com a minha chegada, não teve a coragem de me encher com nenhum interrogatório irritante. Como Marcos em breve faria. Esse pequeno espaço de tempo que tive para me acostumar com o efeito que essa casa tinha sobre mim foi essencial para que eu não perdesse o controle.

Vera, com toda sua eficiência, me informou que a família se encontrava reunida no jardim e que parte dos convidados já havia partido. Assenti sem demonstrar interesse ao que ela dizia, os longos anos de mandos e desmandos não nos tornaram exatamente próximas.

— Peça que levem minhas malas para o quarto, Vera, e prepare um banho quente para mim. Eu irei ver meu irmão, mas não devo demorar.

Depois de um dia inteiro viajando, eu não tinha mais paciência ou vontade de forçar simpatia e educação. Deixada sozinha, eu caminhei decidida até o jardim, ou pelo menos tentei, porque assim

que os vi, todos reunidos, sorrindo e agindo como se eu não fizesse a menor falta, parei estática atrás das portas duplas de vidro. Meu irmão parecia feliz, eu notei. Assim como Mariana, que sorria para um tiquinho de gente dentro de uma fantasia laranja, que logo imaginei se tratar da Sofia. Diferente de como acontecia quando eu era criança, nenhum deles pareceu estar fingindo.

Dei um passo atrás, arrependida pela decisão de voltar. Marcos não precisava de mim, ele tinha uma família perfeita, uma irmã que tinha lhe dado dois sobrinhos perfeitos... enquanto eu... *O que eu tinha feito por essa família?*

A sensação de vazio foi esmagadora e, como um prelúdio, o aperto no peito surgiu. Não iria demorar e eu não estaria mais conseguindo respirar ou enxergar qualquer coisa com clareza. Marcos me mataria, se descobrisse que meus ataques estavam piores, que eu havia mentido para ele por todo esse tempo.

De repente, duas mãos fortes seguraram meu ombro por trás, enquanto eu batia contra um peito duro e rígido. O perfume inconfundível do couro e menta me fazendo ofegar aterrorizada. *Era ele.*

— Você não deveria estar aqui...

Eu o escutei murmurar, a voz soando tão fria e distante que todo resquício de controle que ainda tentava manter foi abandonado. O ar me faltou enquanto eu me curvava para frente, só não caindo porque as mesmas mãos que um dia haviam acariciado cada área sensível do meu corpo agora me seguravam com uma estranheza inegável.

— Respire... respire... — Ricardo ordenou.

Abri a boca, disposta a pedir que me soltasse. Para me deixar em paz e desaparecer. Mas temia que, se ele se afastasse, eu acabasse desabando nesse mesmo chão. Como uma garotinha fraca incapaz de lidar com os próprios sentimentos. Bufando de raiva atrás de mim, Ricardo se rendeu e roçou o nariz em meu cabelo, as mãos me puxando para ele, envolvendo minha cintura enquanto eu tremia inteira. E foi aí que eu notei...

A aliança dourada estava de volta ao seu dedo.

Contato

Entre em contato com a autora:

E-mail: jassilva.escritora@gmail.com

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

Notas

[←1]

Problemas, Ana Carolina.

Na vista de todos, à vista de todos. / Como estrelas na clandestinidade. / Você e eu, queimando. / Zara Larsson, Uncover.

[←3]

Nós somos um segredo, não podemos ser expostos. / É como isso é, é como isso será. / Longe dos outros, perto um do outro. / É quando nós nos revelamos. / Zara Larsson, Uncover.

[←4]

Estou tropeçando, meio bêbado. / Me perdendo. / Estou tão perdido, então me diga o caminho de casa; / Eu ouço músicas tristes,
e fico cantando sobre o amor. / E sobre quando ele dá errado.

[←5]

Só me prometa que você nunca mais vai embora de novo. / Porque você é única. / Pegue minha mão, meu coração e alma. / E eu só terei olhos pra você.